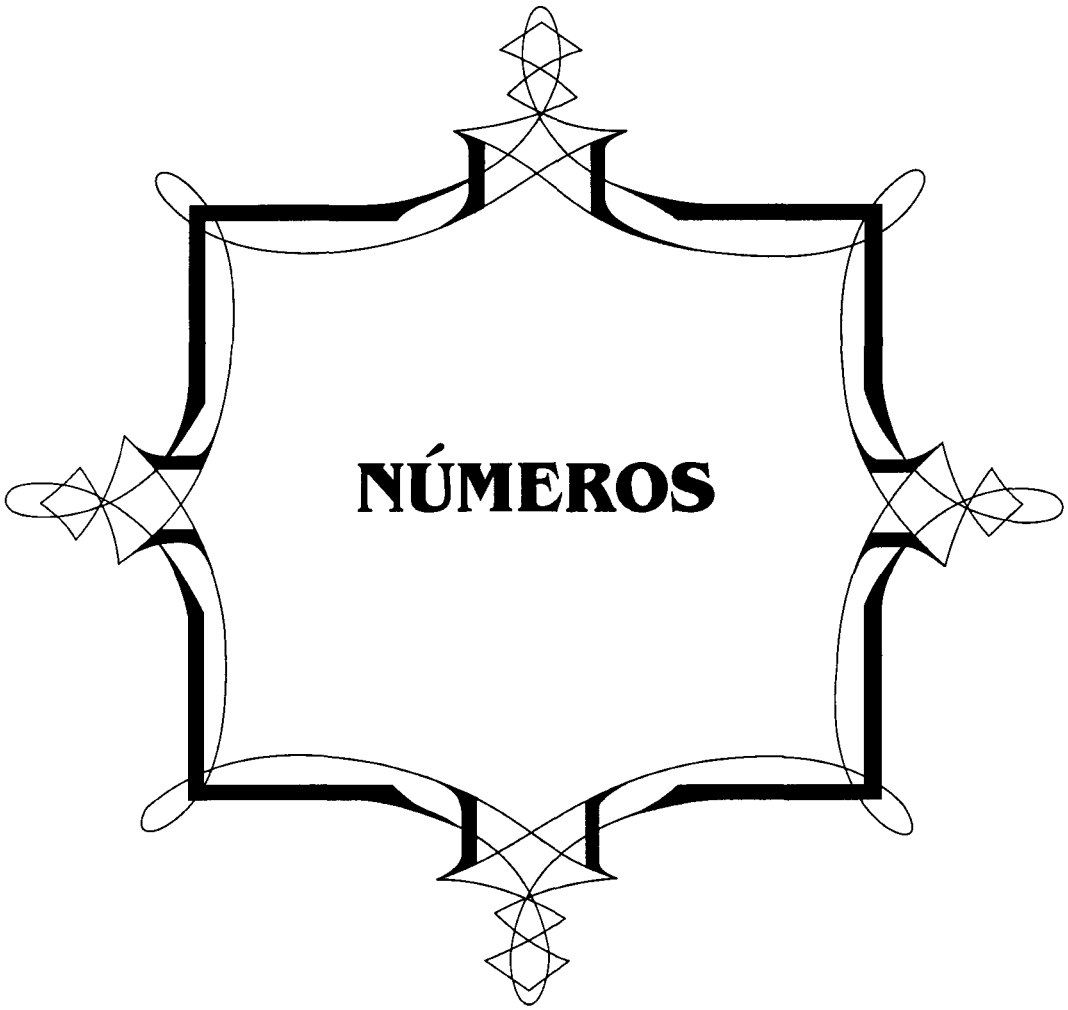
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

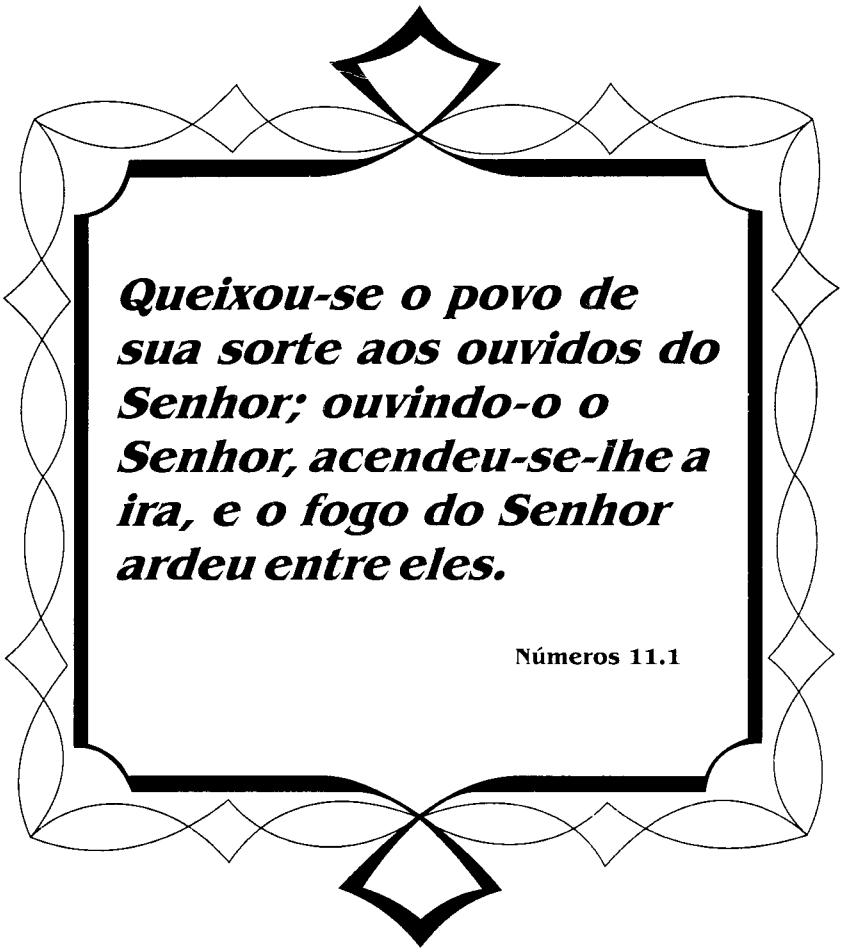
NÚMEROS

HAGNOS



NÚMEROS

O Livro que Descreve os Quarenta Anos das Vagueações de Israel



Queixou-se o povo de sua sorte aos ouvidos do Senhor; ouvindo-o o Senhor, acendeu-se-lhe a ira, e o fogo do Senhor ardeu entre eles.

Números 11.1

Números

36 Capítulos
1.288 Versículos

INTRODUÇÃO

Números é o quarto livro da Bíblia. Seu título provém da Vulgata Latina, *Numeri,* que por sua vez é uma tradução do título da Septuaginta *Arithmoi.* O livro é assim designado porque nele há referência a dois recenseamentos do povo judeu — capítulos 1—3 e capítulo 26. Os judeus, como de costume, intitularam o livro com a palavra inicial — *Wayyedabber* — ("e ele (Jeová) disse"), ou mais freqüentemente com a quinta palavra — *Bemidbar*— ("no deserto"). Esse segundo título hebraico é mais apropriado do que o título em português, pois somente uma pequena porção do livro é de natureza estatística, enquanto toda a ação se dá no deserto.

Esboço:

I. Composição
1. Autoria
2. Estrutura
3. Texto
II. Propósito e Conteúdo
III. Esboço de Conteúdo
IV. Teologia
V. Problemas Especiais
VI. Bibliografia

I. Composição

1. *Autoria.* a. *Ponto de Vista Conservantista.* Apóia a opinião tradicional de que o livro de Números é de caráter histórico e foi composto por Moisés. Eles observam que não há nas Escrituras uma declaração direta de que Moisés escreveu o Pentateuco, mas numerosas passagens indicam que ele escreveu pelo menos parte desse material (ver Núm. 33.2). Eles admitem também que em Números, assim como em Êxodo e Levítico, Moisés é referido na terceira pessoa, exceto em citações diretas. Logicamente esse fato não sugere composição mosaica, dizem eles. Outras passagens, tais como Números 21.14 ss. e 32.34-42, também indicam a existência de um editor, contudo, declaram os conservantistas, a autoria mosaica, segundo a Bíblia, não requer que toda a palavra seja de Moisés.

b. *Ponto de Vista Crítico.* Um dos primeiros estudiosos a questionar a opinião tradicional da autoria do Pentateuco foi Jerônimo, tradutor da Vulgata Latina no século V D.C. Jerônimo estava convicto de que Esdras foi o responsável pela revisão final do Pentateuco, embora Moisés estivesse bastante associado às origens do material. Os críticos do século XIX concordam com Jerônimo até certo ponto. Eles duvidam seriamente de que Moisés tenha contribuído com mais do que uma pequena parcela do material. Segundo os críticos, Números é o resultado da compilação dos documentos *J.,P.,D. e P.(S.),* os quais servem de base também para o restante do Pentateuco. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *J.,E.,D. e P.(S).* O documento *J* é constituído de narrativas judias antigas e seu autor revela um interesse pelo reino judeu e seus heróis (850 A.C.). A palavra *Yahweh* (Jeová) é usada neste documento para referir-se a Deus. O documento *E* contém as antigas narrativas efraimitas originadas por volta de 750 A.C. O escritor de *E* demonstra interesse pelo reino do norte de Israel e seus heróis. Ele emprega o vocábulo *Eloim,* em vez de *Yahweh* (Jeová) para referir-se a Deus. O documento *D,* também chamado Código Deuteronômico, foi encontrado no templo no ano 621 A.C. Há alguma probabilidade de que o autor desse documento seja o sacerdote Hilkiah. *D* ressalta o fato de que o amor é a razão mesma do servir. A doutrina de um único altar é também acentuada neste documento. O Código Sacerdotal, ou documento *P,* originou-se por volta do ano 500 A.C., contudo sua redação prorrogou-se até o século IV A.C. Esse documento evidencia uma preferência por números e genealogias.

Essas fontes estão muito misturadas no livro de Números. Acredita-se que por volta do século V. A.C. um editor, talvez Esdras, tenha combinado esse material com histórias da tradição oral, dando origem ao livro.

2. *Estrutura.* Em se tratando de estrutura, este livro é de natureza mais diversa do que qualquer outro do Pentateuco. Embora o princípio fundamental de organização seja cronológico (o livro inicia-se no Sinai e termina nas proximidades da Terra Prometida, 38 anos mais tarde), muito do material parece estar em ordem de assunto. Por exemplo, Êxodo termina com a glória *Shekinah* habitando no tabernáculo que fora construído. Esse evento é recapitulado em Números 9.15-2, sugerindo o início de uma nova seção narrativa. Diante desse fato levanta-se uma dúvida: os eventos dos capítulos 1-8 ocorreram antes ou depois da construção do tabernáculo?

Esse e vários outros exemplos levaram os críticos a acreditar que Números não constitui uma unidade literária, isto é, a matéria do livro não foi rigidamente organizada de acordo com um princípio. Examinando a forma de Números, os críticos têm concluído que o livro é uma coleção de relatos referentes à vida no deserto combinados com materiais diversos tais como legislação, genealogia e narrativas de viagem. Uma observação das transições entre os episódios, ora bruscas, ora suaves, reforça a conclusão dos críticos. A teoria documentária discutida anteriormente neste artigo também favorece essa conclusão. Segundo essa teoria, Números pode ser dividido da seguinte maneira: *J* e *E,* 10.29—12.15; 20.14-21; 21.2-32; 22.2—25.5; *P* inclui o resto do conteúdo do livro, exceto 21.33-35, que pertence a *D.* Em Números os nomes divinos Jeová e Eloim são usados alternadamente, fato que dificulta a distinção entre os documentos (*J* e *E.*) (Z págs. 462, 463 vol. IV.)

Outro aspecto importante que se deve observar ao examinar a estrutura de Números é a *poesia* nele contida. Os críticos sugerem que a maioria, senão todos os poemas e fragmentos contidos em Números, tenha existido independentemente desse contexto. Por exemplo, o cântico do Poço em 21.17 ss. tem sido comparado a cânticos similares noutras literaturas. Outras ocorrências de poemas ou fragmentos de poemas são encontradas nas seguintes passagens de Números: 6.24-26; 10.35; 12.6-8; 18.24; 21.14-17ss.; 21.27ss.; 23.7-10; 24.3-9,15-19.

Os fragmentos que ocorrem em 12.6-8 (glorificações a Moisés como profeta) e em 6.24-26 (bênção sacerdotal) são considerados mais recentes do que os outros e possivelmente pertencem ao documento *E.* (século VIII A.C.) ou a um período posterior. Esses dois documentos revelam influências das classes proféticas e sacerdotais. Do ponto de vista literário, os outros poemas são mais rústicos, datando provavelmente do período de estabelecimento na Palestina. A preservação de tais poemas através dos séculos se deu por meio da tradição oral, um processo de transmissão bastante eficaz em se tratando de poesia — o ritmo auxilia a memória (AM, pág. 537, vol. xx).

3. *Texto.* O texto de Números parece ser bastante estável. O criticismo textual fundamenta-se nos textos da Revisão Samaritana (RS), da Septuaginta (LXX) e do Texto Massorético (MT). Os textos da RS e da LXX distinguem-se do MT— esse último é mais sintético, enquanto os outros dois são mais desenvolvidos. O texto massorético foi preservado num clima mais sacerdotal na Babilônia, sendo reintroduzido na Palestina somente nos séculos II e I A.C.

Entre os achados de Qumran (1947-1953), foram encontradas porções de um rolo de pergaminho de Números (4Q Num(b)), que exibem um caráter textual bastante interessante: o texto apresenta uma posição intermediária entre o da RS e o da LXX e, freqüentemente, concorda com as variantes da RS em oposição ao TM. Contudo, em casos nos quais TM e RS concordam com a LXX, esse texto segue a LXX. F. Cross sugere que este tipo de texto fosse o usado na Palestina nos séculos V-II A.C. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Manuscritos do Antigo Testamento.*

II. Propósito e Conteúdo

O propósito aparente do livro foi registrar o início do efeito exterior que o pacto exerceu na vida dos israelitas. Números registra as modificações e os ajustamentos na estrutura das estipulações pactuais, bem como a reação do povo israelita a tais estipula-

ções. Os temas de fé e obediência são centrais em Números, que é considerado "o livro do servir e do caminhar do povo redimido de Deus" (UBD, 799).

Números continua a narração da jornada iniciada no livro de Êxodo, começando com os eventos do segundo mês do segundo ano (Núm. 10.11) e terminando com o décimo primeiro mês do quadragésimo ano (Deu 1.3). Os 38 anos de perambulação no deserto procedem do fracasso do povo de Israel, diante da provisão divina para seu sucesso.

III. Esboço

A. *Partida do Monte Sinai* (1.1—10.10)
Preparação no Sinai (1.1—9.14)
- a. Enumeração das tribos (1.1-54)
- b. Organização do acampamento (2.1—4.49)
- c. Regulamentações especiais (5.1—6.27)
- d. Enumeração das ofertas dos príncipes (7.1-89)
- e. As lâmpadas do tabernáculo (8.1-4)
- f. A consagração dos levitas (8.5-26)
- g. A Páscoa (9.1-14)
- h. A nuvem guia a marcha dos israelitas (9.15-23)
- i. As duas trombetas de prata (10.1-10)

B. *Viagem do Sinai a Moabe* (10.11—21.35)
1. *Do Sinai a Cades-Barnéia* (10.11—14.45)
   - a. A partida (10.11-36)
   - b. As murmurações dos israelitas (11.1-35)
   - c. A sedição de Miriã e Arão (12.1-16)
   - d. Os espias (13.1-33)
   - e. Os israelitas querem voltar ao Egito (14.1-45)
2. A *Permanência no Deserto* (15.1—21.35)
   - a. Repetição de diversas leis (15.1-41)
   - b. Rebelião de Coré, Datã e Abirão (16.1-50)
   - c. Floresce a Vara de Arão (17.1-13)
   - d. Deveres e direitos dos sacerdotes (18.1-32)
   - e. O rito da purificação (19.1-22)
   - f. Incidentes no deserto (20.1—21.35)

C. *Nas Planícies de Moabe* (22.1—36.13)
1. *Eventos Importantes* (22.1—32.42)
   - a. Balaão (22.1—24.25)
   - b. Apostasia em Peor (25.1-18)
   - c. Recenseamento (26.1-51)
   - d. A lei acerca da divisão da terra (26.52-65)
   - e. A lei acerca das heranças (27.1-11)
   - f. Nomeação de Josué como sucessor de Moisés (27.12-23)
   - g. Regulamentações sobre festivais, votos e oferendas (28.1—30.17)
   - h. Vitória sobre os midianitas (31.1-54)
   - i. Rúben e Gade pedem Gileade (32.1-42)
2. *Apêndice* (33.1—36.13)
   - a. Itinerário (33.1-56)
   - b. Instruções antes de entrar na terra (34.1—36.13)

IV. Teologia

Fundamentando-se nos resultados do pacto entre Deus e Israel, o livro de Números exprime um ponto de vista a respeito da natureza do Criador e de sua criação. Segundo o acordo estipulado detalhadamente em Êxodo e Levítico, o povo deveria servir a Deus somente, sem idolatria. Em retorno, Deus lhes protegeria e abençoaria, dando-lhes uma nova terra. Nisso consistia o pacto, entretanto o alvo era nobre demais para a natureza humana e houve uma grande lacuna entre a profissão e a realização desse acordo. O livro expressa a natureza extremamente pecaminosa do homem, o qual não se inclina para Deus a despeito de todas as evidências (no Tabernáculo) e de Seu poder (nas diversas intervenções). Em face de tudo o que Deus tinha provado ser, o povo não confiou nEle, mas permaneceu apreensivo, orgulhoso e egoísta.

Em relação à natureza de Deus, o livro revela três aspectos principais: Seu caráter fiel, punitivo e santo.

a. *Fiel.* A fidelidade divina é claramente demonstrada em Números, pois o pacto foi repetidamente quebrado e, apesar de Deus ter todo direito de abandonar os israelitas ou de destruí-los, Ele cumpriu até o fim seu propósito de fazer o bem à nação de Israel e ao mundo através dela.

b. *Punitivo.* Entretanto, isso não implica que Deus possua uma natureza impassível. Ao contrário, o capítulo 14 retrata a ira de Deus e revela Seu caráter pessoal dinâmico e impetuoso.

c. *Santo.* A santidade de Deus é especialmente acentuada neste livro. Para aproximar-se de Deus, o homem precisa livrar-se de toda a impureza, pois o impuro não pode existir na presença do Puro. Em se tratando de santidade, há um abismo entre Deus e os homens, entretanto, em Sua graça, Deus providenciou um caminho de acesso à Sua santa presença: a purificação.

V. Problemas Especiais

1. *Narrativas sobre Balaão.* Uma das passagens mais poéticas de Números encontra-se nos capítulos 23 e 24. Esta passagem narra como Balaão foi chamado pelo rei de Moabe para assolar os perigosos guerreiros que ameaçavam seu território. A narrativa é estranhamente contraditória, pois Deus ordena a Balaão que vá e em seguida o censura por ter ido. Em Núm. 31.16, Balaão é acusado de ter conduzido Israel ao pecado. Isto está em desacordo com a história narrada anteriormente, e parece indicar que várias fontes foram alinhadas juntas de maneira um tanto frouxa. Exegetas tradicionais têm tentado harmonizar essas referências. Críticos mais recentes consideram 31.16 uma inserção posterior.

2. *Autenticidade do Recenseamento.* Núm. 1.46 e 26.51 declaram que os hebreus possuíam um exército de 600.000 homens, número que indicaria uma comunidade total de 2 a 3 milhões de pessoas. Embora não totalmente fora de consideração, esse número não é muito provável, pois nem mesmo os grandes exércitos daquele período (Egito e Assíria) ultrapassavam os 100.000 homens. Além disso, investigações arqueológicas indicam que a população total de Canaã naquele período era menor do que 3 milhões de pessoas, fato que dificulta a explicação de como os cananeus foram capazes de restringir a conquista dos hebreus às terras altas centrais. A dificuldade em alimentar 3 milhões de pessoas no deserto deve também ser considerada. Os que acreditam na plena inspiração da Bíblia têm refutado estes argumentos e feito tentativas para provar a autenticidade dessas estatísticas baseando-se em estudos de palavras. Não obstante, as soluções sugeridas apresentam numerosos problemas, impossibilitando uma conclusão final.

3. *Avaliação Bíblica do Período.* Há certa discrepância entre a avaliação profética e a avaliação pentatêutica desse período da história de Israel. Amós 5.25; Osé. 2.15; 9.10; 11.1-4 e Jer. 2.2,3; 31.2 são passagens que mostram que os profetas consideraram esse período um tempo idílico em que Israel manteve um relacionamento saudável e constante com Deus. Por outro lado, acredita-se que o ponto de vista pentatêutico foi forçado pelos escritores do documento *P*, que, impressionados com o castigo do exílio imposto por Deus, acreditaram que Israel jamais o serviria fielmente. Tentando solucionar esse problema, alguns sugerem que a discrepância seja apenas aparente, pois o ponto de vista otimista dos profetas deve ser considerado à luz do período apóstata em que viveram.

4. *O Itinerário da Viagem no Deserto.* As dificuldades em harmonizar os dados bíblicos e em identificar os locais mencionados nas narrativas têm sido obstáculos na reconstrução da viagem através do deserto.

Números 33 sugere que a viagem tenha sido realizada em quatro estágios: do Egito ao Sinai (Núm. 33.3-15); do Sinai a Eziom-Geber (33.16-35); de Eziom-Geber a Cades (33.36); e de Cades a Moabe (33.36-37). A despeito de essa reconstrução corresponder com Deu. 1.46 e 2.1, há nela algumas dificuldades que devem ser consideradas:

1. Segundo a reconstrução anterior, o povo hebreu passou 38 anos perambulando no deserto na área de Cades (cf. Núm. 13.26 e 20.1). Números 33 não menciona nenhum acampamento durante os anos em Cades, fato que tem levado os críticos a pensar que não houve tal perambulação. Eles afirmam que Núm. 20.1 retoma a narrativa dentro de alguns dias, de onde fora deixada em 14.45. Derrotados na tentativa de penetrar na terra pelo sul, os hebreus simplesmente mudaram de rumo e entraram pelo leste. 2. Outra dificuldade é o grande número de acampamentos entre o Sinai e Eziom-Geber, enquanto Núm. 11.34 e 12.16 inferem apenas duas paradas numa rota mais direta a Cades. 3. Outra dificuldade é a ordem para mudar de rumo e "... caminhar para o deserto pelo caminho do Mar Vermelho" (Núm. 14.25). O capítulo 33 do livro não reflete esse movimento (Z págs. 465-466).

J. N. Oswalt, tentando uma reconstrução do trajeto coerente com os dados bíblicos, sugere o seguinte: "Talvez Ritmá (33.18,19) se refira ao wadi Abu Retemat, que está ao sul de Cades. Assim Ritmá seria o local do acampamento no tempo em que os espias foram enviados (KD,III, 243). Se isso for correto, então os 17 lugares mencionados nos vss. 19-36 se referiam aos 38 anos de perambulação. Isto significa que os hebreus iniciaram sua permanência em Cades (13.26; 33.36,37), vaguearam na área sul e leste e de lá foram para Eziom-Geber (33.20-35), terminando em Cades novamente (20.1; 33.36). Frustrados na tentativa de se dirigirem ao nordeste através de Edom para o Mar Vermelho, eles retornaram ao sul novamente (21.4), entraram em Arabá, ao norte de Eziom-Geber, e de lá prosseguiram para Moabe" (Z p. 466).

VI. Bibliografia

ALB AM ANET E I IB LOT WES YO

Citações de Números no Novo Testamento

Mateus:

5.33 (Núm. 30.2); 9.36 (Núm. 27.17)

Marcos:

6.34 (Núm. 7.39; 27.17)

Lucas:

1.15 (Núm. 6.3)

Atos:

7.39 (Núm. 14.3 ss.); 7.51 (Núm. 27.14); 21.26 (Núm. 6.5)

I Coríntios:

10.5 (Núm. 14.6); 10.6 (Núm. 11.34)

II Timóteo:

2.19 (Núm. 16.4)

Hebreus:

3.2,5 ss. (Núm. 12.7); 3.17 (Núm. 14.29); 8.2 (Núm. 24.6); 12.3 (Núm. 16.38; 17.3)

Apocalipse:

2.14 (Núm. 25.1 ss.; 31.16); 2.20 (25.1 ss.)

Ao Leitor

Arranjo das Tribos de Israel no Acampamento no Deserto.

O arranjo das tribos de Israel em torno do tabernáculo simbolizava um ideal espiritual: *Deus estava entre o Seu povo.* A vida religiosa ocupava lugar central em toda a vida e atos de Israel. No Novo Testamento, o simbolismo é ainda mais estreito. A habitação do Espírito Santo é o próprio ser humano. Deus veio armar Sua tenda nos crentes. O homem, individualmente (I Cor. 6.19), e a igreja, coletivamente, são templo de Deus (Efé. 2.20 ss.).

Havia *três acampamentos gerais:* 1. aquele que era do Senhor (o próprio tabernáculo); 2. aquele dos levitas, na área imediata do tabernáculo; e 3. aquele das tribos de Israel.

Um estudioso sério das Escrituras não começará a estudar um de seus livros sem primeiro valer-se de uma introdução (ou introduções). Convido meu leitor a considerar questões como a composição, a autoria, os propósitos, o conteúdo, o esboço, a teologia e os problemas especiais do livro de Números.

Números, considerando seu grande volume, é um dos livros do Antigo Testamento menos citados no Novo Testamento. Há apenas 16 referências. Logo acima, apresento uma lista dessas citações. Uma das razões para esse parco uso do livro de Números no Novo Testamento é que boa parte de seu material é composto por repetições baseadas nos livros de Êxodo, Levítico e Deuteronômio, que os autores do Novo Testamento preferiram usar em suas citações.

O quarto capítulo de Números localiza no deserto os acontecimentos historiados no livro (o que explica o título em hebraico). O livro narra o que sucedeu ao povo de Israel, em suas jornadas desde a península do Sinai até a Terra Prometida. O livro dá prosseguimento à narrativa sobre Israel após o êxodo, e após as muitas leis registradas no livro de Levítico.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Partida do Monte Sinai (1.1 - 10.10)

Preparação no Sinai (1.1 - 9.14)

Enumeração das Tribos (1.1-54)

Tradicionalmente, Israel passou quarenta anos vagueando pelo deserto. A maior parte dessas vagueações ocorreu no oásis conhecido como Cades-Barnéia. A cronologia sacerdotal informa-nos que um ano se escoou do êxodo à construção do tabernáculo (Êxo. 40.2). Em seguida, veio a intrincada legislação do livro de Levítico, cuja produção ocupou apenas um mês (Núm. 1.1). Então foi feito um recenseamento, dezenove dias depois de Israel ter abandonado a área do Sinai (Núm. 10.11). O discurso de despedida de Moisés ocorreu no fim das vagueações (Deu. 1.3). Levando em conta esse informe, parece que Israel passou cerca de trinta e cinco anos em Cades-Barnéia.

Nesse tempo, Israel foi retratado como um povo descontente, murmurador, rebelde e exigente. Os sinais de Deus, porém, caíram sobre olhos cegos e mentes obscurecidas. Apesar desse quadro entristecedor, a revelação e os atos de Deus estavam progredindo segundo havia sido determinado. Sacudimos a cabeça, desolados, contra tudo isso, e inúmeros sermões têm sido pregados contra a dureza de coração e o embotamento mental de Israel. Contudo, quando olhamos para nós mesmos e para as pessoas à nossa volta, vemos que esse tipo de conduta se repete entre nós. No entanto, Deus está conosco e nunca nos abandona. A *espiritualidade* é algo acerca do que temos de trabalhar constantemente e para o resto da vida, e não algo que atingimos de súbito. Israel teve a sua *peregrinação espiritual,* tão rica em seus ensinos, beneficiando a *peregrinação espiritual* de todo crente.

Tipicamente, o livro de Números fala em serviço e em conduta ou andar. O livro de *Gênesis* relata a criação e a queda do homem; o livro de *Êxodo* tipifica a redenção, pois Israel foi remido da escravidão no Egito; o livro de *Levítico* apresenta-nos as intrincadas leis que governavam a adoração e a comunhão com Deus; e então vem o livro de *Números,* que nos ensina a servir e a andar na vida. Isso posto, o livro de Números segue uma seqüência tanto histórica quanto espiritual, que acompanhou tanto o povo de Israel quanto a vida de todos os crentes.

Todos os Israelitas Foram Enumerados. Todos eles foram arrolados por seus nomes. Cada qual tinha uma tarefa a cumprir. Isso fala sobre a providência de Deus, que cuida de todos os detalhes atinentes à nossa vida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.*

1.1

Falou o Senhor a Moisés. Uma expressão comum no Pentateuco, usada como artifício literário para indicar o começo de alguma nova seção ou a apresentação de novos materiais. Neste caso, o começo de um novo livro da Bíblia. Essa expressão também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas completas sobre essa expressão em Lev. 1.1 e 4.1. Moisés, tal como por todo o Pentateuco, aparece como o mediador entre Deus e o povo de Israel.

A vida individual e nacional de Israel foi determinada por Yahweh. Isso não dependia de condições raciais e sociais. Os eventos, em Israel, derivavam-se da vontade de Deus, e não de condições humanas, embora essas duas coisas estejam sempre interagindo.

No deserto. Essa frase tornou-se o título deste livro nas modernas Bíblias em hebraico. Números revela-nos o que sucedeu aos israelitas depois que eles deixaram o Sinai, e daí até o momento em que estavam prestes a entrar na Terra Prometida. Foram cerca de quarenta anos de *vagueações* pelo deserto, embora a maior parte desses anos tivesse sido passada em Cades-Barnéia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vagueações.*

Na tenda da congregação. Ver no *Dicionário* o verbete *Tabernáculo.* A narrativa do livro de Números começa um mês depois que os israelitas tinham terminado a construção do tabernáculo, no deserto do Sinai (ver Êxo. 40.1-33).

Congregação. Ver as notas em Êxo. 16.1 quanto a essa expressão.

Cronologia. A cronologia que temos aqui indica que o tabernáculo havia sido erigido um mês antes, e que esse evento ocorrera quase um ano após a saída dos filhos de Israel do Egito. O *segundo mês* (do calendário religioso) chamava-se *ijar,* que correspondia ao nosso mês de abril e a parte do mês de maio. O primeiro mês do calendário religioso chamava-se *abibe* ou *nisã,* e o ano eclesiástico começava com a *páscoa* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

1.2

Fórmulas de Comunicação. Há *oito* diferentes fórmulas de comunicação. Moisés, o mediador entre Deus e Israel, recebia a Sua mensagem quando *Yahweh falava.* Então ele transmitia a mensagem recebida a Arão, a Arão e seus filhos ou então ao povo inteiro de Israel. No caso presente, a mensagem foi transmitida a Arão (vs. 3). Ver as fórmulas de comunicação anotadas em Lev. 17.2.

Este segundo versículo fornece-nos várias expressões padronizadas que se aplicam a toda esta questão do recenseamento, a saber:

1. *A congregação.* Todo o povo de Israel, coletivamente considerado. Ver as notas sobre essa expressão em Êxo. 16.1.
2. *As famílias.* Devemos pensar aqui nos clãs de Israel. No hebraico temos a palavra *mishpahah,* que inclui o sentido de "casas paternas".
3. *Tribos.* Uma tribo era formada por vários clãs ou casas paternas. Estritamente falando, havia treze tribos, se incluirmos Levi (mas que não formava uma tribo, de acordo com a definição deste primeiro capítulo de Números, pois era uma casta sacerdotal), e se incluirmos as duas tribos de Manassés e Efraim, que eram oriundas de José. Neste cálculo, deixamos de lado a tribo de José, que não existia, mas que, não obstante, se expressava através de seus dois filhos, compondo duas tribos que recebiam os nomes de Manassés e Efraim, e não de José. Mas visto que Levi não era considerado uma tribo, então acabamos contando com as doze tribos tradicionais de Israel.
4. *Número de seus nomes.* Estavam então em pauta os indivíduos, um por um, cada qual com seu nome identificador. Essa era a menor unidade possível na congregação de Israel. Mas somente os *homens* eram contados, e mesmo assim somente os varões em idade de entrar na guerra, dotados de capacidade física (vs. 3). Assim, o total do recenseamento *dessas* pessoas chegou a um pouco mais de seiscentas mil. Contudo, se havia tantos varões preparados para entrar em guerra, então a congregação total de Israel deve ter tido, no mínimo, *três milhões* de pessoas.
5. *Cabeça por cabeça.* Ou seja, cada homem, em idade própria de entrar na guerra e fisicamente capaz, quase todos pais de famílias, os quais foram contados individualmente por ocasião do recenseamento. O termo hebraico aqui é *guigoleth,* que indica a cabeça ou crânio de um homem. Cf. Mat. 27.33, o lugar da caveira, ou *calvário,* palavra portuguesa que se deriva do latim.

Neste ponto, apresento as estatísticas referentes aos dois recenseamentos, historiados, respectivamente, nos capítulos primeiro e vinte e seis do livro de Números.

Recenseamentos

Tribos	*Primeiro (cap. 1)*		*Segundo (cap. 26)*	
1. Judá	(vs. 27)	74.600	(v. 22)	76.500
2. Dã	(vs. 39)	62.700	(v. 43)	64.400
3. Simeão	(vs. 23)	59.300	(v. 14)	22.200
4. Zebulom	(vs. 31)	57.400	(v. 27)	60.500
5. Issacar	(vs. 29)	54.400	(v. 25)	64.300
6. Naftali	(vs. 43)	53.400	(v. 50)	45.400
7. Rúben	(vs. 21)	46.500	(v. 7)	43.730
8. Gade	(vs. 25)	45.650	(v. 18)	40.500
9. Aser	(vs. 41)	41.500	(v. 47)	53.400
10. Efraim	(vs. 33)	40.500	(v. 37)	32.500
11. Benjamim	(vs. 37)	35.400	(v. 41)	45.600
12. Manassés	(vs. 35)	32.200	(v. 34)	52.700
Totais:		603.550		601.730

Observações. Judá era a tribo mais populosa de Israel. E Manassés a menor. A diferença entre elas era de 42.400 homens, para o que nenhuma razão válida é dada. Maior população representava maior bênção divina para os hebreus, visto que ter muitos filhos era uma herança do Senhor (ver Sal. 127.3). A lista acima aparece em ordem *decrescente.*

O *segundo recenseamento* mostrou poucas variações para cima ou para baixo. Mas Simeão sofreu grande descrescimento, e Manassés, grande acréscimo. São dados números redondos no máximo possível.

O grande total de pelo menos três milhões de pessoas, partindo de setenta almas originais, que desceram ao Egito (Gên. 46.27), em pouco mais de duzentos anos, é algo que tem feito os críticos duvidar da cronologia envolvida (mais anos devem ter estado envolvidos); ou então os números refletem um tempo posterior a Moisés, apesar de esses números serem apresentados como contemporâneos a ele). Seja como for, a promessa divina de multiplicação, como parte do pacto

abraâmico, estava em operação. (Ver Gên. 15.18 quanto àquele pacto e suas provisões.) As promessas de Deus não falham (Gên. 16.5).

Uma Vida. O recenseamento foi de indivíduos. Uma vida muito vale para Deus, e pode ter um efeito tremendo. Assim, um homem podia pôr em fuga a dez mil inimigos (Deu. 32.30). Jesus tinha apenas doze apóstolos, mas eles produziram uma história que prossegue até hoje.

1.3

Da idade de vinte anos para cima. Esse foi o critério seguido no recenseamento. Só eram contados varões, e todos de vinte anos de idade para cima; e todos capazes de ir à guerra. Isso deixava de lado mulheres, crianças, homens de avançada idade, ou seja, *a maior parte* da população de Israel. Assim, se havia cerca de seiscentos mil homens relativamente jovens, então a população de Israel deve ter sido, no mínimo, de três milhões de pessoas. Alguns supõem que o recenseamento original, aqui, não tenha sido de Israel, mas, sim, de uma *convocação* militar.

Outros dizem que o limite máximo de idade foi cinqüenta anos, mas alguns falam em sessenta. Porém isso faria ingressar no exército um número muito grande de homens idosos, especialmente levando em conta os tempos antigos. Talvez o aspecto militar do recenseamento tenha visado dar a Israel um senso de confiança, enquanto vagueasse pelo deserto, em preparação para a guerra. Um dos principais deveres do cidadão era prestar serviço militar (ver o cap. 32).

1.4

Um homem. De cada tribo, um homem agiria como assistente de Moisés e Arão, no recenseamento; e também podemos supor que muitos outros se ocuparam na contagem, sob a direção daqueles doze auxiliares maiores. A expressão, "cabeça da casa de seus pais" indica que cada um desses homens era o chefe dos vários clãs que compunham as tribos. "Havia muitas cabeças de tais casas, em cada tribo; mas parece, pelo vs. 16 (cf. 7.10,11), que um *príncipe* de cada tribo foi selecionado para presidir no recenseamento" (Ellicott, *in loc.*). Cada príncipe era cabeça de um número indeterminado de *milhares*. O Targum de Jonathan chama também de *príncipe* a cada um desses homens (seus nomes são dados nos vss. 5-15). Assim, havia um Elizur, um Naassom etc. A palavra hebraica para príncipe é *rosh*, que se refere à cabeça, indicando um homem principal, chefe (ver Exo. 18.25) ou chefe de família (ver Êxo. 6.14).

1.5

Os homens que seriam os auxiliares de Moisés e Arão, no recenseamento, os *príncipes* das tribos (um para cada tribo), têm seus nomes referidos nos vs. 5-15 deste capítulo.

De Rúben. Ver no *Dicionário* os verbetes *Tribo (Tribos de Israel)* e *Rúben.*

Elizur. No hebraico, "Deus é rocha". Ele era filho de *Sedeur,* um dos chefes da tribo de Rúben (Núm. 1.5; 2.10; 7.30,35; 10.18). Viveu em cerca de 1210 A. C. Nada se sabe sobre ele, exceto o que o texto nos sugere. Seu pai, Sedeur, também é desconhecido, exceto por poucas menções a ele, em Levítico, que não nos dão informações a seu respeito. Ver Núm. 1.5; 2.10; 7.30,35 e 10.18.

Quase todos os nomes dessa lista incorporam algum nome divino, usualmente *El* (ver sobre esse nome no *Dicionário*). Ver também *Deus, Nomes Bíblicos de. Shaddai* (vs. 16) também foi empregado. Esse nome divino é explicado no *Dicionário.* Mas no nome *Aira* (vs. 15) temos *Rá* (nome de um deus egípcio) incorporado. Ver sobre *Rá* no *Dicionário.*

1.6

De Simeão. Ver no *Dicionário* sobre esse nome, como também o artigo *Tribo (Tribos de Israel).*

Selumiel. No hebraico, "Deus é a minha paz" ou "meu amigo", ou mesmo "bem-estar". Era filho de Zurisadai, principal oficial da tribo de Simeão, terminado o êxodo. Ajudou no censo historiado no primeiro capítulo de Números. Ver também Núm. 2.12; 7.36,41 e 10.19, quanto às suas atividades e sobre o que se sabe a seu respeito. Seu nome aparece como Salamiel, filho de Salasadai, dentro da genealogia da heroína Judite (8.1). O nome de seu pai, *Zurisadai,* significa "Shaddai é uma rocha". Quase todos os nomes dos doze chefes incorporam algum nome divino, o que já ilustrei no versículo anterior. Ver Núm. 2.12; 7.36,41; 10.19. Nada se sabe sobre ele, exceto o que é sugerido nesses versículos.

1.7

De Judá. Ver no *Dicionário* sobre esse nome, e também o verbete *Tribo (Tribos de Israel).*

Naassom. Quanto ao que se sabe sobre esse homem, ver Êxo. 6.23. O nome de seu pai era *Aminadabe,* que quer dizer "O parente divino é pródigo". Quanto a este último, ver no *Dicionário,* primeiro ponto. Três outros homens também têm esse nome, no Antigo Testamento. Ele era filho de *Arão,* de acordo com a linhagem geológica de Jesus (Mat. 1.4).

1.8

De Issacar. Ver sobre esse nome no *Dicionário,* como também o verbete *Tribo (Tribos de Israel).*

Natanael. Esse era um nome popular em Israel, em ambos os Testamentos. Dez homens têm esse nome no Antigo Testamento. No hebraico significa "presente de Del (Deus)". Era filho de *Zuar,* príncipe da tribo de Issacar, na época do êxodo (Núm. 2.5; 7.18,23; 10.15). Seu pai, Zuar (no hebraico, "pequeno"), também é desconhecido, excetuando o que essas referências sugerem.

1.9

De Zebulom. Ver esse nome no *Dicionário,* como também o verbete *Tribo (Tribos de Israel).*

Eliabe. No hebraico, "Deus é Pai". Nome de seis pessoas no Antigo Testamento. Ver esse nome no *Dicionário,* primeiro ponto, quanto ao homem referido neste texto. O nome de seu pai era *Helom* (no hebraico, "forte"). Ver Núm. 2.7; 7.24,29; 10.16. Nada se sabe sobre ele, exceto o que é sugerido nessas referências.

1.10

Efraim. Ver sobre esse nome no *Dicionário,* como também o verbete *Tribo (Tribos de Israel).* Nenhuma das tribos levava o nome de *José,* pai de Efraim. Antes, duas tribos de Israel descendem de José, a saber, *Efraim* e *Manassés.* Poderíamos pensar que essa circunstância nos daria treze tribos; e, estritamente falando, assim era. Mas visto que Levi passou a ser tida como casta sacerdotal, e não como uma tribo (ver Núm. 1.47), terminamos com as *doze tribos* tradicionais.

Elisama. No hebraico, "Deus ouviu". Esse é o nome de sete pessoas nas páginas do Antigo Testamento. Ver o primeiro ponto da lista, para o homem deste texto. O nome de seu pai era *Amiúde,* que no hebraico significa "meu parente é glorioso". É nome de cinco pessoas do Antigo Testamento. Ver o primeiro nome da lista que aparece no *Dicionário.*

De Manassés. Ver sobre esse nome no *Dicionário,* como também o verbete *Tribo (Tribos de Israel).*

Gamaliel. No hebraico, "Deus é meu galardão". Era um nome popular entre os hebreus. Mas no Antigo Testamento só há este homem com esse nome. No Novo Testamento há um famoso Gamaliel (ver Atos 5.34 e 22.3). O Gamaliel deste texto era príncipe da tribo de Manassés, que participou do censo de Israel pouco depois do êxodo. Ver Núm. 2.20; 7.54,59 e 10.23. Nada se sabe sobre ele, exceto o que é sugerido nesses versículos. O nome de seu pai era *Pedazur,* que no hebraico significa "a rocha liberta". Coisa alguma se sabe sobre ele a não ser o que é dito aqui.

Notemos que Efraim, filho mais novo de José, foi referido antes de Manassés, seu irmão. José, ao trazer seus dois filhos para serem abençoados por Jacó, posicionou-os dando precedência a Manassés, a seu lado direito. Mas Jacó trançou os braços, impondo sua mão direita sobre Efraim, o mais novo, porque receberia maior bênção. Ver a história em Gên. 48.13-22. A ordem inversa, porém, é dada em Núm. 26.28; 34.23,24.

1.11

De Benjamim. Ver sobre esse nome no *Dicionário,* e ver também o artigo *Tribo (Tribos de Israel).*

Abidã. No hebraico, "pai do jumento" ou "juiz". Era filho de *Gideoni,* príncipe de Benjamim (Núm. 2.22 e 10.24). Representou sua tribo como recenseador. Por ocasião da construção do tabernáculo, sua contribuição caiu no nono dia (Núm. 7.60-65). Seu pai, *Gideoni* (no hebraico, "guerreiro"), é mencionado nesses mesmos textos, e coisa alguma se sabe sobre eles, exceto o que é mencionado nesses versículos.

1.12

De Dã. Ver sobre esse nome no *Dicionário,* bem como o verbete *Tribo (Tribos de Israel).*

Aieser. No hebraico, "irmão é ajuda". Era filho de Amisadai, o qual, no tempo de Moisés, representava a tribo de Dã no censo, e em certo número de outras

ocasiões importantes. Ver Núm. 2.25; 7.66,71; 10.25. O nome de seu pai era *Amisadai,* também mencionado nessas referências. Seu nome significa "Shaddai é meu parente". Coisa alguma se sabe sobre pai e filho, exceto o que é sugerido nesses versículos que dão seus nomes.

1.13

De Aser. Ver esse nome no *Dicionário,* como também o verbete intitulado *Tribo (Tribos de Israel).*

Pagiel. No hebraico, "encontro com El (Deus)". Era nome de um filho de Ocrã, chefe da tribo de Aser, ao tempo do Êxodo. Ajudou Moisés a fazer o censo dos israelitas. Ver Núm. 2.27; 7.72; 10.26. O nome do pai dele, *Ocrã,* no hebraico quer dizer "criador de confusões". Seu nome se acha nas mesmas referências em que aparece o nome de seu filho. Nada sabemos sobre ambos, a não ser o que fica implícitos nesses versículos.

1.14

De Gade. Ver esse nome no *Dicionário,* como também o verbete *Tribo (Tribos de Israel).*

Ellasafe. No hebraico, "Deus acrescentou". Nome de um filho de Deuel ou Reuel. Chefe da tribo de Gade. Ajudou a Moisés e Arão no primeiro censo de Israel. Ver Núm. 2.14; 7.42; 10.20. O nome de seu pai era *Deuel,* ou seja, "Deus é amigo". Nada se sabe acerca desses homens, exceto o que se pode inferir dos versículos acima.

1.15

De Naftali. Ver sobre esse nome no *Dicionário,* como também o artigo *Tribo (Tribos de Israel).*

Aira. No hebraico, "irmão do mal" ou mesmo "sem sorte". Era chefe da tribo de Naftali e foi nomeado um dos assessores de Moisés para fazer o censo do povo. Fez sua contribuição para o culto sagrado no décimo segundo dia das oferendas. Ver Núm. 2.29; 7.78,83; 10.27. O nome de seu pai era *Enã,* que no hebraico significa "fonte de água" ou "parar de olhar". Nada se sabe sobre eles, exceto o que transparece nesses versículos onde apareceu os nomes deles.

Alguns eruditos pensam que a derivação do nome Aira vem do deus egípcio Rá. Ver sobre este último no *Dicionário.* Nesse caso, o nome provavelmente significa "Rá é um irmão". Seria apenas natural que entre Israel houvesse nomes próprios que retivessem algo do idioma egípcio, devido ao longo cativeiro deles naquele país.

1.16

Os homens cujos nomes são dados nos vss. 5-16 deste capítulo eram chefes de tribos em Israel. Foram escolhidos para encabeçar o recenseamento, e, sem dúvida, tinham muitos ajudadores para facilitar a tarefa. Ver o vs. 2 quanto a todas as expressões deste versículo, exceto "cabeças dos milhares". Essa palavra (ver também os vss. 21 e 23) talvez fosse um antigo termo hebraico que talvez significasse "subseção de uma tribo". Um número indeterminado de milhares estava envolvido nas tribos e em suas subseções. O censo servia precisamente para definir essa questão. Ver sobre a palavra hebraica *'elep,* nas notas sobre o vs. 21 deste capítulo.

A congregação de Israel estava dividida em milhares, centenas e meias-centenas. Isso sucedeu por conselho de Jetro, sogro de Moisés. Ver Êxo. 18.21. Cada divisão de mil contava com seu próprio chefe, mas sobre todos esses grupos de milhares havia um *príncipe.*

1.17,18

Então Moisés e Arão. Mediante a ajuda dos príncipes, eles convocaram toda a congregação de Israel, mui provavelmente os varões. Os príncipes souberam que trabalho era preciso ser feito, e discutiram a melhor maneira de cumprir sua tarefa. E assim a mensagem de Yahweh, transmitida por meio de Moisés, tornou-se conhecida da população em geral.

No primeiro dia do mês segundo. Esse foi o dia escolhido para revelar o propósito divino quanto ao censo. Outro tanto é dito no vs. primeiro deste capítulo, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

Declararam a descendência deles. Temos aqui a palavra hebraica *yalad,* "gerar", "dar à luz". A forma nominal é *toledot,* "descendentes". O povo declarou sua ascendência, para a qual, conforme presumimos, eles tinham algum registro escrito ou genealogia, e de acordo com o que disse Jarchi (*in loc.*). É provável que, em alguns casos, eles tivessem de depender da memória de pessoas mais idosas.

Parece que o *censo* foi efetuado de acordo com três classes: 1. por tribos; 2. por famílias dentro de cada tribo; e 3. de acordo com a casa específica de cada pai, ou seja, de acordo com os indivíduos de cada célula familiar. É possível que tenham sido então formadas aquelas genealogias que nos informam sobre a ascendência de Cristo, como se vê em Mateus 1 e Lucas 3. O fato de que a ordem do censo foi baixada por Yahweh emprestou importância capital às genealogias em Israel, o que continuou por toda a história do povo de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Genealogia.* Ver a sexta seção desse artigo quanto às muitas listas genealógicas do Antigo Testamento.

Foram arrolados somente os varões de vinte anos de idade para cima, e somente aqueles capazes de guerrear, conforme já vimos nas notas sobre os vss. 2 e 8 deste capítulo.

1.19

Yahweh baixara ordens quanto ao censo, pelo que era mister obedecer. Em ocasião posterior, Davi, impelido por seu orgulho, ordenou que fosse feito um recenseamento, por sua própria autoridade, e os resultados foram calamitosos. Ver I Crônicas 21. Lemos ali que Satanás foi o inspirador do ato. Comparando-se as indicações cronológicas do vs. 18 com 10.11,12, parece que foi possível preparar o censo em menos de *três semanas.* Vemos, em Número 26, que outro censo foi efetuado, dessa vez nas planícies de Moabe, embora alguns estudiosos suponham que isso seja uma *repetição,* ou isto é, um relato diferente sobre o mesmo evento.

1.20

Todas as expressões constantes neste versículo já foram vistas e comentadas nos vss. 2, 3 e 18, onde também figura a palavra "descendência". No hebraico, temos o termo *toledoth* (os descendentes de cada tribo, de acordo com as classes acima mencionadas). O autor do livro de Gênesis usou essa palavra para prover um título para cada seção do seu livro, fornecendo-nos assim um esboço cru do livro. Ver sobre isso em Gên. 2.4. Essa palavra hebraica é sempre usada no plural, e pode ter o sentido de famílias, descendentes, gerações, resultados.

1.21-46

Esses versículos registram os números dos israelitas, divididos em tribos. Em Núm. 1.2 dei um gráfico que apresenta esses números em confronto com números colhidos em um segundo censo, conforme se historia em Números 26.

Além dessa informação, provi aqui algumas observações sobre itens e problemas envolvidos nesta seção:

Observações:

1. Muitos eruditos pensam que as estatísticas do censo são altas demais, supondo impossível que meras setenta pessoas, em Gên. 46.27, em apenas duzentos e quinze anos se tivessem multiplicado tanto. E mesmo que se tivessem passado trezentos anos, segundo prosseguem, permaneceria de pé o problema. Eis a argumentação deles, apresentada por pontos:

a. Os *conservadores* vêem nisso uma extraordinária bênção divina, apesar do cativeiro egípcio; baixa taxa de mortalidade; boa saúde; fertilidade de praticamente todas as mulheres etc. Dessarte, aceitam os números como literais e precisos. Se havia mais de seiscentos mil *varões,* de vinte anos de idade para cima, capazes de servir no exército, então a população total de Israel deve ter orçado em pelo menos três milhões de pessoas, ao saírem do Egito. A providência divina cuidou para que a predição de Gênesis 16.10 se cumprisse literalmente.

b. Os *críticos* tentam achar meios de aliviar esses números. Eles usam de vários artifícios: (*1*) Alguns apenas dizem que os números são fictícios, refletindo o orgulho na grande multiplicação que Deus havia prometido (Gên. 16.10) e garantindo que a profecia foi justificada pelo registro histórico. Em outras palavras, os números elevados seriam um cumprimento *pseudoprofético,* e não um evento real. (*2*) O trecho de Êxodo 12.37 fornece-nos os mesmos números, em geral; e isso também é considerado um exagero. Os críticos afirmam que nem na terra de Gósen (lar de Israel no Egito), nem no deserto *do sul da Palestina seria possível sustentar tão grande número de pessoas.* Somente um milagre contínuo poderia explicar tal coisa. (*3*) Os críticos dizem que o próprio êxodo, que envolveu tão grande número de pessoas, teria sido um feito impossível, pois as estradas comerciais existentes, e as condições de viagem pelo deserto não teriam permitido o êxodo de tão grande contingente de pessoas. (*4*) Alguns críticos vêem uma solução no termo hebraico *'elep* (mil), supondo que isso indicava alguma *unidade social,* como um clã ou família, e não literais milhares de seres humanos. Aplicando-se esse argumento ao total quanto à tribo de Rúben, teríamos então quarenta e seis *clãs,* com um número indeterminado de pessoas, e mais quinhentos indivíduos, e não quarenta e seis mil e quinhentas pessoas. Por igual modo, o grande total de 603.550 tornar-se-ia em seiscentos e três clãs, e mais quinhentos e cin-

qüenta indivíduos. Para outros, porém, essa é uma maneira muito duvidosa de explicar o texto. (*5*) Outros pensam que o termo hebraico *'elep*, que originalmente não era escrito com vogais no hebraico, seria o vocábulo *'allup* (chefe, dirigente). Assim, no caso de Rúben, teríamos quarenta e seis *'allupim* (chefes) e mais quinhentos homens. E o grande total seria 605 "chefes" e mais cinco mil e quinhentos homens. Nesse caso, a população total de Israel chegaria a cerca de vinte e seis mil pessoas. Mas esse número já é ridiculamente baixo, e obviamente falso; pelo que essa solução realmente nada soluciona. (*6*) Outras passagens, como Deuteronômio 7.22, falam sobre o pequeno número de israelitas, e, para os críticos, isso revela a verdadeira história dos números dos filhos de Israel. Ver também Juí. 1.19,27-35. (*7*) Alguns vêem em tudo isso apenas números simbólicos, e não literais. Assim, as letras hebraicas para "os filhos de Israel" transformadas em número resultam exatamente em 603. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia).*

2. Os *conservadores* reconhecem a força de alguns desses argumentos, mas lançam tudo na conta da providência divina. Os números são tidos por eles como literais, refletindo a promessa divina, feita a Abraão, de que seus descendentes se multiplicariam até serem uma grande nação. Essa era uma das provisões do pacto abraâmico sobre a qual anotei em Gên. 15.18. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus.*
3. *Vs. 27.* A superioridade numérica de Judá reflete o cumprimento da promessa de Yahweh em Gên. 49.8.
4. *Vss. 32-35.* A superioridade numérica de Efraim, em confronto com Manassés (pois o filho mais velho, Manassés, seria ultrapassado pelo mais novo) concorda com a grande bênção proferida por Jacó acerca de Efraim, segundo se vê em Gênesis 48.19,20. Não houve nenhuma tribo chamada José, mas ele foi duplamente abençoado, pois cada um de seus dois filhos ganhou uma tribo.
5. *Vs. 46.* Os totais deixaram de fora os descendentes de Levi, que acabaram tornando-se uma casta sacerdotal, e não uma tribo distinta. Esses totais correspondem às observações feitas em Êxo. 38.26. Adam Clarke (*in loc.*), tomando os números atribuídos a cada tribo, deu-se ao trabalho de ver como (de acordo com a geração natural, sob condições ótimas) o grande total poderia ter sido alcançado. E concluiu que isso foi biologicamente possível, mesmo sem nenhuma intervenção divina. E, voltando aos registros genealógicos, ele averiguou quantos filhos estiveram envolvidos em cada tribo, e produziu três páginas, em colunas duplas de cálculos matemáticos, a fim de provar a sua contenção. Se essas condições tão favoráveis prevaleceram, então parece que devemos admitir que os números dados neste livro bíblico estão dentro das possibilidades, mesmo sem a intervenção divina miraculosa.

1.47

Os vss. 47-54 tratam da casta sacerdotal, a anterior tribo de Levi. Isso ocorreu por determinação divina. O *Senhor falara* (vs. 48). Ver no *Dicionário* os verbetes *Levi* (o patriarca) e *Levitas* (a tribo derivada de Levi que se tornou a casta sacerdotal de Israel), e também *Sacerdotes e Levitas* e *Tribo (Tribos de Israel).*

"Moisés e Arão pertenciam à tribo de Levi. Dentro do círculo maior dos levitas, porém, faz-se a distinção entre *Arão e seus filhos* e os demais levitas (ver Êxo. 28.1-5). Os descendentes de Arão exerciam as funções sumo sacerdotais no santuário, ao passo que aos demais levitas foi dada a ordem de serem ajudantes dos sacerdotes aarônicos" (Oxford Annotated Bible).

Espiritualizando o texto, escreveu John Gill (*in loc.*): "A tribo de Levi... tendo sido empregada em uma espécie de guerra... não devia engajar-se em outra luta". Pois o censo das tribos foi uma espécie de convocação em preparação para a guerra. Isso, de fato, não muito depois, tornou-se uma realidade na Terra Prometida. Israel viu-se envolvida em muitos anos de conflito com os povos que antes ocupavam a Terra Prometia, pelo que contava com um exército permanente, em constante pé de guerra.

1.48

O Senhor falara a Moisés. Expressões assim e similares são usadas amiúde no Pentateuco, como um modo literário de introduzir materiais novos. No original hebraico, pois, este versículo inicia uma nova seção, ao passo que o vs. 47 é o final da seção anterior. Tal expressão também nos faz lembrar da inspiração divina da Bíblia. Yahweh era sempre o comunicador, e Moisés o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. Há oito fórmulas de comunicação. Algumas vezes Moisés transmitia uma mensagem, mas sem que nos seja dito para quem. Ver as *oito* fórmulas de comunicação em Lev. 17.2. Quanto à expressão *Yahweh falou,* ver Lev. 1.1 e 4.1.

1.49

A *primeira ordem* recebida por Moisés era não enumerar a anterior tribo de Levi (aqui chamada de tribo), mas que se tornou uma casta sacerdotal. Ver as notas sobre o vs. 47 deste capítulo, que têm aplicação aqui. Essa tribo (casta) de Levi, na verdade foi arrolada mais tarde, conforme se vê em Núm. 3.15 ss.

1.50

Incumbe tu os levitas. Somente os levitas tinham o direito de manusear os materiais do tabernáculo, incluindo a sua *montagem, desmanche* e *transporte,* enquanto Israel vagueasse pelo deserto.

Tabernáculo do testemunho. O tabernáculo (ver a respeito no *Dicionário*), em sua inteireza, era o *testemunho;* mas esse nome foi extraído da arca da aliança (ver no *Dicionário*). E esta ficava no Santo dos Santos. Era ali que Yahweh manifestava a Sua presença e a tornava conhecida. Os levitas deviam acampar-se em redor imediato do tabernáculo, em contraste com as outras tribos, que se acampavam mais distantes. Deus ocupava o centro de toda essa arrumação simbólica; e os levitas, como ministros de Yahweh, ficavam próximos do lugar onde deviam servir ao Senhor. Imediatamente antes do início da exposição sobre Núm. 1.1, apresentei um gráfico representando como os levitas e as tribos se situavam no acampamento, em redor do tabernáculo, que era o centro de toda a vida religiosa de Israel. A lição espiritual não é tanto que Deus deve ocupar o primeiro lugar em nossa vida, e, sim, que Deus é *tudo,* é o centro, o âmago, o coração de toda vida e existência: a fonte e o alvo de toda existência. Ver Col. 1.16-18. Os levitas compunham a legião do Rei, aqueles que se mantinham mais próximo da presença do Senhor. A posição deles possibilitava manterem guarda sobre o tabernáculo, não permitindo que nenhum elemento estranho entrasse sem permissão, ou sem alguma razão legítima.

Testemunho. As duas tábuas de pedra da lei (Êxo. 31.18; 34.29), depositadas no interior da arca da aliança (ver a respeito no *Dicionário*). Assim também lemos sobre a arca do testemunho (ver Êxo. 25.22; 26.33). Havia também o tabernáculo do testemunho (ver Êxo. 38.21). A estrutura inteira, incluindo a nuvem gloriosa, era assim chamada (Núm. 9.15). O véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos era chamado de "véu do testemunho" (ver Lev. 24.3 e Êxo. 16.33,34).

1.51

Ninguém podia ter coisa alguma que ver com o tabernáculo, com seu serviço, com seu transporte ou com sua manutenção, exceto aqueles autorizados a tanto, a saber, os levitas. Quem ousasse quebrar essas regras teria de ser executado. O termo "estranho", aqui, seria mais bem traduzido como "um qualquer", incluindo qualquer israelita. O termo hebraico aqui usado é *zar* e, conforme usado aqui, significa qualquer um que não pertencesse à casta sacerdotal (ver Lev. 22.10-12).

A morte aqui mencionada podia ser decretada por ordem judicial, da parte dos anciãos, ou mesmo por Arão ou Moisés. Também poderia ocorrer por juízo divino, como sucedeu no caso de Uzá, que foi ferido por Deus e morreu ao lado da arca, por ter nela tocado (ver II Sam. 6.6,7).

1.52

O segundo capítulo de Números descreve o arranjo das tribos em redor do tabernáculo. Apresento um gráfico antes da exposição de Núm. 1.1, que ilustra esse ponto. As tribos, agrupadas em três acampamentos, cada qual de frente para uma das quatro direções da bússola, como leste, oeste, norte e sul. Cada um desses acampamentos tinha um *estandarte* identificador (Núm. 2.2). Eram uma espécie de destacamento militar, cada qual marchando em uma ordem específica, preparado para a batalha. Israel marchava como uma espécie de exército arregimentado, cada companhia sob o seu próprio estandarte. "Parece, com base em Núm. 2.3,10,18,25, que havia quatro estandartes, a saber, os de Judá, Rúben, Efraim e Dã, correspondendo aos *quatro acampamentos,* cada qual com três tribos, que armavam suas tendas em redor da tenda da congregação" (Ellicott, *in loc.*). "Cada tribo ou acampamento contava com várias tropas ou regimentos" (John Gill, *in ioc.*).

1.53

Este versículo reitera a informação dada no vs. 50, onde comentei sobre a questão. Os levitas ocupavam a posição central no meio dos acampamentos e guardavam o próprio tabernáculo. Forneço lições metafóricas e espirituais vinculadas a isso. O tabernáculo era o centro da nação, e os sacerdotes eram os administradores da ordem divina.

Para que não haja Ira. No hebraico temos a palavra *kezeph,* usualmente utilizada para denotar algum tipo de praga, pestilência ou ataque inimigo divinamente causados etc. A fim de evitar tal calamidade, a ordem dada por Yahweh precisava ser respeitada. Os levitas tinham de tomar suas posições em redor do tabernáculo, e ninguém podia violar a ordem a respeito da tenda sagrada. Ver as notas em Núm. 18.5 quando à praga divina. Cf. outro incidente similar, mas onde é usada outra palavra hebraica, *negeph.* Ver Jos. 9.20; II Reis 3.26; I Crô. 27.24.

Os deveres dos levitas, mencionados aqui, são detalhados nos capítulos 2 a 4 deste livro.

1.54

Este versículo sumaria as informações de que Yahweh tinha ordenado que Moisés cuidasse para que Suas ordens fosse cumpridas. Moisés contava com seus oficiais e auxiliares, que lhe permitiam implementar cada detalhe. Os acampamentos foram formados; as tendas foram armadas; os estandartes foram drapejados; os levitas continuaram ocupados em seu serviço sagrado. Tudo era feito "exata e perfeitamente, observando assim o mandato de Deus" (John Gill, *in loc.*). Quanto a outras observações similares da obediência de Israel à ordem de Yahweh, que atuam, ao mesmo tempo, como notas de sumário, ver Êxo. 7.6,10; 8.13; 40.16; Lev. 8.4,36; 24.23; Núm. 2.34; 9.5; 17.11; 27.22 e 31.31.

Capítulo Dois

Organização do Acampamento (2.1—4.49)

Ver o gráfico antes da exposição em Núm. 3.1, sobre como se acampava o povo de Israel, e onde o tabernáculo era o centro de tudo. Ver as notas sobre Núm. 1.50 quanto às lições espirituais existentes nessa maneira de acampar, com a "igreja" bem no meio. Cf. Núm. 10.13-28. "O autor sacerdotal concebia a congregação em um arranjo simétrico, em redor da tenda da congregação" (*Oxford Annotated Bible,* sobre Núm. 2.2). O acampamento formava um gigantesco quadrado (visto que havia três milhões de pessoas envolvidas), e o tabernáculo ficava bem no centro. "O simbolismo de 'Deus está no meio de Seu povo' é mantido na descrição das tribos em marcha. Judá, por ser a tribo liderante, ia na vanguarda, seguido por Rúben. Então, no centro, vinham os sacerdotes e os levitas... Efraim e Dã cobriam a retaguarda" (John Marsh, *in loc.*).

Israel devia seguir em certa ordem, a fim de garantir a eficiência.

2.1

Disse o Senhor. Essa expressão é usada por muitas vezes, no Pentateuco, a fim de introduzir novos materiais; mas também para lembrar-nos da inspiração divina da Bíblia. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador de Yahweh. Algumas vezes lemos que somente ele recebia uma mensagem, para então implementá-la. De outras vezes, a mensagem era dirigida a Arão. E, ainda de outras vezes, ele transmitia uma mensagem diretamente ao povo. Existem *oito* fórmulas de comunicação no Pentateuco, o que comentei detalhadamente em Lev. 17.2.

2.2

Havia quatro estandartes. Cada três tribos tinha seu estandarte. Um estandarte servia para as tribos de Gade, Rúben e Simeão (lado sul); outro para as tribos de Aser, Dã e Naftali (lado norte); outro para as tribos de Zebulom, Judá e Issacar (lado leste); e ainda outro para as tribos de Benjamim, Efraim e Manassés (lado oeste). No hebraico, a palavra correspondente é *degel,* derivada do verbo "carregar," "colocar". Cf. Sal. 20.5 e Can. 6.4,10. A raiz significa "olhar", "contemplar". Ver Can. 5.9.

Insígnias. Estas pertenciam às "casas de seus pais", que talvez indiquem cada tribo que forma o grupo de três. Isso totalizaria doze insígnias. Mas há estudiosos que pensam em alguma unidade menor, como um regimento ou um clã; e, nesse caso, haveria mais de doze insígnias. Mas a Bíblia não nos informa o total das insígnias. O termo hebraico aqui é *'ot,* "sinal", "marca", indicando algum sinal miraculoso, alguma prova — era algum pendão com um símbolo. A tradição judaica tenta especificar o que na Bíblia é apenas geral, dizendo que o *sinal* de Judá era um leão; que Rúben tinha por sinal uma cabeça de homem; que Efraim tinha por sinal uma cabeça de boi; que Dã tinha por sinal uma águia, e que essas eram as quatro principais tribos. Os primeiros escribas dos manuscritos do Novo Testamento também usavam esses sinais para indicar os quatro evangelhos: Mateus (um homem ou querubim); Marcos (um boi); Lucas (um leão); e João (uma águia). Mas tudo isso não passa de arroubos da imaginação.

As mesmas fontes dizem-nos que o acampamento "secular" mais próximo ficava a uma distância de cerca de dois mil côvados ou viagem de um sábado, a partir do acampamento dos levitas. Ver Josué 3.4. Os acampamentos totais cobririam um total aproximado de oito quilômetros quadrados.

2.3

Banda do oriente. Esse era o lado favorecido, pois nessa direção volta-se a entrada do tabernáculo. Também era o lado do "sol nascente". Era naquela direção que começava cada novo dia. Judá obteve essa posição favorecida, em *reconhecimento* de seu *maior* prestígio. Além disso, era para leste que ficava o número maior do povo de Israel, as três tribos de Judá, Issacar e Zebulom, com um total de 186.400 homens em pé de guerra, de vinte anos para cima. Ver a planta baixa do tabernáculo, nas notas introdutórias ao capítulo 26 do Êxodo. Ver o gráfico sobre o arranjo das tribos, em redor do tabernáculo, imediatamente antes de começar a exposição do livro de Números. Embora composta por três tribos, essa unidade oriental tinha o nome de *Judá,* a principal tribos dentre as três. Essas três tribos estavam divididas em regimentos, talvez cada um com sua própria insígnia, embora só houvesse um estandarte identificador para todas as três tribos (ver as notas sobre o versículo anterior). Os escritores judeus posteriores informam-nos como cada estandarte estava decorado com pedras preciosas, com cores específicas etc. Mas parece haver aí o concurso da imaginação.

Naassom. Ele era o líder e o comandante militar da tribo de Judá. Ver as notas em Núm. 1.7 quanto a esse homem e seu pai, *Aminadabe.* Cada tribo tinha seu próprio *príncipe,* do que o primeiro capítulo deste livro nos informa detalhadamente. E cada um desses príncipes tornou-se um comandante militar, conforme nos informa este segundo capítulo de Números.

2.4

Setenta e quatro mil e seiscentos. Esse era o número dos homens judaítas com vinte anos para cima, capazes de guerrear (ver Núm. 1.3). Esse número aplica-se somente a Judá, conforme vemos em Núm. 1.27. Muitos críticos pensam que esses dados estatísticos envolvem grandes exageros. Já discuti sobre essa questão, com as idéias pró e contra, em Núm. 1.21. Ver o gráfico sobre os números das tribos, em seu primeiro e segundo censos, nas notas sobre Núm. 1.2.

2.5,6

A tribo de Issacar. Esta acampava-se ao lado da de Judá, como parte de três unidades: Judá, Issacar e Zebulom. O príncipe de Issacar era *Natanael* (ver as notas em Num. 1.8, juntamente com seu pai, *Zuar*). A tribo contava com cinqüenta e quatro mil e quatrocentos homens de guerra, conforme também fora dito em Núm. 1.29.

2.7,8

A tribo de Zebulom. Acampava-se com Judá e Issacar, formando uma unidade de três tribos, no lado oriental do tabernáculo. O príncipe dessa tribo era *Eliabe,* cujo pai chamava-se Helom. Comentei sobre esses nomes em Núm. 1.9. O número dos homens da tribo era de cinqüenta e sete mil e quatrocentos, conforme lemos também em Núm. 1.31.

2.9

Todos os que foram contados. Temos aqui o grande total, combinando Judá, Issacar e Zebulom, ou seja, cento e oitenta e seis mil e quatrocentos homens. Durante as marchas, essas três tribos lideravam o resto. Quando a nuvem se movia, essas *eram as tribos que se punham em movimento em primeiro* lugar. Ver no *Dicionário* o artigo *Coluna de Fogo e Nuvem.* Quando Israel entrava em batalha, também era Judá que dava início às ações (ver Juí 1.1,2). Cada divisão marchava de acordo com uma ordem de seqüência, com Judá sempre na vanguarda. Como em todos os casos, a tribo principal dava seu nome à unidade. Por isso mesmo, essa unidade de três era chamada *Judá.*

2.10,11

As três tribos que formavam a unidade do lado *sul, no arranjo das tribos em volta do tabernáculo,* eram Rúben, Simeão e Gade. O príncipe de Rúben era *Elizur,* filho de Sedeur, a respeito dos quais comentei em Núm. 1.5. O número total dos homens de guerra da tribo era de quarenta e seis mil e quinhentos.

2.12,13

A tribo de Simeão. Essa tribo fazia parte da unidade de Rúben, Simeão e Gade, que ocupava a parte sul do tabernáculo. O príncipe dessa tribo era *Selumiel,* filho de Zurisadai, sobre os quais comentei em Núm. 1.6. O número dos homens de guerra da tribo era de cinqüenta e nove mil e trezentos, como também vemos em Núm. 1.23.

2.14,15

A tribo de Gade. Essa tribo fazia parte da unidade de Rúben, Simeão e Gade, e ocupava a parte sul do tabernáculo. O príncipe dessa tribo era *Eliasafe,* filho de Deuel, acerca dos quis comentei em Núm. 1.14. O número dos homens de guerra da tribo era de quarenta e cinco mil, seiscentos e cinqüenta, conforme também vemos em Núm. 1.25.

2.16

Todos os que foram contados. Essa unidade de três tribos, Rúben, Simeão e Gade, consistia em cento e cinqüenta e um mil, quatrocentos e cinqüenta homens de guerra. Essa unidade, quando Israel punha-se em marcha, partia em *segundo* lugar, atrás da unidade composta por Judá, Issacar e Zebulom. Tal como em todos os casos, a tribo principal dava seu nome à unidade, ou seja, *Rúben.*

2.17

Israel, em marcha, preservava as mesmas quatro unidades gerais que havia quando estavam acampadas, em torno do tabernáculo. As quatro unidades de três tribos cada, avançavam em uma ordem específica, para que houvesse o máximo de eficiência.

O arraial. No hebraico temos a palavra *mahaneh,* que aponta para a congregação inteira de Israel. Ver sobre *congregação* nas notas sobre Êxo. 16.1. A palavra *mahaneh,* neste versículo, aponta para os quatro acampamentos que formavam uma só unidade, quer estivessem acampados quer estivessem em marcha.

A Ordem de Marcha das Tribos:

1. Judá	7. Efraim
2. Issacar	8. Manassés
3. Zebulom	9. Benjamim
4. Rúben	10. Dã
5. Simeão	11. Aser
6. Gade	12. Naftali

Os agrupamentos de Israel também obedeciam a divisões sanguíneas. No *sul*: Rúben e Simeão, primeiro e segundo filhos de Lia. Levi era o terceiro filho, mas seus descendentes tornaram-se a casta sacerdotal. Por isso, Gade, filho mais velho da criada de Lia, Zilpa, recebeu posição nesse grupo. *Leste*: Todos descendentes de Lia. Ver Gên. 35.23 ss. quanto à lista dos doze filhos de Jacó. *Oeste*: Um filho e dois netos de Raquel. *Norte*: Dois filhos de Bila e um filho de Zilpa.

Tipologia. Os laços naturais fortalecem os laços espirituais. Há certa unidade na variedade. Quando se instalaram na Terra Prometida, essas associações que as tribos tinham no deserto foram essencialmente mantidas. E laços naturais, pois, continuaram a fortalecer os laços espirituais.

2.18,19

As três tribos que formavam uma unidade no lado *oriental* eram Efraim, Manassés e Benjamim. *Efraim,* embora fosse o filho mais novo de José, é aqui mencionado em primeiro lugar, por ter recebido bênção maior que a de seu irmão, por parte de Jacó; com o tempo, seus descendentes tornaram-se a tribo mais forte das duas. Ver as notas sobre Núm. 1.10, em seu último parágrafo, quanto a comentários sobre essa situação. *Elisama* era o príncipe dessa tribo, e seu pai chamava-se Amiúde. Há notas sobre ambos os nomes em Núm. 1.10. O número dos homens de guerra dessa tribo era de quarenta mil e quinhentos, conforme também se vê em Núm. 1.33.

2.20,21

A tribo de Manassés. Essa tribo faz parte da unidade no lado *ocidental* do acampamento. Seu príncipe era *Gamaliel,* cujo pai chamava-se *Pedazur.* Comentei acerca de ambos em Núm. 1.10. O número de homens de guerra dessa tribo era de trinta e dois mil e duzentos, o mesmo número que figura em Núm. 1.35. Embora nascido primeiro, Manassés recebeu a bênção secundária da parte de Jacó. A questão é comentada em Núm. 1.10, último parágrafo.

2.22,23

A tribo de Benjamim. Benjamim fazia parte da unidade do lado *ocidental* do tabernáculo. Seu príncipe era *Abidã,* filho de Gideoni. Comentei sobre ambos os nomes em Núm. 1.11. Os homens de guerra dessa tribo era de trinta e cinco mil e quatrocentos, o mesmo número que aparece em Núm. 1.37.

2.24

Todos os que foram contados. Estão aqui em pauta as três tribos de Efraim, Manassés e Benjamim, isto é, cento e oito mil e cem. Com em todos os casos, a principal tribo da unidade dava nome a ela, ou seja, *Efraim.*

2.25,26

As três tribos que formavam a unidade do *norte* eram Dã, Aser e Naftali. O príncipe de Dã era *Aisar,* e seu pai se chamava Amisadai. Quanto a esses dois homens, ver as notas em Núm. 1.12. O total dos homens de guerra dessa tribo era de sessenta e dois mil e setecentos, o mesmo número que também parece em Núm. 1.39.

2.27,28

A tribo de Aser. Essa tribo fazia parte da unidade do *norte,* juntamente com Dã e Naftali. O príncipe dessa tribo era *Pagiel,* e o nome de seu pai era Ocrã. Ver sobre esses dois homens nas notas sobre Núm. 1.13. O número dos homens de guerra da tribo era de quarenta e um mil e quinhentos, o mesmo número que se vê em Núm. 1.41.

2.29,30

A tribo de Naftali. Essa tribo fazia parte da unidade do *norte,* juntamente com Dã e Aser. O príncipe dessa tribo era Aira, e o nome de seu pai era Enã. Ver as notas sobre Núm. 1.15 quanto a informações sobre esses dois homens. O número dos homens de guerra da tribo era de cinqüenta e três mil e quatrocentos, o mesmo número que ocorre em Núm. 1.43.

2.31,32

Todos os que foram contados. O grande total combinado foi de seiscentos e três mil, quinhentos e cinqüenta. Todos os alistados foram homens de vinte anos de idade para cima, capazes de guerrear. Assim sendo, sem dúvida havia mais de três milhões de pessoas em Israel, se contamos mulheres, crianças e homens e anciãos. O recenseamento (cap. 10) foi, essencialmente, uma convocação militar, e não uma contagem de todos os membros da congregação de Israel.

Segundo a casa de seus pais. Ou seja, os *clãs,* famílias, coletivamente falando.

Dos arraiais. Ou seja, os quatro acampamentos gerais, nos quatro lados do tabernáculo, não incluindo os levitas, que não foram contados. Muitos críticos pensam que esses números todos são exagerados. Essa questão é discutida, mostrando prós e contras, em Núm. 1.21. O *Israel espiritual* é incontável (ver Apo. 7.9).

2.33

Os levitas. Eles tinham sido uma tribo que o Senhor transformou em casta sacerdotal. Não foram numerados no censo. Ver sobre isso em Núm. 1.48,49. Essa casta sacerdotal foi numerada em uma ocasião posterior, conforme se vê no registro de Núm. 3.15 ss.

2.34

Uma vez mais, lemos que os israelitas *obedeceram cabalmente* aos mandamentos de Yahweh. Cf. Núm. 1.54. O arranjo das tribos estava realizado, cumprindo os requisitos divinos, expressos em Núm. 1.2,3, onde são usadas as mesmas expressões que se vêem neste versículo. Agora foram postos em marcha, começando no vigésimo dia do mês em que o censo foi determinado. Ver Núm. 10.11,12 quanto ao começo da marcha, e Núm. 1.1 quanto ao mês do ano. E assim o recenseamento foi terminado, e as tribos foram postas em ordem em cerca de três semanas.

Capítulo Três

A seção iniciada em Núm. 2.1 prossegue aqui. Essa porção enfatiza a *posição especial* dos levitas (Núm. 3.1-51), começando pelos filhos de Arão (Núm. 3.1-4) e continuando para mostrar os deveres dos levitas (Núm. 3.5-10). Os vss.

FORMAÇÕES TRIBAIS QUANDO ISRAEL MARCHOU

Linha da Marcha

1. Judá
2. Issacar
3. Zebulom

A VANGUARDA

4. Rúben
5. Simeão
6. Gade

O CENTRO DE TODAS AS ATIVIDADES DE ISRAEL

O Tabernáculo carregado pelos levitas

Os levitas em geral

7. Efraim
8. Manassés
9. Benjamim

A RETAGUARDA

10. Dã
11. Aser
12. Naftali

OBSERVAÇÕES:
Quando Israel acampava, o Tabernáculo era o centro de todas as atividades. Quando Israel marchava, o Tabernáculo era carregado no centro das formações tribais. A fé (culto) a Yahweh era a essência de Israel.

***

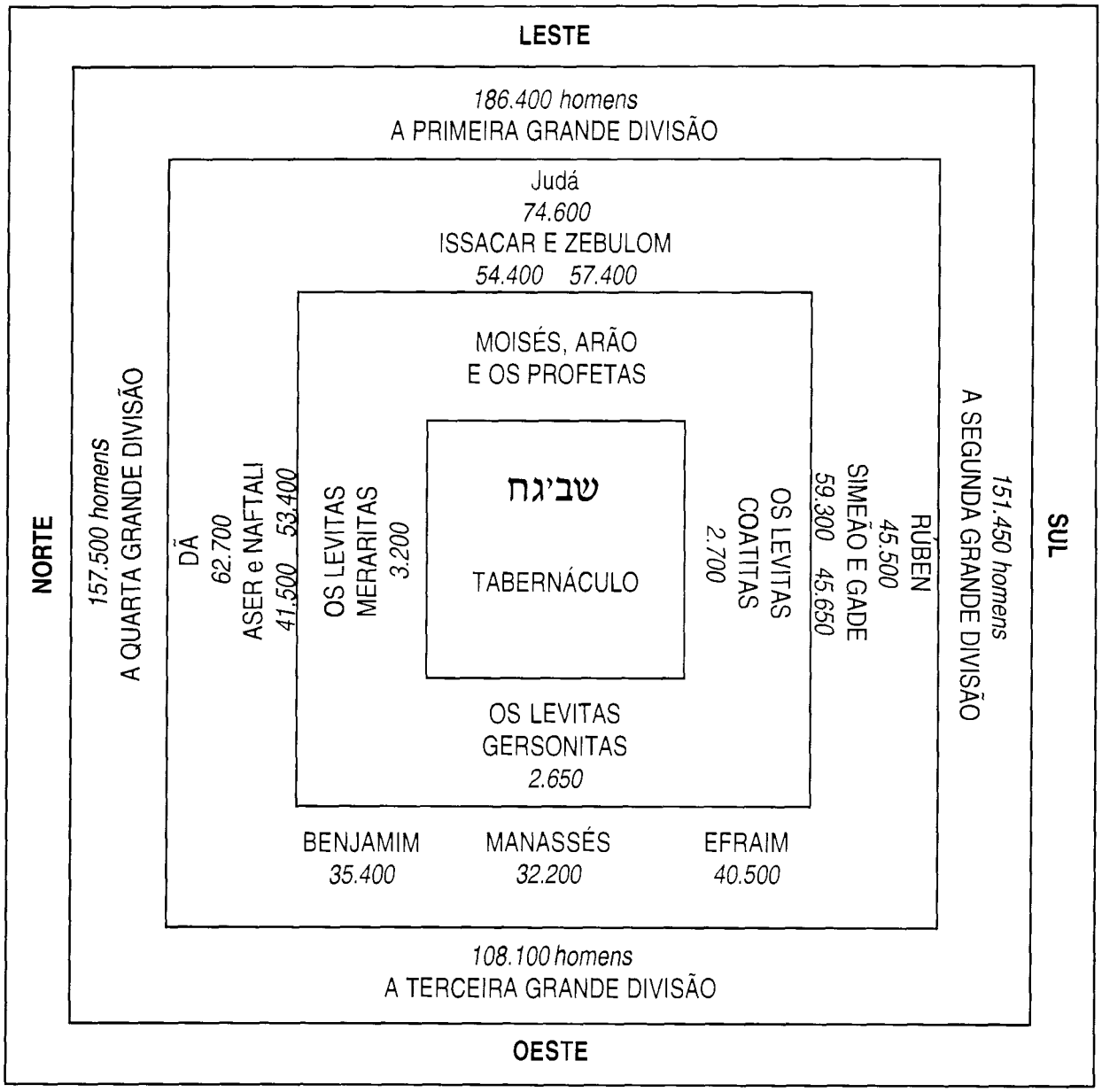
A DIREÇÃO DE DEUS NO DESERTO

A UNIDADE DE ISRAEL AO REDOR DO SAGRADO

Então partirá a tenda da congregação com o arraial dos levitas no meio dos arraiais; como se acamparam, assim marcharão, cada um no seu lugar, segundo os seus estandartes.

Números 2.17

A ORGANIZAÇÃO DE ACAMPAMENTOS TRIBAIS



Os cultos do Tabernáculo representavam o centro de toda a vida de Israel. A teocracia não permitia a existência de um governo secular (isto é, não-religioso). Os cultos eram apoiados por ofertas nacionais, das quais participavam todas as tribos. Os sacerdotes eram os líderes civis, bem como as figuras centrais da religião.

*** *** ***

Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne.

Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis.

Ezequiel 36.26-27

Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?

I Coríntios 3.16

11-13 fornecem a razão para ter sido escolhida a tribo de Levi. Em seguida, vimos a descrição das características e deveres especiais dos levitas, com maiores detalhes (Núm. 3.14-39). E, finalmente, aparece a enumeração dos primogênitos de Israel (Núm. 40-51).

Este terceiro capítulo de Números refere-se novamente à revelação de Yahweh no Sinai, lembrando-nos da posição especial dos levitas no culto divino. Arão era o sumo sacerdote, e os seus filhos eram os sacerdotes. A casta sacerdotal dos levitas estava dividida em três clãs, de acordo com sua filiação aos três filhos de Levi: Gérson, Coate e Merari (vs. 17). A razão para a seleção da tribo de Levi, para servir como casta sacerdotal, é dada em Núm. 3.11-13.

3.1

Os vss. 1-4 repetem essencialmente as informações que nos tinham sido dadas em Êxo. 6.25 e Lev. 10.1,2, cujas notas se aplicam aqui também. O culto divino tinha de ser efetuado por ministros autorizados, a saber, os levitas. Núm. 3.11-13 é trecho que nos dá a razão da seleção dos levitas para serem a casta sacerdotal. E os capítulos 28 e 29 fornecem, com detalhes, a *revelação dada a* Moisés, no monte Sinai, acerca de sua família, incluindo Arão e seus filhos, bem como os ofícios sagrados que eles receberiam e usariam, como meio de cumprirem os seus deveres. A linhagem sacerdotal que prestava serviço no tabernáculo, e então no templo, séculos mais tarde, vinha através de Arão, e não de Moisés, pelo que, neste texto, o nome de Arão aparece antes do de Moisés.

As gerações. Tal como em Gênesis 6.9 e 25.19, essa palavra denota a *história* da família, com seus vários membros. Moisés e Arão eram cabeças da tribo de Levi, por meio de quem atuava o propósito divino.

No monte Sinai. Ver sobre esse monte no *Dicionário*. Os dez mandamentos e então a legislação mosaica inteira foram dados por intermédio de Moisés, o mediador, no monte Sinai. Ver Êxo. 19.20; cap. 20; 24.16; 31.18; cap. 34; Lev. 7.38; 25.1; 26.46; 27.34. Parte dessa legislação dizia respeito aos serviços prestados pelos levitas.

3.2

Ver Êxo. 6.23 quanto a notas completas sobre as pessoas aqui mencionadas.

3.3

Os capítulos 28 e 29 de Êxodo fornecem-nos, com detalhes, a questão da consagração dos filhos de Arão e os deveres que lhes cumpria realizar. Ver também Lev. 8.1-13, *que fala sobre a consagração* dessas pessoas, *bem como* os tipos de sacrifícios que deviam oferecer. Moisés efetuou a consagração original de Arão, que se tornou assim o *sumo sacerdote* (ver a respeito no *Dicionário*). Depois disso, cada novo sumo sacerdote precisava ser consagrado pessoalmente, embora os sacerdotes não precisassem disso. Esses dependiam da primeira e *original consagração sacerdotal*. Ver as notas em Lev. 4.3 quanto ao "sacerdote ungido", ou seja, o sumo sacerdote, e a necessidade de repetição do ritual consagratório. Ver Êxo. 30.30, que se refere à unção da classe sacerdotal.

3.4

Nadabe e Abiú. A história da morte trágica desses dois irmãos, filhos de Arão, e as *razões* para isso, aparecem nas notas em Lev. 10.1,2. A mesma expressão usada ali aparece também aqui, "perante o Senhor", pois Yahweh vira o pecado deles, presumivelmente praticado no Lugar Santo, onde a presença divina repousava. A mesma presença que dá vida e abençoa pode matar quando pecados horrendos são cometidos.

Não tiveram filhos. Morrer sem filhos era considerado uma praga mandada diretamente por Deus, na opinião dos hebreus, visto que filhos eram tidos como herança do Senhor (ver Sal. 127.3). Os filhos daqueles homens teriam privilégios especiais no culto divino; em sua insensatez, porém, perderam tudo. E assim aquele privilégio passou primeiro para os irmãos deles, e então para os filhos deles.

Este versículo mostra-nos por que a linhagem sacerdotal, incluindo o ofício sumo sacerdotal, veio através de Eleazar e Itamar, e não através de Nadabe e Abiú. Somente os descendentes diretos de Arão podiam servir nessa capacidade. Todos os levitas tinham ministérios sacerdotais, mas somente os descendentes de Arão podiam tornar-se sumos sacerdotes.

Diante de Arão. Ou seja, durante o período de vida dele, serviram *com* ele, sob sua supervisão. Mas após a morte de Arão, eles serviram "em lugar" de Arão, ou seja, tomaram o seu ofício (conforme Chaskuni); a primeira idéia figura em Noldius, par. 731; e a Septuaginta traduz dessa maneira o versículo.

3.5

Os vss. 5-10 prossegue a fim de especificar alguns deveres dos levitas.

Disse o Senhor. Essa é uma expressão muito repetida no Pentateuco, a fim de introduzir alguma nova seção ou material, além de lembrar-nos da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1.

3.6

Devemos compreender aqui a consagração sacerdotal. Ver Êxo. 30.30. Essa consagração, no caso de sacerdotes comuns, ocorreu de uma vez por todas. Mas a consagração *sumo sacerdotal precisava repetir-se cada vez que um sumo* sacerdote entrava em seu ofício. Ver as notas sobre o "sacerdote ungido", em Lev. 4.3.

"A idéia é que os levitas eram simplesmente servos dos sacerdotes, embora não participassem do sacerdócio propriamente dito. Documentos antigos falam *em leigos que cumpriram funções sacerdotais* (ver Êxo. 24.5; Juí. 17.5). E também aludem a levitas que atuaram como sacerdotes (ver Juí. 17.10-13). E nem sempre os levitas aparecem ligados às atividades sacerdotais (ver Gên. 49.5-7). Até os tempos do Deuteronômio, parecia não haver restrição alguma do ofício sacerdotal aos membros de qualquer das tribos. Em Deuteronômio, porém, o *sacerdócio foi limitado aos descendentes de Levi*, e todos os levitas passaram a formar uma classe sacerdotal (ver Deu. 18.1-8; 33.8-11). E foi somente nos dias de Ezequiel que os levitas foram divididos em duas classes; os sadoquitas de Jerusalém continuaram como sacerdotes, ao passo que os demais tornaram-se subordinados daqueles (ver Eze. 44.9-16), porquanto estes últimos se tinham *tornado idólatras antes do exílio babilônico*. O autor sagrado antedata aqui essa distinção, considerando o ofício levítico não como um rebaixamento, e, sim, como uma grande honra" (John Marsh, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas*.

3.7

Encontramos aqui a razão para a maneira de viver, servindo no tabernáculo e ao povo. A essência dos deveres deles aparece na enumeração referida nos vss. 7-10 deste capítulo.

Uma Incumbência a Preencher. Yahweh era a fonte da incumbência ou comissão deles. No hebraico temos a palavra *mishmeret*, "obrigação", dando a entender uma instrução específica acerca de um dever imposto. A raiz desse termo significa "guardar", "observar". E uma forma nominal significa "guarda".

Tenho uma incumbência a guardar — um Deus eterno a glorificar.

"A tarefa específica dos levitas era cuidar do tabernáculo (vss. 7,8). Todavia, não podiam aproximar-se do santuário propriamente dito (vs. 10). Não podiam oferecer sacrifícios. Ocupavam uma posição subordinada, o que o autor John Marsh atribui a um período histórico posterior.

É feita distinção entre Arão e seus filhos e os demais levitas (ver Êxo. 28.1-5). Esses outros eram auxiliares dos sacerdotes.

"Eles fariam todo o trabalho por toda a congregação, e em lugar dos primogênitos" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver os vss. 11-13 deste capítulo acerca desse fato.

3.8

Terão cuidado de todos os utensílios. Todo o equipamento do tabernáculo foi entregue às mãos dos levitas; cuidar deles, repará-los, conduzi-los conforme Israel fosse mudando de um local para outro. Quanto aos particulares, ver os vss. 25,26,31,36,37. Em certo sentido, formavam uma equipe de manutenção do tabernáculo e de tudo quanto isso envolvia. Os levitas deveriam realizar as tarefas comuns e laboriosas. Eles desmanchavam o tabernáculo; levantavam-no; arranjavam seus móveis e utensílios. Desse modo, eles "serviam" os sacerdotes.

3.9

Darás, pois, os levitas. Temos aí o dom dos diáconos, se esse fosse o tempo do Novo Testamento. Os levitas eram ajudantes dos sacerdotes, que realmente se enfronhavam nos sacrifícios e em outros deveres, dentro do próprio tabernáculo. O sucesso de qualquer tarefa dependia de quão bem os ajudantes realizavam os seus deveres. Eles não tomavam decisões, mas executavam as decisões que lhes eram ordenadas. Nada planejavam, mas cumpriam esse planos. O sucesso de qualquer projeto dependia dos ajudantes; e estes compartilhavam a recompensa pelas tarefas bem-feitas. O hebraico é enfático aqui: "Dados, *dados foram* a eles". *Quem os tinha dado?* Yahweh.

Auxiliares. Esses são um dom para aqueles que se ocupam de algum projeto ambicioso. Ver essa repetição do ato de *dar* (no hebraico, *nethunu*), em Núm. 8.16, onde os levitas são retratados como "me são dados" ao Senhor, *em lugar* dos

primogênitos. Em data posterior, com uma leve alteração na grafia, os *nethinim* foram descritos como aqueles que realizavam trabalhos pesados, como cortadores de lenha e carregadores de água para a congregação e para o altar do Senhor (ver Jos. 9.27).

Os levitas eram mantidos pelos dízimos do povo, pelo que serviam de presente gratuito para os sacerdotes Essa era a porção da provisão divina para o projeto do tabernáculo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.*

3.10

Mas a Arão e a seus filhos. Em contraste com os levitas comuns, Arão e seus filhos trabalhavam no tabernáculo propriamente dito. Esses também tinham uma tarefa a cumprir. Era algo diferente, mas outro aspecto do culto divino. As duas categorias de levitas não viviam competindo uma com a outra. Pertenciam à mesma equipe. Os ciúmes profissionais às vezes dividem as pessoas de uma mesma equipe, e elas preferem ignorar esse fato. Quem determinava todos esses encargos era Yahweh; e o mediador era Moisés. Era Ele quem consagrava os vários tipos de sacerdotes e auxiliares (ver Êxo. 30.30).

Morte para os Intrujões. Nenhum homem, hebreu ou não, se não fosse um sacerdote, descendente de Abraão, podia entrar no tabernáculo e tocar em qualquer coisa. Tal intrujão devia ser judicialmente executado. Ou alguma praga divina atingiria tal pessoa, conforme o fogo mandado por Deus eliminou Nadabe e Abiú (vs. 4). Tudo isso fazia parte dos deveres dos levitas, garantindo que nenhum "elemento estranho" se aproximasse do tabernáculo. Ver Núm. 1.51 quanto à mesma declaração. A execução judicial usualmente se fazia por *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*), embora houvesse outras formas de execução, conforme se vê no gráfico nas notas introdutórias sobre o capítulo 18 de Levítico. Ver também, no *Dicionário,* o verbete intitulado *Punição Capital.*

3.11

Os vss. 11-13 deste capítulo fornecem-nos a *razão* para ter sido escolhida a tribo de Levi.

Disse o Senhor. Essa expressão é achada com freqüência no Pentateuco como artifício para introdução de novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1.

3.12

"Os vss. 11-13 são uma reinterpretação da antiga lei achada em Êxo. 13.2; 22.29,30; 34.19,20. Em lugar de terem de dedicar-se pela vida inteira ao serviço religioso, os *primogênitos* eram remidos mediante um *sacrifício* (ver Êxo. 13.13), pois o Senhor reivindicara os levitas em lugar deles (Núm. 8.16-19)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 12).

O Senhor havia poupado os primogênitos de Israel, ao passo que o anjo da morte não havia poupado os primogênitos do Egito. Tendo-os poupado, agora pertenciam, de modo absoluto, a Deus. Porém, em lugar dos primogênitos, a lei apresentou a tribo de Levi, que se tornou a casta sacerdotal, uma espécie de "casta de primogênitos", em lugar dos primogênitos de todas as famílias de Israel. Ver as notas sobre Êxo. 13.1-16. A implementação dessa nova lei é descrita em Núm. 3.40-51. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Primogênito.*

"Em resultado, os primogênitos das outras onze tribos de Israel eram *redimidos,* sendo apresentados ao Senhor quando tinham um mês de idade, *pagando* o preço da redenção, isto é, não mais do que cinco ciclos (Núm. 18.16). Esse dinheiro da redenção era entregue a Arão e seus filhos, como *compensação* pelos primogênitos, que pertenciam ao Senhor (Núm. 3.40 ss.). Mesmo assim, todos os filhos primogênitos eram apresentados de modo especial ao Senhor, e, presumivelmente, tinham elevados deveres a cumprir (Luc. 2.22,23), mesmo quando o Senhor Jesus já estava na terra.

3.13

Os primogênitos do Egito pereceram. O anjo do Senhor não os poupara. Em contraste, os primogênitos de Israel foram poupados pela misericórdia de Yahweh. Ao assim poupá-los, Yahweh tomou-os para si mesmo, para o Seu serviço. Tanto homens quanto animais foram assim consagrados a Deus. Os animais estavam sujeitos a sacrifício, pelo que dariam a sua vida. Os homens (primogênitos) também dariam as suas vidas, mas como um *sacrifício vivo* a Yahweh (ver Rom. 12.1,2 quanto a esse princípio espiritual).

Jesus pagou tudo, tudo quanto eu Lhe devia;
O pecado deixara sua mancha carmesim,
Mas ele a lavou e me deixou branco como a neve.

(W. J. Kirkpatrick)

Ver a história no capítulo 12 do livro de Êxodo. O povo inteiro de Israel, em certo sentido, era o primogênito de Yahweh (ver Êxo. 4.22), pelo que todos eles tinham privilégios e deveres especiais. Então a lei conferiu privilégios e deveres especiais à tribo (casta sacerdotal) de Levi.

Algumas Razões pelas quais a Tribo de Levi foi Escolhida. A tribo de Levi havia demonstrado um zelo especial pelo yahwismo. Eles destruíram a adoração ao bezerro de ouro (ver Êxo. 32.28). Ademais, era a menor das tribos, e também a mais conveniente para tornar-se uma casta sacerdotal e deixar de ser uma tribo. Eles tornaram-se um tipo de Cristo, de Sua Igreja e do culto divino. Ver Heb. 2.13; 12.13; Tia. 1.18; Rom. 8.23. A Igreja de Cristo também compõe-se de primogênitos e sacerdotes (Apo. 1.6; 7.15; 14.4).

3.14

Falou o Senhor. Temos aqui uma expressão muito repetida no Pentateuco, usada para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1.

Os vss. 14-19 dão-nos informações sobre o recenseamento dos levitas; e também sobre as tarefas e deveres dos vários ramos da casta sacerdotal. Os levitas tomaram o lugar dos primogênitos na adoração e no serviço divino, em Israel. Os levitas foram contados de um mês de idade para cima, e não a partir dos vinte anos, visto que formavam uma casta sacerdotal, e não um exército. Cf. Núm. 1.2,3.

3.15

Conta os filhos de Levi. Yahweh não permitiu que os levitas fossem contados juntamente com os membros das demais tribos de Israel, no recenseamento regular apresentado no primeiro capítulo. Ver o vs. 9 deste capítulo quanto a essa proibição. O censo das outras tribos foi como uma convocação para serviço militar, incluindo somente varões de vinte anos de idade para cima, capazes de ir à guerra (ver Núm. 1.2,3). Havia seiscentos e três mil varões, em números redondos, nessas condições. Isso faria com que a população total de Israel chegasse a não menos de três milhões de pessoas. Ver as notas sobre Núm. 2.32 quanto ao grande total de homens capazes de ir à guerra. *Em contraste* com isso, os levitas foram contados desde os infantes de um mês de idade, pois era com essa idade que os filhos primogênitos eram resgatados. Quanto à redenção dos *primogênitos,* ver minhas explicações em Núm. 3.12. Os levitas tomaram o lugar daquele sistema de acordo com o qual os primogênitos de cada família tinham deveres especiais quanto à promoção do yahwismo. Ver Núm. 18.16 quanto à redenção dos primogênitos com um mês de idade. Somente *varões* estavam envolvidos, como também somente *varões* podiam mostrar-se ativos na casta sacerdotal. Ver os vs. 40.,43 quanto a outra informação acerca do fato de que os levitas foram contados incluindo até os infantes com um mês de idade.

Uma tribo estava dividida em clãs ou casas paternas, e esses clãs, por sua vez, estavam divididos em famílias. O recenseamento deveria descer a todas as divisões possíveis em famílias e indivíduos. As três divisões dos filhos de Levi eram os clãs (descendentes) dos três filhos dele: Gérson, Coate e Merari (ver Núm. 3.17).

3.16

Temos aqui a *nota de sumário,* que afirma que Moisés fez tudo quanto lhe foi ordenado. Esta e notas similares aparecem no final de alguma seção. Essas notas nos dão a certeza de obediência absoluta. Ver o comentário sobre essa questão, com vários exemplos de versículos semelhantes, em Núm. 1.54. Arão também participou desse censo, e sem dúvida havia vários ajudantes (vs. 29). Ver Núm. 4.46 quanto à ajuda prestada por outras pessoas.

3.17

A casta sacerdotal de Levi descendia de seus três filhos. Ver os seguintes artigos a respeito, no *Dicionário: Levitas; Sacerdotes e Levitas; Gérson* (ver Êxo. 2.22); *Coate, Coatitas;* e, finalmente, *Merari (Meraritas).*

Quanto às famílias (clãs) dos levitas, ver Êxo. 6.16-19. Cada um do três clãs principais estavam subdivididos em várias divisões menores, conforme se vê nos versículos seguintes deste capítulo.

"A prole imediata de descendentes de Levi: Gérson, Coate e Merari, aqueles que desceram com ele para o Egito (Gên. 46.11)" (John Gill, *in loc.*).

3.18

Filhos de Gérson. Esse clã estava subdividido em dois ramos principais, descendentes de *Libni* e *Simei,* filhos dele. Ver sobre *Libni, Libnitas,* em Êxo. 6.16,17. No *Dicionário* ver sobre *Simei.* Ver o primeiro ponto daquele artigo. Vários outros personagens do Antigo Testamento tinham esse mesmo nome.

3.19

Os filhos de Coate. Eram os coatitas, subdivididos em quatro ramos, cada ramo descendente de um dos filhos de Coate. Ver sobre os quatro nomes a seguir:

Amrão. Era filho do levita Coate; ou, conforme dizem alguns, um descendente mais distante dele. Era marido de Joaquebede e pai de Moisés, Arão e Miriã (ver Êxo. 6.18,20; 26.59; I Crô. 6.3). Seus descendentes eram os amramitas e receberam deveres especiais no trabalho do tabernáculos, nos dias de Moisés. Algumas versões da Biblia em português grafam seu nome com a forma de Anrão.

Jizar. Também chamado Izar. Ver as notas expositivas sobre ele em Êxo. 6.18.

Hebrom. Ver as notas sobre ele em Êxo. 6.18.

Uziel. Ver sobre ele no *Dicionário,* no primeiro ponto. Vários outros homens, no Antigo Testamento, têm esse nome.

O vs. 27 deste capítulo dá o nome dos clãs de descendentes dessas pessoas.

3.20

Os filhos de Merari. Estavam subdivididos em dois subclãs, ou seja, o de *Mali* e o de *Musi.*

Mali. Ver as notas em Êxo. 6.19.

Musi. Ver no *Dicionário* o verbete *Musi (Musitas).* No hebraico, essa palavra significa "sensível". Esse era o nome de um dos filhos de Merari, que, por sua vez, era filho de Coate (ver Êxo. 6.19; Núm. 320; I Crô. 6.19,47; 23.21,23; 24.26,30). O clã que descendia de Musi tornou-se conhecido como os *musitas* (Núm. 3.33; 26.58). A esse clã foram dados deveres especiais relacionados ao culto do tabernáculo (ver Núm. 1.36 ss.).

3.21

Este versículo repete os elementos do vs. 18, onde são dadas as notas que também se aplicam aqui. Os clãs mencionadas são agora numerados.

3.22

Todos os homens. A começar pelos meninos de um mês de idade, todos foram contados. A razão disso aparece nas notas sobre o vs. 15 deste capítulo. O subclã dos *libinitas* e o subclã dos *semeitas* totalizaram sete mil e quinhentos homens.

3.23

Se acamparão atrás do tabernáculo. E a certa distância deles ficavam os acampamentos "seculares" das outras tribos de Israel. Ilustrei isso com o gráfico dado imediatamente antes da exposição em Núm. 1.1. Os *gersonitas* tomaram posição no lado *ocidental* do acampamento interior, ou seja, o lado do tabernáculo onde estava o Santo dos Santos.

3.24

O príncipe... será Eliasafe. "Quem ele era e de qual das famílias dos gersonitas, os libnitas ou os simeitas, não é dito nem aqui nem em outro lugar, e nem os escritores judeus, que se julgavam conhecedores de tudo, pretenderam esclarecer o ponto" (John Gill, *in loc.*). Sabemos apenas que ele encabeçava o trabalho desse clã, e que a eles cabia cuidar das coberturas do tabernáculo, bem como das cortinas do átrio e do altar principal, conforme aprendemos nos versículos que se seguem. O nome dele significa "Deus acrescentou". Outra pessoa também recebe esse nome, mencionada em Núm. 1.14.

Lael. Ele era o pai de Eliasafe. Seu nome significa "consagrado a El (Deus)". Nada sabemos acerca ele, exceto o que aparece neste versículo.

3.25,26

Os filhos de Gérson terão a seu cargo. A eles cabia cuidar, reparar, proteger e transportar várias porções do tabernáculo. Isso incluía duas das *três cortinas,* que eram usadas como portas. Os coatitas cuidavam da *terceira* cortina (ver o vs. 31), ao passo que os gersonitas cuidavam das outras duas. Sobre essas cortinas, ver as notas acerca de Êxo. 26.36. Além disso, cuidavam das *coberturas* (as peles e os tecidos) do tabernáculo. Ver Êxo. 26.14, sobre as cobertas de peles de carneiros e de animais marinhos. O termo hebraico *mikseh,* "cobertura", parece incluir as *duas* cobertas descritas naquele versículo. As *cortinas do pátio* (vs. 26) falam sobre as "paredes" do átrio do tabernáculo, com 50 m de comprimento e a metade disso de largura (ver Êxo 27.9-13). O *reposteiro* era a primeira e mais externa cortina, que formava a porta de entrada para o átrio (ver Êxo. 27.16). As *cordas* amarravam as cortinas a pinos de metal, fixados no solo, para dar sustentação às "paredes". Mas Jarchi faz essas cordas servir às paredes do tabernáculo, e não às paredes externas do átrio. O cuidado pelas cordas do átrio foi entregue aos meraritas (vero vs. 37).

3.27

Este versículo repete a informação dada no vs. 19, cujas notas também têm aplicação aqui. Os nomes foram repetidos meramente para dizer-nos agora que *eles* foram numerados e receberam tarefas específicas no tocante aos cuidados e reparos de certas porções do tabernáculo. Moisés e Arão foram incluídos nesse ramo dos levitas, visto que *Amrão* era o pai deles.

3.28,29

Os homens. Começando pelos infantes de um mês de idade, foram todos enumerados. Ver sobre a razão para tão tenra idade, nas notas sobre o vs. 15. Os quatro subclãs, mencionados no vs. 27, quando somados seus totais, orçaram em oito mil e seiscentos. Esses acamparam-se no lado *sul* do tabernáculo. Ver o gráfico dado imediatamente antes da exposição em Núm. 1.1, que ilustra os acampamentos, a tribo mais interior (sacerdotal) e as demais (tribos periféricas). Quanto à *planta baixa* do tabernáculo, o centro de toda a vida em Israel (Deus no meio de Seu povo), ver Êxo. 26.1, notas introdutórias.

3.30

Elisafã. Algumas versões portuguesas dizem aqui Elisafá. Esse nome significa "Deus é protetor". Ver sobre esse nome no *Dicionário,* primeiro ponto, quanto a completos detalhes.

Uziel. Ver a seu respeito no *Dicionário,* primeiro ponto.

3.31

Terão eles a seu cargo. Encontramos aqui os deveres dos coatitas. A eles cabia cuidar, proteger e reparar os objetos santos do tabernáculo, como a arca, a mesa dos pães da proposição, o candeeiro de ouro, os dois altares e os muitos vasos usados no culto sagrado, como também o véu, ou seja, a *terceira* cortina, aquela que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Ver as notas sobre as três cortinas em Êxo. 26.36. Os gersonitas cuidavam das outras duas cortinas e das coberturas. Ver as notas sobre os vss. 25 e 26.

3.32

Eleazar. Ver sobre esse homem no *Dicionário,* em seu primeiro ponto. As versões portuguesas da Bíblia contêm algumas variantes. Houve várias pessoas com esse nome, no Antigo Testamento. Esse nome significa "Deus é ajudador".

Esse filho de Arão, agora o filho mais velho sobrevivente, atuava como uma espécie de superintendente geral, exercendo autoridade sobre os várias clãs sacerdotais, segundo se vê nas notas sobre o vs. 18 deste capítulo. Os chefes de cada clã estavam sujeitos à sua autoridade, e ele mesmo estava sujeito a Arão. Logo, Eleazar era uma espécie de "segundo homem" no comando. Ele era o primeiro chefe das famílias, os amramitas (vss. 19,27).

3.33

Este versículo reitera a informação dada no vs. 20. E agora os nomes são reiterados a fim de que seus números e deveres lhes sejam prescritos.

3.34

Todos os homens. Foram contados todos os varões, a partir de um mês de idade para cima, por razões comentadas nas notas sobre o vs. 15. Os dois subclãs totalizaram, juntos, seis mil e duzentos homens. Esse segmento da casta sacerdotal era o menos numeroso dos três.

3.35

Zuriel. No hebraico, "Deus é rocha" ou "rocha de Deus". Ele era levita, filho de Abiail. Era chefe dos meraritas, no deserto do Sinai. Era o responsável pela

participação de seu clã no culto do tabernáculo. Nada se sabe acerca dele, exceto o que fica implícito neste versículo. Não somos informados se ele era da família de Mali ou da família de Musi (vs. 20).

Abiail. Ver no *Dicionário* acerca desse nome, terceiro ponto. Era pai de Zuriel, mas não temos nenhuma informação adicional acerca dele. Seu nome significa "pai da luz" ou "esplendor".

Os meraritas acampavam-se no lado *norte* do acampamento interior, ocupado pelos levitas. Ver o gráfico antes do início dos comentários, quanto a uma ilustração dos acampamentos.

3.36,37

Os filhos de Merari. Temos aqui os deveres desse clã dos levitas. Cabia-lhes cuidar do arcabouço e da madeira do tabernáculos, bem como dos ganchos e de outros objetos relacionados ao arcabouço de madeira. Ver Êxo. 26.15-30 (quanto ao arcabouço); e Êxo. 27.9-19 (quanto às colunas).

3.38

Diante do tabernáculo... Moisés e Arão. O acampamento dos dois principais líderes ficava para o lado oriental, diante da entrada do tabernáculo, de onde surgia o sol a cada manhã. Ali acampavam-se Moisés, Arão e seus filhos, os que se envolviam diretamente no serviço sagrado do tabernáculo. Moisés era o mediador entre Yahweh e os israelitas; Arão era seu braço direito, e ele foi o primeiro Sumo Sacerdote. Os dois filhos de Arão, Eleazar e Itamar (vs. 1), eram seus principais auxiliares.

O lado *oriental* era o lado favorecido, segundo já vimos em Núm. 2.3,4. Nos "acampamentos seculares" era Judá que ocupava o território naquela direção, sendo essa a tribo mais importante e influente em Israel.

Morrerá. Qualquer estranho, mesmo que fosse um hebreu sem autorização, ou seja, que não fosse sacerdote, caso se aproximasse do tabernáculo, a menos que viesse oferecer algum sacrifício, ou caso adentrasse o tabernáculo, que era estritamente proibido, seria morto, provavelmente por apedrejamento (ver a respeito disso no *Dicionário*). Ou alguma praga ou juízo divino haveria de feri-lo. Neste caso, o castigo viria pela "mão do céu", conforme diz o Targum de Jonathan. Cf. Núm. 1.51 e 3.10, onde é registrada a mesma ameaça. Entre os deveres dos levitas estava o de impedir que qualquer estranho se aproximasse dos recintos sagrados.

3.39

Todos os que foram contados. Todos os clãs, famílias e indivíduos, de um mês de idade para cima, totalizaram vinte e dois mil (ver Núm. 3.15).

Uma Discrepância. Se totalizarmos todos os números dados até este ponto do capítulo, envolvidos no censo da casta sacerdotal de Levi, obteremos vinte e dois mil e trezentos, ou seja, trezentos mais do que vinte e dois mil. Várias tentativas têm sido feitas para aliviar a situação:

1. *Vinte e dois mil* é um número arredondado. Mas a maioria dos eruditos pensa que não havia razão suficiente para o autor sacro arredondar um número quando, o tempo todo, ele vinha dando números exatos; no primeiro capítulo ele também deu números exatos e não se importou em arredondar ao menos uma das cifras.
2. *Muitos eruditos,* antigos e modernos, supõem que vinte e dois mil seja o número certo, e que algum erro foi feito no cálculo anterior. Visto que as letras hebraicas eram usadas como algarismos, e visto que algumas delas tinham formato bastante parecido com outras, seria fácil substituir uma letra por outra, resultando em outra cifra. Adam Clarke (*in loc.*) supõe que, no caso dos gersonitas (vs. 27), deveríamos ler sete mil e duzentos, e não sete mil e quinhentos. Se *caph* (a letra que valia 500) viesse a substituir *resh* (a letra que valia 300), o problema estaria resolvido. Essas duas letras eram por demais parecidas, e uma poderia ser substituída facilmente pela outra.
3. *Ainda outros estudiosos* supõem que o excesso de trezentos consista nos primogênitos dos levitas; e essas pessoas, como é óbvio, não serviam para remir um número igual de primogênitos de outras tribos. Assim, não foram incluídos no número daqueles que serviam de redenção. Se esses trezentos fossem deduzidos do total, teríamos os vinte e dois mil. Ver os vss. 40-51. O Talmude foi o primeiro a sugerir essa solução. Mas isso faria o número de famílias levíticas tornar-se fantasticamente grande.
4. *Outros ainda* manipulam as cifras do vs. 28 da mesma maneira que alguns manipulam os números do vs. 27. Eles reduzem oito mil e seiscentos para oito mil e trezentos, substituindo o termo hebraico *shalosh* em lugar de *shesh,* que indicam, respectivamente trezentos e seiscentos.

Não há maneira certa de explicar as diferenças nos números envolvidos, e mesmo o problema não é importante, exceto para duas classes de pessoas: os fundamentalistas extremados, que pretendem obter harmonia a qualquer custo, para efeito de conforto mental; e os céticos, que estupidamente supõem que essas aparentes discrepâncias possam ser usadas para anular a fé religiosa. Mas a verdade religiosa dispensa essas harmonizações. Tais problemas nada significam para a espiritualidade.

3.40

Disse o Senhor. Essa expressão é usada com freqüência no Pentateuco, a fim de introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da inspiração divina da Bíblia. Ver a questão comentada em Lev. 1.1 e 4.1.

Fórmulas de Comunicação. Há *oito* dessas fórmulas. Algumas vezes o recado de Yahweh era dirigido somente a Moisés; de outras vezes, Moisés o transmitia a Arão e seus filhos; e ainda de outras vezes, era dirigido ao povo em geral. Ver sobre essas três fórmulas de comunicação, em Lev. 17.2.

Este versículo repete a ordem dada no vs. 15. O censo levado a efeito era agora usado para redimir os *primogênitos.* Os levitas substituiriam os primogênitos no culto divino, e esse culto sofreria grande revolução no culto do tabernáculo. Ver Núm. 3.13 quanto a essa questão, com razões pelas quais a tribo de Levi foi escolhida para substituir os primogênitos e assim tornou-se uma casta sacerdotal, e não uma tribo, no mais pleno sentido da palavra.

Os levitas tinham de ser contados a fim de fazerem a mais completa redenção numérica possível dos primogênitos. O número tinha de *coincidir essencialmente,* e a diferença seria compensada de alguma outra maneira, como o pagamento de uma soma em dinheiro, como redenção. O excedente foi remido à taxa *de cinco siclos por pessoa (ver os vss. 50,51).*

Os primogênitos egípcios morreram; os primogênitos de Israel tornaram-se um sacrifício vivo; os levitas substituíram-nos naquele tipo de sacrifício. Ver Rom. 12.1,2 quanto ao princípio espiritual envolvido.

3.41

(Eu sou o Senhor). Algumas vezes achamos a forma "Eu sou o Senhor vosso Deus". Essas expressões foram usadas para aumentar a ênfase de um texto, injetando a autoridade de Yahweh em alguma ordem. Ver a expressão comentada em Lev. 18.30.

Os *levitas,* por ordem de Yahweh, deveriam *substituir os primogênitos (ver o* comentário em Núm. 3.13, e no vs. 40 deste capítulo). Uma nova ordem de culto deveria substituir aquela ordem em que o chefe de cada família era o sacerdote. Uma casta sacerdotal haveria de cuidar, doravante, do culto divino, e o tabernáculo seria a sua sede. A nova ordem envolvia até os animais. Esses animais terminariam sacrificados no tabernáculo. Os levitas poriam fim aos sacrifícios de vida inteira. De ambos os modos, a dedicação deveria ser absoluta.

No *período patriarcal,* os chefes de família *e* os primogênitos exerciam funções sacerdotais; mas, formalmente, somente os primogênitos seriam substituídos. Os chefes de família continuavam com suas funções sacerdotais, embora não de maneira formal, institucionalizada. A nova ordem de sacerdotes só podia ser convocada dentre os filhos de Arão, a casta sacerdotal. Essa casta deveria servir á nação inteira. Ver Núm. 3.11-13 quanto a uma explicação preliminar sobre a questão, que agora aparece em maiores detalhes.

3.42

Contou Moisés. Vemos aqui a atitude de obediência de Moisés. O autor sumariou o ato do recenseamento com propósito de fazer redenção, por essa pequena observação sobre o *dever* que se tinha cumprido. Esse tipo de sumário é comum no Pentateuco. Ver notas sobre isso em Núm. 1.54.

3.43

Vinte e dois mil duzentos e setenta e três. Mais problemas numéricos. Consideremos estes três pontos:

1. O número vinte e dois mil, duzentos e setenta e três é pequeno demais para os primogênitos de Israel, se considerarmos que havia cerca de seiscentos mil varões de vinte anos para cima, aptos para o serviço militar. Assim, a população masculina total deve ter orçado em pelo menos um milhão e meio de pessoas. Cada *família* deveria ter cerca de setenta membros. Um milhão e meio divididos por vinte e dois mil, dá pouco mais de sessenta e oito. Para contornar essa dificuldade, alguns intérpretes supõem que o total de primogênitos mencionado comportou somente aqueles que nasceram depois que Israel saiu do Egito, embora não expliquem a razão dessa restrição.
2. Ou poderíamos supor que os primogênitos aqui mencionados se tivessem limitado até os varões com vinte anos de idade, que não haviam sido incluídos no recenseamento. Mas *a razão* de tal restrição também não é esclarecida.
3. Ou ainda os primogênitos seriam somente os nascidos *depois* que a tribo de Levi se tornou a casta sacerdotal. Nesse caso, a ordem não foi retroativa até o

êxodo. Mas por igual modo não somos informados da *razão* dessa restrição.

Parece que é melhor simplesmente reconhecer que não sabemos explicar o problema. E também não importa que sejamos capazes de dar essa explicação, tal como se dá com o problema numérico do vs. 39 deste capítulo.

O Excesso. Houve um excesso de duzentos e setenta e três israelitas *primogênitos,* acima do número dos levitas. Esses duzentos e setenta e três tiveram de ser remidos a dinheiro, conforme é explicado nos vss. 50,51.

3.44

Disse o Senhor. Temos aqui uma fórmula constantemente repetida no Pentateuco, usada para introduzir novos materiais e também para lembrar-nos da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Há também *oito* fórmulas de comunicação. Yahweh falava com Moisés. E este transmitia os recados divinos a Arão e seus filhos, ao povo de Israel etc. Ver as notas em Lev. 17.2.

3.45

Este versículo reitera a informação dada em Núm. 3.12,13, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Ver também Núm. 3.40 quanto a outros detalhes.

Eu sou o Senhor. A forma mais longa dessa frase é "Eu sou o Senhor, vosso Deus". Essas inserções do nome divino adicionam a autoridade de Yahweh ao mandamento. Ver as notas sobre Lev. 18.30 quanto a explanações completas.

3.46

Os vinte e dois mil levitas tomariam o lugar de um igual número de primogênitos, e então ocupar-se-iam de suas funções sacerdotais. Mas houve um excesso de duzentos e setenta e três primogênitos, que não puderam ser substituídos por levitas. Esses seriam remidos a dinheiro, segundo se vê nos vss. 50 e 51.

3.47

Duzentos e setenta e três excedentes seriam remidos por *cinco ciclos* do santuário, cada um. O siclo do santuário valia mais que o siclo ordinário. Ver no *Dicionário* o verbete geral intitulado *Dinheiro,* seção II, onde explico o que se conhece acerca do siclo. Ao que parece, no início o siclo era uma medida fenícia, que depois foi adotada pelos babilônios. Foi somente então que começou a ser usada a *gera,* pelo que o texto diante de nós é um anacronismo, refletindo uma data posterior do livro de Número, ou então uma adição escribal posterior. Não há como relacionar esse peso em prata com os valores atuais; mas alguns eruditos dizem-nos que um siclo correspondia a um mês de salário de um homem comum. Se isso está com a razão, então o preço da redenção de um filho primogênito valia cerca de cinco meses de labor. Quanto a informações adicionais sobre o ciclo, ver as notas sobre Lev. 27.25 e Êxo. 30.13.

3.48

Os recolhedores do dinheiro (peso em prata) seriam Arão e seus filhos, ou seja, o sacerdócio. Esse dinheiro era usado para pagar as despesas com o culto do tabernáculo e para sustentar o sacerdócio. Em outras palavras, o dinheiro era canalizado para o ministério. Ainda não eram cunhadas moedas nos dias de Moisés; por isso eram usados pesos em metal (e outros tipos de medidas).

3.49

Moisés, o mediador, recebeu todo o dinheiro. Então este foi entregue às mãos de Arão, a fim de ser distribuído e usado da maneira apropriada. Valia pelo resgate das duzentas e setenta e três pessoas, conforme explicado no vs. 47 deste capítulo.

3.50

Multiplicando-se duzentos e setenta e três por cinco, obteremos a cifra de mil, trezentos e sessenta e cinco, que lemos neste versículo. Ver o vs. 47 e suas notas quanto a várias referências sobre o *siclo.* Aquele foi um pagamento feito de uma vez por todas. Desse modo, os primogênitos foram liberados de deveres sacerdotais, e os levitas puderam entrar nesses deveres, sob outra forma, visto que a atividade deles seria no tabernáculo, que antes disso ainda não existia.

Tipologia. Não fomos remidos mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, e, sim, mediante o sangue de Cristo (I Ped. 1.18,19). Ver também Heb. 2.9 e o artigo existente no *Dicionário,* chamado *Redenção.*

3.51

Moisés foi o mediador do dinheiro. Esse dinheiro destinava-se ao sacerdócio e ao culto do tabernáculo. Foi entregue primeiramente nas mãos de Arão, como sumo sacerdote, o qual sabia como distribuí-lo.

Como o Senhor ordenara a Moisés. A obediência foi perfeita, porquanto a palavra de Yahweh foi respeitada. Pequenos sumários que mencionam a atitude de *obediência* são comuns no Pentateuco. Ver as notas sobre Núm. 1.54, onde aparece certo número de referências.

Dei a minha vida por ti,
Meu sangue precioso verti,
Para que fosses comprado,
E dentre os mortos levantado.

Dei minha vida por ti,
Que tens dado a Mim?

(Francis **R.** Havergal)

Capítulo Quatro

Números e Deveres dos Levitas (4.1-49)

Os Coatitas (4.1-20)

Entre as *três* divisões gerais do sacerdócio (descendentes dos três filhos de Arão, vs. 17), os coatitas pareciam ter recebido a autoridade primária. Isso é indicado pelo fato que eles aparecem aqui em primeiro lugar, e são descritos com maiores detalhes do que no caso das outras duas divisões. Agora foi tomado um censo de todos os varões entre os trinta e os cinqüenta anos de idade, sendo essa a faixa etária em que os levitas desempenhavam suas funções. O terceiro capítulo diz-nos como os levitas transformaram-se de uma das tribos em uma casta sacerdotal, e como eles tomaram o lugar dos *primogênitos* em seus deveres sacerdotais. Agora o quarto capítulo dá-nos detalhes sobre como o serviço deles começou. O censo deste capítulo difere daquele historiado no terceiro capítulo. Aquele tinha por intuito determinar como redimir os primogênitos, envolvendo todas as pessoas de um mês de idade para cima. Mas este censo envolveu os adultos aptos a cuidar dos deveres sagrados. Cf. Núm. 8.23-25. "Os coatitas tinham uma distinção especial entre os levitas, pois estavam encarregados das *coisas santíssimas* e agiam sob a supervisão direta de Eleazar (ver Núm. 3.31,32)" (*Oxford Annotated Bible,* sobre Núm. 4.4). As *coisas santíssimas,* sobre as quais ele estava encarregado, são enumeradas nesta passagem. Núm. 8.24 indica que os levitas serviam em alguma capacidade mesmo fora desses limites de idade. Isto é, dos vinte e cinco anos de idade em diante. I Crônicas 23.24 fala em vinte anos. Ver sobre Núm. 4.3 quanto a detalhes.

4.1

Disse o Senhor. Essa é uma mui repetida expressão no Pentateuco, empregada para introduzir matéria nova. E também nos lembra da inspiração divina da Bíblia. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador de Yahweh. As mensagens que ele recebia eram então transmitidas a Arão, a Arão e seus filhos ou ao povo inteiro de Israel. Há *oito* fórmulas de comunicação. Isso é comentado em Lev. 17.2.

4.2

Levanta o censo. Foi ordenada outra contagem, a terceira até este ponto do livro de Números. A *primeira* foi uma espécie de convocação militar (cap. 1). A *segunda* envolveu os levitas, de um mês de idade para cima, com o propósito de redimir os primogênitos (cap. 3). E a *terceira* foi dos levitas, na faixa de idade entre os trinta e os cinqüenta anos de idade, com o propósito de averiguar quantos podiam ocupar-se dos deveres sacerdotais (cap. 4).

Dos filhos de Levi. Ou seja, Gérson, Coate e Merari (ver Núm. 3.17, onde cada nome é examinado e referências prestam informações sobre esses três homens). Os *clãs* dos levitas descendiam desses três filhos de Levi, a casta sacerdotal que deixou de ser uma das doze tribos de Israel.

Coate. Ver no *Dicionário* o artigo *Coate, Coatitas,* quanto a informações completas. Coate era o segundo dos filhos de Arão, mas seu clã acabou tendo a

maior importância, pois cuidava das *coisas santíssimas*, conforme descrito em Núm. 3.31. *Moisés e Arão* pertenciam à divisão dos coatitas. Todas as famílias foram enumeradas, as quais, por sua vez, formavam subclãs, e que, em seu conjunto, formavam o clã geral dos coatitas.

4.3

A idade estipulada para o serviço dos *levitas em serviço ativo* ficava entre os trinta e os cinqüenta anos; e este censo só incluiu esses. O trecho de Núm. 8.24 mostra que eles também podiam servir fora dessa faixa de idade. Alguns estudiosos supõem que as diferenças fossem determinadas pelo *tipo* de serviço que eles estivessem prestando. A idade de *vinte e cinco anos,* aludida no capítulo oitavo, aparece neste versículo segundo a versão da Septuaginta. O livro de Esdras e I Crô. 23.24 falam em vinte anos de idade. Talvez, em diferentes épocas, variasse a idade do início do serviço ativo. Talvez cinco anos fossem passados em *preparação* (dos vinte e cinco aos trinta anos). Mas o serviço real começava aos trinta, embora aqui o texto não toque no assunto. *Trinta* anos foi a idade em que João Batista e Jesus deram início a seu ministério *público,* e esse número pode ter sido influenciado pelas regras atinentes aos levitas, conforme vemos no presente capítulo.

4.4

É este o serviço. No hebraico temos o termo *zaba*, palavra essa que originalmente denotava o serviço militar. Ao usá-lo, o autor sacro talvez quisesse chamar atenção para o fato de que o serviço sagrado era uma espécie de guerra contra o pecado e a idolatria, uma maneira de fazer avançar as hostes de Yahweh contra o mal. Ver Efésios 6.11 ss. quanto à metáfora militar no tocante à vida cristã. Ver também II Timóteo 2.3, onde lemos que Timóteo fora chamado para ser um "bom soldado" de Cristo. Esses soldados são *escolhidos* pelo próprio Comandante-em-chefe, conforme lemos em II Timóteo 2.4.

Tenda da congregação. Ver no *Dicionário* o artigo *Tabernáculo.* A cena principal dessa atividade ocorria no tabernáculo, e eles eram os responsáveis por esse importante aspecto do culto divino. Tal serviço era prestado em prol de todo o povo de Israel. Ver Êxo. 16.1 quanto a notas sobre a *congregação.* Ver Núm. 3.31 quanto às *coisas santíssimas* das quais os coatitas estavam encarregados. Os versículos que se seguem, neste capítulo, oferecem detalhes sobre o trabalho que eles prestavam.

4.5

Quando partir o arraial. O povo de Israel encaminhava-se na direção da Terra Prometida. O tabernáculo era uma espécie de tenda portátil gigante. Precisava ser desmantelada, e suas partes constitutivas eram cobertas e transportadas. Ao estacionarem, o tabernáculo era novamente armado. Os filhos de Arão, os sacerdotes principais, eram os responsáveis por essas questões, mas eram os coatitas que transportavam todo o material da tenda (vs. 15).

Quando os filhos de Israel levantavam acampamento, o dever dos sacerdotes era desmantelar e empacotar os vários móveis e utensílios do tabernáculo, para que os coatitas não pudessem vê-los. Mas eles não podiam tocar diretamente nos objetos sagrados.

Os Artigos:

1. A *arca da aliança* (Êxo. 25.10-22). Ver o artigo sobre esse objeto, no *Dicionário.*
2. A *mesa* dos pães da proposição (Êxo. 25.23-30). Ver no *Dicionário* uma descrição sobre essa mesa, em II.1.
3. O *candeeiro de ouro* (Êxo. 25.31-40). Ver sobre esse objeto no *Dicionário.*
4. O *altar de ouro* (Êxo. 30.1-10). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Altar do Incenso.*
5. Os vários *vasos* (Êxo. 27).
6. O *altar de bronze* (Êxo. 27.1-8).

Ver no *Dicionário* acerca desse objeto.

Todos os itens tinham de ser empacotados para o transporte. Não podia haver contato entre um objeto sagrado e alguma outra coisa, para que tal objeto não fosse profanado.

O véu de cobrir. Ou seja, a *terceira* cortina, aquela que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Ver Êxo. 26.36 quanto às três cortinas ou véus do tabernáculo. Esse véu era usado para cobrir a arca, juntamente com o propiciatório e os querubins. Ninguém podia tocar ou mesmo ver esse itens sagrados. Uma cobertura adicional cobria o véu (vs. 6).

4.6

Uma coberta. Ou seja, uma cobertura que cobria a terceira cortina, usada para empacotar a arca (vs. 5). Essa coberta adicional dava uma proteção extra. Era feita de "peles de animais marinhos". Mas alguns estudiosos pensam que a palavra hebraica envolvida, *tahash,* está ligada ao termo árabe *tuhas,* que significa "golfinho".

Uma *terceira cobertura,* pois, era posta sobre tudo, feita de tecido de linho azul. Azul representa azul. A coisa toda era típica da presença e da adoração a Yahweh, por assim dizer, *um toque do céu.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cores.* A cor azul está ligada ao intelecto e à espiritualidade.

As varas usadas para transportar a arca eram removidas para o processo de cobertura, e então recolocadas para o transporte propriamente dito. Mas alguns insistem em que essas varas nunca eram removidas. Ver as notas sobre Êxo. 25.14,15.

4.7

Os coatitas tinham a responsabilidade de transportar as *coisas santíssimas* (alistadas em Núm. 3.31) de lugar para lugar, conforme Israel foi viajando, a caminho da Terra Prometida. Mas, antes que pudessem fazer isso, os sacerdotes precisavam empacotar cada item, em tecido de linho azul. Ver as notas sobre o versículo anterior quanto ao simbolismo da cor azul, e sobre o versículo quinto, quanto à lista de cada item a ser empacotado, com referências no livro de Êxodo nas quais aprendemos como esse itens foram fabricados para o tabernáculo, e também com referências aos artigos que tratam sobre cada item.

O pão contínuo. Assim chamado porque era renovado a cada sábado e ficava continuamente diante de Yahweh, mesmo durante as marchas de Israel pelo deserto. Ver Êxo. 25.30 e Lev. 24.5. Ver Êxo. 25.29 quanto aos acessórios da mesa dos pães da proposição. E o trecho de Êxodo 25.23-30 fornece-nos descrição completa sobre a mesa e todos os seus pertences.

4.8

Depois estenderão em cima deles. A *mesa* tinha acessórios e, como outros itens, tinha tripla cobertura: primeiro vinha a cobertura de linho azul; então outra cobertura carmesim de linho; e finalmente, para proteção absoluta, uma cobertura de peles de animais, talvez de golfinhos ou outro animal marinho. Cf. o vs. 6. Ver no *Dicionário* o artigo *Cores,* que fornece o simbolismo bíblico de diversas cores. O carmesim representa normalmente o *sangue,* mas isso não se ajusta ao caso da mesa dos pães da proposição.

Os varais. Esses varais eram usados para transportar a mesa dos pães da proposição de um lugar para outro. Ver Êxo. 25.27,28.

4.9,10

O candelabro da luminária. Ver Êxo. 25.31-40. Esse objeto, com todos os seus acessórios, também precisava ser cuidadosamente empacotado, primeiro com o tecido de linho azul, e então com peles de animais marinhos, provavelmente o golfinho. Ver as notas sobre essas cobertas no vs. 6 deste capítulo. Mas não lemos aqui sobre uma terceira coberta, como no caso dos itens mencionados acima. Outros itens também tinham apenas duas cobertas, como vemos nos versículos que se seguem. Mas em todos os casos as cobertas eram: primeiro de tecido, e então de couro.

Os varais. Esse item era carregado sobre um varal ou armação, conforme alguns dizem. Ver Núm. 13.23, onde o mesmo vocábulo é traduzido por "vara". Mas varal parece ser a tradução preferível. Assim diz a Septuaginta, com o que também concorda o Targum de Onkelos.

4.11

O altar de ouro. Está em pauta o "altar do incenso" (ver Êxo. 30.1-10), que devia ser coberto com um tecido de linho azul, e então com uma segunda coberta feita de pele de animais marinhos, conforme se vê no vs. 6. Esse objeto também não dispunha de três coberturas, mas apenas de duas, tal como no caso do candelabro.

Os varais. O altar de ouro era transportado com a ajuda de varais. Ver Êxo. 30.4.

4.12

Algumas traduções dizem aqui *utensílios,* conforme vemos em nossa versão portuguesa, dando a entender uma referência geral a todos os acessórios usados no tabernáculo. Mas outras pensam que este versículo alude a *vestes sacerdotais* especiais, que só eram usadas quando os sacerdotes estavam em serviço ativo, e eram guardadas no tabernáculo quando não estavam em uso. O termo hebraico correspondente, *kell,* significa qualquer utensílio ou vaso, nada tendo que ver com artigos de pano. Ver Núm. 3.8; 4.26; 7.1 e Êxo. 25.9.

Os vários *acessórios* eram envoltos em *duas* cobertas, aquela de linho azul e aquela de peles de animais marinhos.

4.13

Do altar tirarão as cinzas. Está em pauta o altar de bronze, o grande altar onde eram oferecidos os holocaustos (ver Êxo. 27.1-8). Esse altar precisava ser limpo, antes de ser envolto nas cobertas. Ele contava com uma chama sempre acesa, a qual, de alguma maneira, era preservada, mesmo quando estava sendo transportado. Ver a minha exposição em Lev. 6.12,13 quanto essa *chama perene.*

Havia *duas cobertas* para esse altar. A primeira era de linho púrpura, e a segunda (vs. 4) era de peles de animais marinhos. Ver Êxo. 27.3 quando orientações concernentes à remoção de cinzas do altar de bronze.

Púrpura. Neste caso, a *cor real* substituía o azul. Esse altar trazia o Rei até perto do povo de Israel, porquanto era ali que ficava resolvida a grave questão do pecado. Ver Êxo. 25.4; 26.1,31,36; 27.16 etc., quanto ao uso das cores azul e púrpura. As cobertas *correspondem* às cores usadas no tabernáculo, quanto à maior parte de seus acessórios. Ver a exposição sobre Êxo. 25.4, onde há explicações sobre as cores empregadas, e referências onde outras informações podem ser obtidas.

4.14

Todos os seus utensílios. Todos os acessórios pertencentes ao altar de bronze deviam ser colocados sobre o altar, para serem empacotados juntamente com ele. Ver sobre esses utensílios nas notas em Êxo. 27.3, que também se aplicam aqui.

E lhe porão os varais. O altar era transportado mediante o uso de varais que eram enfiados nas argolas existentes para isso. Ver Êxo. 27.6,7 quanto a esse item.

A bacia de bronze não foi mencionada (ver Êxo. 30.17 ss.), por puro esquecimento do autor sagrado. Nesse ponto, a Septuaginta preenche o hiato, inserindo aqui uma referência à bacia de bronze, com orientações quanto a seu empacotamento. Alguns intérpretes supõem que o lavatório não seja aqui mencionado porque era transportado sem ter sido previamente envolto em cobertas; mas isso não é muito provável. Pois também era um objeto sagrado que não podia ser tocado diretamente, para que não fosse contaminado. Portanto, também precisava ser coberto para ser transportado.

4.15

Os sacerdotes procediam a todo o empacotamento, descrito nos vss. 5-14 deste capítulo. Uma vez feito isso, então os *coatitas* tinham o dever de transportar todo esse material. Eram *coisas santíssimas*, que não podiam ser vistas ou tocadas diretamente por ninguém, salvo pela elite sacerdotal, que servia ao tabernáculo. Se tais objetos fossem tocados por "estranhos", mesmo que fossem sacerdotes, os tais morreriam. Temos aí o sentido de *ser julgado por Yahweh,* não estando em vista uma execução judicial. Talvez o fogo divino descesse do céu e consumisse os contaminadores, como sucedeu nos casos de Nadabe e Abiú (ver Núm. 3.4; Lev. 10.1,2). Ou então quiçá fossem atingidos por alguma praga, acidente ou alguma outra calamidade. Cf. o caso registrado em II Sam. 6.6,7.

4.16

Eleazar. A ele cabia supervisionar todo o modo de proceder, cuidando para que o azeite, o incenso e tudo mais fosse devidamente manuseado.

Itens e Referências:

1. O *azeite* para ser usado na luminária (ver Êxo. 25.6).
2. O *incenso aromático* (ver Êxo. 25.6).
3. A *oferta de manjares*, que era oferecida continuamente, ou seja, pela manhã e à tarde (Êxo. 29.40-42).
4. O *óleo da unção*, com que eram ungidos o tabernáculo, os sacerdotes e os utensílios (ver Êxo. 30.23-33). Eleazar era o supervisor dos coatitas, embora também tivesse esses outros deveres. Os coatitas ajudavam-no nesses outros serviços, provendo os materiais, embora não se enfronhassem diretamente no serviço divino com eles. Os coatitas tinham de *transportar* esse itens quando Israel se movia de um lugar para outro, a caminho da Terra Prometida.

4.17

Disse o Senhor. Uma expressão muito usada no Pentateuco, a fim de introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

Alguns eruditos supõem que os vs. 17-20 sejam uma interpolação, introduzida para expandir o vs. 15, apresentando a substância desse versículo sob forma imperativa. "Há certas peculiaridades de estilo, notadamente o verbo hebraico para *ser destruído* e o uso da palavra *tribo* para indicar qualquer coisa menor que uma tribo inteira de Israel" (John Marsh, *in loc.*).

4.18

Os vss. 18-20 simplesmente expandem a idéia de *perigo* apresentada no vs. 15. Os *coatitas* precisavam de proteção especial; e assim, precauções especiais tiveram de ser tomadas, a fim de que a ameaça de morte não se tornasse uma realidade. Era algo terrível e perigoso transportar as coisas santíssimas, os utensílios usados no tabernáculo. Era algo muito solene estar entre os que tinham tal responsabilidade. Essas pessoas precisavam de proteção especial. E foi assim que Yahweh baixara *mandamentos* especiais quanto aos que faziam os preparativos para o transporte.

Um empacotamento e um transporte descuidado poderiam provocar a *eliminação* dos coatitas, ou seja, forçar contra eles o juízo divino, conforme vimos nas notas sobre o vs. 15 deste capítulo. Esse clã, ao qual tanto Moisés quanto Arão pertenciam, era um dos três que serviam ao tabernáculo. Ver as notas de explicação em Núm. 3.17. Amrão, pai de Moisés e Arão, era descendente de Coate e marido de Joquebede. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Coate, Coatitas.* "Nenhuma razão" de perigo deveria ser provocada, conforme coloca o Targum de Jonathan.

4.19

Para que vivam e não morram. Os coatitas manuseavam *coisas santíssimas* e, por isso mesmo, temíveis. Ver as notas sobre isso em Núm. 4.4. O trecho de Núm. 3.31 fornece-nos uma lista dessas coisas. Arão precisava instruir os coatitas acerca do manuseio dessas coisas, através de Eleazar, seu filho, que era o superintendente direto dessa tarefa. O trabalho de transporte desse itens, através do deserto, quando Israel ia de um lugar para outro, era considerável. Era uma tarefa dividida entre vários homens; e os sacerdotes determinavam qual era a tarefa de cada homem.

4.20

Porém os coatitas. Eles não podiam ver nem tocar diretamente nos objetos santíssimos. Nem mesmo podiam acompanhar o empacotamento para que esses objetos fossem transportados. Só podiam recebê-los já empacotados, a fim de que não os vissem. E uma vez que esses objetos tinham *duas* ou mesmo *três* cobertas, os coatitas não tocavam diretamente nesses objetos sagrados. Ver as notas sobre o vs. 15, o qual é expandido nos vss. 17-20.

Deveres dos Gersonitas (4.21-28)

Os deveres dos coatitas ocupam os vss. 1-20 deste capítulo. Assim, mais espaço é dado a eles porque seu dever era transportar as *coisas santíssimas,* quando Israel ia de um lugar para outro, em suas vagueações pelo deserto, a caminho da Terra Prometida. Os deveres dos gersonitas são descritos em menor espaço, embora a tarefa deles fosse similar à dos coatitas. Além desses deveres regulares, quando Israel estacionava, eles tinham a tarefa de ajudar a transportar certos itens do tabernáculo. Eles cuidavam das cobertas e cortinas. Operavam sob a supervisão de Itamar, o mais jovem dos dois filhos sobreviventes de Arão, sendo este um coatita. Ver Êxo. 6.16,18,20,23. As várias cortinas do tabernáculo eram transportadas em uma carruagem. Cf. Núm. 3.25,26. Eles transportavam as porções que não eram de madeira, incluindo as envolvidas no átrio exterior ou em suas "paredes" externas, com tudo quanto pertencia a elas.

4.21

Disse mais o Senhor. Essa é uma expressão muito repetida no Pentateuco, empregada para introduzir novos materiais. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

4.22,23

Esses versículos repetem verbatim os vs. 2 e 3 deste capítulo; mas agora estão em foco os *gersonitas,* e não os coatitas. Havia três ramos dos levitas. Ver Núm. 3.17 quanto aos três filhos de Levi, cujos descendentes formaram ramos dos levitas, a casta sacerdotal. Ver Êxo. 6.17 quanto aos dois filhos de Gérson. *Itamar,* filho de Arão, era o supervisor geral dos gersonitas. Ver Núm. 4.28. Quanto às responsabilidades deles, ver Núm. 3.25,26. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gersonitas.*

4.24-26

Estes versículos repetem as informações dadas em Núm. 3.25,26. As notas dali também têm aplicação aqui. Esses objetos, não sendo coisas

santíssimas, ao que tudo indica não eram empacotados, pelo menos com cobertas de tipo especial. As fontes informativas rabínicas dizem-nos que eram transportados em carruagens ou vagões. O trecho de Núm. 7.7 também nos presta essa informação. Eram necessários dois vagões e oito bois para a tarefa.

4.27,28

Arão e seus filhos eram os supervisores do trabalho feito pelos três ramos de levitas. Mas Itamar era aquele que tinha deveres especiais no tocante às responsabilidades dos gersonitas. Esses deveres incluíam a questão do transporte dos materiais do tabernáculo, dada nos vss. 25 e 26. Cf. Núm. 3.25,26 quanto aos deveres desse clã. Itamar também tinha responsabilidade sobre os meraritas, segundo vemos no vs. 33 deste capítulo.

Deveres dos Meraritas (4.29-33)

"Os meraritas, que eram os *marceneiros* ou *carpinteiros* do povo tinham a responsabilidade, sob Itamar, de transportar a estrutura do tabernáculo. Eles também possuíam vagões, tal como no caso dos gersonitas (7.8)" (*John Marsh, in loc.*).

4.29

Este versículo é igual aos vss. 2 (sobre os coatitas) e 22 (sobre os gersonitas), exceto pelo fato de que agora estão em vista os *filhos de Merari*. Os comentários dados naqueles versículos também se aplicam aqui. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Merari (Meraritas)*.

4.30

Este versículo é igual aos vss. 3 (sobre os coatitas) e 23 (sobre os gersonitas), exceto pelo fato de que a questão se aplica aos meraritas. A exposição dada naqueles versículos aplica-se aqui, igualmente.

4.31,32

Sob a supervisão de Itamar, esse clã era responsável pelo cuidado, pelo reparo e pelo transporte das partes feitas de madeira e do material do complexo do tabernáculo. Estes versículos têm paralelo em Núm. 3.36,37, onde as várias responsabilidades deles são listadas e comentadas. Ver Êxo. 26.15-30 quanto ao arcabouço; e Êxo. 27.9-19 quanto às colunas do tabernáculo.

4.33

Este versículo é igual aos vss. 19 (sobre os coatitas) e 24 (sobre os gersonitas), exceto pelo fato de que esta declaração de sumário aplica-se aos meraritas. Itamar é identificado como o supervisor do trabalho deles e dos gersonitas. Eleazar era o supervisor geral de todos os clãs e, mais especialmente, dos coatitas. Itamar trabalhava sob orientação dele e cumpria deveres delegados. Ver Núm. 4.16.

O Censo dos Levitas (4.34-49)

Os levitas não tinham sido contados no recenseamento geral (Núm. 2.33). Mas foram numerados de um mês de idade para cima, para que pudessem tornar-se uma casta sacerdotal, assumindo os deveres dos primogênitos (Núm. 3.15 ss.). Mas agora temos outro recenseamento, de todos os levitas entre trinta e cinqüenta anos de idade. Essa era a faixa de idade em que os levitas se envolviam no serviço sagrado. Eram esses os "levitas trabalhadores". Mas também havia levitas de outras faixas de idade, ou de acordo com outras fontes informativas, ou de conformidade com outras épocas. Ver as notas de introdução ao quarto capítulo de Números quanto a detalhes sobre essa questão. Ver também I Crônicas 23.27 quanto a levitas da idade de vinte anos para cima. Dou notas adicionais sobre essa questão em Núm. 4.3.

Os líderes encarregados desse trabalho provavelmente foram os mesmos que tinham feito o recenseamento geral (Núm. 1.4 ss.). A expressão "príncipes da congregação" aparece em Núm. 16.2, indicando duzentos e cinqüenta homens renomados, algum número menor provavelmente está envolvido no censo, mas provavelmente pertencentes àquele grupo. O censo mostrou que havia oito mil, quinhentos e oitenta levitas entre os trinta e os cinqüenta anos de idade, e esses eram os que estavam ativamente envolvidos no culto divino.

4.34

Moisés. Ele era o mediador entre Yahweh e os israelitas. Delegou autoridade a seu irmão, Arão, o sumo sacerdote. Os dois irmãos eram do clã dos *coatitas* (ver acerca de Amrão, em Núm. 3.19). Ele conseguiu a ajuda dos *príncipes* da congregação, provavelmente alguns dos duzentos e cinqüenta homens notáveis, mencionados em Núm. 16.2. Sobre eles estava um líder que atuava como uma espécie de supervisor sob as ordens de Arão. Os coatitas foram contados em primeiro lugar. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Coate, Coatitas*. Foram numeradas as famílias, os subclãs e o clã.

4.35

Este versículo é paralelo a Núm. 4.3, cujas notas também se aplicam aqui.

4.36

Sumário dos Números. Coatitas: 2.750 (vs. 36); *gersonitas:* 2.630 (vs. 40); *meraritas:* 3.200 (vs. 44). Grande total: 8.580 (vs. 48).

Comparação entre as estatísticas dadas em Números 3.27 ss. Essa lista inclui todos os levitas, de um mês de idade para cima.

Coatitas:	homens em serviço ativo		2.750
	incapazes de servir		5.850
		Total	8.600
Gersonitas:	homens em serviço ativo		2.630
	incapazes de servir		4.870
		Total	7.500
Meraritas:	homens em serviço ativo 3.200		
	incapazes de servir		3.000
		Total	6.200
Grandes Totais:	levita: 22.300 (o clã inteiro, de um mês de idade para cima)		
	13.720 incapazes de servir		
	8.580 capazes de servir		

Os incapazes eram novos demais ou velhos demais.

4.37-48

Esses versículos fornecem os números dos clãs, especificamente os aptos a servir, entre as idades de trinta a cinqüenta anos. O sumário acima dá-nos a essência da questão. Os eruditos vêem uma *proporção* exata do que se poderia esperar sobre os aptos a servir, bem como dos novos demais ou velhos demais para servir, quando se faz a comparação entre as estatísticas deste capítulo e do terceiro capítulo deste livro.

4.49

Moisés. Ele encabeçou o censo por meio de seus agentes (vs. 34). Os números foram conseguidos, e então cada homem de cada tribo recebeu uma tarefa específica para cumprir, tal como os três clãs em geral. Assim, a ordem de Yahweh foi obedecida. Afirmações acerca de *obediência* com freqüência encerram seções. Ver Núm. 1.54 quanto a notas sobre essa questão.

É evidente que o texto hebraico correspondente a esse versículo 49 sofreu corrupções; ou então achamos aqui erros primitivos, que podem remontar ao próprio autor sagrado. As traduções que existem deste versículo são reconstituições feitas pelos estudiosos.

Capítulo Cinco

Regulamentações Especiais (5.1—6.27)

O trecho de Números 5.1-6.27 apresenta uma longa lista de leis e regras miscelânea, muito em consonância com o estilo do livro de Levítico. De acordo com o estilo literário de *repetições* usado pelo autor sacro, temos aqui muitas regras repetidas, que já vimos serem comentadas em outros segmentos do Pentateuco, sobretudo em Êxodo e Levítico. Os vss. 1-4 têm paralelo nos caps. 13-15 de Levítico, que descem a muito maiores detalhes sobre essas questões. As traduções que usam a palavra *leproso* (como a nossa versão portuguesa) seguem a Septuaginta, que assim traduziu o termo hebraico *sara'at*. Mas esse vocábulo tinha um sentido muito geral, referindo-se a toda espécie de enfermidades da pele, que nada tinham que ver com a doença causada pelo bacilo de Koch. Essas regras sem dúvida excluíam alguns poucos casos de lepra, mas essa não era a enfermidade enfocada. Os sintomas dados no capítulo 13 de

Levítico são de várias afecções. Ver a introdução ao capítulo 13 de Levítico, quanto a uma discussão completa sobre a questão. E o capítulo 15 de Levítico fornece-nos várias emissões do corpo humano, que tornavam cerimonialmente imundos tanto homens quanto mulheres. Essa questão é mencionada de modo breve, de forma superficial, nesta seção.

A *legislação mosaica,* seguindo os conhecimentos da época, era inadequada na compreensão e no tratamento das enfermidades mencionadas. Muitas pessoas eram assim isoladas, fora do acampamento de Israel, as quais na verdade não tinham apanhado nenhuma doença contagiosa. O avanço da medicina tem ajudado a dissipar essa inadequação, e a doutrina de Cristo tem espantado as inadequações espirituais das muitas leis e preceitos mosaicos.

As leis, como é claro, não eram meras medidas de higiene, pois também tinham seu simbolismo religioso. Foi feita, todavia, clara distinção entre o que é puro e o que é imundo, onde estavam em jogo questões morais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.*

5.1

Disse o Senhor. Essa é uma expressão muito repetida no Pentateuco, servindo de artifício literário para introduzir material novo. E também nos faz lembrar da inspiração divina da Bíblia. Ver Lev. 1.1 e 4.1.

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. As mensagens que ele recebia eram transmitidas a Arão, a Arão e seus filhos, ou ao povo de Israel como um todo. Há *oito* fórmulas de comunicação. Comentei sobre essa questão em Lev. 17.2.

5.2

Que lancem para fora do arraial. Três classes em geral eram enjeitadas:

1. Aqueles que tinham *sara'at.* Traduzir esse termo hebraico por "lepra" é seguir o erro da Septuaginta, a primeira tradução a introduzir esse vocábulo. Mas o termo hebraico cobria várias enfermidades, embora incluísse, ocasionalmente, algum caso de verdadeira lepra. Os sintomas que aparecem no capítulo 13 de Levítico abarcam várias enfermidade cutâneas, mas a verdadeira lepra não é descrita ali. Ver a introdução ao capítulo 13 de Levítico quanto a detalhes sobre essa questão. Os capítulos 13 e 14 de Levítico falam sobre certa variedade de enfermidades da pele, incluindo fungos e mídios, todas elas sob o termo *sara'at.* A NIV, *New International Version,* diz aqui: "Enfermidades e mídios infecciosos da pele".
2. *Emissões do corpo físico,* como a gonorréia e outras doenças venéreas que causam emissões (ver Lev. 15.2 ss.); emissões seminais (Lev. 15.1 ss.); menstruação normal (Lev. 15.19 ss.); emissões patológicas de sangue (Lev. 15.25 ss.).
3. *Contato com um cadáver.* Corpos de animais mortos (Lev. 11.24,25); ou cadáveres humanos (Lev. 21).

Todos esses tipos de contato *envolviam contaminação física e moral. Ver no Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo,* onde aparecem descrições completas e referências.

"No pacto do Antigo Testamento, a santidade espiritual da comunidade estava ligada e era simbolizada pela santidade física, corporal, e pelos relacionamentos interpessoais apropriados. Assim, qualquer pessoa que contraísse uma doença que a tornasse cerimonialmente imunda não podia entrar em comunhão com o Senhor, no tabernáculo, ou com seus semelhantes humanos" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

5.3

Para que o não contaminem. Uma pessoa que tivesse contraído alguma impureza, tornando-se assim imunda, fosse homem ou mulher, sofria total banimento. Tais pessoas passavam a viver isoladas na *favela da sara'at.* Elas precisavam plantar seus próprios legumes e cuidar de seu próprio gado, e precisavam formar uma comunidade auto-suficiente. Mas em uma comunidade dessas havia muitas necessidades, sem dúvida. O trecho de Levítico 13-15, onde as regras atinentes são dadas com pormenores, permite-nos entender que ali havia pessoas banidas que não tinham nenhuma doença infecciosa. Mas isso devia-se à falta de maiores conhecimentos médicos, naquela época. Ver as introduções ao capítulo 13 de Levítico e a este capítulo.

Quem apanhasse *sara'at* era afligido pela mão desaprovadora de Yahweh (ver Núm. 12.12). Sem dúvida, julgava-se que poderes espirituais malignos estavam por trás de muitas enfermidades, crença essa que fortalecia mais ainda a idéia de banimento. Os afligidos por tais espíritos só podiam ser moral e espiritualmente contaminadores, não estando em foco uma mera contaminação física. Essa era a crença da época!

Posteriormente, surgiu a crença de que algum fantasma cuidava de um cadáver, podendo afetar prejudicialmente os vivos. E isso era mais uma razão para as pessoas evitarem qualquer contato com cadáveres. *No hebraico* temos o termo *nephesh,* "vida", "alma", "pessoa". Nos dias de Moisés, ainda não havia uma bem definida doutrina da imortalidade da alma. Esse vocábulo grego indicava a pessoa inteira, uma "criatura vivente", e não a dualidade de corpo e alma. Gradualmente, porém, o termo veio a significar uma aima no sentido imaterial. O uso desse termo para indicar um *cadáver* ocorre no Antigo Testamento. Ver Lev. 21.11; Núm. 5.2; 6.11; 9.6,7. O sentido básico da palavra é "respiração".

Tipologia. A Igreja, para manter-se pura, deve evitar toda forma de contaminação, conforme se vê em I João 2.15,16. Isso é necessário para que preservemos a comunhão com Deus e com os homens espirituais.

5.4

Temos aqui uma pequena síntese baseada na *obediência* que Israel prestava a Yahweh. Sumariar com uma *afirmação de obediência* é uma característica literária comum do autor do Pentateuco. Ver as notas sobre isso em Núm. 1.54.

Restauração de Propriedade Furtada (5.5-10)

Esta breve seção tem paralelo em Lev. 6.1-7, onde a questão é abordada. As notas dali aplicam-se também aqui. Este texto atua como espécie de suplemento daquele trecho de Levítico. Adiciona material sobre o que precisava ser feito com a terra, se o proprietário original de uma propriedade morresse e não deixasse herdeiro a quem o pagamento tivesse de ser feito. Um pecado contra um homem era, ao mesmo tempo, um pecado contra Yahweh (ver Sal. 51.4). Assim, era mister fazer reparação para corrigir as coisas. Ver Lev. 5.16 e 25.25 e suas notas expositivas.

5.5

Disse mais o Senhor. Uma freqüente expressão usada no Pentateuco para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1.

5.6

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. As mensagens divinas eram dirigidas a Moisés para serem transmitidas às vezes a Arão, às vezes a Arão e seus filhos, e às vezes ao povo de Israel em geral. Há *oito* fórmulas de comunicação no Pentateuco. Ver as notas sobre isso em Lev. 17.2.

Neste ponto, a mensagem foi transmitida a todo o povo, acerca de questões como pecado e culpa, primeiramente de forma geral, e então em harmonia com o contexto, envolvendo fraudes acerca das riquezas alheias, participação em negócios escusos etc., *ou seja, pecados relacionados ao dinheiro. Ver no Dicionário os* artigos intitulados *Ganância,* usualmente envolvida em tais pecados, e *Pecado e Transgressão.* Todos os pecados incorrem em *culpa* (ver sobre isso no *Dicionário*). A culpa envolve a necessidade de reparação. Ver no *Dicionário* estes artigos: *Arrependimento* e *Reparação (Restituição).* A reparação faz parte integrante do arrependimento.

5.7

Confessará o pecado. Ver no *Dicionário* o verbete *Confessar (Confissão).* O texto fala em confissão pública. A pessoa culpada deveria expor seu pecado diante da pessoa ofendida e das autoridades apropriadas. Ato contínuo, cumpria-lhe oferecer a reparação apropriada. De acordo com Aben Ezra, se um homem culpado fosse *descoberto* e somente então fizesse confissão, então deveria devolver duas quintas partes além daquilo que defraudara, e não apenas uma quinta parte. Confessar voluntariamente serve de sinal de verdadeiro arrependimento. Mas o arrependimento forçado dificilmente envolve mudança de coração.

A *reparação* era de uma quinta parte do valor da coisa furtada, o que significa que o culpado devolvia cento e vinte por cento do valor do que havia furtado. Ver Lev. 5.16 quanto a maiores detalhes. Ver também Lev. 25.25. O trecho de Lev. 6.1-6 é o principal paralelo deste texto, naquele livro.

5.8

Se esse homem não tiver parente chegado. Se um homem tivesse *morrido antes de ser-lhe feita restituição, então as ofertas apropriadas pelo* pecado eram feitas, e os cento e vinte por cento de restituição beneficiariam a obra do ministério, ou "Yahweh", ou o culto do tabernáculo, ou o sustento do sacerdócio.

Além do carneiro expiatório. Quanto aos *cinco* animais que podiam ser sacrificados (os "sacerdotes' do reino animal), ver Lev. 1.14-16.

Expiação pelo pecado. Ver as notas sobre Lev. 5.16; 6.6,7 e 7.1-10. E, no *Dicionário,* ver o verbete chamado *Expiação.*

Um pecado contra um ser humano era um pecado contra Yahweh. Assim, se não houvesse herdeiro para receber a reparação, então esta revertia para Yahweh. Ver o Sal. 51.4 quanto a esse princípio bíblico.

Os *intérpretes judeus* aplicavam esse versículo aos prosélitos, aos que estavam de passagem na terra e geralmente não tinham em Israel nem herdeiros nem parentes próximos. Assim disseram Maimônides e Bartenora em *Mishnah, Bava Kama,* cap. 11, bem como Jarchi, *in loc.* Embora, sem dúvida, fosse assim que a lei era usualmente aplicada, tratava-se de uma lei geral.

5.9

Toda oferta. De acordo com o original hebraico, estão em pauta as ofertas movidas, descritas em Êxo. 29.23,24. Cf. Êxo 25.2; Lev. 7.14,32. O termo hebraico *teruma* significa, basicamente, "contribuição", mas vem de uma raiz que significa "ser alto", "elevar-se", referindo-se a como eram oferecidas as ofertas movidas.

As cousas santas. Assim chamadas porque as oferendas e restituições eram dadas aos sacerdotes. Ver as notas em Lev. 2.3 sobre as coisas mais santas e menos santas. As porções dos sacrifícios que não eram consumidas sobre o altar pertenciam ao sacerdote oficiante e aos membros do sexo masculino de sua família. Esse era o principal suprimento alimentar dos sacerdotes e de seus familiares.

5.10

Este versículo reforça o que foi dito no versículo anterior. O sacerdote oficiante tinha direito a certas porções dos animais oferecidos em sacrifício, como o quarto dianteiro e o traseiro, para seu sustento. O restante era queimado sobre o altar de bronze, a Yahweh. Os autores judeus pensam que este versículo tem um sentido geral, e alguns limitam-no aos dízimos, como o Targum de Jonathan, o Siphri e a Midrash, em Jarchi (*in loc.*). Outros incluem aqui os votos e as ofertas voluntárias. Esses tipos de ofertas assemelhavam-se às ofertas de restituição. Eles proviam o sustento dos sacerdotes, particularmente o sacerdote oficiante. Cf. Lev. 2.9,10.

Rito de Ciúme Marital (5.11-31)

Era preparada uma *poção especial* para a mulher suspeita de adultério. Ver como essa poção era preparada, nos vs. 15 ss. deste capítulo. Amigos, é difícil ver como *qualquer* mulher poderia beber tal poção sem que seu ventre inchasse. Os antigos hebreus devem ter pensado que havia algo de miraculoso nesse modo de proceder. Na verdade, somente um milagre secundário podia impedir uma perturbação intestinal grave na mulher, como nunca antes ela sofrera. Eles também devem ter pensado que *Yahweh* salvaria a pobre mulher dessa perturbação, *caso* ela fosse inocente. O episódio faz-me lembrar de uma prática corrente durante a Idade Média. As mulheres suspeitas da prática de feitiçaria eram forçadas a mergulhar de corpo inteiro na água. Se não se afogassem, então eram julgadas inocentes. Se morressem afogadas, eram consideradas culpadas!

Notemos, igualmente, que homens suspeitos de ter cometido adultério não eram submetidos a essa *prova.* Os abusos contra as mulheres, e dois pesos e duas medidas fazem parte da maioria das sociedades. Os vss. 24,26 e 27 deste capítulo parecem dar a entender que a pobre mulher tinha de beber a poção não somente por uma vez, mas por *várias* vezes! Ver também os vss. 16 e 18. A mulher era colocada "perante o Senhor" por mais de uma vez. Mas alguns eruditos supõem que o relato na verdade seja uma combinação de várias fontes informativas, o que explicaria as repetições que o autor sacro não teve o cuidado de eliminar. Submeter uma mulher a tal prova por *uma vez* já era o bastante! Não era mister prosseguir no teste para verificar por que a mulher, de alguma maneira, não ficava doente.

Outros eruditos supõem que essa *prova* era usada para submeter a teste a mentira, em outros casos de *suposta culpa,* e não meramente em casos de adultério. Mas não há evidências sólidas em apoio a essa idéia. No entanto, *testes* dessa natureza têm sido comuns no decorrer da história. A inquisição católico-romana inventou muitas dessas provas para os supostos hereges! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água Amarga,* onde há completas descrições.

5.11

Disse mais o Senhor. Essa expressão é usada por muitas vezes no Pentateuco. Ela é empregada para introduzir novos materiais, além de lembrar-nos da inspiração divina da Bíblia. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

5.12

Fórmulas de Comunicação. O Senhor usava Moisés como mediador entre Ele mesmo e o povo de Israel. As mensagens eram dadas a Moisés, que as transmitia a Arão; a Arão e a seus filhos; ou a todo o povo. Há *oito* fórmulas de comunicação no Pentateuco. Ver Lev. 17.2 quanto a notas expositivas sobre essa questão.

Se desviar. Mediante adultério. Quanto a esse pecado, ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Adultério,* bem como o sétimo mandamento, em Êxo. 20.14. No caso do homem, as regras morais eram bastante liberais. Ele podia ter um número ilimitado de mulheres e concubinas. Porém, tinha de manter-se longe da mulher de outro homem. Tocar nela era adulterar. A palavra hebraica aqui usada para "se desviar" é a mesma que foi usada no vs. 6 para indicar propriedade furtada. A palavra hebraica *maal* dá a entender um ato *secreto;* e, como é sabido, a maior parte dos casos de adultério é efetuada em segredo. A maior parte das trinta e cinco vezes em que essa palavra hebraica é usada indica algum ato de traição, consciente e perverso. Ver Lev. 6.2; Núm. 5.6; Jos. 22.31; I Crô. 10.13; II Crô. 12.2; 26.16; 30.7.

A moralidade sexual para a mulher, no entanto, era estrita e dura. Só podia ter um marido, e nenhum outro homem estava disponível a ela. Quebrar a lei do adultério significa morte certa.

Infiel. Infiel ao marido, bem entendido. No hebraico, porém, a idéia é que a mulher fora infiel a Deus, embora todo pecado também seja uma ofensa contra Yahweh, conforme fica demonstrado na necessidade de ela confessar e fazer restituição. Ver o Sal. 51.4 quanto a esse princípio. O pecado de adultério quebrava um dos *dez mandamentos.* Ver sobre ele no *Dicionário.* O adultério era considerado uma *infidelidade ao pacto* (ver o capítulo 16 de Ezequiel).

As águas amargosas só eram dadas em casos de dúvida. Se não houvesse dúvida, então a mulher era simplesmente executada mediante *apedrejamento* (ver a respeito no *Dicionário*).

Somos informados de que o adultério e a suspeita de adultério se tornaram tão comuns em Israel, nos dias de Jesus, que a prova das águas amargosas caiu em desuso.

5.13

E for oculto aos olhos de seu marido. Aconteceu, mas ninguém descobrira. Se tivesse havido alguma testemunha, a mulher culpada teria sido prontamente executada. Mas ninguém vira nada, e o marido suspeitava de que sua mulher estava tendo um caso com outro homem. Nessas situações, ele *testaria* a mulher, requerendo que sua esposa bebesse a poção amarga. Se a mulher adoecesse, inchando-se-lhe o ventre, então ela era executada, pois o inchaço significaria que ela, de fato, era *culpada.* Ver a introdução ao versículo 11 deste capítulo.

Havendo-se ela contaminado. O verbo aqui é *talal,* "imundo". É termo cognato do siríaco *tama'* e do egípcio, *tamy,* "lama aluvial", derivado de *tama,* "inundar". Há aqui uma óbvia alusão ao *líquido seminal,* o qual, nesse caso, era considerado imundo e contaminador. Mas o próprio ato de adultério era considerado contaminador. A imundícia maior era aquela produzida pela idolatria, ou seja, adultério espiritual. Até mesmo relações sexuais tornavam os dois *imundos,* pelo que deveriam tomar um completo banho de imersão, depois do ato (ver Lev. 15.18). Muito mais no tocante a atos sexuais ilegítimos. Ver o *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo.*

5.14

O espírito de ciúmes. O marido intuíra a traição, mediante uma suspeita divina ou diabolicamente inspirada. Era impelido pelo *ciúme.* Essa é a primeira ocorrência dessa palavra na Bíblia, sob forma nominal. O termo hebraico é *quina,* "ardor", "zelo". No caso de ciúmes, um ardor negativo. Os ciúmes são uma espécie de amor amargurado por algum tempo, mais breve ou mais longo. Assemelha-se ao ódio. É um mau odor de amor. É um amor pervertido. Nunca faz o bem. Seu poder destrutivo está alicerçado sobre o orgulho. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Ciúmes* e *Antropomorfismo.* Deus é às vezes descrito como Deus "zeloso", ou seja, "ciumento" (ver Êxo. 20.5; 34.14).

5.15

Esse homem trará a sua mulher. Na antiga sociedade patriarcal, como no caso da cultura hebréia, o homem tinha todos os direitos sobre a mulher. Temos aqui a expressão de um desses direitos. Um marido ciumento tinha o direito de arrastar sua mulher perante um sacerdote, exigindo que ela fosse submetida à prova das águas amargosas. Ver no *Dicionário* o artigo *Água Amarga* quanto a completas descrições dessa poção.

Farinha de cevada. A medida recomendada era uma décima parte de efa de cevadas. Visto que o efa equivalia a 22 litros, a quantidade de cevada usada era cerca de dois litros. Era a mesma quantidade de maná que era recolhida para um dia, bem como a mesma quantidade de oferta de cereal oferecida diariamente (ver Êxo. 16.34; 29.40). O cereal dava às águas amargas o simbolismo de uma espécie de oferenda negativa diante de Yahweh. Ver os vss. 16 e 21 quanto à expressão "perante o sacerdote". Ver o vs. 25 quanto à oferta de farinha de cevada.

A Mistura:

Água Santa. Tirada da bacia do tabernáculo, misturada com "pó" tirado do chão do tabernáculo. Quanto ao volume, de acordo com algumas fontes informativas, a água era de uma sexta parte de um litro. Ver o vs. 23 quanto à maldição escrita com a água amargosa.

Pó. Esse pó era extraído do chão do tabernáculo (vs. 17).

Oferta Memorativa. Ou seja, uma oferenda que visava trazer à memória a verdade da questão que estava sendo testada. Ela cometera ou não o adultério? Azeite e incenso não podiam ser usados nesse tipo de oferta, o que também sucedia no caso das ofertas pelo pecado (ver Lev. 5.11). "O azeite e o incenso são símbolos das influências do Espírito Santo e de nossas orações, pelo que não podiam ser usados" (Ellicott, *in loc.*).

5.16

O sacerdote. Ele era ministro de Yahweh e apresentava solenemente a mulher "perante o Senhor" (ver Êxo. 22.9). Ela estava sob julgamento, na presença de seu marido, diante do sacerdote oficiante e diante do Senhor. O condicionamento psicológico era poderoso, e talvez fosse suficiente para deixá-la doente, antes mesmo de tomar a temível poção. Yahweh estava ali como testemunha, porque provavelmente a mulher havia quebrado um dos dez mandamentos, violando assim o pacto entre Yahweh e o povo de Israel, instituído na legislação mosaica. Ver sobre o *Pacto Mosaico* nas notas de introdução ao capítulo 19 de Êxodo. O adultério, pois, era um pecado que rompia com o pacto divino. "Perante o Senhor" é frase que se repete no vs. 18 deste capítulo. O rito ocorria no tabernáculo, onde Yahweh manifestava a Sua presença.

5.17

Água santa. Na água eram misturados os elementos da poção. O volume de água não era grande, porém a mistura podia tornar-se uma poção muito tóxica. Mas o elemento mais tóxico era a maldição de Yahweh (vs. 21).

De acordo com autoridades judaicas, a água era tirada do lavatório ou bacia de bronze, razão pela qual era chamada de "santa". Assim explicaram os Targuns de Onkelos e Jonathan, Jarchi e Aben Ezra.

Num vaso de barro. Do tipo que podia ser usado quanto a qualquer coisa contaminada, ou seja, que pudesse ser quebrado e destruído, em vez de ser lavado para ser usado novamente.

Do pó. O homem foi feito do pó da terra, e ao pó voltará. A serpente foi condenada a ingerir pó (ver Gên. 3.14). Talvez o uso de pó, nessa oferenda negativa e teste, servisse para relembrar os participantes desses símbolos. Visto que o pó era tirado do chão do tabernáculo, a questão se revestia de certo senso de respeito. Não era um pó qualquer. O pó também falava do pecado da mulher, se ela fosse culpada.

5.18

Perante o Senhor. Ver as notas sobre isso no vs. 16 deste capítulo; e também Êxo. 22.9. O sacerdote, o marido da mulher e o Senhor olhavam, enquanto a mulher enfrentava a sua prova. Contraste esse modo de proceder com a atitude de Jesus, no caso da mulher apanhada em flagrante adultério, em João 8.1 ss.

Soltará a cabeleira dela. Esse era um ato que *humilhava* a mulher, visto que, em Israel, era costume que somente as prostitutas andassem em público de cabelos soltos e sem véu. A cabeleira da mulher não somente era descoberta, mas também era solta, algo que usualmente só o marido dela podia contemplar. O ato antecipava a culpa da mulher, antes mesmo de ser provada. A Mishnah fornece outras práticas pertinentes a uma época posterior. Então a mulher despia suas roupas comuns e vestia um robe negro; e suas jóias eram removidas. Tudo isso eram atos de humilhação e de presunção de culpa. Assim diz *Sotah*, sec. 5 e 6. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mishnah*. Paulo baixou instruções sobre o véu, para as mulheres crentes do Novo Testamento, em I Coríntios 11.5,6,10.

A oferta memorativa de manjares. Essa oferenda de cevada já foi comentada no vs. 15 deste capítulo. A oferta era entregue às mãos da mulher sob suspeita. Isso significava que Yahweh era testemunha de tudo quanto estava sucedendo. Era uma variedade especial de oferenda, chamada "oferta de manjares dos ciúmes". Ver as notas sobre o vs. 14 deste capítulo sobre os *ciúmes*. E, finalmente o sacerdote oferecia a oferta de cereais sobre o altar (vss. 25 e 26).

A *poção* que a mulher haveria de beber ficava nas mãos do sacerdote, que ficava de pé perto dela, enquanto a prova prosseguia. Se a mulher fosse culpada de adultério, tal poção causaria uma *maldição*.

5.19

O sacerdote a conjurará. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Juramento*. A mulher era forçada a proferir o juramento. Esse juramento ou confessava a culpa ou afirmava a inocência. Ao fazer esse juramento na presença de Yahweh (vss. 16 e 18), a mulher trazia o machado do poder divino sobre sua cabeça, o que podia ou liberá-la (vs. 19), ou fazer a maldição divina cair sobre ela (vss. 21 e 22).

Era um juramento de *execração*. Cf. Êxo. 22.10-11.

A água amarga podia produzir resultados drásticos no sistema físico; mas é de presumir que, *se* a mulher fosse inocente, nada lhe sucederia de ruim. Se nada lhe acontecesse, isso lhe provaria a inocência, e ela estaria livre tanto da maldição potencial quanto da suspeita de seu marido. Ficamos a perguntar quantas mulheres teriam conseguido provar a sua inocência, diante de tal teste. O hebraico diz, literalmente, "serás livre destas águas", mas o sentido é que ela estaria livre do rito que usava a água e, então, da maldição que lhe poderia sobrevir.

5.20

Mas se te desviaste. Se tivesse havido adultério, então aquele seria o fim da mulher. Ela estava "sob o domínio" de seu marido (a versão inglesa RSV diz aqui: "sob a autoridade do marido"). Em outras palavras, ela estava legalmente casada e havia assumido os deveres próprios de seu estado. Um dos deveres primários dela era não cometer adultério.

E te contaminaste. Ver as notas sobre esse verbo no vs. 13 deste capítulo. Ela poderia ter sido contaminada por um líquido seminal *imundo*, ou seja, não de seu marido.

Observemos o *acúmulo* de frases: A mulher se *desviara;* ela fora com *outro* homem; ela se esquecera da autoridade de seu marido; ela havia sido *contaminada*; ela se havia *deitado* com um homem que não era marido dela, o que aponta para sexo ilícito, ou adultério.

5.21

Juramento de maldição. A maldição redundaria em alguma temível condição física. Alguns estudiosos vêem aqui uma enfermidade específica, como a barriga d'água; mas o versículo dá a entender alguma praga lançada pelo próprio Yahweh, alguma coisa *sui generis* que faria seu ventre inchar e sua coxa murchar. O termo hebraico aqui usado é *nepel*, que pode significar um *nascimento prematuro*, um "aborto". E assim é que alguns eruditos pensam que tudo quanto temos aqui é um aborto espontâneo da criança que teria sido gerada pelo homem que não era marido da mulher. Mas a leitura do versículo não nos faz pensar em gravidez.

Alguns supõem que a poção fosse *venenosa*, o que explicaria as terríveis condições em que ficaria a mulher. Outros estudiosos pensam em uma *maldição* genuína, divinamente determinada. Os críticos falam aqui sobre superstições e artes *mágicas*, por trás das descrições do versículo. Ainda outros falam em reações *psicossomáticas*, supondo que, mediante o poder da mente, a mulher desenvolveria os sintomas *esperados*, se ela fosse culpada.

5.22

Este versículo repete os esperados horrendos resultados, se a mulher fosse culpada. A maldição incluía um forçado "Amém, amém", por parte da mulher. Estava ela ali de pé, de cabeleira solta, humilhada, sem dúvida crendo no poder da maldição e forçada a proferir o "assim seja" da maldição. O termo hebraico *'amen* é transliterado literalmente em todas as versões, com leves modificações, e significa "certo". E, como uma explicação, tem a força de "assim seja" ou "é verdade!".

O Pecador Sela o Seu Próprio Destino. O pecado é enfrentado com o desastre. Essa é a lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Contudo, o juízo é apenas um dedo da mão amorosa de Deus, pois, finalmente, o juízo redunda em bem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*. Ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*. A cruz foi um julgamento, mas foi *ali* que o amor de Deus se estendeu ao homem. O juízo, assim sendo, escreve um capítulo intermediário na história; mas o amor de Deus escreve o capítulo final.

A coxa. Essa palavra é aqui usada como um eufemismo. Poderia indicar as "partes pudendas". Alguns têm tirado vantagem disso para supor que estejam em foco os órgãos reprodutores, bem como o aborto de um filho indesejado (gerado por um homem que não era o marido da mulher) — tudo referido de maneira indireta. Ver os comentários sobre o vs. 21 quanto a interpretações acerca dos desastres que poderiam ser esperados nesse caso, bem como acerca de suas causas.

5.23

Escreverá estas maldições num livro. Tal livro, mui provavelmente, era um rolo feito de peles de animais, um material de escrita comum, antes que o papiro entrasse em uso corrente. A água amarga era então usada para apagar o escrito. E assim a tinta da escrita misturava-se com a água. Essa mistura era então posta na água tirada da bacia de bronze. E essa poção a mulher precisava sorver. A mistura era raspada, pelo que fragmentos da pele de animais também entrava na mistura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tinta*, quanto à natureza das tintas antigas. "Os rabinos dizem que a prova por meio das águas de ciúmes foi descontinuada após o cativeiro babilônico, pois os adultérios tornaram-se tão freqüentes então, que eles temiam que o nome do Senhor fosse profanado, por ser invocado por tantas vezes!" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto ao duplo "amém", ver a *Mishnah*, sec. 5 e os Targuns de Jonathan e de Jerusalém, além de Jarchi (*in loc.*), que também fornecem informações gerais. Se a mulher se recusasse a beber a tal poção, era forçada a fazê-lo. Assim, na verdade, a cena toda era uma *prova* e, à base de pressão psicossomática, qualquer coisa poderia resultar dali.

5.24

... lhe causará amargura. Se a mulher bebesse voluntariamente, muito bem; caso contrário, ela seria forçada. Fosse como fosse, ela *tinha* que beber. A horrenda mistura era o veículo de uma maldição divina, porque ali viera repousar o poder de Yahweh. No sistema biológico da mulher, a água atuaria como um potente veneno, e logo os seus terríveis efeitos far-se-iam sentir. Se ela fosse inocente, porém, haveria de escapar de todos os malefícios. Ver as notas sobre o vs. 21 para interpretações quanto à natureza e às causas possíveis dos maus resultados do rito. Este versículo dá a entender que a água só se tornaria *amarga* se a mulher fosse culpada. Porém a mistura aqui descrita sem dúvida era amarga antes mesmo de ser sorvida. Mas o seu *amargor* produzia os *resultados* temidos se a mulher fosse culpada. As aflições também são chamadas, metaforicamente, de "amargas" (ver Isa. 38.17) e de "morte" (ver I Sam. 15.32). Mas este texto refere-se a um amargor literal.

5.25,26

A mulher segurava nas mãos a *oferta de manjares*, enquanto o sacerdote prosseguia com o rito (ver o vs. 18). Mas havia um momento em que o sacerdote *recebia* dela a oferenda e a *movia* diante do Senhor. Ver Êxo. 29.23,24 quanto a esse tipo de oferenda. Tudo isso leva o processo à atenção do Senhor, visto ser uma oferenda apresentada no Lugar Santo, onde Yahweh manifestava a Sua presença. Parte dessa oferenda era queimada sobre o altar de bronze. Ver as notas a respeito desse altar em Êxo 27.1. Ver as notas sobre o vs. 15 deste capítulo sobre a quantidade de farinha de cevada usada nessa oferenda, ou seja, cerca de dois litros. Somente um punhado era consumido sobre o altar. O resto tornava-se propriedade do sacerdote, para seu consumo pessoal. E isso tornava-se uma espécie de refeição comunal, embora aquela fosse uma ocasião solene e negativa. E o sacerdote comia da oferta de manjares na presença de Yahweh.

Após a oferta movida, mas antes que o sacerdote comesse do resto do cereal, a mulher tinha de beber das águas amargosas.

O sacerdote movia a oferta para frente e para trás, para cima e para baixo. Algumas fontes informativas insistem em que a mulher precisava mover a oferta juntamente com o sacerdote, pois o sacerdote punha as suas mãos por baixo das mãos dela (assim diz a *Mishnah*, sec. 1, os Targuns de Jonathan e de Jerusalém, bem como Jarchi, *in loc.*). E em seguida, a mulher bebia "para bem ou para mal", conforme comentou Aben Ezra, *in loc.*

5.27

Se ela se tiver contaminado. Nesse caso, o resultado geralmente esperado, a praga desceria sobre a mulher, pois seu ventre incharia e algo de estranho aconteceria à coxa dela, o que é um eufemismo para os órgãos genitais. Ver as notas sobre os vss. 21 e 22. Ver também, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Água Amarga*. Quanto a possíveis *causas* dessas condições, ver as notas sobre o vs. 24.

Além dos efeitos físicos, a própria mulher tornar-se-ia uma *maldição*, e em breve seria apedrejada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apedrejamento*.

As autoridades judaicas referiram-se aos efeitos *imediatos* da água amarga. Ver *Mishnah Sotah*, vol. 28.1, o que só pode ser explicado se pensarmos que se tratava de uma poção altamente venenosa, mediante alguma espécie de maldição divina. As águas "caçavam a mulher", conforme se lê em *Mishnah Sotah*, cap. 5, sec. 1, procurando destruí-la.

5.28

Se a mulher se não tiver contaminado. Se a mulher fosse inocente da suspeita, nada aconteceria, enquanto as testemunhas observavam ansiosamente e a mulher tremia. Suponhamos que uma mulher não se tivesse contaminado (ver as notas sobre o vs. 13 deste capítulo). Não sendo culpada, ela não estaria imunda. Ver no *Dicionário* o artigo *Limpo e Imundo*. Tal mulher só mereceria elogios, a despeito das dúvidas e acusações de seu marido.

As autoridades judaicas insuflam a idéia de cura, nessa questão. Se ela estivesse enferma de alguma coisa, seria curada (ver Maimônides, *Hiichot Sotah*, cap. 3, sec. 22). O favor divino estava com ela. Assim sendo, conforme diz o Targum de Jonathan, "ela brilhará". Ademais, haveria de conceber e tornar-se mãe, a maior bênção para uma mulher de Israel, ficando fora de dúvida que a criança pertencia ao marido dela. Ver Salmos 127.3 quanto aos filhos como uma *herança* do Senhor.

5.29

Este breve versículo age como uma declaração final acerca da lei que governava as suspeitas e os ciúmes de um marido, e como sua mulher era submetida à prova por meio da *Água Amarga* (ver no *Dicionário*), em instruções que ocuparam todos os versículos 11 a 28 deste capítulo. Em outras culturas não se acha esse tipo de prova, mas *provas* que testavam a culpa ou a inocência das pessoas são uma constante em todas as culturas.

5.30

O autor prossegue aqui em sua explicação do *porquê* de tal preceito. O sentimento de ciúmes (ver as notas no vs. 14 deste capítulo, sobre o "espírito de ciúmes") forçara um homem a exigir que se efetuasse tal rito. Tudo era feito "perante o Senhor", conforme lemos nos vss. 16 e 18. O sacerdote tinha de efetuar o rito. Tratava-se de uma lei de Yahweh, e o sacerdote não tinha escolha sobre a questão. A lei dispunha de determinações minuciosas, e cada determinação devia ser seguida à risca, como de resto, tudo quanto fazia parte da legislação mosaica.

5.31

A menos que a lei fosse obedecida, o *homem* seria culpado de uma série (possível) de coisas. Ele poderia tornar-se culpado por haver negligenciado um grande mal moral, sem ter feito coisa alguma a respeito. Ou poderia ficar acusando sua mulher de coisas das quais ela não era culpada. Poderia continuar tendo *ataques de ciúmes fanáticos*, perturbando constantemente o lar, sem que a questão fosse jamais resolvida entre eles. Poderia castigar física e psicologicamente sua mulher, mas sem saber de ela realmente merecia ou não tal castigo.

Este versículo talvez ensine que o homem estaria livre da *iniqüidade* (a situação de adultério) a que sua mulher o tinha forçado a entrar. A fim de evitar tal coisa, era sábio que o homem resolvesse a questão, de uma maneira ou de outra. Mas a mulher, se fosse achada culpada, levaria sobre si mesma a sua iniqüidade, e seria executada, provavelmente por meio de *apedrejamento* (ver sobre isso no *Dicionário*). A questão termina, neste capítulo, com a declaração sobre a necessidade de *obedecer* a Deus. Ver como outras passagens também terminam nesse tom, nas notas sobre Núm. 1.54. Maimônides observou como as mulheres judias temiam ser submetidas à prova da água amarga, preferindo a morte a tal prova. Ver *Moreh Nevochim*, par. 3, cap. 49, par. 499.

Capítulo Seis

Regras para os Nazireus (6.1-21)

Nesta seção, continuamos as *regras especiais* iniciadas em Núm. 5.1. Provi um detalhado artigo sobre os nazireado, no *Dicionário*, intitulado *Nazireado (Voto do)*. O termo "nazireu" ou "nazirita" vem do verbo hebraico *nazir*, derivado de *nazar*, "separar", "consagrar", "abster-se". Este capítulo fornece-nos a origem do nazireado. Aquele artigo discute o nome, o caráter geral, a origem, as provisões, os problemas e as modificações daquele tipo de voto.

"A contrapartida da purificação (cap. 5) era a consagração (cap. 6). O serviço sacerdotal, entre os filhos de Israel, era um privilégio exclusivo dos que pertenciam à tribo de Levi; mas o Senhor instituiu aqui uma provisão mediante a qual *qualquer* homem ou mulher de Israel, que quisesse tomar *voto* diante do Senhor, se se consagrasse por um período determinado de tempo para servir a Deus, poderia fazê-lo. Ocasionalmente, esse voto podia ser tomado pelos pais em favor

de seus filhos (ver I Sam. 1.11). Usualmente, porém, o nazireado era um ato de devoção efetuado voluntariamente por um adulto. A pessoa que resolvesse consagrar-se assim era chamada de nazireu (vem de *nazar,* "dedicar-se") (John Marsh, *in loc.*). Esse voto era tomado por um período mínimo de trinta dias. Parece que Paulo se dedicou como um nazireu, em Atos 18.18. E talvez outro tanto se tenha dado no caso de Sansão. Esse voto envolvia, substancialmente, a questão da abstinência, embora também incluísse um serviço divino ativo, exercícios espirituais e a prática de certos ritos. Um nazireu era separado *para* o Senhor e *de* outras coisas. (Ver Juí. 13.5; I Sam. 1.11; Amós 2.11,12.) Esse voto podia buscar algum benefício divino especial, por causa do qual o indivíduo podia mostrar uma consagração incomum durante algum tempo, a fim de que pudesse *merecer* a bênção que buscava. Outros buscavam a cura física, com esse voto (Josefo, *Guerras dos Judeus,* II.15.11).

Tipologia. Apesar de Jesus não ser asceta, como eram os nazireus, o espírito do voto deles era baseado sobre a atitude Dele. Ele era santo, inofensivo e separado dos pecadores (ver Heb. 7.26). Sua dedicação era absoluta (ver João 1.18; 6.38; Mat. 12.46-50).

As Ordens Monásticas. "Dos nazireus surgiram os recabitas; dos recabitas surgiram os essênios; e dos essênios surgiram (através de imitação) as ordens monásticas" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Mosteiro; Monasticismo* e *Eremita.*

O nazireado simbolizava aquela mentalidade espiritual que renuncia aos deleites da carne e se consagra ao Ser divino. Um verdadeiro nazireu era como um sumo sacerdote, sem o ofício dele mas com o ofício em seu coração.

6.1

Disse o Senhor. Essa expressão ocorre com freqüência no Pentateuco. Serve para introduzir novas seções. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina da Bíblia. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

6.2

Seja homem seja mulher. Mesmo que não fosse um levita, pois qualquer israelita podia tornar-se nazireu. Esse voto era, essencialmente, de abstinência de vários deleites e prazeres da carne, legítimos, mas que, para a pessoa espiritual, eram postos de lado por algum tempo, a fim de que alguma outra coisa ocupasse a mente dela. Ver as notas de introdução ao presente capítulo bem como, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Nazireu (Voto de).*

A fim de consagrar-se para o Senhor. De várias coisas e para Yahweh, como devoção e serviço especiais, e, em alguns casos, na esperança de receber algum benefício especial. A palavra "consagrar-se", nesse caso, vem da mesma raiz que a palavra nazireu, ou seja, do verbo hebraico *nazir,* "separar-se", "dedicar-se", "consagra-se".

A *lição espiritual* deste versículo é que o homem espiritual atinge algo acima daquilo que satisfaz à pessoa comum. Ver sobre essa atitude no Novo Testamento, em Mat. 5.46,47. Isso pode acontecer à base de uma consciência sensível, devido a anelos espirituais naturais, ou devido a alguma inspiração divina, que leve a pessoa a dizer: "o Espírito me ordenou". Esse voto representava um privilégio especial para Israel, conforme lemos na Mishnah, *Nazir,* cap. 9, sec. 1, e nos escritos de Maimônides e Bartenora. A maior parte dos nazireus limitava seu tempo de devoção especial a trinta dias, por ser esse o período mais breve de consagração que era possível. Porém, alguns eram nazireus vitalícios, como se deu com Sansão. Talvez esse tenha sido o verdadeiro começo das ordens monásticas. Ver a introdução ao primeiro versículo deste capítulo, no penúltimo parágrafo.

6.3

Abster-se-á de. Havia coisas que era mister evitar, sobretudo qualquer tipo de bebida alcoólica. Três tipos de bebidas foram mencionados. Os Targuns falam em *vinho novo* (que alguns traduzem por "vinagre"); em *vinho velho;* e também qualquer *bebida forte.* Em Israel, as bebidas fortes eram feitas de cevadas, uvas, maçãs, tâmaras, mel e pêras. Portanto, estavam em foco tipos de cidras, licores, vinhos que tivessem qualquer conteúdo alcoólico por meio de fermentação natural. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Bebida Forte.* A fermentação natural produz somente cerca de oito por cento de conteúdo alcoólico; mas isso é o bastante para produzir intoxicação. As bebidas fortes eram notórias por sua capacidade de alterar a conduta humana. Os excessos tornavam-se comuns, provocando brigas, atos imorais, desinibição. A *bebedice* é listada como uma das obras da carne (ver Gálatas 5.21). Se beber com moderação não é prejudicial, o homem espiritual aprende a não tocar em certas coisas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o longo artigo intitulado *Vícios.*

Alguns rabinos acreditavam que o fruto proibido no Éden era a *uva.* E isso por causa do fato de que essa é a fruta que mais prejudica o homem. Essa noção, como é claro, não tem apoio histórico, mas a essência da idéia bem pode ser levada em conta.

Nem comerá uvas frescas nem secas. Certas uvas eram diretamente transformadas em vinho, e outras viravam passas e eram misturadas nas massas para bolos. Ver II Sam. 6.19. Esses bolos eram feitos especialmente para as festas religiosas, associadas às festividades idólatras. Ver Osé. 3.1.

6.4

Todos os dias do seu nazireado. A proibição era absoluta. A uva era totalmente banida. Essa era a *primeira* proibição. A própria uva não podia ser usada como alimento ou bebida, nem mesmo as cascas e as sementes. A cultura cananéia contava com muitos intoxicantes. Se as sementes de uva não intoxicavam, pelo menos sugeriam intoxicação. E se as cascas de uva eram capazes de provocar dores de barriga, dificilmente eram usadas no fabrico de vinho. Mas sementes e cascas *sugeriam* a fabricação e o uso de bebidas fortes, e até mesmo a aparência do mal era proibida para os nazireus. O homem espiritual devia evitar até a aparência do mal, quanto mais o próprio mal. Algumas traduções, em lugar de "sementes e cascas" dizem "uvas verdes e gavinhas", conforme se lê na *American Translation.* Os eruditos no hebraico não concordam quanto ao sentido exato das palavras do texto. O vocábulo hebraico *harsannim,* traduzido por "sementes", pode representar qualquer produto insignificante da videira; e o termo *zag* pode significar pele ou casca. Visto que essa palavra hebraica significa "fechar", pode estar em pauta uma pele ou uma casca.

6.5

Não passará navalha pela cabeça. Um nazireu não podia cortar os cabelos ou aparar a barba. Essa é a *segunda* proibição. Essa proibição tinha valor enquanto o voto estivesse vigorando. Na prática, isso significava que os cabelos e a barba não podiam ser aparados. A navalha era tabu tanto quanto a uva. Por isso, uma videira que não tivesse sido podada era chamada de *videira de nazireu* (ver Lev. 25.5,11). Nos dias de Paulo, cabelos longos eram considerados errados e mesmo vergonhosos (ver I Cor. 11.14). Mas o que era "degradante" para o homem, em *algumas* culturas, nos dias de Paulo, certamente não o era para Israel, nos dias de Moisés. Na verdade, quase todos os jovens usavam cabelos compridos até os trinta anos de idade. E mesmo quando curtos, os cabelos tinham sido aparados, e não cortados no sentido moderno. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Cabelos,* quanto aos costumes acerca dos cabelos.

Os cabelos, ao *continuarem o seu crescimento,* simbolizavam o prosseguimento dos votos, sendo paralelas as duas coisas. Os cabelos em crescimento simbolizavam a dedicação e a espiritualidade crescentes. Os cabelos em crescimento simbolizavam a virtude contínua e o aumento de forças. Talvez haja um paralelo espiritual em Lev. 25.4,5,11, onde se lê que era requerido que, no sétimo ano, não fosse podada a videira. Nos tempos mais antigos, as raízes dos cabelos eram consideradas a sede da vida; as pessoas supunham que espíritos bons e maus podiam habitar nos cabelos, e ritos mágicos eram levados a efeito com a ajuda de fios ou cachos de cabelos. Os homens sabem que há uma certa "magia" nos longos cabelos das mulheres, mas não é isso, exatamente, de que fala o texto aqui!

6.6

Não se aproximará dum cadáver. Era mister evitar qualquer contato com um corpo sem vida. Eis aí a *terceira* proibição. Esse contato causaria *imundícia,* tornando a pessoa incapaz para o serviço divino. Qualquer contato com um cadáver automaticamente anularia o voto do nazireado. Assim sucedia, mesmo que o contato fosse feito inadvertidamente. Qualquer pessoa, sob voto ou não, ficava cerimonialmente imunda se tocasse no corpo morto de uma pessoa ou de um animal. Ver Lev. 11.31,39; Núm. 5.2 e 9.6. Outro tanto se aplicava aos sacerdotes (Lev. 21.1 ss.). A pessoa que fizesse tal contato ficaria imunda até o cair da tarde, pelo que precisava passar pelos ritos de purificação. Ver no *Dicionário* o verbete detalhado intitulado *Limpo e Imundo.*

6.7

Era proibido até mesmo o contato com o cadáver de um parente chegado. Essa mesma regra aplicava-se aos sacerdotes e ao sumos sacerdote. Ver Lev. 21.1,2,3,11, pelo que os nazireus eram sumo sacerdotes temporários, conforme observa o Talmude. Os nazireus cujos votos eram a longo prazo aparentemente tinham acesso ao tabernáculo (o templo), tal como os sacerdotes, pois tinham-se tornado uma espécie de casta sacerdotal, sem importar a que tribo pertencessem. "Um juramento a Yahweh ultrapassa a todas as demais considerações; e envolve um imperativo totalmente categórico. O contato com um corpo morto produzia contaminação sobre qualquer um (ver Núm. 5.2), mas, se uma pessoa comum podia recuperar a sua limpeza cerimonial chegada a noite do sétimo dia (ver Núm. 19.11-22), um nazireu precisava raspar a cabeça naquele dia, e, no dia seguinte,

oferecer o mais barato dos animais que podiam ser oferecidos em sacrifício" (John Marsh, *in loc.*).

Porquanto o nazireado do seu Deus está sobre a sua cabeça. Temos aí uma referência aos longos cabelos dos nazireus, sobre os quais não passara navalha, a *segunda* condição obrigatória do voto. Ver o vs. 5. Esse era o *símbolo* do voto inteiro. Talvez Paulo estivesse aludindo a essa expressão em I Coríntios 11.10, ao falar sobre a mulher, que deveria trazer sinal de autoridade em sua cabeça, a saber, o *véu,* símbolo de sujeição a seu marido.

"A lei do nazireado, quanto à regra dos corpos mortos, era igualmente severa, como a do sumo sacerdote (ver Lev. 21.11), e mais severa do que aquela que dizia respeito aos sacerdotes em geral (Lev. 21.2,3)" (Ellicott, *in loc.*).

Tipologia. O discipulado cristão é uma separação vitalícia para Cristo e das coisas mundanas (ver I João 2.15,16).

6.8

O período do voto era limitado de acordo com o que a pessoa houvesse resolvido. Nos dias do segundo templo, prevalecia um período mínimo de trinta dias. Algumas pessoas tornavam-se nazireus vitalícios. Sem importar qual fosse o período escolhido, o homem era "santo" para Yahweh. Não eram permitidas infrações. O nazireu tinha de seguir estritamente as três regras principais: nenhuma bebida intoxicante (vss. 3 e 4); nenhuma navalha podia ser usada em sua cabeça e barba (vs. 5); ele não podia tocar em cadáver, mesmo que fosse de um parente próximo que morresse durante o período de seu voto (vs. 6). A palavra hebraica aqui usada, *qadosh*, vem da raiz que significa "consagrado", "santo". Denota a esfera do sagrado, onde homens espirituais sérios encontram comunhão com Deus.

6.9

Se alguém vier a morrer junto a ele subitamente. Se um nazireu quebrasse por acidente a *terceira* regra (vs. 6), o seu voto ficaria automaticamente anulado. E então tinha de passar por uma série de ritos: precisava raspar a cabeça no dia da purificação, o que anulava de vez o voto, visto que sua cabeça e sua barba raspados eram símbolos dessa anulação. Isso ocorria no sétimo dia depois do contato com o cadáver. Ele só podia recuperar a limpeza após o período de espera de sete dias. Em seguida, passava por um rito de purificação, provavelmente um banho de imersão de corpo inteiro; e então raspava a cabeça. Em seguida, vinham os vários sacrifícios e ritos descritos nos vss. 10 ss. Quando tudo isso já estava feito, então ele renovava o seu voto, começando tudo de novo. Em Lev. 22.5, aprendemos como tal toque transmitia santidade ou imundícia. Ver Lev. 15.5 quanto ao *banho* e ritos de purificação similares.

6.10

Depois do banho ritualista e de ter raspado a cabeça, a saber, no oitavo dia, ele precisava oferecer os sacrifícios apropriados. Isso era feito com o animal de menor preço, entre os animais próprios para sacrifício, a saber, as duas espécies de aves permitidas. Ver os *cinco* animais permitidos nos sacrifícios, nas notas sobre Lev. 1.14-16. Quanto ao oferecimento da rola ou do pombinho, ver Lev. 12.8 e 15.14,29. Descrevi o processo sacrificial envolvido com essas aves em Lev. 1.14-16, cujas notas também se aplicam ali.

À porta da tenda da congregação. Ou seja, pelo lado de dentro da *primeira cortina,* que fazia parte da "parede" que circundava o átrio. Ver as notas sobre as "três cortinas" do tabernáculo, em Êxo 26.36. No lado direito do altar, o sacrifício era usualmente feito por aquele que trazia o animal a ser sacrificado. Então era levado a efeito o rito, pelo sacerdote oficiante. Mas, no caso de *aves*, era o próprio sacerdote que as abatia.

6.11

Duas aves eram oferecidas, uma como oferta pelo pecado, e outra como oferta pela transgressão. Antes da exposição sobre o livro de Levítico, ofereci um gráfico que ilustra todos os tipos de oferendas e suas principais características, juntamente com a maneira de oferecê-las.

Oferta pelo pecado. Ver as notas em Lev. 6.25,30, e notas adicionais em Lev. 4.1-35.

Holocausto. Ver notas em Lev. 7.1-7, e notas adicionais em Lev. 6.1-7.

Alguns intérpretes não percebem por que o homem tinha de fazer essas oferendas, *como se* ele tivesse pecado. Lembremo-nos, porém, de que a mente hebréia não distinguia entre o cerimonialmente impuro e o moralmente impuro. Ao tornar-se cerimonialmente imundo, por haver tocado em um cadáver, um homem ficava moralmente imundo, ou seja, em estado de pecado. Logo, era mister haver *expiação.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação.*

Consagrará a sua cabeça. Ou seja, seus cabelos começarão a crescer de novo, e ele recuperará assim os cabelos e a barba que eram o símbolo de seu voto de nazireado. Ver sobre os vss. 5 e 7 Naturalmente, os demais itens também precisavam ser observados (vss. 3 e 6), mas os cabelos longos serviam de sinal da totalidade do voto.

6.12

Então consagrará os dias. Isto é, pela segunda vez, renovando seu voto e estabelecendo um número determinado de dias para a duração de seu compromisso. Ver o segundo versículo deste capítulo.

Além da oferta de aves, ele também tinha de oferecer um cordeiro. O carneiro, o bode e o touro eram os três animais de maior porte que podiam ser oferecidos em sacrifício. Dependendo do sacrifício, espécimes masculinos ou femininos eram usados, e também de diferentes idades. Ver os *cinco* animais diferentes que eram sacrificados, nas notas sobre Lev. 1.14-16.

Os dias antecedentes. Se um homem tivesse votado um nazireado de trinta dias, e tivesse servido por dez dias antes de tornar-se imundo, não podia deduzir o número de dias que já houvesse guardado, mas teria de recomeçar desde o início, guardando seu nazireado por trinta dias. Não havia tal coisa como um voto cumprido *em parte.*

O cordeiro tinha de ser *sem defeito,* conforme se vê em Lev. 22.20 e suas notas expositivas. Precisava ter um ano de idade. O primeiro cordeiro deveria ser macho (vs. 12).

6.13

Fim do Nazireado. Terminado o prazo originalmente designado (que era um mínimo de trinta dias, nos tempos do segundo templo), mais ritos precisavam ser levados a efeito, a fim de que o nazireu fosse liberado de seu voto. Mais sacrifícios estavam envolvidos, descritos no versículo seguinte. Ele precisava trazer as oferendas apropriadas à porta do tabernáculo, ou seja, diante da *primeira cortina,* que servia de porta na parede leste da cerca do tabernáculo. Ver Êxo. 26.36 e suas notas quanto às *três cortinas* do tabernáculo, nas notas de introdução a Êxo. 26.1. O homem apresentava-se ali, trazendo o seu sacrifício, diante da primeira cortina.

A Prática Era Muito Completa. Era mister um holocausto; uma oferta pelo pecado e uma oferta pacífica; e também uma oferta de manjares. Ver o gráfico imediatamente antes da exposição sobre Lev. 1.1 quanto ao vários tipos de oferenda, seu *modus operandi* e seu significado.

Será trazido. É difícil entender aqui o original hebraico. O homem tinha de ser trazido? Ele não viera voluntariamente? Talvez o autor quisesse dizer que o sacrifício fora trazido pelo homem, o qual se apresentara *voluntariamente* diante da primeira cortina. Parece que esse é o sentido da frase, apesar de um fraseado possivelmente difícil de acompanhar. O Targum de Jonathan diz que "ele trouxera a si mesmo". Alguns estudiosos supõem que um sacerdote fosse enviado para trazê-lo, relembrando-lhe então de que tinham terminado os dias de seu voto. Aben Ezra afirmou que ele *tinha* de vir, sem importar se quisesse interromper seu voto ou não. Os dias especificados precisavam ser observados. Não podiam ser ampliados. Se o homem quisesse um período mais longo, então teria de fazer um novo voto, com um novo período de prazo especificado.

6.14

Ele apresentará. No hebraico temos um verbo que significa "aproximar". A palavra é "corbã", usada também em Marcos 7.11. As oferendas eram *presentes* apresentados a Yahweh, de certo ponto de vista. Um homem dá ao Senhor o dom de sua vida.

Juntamente com a oferta pacífica ou oferta de cereais, havia uma *refeição de comunhão,* pelo que a expiação resulta em comunhão. O nazireu e seus familiares participavam da refeição comunal, enquanto Yahweh era o participante invisível. Parte da carne também cabia ao ofertante, no tocante a essa festa. Ver as notas sobre o vs. 20 deste capítulo.

As Três Oferendas:

1. *A oferta pelo pecado.* Ver Lev. 5.1-6. O homem talvez tivesse cometido algum pecado (o que é mais provável) durante o seu período de preparação. E era preciso fazer expiação por tal(is) pecado(s).
2. *O holocausto.* Ver Lev. 1.10-13. O homem dava a entender, por esse meio, que se dedicara em separação absoluta a Yahweh, o alvo de toda a sua vida espiritual.

3. *A oferta pacífica,* de cereais. Com isso, o homem estava equipado para ter comunhão com Yahweh. Ver Lev. 3.6-11 e 7.11.14. Ver o gráfico antes de Lev. 1.1, quanto aos vários tipos de oferenda, seu *modus operandi* e seu significado.

6.15

Este versículo fornece os elementos da oferta de cereais, que vimos comentada em Lev. 7.12,13. Ver também Êxo. 29.2. Havia bolos e obreias, dez de cada. Parte era oferecido a Yahweh, e o resto era consumido na refeição comunal.

As suas libações. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Libação,* quanto a plenos detalhes, bem como Lev. 2.13. Ver também Núm. 15.3.

6.16

Perante o Senhor. Ou seja, no recinto do tabernáculo, onde Yahweh manifestava a Sua presença. O altar onde eram oferecidos os sacrifícios ficava defronte da segunda cortina, que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos, sendo que era nesse ambiente mais interior que Deus se manifestava mais especialmente. Ver sobre as *três cortinas* nas notas sobre Êxo. 26.36. Ver a planta baixa do tabernáculo, nas notas introdutórias sobre Êxo. 26.1.

Oferta pelo pecado... holocausto. Ver as notas sobre o vs. 14 deste capítulo.

6.17

Em conexão com as *ofertas pacíficas* (feitas com cereais), havia o oferecimento de um *carneiro.* Três animais de grande porte eram usados nesse rito: um cordeiro e uma cordeira (vs. 14), e um carneiro. Ver os *cinco* animais que podiam ser sacrificados, nas notas sobre Lev. 1.14-16. Os itens deste versículo são repetições do que já fora encontrado no vs. 14, exceto a menção ao carneiro. Cf. Núm. 28 e 29.

6.18

Rapará a cabeleira do seu nazireado. Os estudiosos da teologia histórica informam-nos que várias culturas antigas contavam com *oferendas de cabelos.* Há algo de misterioso acerca de como os cabelos crescem no couro cabeludo. O cabelo cresce pelas raízes, e não pelas pontas. De fato, não muito longe da raiz, o fio de cabelo já está morto, incapaz de crescer. Portanto, o crescimento processa-se somente na raiz, onde há vida. Esse misterioso processo sugere uma origem oculta da vida biológica. Há algo de "mágico" nos cabelos longos.

Os homens davam grande valor às barbas longas, que lhes emprestavam um toque de venerabilidade. Os cabelos longos de uma mulher eram um dos fatores de sua beleza. Várias superstições estavam associadas aos cabelos; mas tais superstições, já haviam sido abandonadas em Israel quando este texto foi escrito. Mas os cabelos mantiveram uma aura de mistério. Nada mais apropriado para ser oferecido a Yahweh do que esse fator *precioso* e *misterioso.* O ato de serem cortados os cabelos punha fim ao período do nazireado. Os cabelos cortados, pois, compunham uma *quinta* oferenda, a saber: um cordeiro; uma cordeira; uma oferta de manjares; um carneiro; os cabelos cortados. Somente a mente hebréia poderia pensar em algo tão complexo como final de um simples voto.

Os cabelos cortados eram queimados por baixo da oferta pacífica. Os cabelos são aquela porção do corpo humano que cresce com maior rapidez. "Oferendas de cabelos são freqüentes nas religiões primitivas; e tinham lugar porque os cabelos, como parte do corpo que cresce com maior rapidez, seriam dotados de poder divinos, vitalizantes. Ao oferecer seus cabelos, que tinham crescido durante o período de seu voto, o nazireu dava assim a entender que reconhecia que tinha sido guardado pela força que Deus provê" (John Marsh, *in loc.*).

Os cabelos apontavam para a *consagração* a Deus que estava em sua cabeça. Agora era sacrificado a Yahweh, porquanto o voto tomado chegara ao fim. Ver as notas sobre o vs. 7 deste capítulo. No *Dicionário,* ver o verbete intitulado *Cabelos.*

6.19,20

Em oferta movida. O grande final do voto era essa oferta. Ver as notas sobre isso em Êxo. 29.23,24. Os elementos dessa oferta eram porções da carne do carneiro e uma obreia sem fermento. Esses elementos eram postos nas mãos do nazireu, provavelmente com as mãos do sacerdote por baixo das dele, e eram movidos para frente e para trás diante de Yahweh, para chamar-Lhe a atenção, indicando que a cerimônia inteira era aceita e levada a bom termo. Eram usados o ombro e o peito nessa oferta movida. Alguns eruditos vêem aqui *dois* atos: a oferta movida, em que era usado o peito; e uma oferta erguida, em que era usado o ombro. Na opinião de alguns, essa oferta eram levantada e baixada, ao passo que o peito era movido para frente e para trás. Mas outros estudiosos pensam que o original hebraico indica apenas uma oferta movida, com os dois elementos de carne e de bolos.

Chegara ao Fim o Voto do Nazireado. O nazireu, depois disso, podia beber vinho e ocupar-se em atividades normais. Seguia-se uma refeição comunal, da qual participavam o nazireu e seus familiares.

6.21

Este versículo é uma espécie de sumário do voto do nazireado, cuja explicação ocupou os vss. 2 a 20 deste capítulo. O voto de nazireado tornou-se uma *lei* que fazia parte da legislação mosaica. Era um voto *voluntário.* Porém, uma vez feito, precisava ser cumprido com toda a precisão. Ver Atos 21.23-26 quanto a um paralelo no Novo Testamento.

Afora o que as suas posses lhe permitirem. Certos sacrifícios e oferendas eram requeridos. Mas se o homem quisesse oferecer outras coisas, ajudando assim a sustentar o sacerdócio e financiar as despesas do tabernáculo, então, em sua generosidade, podia fazê-lo, o que emprestaria maior valor ao seu voto.

6.22

Disse o Senhor. Essa expressão é usada para introduzir novos materiais. E também nos lembra da doutrina da inspiração divina da Bíblia. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

6.23

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo. Algumas vezes, ele transmitia as mensagens divinas a Arão; de outras vezes, a Arão e seus filhos; e ainda de outras vezes, ao povo de Israel. Há *oito* dessas fórmulas de comunicação. Ver as notas sobre essa questão em Lev. 17.2. No caso presente, o *sacerdócio* foi instruído a abençoar especificamente o povo de Israel, com vistas ao bem temporal e material deles. Isso posto, nos versículos seguintes achamos a *bênção aarônica.*

Na opinião de alguns eruditos, essa bênção é relativamente tardia, pelo que a atribuem à fonte *P.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.),* dando atenção às datas atribuídas a cada uma dessas supostas fontes informativas. Trata-se de uma múltipla teoria de origens do Pentateuco. Nada existe na própria declaração de bênção, porém, que nos obrigue a atribuí-la a uma data mais recente. Alguns supõem que essa bênção seja de origem pré-exílica, e ela se tornou muito popular. A Mishnah diz que essa bênção era usada diariamente no ritual do templo. O nome divino, *Yahweh,* era pronunciado, e não o nome divino substituto, *Adonai;* e isso emprestava grande prestígio a essa bênção, porquanto o nome divino era ouvido a ressoar nos recintos do templo. Tratava-se de algo muito solene para os judeus, que normalmente evitavam proferir esse nome de Deus.

A bênção divide-se em três partes. Mas cristianizar isso e ver nela uma alusão à Triunidade não é exegese, e, sim, *eisegesis,* ou seja, algo que "lemos" no texto, mas que, na realidade, não está ali.

Se certas coisas *materiais,* como colheitas abundantes, bom regime de chuvas, vitórias militares, isenção de enfermidades e prosperidade certamente faziam parte dos desejos implícitos nessa bênção, os hebreus também eram sensíveis para com as realidades espirituais, incluindo-as nas bênçãos divinas.

Eles esperavam a total *providência e Deus* (ver acerca disso no *Dicionário*). Essa bênção tinha por finalidade apor o nome de Yahweh (e, portanto, Sua presença espiritual, Sua provisão e Sua proteção) sobre o povo. A formação das tribos, em redor do tabernáculos, com seus vários acampamentos (ver o segundo capítulo), já servia de símbolo da presença de Deus, no centro de toda a vida e existência. E agora encontramos uma bênção que envolve o mesmo propósito.

6.24

O Senhor te abençoe e te guarde. Deus (Yahweh, neste caso) é a fonte de todas as bênçãos (ver Tia. 1.17).

Haverá chuvas de bênçãos;
Essa é a promessa do amor;
Haverá estações de refrigério;
Todas vindas de nosso Senhor.

(El Nathan)

O nome sagrado, *Yahweh*, figura por três vezes nessa bênção aarônica.

"O Senhor seja bondoso convosco, conferindo-vos Suas excelentes promessas! Que Ele vos *preserve* na posse de todos os bens e vos guarde de todos os males que vos poderiam ameaçar" (Adam Clarke, *in loc.*).

Abençoe. No hebraico temos a palavra *barak*, termo usado positivamente para indicar "bênção", e, negativamente, para indicar "maldição". Aparece por quatrocentas e quinze vezes no Antigo Testamento. "Abençoar, no Antigo Testamento, significava 'dotar de poder para o sucesso, a prosperidade, a fecundidade, a longevidade' etc. É por multas vezes contrastado com *galal*, 'dar pouco valor', 'amaldiçoar'" (*Theological World Book of the Old Testament*, Moody Press).

Guarde. No hebraico, *shamar*, "guardar", "observar", "proteger". O *shimmur* era a "vigília noturna" (Êxo. 12.42). É termo usado por cinco mil, quatrocentas e vinte vezes no Antigo Testamento, com sua variedade de significados. Yahweh nos observa; cuida de nós; guarda-nos. Ele é um vigia que nunca descansa, certificando-se de que estamos seguros e abençoados.

Tu, minha eterna porção,
Para mim, mais do que
Vida ou Amigo; O tempo todo,
em minha peregrinação,
Salvador, quero andar Contigo.

(Fanny J. Crosby)

Os crentes são *guardados* "do fim do mundo; da maldade; de Satanás; do mal do pecado; de se desviarem; são mantidos em um estado de graça para a salvação eterna" (John Gill, *in loc.*). Estão em pauta a proteção divina, física e espiritual. Há perigos que precisam ser evitados; há benefícios a serem recebidos. Deus nos guarda mediante o Seu *favor* permanente, que se manifesta em nosso favor, de multas maneiras diferentes. Sua presença nunca se afasta, e Ele é o nosso vigia.

6.25

Faça resplandecer o seu rosto. Isso quer dizer, "dê Sua aprovação, proteção e iluminação". O rosto do Senhor é luz para a alma. O tabernáculo era um lugar onde se manifestava a presença de Yahweh. Mas o indivíduo também recebe a bênção do rosto divino, que aprova e ilumina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Iluminação.* Deus é o Sol da Justiça. Sua iluminação transforma a alma. Nessa iluminação há comunhão. No tabernáculo havia oferendas de comunhão, bem como a refeição comunal, que celebravam a comunhão com Deus. Mas o indivíduo também pode gozar do contato pessoal com o poder divino. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo.*

Santo Espírito de luz divina,
Brilha sobre este meu coração;
Espanta as sombras, e também ilumina,
E me salva a alma de toda perdição.

(Andrew Reed)

Tenha misericórdia de ti. No hebraico lemos a palavra *hen*, "favor", equivalente à "graça" (no grego, *xáris*) do Novo Testamento, indicando alguma coisa "dada gratuitamente". Uma palavra cognata, aparece no hebraico em Jó 41.1, que significa "conceder um favor", "sentir compaixão". Nossa versão portuguesa diz "acordo". Deus está sempre pronto a *intervir* e conceder-nos tudo de quanto carecemos, tudo quanto nos for útil, tudo quanto promover nossa missão e bem-estar. Em Yahweh temos tudo quando for necessário para a vida e a existência. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Oh! à graça sou grande devedor,
E a isso constrangido todo dia;
Que Tua graça, qual corrente de amor,
Me ligue a Ti, com grande alegria.

(Robert Robinson)

6.26

Levante o seu rosto. No hebraico temos *panim*, "face", "presença". Um termo usado literal e metaforicamente. Yahweh cuida de nós e vigia sobre nós; Ele considera com favor o homem espiritual. Ele concede Sua graça e provisão. Não há coisa boa que Ele não nos conceda. Assim como um pai não dá a seu filho uma pedra, quando ele lhe pede um pão, ou uma serpente, quando lhe pede um peixe (ver Mateus 7.9-10), assim também Yahweh mostra-nos o Seu rosto, para o nosso bem. Ele "volta-se" para Seus filhos, disposto a fazer-lhes o bem, conforme essa expressão pode significar. E eles contemplam o Seu rosto com expectação; em Sua graça, supre-lhes todas as suas necessidades. Os homens anelam por ver o rosto de Deus. Mas Seu rosto está sempre presente, para aqueles que O buscam. Um homem poderia perecer, se visse a face de Deus (ver Êxodo 19.21); mas, para o homem espiritual, essa contemplação redunda em bem. Na dispensação do Novo Testamento, Cristo é a face de Deus e, à contemplação de Seu rosto, vamos sendo transformados segundo a Sua imagem (ver II Coríntios 3.18).

E **te dê a paz.** Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Paz.* A paz é um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gálatas 5.22,23). A paz consiste na ausência de discórdia, e também no consolo do amor. É segurança, mas também é a bênção eterna da harmonia com Deus. Há paz na retidão. Há paz no ministério do Espírito, o qual cultiva em nós o Seu amor.

Quando paz como um rio preenche meu caminho,
Quando rolam as tristezas como
ondas do mar;
Tens-me ensinado a dizer, apesar
de todo espinho,
Vai tudo bem, Tu me ensinaste
a me alegrar.

(H. G. Spafford)

Jesus é o Príncipe da Paz (ver Isaías 9.6). No hebraico, paz é a familiar palavra *shalom.* A raiz dessa palavra significa "término", "cumprimento", indicando que a pessoa que goza de paz entrou em um estado de "integridade" e "unidade", em uma condição e em um lugar onde impera a *harmonia.* Quando duas partes acordavam, ambas entravam em um estado de harmonia e contentamento. O pagamento de um voto (Salmo 50.14) produz a paz. Nas formas adjetivadas da palavras, estão contidas as idéias de "perfeição" e de "algo terminado". *Prosperidade* é um termo correlato, porquanto ela nos confere paz diante das necessidades. Ademais, na paz há *segurança.* A paz de Deus é uma provisão de pacto. O povo que entrou em pacto com Deus habita em Sua paz.

6.27

Porão o meu nome sobre os filhos de Israel. O nome divino é mais do que um mero título. O nome de Deus aponta para a Sua presença, poder e bênção. O nome divino é gravado sobre um crente tal como um escravo era marcado a ferro em brasa. Desse modo, tal crente era identificado com Aquele que tinha o nome. "Yahweh" era o nome revelado. Israel promovia a nova fé revelada, o "yahwismo". Esse foi um grande avanço espiritual. Aquele que desfrutavam esse avanço, traziam em si mesmo o novo nome da divindade. Os antigos israelitas acreditavam na importância dos nomes, supondo que nos nomes havia um certo destino. E os que traziam o nome de Yahweh recebiam um novo destino.

No hebraico, temos a palavra *shem*, usada por oitocentas e sessenta e quatro vezes no Antigo Testamento. O significado da raiz é desconhecido, mas na prática parece haver uma ligação com a idéia de "monumento", algo sobre o qual nomes e títulos eram costumeiramente gravados. Esperava-se que os nomes pessoais concordassem com a personalidade, o caráter e o destino de uma pessoa. Ver I Sam. 25.25. Alguns criam que pronunciar um nome podia afetar uma pessoa para o bem ou para o mal. No exorcismo, era considerado importante saber o nome do demônio a ser expelido, pois isso parecia prover ao exorcista um instrumento de comando. O grande tetragrama, YHWH (pronunciado *Yahweh*, ao receber os sinais vocálicos), era o nome gravado no monumento de Israel.

Toma contigo o nome de Jesus,
Filho da tristeza e do lamento;
Alegria e consolo receberás da cruz;
Leva-o contigo, por onde
quer que fores.

(Lydia Baxter)

E **eu os abençoarei.** Essa é a palavra geral do texto; pois aquele que é guardado pelo Senhor, que conta com o brilho do rosto do Senhor sobre ele, que está sendo abençoado por Ele, que goza da paz divina, que tem o nome do Senhor gravado sobre ele, sim, esse é o homem cuja vida é bafejada pela bênção divina. Notemos como a bênção aarônica começa com o verbo "abençoar" (vs. 24) e termina com o mesmo verbo (vs. 27). Ver as notas sobre o vs. 24 quanto aos detalhes. O Targum de Jonathan diz aqui: "Eu os abençoarei em minha Palavra". Sim, é o Logos do Novo Testamento que concede a todos os seres humanos todas as bênçãos divinas, mediante a Sua encarnação e através do Seu Espírito. Nele todas as nações estão sendo abençoadas (Gên. 18.18; 22.18), porquanto Ele está cumprindo as grandes provisões do pacto abraâmico. Ver as notas sobre esse pacto em Gên. 15.18.

Capítulo Sete

Enumeração das Ofertas dos Príncipes (7.1-89)

O *princípio da contribuição* foi ensinado aos filhos de Israel quando eles ainda estavam no deserto. Teria sido impossível erigir o tabernáculo sem a generosidade dos filhos de Israel. Ademais, havia a questão do sustento do ministério. A tribo de Levi tornou-se uma casta sacerdotal (ver Núm. 1.47 ss.), ao substituir os primogênitos como o ministério espiritual (ver Núm. 3.11 ss.). Esse novo sistema seria mantido pelas ofertas das demais tribos. Assim, este sétimo capítulo delineia o que *cada tribo* trouxe como sua contribuição para essa obra. O tempo retrocede para a época de Êxo. 40.17 (cf. Núm. 1.1), a saber, no dia em que Moisés terminou de levantar o tabernáculo. O culto divino não podia sofrer interrupção. Provisão imediata deveria haver para a sua inauguração.

Em primeiro lugar, temos a apresentação dos vagões para o transporte das peças do tabernáculo. O livro de Números é aquele que nos conta como o povo de Israel deixou o Sinai e pôs-se a caminho para a fronteira da Terra Prometida. Em seguida, encontramos a apresentação de provisões para o sustento do trabalho, em que cada tribo contribuiu com sua parte. A adoração comum de Israel, e a unidade universal em torno desse culto, emprestava ao povo um centro de vida, tal como as várias tribos acampavam-se em redor do tabernáculo, como seu centro geográfico. Ver sobre essa questão nas notas sobre o segundo capítulo de Números.

7.1

No dia. Temos aqui o elemento tempo. Ver Êxo. 40.17 e Núm. 1.1. Terminada a construção do tabernáculo, foram iniciadas as provisões para seu transporte e manutenção. Ver a introdução a este sétimo capítulo, quanto aos detalhes. Aquele *dia* foi o primeiro dia do primeiro mês do segundo ano após a saída de Israel do Egito, ou seja, um mês antes dos eventos registrados nos capítulos primeiro a quarto do livro de Números. Minhas notas em Êxodo dão os detalhes do elemento tempo, pelo que não preciso repeti-los aqui. Ver também Êxo. 40.2.

"Este capítulo aponta, em retrospecto, para um mês antes, quando o tabernáculo acabara de ser levantado e dedicado. Em preparação para a ida desde o Sinai à Terra Prometida, os líderes de cada tribo trouxeram ao Senhor presentes de seis vagões e doze bois. E estes ficariam à disposição dos levitas, para ajudá-los em seu trabalho de transportar o tabernáculo e seu conteúdo (vss. 4,5)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Quanto ao relato da unção e dedicação do tabernáculo, ver Êxo. 30.23-28 e Lev. 8.10. Ver também Êxo. 40.17-33 quanto à construção do tabernáculo e seu altar. "Parece que, em confronto entre Êxo. 40.17 e Núm. 10.11, passaram-se cinqüenta dias entre a construção do tabernáculo e a partida do Sinai" (Ellicott, *in loc.*).

7.2

Os príncipes de Israel. Esses tomaram a iniciativa sobre a questão das ofertas, visto que cada tribo contribuiu com uma parte igual. O autor sacro leva-nos de volta à informação dada em Núm. 1.5 ss. Eles tinham estado envolvidos no *recenseamento,* e agora lideravam em outra questão vital para Israel. Aquele trecho fornece-nos os nomes de todos eles. Foi ali que comentei acerca deles, mostrando tudo quanto se sabe sobre eles. Cada tribo tinha seu próprio *príncipe,* uma espécie de chefe de clãs e de famílias. O Targum de Jonathan supõe que esses príncipes já houvessem sido nomeados pelas tribos, quando Israel ainda estava escravizado aos egípcios; e, assim, simplesmente eles estavam dando continuidade ao seu trabalho. É possível que muitos ou mesmo todos esses *príncipes* tenham sobrevivido, levando avante o seu trabalho no deserto.

7.3

A sua oferta. Os presentes que possibilitaram o transporte do tabernáculo desmontado foram seis vagões cobertos, ou seja, um vagão para cada dois príncipes; e doze bois, um para cada príncipe. Dessarte, cada uma das doze tribos contribuiu com exatamente o mesmo tipo de presente. O quarto capítulo revela-nos os deveres das *três* divisões dos levitas, descendentes dos três filhos de Arão, Gérson, Coate e Merari (Núm. 3.17). Cada divisão sacerdotal estava encarregada de deveres específicos, para proteção, reparos e transporte do tabernáculo. O autor sagrado, *graciosamente,* não repetiu toda aquela informação, mas somente falou sobre os vagões como meios de transporte. Se o leitor quiser saber quais porções do tabernáculo eram transportadas por cada divisão dos levitas, terá de examinar o quarto capítulo de Números.

Os vagões eram *cobertos* (cf. Isa. 46.20). Isso dava maior proteção ao material transportado. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Carro.*

7.4

Disse o Senhor. Uma expressão por muitas vezes usada no Pentateuco, tanto para introduzir material novo quanto para lembrar-nos da doutrina da divina inspiração das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

7.5

Presume-se que a voz de Yahweh procedeu do interior do tabernáculo. Moisés servia sempre de mediador entre Ele e o povo de Israel, e foi ele quem transmitiu a mensagem aos que tinham trazido os presentes para serem usados no transporte do tabernáculo. Ver sobre as *oito* fórmulas de comunicação usadas no Pentateuco. Moisés transmitia os recados divinos a Arão, a ele e a seus filhos ou a todo o povo de Israel (e, neste caso, aos príncipes), conforme se vê em Lev. 17.2.

Moisés recebeu os vagões e os bois, da parte dos príncipes, e então os entregou para uso dos levitas (ver o vs. 6).

A cada um segundo o seu serviço. Isso para que fosse possível o trabalho do transporte, em que cada uma da três divisões dos levitas carregava sua porção designada. Ver o quarto capítulo de Números quanto às designações, ou seja, *quais partes* do tabernáculo cada divisão tinha de transportar.

Os coatitas não receberam carros, visto que lhes cabia transportar sobre os ombros os itens mais preciosos do tabernáculo (vs. 9).

7.6

Os *seis* carros e os *doze* bois foram distribuídos entre os gersonitas e os meraritas. Os coatitas não receberam nem vagões nem bois, pois deviam transportar pessoalmente certos itens, que eram os mais santos objetos usados no tabernáculo (vs. 9). A distribuição de vagões e bois não foi igual entre os gersonitas e os meraritas, conforme vemos nos versículos seguintes, pois não era o mesmo o peso e o volume das peças que eles deviam transportar.

7.7

Aos filhos de Gérson. Esses transportavam cargas mais leves, pelo que receberam dois vagões e quatro bois. Eles transportavam as cortinas e as coberturas, os véus e os varais do tabernáculo. Esses itens eram pesados e difíceis de transportar. Ver as notas em Núm. 4.25,26 quanto à porção dos materiais do tabernáculo que eles deviam transportar.

7.8

Aos filhos de Merari. Como a carga desses era maior, foram-lhes dados quatro carros e oito bois. O trecho de Núm. 4.31,32 mostra-nos quais peças eles deviam transportar. Eles ficaram encarregados das tábuas, das colunas, do soquetes e das cordas, todos esses itens pesados.

Sob a direção de Itamar. Esse era o supervisor tanto dos meraritas quanto dos gersonitas, conforme vemos em Núm. 4.28,33. Ele verificou se os carros e os bois tinham sido entregues às pessoas certas, cuja tarefa era dirigir o trabalho de transporte.

7.9

Aos filhos de Coate. A esses foi entregue a tarefa de transportar a maior parte dos itens sagrados, a arca da aliança, a mesa dos pães da proposição, o candeeiro e os altares. Ver Núm. 4.4-15. Esses móveis dispunham de varais, para que pudessem ser transportados ao ombros dos carregadores. Talvez fosse considerado um erro transportar objetos tão preciosos em carros, ainda que, posteriormente, a arca da aliança tenha sido assim transportada (ver Jos. 3.17; 4.10; II Sam. 6.2,3).

Uma Metáfora. Falamos em "levar aos ombros a nossa responsabilidade", uma expressão idiomática que nos exorta a cumprir da maneira própria o nosso dever. Os coatitas não receberam carros. Mas transportavam aos ombros as suas cargas. Algumas coisas requerem atenção e manuseio temporal. Jesus carregou a Sua cruz e cumpriu o Seu dever. Todos temos cruzes a transportar. Nossas missões requerem que cumpramos nossos deveres, os quais, ao mesmo tempo, são grandes privilégios e motivos de satisfação.

7.10

Os príncipes. Ou seja, os representantes das *doze tribos,* chefes dos clãs. Em Núm. 1.5 ss. temos a lista e os comentários sobre eles. Aqueles que tinham supervisionado o censo agora tinham novas tarefas a cumprir. Antes de tudo, tiveram de providenciar os veículos para transporte do tabernáculo (vss. 3 ss.). E agora trouxeram oferendas especiais para o sustento do ministério e para o culto efetuado no tabernáculo.

Os príncipes de Israel, os cabeças da casa de seus pais, os que foram príncipes das tribos... ofereceram, e trouxeram a sua oferta perante o Senhor... Disse o Senhor a Moisés: Recebe-o deles, e serão destinados ao serviço da tenda da congregação.

Números 7.2-5

*** *** ***

LIBERALIDADE

Seu exercício emula outros à liberalidade.

II Cor. 9.2

Sua ausência atrai maldições;
é prova de que não amamos a Deus.
É prova de que não temos fé.

Pro. 28.27; I Jo. 3.17; Tia. 2.14 ss.

Bênçãos são vinculadas à liberalidade.

Sal. 41.1; Pro. 22.9

Promessas são feitas aos liberais.

Sal. 112.9; Pro. 11.25

Exortação a seu respeito

Luc. 3.11; Atos 20.35

No dia. Ou seja, o dia mencionado no primeiro versículo deste capítulo, referindo-se de volta a Êxo. 40.17.

Perante o altar. Ou seja, *no tabernáculo, diante do altar dos holocaustos.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Altar de Bronze.* Eles entravam no átrio do tabernáculo, passando pela primeira cortina, que formava a porta do átrio externo. E chegavam até diante do altar de bronze, onde depositavam suas oferendas. Ver a planta baixa do tabernáculo, na introdução a Êxo. 26.1. Esses presentes foram feitos para a dedicação do altar, para o início do culto divino no tabernáculo.

7.11-12

Os vss. 12-88 deste capítulo dão-nos, com todos os detalhes repetidos quanto a cada tribo, os presentes que foram trazidos. Eram iguais em cada caso, pelo que, depois de comentar sobre os presentes que foram oferecidos em primeiro lugar (aqueles dados pela tribo de Judá), temos as notas acerca do capítulo inteiro. A única coisa que muda é o nome de cada príncipe e de sua tribo. E esses dois nomes introduzem as mesmas informações que são dadas no caso do príncipe Naassom, da tribo de Judá.

A ordem de apresentação dos príncipes e suas tribos é um tanto diferente da que se vê em Núm. 1.5 ss, pelo que o leitor deveria examinar de volta aquela lista, quanto a notas sobre cada príncipe. No primeiro caso, a tribo de Rúben é que aparecia em primeiro lugar. Mas aqui vem em primeiro lugar a tribo de Judá, a tribo principal. O Messias descendia de Judá, no tocante à carne. Ver I Crônicas 5.2 e Apocalipse 5.5.

A ordem aqui observada é a dos acampamentos das tribos, em torno do tabernáculo, conforme se vê em Núm. 2.3 ss.

7.13-17

Os Presentes:

1. Um *prato de prata.* No hebraico, *kaarath,* era uma taça profunda onde podiam ser misturados ou batidos vários materiais. Ver Êxo. 25.29. Podia ser usado para misturar uma pequena quantidade de massa ou para libações, ou podia armazenar oferendas de cereais. Esses presentes podiam ser usados no culto do tabernáculo. Também tinham um valor que podia ser obtido para a promoção do culto.
   O peso desse item era de cento e trinta siclos. Ver notas adicionais em Êxo. 30.13 e Lev. 27.25. Mas não há como comparar esse peso e seu valor com as medidas modernas.
   O *siclo,* ao que parece, era o valor que um homem podia esperar receber em um mês de trabalho. Isso nos fornece alguma idéia sobre seu valor. Uma de minhas fontes informativas calcula como o equivalente a três mil dólares o valor total doado por cada tribo. Mas isso nada significava, pois não podemos traduzir isso em "poder aquisitivo" nos dias de Moisés. O *poder aquisitivo* é o verdadeiro valor. Quando eu era criança, um homem podia comprar um pão por cinco centavos de dólar. Agora, esse mesmo pão custa vinte vezes mais.
2. Uma *bacia de prata.* No hebraico, *mizrak,* uma espécie de bacia de boca larga, provavelmente usada para recolher o sangue dos sacrifícios. Também podia ser usada nas ofertas de libação. Ver Êxo. 27.3. Seu peso ou valor era de setenta siclos. Era um vaso menor do que o mencionado em primeiro lugar, de menor peso e de menor valor. Ambos podiam ser usados para as ofertas de manjares, conforme diz o resto do versículo. Sempre participavam dos outros sacrifícios. Quanto às *ofertas de manjares,* ver Lev. 2.1-16 e 6.14-18.
3. Um *recipiente.* No hebraico, *caph,* uma espécie de vaso onde eram recolhidas as cinzas. Ver Êxo. 26.29. Há versões que falam em "prato" e até em "colher". O fato é que esse "recipiente" valia dez siclos de ouro. Portanto, esse vaso valia sete vezes mais que o primeiro desses objetos mencionados. Na verdade, não se sabe como traduzir com certeza a palavra hebraica envolvida. Sua referência primária é à "palma da mão", o que parece apontar para uma pequena taça, capaz de conter uma pequena quantidade de líquido. Os estudiosos também não chegam a um acordo quanto ao uso exato desse recipiente. Minhas notas em Êxo. 25.29 fornecem algumas idéias.
4. *Um novilho, um carneiro, um cordeiro.* Todos de um ano de idade, para serem oferecidos em holocausto. *Cinco* eram os animais que podiam ser sacrificados, conforme se vê nas notas sobre Lev. 1.14-16. Os animais oferecidos nessa ocasião eram totalmente consumidos no fogo. Ver sobre esse tipo de oferta, um holocausto, nas notas em Lev. 6.9-13, com idéias adicionais em Lev. 1.3-17.
5. Um *bode* (um dos cinco animais que podiam ser oferecidos em sacrifício). Seria oferecido como *oferta pelo pecado.* Ver esse tipo de oferenda em Lev. 6.25,30, com notas adicionais em Lev. 4.1-35. Havia mais de cinco variedades de animais a serem oferecidos, se levarmos em conta idade e sexo. Mas havia somente cinco espécies. Assim, no versículo anterior temos duas espécies diferentes, mas três animais possíveis.
6. Vários outros animais também foram doados, a fim de serem oferecidos *como ofertas pacíficas ou ofertas de comunhão.* Ver Lev. 7.11-21, com idéias adicionais em Lev. 3.1-17. Os animais envolvidos eram dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, cinco cordeiros, todos eles de um ano de idade. Portanto, nesses presentes, foram doados dezessete animais para serem oferecidos nessa outra oferenda. Assim, o culto do tabernáculo disporia de certo suprimento de animais para serem sacrificados. E, considerando-se que esses presentes foram repetidos por cada tribo, o número deles foi bastante grande. Assim, tudo quanto se comentou nos vss. 13-17 deve ser multiplicado por doze.

O siclo do santuário. Esse era um siclo mais pesado e de maior valor. As informações a respeito são dadas nas referências acima. Ver Êxo. 30.13 quanto a essa expressão.

As *oferendas* serviriam para a consagração do sistema sacrificial do tabernáculo, ou seja, para dar *início* a seu culto. E havia um excedente de animais para serem sacrificados em outras ocasiões. Os sacerdotes alimentavam-se das porções dos sacrifícios que lhes pertenciam. Assim sendo, o sustento alimentar estava envolvido em toda a cena. Ver o gráfico existente antes de Lev. 1.1, que mostra os vários tipos de oferenda, o *modus operandi* dos sacrifícios e as porções que pertenciam aos sacerdotes.

7.18-83

Os vss. 18-83 registram como todos os líderes tribais restantes trouxeram *presentes idênticos,* pelo que não precisamos comentar o que eles fizeram. Os líderes tribais trouxeram seus presentes em doze dias sucessivos, provavelmente a começar pelo primeiro dia do primeiro mês, dois anos após a saída do Egito (ver Êxo. 40.17). A ordem de apresentação seguiu o arranjo que as tribos tinham em redor do tabernáculo. Ver Núm. 2.3-31. Apresentei um gráfico imediatamente antes do início da exposição deste livro, que demonstra qual era o arranjo dos acampamentos.

Abaixo apresento outro quadro que ilustra a situação:

Entrega dos Presentes:

Tribos	*Líderes*	*Versículos*	*Acampamentos*
1. Judá	Naassom	12	Leste
2. Issacar	Natanael	18	Leste
3. Zebulom	Eliabe	24	Leste
4. Rúben	Elizur	30	Sul
5. Simeão	Selumiel	36	Sul
6. Gade	Eliasafe	42	Sul
7. Efraim	Elisama	48	Oeste
8. Manassés	Gamaliel	54	Oeste
9. Benjamim	Abidã	60	Oeste
10. Dã	Aieser	66	Norte
11. Aser	Pagiel	72	Norte
12. Naftali	Aira	78	Norte

Tipos e Metáforas:

1. Deus é a fonte de todos os dons, recursos e graças (Tia. 1.17).
2. Todo homem espiritual é dotado, podendo servir a seus semelhantes (I Cor. 12; Efé. 4.11).
3. O verdadeiro serviço envolve sacrifício.
4. O serviço é um esforço cooperativo da Igreja, e não apenas uma questão individual.
5. Os sacrifícios prefiguram o sacrifício de Cristo, feito de uma vez por todas (Heb. 7.27).
6. Desse modo foi provido o acesso a Deus (Heb. 9.11 ss.).
7. A transformação segundo a imagem de Cristo é o âmago do acesso, pois assim o remido vai adquirindo a própria natureza divina (Rom. 8.29; II Ped. 1.4).

7.84-89

Estes seis versículos sumariam os presentes, multiplicados por doze, tomando-se por base a informação acerca do que a tribo de Judá presenteou (vss. 13-17).

A consagração do altar. Repetição do que se lê no vs. 10 deste capítulo, onde apresentamos as notas expositivas.

No dia em que foi ungido. Ou seja, no primeiro dos doze dias, em que os presentes continuaram a ser apresentados. Ver a designação do tempo no primeiro versículo deste capítulo.

Vs. 89. Esse versículo deve ser comparado com Êxo. 25.22, que é virtualmente idêntico. As idéias ali expostas também se aplicam aqui.

"O prazer do Senhor, diante do espírito generoso dos líderes das tribos, pode ser sugerido por Sua *comunicação* a Moisés, no Santo dos Santos do Tabernáculo, entre os dois querubins" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). O tabernáculo era o lugar das comunicações divinas, e o Santo dos Santos era o local onde visitava a glória *shekinah* (ver essa palavras no *Dicionário*). As provisões quanto ao culto divino possibilitaram a comunicação. *Yahweh falou* e continuaria falando, embora não nos seja dito o que o Senhor disse na ocasião. Este versículo afirma que Deus se comunica com os homens. Existe tal coisa como *revelação* e *iluminação*. Ver sobre ambos esses termos no *Dicionário*.

A arca do testemunho. Ver sobre esse móvel no *Dicionário*, como também em Êxo. 25.17. Ver também o artigo intitulado *Propiciatório* no *Dicionário*.

Capítulo Oito

Leis e Regras Miscelâneas (8.1—9.14)

As Lâmpadas do Tabernáculo (8.1-4)

Após ter descrito os presentes para a iniciação e continuação do culto no tabernáculo (providos pela cooperação dos doze príncipes das doze tribos de Israel, no capítulo 7), agora o autor sacro traz à nossa atenção o papel dos sacerdotes no serviço religioso do tabernáculo. E também lemos sobre as suas funções sacrificiais, afirmadas mas não elaboradas. Cf. Êxo. 25.37; 30.8; Lev. 24.2-4. Acender as lâmpadas era prerrogativa dos sacerdotes aarônicos.

8.1

Disse o Senhor. Essa expressão introduz novos materiais, como um artifício literário, e também nos lembra da doutrina da divina inspiração da Bíblia. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

8.2

Fórmulas de Comunicação. Moisés era o mediador entre Deus e o povo de Israel. Ele transmitia as mensagens divinas a Arão; a Arão e seus filhos; ou a Israel em geral. Desse modo, todos recebiam comunicações da parte de Yahweh. Ver as *oito* fórmulas de comunicação anotadas em Lev. 17.2. No caso presente, a mensagem de Yahweh, passando por Moisés, foi endereçada a Arão e a seus filhos, os quais o ajudavam no culto divino.

Arão. O sumo sacerdote cuidava do *candelabro* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Mas sacerdotes comuns podiam fazer esse trabalho, sob sua supervisão (ver Êxo. 27.21). Mas não há que duvidar de que, na primeira vez em que foram acesas a lâmpadas do candelabro, o próprio sumo sacerdote assim fez. Em outras palavras, ele inaugurou esse trabalho. Ver notas em Êxodo 25.37, que têm aplicação aqui. Ver a planta baixa do tabernáculo, quanto à posição dos diferentes itens do tabernáculo, nas notas de introdução a Êxo. 26.1.

Disse Jesus: "Vós sois a luz do mundo" (Mat. 5.14). Sim, somos luz porque Ele é a Luz (ver João 8.12). Conta-se a história de um antigo professor que conseguia esparzir a luz onde quer que estivesse, embora fosse um homem aleijado das mãos e dos pés. Depois que ele morreu, sua filha escreveu-lhe um tributo, nas seguintes palavras:

Tomou sua vela iluminada e se foi embora
Para algum lugar que não posso achar;
Mas todos sabem onde ele esteve, agora,
Pelas luzinhas que deixou a brilhar.

Assim como o sol, a luz e as estrelas iluminam a terra, assim também o sumo sacerdote de Israel acendia o candeeiro de sete lâmpadas, para iluminar o tabernáculo. Visto que essa estrutura não recebia nenhuma luz externa, a luz do candelabro era a única que havia naquele lugar. Toda a nossa luz vem do Senhor Jesus, mas nem por isso nossas luzes deixam de ser reais.

As sete. O candelabro tinha uma hástea central, e seis hásteas laterais, cada hástea com sua lâmpada, perfazendo um total de "sete". Ver sobre esse número o artigo do *Dicionário* chamado *Número (Numeral, Numerologia).* O azeite, que era o combustível que fazia arder as lâmpadas, servia de símbolo do Espírito de Deus. Assim, a luz deriva-se da divina *iluminação* (ver no *Dicionário* o verbete com esse nome).

Josefo (*Antig.* III.6,7) explica que as sete lâmpadas do candelabro representavam o sol, a lua e os planetas, pelo que seria sempre um símbolo do poder criador de Yahweh. Ver Êxo. 25.31-40 e suas notas quanto à descrição do *candeeiro*, bem como o artigo sobre esse assunto no *Dicionário*, quanto a uma completa descrição.

8.3

E Arão fez assim. O sumo sacerdote de Israel cumpriu o seu dever, acendendo as lâmpadas, conforme Yahweh lhe havia determinado. Ver Núm. 1.54 quanto a uma nota de *obediência,* usada como sumário de material. "Confia e obedece", era o lema adotado pelo povo de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Obediência,* quanto a notas completas sobre esse conceito. Ver Êxo. 25.37 quanto à ordem divina original. Mediante a obediência de Arão, a luz resplandeceu. E outro tanto sucede no caso de cada crente que cumpre sua missão, em obediência ao decreto divino.

Espírito Santo, desce em meu coração;
Desmama-me do mundo, inda que eu viva aqui;
Condescende à minha fraqueza, poderoso como és,
E faz-me amar-Te, como é de meu dever.

(George Croly)

8.4

Este versículo refere-se a Êxo 25.31,36, quanto aos detalhes mencionados aqui. Para informações completas, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Candeeiro.* Quanto à informação de que essa parte do tabernáculo (bem como todas as outras) foi fabricada de acordo com as orientações de Yahweh, que exibiu o modo de tudo, em Sua mente, ver Êxo. 25.9,40.

Tipologia. "O candeeiro propriamente dito era emblema da Igreja de Cristo; o azeite representava as graças e dons do Espírito em ação nos homens (ver Apo. 1.12-20). Deus edifica a Sua Igreja e envia o Seu Espírito para nela habitar, santificá-la e purificá-la, para que o mundo veja que ela é feitura *Dele.* As *sete* lâmpadas do candeeiro apontam para os sete Espíritos de Deus, e o Espírito Santo é assim chamado, em Apocalipse 3.1, devido à variedade e abundância de Seus dons e influências" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Consagração dos Levitas (8.5-26)

Esta seção é, essencialmente, um paralelo do oitavo capítulo de Levítico. Ambas as passagens repetem o essencial do trecho de Lev. 3.5-13, mas temos adicionadas aqui as regras de purificação dos sacerdotes e de apresentação a Yahweh. As compilações de material, de diferentes fontes, podem ser indicadas pelas repetições: a ordem de purificação ocorre por duas vezes (vss. 6 e 15); e a ordem de *mover* a oferenda foi dada por uma vez a Arão e por duas vezes a Moisés. O sacerdócio é exaltado acima da posição dos levitas comuns, de tal modo que estava em desenvolvimento uma verdadeira casta sacerdotal. "Os levitas eram simplesmente purificados; mas os sacerdotes eram santificados. Em segundo lugar, os levitas foram notadamente diferenciados dos israelitas comuns, tal como os israelitas comuns eram distinguidos dos gentios" (John Marsh, *in loc.*).

Os Passos:

1. Purificação (vss. 6 e 7).
2. Oferendas (vss. 8-19).
3. Imposição de mãos (vs. 10).
4. Transferência de culpa (vss. 12-19).
5. Os primogênitos substituídos pelos levitas (vss. 15-18).
6. Os levitas são presenteados aos sacerdotes para que o serviço no tabernáculo corresse mais fácil (vs. 19).
7. Tudo isso feito, os levitas iniciaram seu serviço sagrado (vss. 20-22).
8. Limites de idade garantiram que os levitas serviriam a Yahweh na flor da idade (vs. 24).

8.5

Disse mais o Senhor. Essa expressão é usada com freqüência no Pentateuco, a fim de introduzir alguma nova seção. Mas também nos faz

lembrar da inspiração divina da Bíblia. Ver notas completas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1.

8.6

Toma. Moisés era sempre o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. Ele transmitia as mensagens divinas a Arão, a Arão e seus filhos ou a todo o povo de Israel. Ver as fórmulas de comunicação (*oito* ao todo), anotadas em Lev. 17.2. Neste texto, não somos informados a quem essa mensagem foi transmitida, embora seja provável que as ordens tenham sido executados por meio de Arão. Os levitas tornaram-se uma casta sacerdotal, e não tanto uma tribo (ver Núm. 1.47 ss.). A fim de cumprirem seus deveres no tabernáculo, como assistentes dos sacerdotes (que também eram da tribo de Levi), eles tiveram de passar pelos passos listados na introdução ao versículo anterior. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Purificação.* O versículo seguinte descreve o ritual de purificação. Está em pauta a liberdade de qualquer corrupção física; mas isso simboliza a isenção de poluição moral. Ver no *Dicionário* o artigo *Santificação.* Ver também o trecho de Isaías 52.11, bem como as aplicações neotestamentárias em II Cor. 6.6 e I Tim. 4.12.

8.7

A água da expiação. Visto que estava em pauta o desembaraço do pecado, e não apenas um rito de purificação física, havia necessidade dessa expiação. No hebraico temos a palavra *hattath,* "água da oferta pelo pecado". Cf. Núm. 6.17. Essa água de purificação era preparada mediante a mistura com as cinzas de uma novilha vermelha, madeira de cedro, hissopo e escarlata; a própria novilha era sacrificada, e seu sangue era aspergido por sete vezes diante do tabernáculo (ver Núm. 19.3-10).

"A purificação dos levitas fazia parte das tarefas de Arão, ou ele mesmo agindo, ou por sua ordem. E nisso ele era um tipo de Cristo, o qual é o refinador e purificador dos filhos de Levi (Mal. 3.3)" (John Gill, *in loc.*). Ver Heb. 9.13,14 quanto à aplicação neotestamentária desta passagem.

Uma Purificação Completa. Todo pêlo corporal tinha de ser removido. Cf. Lev. 14.8,9. Os pêlos costumam reter impurezas. Nenhuma impureza era permitida no corpo e na alma. Os sacerdotes egípcios eram fanáticos quanto a se desfazerem de todo cabelo e pêlo. Eles tinham de se barbear de três em três dias, para que não retivessem no corpo nenhuma impureza (Herod. *Euterpe,* 1.2, cap. 37). Para alguns intérpretes antigos, o paralelo da raspagem dos pêlos dos leprosos era o que se fazia com os levitas, pois eles tinham que sofrer uma raspagem completa, visto que o pecado, tipificado pela lepra, estava em pauta. Mas Ben Gersom pensa que os cabelos simbolizavam todas as coisas materiais e *corporais,* e até mesmo as *minúcias* tinham de ser sacrificadas, em favor do serviço sagrado.

Lavarão as suas vestes. Esse ato fazia parte da completa purificação. Ver Lev. 14.8,9. Quanto à tipologia neotestamentária ligada a isso, ver Heb. 10.22 e Apo. 7.14. Os levitas lavavam suas vestes, mas os sacerdotes recebiam vestes totalmente novas para o culto divino. Ver Lev. 8.7-13.

E se purificarão. Precisavam tomar um banho de purificação, totalmente imersos em água. Quanto ao *banho cerimonial,* cf. Luc 14.8; 17.15; Núm. 19.19.

8.8

Um novilho. Quanto aos *cinco* animais que podiam ser sacrificados, ver Lev. 1.14-16.

Sua oferta de manjares. Ver sobre isso Lev. 6.14-18, com notas adicionais em Lev. 2.1-16.

Para oferta pelo pecado. Ver Lev. 6.25,30, com notas adicionais em Lev. 4.1-35.

"A purificação interior, como sempre, devia ser acompanhada pelo oferecimento de sacrifícios. O animal a ser abatido, um novilho, indica que se tratava de um holocausto (ver Lev. 1.3-9). O *segundo* novilho era uma oferta pelo pecado, para expiar pecados involuntários (ver Lev. 4.1-12)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

8.9

Farás chegar os levitas. O rito de purificação estava terminado; os sacrifícios tinham sido oferecidos. Agora o levitas estavam prontos para se avizinharem do tabernáculo e iniciarem os seus labores. *Toda a congregação* precisava fazer-se presente ao culto de consagração, para a cerimônia da imposição de mãos (vs. 10). Isso era feito por meio de representantes. Ver os *passos* desse processo, listados na introdução ao quinto versículo deste capítulo.

Ajuntarás toda a congregação. Naturalmente, através de representantes, visto que Israel contava com mais de três milhões de pessoas na ocasião. Esses representantes eram os líderes principais, incluindo os príncipes (um para cada tribo), conforme já vimos nos capítulos 2 e 7.

8.10

Perante o Senhor. Ou seja, diante da presença divina, no tabernáculo, porquanto a glória *shekinah* (ver a esse respeito no *Dicionário*) residia no Santo dos Santos.

Porão as mãos sobre eles. "Por meio da imposição de mãos (Lev. 1.4), o povo identificava-se com os levitas, que eram assim *sacrificados* em lugar dos primogênitos (vss. 16,17; 3.13)" (*Oxford Annotated Bible,* sobre este versículo).

Se a imposição de mãos, nesse caso, foi um ato sacrificial, também foi um modo adicional de consagrar os levitas e os sacerdotes para seus respectivos ofícios. Ver os passos rituais dessa consagração na introdução ao quinto versículo deste capítulo. Esse ato, como é lógico, foi efetuado por representantes do povo, embora não saibamos dizer quantos participaram. Mas esse número tinha de ser bastante reduzido. Talvez os doze príncipes fossem os únicos envolvidos (caps. 2 e 7 de Números).

Os próprios levitas eram sacrificados a Yahweh, não para que morressem sobre o altar, mas para viverem e servirem como sacrifícios vivos. Ver também I Tim. 4.14 e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete intitulado *Mãos, Imposição das.*

8.11

Como oferta movida. Continua aqui o conceito de *sacrifícios vivos,* conforme vimos no versículo anterior. Os primogênitos serviam a Yahweh como sacerdotes de suas famílias. Os levitas os substituíram, embora isso não os dispensasse de seus deveres espirituais, dentro de suas respectivas famílias. Ver Núm. 3.13 e 45 quanto à transferência de poderes. Agora, todo o povo de Israel (por meio de seus representantes) reconhecia a autoridade investida nos levitas, uma autoridade que visava operar em favor de todo o povo de Israel.

Oferta movida. Esse tipo de oferenda era próprio para a ocasião. Os levitas foram associados à oferta movida, e, na realidade, tornaram-se tais ofertas. Simbolicamente, foram movidos na presença de Yahweh, sendo exibidos diante Dele, dedicados a Ele, e assim receberam a Sua aprovação. Ver sobre as ofertas movidas nas notas sobre Êxo. 29.23,24.

"*Oferta movida* é aqui usada simbolicamente para indicar que os levitas pertenciam a Arão e a seus filhos, tal como as ofertas movidas pertenciam aos sacerdotes (ver Êxo. 29.24)" (*Oxford Annotated Bible,* sobre os vss. 10 e 11).

8.12

Quando as mãos do povo foram impostas sobre os levitas, estes, por sua vez, impuseram suas mãos sobre a cabeça dos novilhos, transferindo assim, simbolicamente, os seus pecados, para os animais. E ao serem sacrificados, esses animais levavam os pecados da casta sacerdotal, fazendo assim *expiação* (ver sobre isso no *Dicionário*). O holocausto e a oferta pelo pecado (ver as notas no vs. 8 deste capítulo) foram os sacrifícios oferecidos na ocasião. Isso posto, o rito de purificação foi seguido pelos sacrifícios usuais. A purificação e a expiação foram então seguidas pelo serviço, de acordo com uma normal ordem espiritual. Os homens são expurgados de obras mortas a fim de servirem ao Deus vivo (Heb. 9.14).

8.13

Este versículo reitera a idéia de sacrifício, descrita nos vss. 11 e 12, lembrando-nos de que isso teve lugar *perante o Senhor,* segundo lemos no vs. 10. Tudo já havia sido feito: a purificação, a expiação, a imposição de mãos que consagrava os levitas. E agora eles foram trazidos à presença do Senhor para iniciarem seu serviço. Oferendas tinham sido realizadas, e agora os levitas mesmos se tinham tornado sacrifícios vivos. A oferenda referida neste versículo é a oferta movida aludida no vs. 11.

8.14

Os levitas serão meus. No começo, a tribo de Levi era apenas uma *tribo.* Mas eles foram separados do resto do povo, tornando-se assim uma casta sacerdotal (Núm. 1.47 ss.). Nessa capacidade, eles tomaram o lugar da mais antiga

instituição dos primogênitos de cada família, passando assim a ser uma espécie de casta-sacerdotal-das-famílias (ver o terceiro capítulo de Números). Dessarte, essa tribo-casta foi totalmente dedicada ao culto divino. E o tabernáculo era o centro desse culto. Dizem os Targuns de Onkelos e de Jonathan: "Os levitas ministraram *diante de mim*", isto é, no tabernáculo (mais tarde, no templo) onde residia a glória *shekinah* (ver sobre esse termo no *Dicionário*). Para poderem iniciar esse serviço, os levitas passaram pela purificação, pela separação e pela dedicação. Apresento os passos sobre isso na introdução ao quinto versículo deste capítulo.

8.15

Este versículo nos lembra do que o autor sacro dissera no começo do quinto versículo deste capítulo. Fora baixada a ordem de Yahweh: os levitas tinham de ser purificados; sacrifícios tinham de ser oferecidos; e os preparativos necessários para a consagração foram efetuados. E então, por fim, os levitas entraram no serviço para o qual tinham sido chamados. "O escritor sacerdotal repete seu relato sobre a importância dos levitas, o que já tinha sido feito em Núm. 3.9-13. Mas no vs. 19 deste capítulo somos informados de que os levitas deviam cumprir seus deveres no tabernáculo, em prol dos israelitas, ou seja, eles substituíram aos primogênitos e faziam expiação em favor do povo de Israel" (John Marsh, *in loc.*).

Os levitas comuns não ministravam no próprio tabernáculo, pois isso pertencia aos sacerdotes. Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Os levitas (que não eram sacerdotes) atuavam em questões secundárias. Eles preparavam o material necessário para o culto; eles faziam os reparos no tabernáculo; eles transportavam suas peças constituintes quando o povo entrava em marcha; eles armavam o tabernáculo quando chegavam a um novo ponto de parada. Em suma, eram *auxiliares.* Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Levitas e Sacerdotes* e *Levitas*. Mas ver Núm. 3.6 quanto aos principais deveres de todos os levitas, nos dias antigos.

8.16

O autor sacro repete o fato de que os levitas se tornaram uma casta sacerdotal, tomando o lugar dos primogênitos. Essa é a mensagem, dada com detalhes, no terceiro capítulo. Ver Núm. 3.13 e 45, onde há notas completas. Ver as notas em Núm. 3.12.

Em lugar de todo aquele que abre a madre. A substituição era de um por um. Os que sobraram, foram remidos a dinheiro. Assim, os primogênitos de Israel foram remidos, ou sendo substituídos pelos levitas, ou então, os que sobraram, por certa importância em dinheiro. Esse foi o motivo do censo dos levitas, para ver quão exatamente eles podiam substituir aos primogênitos. O trecho de Núm. 3.46 informa-nos que duzentos e setenta e três deles tiveram de ser remidos a dinheiro.

8.17

Meu é todo primogênito. Mas os primogênitos tinham sido separados para um serviço divino especial. E o ensino é uma espécie de sacerdócio em família. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Primogênito* quanto a detalhes. Os primogênitos egípcios foram sacrificados a Yahweh, a fim de que os Israelitas pudessem sair livres. Mas os primogênitos de Israel, assim salvos, ainda precisavam ser sacrificados a Yahweh; tornaram-se *sacrifícios vivos.* Esse princípio foi comentado por Paulo em Romanos 12.1,2. Ver Êxo. 13.2 ss. quanto à narrativa da redenção de Israel do Egito. Ver também Núm. 18.6. O presente versículo repete, de forma abreviada, o que já fora dito em Lev. 3.11-13, onde as notas expositivas devem ser consultadas.

Os levitas pertenciam a Yahweh, e Ele os pôs para trabalhar no culto divino.

8.18

Este versículo repete a informação de que os levitas substituíram os primogênitos no culto divino. Ver as notas e referências no vs. 16 deste capítulo, com informações adicionais no vs. 17. Ver também Núm. 3.12.

8.19

Este versículo expande os deveres dos levitas, os quais se tornaram *presentes* para os sacerdotes, ajudando-os no serviço. Alguns intérpretes insistem em que a distinção radical entre sacerdotes e levitas não existia no começo, e ter-se-ia desenvolvido aos poucos, até tornar-se a norma. Quanto a isso, ver Núm. 3.6. O artigo do *Dicionário,* chamado *Levitas,* trata desse problema e das tarefas específicas da casta sacerdotal de Israel. Ver também o vs. 15 deste capítulo.

Para fazerem expiação. Os intérpretes não concordam quanto ao sentido da palavra *expiação* neste versículo. 1. Alguns pensam que estão em foco os sacrifícios pelo pecado, dos quais participavam como ajudantes dos sacerdotes. 2. Há aqueles que supõem que o termo hebraico aqui usado, que significa *cobrir,* refira-se à *terceira cortina* do tabernáculo, aquela que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Por dentro dessa cortina, ocorria a expiação anual, sobre a arca da aliança e sobre o *propiciatório* (ver sobre isso no *Dicionário*). Entre os seus deveres, os levitas deviam proteger o povo da presença de Yahweh, para que as pessoas comuns não morressem, sofrendo de algum juízo divino drástico, de alguma praga devastadora etc. Essa proteção era simbolizada pela terceira cortina, a que ocultava o lugar de propiciação dos olhares de todos, ficando assim protegidos os israelitas da presença de Deus. Ver as notas sobre as três cortinas do tabernáculo em Êxo. 26.36. 3. Ainda outros estudiosos pensam que os próprios levitas eram a cobertura protetora, visto que se acampavam em redor e bem próximo do tabernáculo (lugar onde Yahweh se manifestava), ao passo que as tribos acampavam-se a certa distância, em formação específica. Dessarte, os levitas "cobriam" o tabernáculo e não permitiam que um estranho ao culto dele se aproximasse como ministrante. E isso protegia as tribos de Israel.

Ver o gráfico do arranjo do acampamento ao redor do tabernáculo, antes da exposição de Núm. 1.1.

Dentre o povo de Israel. Na Bíblia em português a expressão "filhos de Israel" ocorre neste versículo por três vezes, e por uma vez a expressão "povo de Israel", que tem o mesmo sentido. Está em pauta a totalidade de Israel, que seria beneficiada pelo ministério dos levitas. Assim, a tarefa dos levitas consistia em proteger os demais israelitas. Ver no *Dicionário* o artigo *Amor.* A primeira e maior de todas as realidades e regras espirituais consiste no cumprimento da lei do amor. O amor é a própria prova da espiritualidade, segundo se aprende em I João 4.7 ss. Cf. Núm. 1.53 quanto ao poder protetor dos levitas, em face dos perigos que podiam derivar-se da presença divina. Esse poder protetor foi provido pelo fato de que eles se acampavam ao redor do tabernáculo, formando assim uma espécie de tela de proteção. "Os levitas, mediante sua posição no acampamento (ver Núm. 1.52,53; 3.38) *serviam de escudo* para o povo contra os temíveis efeitos da santidade, que podia causar alguma praga ou outra calamidade" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

8.20

Notas sobre a *obediência* com freqüência encerram a apresentação de materiais novos. E assim aprendemos aqui que tudo quanto fora ordenado por Yahweh foi executado por Moisés (o mediador), por Arão (o sumo sacerdote) ou por toda a congregação de Israel. Ver sobre *Congregação de Israel,* nas notas de Êxo. 16.1. A obediência específica, mencionada aqui, diz respeito a purificação, separação, consagração e serviço da casta sacerdotal, os levitas, o que ocupou o trecho dos vss. 5 ss. Ver Núm. 1.54 quanto a notas de obediência que encerram seções. Sem a obediência, a lei reduz-se a nada. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dever.*

8.21

Este versículo é um tipo de *sumário* de tudo quanto foi apresentado nos vss. 5 ss. deste capítulo. Quanto a uma lista dos *passos* que foram necessários para levar os levitas ao serviço sagrado, ver a introdução ao vs. 5 deste capítulo. Tais coisas serviram de *tipos* da muito maior realização, aquela do Senhor Jesus. Ver Heb. 10.19,20. Notemos, pois, quão estranha é essa questão. Os levitas protegiam Israel da terrível presença divina (vs. 19). O papel de Cristo foi abrir o acesso à presença do Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Acesso.* Ver Heb. 10.22.

8.22

Nas notas sobre o quinto versículo deste capítulo, apresentei os *passos* dados para introduzir os levitas no serviço. Esses passos são agora apresentados como cumpridos, e assim os levitas iniciaram o culto divino. Ver Núm. 3.6 quanto ao antigo e mais amplo serviço prestado por eles; e, em Núm. 8.15, o serviço limitado deles. O artigo do *Dicionário* acerca dos *levitas* apresenta todas as informações de que dispomos a respeito deles. Esse artigo descreve os deveres dos levitas, com referências apropriadas. Eles trabalhavam sob a orientação e o escrutínio de Arão e seus filhos. Atuavam como assistentes dos sacerdotes.

8.23

Disse mais o Senhor. Eis uma freqüente expressão, usada no Pentateuco, para introduzir materiais novos. Ela também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina da Bíblia. Ver notas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1.

Temos nesta seção um esclarecimento sobre os *limites de idade* em que os levitas podiam servir (vss. 23-26). Aprendemos assim que eles deveriam servir quando estavam em plena forma física.

Dá o que tens de melhor ao Mestre,
Dá da força de tua juventude.

(H. G. B.)

8.24,25

Aqueles que se tinham tornado *levitas serviçais* (o texto diz "o que toca aos levitas") cabiam dentro da faixa de idade entre os vinte e cinco e os cinqüenta anos. Os mais idosos, a partir dos cinqüenta anos, eram liberados do serviço ativo. Esses haviam cumprido sua missão. E agora seriam substituídos por homens mais jovens. Em Núm. 4.3, os limites são trinta a cinqüenta anos. Alguns estudiosos supõem que isso envolva ou diferentes fontes informativas, ou diferentes períodos históricos, como explicações dessa variação. I Crônicas 23.24 fala em vinte anos como a idade do início dos serviços. Quanto às várias especulações que tentam harmonizar esses números, ver as notas sobre Núm. 4.3. Na verdade, nenhuma solução satisfatória foi encontrada para solucionar esse problema; nem ele se reveste de grande importância. A *essência* é a mesma, ou seja, os levitas que serviam ativamente dedicavam seus anos de maior pujança no serviço prestado ao Senhor.

8.26

Os que tinham sido *desobrigados* de seus serviços, ainda assim podiam ajudar seus irmãos mais jovens, voluntariamente. Mas nesse caso eram isentados das tarefas mais pesadas. Serviam "dando conselhos, instruindo aos levitas mais jovens e executando serviços mais leves, conforme disse Jarchi, e voltariam a fechar portas jubilosamente" (John Gill, *in loc.*). Mas John Gill objeta à adição feita por Jarchi, acerca de "carregar vagões", como uma tarefa extenuante para levitas com mais de cinqüenta anos de idade. Antes, não deviam fazer "serviços pesados".

Tarefas dos Levitas. Entre as muitas regras que controlavam o trabalho feito pelos levitas, havia essa que estipulava que, tendo-se aposentado, eles podiam ocupar-se de serviços mais leves. Esse item também precisava ser obedecido e implementado. Yahweh não queria que homens idosos fizessem tarefas próprias de homens jovens; mas também não queria que os idosos ficassem inativos de todo. A declaração inclui a idéia de que os levitas, de modo geral, se ocupassem no serviço a Yahweh; mas aos mais idosos dever-se-ia dar descanso, chegado o momento aprazado.

Capítulo Nove

A Páscoa (9.1-14)

Uma das características de estilo do autor do Pentateuco é a repetição. Assim, temos diante de nós materiais que já haviam sido apresentados em outros trechos bíblicos. Mas esta seção adiciona um novo item, ou seja, a instrução sobre *como* pessoas, devido à polução cerimonial (por haverem entrado em contato com algum cadáver), ainda assim podiam celebrar o rito. A provisão era uma espécie de páscoa suplementar. A observação dessa instrução, por parte dos tais, seria adiada por um mês, em relação ao tempo regular de observância (vs. 11). Encontramos aqui, pois, a ótima lição de que a provisão divina é ampla, cobrindo todas as fraquezas humanas. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*. E assim os vss. 1-14 são suplementos adicionados às leis que haviam sido dados no tocante à páscoa. Ver no *Dicionário* o artigo *Páscoa*, onde há informações completas.

"A razão para essas novas instruções acerca da páscoa era oferecer uma solução para o problema de qualquer israelita que, por alguma razão, fosse incapaz de celebrar essa festa no tempo designado" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

9.1

Falou o Senhor. Essa expressão é muito usada para introduzir novos materiais no Pentateuco, como também para fazer-nos lembrar da inspiração divina da Bíblia. Quanto a isso, ver as notas em Lev. 1.1 e 4.1.

Este versículo lembra-nos da inauguração histórica da páscoa, levando-nos de volta às informações dadas em Êxo. 12.1-16, as quais foram postas em execução formal uma vez terminada a construção do tabernáculo (ver Êxo. 40.17), antes do recenseamento (ver Núm. 1.2). A páscoa foi celebrada por ocasião do êxodo, mas era mister incorporá-la à experiência de Israel no deserto. Se os israelitas tivessem sido obedientes, a segunda páscoa teria ocorrido na terra de Canaã. Mas, como não obedeceram, precisam observá-la no deserto, em meio às suas vagueações. E. assim, essa celebração teve lugar no *segundo ano*, tendo sido essa a segunda observância da festa. A primeira páscoa assinalou o primeiro ano da nova vida de Israel, quando então teve início o calendário religioso. No *Dicionário*, ver o artigo geral *Páscoa*. A segunda páscoa foi observada no segundo ano do êxodo, no deserto. A primeira ocorreu por ocasião no ano anterior, quando os filhos de Israel saíram do Egito. O *primeiro mês* do calendário religioso começou com aquele evento. Era o mês de *abibe* (no hebraico, *aviv*, "primavera"), que dizia respeito à estação do ano em que a festa era celebrada. Mais tarde, esse mês passou a ser chamado *nisã*.

9.2

A *páscoa* não era um acontecimento para ser celebrado de uma vez por todas. Antes, devia ser perpetuado na memória dos israelitas, lembrando como eles tinham sido livrados da servidão no Egito. O senso de gratidão estava envolvido na festa. Os filhos de Israel lembravam-se assim das poderosas obras de Yahweh. Sentimentos espirituais eram assim aprofundados e fortalecidos. A perpetuação dessa observância foi garantida pela transformação da páscoa em um feriado nacional, como início do calendário religioso. Ver a introdução ao vs. 1 e os comentários sobre ele.

9.3

O elemento tempo é aqui repetido. A festa devia ser observada no décimo quarto dia do mês de *abibe*, de um fim de tarde ao fim da tarde do dia seguinte. Ver Êxo. 12.6 quanto a essa expressão. O judaísmo posterior, porém, entendia o tempo entre o que chamaríamos de 15 às 18 horas, ou seja, o crepúsculo, aquele tempo entre o pôr-do-sol e o escurecimento da noite. A páscoa havia sido instituída em meio a um conjunto de ritos, os quais tinham de ser observados à risca. O artigo descreve detalhadamente a questão. "Não será nem dia nem noite, mas haverá luz à tarde" (Zac. 14.7). Ver o capítulo 12 de Êxodo quanto aos ritos originais que foram instituídos. A observância subseqüente estava sujeita às mesmas regras. Cf. Lev. 17 e Deu. 16.

9.4

Na qualidade de mediador de Yahweh, Moisés reinaugurou, por assim dizer, a observância da páscoa, garantindo que a observância no deserto não permitiria que a questão fosse esquecida. O livramento da servidão no Egito foi uma tremenda intervenção divina, um momento miraculoso especial. Nenhum israelita podia esquecer isso. Tinha-se passado apenas um ano desde a última observância, e agora era chegado o momento azado para sua reiteração.

9.5

Este versículo registra a observância requerida. Israel observou; os ritos foram efetuados segundo havia sido ordenado pelo Senhor. Yahweh tinha dado as instruções, transmitindo-as por meio de Moisés. Todo israelita estava na obrigação de observar a festa.

Não há aqui menção alguma à guarda da festa dos pães asmos, que sempre acompanhava a páscoa. Provavelmente o autor esperava que seus leitores se lembrassem desse detalhe, pelo que não se incomodou em repetir tal detalhe. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pães Asmos*. Ver Êxo. 12.8 e suas notas expositivas.

9.6

Houve alguns que se acharam imundos. Isso constituía uma dificuldade. Todos os cuidados não impediram certas pessoas de ficar cerimonialmente impuras, quando da observância da páscoa, impedindo-as de participar. Ver no *Dicionário* o verbete *Limpo e Imundo*. Novas estipulações foram baixadas para cobrir tais eventualidades, as quais, naturalmente, provavelmente tinham lugar a cada ano. Alguma legislação precisava governar tais casos. Os homens mencionados haviam tocado em um cadáver (por terem estado presentes a um sepultamento), e isso causara a imundícia cerimonial. Mas tais homens ansiavam por cumprir seus deveres e privilégios; e assim levaram o problema a Moisés, buscando solução. Moisés não dispunha de uma resposta imediata, pelo que consultou a Yahweh sobre a questão (vss. 8 ss.). Quanto à imundícia cerimonial, mediante o toque em um cadáver, ver Lev. 21.1,2.

Alguns eruditos supõem uma alusão ao sepultamento de Nadabe e Abiú (ver Lev. 10.1 ss.). Os que efetuaram o sepultamento, pois, ficaram poluídos. Mas não há indício de que, de fato, esse tenha sido o caso.

9.7

Estamos imundos. Essa foi a confissão deles. Os envolvidos não ocultaram o problema. Estavam ansiosos por equacioná-lo da maneira correta. Tinham sido

instruídos quanto às leis do limpo e do imundo, e sabiam que estavam poluídos por terem participado de um sepultamento. E Moisés, embora conhecedor de todas as leis que Yahweh havia dado, não dispunha de uma solução imediata. E precisou consultar a Yahweh para obter legislação adicional quanto a tais casos. E a informação por ele recebida passou a fazer parte da legislação de Israel por todo o resto de sua história. Por *quatro vezes* Moisés precisou pedir orientação divina, para solucionar problemas especiais. Ver Núm. 27.5.

9.8

Esperai. É como se Moisés houvesse dito: "Não se vão. Logo terei a solução da parte do Senhor". Aben Ezra supunha que eles estivessem diante da primeira cortina do tabernáculo, a que servia de porta para o átrio externo. E ali ficaram, até que Moisés voltasse com a resposta. Ver sobre as *três cortinas* do tabernáculo nas notas de Êxo. 26.36.

Não nos é dito para onde Moisés foi; mas os intérpretes pensam que ele entrou no Santo dos Santos, como o sumo sacerdote também poderia fazer, embora somente uma vez no ano. E ali, diante da arca da aliança, ele buscou a resposta. Era ali que costumava aparecer a glória *shekinah* (ver Êxo. 25.22). A Moisés haviam sido prometidas revelações a qualquer momento que ele quisesse; e o Santo dos Santos foi o lugar escolhido para essas consultas. Era assim que Moisés consultava o oráculo santo.

9.9

Então disse o Senhor. Essa expressão é muito usada para introduzir materiais novos no Pentateuco; e também para lembrar a doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas completas sobre essa questão em Lev. 1.1 e 4.1.

9.10

Fala aos filhos de Israel. Neste caso particular, a revelação divina prestava informações sobre um problema específico. Mas também tornou-se uma legislação fixa para um problema que poderia ocorrer com freqüência, a respeito da observância da páscoa.

Entre vós, ou entre as vossas gerações. A legislação serviria para toda a história subseqüente. Sobre o assunto, nunca mais Moisés ou qualquer sumo sacerdote teria de consultar novamente a Deus. A legislação cobria a questão do limpo e do imundo, mas também a dos israelitas que estivessem no estrangeiro e se julgassem impedidos de celebrar a páscoa. Todos quantos perdessem a primeira oportunidade de celebrar a páscoa podiam fazê-lo em uma segunda chance, um mês mais tarde. Todos *tinham* de observar a páscoa. E para tanto havia duas oportunidades. O Targum de Jonathan estende a causa da imundícia cerimonial a todos os tipos de empecilhos cobertos pela legislação levítica. Aqueles que se recusassem a observar a páscoa seriam *eliminados,* ou seja, executados (ver o vs. 13).

9.11

No mês segundo. Os que não houvessem celebrado a páscoa no prazo regular poderiam fazê-lo um mês mais tarde, ou seja, no mês de ijar (conforme diz o Targum de Jonathan), equivalente a nosso abril-maio, também no dia catorze do mês, ou seja, precisamente um mês após a páscoa regular. O mesmo modo de proceder devia ser seguido, pelo que era uma verdadeira repetição da festa, e não alguma forma modificada. Temos aqui a menção aos *pães asmos* (ver a esse respeito no *Dicionário*), que tinham sido olvidados no tocante à celebração regular, no vs. 5. Ver as notas nesse versículo. Tal missão, porém, provavelmente foi acidental, pois é impossível pensarmos que a páscoa suplementar incluísse qualquer coisa que a páscoa principal não contivesse. Ver as notas sobre os *Pães Asmos*, em Êxo. 12.8.

9.12

Ver Êxo. 12.10 quanto à regra que coisa alguma de um sacrifício podia ser deixada até a manhã seguinte, e que nenhum dos ossos podia ser partido (ver Êxo. 12.46). Essas duas normativas são mencionadas especificamente, mas de nós é esperado que entendamos que todas as regras deviam ser observadas, embora não seja mencionado item por item. Havia a aspersão do sangue do cordeiro sobre as vergas das portas, e o cordeiro era comido às pressas etc.

As Três Festas. Três festas eram associadas: a páscoa, a dedicação dos primogênitos e os pães asmos. Originalmente, porém, parecem ser festas separadas. O vs. 5 talvez reflita a condição anterior, quando a páscoa era celebrada sem o acompanhamento das outras duas. O vs. 12, pois, podia refletir um período posterior. Ver as notas de introdução ao capítulo 12 de Êxodo, acerca de informações sobre a questão. Ver no *Dicionário* os artigos *Páscoa; Pães Asmos* e *Primogênito.*

9.13

Deixar de celebrar a páscoa. A páscoa suplementar não era permitida ao homem que estivesse limpo ou não estivesse viajando na época da páscoa regular. Ninguém tinha o direito de adiar sua participação sem justa causa. Aquele que ousasse fazer tal coisa seria *eliminado,* o que poderia significar excluído, porém mais provavelmente que seria *executado.* Tal execução usualmente era efetuada mediante *apedrejamento* (ver a respeito no *Dicionário*). Certas obrigações não podiam ser negligenciadas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dever.*

Levará sobre si o seu pecado. Em outras palavras, seria executado por seu pecado. Tal pecado servir-lhe-ia de pecado insuportável. Não sobreviveria ao carregar *tal* pecado. Cf. Lev. 24.15 e Núm. 18.22.

9.14

Se um estrangeiro. A alusão é a algum convertido ao yahwismo dentre as nações, algum gentio que aceitara as responsabilidades própria da fé dos hebreus. Ver Êxo. 12.48,49 quanto às leis referentes aos *estrangeiros.* Um conjunto de regras aplicavam-se a todos. Os prosélitos eram circuncidados, e assim tornavam-se membros partícipes do pacto abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Ver Êxo. 12.48 quanto à regra da circuncisão.

A Nuvem Guia a Marcha dos Israelitas (9.15-23)

O autor sagrado continuava repetindo materiais que ele já havia dado algures. A repetição fazia parte do seu estilo literário. Ver as notas sobre Êxo. 13.18,21,22; 40.34-36, como também o detalhado artigo do *Dicionário,* intitulado *Colunas de Fogo e de Nuvem,* quanto a informações plenas.

9.15

O tabernáculo. Aqui também chamado de "tenda do testemunho", dando a entender que continha o Santo dos Santos, onde era guardada a arca da aliança. Era ali que se revelava o testemunho de Yahweh e se manifestava a glória *shekinah.* Ver no *Dicionário* os artigos *Tabernáculos* e *Arca da Aliança.* Ver a respeito de *Testemunho* em Êxo. 16.34 e 25.16.

No dia em que foi erigido. O verbo é aqui *histórico.* Houve *aquele* dia, em um passado histórico, em que o tabernáculo foi levantado, quando a nuvem divina o encobriu, e houve a presença e a *orientação* de Deus. Quando essa nuvem se movia, Israel caminhava atrás. À noite, quando Israel viajava, a fim de evitar a canícula do dia, então a coluna de fogo acompanhava o povo. Pela manhã, o fogo desaparecia e aparecia a nuvem, para proteger Israel do calor do sol.

Ver as notas sobre o título "tenda do testemunho", em Lev. 17.7,8; 18.2; II Crô. 24.6; Êxo. 14.24. Detalhes completos são dados no artigo do *Dicionário, Colunas de Fogo e de Nuvem.* Ver os comentários sobre essa questão em Sal. 78.14; Nee. 9.12 e Isa. 4.5. Yahweh fazia Sua presença conhecida através desses fenômenos. Ver Êxo. 40.34-38. Algumas vezes, a nuvem repousava parada por longo tempo (ver Núm. 9.18), mas de outras vezes sua permanência era breve (ver Núm. 9.20,21). Israel punha-se em movimento em *reação* à nuvem, pois era assim que o Senhor orientava seu povo quanto a movimentações e paradas.

9.16

Este versículo diz-nos que *todas as vezes* os fenômenos da nuvem e do fogo surtiam efeito, e isso prosseguiu por todo o tempo em que Israel ficou vagueando pelo deserto. Porém, uma vez que chegaram na Terra Prometida, não havia mais necessidade de tal orientação. E assim, em nossos próprios tempos de vagueação e dúvida, contamos com meios especiais de norteamento. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver Êxo. 13.21,22; Nee. 9.19.

"Acima de tudo, há a revelação objetivo de Deus na história, na história de Israel e na pessoa de Cristo. Ele é a estrela fixa, fora e além de nós mesmos, por meio de Quem Deus guia todos quantos olham para Ele e norteiam seu curso por meio Dele" (Albert George Butzer, *in loc.*, comentando sobre a questão da *orientação*).

9.17

Marchas e Acampamentos. A progressão e o descanso eram determinados por esse *modus operandi* de orientação. Israel tinha fé para seguir a orientação, e assim, em qualquer época, é mister fé para seguirmos os indicadores divinos. Alguns homens não estão interessados nas realidades divinas; mas em algum ponto, por motivo de necessidade, eles buscam Nele a sua guarida. O capítulo seguinte fornece-nos uma demonstração prática de como o sistema funcionava,

em que Israel é retratada a abandonar o Sinai e a dirigir-se na direção da Terra Prometida. Só lemos sobre uma instância em que Israel desconsiderou a orientação especial que lhe foi dada, a saber, aquela narrada em Núm. 14.40-42. "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mat. 28.20).

9.18

Segundo o mandado do Senhor. As ordens eram transmitidas por meio dos movimentos da nuvem e da coluna de fogo. Coisa alguma era deixada ao mero acaso. Supõem alguns intérpretes que esse *mandado* era algo além dos movimentos da nuvem e da coluna de fogo, uma espécie de garantia adicional de que Israel teria consciência do que devia fazer. De fato, algumas vezes precisamos de uma orientação extraordinária. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Algumas vezes precisamos da divina *intervenção*, a fim de garantir nosso progresso e de que estamos tomando a direção correta.

Guia-me, Tu, grande Jeová,
Peregrino neste estéril mundo;
Sou fraco, e o poder Contigo está,
Não me deixes, nem por
um segundo.

(William Williams)

9.19,20

E não partiam. Há tempos tanto de atividade quanto de descanso. E o Senhor dirigia Israel tanto em um quanto em outro caso. O descanso podia ser de alguns poucos dias, ou de bastante tempo. Não se podia predizer o que o Espírito de Deus faria em seguida. Havia *ordens* baixadas por Yahweh, determinando tanto o descanso quanto a atividade; e Israel obedecia. Os filhos de Israel não ficavam sem um testemunho divino. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Algumas vezes o descanso era longo (ver Núm. 9.19), e de outras vezes, breve (ver Núm. 9.20,21). E Israel sempre obedecia. Cf. a obediência dos levitas (Núm. 3.17) e a de Arão e da congregação (II Crô. 23.6).

Cumpriam a ordem do Senhor. Ver os comentários a esse respeito no vs. 23 deste capítulo.

Ao longo do caminho guia-me o Salvador,
Que mais posso eu pedir?
Posso duvidar do favor do Senhor,
A Quem nunca deixarei
de seguir?

(Fanny J. Crosby)

9.21

Às vezes a nuvem. Mediante a nuvem, Deus ora fazia uma coisa, ora outra. Tudo sucedia através do decreto divino. O fogo não é especificamente mencionado neste versículo; mas o autor sabia que entenderíamos isso (vs. 15). Por ordem de Deus, a nuvem e a coluna de fogo moviam-se ou paravam. Alguns supõem que a nuvem e a coluna de fogo fossem uma só e a mesma coisa. À noite a nuvem brilharia como coluna de fogo. Aben Ezra observou que Israel viajava durante a noite. As sentinelas viam que a coluna de fogo começava a movimentar-se, e a notícia espalhava-se pelo acampamento. Então Israel desarmava suas tendas e acompanhava a coluna de fogo. Comparar com isso o trecho de Salmo 134.1.

Guia-me! Que bendito pensamento,
Pedido dotado de celestial
consolação!
O que quer que eu faça,
a qualquer momento,
É Deus que me guia, com
a Sua mão.

(Joseph H. Gilmore)

9.22

Se a nuvem. Sem importar o tempo envolvido, se um dia, uma semana ou um ano, o mecanismo de orientação e obediência era o mesmo. Este versículo adiciona apenas a informação da irregularidade do elemento tempo. Mas o que pode parecer-nos irregularidade, para Deus era tudo muito regular, pois Suas ordens sempre têm alguma *razão*. Para nós, a orientação divina pode parecer falha. Não entendermos por qual razão eles tinham de partir ou estacar. Mas sabemos que a providência divina predominava sobre tudo. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*. Maimônides diz que Israel ficou em Cades-Barnéia por nada menos de dezoito anos! (*Moeh Nevoch*, par. 3, cap. 50). Talvez pareça que Israel perdera seu caminho no deserto, desistindo totalmente de continuar a marcha até a Terra Prometida. Mas a vontade de Deus estava presente em tudo. Ver Núm. 13.26.

Acalma-te, ó alma, Deus está contigo;
Suporta bem a cruz de tristeza e dor;
Ordenar e prover pertencem
a teu Senhor.

(Katharina von Schlegel)

9.23

Segundo o mandado do Senhor. Como já vimos, o Senhor baixava ordens por meio dos movimentos da nuvem e da coluna de fogo; e também, conforme alguns supõem, por meio de algum outro meio de orientação (segundo vimos nas notas sobre o vs. 18). Os filhos de Israel recebiam ordens e obedeciam, o que já tinha sido dito no vs. 19, onde também o leitor deve examinar as notas expositivas.

Cumpriam o seu dever. No hebraico temos o termo *shamar*, "observar", "dar ouvidos". A idéia básica da forma verbal significa "exercer cuidados", pelo que a forma nominal aponta para o cuidado em cumprir o dever ou tarefa que cabem a alguém. Uma cuidadosa atenção era dada para que se cumprissem todas as ordens e orientações passadas por Yahweh.

Esta seção é sumariada por um comentário sobre a *obediência* do povo de Israel. E desse modo, com freqüência, o autor sagrado encerrou seções de seus escritos. Ver sobre isso em Números 1.54, que diz: "segundo a tudo o que o Senhor ordenara a Moisés, assim o fizeram".

Capítulo Dez

As Duas Trombetas de Prata (10.1-10)

O nono capítulo de Números prepara-nos para a saída do povo de Israel da península do Sinai, o que é registrado no seu décimo capítulo. Historicamente, o livro de Números relata como Israel deixou essa península e encetou jornada na direção da Terra Prometida. Esse é o arcabouço essencial histórico do livro.

Um sistema de sinais precisava ser criado a fim de alertar o povo de Israel sobre quando ele deveria pôr-se em movimento. Esse sistema consistiu no uso de duas trombetas especiais, feita de prata. Quando ambas as trombetas eram tocadas, *todo* o povo de Israel precisava reunir-se. Quando somente uma era tocada, apenas os líderes do povo se reuniam. Mas quando elas eram tocadas com um som diferente (talvez com uma oitava abaixo ou acima) então estava sendo dado um sinal de partida. Punha-se em marcha, em primeiro lugar, a divisão oriental do povo (ver Núm. 2.3-9); um segundo toque punha a ala sul em movimento (ver Núm. 2.10-16). É claro que as demais alas também tinham seus próprios sinais especiais, embora isso não seja mencionado. Veja como o povo de Israel se acampava em torno do tabernáculo, no gráfico apresentado antes da exposição sobre Núm. 1.1. Israel também marchava em divisões específicas, de acordo com determinado arranjo, mantendo-se juntos grupos específicos que se acampavam em redor do tabernáculo.

10.1

Disse mais o Senhor. Temos aí uma freqüente expressão no Pentateuco, usada para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina. Ver as notas a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

Fórmulas de Comunicação. O Pentateuco envolve *oito* diferentes fórmulas de comunicação. Ver as notas sobre essas fórmulas em Lev. 17.2. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. Ele recebia as mensagens e as repassava a Arão, a Arão e seus filhos, ou ao povo de Israel etc. Por ordem de Yahweh, Moisés mandou fazer duas trombetas de prata, e devemos entender que a tarefa foi entregue a artífices aptos para tanto.

10.2

Faze duas trombetas de prata. "O Antigo Testamento alude a *três* tipos de trombetas, duas moldadas segundo o formato de um chifre de carneiro; e uma terceira, chamada *haçoceroth* no hebraico, é mencionada aqui. As duas trombetas de prata eram feitas como um longo tubo, com a boca como de um sino. Elas foram feitas, ao que se presume, para produzir sons de tons dife-

rentes, a fim de que os filhos de Israel reconhecessem se estavam sendo tocadas uma só ou ambas" (John Marsh, *in loc.*). Desse modo, diferentes ordens podiam ser compreendidas, como já comentei na introdução a este capítulo.

Era tarefa de Eleazar e Itamar (filhos de Arão) soprar as trombetas, por ordem de Moisés. Ver o vs. 8 deste capítulo. Josefo (*Antiq.* 1.3, cap. 12, sec. 6) diz-nos que essas trombetas tinham menos de um côvado de comprimento (o côvado tinha cerca de 46 cm), que eram um tubo fino, mas alargavam-se na direção da boca, terminando como formato de um sino.

Tipologia. A trombeta é símbolo de anúncios. As mensagens de Deus eram enviadas mediante as trombetas. Assim, a mensagem de Deus é a trombeta de Deus, anunciando boas novas aos homens. A prata é um metal precioso e durável. O evangelho é a prata de Deus, livre de escória e altamente puro e eficaz quanto à tarefa que lhe cabe.

De obra batida as farás. Significa que cada trombeta era feita de uma única peça de prata. Isso fala de sua unidade e perfeição. O metal era batido com um martelo, até assumir sua forma final. Cf. Êxo. 25.31, que fala do candelabro, também feito de uma única peça de ouro. Isso pode simbolizar a perfeição e a unidade do evangelho, a admirável mensagem salvatícia de Deus.

Nos dias de Salomão, quando o número de sacerdotes já havia aumentado bastante, nada menos de cento e vinte sacerdotes faziam soar suas trombetas (ver II Crô. 5.12).

Funções. As trombetas eram usadas para convocar assembléias, o povo inteiro ou os líderes, e também para anunciar o início de alguma marcha, conforme foi descrito na introdução a este capítulo.

10.3

Quando tocarem. Quando ambas as trombetas eram tocadas, isso significava que todo o povo de Israel devia reunir-se em assembléia, mediante seus representantes legais, naturalmente. E então alguma mensagem lhes seria comunicada. Ver Êxo. 29.42,43.

10.4

As trombetas foram feitas para emitir *sons diferentes*. Assim, quando somente uma delas era soprada, todos podiam perceber que apenas uma delas estava soando. O sonido de uma única trombeta, talvez sempre a mesma, convocava os *doze* príncipes em assembléia. Temos a lista e a descrição desses príncipes no segundo capítulo de Números. Alguma mensagem importante lhes era então transmitida, e a responsabilidade deles era cumprir as ordens recebidas. Alguns estudiosos pensam que as palavras *uma só*, aqui usadas, indicam um único sopro, mas parece ser melhor interpretar esse número como alusão a uma trombeta específica.

10.5

A rebate. Esse tipo de sonido indicava que Israel deveria levantar acampamento e pôr-se a caminho. O termo hebraico *teruah* (de acordo com alguns estudiosos) é uma palavra que denota um sonido alto e contínuo. Mas há quem diga que o sonido era interrompido, desigual e trêmulo. "Um primeiro alarma despachava as tribos postadas a oeste; um segundo; as tribos do sul; um terceiro e o quarto (que figuram na Septuaginta, e não no original hebraico), os acampamentos ao ocidente e a norte, respectivamente. O alarma, provavelmente, era uma convocação militar (cf. Amós 1.14), podendo ser facilmente distinguido daquele que reunia a assembléia (vs. 7). Os sacerdotes agiam como trombeteiros, e assim enfatizavam como *todos* os movimentos de Israel, estavam sob o controle divino" (John Marsh, *in loc.*). Os acampamentos (ver como as tribos acampavam-se, no gráfico dado antes dos comentários sobre Núm. 1.1) marchavam em ordem específica, preservando os mesmos agrupamentos que eles mantinham em torno do tabernáculo. Cf. Núm. 2.3,5,7 e também o décimo quarto versículo deste capítulo.

10.6

O vs. 5 diz-nos como o acampamento do leste era alertado para pôr-se em marcha; o vs. 6 diz-nos a mesma coisa a respeito do acampamento do sul. Ver as notas sobre o vs. 5, que também se aplicam aqui. Presumimos que o autor sagrado queria que entendêssemos que o mesmo procedimento alertava os acampamentos postados ao norte e a oeste. A Septuaginta toma a liberdade (sem meramente traduzir o texto hebraico) de falar sobre o terceiro e o quarto sonido, que alertavam aqueles outros acampamentos. Josefo nos forneceu informação similar (*Antiq.* 1.3, cap. 12, sec.6).

10.7

Este versículo repete a informação do vs. 3, lembrando-nos de que um tipo diferente de sonido das trombetas convocava o povo em assembléia, e não a fim de se porem em marcha. Ambas as trombetas eram tocadas, produzindo-se assim dois sons ou notas diferentes. Um som claro e facilmente distinguível era produzido com esse propósito, tal como a trombeta do evangelho não deve emitir um som incerto (ver I Coríntios 14.8).

10.8

A tarefa dos sacerdotes (filhos de Arão) era tocar as trombetas, uma questão considerada de tanta importância que a ordem divina sobre elas devia ser perpetrada "nas vossas gerações". A tarefa de soprar as trombetas não podia cair em mãos profanas ou seculares. Ver sobre a expressão "nas vossas gerações" em Êxo. 29.42 e 31.16. Por meio disso, pois, foi anunciada a esperada *eterna continuação* de Israel. O número de trombetas foi aumentando com a passagem do tempo. Lemos em I Crônicas 15.24 sobre *sete* sacerdotes que sopravam as trombetas diante da arca do Senhor; em II Crônicas 5.12 lemos que *cento e vinte* sacerdotes assim faziam; e Josefo refere-se ao fato de que Salomão mandou fazer *duzentas mil trombetas! (Antiq.* viii.3). Mas o que nunca mudou foi que os levitas e sacerdotes continuavam exercendo controle sobre o uso das trombetas. No entanto, nos dias de Moisés, somente Eleazar e Itamar tocavam as trombetas. Maimônides diz que nunca houve menos de duas trombetas, e nunca mais de cento e vinte (*Hilchot Ceie Hamik*, cap. 3., sec. 4), mas Josefo parece ter conhecimento de dados que desdiziam isso.

10.9

Também tocareis as trombetas a rebate. Esse outro tipo de alarme, que não é descrito, servia para convocar o povo para a defesa militar. O sonido da trombeta de guerra anunciava alguma guerra. Quanto a um incidente histórico desse uso de trombetas, ver Núm. 31.6 e II Crô. 13.12,14. O incidente diante das muralhas de Jericó envolveu o sonido de trombetas, embora trombetas diferentes daquelas que são aqui descritas. A palavra hebraica ali usada é *keren*, ou seja, a trombeta feita de chifre de carneiro, e não a *haçoceroth*. Ver as notas sobre Núm. 10.2 quanto aos *três* tipos de trombeta usados em Israel.

Tipologia. A promessa de proteção feita por Yahweh aplica-se aos que saem a campo em conflito espiritual. Ver Efésios 6.11 quanto à metáfora da guerra. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Armas, Armadura*.

10.10

Outros Usos. Várias festas e ocasiões especiais eram anunciadas por toques das trombetas. Elas eram tocadas por ocasião das três festas principais: a páscoa; a festa das semanas; a festa dos tabernáculos. Cada uma dessas festas merece um artigo separado no *Dicionário*. Também eram anunciadas as festas da Lua Nova, ou seja, o primeiro dia de cada mês (ver Lev. 23, mormente o vs. 24). Na ocasião, eram feitas as oferendas apropriadas: o holocausto (ver as notas em Lev. 6.9-13) e as ofertas pacíficas (ver as notas em Lev. 7.11-'21). Todas essas ocasiões atuavam como cultos *memoriais*, que levava as pessoas a lembrar suas obrigações para com Yahweh e os benefícios que Ele provia. Tais ocasiões faziam os israelitas lembrar a orientação e as bênçãos de Deus, no passado, especialmente durante as vagueações pelo deserto, ensejando que o povo confiasse Nele quanto ao futuro.

Ver Núm. 28.11 e as notas ali existentes, sobre os sacrifícios oferecidos por ocasião das festas de Lua Nova.

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão, freqüente no Pentateuco, adiciona um senso de autoridade e solenidade às instruções baixadas. Ver as notas em Lev. 18.30.

Viagem do Sinai a Moabe (10.11—21.35)

Do Sinai a Cades-Barnéia (10.11—14.45)

A Partida (10.11-36)

O pano de fundo especial do livro de Números é aquele período da história entre a parada no Sinai, onde a lei foi dada, e as vagueações pelo deserto, até que o povo de Israel chegou às bordas da Terra Prometida. Cerca de quarenta anos separaram esses dois acontecimentos. Daí por diante, qualquer período especial de provação passou a ser representado pelo número "quarenta". E na Bíblia há uma boa quantidade de períodos que envolvem "quarentas". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Quarenta*.

Os vss. 11-28 fornecem-nos o tempo e a ordem em que o povo de Israel partiu. Isso ocorreu cerca de onze meses depois que Israel tinha chegado ao Sinai (cf. Êxo. 19.1). Os filhos de Israel levantaram acampamento, diante do sinal da nuvem que se movimentava. As tribos partiram na seqüência dada no segundo capítulo de Números, a respeito dos acampamentos. Ver o gráfico que mostra como Israel se acampava em torno do tabernáculos, antes do início da exposição sobre Núm. 1.1. Israel movia-se em grupos que preservavam as unidades existentes no acampamento. Leves *modificações tiveram de ser feitas para incluir os levitas na marcha.*

Essa marcha começou apenas vinte dias após as instruções dadas a Israel acerca da marcha iminente (ver Núm. 1.1).

10.11

No ano segundo, no segundo mês, aos vinte do mês. Onze meses se tinham passado desde que o povo de Israel chegara ao Sinai (ver Êxo. 19.1), e apenas vinte dias desde que tinham sido baixadas instruções acerca da marcha iminente (ver Núm. 1.1). "Os israelitas tinham-se acampado no deserto do Sinai por cerca de onze meses e vinte dias; cf. Êxo. 19.1 e este versículo. E agora tinham recebido a ordem divina de levantar acampamento, iniciando a marcha na direção da Terra Prometida. E é por essa razão que o Pentateuco Samaritano introduz, neste lugar, as palavras que achamos em Deuteronômio 1.6-8: 'O Senhor nosso Deus nos falou em Horebe, dizendo: Tempo bastante haveis estado neste monte. Voltai-vos, e parti" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.12

Do deserto do Sinai... Parã. No vs. 33 deste capítulo descobrimos que isso era uma viagem de três dias. A nuvem movera-se de seu lugar; o povo de Israel viajara por três dias; a nuvem estacara; e Israel se acampou. Este versículo *antecipa* o vs. 33. O deserto de Parã é uma vasta extensão de terras estéreis que cruza toda a parte centro-norte da península do Sinai. Antes de atingirem aquele lugar, *onde se* acamparam, houve várias breves paradas referidas em Núm. 11.3,34,35 e 12.16.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Êxodo, o Evento*, que provê um mapa que tenta ilustrar a vereda seguida por Israel. Muitas dúvidas circundam essa questão, e nenhuma reconstituição pode ser considerada perfeita. Os lugares mencionados, em alguns casos, são desconhecidos atualmente.

Parã. Ver sobre *El-Parã*, em Gên. 14.6.

10.13

Pela primeira vez se puseram em marcha. Quando viajamos, pedimos que o Senhor use de misericórdia conosco. Algumas pessoas fazem o sinal da cruz. Outras oram. As viagens sempre envolvem algum perigo maior que aquele da vida comum do dia-a-dia. Mas Israel partiu tanto sob a ordem de Yahweh quanto sob a Sua proteção. A ordem do Senhor os pôs em marcha. E por ordem de Deus eles estacavam, quando a nuvem estacava.

Por Moisés. Ele sempre agia como mediador entre Yahweh e o povo de Israel, para que os israelitas recebessem orientações divinas. Ele era o homem investido de autoridade, diante de cuja palavra os filhos de Israel obedeciam.

10.14

A seqüência em que marchavam as diversas divisões de Israel seguia a ordem em que elas se acampavam, conforme se vê no segundo capítulo de Números. A ordem de marcha, por tribos, era: Judá; Issacar; Zebulom; os gersonitas e meraritas, que transportavam o tabernáculo; Rúben; Simeão: Gade; os coatitas, com certos itens do santuário; Efraim; Manassés; Benjamim; Dã; Aser; Naftali.

O estandarte. Cada tribo tinha sua própria bandeira e emblema. Ver as notas sobre isso em Núm. 1.52 e 2.2.

Filhos de Judá. Esses acampavam-se a *leste* do tabernáculo, quando Israel estava parado. Eles lideravam a marcha e ocupavam a posição mais honrosa.

Todos os nomes que figuram na lista, ou seja, os nomes dos *líderes* das doze tribos, já foram comentados no segundo capítulo de Números.

"A ordem de marcha já havia sido prescrita com antecedência pelo Senhor (Núm. 2.3-31). A divisão de *Judá* encabeçava a marcha (Núm. 10.14-16)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

As *doze* tribos foram separadas em *quatro* divisões principais, e cada uma dessas divisões acampava-se em uma das quatro direções gerais da rosa-dos-ventos, ou seja, leste, oeste, norte e sul. As três tribos do leste eram Judá, Issacar e Zebulom, e todas as três são mencionadas nos vss. 14-16. A tribo de Judá liderava esse grupo de três tribos.

Naassom. Ver as notas sobre ele em Núm. 1.7.

10.15

O líder da tribo de Issacar era *Natanael,* e as notas sobre ele aparecem em Núm. 1.8.

10.16

O líder da tribo de Zebulom era *Eliabe,* e as notas sobre ele aparecem em Núm. 1.9.

10.17

Os gersonitas e meraritas seguiam Judá, mas antes de Rúben. Eles transportavam itens vários do tabernáculo. Ver Núm. 1.51 quanto a isso. Ver Núm. 4.24-28 quanto às tarefas que cabiam aos gersonitas; e também aos meraritas, em Núm. 4.31-33. Assim, essas duas divisões dos levitas saíram transportando as peças do tabernáculo de que estavam encarregados, marchando entre a divisão de Judá (Judá, Issacar e Zebulom) e a divisão de Rúben (Rúben, Simeão e Gade).

10.18

A divisão das *três tribos* que ocupavam o acampamento sul era formada por Rúben, Simeão e Gade, e a tribo de Rúben era a liderante do grupo. O líder da tribo de Rúben era *Elizur* (com notas a respeito em Núm. 1.5).

10.19

O líder da tribo de Simeão era *Selumiel,* e as notas sobre ele figuram em Núm. 1.6.

10.20

O líder da tribo de Gade era *Eliasafe,* e as notas sobre ele aparecem em Núm. 1.14.

10.21

Os *coatitas* marchavam depois da divisão de Rúben, mas antes de Efraim (essa divisão se compunha de Efraim, Manassés e Benjamim). Esse clã dos levitas, um entre três (ver Núm. 3.17), tinha como responsabilidade transportar as peças santas dos móveis do tabernáculo. Ver Núm. 3.31 quanto aos itens específicos que eles carregavam.

Esses vinham depois a fim de que o tabernáculo pudesse ser erigido em primeiro lugar, por parte dos outros levitas. E então as peças preciosas dos móveis podiam ser seguramente localizadas em seus respectivos lugares, permanecendo ali até outro período em que Israel deveria pôr-se em marcha.

10.22

A divisão de *Efraim* incluía Efraim, Manassés e Benjamim. Essa divisão marchava depois dos *coatitas* (vs. 21) e acampava-se na parte ocidental do tabernáculo. Ver o gráfico sobre o acampamento, antes da exposição sobre Núm. 1.1. O líder do grupo era a tribo de Efraim. E o príncipe dessa tribo era *Elisama,* e as notas sobre ele aparecem em Núm. 1.10.

10.23

Manassés marchava na divisão formada por Efraim, Manassés e Benjamim. O líder da tribo de Efraim era *Gamaliel,* e as notas sobre ele ficam em Núm. 1.10.

10.24

Benjamim marchava na divisão formada por Efraim, Manassés e Benjamim. O líder da tribo de Benjamim era *Abidã,* e as notas sobre ele ficam em Núm. 1.11.

10.25

A tribo de *Dã* encabeçava três das tribos, Dã, Aser e Naftali, que se acampavam ao norte do tabernáculo, marchando juntas quando Israel estava em marcha. Essas três tribos formavam a ré, e também eram o grupo mais numeroso. O líder da tribo de Dã era *Aiser,* e as notas sobre ele estão em Núm. 1.12.

10.26

A tribo de *Aser* marchava na divisão formada por Dã, Aser e Naftali, e o líder dessa tribo era *Pagiel;* as notas sobre ele encontram-se em Núm. 1.13.

10.27

A tribo de *Naftali* marchava na divisão formada por Dã, Aser e Naftali. E o líder da tribo de Naftali era *Aira;* as notas sobre ele são apresentadas em Núm. 1.15.

10.28

As tribos movimentavam-se como se fossem um *exército* preparado para a batalha, e sempre formando a mesma arrumação e formação, conforme se vê no começo do vs. 14.

O Sogro de Moisés (10.29-32)

O autor sacro insere, nesta altura, um curioso incidente acerca do sogro (cunhado?) de Moisés. Sobrevivem várias tradições a respeito do sogro de Moisés. Ele aparece aqui com o nome de Hobabe, embora figure como *Jetro* em Êxo. 3.1 e 18.1. O livro de Juízes (4.11) chama-o de *Hobabe.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jetro,* que provê informações a seu respeito e tenta explicar a confusão de nomes. Outro nome que lhe é dado (Ver Êxo. 2.18 e Núm. 10.29) é *Reuel.* Na última dessas duas referências, Hobabe é chamado de *filho* de Reuel e, no entanto, continua sendo chamado de sogro de Moisés. Não há como resolver, de modo satisfatório, essa confusão de nomes, mas não é importante procurar solução.

A bênção do Senhor estava sendo derramada, e o sogro de Moisés (ou cunhado?) foi convidado a participar da bênção, acompanhando o povo de Israel até a Terra Prometida. O texto dá a impressão de que o homem não aceitou o convite, embora não afirme isso em termos absolutos. A comparação entre Juí. 1.16 e 4.11 leva-nos a conjecturar que Moisés acabou prevalecendo, e que seu sogro (cunhado?) o acompanhou.

10.29

Hobabe. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Jetro* e *Reuel (Raguel).* Hobabe pode ter sido o cunhado de Moisés, e não seu sogro. O Senhor (Yahweh) tinha prometido e provido um lugar especial para Israel. E agora os israelitas tinham partido do Sinai, a fim de reiniciar sua jornada até a Terra Prometida. Israel estava sendo *abençoado,* e não havia razão pela qual quem acompanhasse o povo de Deus não compartilhasse dessa bênção. Quem o acompanhasse compartilharia do *pacto abraâmico,* segundo se vê nas notas expositivas em Gên. 15.18.

O trecho de Juízes 4.11 chama o sogro de Moisés de Hobabe. Mas alguns eruditos pensam que o termo hebraico que aparece no texto original, *hoten,* forma vocalizada de *htn,* pode significar qualquer dos parentes por casamento. Assim, talvez em Juízes também esteja em foco um cunhado de Moisés, e não seu sogro. Isso reconciliaria aquele com este versículo. Os eruditos não concordam quanto a esse tipo de reconciliação. E para aumentar um pouco mais a confusão, o livro de Juízes chama-o de *queneu,* ao passo que Números diz que ele era *midianita.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Queneus.* Alguns eruditos usam esta referência (Núm. 10.29) para afirmar que, originalmente, os queneus eram um clã ou subtribo dos midianitas.

10.30

Este versículo, ao que parece, indica que Hobabe não aceitou o oferecimento de Moisés para acompanhar os filhos de Israel à Terra Prometida, e assim participar das bênçãos divinas sobre o povo de Deus. Mas se confrontarmos Juí. 1.16 com Juí. 4.11, descobriremos que descendentes de Hobabe estavam na Terra Prometida, o que nos dá a entender que o convite acabou sendo aceito. A passagem de Juí. 1.16 diz-nos que os queneus estavam ali. Jetro era um midianita, e supõe-se que os queneus fossem uma subtribo ou clã daquele grupo maior. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Queneus* e *Midiã, Midianitas.* Ver Êxo. 3.1 quanto ao fato de que Jetro era um midianita. Cf. também I Sam. 15.6; II Reis 10.15 e I Crô. 2.55.

Tipologia. Hobabe, a princípio, rejeitou o convite para ir até Canaã com o povo de Israel, mas depois mudou de mente, tal com um certo filho, referido por Jesus, recusou-se a cumprir certa ordem de seu pai, mas depois, arrependeu-se e foi. Ver Mat. 21.29. A chamada espiritual nem sempre tem resultados positivos e imediatos; mas há uma certa persistência, na chamada de Deus, que finalmente produz os efeitos que ela tenciona produzir.

10.31

E nos servirás de guia. Hobabe conhecia bem o deserto. Israel vagueava pelo deserto e precisava de um guia. Assim, a presença de Hobabe seria muito valiosa a fim de tornar a jornada um sucesso, da península do Sinai à Palestina. Alguns eruditos sugerem que a tarefa de Hobabe não era tanto a de orientar, visto que a nuvem e a coluna de fogo existiam com esse propósito, e, sim, dar conselhos, mostrando os melhores lugares para acampar etc. Mas este versículo refere-se definidamente à orientação no deserto que ele poderia prestar.

"Nem sempre percebemos as nossas limitações de visão, conforme Moisés percebia. Nem estamos dispostos a ver as coisas através dos olhos de outras pessoas, particularmente no caso de pessoas que são de nação, classe ou cor diferente. Hobabe não era hebreu, mas parente de Moisés por laços de matrimônios. Os olhos de outros podem ser os olhos de Deus para nós"! (Albert George Butzer, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la.*

A aparente discrepância acerca da *orientação* contida neste versículo foi resolvida por Adam Clarke (*in loc.*), o qual sugeriu que a orientação era dada pela nuvem e pela coluna de fogo, ao passo que a orientação quanto a detalhes era dada por Hobabe. Hobabe podia apontar os melhores lugares para se acamparem, onde havia água disponível, material para fazer fogo etc. Os críticos supõem que a nuvem e o fogo eram detalhes mitológicos, e que homens como Hobabe é que eram os verdadeiros guias. Mas quase sempre a orientação requer a *intervenção divina.* Oh, Senhor concede-nos tal graça!

10.32

Moisés repetiu seus argumentos, os quais já vimos e pudemos anotar no vs. 29. Sua insistência sem dúvida foi eficaz, conforme se vê nas notas sobre os vss. 29 e 30. Tudo isso nos faz lembrar da parábola do homem que foi pedir pão de um seu vizinho, somente para nada receber a princípio. Mas seus apelos foram eficazes. Ver Lucas 11.5 ss. E assim também, o homem que continua batendo e buscando, acaba recebendo resposta da parte de Deus (ver Luc. 11.11). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração.*

Disse Jarchi: "Na divisão da terra, quando esta foi dividida, a gordura de Jericó foi dada ao filhos de Jetro, a Jonadabe, filho de Recabe (ver Juí. 1.16). E com base nesse trecho, como também com base em outras passagens, como Juí. 4.11,17 e I Sam. 15.6, parece que a posteridade desse homem recebeu herança em Canaã" (John Gill, *in loc.*).

Movimentos da Arca da Aliança (10.33-36)

A *arca da aliança* (ver a esse respeito no *Dicionário*) era o móvel mais precioso do tabernáculo. Era sobre a arca, postada no Santo dos Santos, que se manifestava a glória *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*). Aos *coatitas* cabia o trabalho de cuidar do transporte da arca da aliança. Outras porções do tabernáculo eram transportadas pelos filhos de Gérson e de Merari (vs. 17). E assim quando os coatitas chegavam com certos móveis valiosos do tabernáculo, podiam colocá-los na estrutura já levantada. Ver o vs. 21 quanto à descrição do trabalho dos coatitas.

10.33

A arca da aliança foi retratada como um guia de Israel, pois a presença de Yahweh manifestava-se por seu intermédio. Uma viagem de três dias foi feita do Sinai ao deserto de Parã (vs. 12). Ver as notas ali existentes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Êxodo, o Evento,* quanto a uma proposta da rota tomada por Israel. Não é possível fazer nenhuma reconstituição perfeita, porque a Bíblia alude a lugares cuja localização não tem sido determinada com certeza.

"Parece que a primeira parada prolongada foi ou em Taberá (no hebraico, *queimadura*) ou em Quebrote-Taavá (no hebraico, *sepulcros da concupiscência*). cf. Núm. 11.3.

Ia adiante. A arca da aliança não ia exatamente na frente, pois seguia no meio da multidão. Mas metafórica e *espiritualmente* todos seguiam a arca.

10.34

A nuvem continuou a liderá-los, em consonância com a promessa de Yahweh. Ver Êxo. 13.21; 14.19; Lev. 16.2; Núm. 9.15-17; 10.11,12,34. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Colunas de Fogo e de Nuvem.* Ver o Sal. 105.39. A nuvem protegia-os do calor do dia, além de guiá-los. Ver também Isa. 4.5.

10.35

Levanta-te, Senhor. Embora a orientação tivesse sido assegurada a Israel, ainda assim precisava da proteção divina. Isso sucedeu primeiramente no deserto, e depois na Terra Prometida, quando esta foi invadida por Israel. Ler o Salmo 91, o *salmo de proteção.* Parece que Moisés se dirigiu diretamente à arca, como representante da presença de Deus. Sabia-se que Yahweh estava presente, esperando ouvir os apelos de Israel. Cf. I Sam. 4.3-22. Da arca, os filhos de Israel esperavam *proteção,* porquanto Yahweh se fazia presente ali. Não faziam isso por idolatria. A arca propriamente dita não era um objeto de adoração. As marchas de Israel eram acompanhadas por ocasião, e isso, naturalmente, ilustra a necessidade que todos os homens têm de orar, enquanto avançam pelo deserto desta vida. Ninguém dispensa a necessidade da presença, proteção e orientação do Senhor. Cf. Apo. 7.15 e 21.3. Ver também Heb. 2.14,15 e I João 3.8. Moisés liderou-os em um grito de batalha em que foram invocados a presença e o poder conquistador do Senhor

(vs. 35; Sal. 68.1). Terminado o dia, novamente fizeram uma oração (vs. 36). Assim, quando viajavam ou descansavam, Israel era abençoado pelas orações de Moisés.

10.36

Quando Israel estacou, Moisés levantou outra oração. O número dos israelitas era de cerca de três milhões de pessoas, considerando-se que havia mais de seiscentos mil homens que eram capazes de ir à guerra. Ver Núm. 1.46. O sentido daquela oração foi que, quando Israel parava em suas vagueações e se acampava, então Yahweh vinha habitar entre eles, protegendo-os e guiando-os. Isso continuava a manifestar-se mediante a presença da arca da aliança, que estava no Santo dos Santos, onde se manifestava a presença de Deus. Alguns supõem que, profeticamente, a presença do Messias tenha sido assim invocada sobre Israel, o tempo em que o Logos veio armar tenda entre os homens. Alguns vêem a presença de Deus com Israel quando eles vieram a tomar posse da Terra Prometida. As várias interpretações são suplementares, e não contraditórias.

O Salmo 68 talvez tenha sido composto com esse versículo em mente. A arca da aliança havia retornado de um território hostil, e o fato foi agora celebrado.

"Terminado aquele dia de marcha, ele implorou que o Senhor habitasse entre Seu povo, durante aquela noite" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Capítulo Onze

As Murmurações dos Israelitas (11.1-35)

Em Números 14.22, há uma lista de *oito* murmurações da parte de Israel. As freqüentes murmurações de Israel no deserto, apesar de todas as bênçãos divinas, são um dos temas dominantes do Pentateuco. Cf. Êxo. 15.24; 16.2,3; 17.3; 32.1-4,25; Núm. 11.4-6; 12.1,2; 14.2,3; 16.13,14; 20.2-13 e 21.4,5. Isso nos mostra a falta de gratidão e de coragem daqueles israelitas. A ira divina sobreveio em Taberá (que significa *queimadura*). Este texto faz-nos lembrar de Romanos 1.24. Os *pagãos*, entre seus outros pecados, a despeito da revelação divina mediante a natureza, não manifestavam o senso de *agradecimento*, e isso os conduzia a um estado espiritual lamentável. O fato de que Yahweh *ouvia* as queixas de Israel é um toque de *antropomorfismo* (ver sobre isso no *Dicionário*). Não somos informados sobre qual tipo de privação teria causado tanta murmuração, e também não nos é dada informação alguma sobre a natureza exata do juízo divino. Porém, mais aconteceu em Taberá do que poder-se-ia atribuir ao mero acaso. Se os versículos 4 ss. deste capítulo 11 devem ser levados em conta, nos três primeiros versículos, então a causa dos queixumes era uma dieta alimentar pobre. Eles estavam enjoados de maná e anelavam comer carne e peixe, conforme faziam no Egito, estando ali em escravidão. Podemos supor que Israel tinha trazido do Egito muito gado, pois, sem isso, não poderiam ter-se envolvido em todos aqueles sacrifícios descritos no livro de Levítico. Todavia, não havia suprimento de carne suficiente. Ver o vs. 4 deste capítulo. Moisés havia proibido a matança geral de animais para sacrifício; e não havia animais limpos em número suficiente no deserto. Os críticos supõem que as descrições de animais sacrificados pertencessem a um tempo posterior, relatadas como se estivessem relacionadas às vagueações pelo deserto.

11.1

Quanto ao pano de fundo da mensagem deste versículo, ver a introdução a este capítulo.

Queixou-se. As notas introdutórias a este capítulo nos dão informações sobre a questão das *murmurações* de Israel, um dos temas dominantes do Pentateuco. Nada nos é dito acerca da razão de tais queixas, mas os vss. 4 ss. sugerem problemas com o suprimento alimentar, talvez no tocante tanto à quantidade quanto à variedade. Yahweh *ouviu* as murmurações dos israelitas e isso O desagradou. E então, em Sua ira, os castigou. Algum tipo de fogo atingiu as fímbrias do acampamento. Talvez tenha havido algum desastre natural, que foi desfechado em um momento exato, como uma erupção vulcânica, alguma tempestade elétrica, ou coisa similar. Mas outros vêem um juízo divino direto. A teologia dos judeus era fraca quanto a causas secundárias, pelo que desastres naturais eram vistos como castigos diretos enviados por Deus.

Observe o leitor as expressões antropomórficas. Yahweh aparece aqui a ouvir, a ficar desagradado e irado, algo semelhante ao que os homens experimentam. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo*.

Alguns intérpretes judeus supunham que o povo de Israel se tenha queixado por causa das más condições da jornada, e não por causa de suprimento alimentar (uma queixa que só se manifestou mais tarde). Talvez os israelitas quisessem retornar ao Egito, porque sentiam que a jornada era árdua demais.

Vinde, santos, não temais dificuldade e labor,
Mas com alegria, continuai avançando.
Por mais que a viagem vos traga tristeza e dor,
Não estaqueis — continuai caminhando.

(Antigo hino mórmon)

Esse hino, que sempre inspirou os mórmons, foi composto quando, por motivo de perseguição, marcharam do meio-oeste americano até o oeste distante. Eles se tinham acampado no que é hoje Omaha, estado de Nebraska, e o alvo deles era o que agora é a Cidade do Lago Salgado, estado de Utah, cerca de mil e oitocentos quilômetros adiante. Cerca de setecentos quilômetros desse trajeto atravessavam as Montanhas Rochosas. Sob a direção de Brigham Young, grande pioneiro americano, eles encetaram tal marcha, inspirados pelo hino traduzido acima.

Tal como amiúde acontece conosco, a jornada parecia dura demais para eles. Contudo, quando a vontade de Deus se faz presente, o caminho pelo qual enveredamos é de alegria, e não somente de dificuldades. Como poderíamos pensar em ganhar um grande galardão, se agora evitamos a luta? A *preparação* do Senhor foi prometida para os viajantes. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

11.2

O povo clamou a Moisés. Moisés era o mediador entre Yahweh e Israel, e também era o principal líder dos filhos de Israel. Por isso, ele precisou agüentar o bruto impacto das queixas de Israel. O fogo se acendeu em labaredas; muitos israelitas morreram. O fogo nada perdoava; era um julgamento divino. Só o poder de Yahweh era capaz de fazer o fogo apagar-se. E, assim sendo, o povo voltou-se para o homem de Yahweh, Moisés. A oração de Moisés fez o fogo apagar-se; e assim o pedido do povo foi concedido, e *esse* julgamento chegou ao fim. Mas a lição não foi aprendida. Logo rebentaram de novo outras queixas, e o resto do capítulo descreve isso. Sem dúvida, muitas tendas foram incendiadas, e o incêndio espalhou-se com o vento. Porém, não há explicação no que tange à causa da conflagração.

Oração Medianeira. Quanto a outros incidentes que ilustram esse tipo de oração, feita por Moisés, ver os trechos seguintes: Êxo. 8.28; 10.17; 32.11 ss.; Núm. 14.13-19.

Alguns pensam que devemos entender aqui a palavra *fogo* em um sentido metafórico, pensando que está em pauta aquele vento escaldante vindo do sul, o *siroco*. Esse vento sopra da parte do deserto oriental e é extremamente destrutivo. Mata toda vida com seu calor ressecante. Mas o texto sagrado não parece estar descrevendo, metaforicamente, esse vento.

11.3

Taberá. No hebraico, *lugar de fogo* (ou *lugar de refeição*). Os israelitas murmuraram, o que acabaria por tornar-se um costume, para todos os efeitos práticos, durante a jornada pelo deserto. Quanto a isso, ver a introdução a este capítulo. O *fogo* do Senhor feriu aquele lugar. Ver Núm. 1.1 quanto à natureza do fogo e às razões pelas quais tal fogo foi enviado. Esse fogo consumiu as extremidades do acampamento, queimando, sem dúvidas, a muitas tendas e matando certo número de pessoas. Taberá é mencionada novamente em Deuteronômio 9.22, embora não seja listada entre as caminhadas de Israel no deserto, no capítulo 33 do livro de Números (vss. 16 e 17). O sentido da palavra está em dúvida e a definição de *queimadura* pode ter surgido mediante uma etimologia popular, e não científica. Cf. a história em geral com os comentários neotestamentários em I Cor. 10.11,12.

Murmurações por Causa do Maná (11.4-10)

11.4

Populacho. O termo hebraico assim traduzido é *'asapsup*, que se acha apenas aqui, em todo o Antigo Testamento. O termo tem o sentido básico de "coleção", pois estavam em foco aquelas pessoas que haviam sido "coletadas" ao longo do caminho, pessoas indesejáveis, que não pertenciam ao povo de Israel, mas tinham acompanhado os israelitas, de alguma maneira, fugindo dos egípcios por uma série de razões. No Egito, muita outra gente vivia escravizada no Egito, e não somente os hebreus. É provável que muitos dentre aquela "coleção" fossem escravos de outras raças, que se tinham aproveitado da emancipação dos israelitas para escaparem. Outros podem ter sido meros aventureiros que estavam procurando uma oportunidade para fugir. E também havia meros descontentes, talvez até alguns egípcios que buscavam fortuna, os quais, impressionados com as promessas feitas por Moisés, resolveram sair do Egito juntamente com os filhos de Israel.

Pessoas dessa natureza seriam as primeiras a murmurar; mas é tolice pensar que a murmuração não foi *generalizada*. Outra palavra hebraica está por trás do termo hebraico *'ereb*, "multidão mista", que se vê em Êxo. 12.38; Nee. 13.3. Mas a mesma gente está em pauta.

Os filhos de Israel tornaram a chorar. A multidão mista deu início à murmuração, mas os israelitas também estavam descontentes com a alimentação e com as condições de viagem. Foi um descontentamento generalizado que ameaçava estourar na forma de uma rebelião universal.

As queixas giravam em tono do maná miraculoso. Alguns estudiosos pensam que tais queixas envolviam as questões quantitativas e qualitativas dos alimentos, por trás do fogo que rebentou em Taberá (vss. 1-3 deste capítulo). Porém, talvez a murmuração anterior se devesse às dificuldades da jornada. E agora viera à tona a questão do regime alimentar. É claro que os israelitas dispunham de uma dieta mais rica e variada no Egito. A alimentação é uma *necessidade* básica, e as pessoas grosso modo dão muito valor a essa questão. Os israelitas preocupavam-se com o que poderiam comer. Mais de três milhões de pessoas estavam atravessando um extenso deserto estéril. Seria mister uma série contínua de milagres para alimentar tanta gente, até que chegassem à Terra Prometida, sem passarem fome. O maná era abundante e constante; mas os filhos de Israel por agora já não agüentavam repetir o mesmo menu. A rebeldia deles bem poderia tê-los levado a planejar como poderiam voltar ao Egito, não fora a presença de Moisés entre eles.

Quem nos dará carne a comer? O fato de que eles possuíam tantos animais para os sacrifícios, conforme se vê no livro de Levítico, mas sem poder abatê-los, talvez tenha servido como um dos motivos de queixas. Mas Moisés não permitiria a matança generalizada do gado doméstico dos israelitas. Contudo, outros animais limpos não eram abundantes no deserto, pelo que os israelitas ficaram sem a carne que estavam acostumados a consumir no Egito.

Devido a seu profundo desejo por alimentos, os israelitas acabaram caindo na rebeldia e na incredulidade. A fé deles se debilitou por causa de uma dieta pobre.

11.5

Lembramo-nos dos peixes. O rio Nilo era muito piscoso, com variadas espécies, servindo de grande suprimento alimentar no Egito. Por igual modo, o *pepinos* do Egito eram grandes e saborosos. E também havia *melões* e outras frutas, legumes e condimentos, como as cebolas e as duas variedades de alhos mencionadas neste versículo. No Egito nada faltava para que houvesse uma cozinha farta e variegada. No hebraico, a palavra aqui traduzida por *alhos silvestres* que, na opinião de alguns especialistas, significa uma espécie de trevo, peculiar ao Egito, usado como condimento. As cebolas egípcias eram de boa qualidade, e até as classes pobres dispunham de cebolas à vontade. Portanto, as queixas dos murmuradores tinham certa razão de ser: a dieta era boa no Egito. No entanto, os queixosos se esqueciam da terrível escravidão que os esmagara no Egito. Alguns argumentos são *verazes*, mas isso não os torna *justos*. Verdadeiro nem sempre é um sinônimo de justo.

Heródoto (*Alpinus*) e Plínio (*Hist. Natural* 1.36, cap. 12) descreveram a rica dieta dos egípcios. Depois deles, certas frutas e legumes chegaram a ser adorados como se fossem coisas divinas, conforme confirmou Juvenal (*Satry*, 15), mas isso não corresponde aos dias de Moisés.

O Mau Odor do Egito. Certa ocasião ouvi um sermão que destacava como as cebolas e os alhos do Egito deixam um mau hálito depois de ingeridos. "Se você estivesse no Egito, um símbolo do mundo, também ficaria com um mau hálito." O versículo anterior a este é que estava sendo usado pelo pregador, de forma metafórica, no seu sermão.

11.6

Seca-se a nossa alma. Essa frase traduz literalmente o hebraico, *nephesh*, palavra essa que, no Antigo Testamento, nunca tem o sentido de porção imaterial do homem. Porém, na época dos Salmos e dos Profetas, surgiu a idéia de alma, distinta do corpo, embora não fosse usada a palavra *nephesh*. Por isso, alguns estudiosos dão aqui a tradução "força" ou "vida". A ausência de uma dieta apropriada havia ressecado as forças físicas de algumas pessoas. "E agora precisavam encher o estômago com alimentos gostosos" (John Marsh, *in loc.*), para que se livrassem daquela sensação de sequidão, devido ao maná, maná, maná. Ver no *Dicionário* o artigo *Maná*, que alguns estudiosos tomam como se fora algum produto natural, ao passo que outros preferem pensar em uma provisão miraculosa. Quanto ao relato bíblico sobre o maná, ver Êxo. 16.14-21,31.

Tipologia. Cristo era e continua sendo o maná celeste, o Pão da vida, o único sustento espiritual de um hom. Ver João 6.31 ss. e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete intitulado *Pão da Vida, Jesus como.* Ver também o vs. 9 deste capítulo.

11.7

Era o maná. Ver no *Dicionário* o artigo com esse título, que inclui a composição do maná, aqui mencionada. Ver Êxo. 16.14,31 que é um paralelo direto deste versículo. É provável que a repetição acerca do maná, neste ponto, tivesse o propósito de mostrar que o maná é uma coisa boa, uma dádiva de Deus, e Israel deveria ter-se contentado com o maná como o seu regime alimentar. Um dos piores pecados é a falta de gratidão pelo abundante suprimento que já recebemos, e o desejo por muitas outras coisas. E, assim, os homens oram por muitas coisas, somente para satisfazerem suas concupiscências (Tia. 4.3), ao passo que deveriam pedir sabedoria espiritual (Tia. 1.5,6).

11.8

O trecho de Êxodo 16.31 revela-nos o gosto do maná, quando era preparado conforme descrito aqui. Os antigos apreciavam muito bolos de farinha de trigo, misturados com azeite e mel, e o maná prestava-se muito bem para esse tipo de preparo. "Seja como for, o gosto *suave* do maná, em comparação com os alimentos picantes do Egito, causaram a rebeldia contra Moisés e o Senhor" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). O primeiro apetite físico do homem envolve os alimentos, que não somente impedem a inanição, mas também lhe servem de fonte de prazer. A glutonaria é um vício que exagera esse prazer.

11.9

Quando de noite. Um único suprimento noturno garantia os alimentos para o dia seguinte. Ver Êxo. 16.14 quanto ao trecho paralelo.

Tipologia. Consideremos os quatro pontos abaixo:

1. Jesus é o Pão da vida e o maná espiritual, e nos é dado em constante e abundante suprimento. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Pão da Vida, Jesus como* e *Maná Escondido* (quanto a uma aplicação neotestamentária da questão). Ver João 6.48 e Apo. 2.**17.**
2. O recolhimento do maná era feito *diariamente*. Se fosse guardado, estragava-se. Metaforicamente, isso quer dizer que as necessidades espirituais de um crente envolvem uma questão diária. Não podemos descansar sobre o sucesso passado; nem podemos justificar-nos no presente porque, "no futuro", agiremos melhor.
3. A vida eterna nos é dada mediante a provisão espiritual, pois no desenvolvimento espiritual chegamos a compartilhar a imagem de Cristo, o qual é o Pão do céu. Ver Rom. 8.29; I João 3.2 e II Cor. 3.18.
4. Em Cristo há provisão para todas as nossas necessidades. "Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8). Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

11.10

E a ira do Senhor grandemente se acendeu. O choro do povo de Israel perturbou tanto a Yahweh, no céu, quanto a Moisés, representante de Deus na terra. Ver a introdução a este capítulo, quanto ao tema das murmurações de Israel. Esse choro envolveu todas as famílias, ou seja, foi universal e acentuado. "Tão generalizado foi o desejo deles por carne, e seu descontentamento pela ausência de carne, que eles *choraram* e *clamaram*, pedindo carne, e isso de forma tão vociferante e clamorosa que Moisés ouviu o ruído" (John Gill, *in loc.*). Eles choravam em particular, em suas tendas, e também publicamente, ocupados em seu trabalho e atividades diárias. Yahweh ficou *irado*, e Moisés ficou *desagradado*. Este versículo atribui a Deus as emoções próprias de um ser humano, o que reflete o antropomorfismo (ver sobre isso no *Dicionário*). A fim de descrever Deus, usamos a chamada *via eminentiae* (o caminho positivo), atribuindo a Deus qualidades, disposições e atributos humanos, elevados à potência máxima. Ou então usamos a *via negationis* (o caminho negativo), afirmando que "Deus *não* é como somos, pois está acima de nossa capacidade de compreender". Ambos esses métodos permitem-nos pensar em alguma coisa, embora nem por isso obtenhamos descrições exatas. Ver sobre ambos esses métodos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* O Antigo Testamento é repleto do método da *via eminentiae*, conforme fica ilustrado neste versículo, embora sempre envolvido no *antropomorfismo*. Ver também o verbete intitulado *Antropopatismo.*

A ira de Yahweh *acendeu-se como um fogo*, conforme o original hebraico nos faz entender, pelo que também nada demorou em enviar o fogo do Seu juízo (vs. 3).

Moisés Queixa-se do Povo de Israel (11.11-23)

11.11-13

Disse Moisés ao Senhor. As queixas de Moisés a Deus, contra Israel, ocupam somente três versículos, mas suas amargas queixas demonstram grande desprazer (vs. 11). Consideremos estes pontos:

1. *Yahweh tinha afligido a Moisés.* Isso de acordo com a avaliação do próprio Moisés. Não fora Yahweh quem o encarregara daquele povo terrível, sempre queixoso, sempre tendente ao desvio, perturbando a boa vida que ele tinha levado no Egito, e entregando-lhe uma tarefa quase impossível?
2. *Yahweh não favorecera a Moisés.* Moisés, o homem reto, não havia sido favorecido por Yahweh conforme parecia necessário. A prova disso era a grande provação que lhe havia sido imposta. Um homem *favorecido* sem dúvida não teria recebido um teste tão severo.

Adam Clarke (*in loc.*), ao reconhecer quão correto era o desprazer de Moisés, lembra-nos de que a escravidão avilta as pessoas. Ele supunha que, em vista de Israel ter sido aviltado como povo, criava tantos problemas para Moisés.

3. *Uma carga excessiva.* Cuidar de toda aquela imensa nação era tarefa demasiada para Moisés. Moisés hesitara a princípio, pensando que alguma outra pessoa poderia realizar melhor a tarefa (ver Êxo. 4.10-13). Jetro, sogro de Moisés, tentara ajudá-lo a organizar melhor seu trabalho (ver Êxo. 18.14 ss.). Também havia os anciãos do povo (ver Êxo. 3.16; 4.29; 12.21; 24.1; Lev. 4.15; Núm. 11.16; Deu. 5.23). Apesar da ajuda deles, ainda assim Moisés sentia-se sobrecarregado, especialmente diante do fato de que estava dirigindo um povo rebelde, que vivia queixoso. Disse um ministro do evangelho, certa feita: "Ficamos cansados *no* trabalho, mas não *do* trabalho". Mas parece que Moisés tinha-se cansado em ambos os sentidos.
4. *Yahweh tinha concebido o povo de Israel.* Essa queixa de Moisés era especialmente amarga. Ele falou com sarcasmo. "Concebi *eu* a esses rebeldes? Não! Antes, foste *Tu,* Yahweh, que deste origem a esse povo. Nesse caso, por que estou sendo afligido por causa deles?" "Deus, e não Moisés, tinha sido a causa do êxodo. Portanto, deveria carregar o filho e nutri-lo" (John Marsh, *in loc.*). Yahweh é que fizera as grandes promessas no Seu *pacto abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18). Portanto, era responsabilidade de Yahweh cuidar de cumprir suas provisões, incluindo aquela concernente à Terra Prometida.
   Geração e Regeneração. A Deus compete conceder vida. Ver estes trechos do Novo Testamento que mostram as impacto das aplicações espirituais dessas questões: I Cor. 4.15; I Ped. 1.23; Tia. 1.18; Gál. 3.2; João 3.1-21. Alguns versículos do Novo Testamento mostram-nos que Deus regenera por meio de instrumentos humanos, que se tornam assim pais espirituais. Mas Moisés não queria admitir esse pensamento, que poderia debilitar o seu argumento.
5. *Um pai deve cuidar de seu filho.* Um pai carrega seu filho como se fosse sua ama, uma metáfora um tanto desajeitada, porque um pai não pode dar de mamar a seu filho. Contudo, *metaforicamente,* assim faz um pai, e assim o argumento de Moisés acabou tornando-se válido. O pai que gera também cuida de todas as necessidades subseqüentes de seu filho. Mas *Moisés,* de acordo com o argumento que apresentava, não era esse pai, pelo que também não era o responsável pelo filho. Mediante essa distorção do argumento, Moisés dizia que o povo de Israel não era de sua responsabilidade, pois o pai era Yahweh.
6. *Um pai deve prover o que for mister para seu filho.* Esse foi o argumento final de Moisés: ele não era capaz de prover para as necessidades de Israel. As exigências dos filhos de Israel ultrapassavam sua potencialidade. Mas Yahweh tinha capacidade para tanto, pelo que deveria mostrar-se ativo nesse aprovisionamento. Um pai gera a seu filho; cuida dele como se fosse uma ama, e também provê para todas as necessidades do filho. O filho faz conhecidas as suas necessidades mediante o choro. Uma criança não dispõe de outra maneira para queixar-se. O choro irritante do filho pode produzir maravilhas, fazendo com que vontades contrárias se submetam, conforme qualquer pai ou mãe sabe muito bem. Foi como se Moisés tivesse dito ao Senhor: "Escuta Teu filho chorando! Faze o que ele está pedindo!".

O *filho que chorava* metia pena, mesmo que seus pedidos não fossem razoáveis, o que sucede com freqüência. Moisés foi levado ao desespero pelo choro da criança, e rogou por imediata intervenção divina.

11.14

Moisés, uma espécie de padrasto, desviou sua atenção para algo que não era o mais importante. Além de ter de ouvir o choro do bebê, agora também tinha de trabalhar acima de suas forças. Esse quadro reflete perfeitamente bem o que sucede a uma mãe e sua criança. Há momentos em que uma mãe chega a pensar que não conseguirá sobreviver até o fim do dia. Tal mãe fica então tão indignada quanto Moisés ficou: cheia de queixas, e até mesmo violenta, punindo sua criança de maneira desnecessária e estúpida.

"Não suporto mais essa carga sozinha", uma reveladora declaração que veio a tornar-se parte de um hino:

Devo dizer a Jesus minhas provações,
Não posso levá-las sozinho;
Mas Ele assim me ensina boas lições.
E cuida de mim com muito carinho.

(E. A. Hoffman)

Compare este versículo com Êxo. 18.17,18.

11.15

Mata-me de uma vez. Moisés chegou a preferir a morte. Ele estava desesperado. Não mais agüentava o programa diário que envolvia um bebê chorão e trabalho em demasia. E assim pediu uma drástica intervenção divina: *a morte.* Naturalmente, ele preferiria a *morte, se* Yahweh resolvesse não vir em seu socorro. Como é claro, o próprio Moisés tonara-se agora um bebê chorão. A morte súbita poria fim ao problema, fazendo seu estado de miséria chegar ao fim. Alguns críticos textuais afirmam que esse foi um dos textos onde os escribas alteraram propositadamente o texto original, que eles insistem em que era "tu". Em outras palavras, Moisés ter-se-ia queixado do estado de miséria de *Yahweh,* porquanto o Senhor lhe dera uma tarefa que ele não conseguia cumprir. Mas os judeus piedosos que comentaram o texto sagrado nunca permitiriam que passasse, sem algum comentário, um estado de *miserabilidade* atribuído a Yahweh.

Se tenho achado favor aos teus olhos. As palavras de Moisés eram extremamente amargas. *Se* ele fosse alvo de alguma graça da parte de Deus, que então fosse *galardoado* com uma morte misericordiosa.

A Resposta de Yahweh (11.16-23)

Uma queixa tão amarga não podia ficar sem resposta. Mas *como* a resposta foi dada é significativo. A exagerada tirada de Moisés não foi respondida na *mesma moeda, com outra* tirada e *com* repreensão. Antes, Yahweh fez o que Moisés queria que Ele fizesse. e levou Moisés a delegar autoridade, aliviando-o do excesso de trabalho; e deu ao bebê chorão (Israel) o que ele queria: um generoso suprimento de carne. Moisés era jovem demais para morrer; seu trabalho ainda não tinha terminado. E assim, seu pedido desesperado não foi atendido.

11.16

"A resposta dada pelo Senhor nem permitiu que Moisés morresse e nem tirou dele a posição de liderança. Em vez disso, Deus criou uma estrutura de sublíderes, permitindo que Moisés delegasse responsabilidade. Deus instruiu Moisés para que selecionasse setenta anciãos de Israel, homens de boa reputação, sobre quem seria derramado o mesmo Espírito que repousava sobre e dava poder a Moisés (cf. Êxo. 18.21-26; Atos 6.3)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Dos anciãos de Israel. Provavelmente estavam incluídos os príncipes, os doze homens que eram os principais líderes de cada tribo, listados no segundo capítulo de Números. Mas além deles devia haver outros, visto que Israel devia ter mais de três milhões de pessoas. Mais de seiscentos mil eram homens capazes de entrar em guerra (vs. 21). Como é claro, *setenta* homens *não* seriam suficientes para tão grande tarefa, mas esses poderiam encabeçar um sistema que poupasse a Moisés de muitos de seus deveres. Uma das características de uma boa liderança é saber delegar trabalho. Mas os *pequenos césares,* mui tipicamente, são avessos a delegar tarefas.

Talvez os *setenta* formassem um círculo maior que os *doze* príncipes, tal como Jesus tinha doze apóstolos, aos quais foram adicionados setenta discípulos, conforme lemos no capítulo décimo de Lucas.

Uma das mais pesadas tarefas de Moisés era julgar diariamente as pendências que eram apresentadas diante do tabernáculo. Os homens escolhidos pôr-se-iam de pé com Moisés, e as questões seriam divididas entre eles. E os casos mais difíceis, que desafiassem qualquer solução, seriam apresentados a Moisés, embora a maior parte fosse solucionada pelos setenta.

Superintendentes do povo. Esses eram os "organizadores", homens empregados para orientar o povo, que vinham apresentar seus casos e suas queixas. Esses superintendentes agiam como auxiliares dos anciãos.

Ver Êxo. 24.1,9 e suas notas quanto aos *setenta anciãos.* Tempos mais tarde, o Sinédrio era constituído por setenta juízes. Esse grupo tornou-se uma espécie de corte suprema. O número de juízes, sem dúvida, foi sugerido pelo texto presente. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sinédrio.*

11.17

Descerei e ali falarei contigo. A presença de Yahweh garantia e orientava o programa inteiro. O Senhor *desceria.* E isso reflete a crença na existência de um céu "lá em cima", onde Deus habitava. Cf. Gên. 11.5,7 e suas notas expositivas. O autor sagrado prossegue com seus *antropomorfismos.* Ver sobre esse termos e também sobre *antropopatismo,* no *Dicionário.* O segundo desses vocábulos indica a prática dos homens que atribuem a Deus sentimentos e emoções tipicamente humanos.

Tirarei do Espírito. Devemos pensar aqui ou no Espírito Santo ou no espírito de sabedoria. Os intérpretes e as traduções estão divididos quanto a essa

questão. Seja como for, a inspiração divina foi aqui prometida. Haveria *sabedoria* para que a tarefa fosse cumprida. A delegação de autoridade não debilitaria o sistema judiciário de Israel.

Uma Excelente Metáfora. Neste ponto, Orígenes e Teodoreto nos forneceram uma excelente metáfora. Moisés foi retratado como uma lâmpada, e os anciãos como lâmpadas menores, acesas por ele. As lâmpadas menores, visto que derivaram dele a sua luz, por isso mesmo sua luz maior em nada era diminuída. "O gracioso Deus nunca chamou um homem para realizar um trabalho sem lhe fornecer a *força* adequada; e recusar-se a fazer isso, sob a alegação de incapacidade, anda perto de ser rebeldia contra Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os Dons Qualificadores do Espírito. O homem que serve receberá uma correta porção dos dons do Espírito. A obra do ministério é um esforço de equipe, e *muitos* homens espiritualmente dotados precisam ocupar-se nessa obra. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Dons Espirituais.*

11.18

Santificai-vos para amanhã. Era mister que eles se separassem para poderem contemplar o prodígio divino. Mas Jarchi interpretou isso como: "Preparai-vos para serdes castigados". E os Targuns de Jonathan e de Onkelos dizem: "Preparai-vos para receberdes as misericórdias ou para encontrardes o Senhor, em Seus juízos". No Egito, a carne para consumo humano era considerada uma questão crucial. E os israelitas tinham querido voltar ao Egito somente para comer um bom bife no almoço. Isso era pura frivolidade. Eles precisavam *santificar-se* a fim de irem ao encontro de Yahweh, no pequeno milagre que estava prestes a ter lugar. Mas não apreciariam o resultado final do ato.

O Senhor vos dará carne e comereis. Israel estava prestes a comer em excesso, não somente por um dia, mas por um mês inteiro, de tal modo que a carne lhes saiu *pelos narizes* (vs. 20). A ira de Yahweh satisfez aos desejos dos filhos de Israel, mas em excesso tal que eles adoeceriam. Esta passagem é parecida com a que diz que Deus satisfez os pedidos deles, mas fazendo também *definhar-lhes a alma* (ver Sal. 106.15). O exagerado choro de Israel, pois, resultou em uma exagerada provisão alimentar. Com muita freqüência, aquilo que as pessoas buscam com tanta diligência passa a significar muito pouco, uma vez que seja obtido. Usualmente, isso é indicado por um excessivo desejo, mostrando que tal pessoa está fora da vontade de Deus.

11.19

De tanto comerem carne, os filhos de Israel acabariam adoecendo. Não comeriam por um dia, dois, cinco ou vinte, mas por um mês inteiro (vs. 20). Os excessos físicos nos enfermam fisicamente. Por igual modo, os excessos morais e físicos nos adoecem a alma. A grande palavra ética dos gregos significava *moderação,* conceito com tantas e tão freqüentes aplicações. Cf. este texto com Êxo. 16.13, que alude à imensa revoada de codornizes, as quais foram enviadas devido às murmurações do povo de Israel.

11.20

Porquanto rejeitastes ao Senhor. Deus, o Libertador, tinha sido insultado por Israel, com seu choro e seus queixumes. É incrível que a simples falta de carne tivesse causado uma virtual apostasia e a anulação (no coração deles) da saída do Egito. *Um* dos castigos sofridos por Israel foi ter em excesso aquilo que quisera possuir. Durante trinta dias haveria tão grande quantidade de carne de codornizes que, figuradamente, esta sairia pelo nariz dos israelitas; e, literalmente, cada homem enjoaria e odiaria *carne.* Portanto, temos aí uma solene lição moral: podemos chegar a odiar aquilo que antes diligentemente buscávamos, uma vez que o recebemos. Aquilo que chegamos a possuir pode zombar de nós e fazer-nos adoecer.

Israel chegara a enjoar do maná, mas logo também chegaria a enjoar da sua nova dieta. Deus tem suas próprias leis de *limitação,* e, se um homem cruzar esses limites, só poderá fazê-lo para seu próprio prejuízo. Existem *satisfações duradouras* na vida, e essas podem manifestar-se nas áreas intelectual, moral e espiritual da existência, bem como no cumprimento bem-sucedido das missões que nos forem entregues. E também há *satisfações supérfluas,* e há pessoas dispostas a pagar um elevado preço para obtê-las.

Algumas vezes, a tarefa de uma vida inteira é o investimento em alguma coisa que, no fim, se verifica não ter o mínimo valor. A vontade do Espírito é ensinar-nos no que consiste o *valor.*

"Essa é uma linguagem hiperbólica, mas comunica eficazmente a verdade que aqueles que rejeitam os perfeitos propósitos de Deus descobrem que as alternativas causam náusea e são indesejáveis" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

11.21

Seiscentos mil homens de pé é este povo. Moisés levantou assim uma questão crítica. Ele não fazia a mínima idéia sobre como Deus conseguiria tanta carne. Só relembrou o Senhor que havia seiscentos mil soldados, homens jovens e aptos para ir à guerra (ver Núm. 1.46). E isso significava que a população total de Israel deveria ultrapassar três milhões de pessoas. Somente uma provisão miraculosa poderia suprir carne para tão grande número de seres humanos, naquela região desértica. Moisés já tinham contemplado demonstrações de poder ilimitado da parte de Yahweh; mas agora haveria de contemplar mais uma dessas demonstrações. E o prodígio teria de ser *muito grande* se o suprimento de carne chegasse a demorar um mês inteiro.

"O relato salienta o poder miraculoso do Senhor, suficiente para sustentar uma população tão grande no deserto" (*Oxford Annotated Bible*, sobre este versículo).

11.22

Moisés Considerou os Suprimentos Disponíveis. Este versículo parece tão humano. Embora Moisés já tivesse visto tão grandes prodígios da parte de Deus, acabou olvidando o fato de que Yahweh tinha o poder de efetuar *outro milagre,* a fim de fornecer um imenso suprimento de carne, capaz de satisfazer tão grande multidão de pessoas pelo espaço de um mês. Em vez de olhar para as *possibilidades miraculosas,* ele ficou a calcular o que se poderia fazer com os suprimentos disponíveis. Isso incluía os rebanhos que Israel tinha, os quais poderiam ser abatidos, ficando assim anulado o sistema de sacrifícios. Ou então, todos poderiam ir até a beira-mar para pescar; e então, se fossem bem-sucedidos, *seriam* capazes de pescar peixes em número suficiente para cumprir a palavra dita por Yahweh. Mas a idéia do poder miraculoso é que este ultrapassa a todas as possibilidades humanas de suprimento. Ocasionalmente, precisamos do suprimento miraculoso de Deus. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Deus mostrou-se *capaz* de fazer o que dissera a Moisés, e este estava destinado a sofrer uma chocante *surpresa.* O homem natural sabe dessas coisas.

Moisés falou sobre a carne dos rebanhos de Israel, bois, carneiros e bodes. Mas esqueceu-se do vasto suprimento alado, a carne de incontáveis revoadas de *aves.*

11.23

O Senhor respondeu a Moisés. A palavra de Deus interveio, pondo fim à tola imaginação de Moisés e à contagem de seus tostões. O Senhor dispunha de um tesouro inexaurível, de onde extrairia o milagre.

A mente humana é limitada; mas isso não significa que a mão de Deus se *tenha encurtado.* Tais limites usualmente são aqueles impostos por nossas próprias mentes. Há poder por trás da *palavra* de Deus; pois foi essa palavra foi que trouxe à existência todos os mundos. E essa palavra continua, capaz de efetuar coisas simplesmente inimagináveis.

"Não há limites para aquilo que o amor de Deus, em Cristo, é capaz de fazer, salvo os limites que o próprio homem impõe a esse amor" (Albert George Butzer, *in loc.*).

"O poder que é *ilimitado* jamais *diminui*" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os Anciãos de Israel e a Profecia (11.24-30)

11.24

O Palco Estava Armado para o Milagre. Uma vez mais, Israel veria uma intervenção divina. Em primeiro lugar, Moisés devia levar avante o projeto de delegação de autoridade, porque a sua tarefa era carregar nos ombros a responsabilidade por todo o povo de Israel (vs. 11). O sistema descrito nos vss. 16 e 17 precisava ser posto em efeito. E os *anciãos* que ajudariam a Moisés precisavam que, *antes de tudo,* sua fé fosse fortalecida, mediante o Espírito Santo que lhes havia sido dado; e, em *segundo lugar,* pelo fato de terem sido testemunhas do milagre do suprimento de carne, que estava prestes a ocorrer. Haveria dois milagres: o da *nuvem* (vs. 25) e o das *codornizes* (vss. 31 ss.). Desse modo, *ambos* os problemas que Moisés estava enfrentando (ver os vss. 13 e 14) seriam solucionados. O ministério e a autoridade dos anciãos também seriam *publicamente* autenticados. Israel seria testemunha da dotação de poder.

Os anciãos foram assim levados até o tabernáculo, onde a manifestação divina estava prestes a ocorrer. Eles precisavam conhecer a presença de Yahweh. Não nos basta ler a Bíblia e orar. Também deve haver o toque místico, em que a presença divina aproxima-se e confere poder. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.* Quanto aos *setenta anciãos,* ver as notas no vs. 16 deste capítulo.

11.25

O Senhor desceu na nuvem. Devemos entender aqui a nuvem que guiava o povo de Israel de dia. Essa nuvem parava ou punha-se em movimento, indicando quando Israel devia estacar ou pôr-se em marcha. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Colunas de Fogo e de Nuvem.* Alguns estudiosos, todavia, supõem que devamos entender aqui alguma *nuvem mística*, e não a nuvem usual que guiava os israelitas. Isso posto, essa experiência com a presença de Deus envolveu uma luz gloriosa e poderosa, como uma nuvem, o que, algumas vezes, acontece nas grandes experiências espirituais. Mas outros eruditos preferem pensar na glória *shekinah* (ver sobre isso no *Dicionário*). No entanto, a primeira interpretação parece coincidir com o que está em pauta neste texto.

Yahweh Estava na Nuvem. Foi a própria presença de Deus que produziu a manifestação mística daquela ocasião.

O Pentecoste do Antigo Testamento. Este versículo soa como o Pentecoste da Igreja cristã, no segundo capítulo do livro de Atos. Podemos pensar que algo similar sucedeu. Não houve a manifestação do dom de línguas, mas houve profecias e muita excitação espiritual.

Profetizaram. No hebraico temos a palavra *nabi*, em sua forma nominal, e tem o sentido de "porta-voz" ou "profeta". Talvez esse termo hebraico deriva-se de *aba'*, que significa "borbulhar" ou "extravasar", algo típico dos profetas inspirados, que tendem por falar de maneira frenética. A palavra *profeta* envolve as idéias de autoridade e de comunicação, embora, em alguns casos, esteja em foco a idéia de "predizer o futuro", mas isso não se aplica ao caso presente. Ou talvez o vocábulo esteja ligado à raiz do acádico, *nabu*, que significa "chamar". Nesse caso, estaria sendo salientada a *chamada* profética. Mas essa posição parece debilitar-se diante do fato de que este versículo termina com as palavras "mas depois nunca mais". Assim sendo, os anciãos de Israel "profetizaram", mas não se tornaram "profetas". Deus é quem designa os Seus profetas e os chama.

Algumas vezes, essa palavra pode significar levantar a voz em louvores, com ou sem o acompanhamento de instrumentos musicais. Ver I Sam. 10.6; I Reis 18.29; I Crô. 25.3 e Jer. 29.26.

Os *teólogos históricos* dizem-nos que, ocasionalmente, a história de Israel era assinalada por frenesis ou excitações proféticas; e que os hebreus emprestavam muita importância a essa atividade. Tal atividade não se confinava aos que eram conhecidos como profetas, pois aqui vemos Eldade e Medade a profetizar, e eles não faziam parte do grupo seleto dos setenta anciãos. Ver o vs. 26.

O Espírito. Assim lemos em nossa versão portuguesa, embora outras versões e traduções digam "o espírito". O Espírito Santo entrou em contato e agitou espíritos humanos, produzindo assim uma nova atmosfera e expressão espiritual. Parece que o que houve foi o seguinte: Depois que os setenta anciãos deixaram de profetizar, os dois, Eldade e Medade, começaram a profetizar, não entre os setenta, mas no arraial.

11.26

Eldade. Esse homem foi abençoado com a profecia naquele momento. Ele não pertencia ao grupo dos setenta anciãos, mas era homem espiritual, pelo que o Espírito o aprovou com o dom profético. Outro tanto sucedeu no caso de *Medade*, o qual também profetizou no arraial, perto do tabernáculo. O Targum de Jonathan diz-nos que os dois homens eram parentes de Moisés pelo lado de sua mãe; mas não temos como averiguar se essa informação é veraz ou não. Eldade significa "Deus é amigo"; e Medade quer dizer "Deus é amor". Fora do Antigo Testamento (neste ponto), na literatura judaica, os nomes desses dois homens figuram na obra pseudepígrafa do Pastor de Hermas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Eldade e Medade.*

Alguns intérpretes supõem que esses dois homens fizessem parte do grupo dos setenta anciãos, mas só começaram a profetizar quando os outros sessenta e oito já tinham terminado de profetizar. Mas ver o vs. 30 deste capítulo.

Uma das lições deste texto é que o Espírito de Deus se move por onde Lhe parece melhor. Outra lição é que o "ministério aprovado" não tem direitos exclusivos às manifestações divinas. Josué ficou perturbado diante das manifestações não-oficiais, mas Moisés julgou que seria maravilhoso se *todo* o povo de Israel fosse envolvido no dom profético. Ver os vss. 28 e 29. Por quê? Em primeiro lugar, porque as experiências místicas fortalecem a alma e enrijecem a espiritualidade. Em segundo lugar, porque a utilidade espiritual aumenta mediante a vitalidade transmitida pelas experiências místicas autênticas.

11.27,28

Eldade e Medade profetizam no arraial. Assim disse um objetor, um moço, no que foi secundado por Josué. Sempre houve e sempre haverá aqueles que objetam a alegadas atividades e dons espirituais não-autorizados. Os críticos sempre acabam por manifestar-se. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dons Espirituais.* Um jovem, cujo nome não é dado, sentiu-se ofendido diante da profecia dos "dois intrusos". Esse jovem foi até Moisés com a "lamentável" notícia. Ali, Josué, filho de Num, secundou a reclamação do rapaz. Ora, Josué era o grande auxiliar de Moisés, o homem que Deus havia destinado a conduzir o povo de Israel à Terra Prometida, embora isso ainda não tivesse sido revelado. O movimento de oposição, pois, contou com o apoio de autoridades especiais. Mas Moisés teve sabedoria suficiente para perceber que os dois opositores estavam destituídos de razão, e que as manifestações do Espírito de Deus não podem ser confinadas pelas limitações impostas pela mente humana. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Josué.*

"Esse relato ensina a liberdade e a soberania das influências do Espírito Santo, tal como séculos mais tarde ocorreu na casa de Cornélio, quando o Espírito Santo desceu sobre ele e sobre aqueles que estavam com ele, todos gentios (Atos 10.44-48)" (Ellicott, *in loc.*).

Um dos seus escolhidos. Essas palavras, em outras traduções, são traduzidas como "que tinha sido ajudante de Moisés desde a juventude". E essa tradução parece estar mais de acordo com o teor da narrativa.

11.29

Porém Moisés lhe disse. Josué, sem dúvida, tinha ciúmes pelo Espírito de Deus, mas de modo equivocado. Por isso mesmo, Moisés o corrigiu. Parece que Moisés temia que os dois homens, Eldade e Medade, de alguma forma fariam entrar em eclipse a autoridade de Moisés, chamando tanta atenção para si mesmos. Algumas vezes, os críticos são sinceros em suas atitudes, mas isso não quer dizer que tais críticas sejam justas. As pessoas, naturalmente, com freqüência temem qualquer coisa que ameace o *status quo.*

A ortodoxia teme, tradicionalmente, qualquer novidade. Mas devemos lembrar que, dentro do processo histórico, uma ortodoxia substitui a anterior, *ad infinitum.* Novas doutrinas são chamadas heresias, mas logo estas tornam-se novas ortodoxias, uma vez que sejam aceitas. O cristianismo chegou a ser considerado uma heterodoxia perigosa, que ameaçava substituir o judaísmo ortodoxo. Mas logo o cristianismo tornou-se uma nova ortodoxia. E assim a antiga ortodoxia tornou-se obsoleta.

Moisés Estava com Razão. Moisés percebeu que uma expressão espiritual autêntica estava tendo liberdade de existir. Mas *não estava preocupado com a* sua própria autoridade. Os verdadeiros ministros não vivem em competição uns com os outros. Antes, suplementam-se mutuamente. O povo inteiro de Israel estaria em melhor estado espiritual e teria maior eficiência espiritual, se todos os filhos de Israel fossem como os dois "ofensores". Essa foi a avaliação de Moisés quanto à situação.

Cf. este texto com um incidente similar na vida de Jesus, historiado em Lucas 9.49,50. Os apóstolos também viram um homem "não autorizado" a fazer certas coisas. E pareceu-lhes que ele agia contra a autoridade de Jesus, embora operasse em Seu nome.

11.30

Moisés e os anciãos de Israel deixaram a área do tabernáculo e foram ao arraial propriamente dito. É provável que assim tivessem feito para observar Eldade e Medade, e impedir alguma manifestação em torno do caso. Não foram até ali para parar a manifestação, e, sim, para controlá-la. Moisés foi "com os anciãos", dando a entender que Eldade e Medade não pertenciam ao grupo dos anciãos.

Este versículo também marca o fim do incidente das profecias, preparando-nos para a história sobre as codornizes (vss. 31 ss.). O problema de autoridade e de delegação havia sido ventilado. Agora seria solucionada a questão da falta de carne, mas não conforme o povo de Israel gostaria que acontecesse. Ver os vss. 13 e 14 quanto aos *dois* problemas de que este capítulo trata.

A Grande Colheita de Codornizes (11.31-35)

O lance que envolveu as codornizes, suspenso no vs. 23, tem reinício neste ponto. Os filhos de Israel puseram-se a colher as codornizes com grande afã. Mas fizeram isso somente para descobrir que os objetos de profundos desejos por muitas vezes são fúteis e prejudiciais. Os *anciãos* já haviam passado por sua iniciação, tendo recebido o poder do Espírito para se ocuparem de suas tarefas. Agora veriam grande exibição do poder de Yahweh, embora se trata-se de um

sinal prejudicial ou mesmo vergonhoso para o povo de Israel como um todo. Isso mostra-nos que o povo de Israel era acompanhado por sinais e maravilhas (ver Êxo. 4.21; Deu. 4.34; Mat. 16.1; 24.24; Rom. 15.19; Heb. 2.4).

11.31

Então soprou um vento do Senhor. Esse vento foi usado como meio para realizar o prodígio. O vento tangeu uma vasta quantidade de codornizes até o acampamento dos israelitas, cobrindo em redor uma área de um dia de viagem. Ver o modo pelo qual Israel se acampava em redor do tabernáculo, ilustrado imediatamente antes do começo da exposição sobre Núm. 1.1. E assim, aquilo que Israel não foi capaz de fazer por si mesmo, um vento divinamente mandado pôde realizar.

Do mar. Ou seja, do golfo de Ácaba (ver a respeito no *Dicionário*). As codornizes costumam migrar da África para a Europa, durante a primavera, e logo se cansam devido ao longo vôo. E assim, se um vento faz essas pequenas aves desviar-se de seu curso, e elas, cansadas, caem no chão, é fácil apanhá-las. A migração era natural, mas o vento soprou de acordo com a vontade do Senhor. Desse modo, fatores naturais e sobrenaturais cooperaram a fim de garantir os prodígios. Até hoje é possível encontrar codornizes em grande número, sendo vendidas como alimento, no Oriente Próximo e Médio.

O número das codornizes era tão vasto que formaram uma camada sobre a superfície da terra. Mas alguns estudiosos pensam que os "dois côvados sobre a terra" indica a baixa altura em que essas aves passavam voando, e não a camada de aves amontoadas sobre o solo.

"Até hoje, o vôo normal dessas aves segue a direção noroeste, pois elas vêm do interior da África. O vento talvez tenha passado a soprar na direção sudeste, um fenômeno deveras incomum. E o vento empurrou as aves para o noroeste, fazendo-as atravessar a península do Sinai" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Naquele dia, seja como for, Israel contemplou um extraordinário ato providenciai de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.*

11.32

O tremendo recolhimento das codornizes perdurou por dois dias e uma noite, durante o qual tempo Israel não se ocupou praticamente de nenhuma outra atividade. Não dispunham de nenhum sistema de refrigeração, mas conheciam o processo de cozimento e ressecamento ao sol, que faria a carne das aves durar por muito tempo. Nenhum homem que juntou as codornizes deixou de recolher menos do que *dez ômeres,* ou seja, o equivalente a dois mil e duzentos quilogramas. Naturalmente, os críticos duvidam dessa informação, a qual deixa transparecer grande ganância. Outros estudiosos falam em mil e novecentos quilogramas, mas isso ainda representa uma quantidade gigantesca de aves.

E as estenderam. Isso eles fizeram para ressecar as aves ao sol, recobertas de sal, para fins de preservação. E isso não era difícil de fazer, estando eles no deserto. A versão da Vulgata Latina diz aqui "e as ressecaram". Plínio descreveu para nós o processo (*Hist. Natural,* 1.6, cap. 20). As aves foram defumadas, salgadas e ressecadas ao sol. Dessa maneira, a carne podia ser preservada por tanto tempo quanto um ano. Gafanhotos eram preparados mediante o mesmo processo. Alguns estudiosos, por isso mesmo, pensam que estão em foco gafanhotos; mas o texto hebraico não se presta para tal interpretação.

11.33

As descrições são antropomórficas. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Yahweh, em um surto preliminar de ira, trouxe as codornizes em tão vasto número que os israelitas, de tanto comê-las, acabaram enjoando. Mas, tendo feito essa anteprovisão, a ira de Yahweh se intensificou, e ele enviou tão violenta praga que ninguém sabe quantos deles pereceram. Aben Ezra imaginava que o fogo referido no vs. 3 tinha voltado. E outros dizem que a praga consistiu em fogo, e que os primeiros versículos deste capítulo foram deslocados. Mas também há aqueles que defendem que houve alguma enfermidade infecciosa e contagiosa, que se espalhou rapidamente por todo o acampamento dos israelitas. Sulpício (*História Sagrada* 1.1) afirma que vinte e três mil israelitas pereceram; mas não sabemos com que autoridade ele falou.

Seja como for, a praga foi considerada um ato divino (ver Lev. 26.21; Deu. 28.21; I Sam. 4.3). A teologia dos hebreus era muito débil quanto a segundas causas, pelo que qualquer praga era considerada procedente de Deus Assim sendo, é possível que alguma grande praga natural tenha ferido o povo, mas isso foi atribuído a Yahweh. Mas a sua subtaneidade, associada à murmuração sobre a falta de carne, indica que realmente houve alguma espécie de intervenção divina.

11.34

Quibrote-Taavá. No hebraico, *sepulcro dos desejos.* Essa expressão designa um dos lugares onde os israelitas tiveram um de seus acampamentos, quando vagueavam pelo deserto. Em nossos dias, não se sabe onde ficava essa localidade, embora seja conhecido que ficava próximo ao monte Sinai. Foi ali que os israelitas murmuraram contra Moisés, ao se lembrarem dos deliciosos acepipes que desfrutavam no Egito. Em face disso, Deus enviou codornizes que os adoeceram de tanto que se empanturraram. Seguiu-se então uma praga, durante a qual muitos deles morreram. Os mortos foram sepultados nesse local, o que explica o nome do lugar — "sepulcros dos desejos (ou das concupiscências)". Dali os israelitas partiram para Hazerote (ver Núm. 11.35). O trecho de Deuteronômio 9.22 mostra-nos que a lição ensinada em Quibrote-Taavá foi relembrada algum tempo mais tarde. E o trecho de Números 33.16 parece fazer desse lugar a primeira parada de Israel depois do Sinai, mas Taberá serviu com essa finalidade pelo menos durante alguns poucos dias.

11.35

Hazerote. No hebraico, *aldeias.* Esse era o nome da terceira parada ou acampamento dos israelitas, depois que eles partiram do Sinai, em suas andanças pelo deserto. Ficava a quatro ou cinco dias de marcha daquele monte. Foi ali que Miriã e Arão murmuraram contra Moisés (ver também Núm. 12.16). A murmuração dizia respeito ao casamento dele com uma mulher cuxita, bem como à idéia de que Deus fala somente por meio de Moisés. É possível que *'ain Khadra* assinale o local antigo. Ficava a cerca de quarenta e oito quilômetros a nordeste de Jebel Musa, a caminha da Ácaba (ver a esse respeito no *Dicionário*). Dali, Israel partiu para o deserto de Parã. O versículo 20 deste capítulo talvez indique que o povo de Israel ficou em Quibrote-Taavá por um mês.

Capítulo Doze

A Sedição de Miriã e Arão (12.1-16)

As freqüentes *murmurações* do povo de Israel no deserto, apesar das bênçãos de Yahweh e grandes demonstrações de poder, são um tema dominante do Pentateuco. Ver incidentes dessa ordem em Êxo. 15.24; 16.2,3; 17.3; 32.1-4,25; Núm. 11.4-6; 12.1,2; 14.2,3; 16.13,14; 20.2-13; 21.4,5. O trecho de Rom. 1.24 diz-nos que uma das causas da apostasia dos pagãos era a falta de gratidão. O fato de que Yahweh *ouvira* essas murmurações e então revidara com ira é um antropomorfismo (ver sobre isso no *Dicionário*), mas nossa linguagem por muitas vezes vê-se reduzida a esse forma de expressão, quando tentamos dizer alguma coisa significativa sobre Deus. Ver o artigo chamado *Deus,* no *Dicionário.*

Talvez Moisés tenha errado ao casar-se com uma mulher cusita. Fosse como fosse, isso levou Miriã e Arão a murmurar, e a principal acusação deles é que Moisés se tornara um ditador que dominava a tudo. Somente ele obtinha mensagens da parte de Yahweh; somente ele podia dar ordens. Não há que duvidar de que o caso envolvia inveja. Certo filósofo observou que nenhum grande homem é grande em seu próprio lar. O irmão e a irmã de Moisés não respeitavam a sua presença, mas tiveram a coragem de tentar removê-lo do comando. A rebeldia deles foi um grande erro de cálculo, visto que o poder de Yahweh estava por trás de Moisés, e quem se opunha a ele opunha-se ao Senhor.

Israel não foi especificamente proibido de entrar em relação de casamentos com o povo cusita (ver Êxo. 34.11,16); mas por analogia (pois os cusitas não eram hebreus), Miriã e Arão julgaram que tinham um bom caso. E usaram o casamento de Moisés para promover a causa deles.

12.1

Novas Murmurações. Ver a introdução a este capítulo quanto ao fato de que as murmurações de Israel constituem um dos temas do Pentateuco. O capítulo anterior registra um incidente recente: murmurações por causa do suprimento alimentar. Agora aqueles que eram mais chegados a Moisés, seu irmão e sua irmã, são retratados a encabeçar uma rebelião, para remover Moisés do poder, ou pelo menos para reduzir sua autoridade, com vistas a tomarem uma parte dessa autoridade. Este primeiro versículo registra a *primeira* queixa deles: Moisés contraíra um casamento supostamente ruim para Israel. E o versículo seguinte registra a *segunda* queixa: Moisés era um ditador e deveria dividir sua autoridade.

Fazia muitos anos agora que Moisés se tinha casado com Zípora, mulher midianita. Logo, ele já tinha uma mulher que não era hebréia. E agora ousara casar-se com outra mulher gentílica, dessa vez uma etíope, conforme alguns interpretam a palavra "cusita" (até nossa versão portuguesa assim faz). Todavia, outros eruditos dizem que a palavra, no hebraico, pode significar uma mulher

árabe, da parte norte da Arábia. Podemos supor que esse segundo casamento se dera recentemente, razão pela qual Miriã e Arão trouxeram o caso à tona.

Cusita (Mulher Etíope). Moisés se casou com uma mulher etíope. Cuxe ou Etiópia era a região ao sul da primeira catarata do rio Nilo. A Septuaginta e a Vulgata apresentam essa mulher como natural da Etiópia. Mas as tradições judaicas *identificam-na com Zípora, pensando que ela era natural de Cusã*, que aparece em Habacuque 3.7. Cusã também tem sido região identificada com a Etiópia; mas outros preferem pensar em Midiã, ou algum aliado desse território. As lendas judaicas sugerem que, antes de Moisés fugir para o deserto de Midiã, ele foi comandante-em-chefe de uma campanha egípcia contra a Etiópia. Tarbis, a filha do rei etíope, ter-se-ia apaixonado por ele, do que resultou o casamento dos dois. Porém, quase todas as lendas desse tipo não passam de invenções românticas, pelo que a questão da *identidade* exata da esposa cusita de Moisés continua sujeita a debates. O texto do capítulo 12 de Números introduz de súbito essa mulher, provavelmente para indicar que Moisés contraíra um *novo* matrimônio.

Por certo, Moisés deixara de lado o espírito do pacto abraâmico, bem como o exemplo deixado pelo próprio Abraão, quanto a casamentos de israelitas com estrangeiros, pelo que Miriã e Arão não deixavam de ter alguma razão em sua queixa. É muito difícil que os dois estivessem reclamando por causa de Zípora. Ao casar-se de novo, porém, Moisés ficou sujeito a ataque, por fazer parecer não ter havido prudência em seu segundo casamento. A nova esposa de Moisés não era necessariamente uma negra, porque os habitantes da antiga Etiópia pertenciam a várias etnias. Pessoas chamadas cusitas também habitavam a Arábia. Mui provavelmente essa segunda esposa era semita, talvez de ascendência árabe.

Talvez essa *nova* esposa de Moisés fosse uma ameaça à autoridade de Miriã, visto que haveria outra mulher para compartilhar as coisas. A animosidade pessoal pode ter sido a base de todo o incidente.

O Targum de Jonathan diz que a mulher em apreço era uma rainha. Josefo (*Antiq.* 1.2 cap. 10, sec. 2) é um daqueles que falou sobre a expedição egípcia, descrita acima, no decurso da qual Moisés teria conhecido Tarbis. Mas podemos ignorar, com toda a segurança, essas lendas.

12.2

E disseram. Temos aí a segunda queixa de Miriã e Arão. A segunda esposa de Moisés serviu de caso melindroso, a razão da primeira queixa deles (vs. 1). Mas o que realmente irritava Miriã e Arão era que Moisés monopolizava tudo, como único porta-voz de Yahweh. É como se diz modernamente: "Um grande homem, grandes vícios". Yahweh havia conferido a Moisés uma posição elevada, pelo que Miriã e Arão se ressentiam disso, e agora esperavam poder mudar a situação. Miriã foi chamada de *profetisa* (Êxo. 15.20), pelo que era mulher de alguma habilidade e posição espiritual. E queria aumentar sua autoridade, sobretudo junto àquela *outra mulher*, que parecia estar ameaçando a sua posição. Ver Miq. 6.4, que exalta a condição de Miriã. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Miriã.*

A inveja, o ciúme e a competição são fatores que levam as pessoas a queixas. Miriã estava enfrentando tudo isso. À base de tudo, porém, estava a ignorância do fato de que Deus tinha realmente conferido a Moisés uma posição sem igual como Seu mediador, algo que vinha sendo repetidamente provado desde o Egito. A irmã e o irmão de Moisés puseram em dúvida a reivindicação de Moisés, e convenientemente olvidaram-se de grande parte da história.

O Senhor o ouviu. Achamos aqui outro *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*). A queixa chegou à atenção de Yahweh, pelo que o juízo divino já estava a caminho. *Seu homem* escolhido estava sendo atacado por subordinados indignos. E em breve seriam postos em seu devido lugar.

Por muitas vezes achamos no Pentateuco alguma expressão como *o Senhor falou.* Ela assinala o começo de algum novo material, embora também nos lembre da doutrina da divina inspiração das Escrituras. Fica assim demonstrado que *Moisés* era o mediador de Yahweh. Ver as notas a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

12.3

Mui manso. A humildade era uma das grandes características de Moisés. Ver Êxo. 3.11. A palavra hebraica aqui traduzida por "manso" é *'anaw,* "humilde". A raiz desse termo hebraico é *'ana,* "forçar à submissão". A melhor tradução, pois, é mesmo "humilde". Contrariamente à maioria dos ditadores, Moisés não era um homem arrogante. Ocupava a posição que ocupava por atribuição de Deus, e não porque tivesse ascendido à sua posição mediante poder e arrogância, impondo aos outros a sua vontade. Isso nos mostra que Moisés não era o tirano que Miriã e Arão queriam que ele parecesse ser. Sua autoridade era divinamente conferida. Ele era o homem apropriado para o momento, e não um indivíduo que se tivesse exaltado a algum elevado ofício por meio de sua poderosa personalidade.

A autoria mosaica do Pentateuco é um dos problemas levantados por este versículo. Uma terceira pessoa nos descreve aqui Moisés, e não ele mesmo. Meu artigo sobre o Pentateuco e sobre os cinco livros que o compõem aborda essa questão de autoria, com argumentos pró e contra. Ver também, no *Dicionário,* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.),* bem como os outros artigos mencionados. O artigo sobre cada um dos livros do Pentateuco aparece na introdução a cada um deles. O livro de Números sempre alude a Moisés na terceira pessoa do singular. Mas visto que *Yahweh falava* por meio dele, suas tradições foram preservadas, sem importar se ele foi o compilador real de algum livro, quanto à sua forma final.

As tentativas feitas por alguns intérpretes para forçar o texto a dizer que Moisés fora "alquebrado" e "oprimido" por suas cargas e pelos ataques contra sua pessoa, em vez de ser um homem *humilde,* não convencem. O texto não dá apoio a esse tipo de tratamento.

12.4

Vós três saí à tenda. Yahweh interveio. O Senhor entrou em ação súbita e rapidamente. Ele cortou a rebeldia pela raiz, ainda no começo. Deus convocou Moisés, Miriã e Arão ao tabernáculo, onde manifestou a Sua presença, indicando qual era a Sua vontade. E *todos os três* foram compelidos a obedecer *prontamente.* Yahweh não permitiu que um câncer se desenvolvesse. A inclusão do nome de Arão aqui, tal como no primeiro versículo, depois do nome de Miriã, sugere que *ela* era a cabeça pensante da rebelião.

12.5

O Senhor desceu na coluna de nuvem. A presença de Yahweh manifestou-se por meio da nuvem que guiava o povo de Israel, bem diante dos olhos dos três, diante da entrada do tabernáculo. Havia *três cortinas* que serviam de portas do tabernáculo. Ver sobre isso em Êxo. 26.36. É possível que esteja em pauta aqui a cortina que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo, pois era ali que aparecia a *glória shekinah,* diante da arca da aliança. Ver a planta baixa do tabernáculo, nas notas de introdução a Êxo. 26.1. Porém, muitos intérpretes pensam que está em pauta aqui a *primeira* cortina, afirmando que Yahweh nunca permitiria que os dois rebelados entrassem no Santo dos Santos do tabernáculo, mas, antes, armou Seu tribunal de juízo fora daquele lugar, no átrio, defronte da primeira cortina.

12.6

Então disse. O Senhor convocara os três, e agora fazia-os ouvir as Suas *palavras.* A situação seria corrigida, antes que rebelião tivesse a chance de espalhar-se, conseguindo adeptos entre o povo, o que sem dúvida haveria de suceder se Yahweh não tivesse agido imediata e decisivamente.

Visões e Sonhos. Cf. Joel 2.28, citado em Atos 2.17: "Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos". Sonhos e visões são aspectos do dom profético, conforme os teólogos históricos o demonstram. Esses métodos são aprovados pela vontade divina. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Visão (Visões)* e *Sonhos.* Mas Yahweh tinha uma *maneira superior de comunicar-se com Moisés,* pelo que este não era apenas um profeta. Yahweh aparecia pessoalmente a Moisés, e não somente por meio de sonhos e visões. É provável que Miriã e Arão tivessem sonhos e visões proféticos, mas não falavam face a face com Yahweh. O *modus operandi* superior da maneira de Yahweh tratar com Moisés distinguia-o dos profetas ordinários, tornando-o um *mediador* especial, ocupando no Antigo Testamento uma posição que Cristo viera a ocupar no Novo Testamento. Ele era um homem ímpar e um poder ímpar, o que o tornava mais do que um profeta.

Cf. este versículo com Deu. 13.1. Os sonhos eram considerados um meio de comunicação divina (Núm. 12.6; 22.20; I Sam. 3.15; 28.6; Jer. 23.25). Uma visão é uma espécie de sonho acordado; e, embora pertença à classe dos sonhos, é algo mais espetacular em seu modo de operação.

12.7

Não é assim com o meu servo Moisés. Essas palavras mostram a superioridade de Moisés em relação aos demais profetas. Todavia, é algo lindo receber sonhos e visões espirituais, que são modos de comunicação divina, segundo comentei nas notas sobre o versículo anterior. Moisés, contudo, gozava de um tipo de comunicação superior a isso. Ele se encontrava com Deus face a face, e recebia revelações diretas (vs. 8; ver também Êxo. 33.11). O papel de Moisés como mediador entre Yahweh e Israel foi assim reiterado. Ver Êxo. 19.9; 20.19. Cf. Deu. 34.10-12.

Fiel em toda a minha casa. O fulcro dessa casa, naqueles tempos, era o tabernáculo; assim, a casa metafórica aqui referida era a esfera de sua atividade em toda a nação de Israel. Israel era a casa de Deus, nesse sentido metafórico. Moisés desincumbia-se fielmente de todos os seus deveres, e Yahweh não tinha do que se queixar contra ele, em contraste com Miriã e Arão, que se queixavam de Moisés.

Uso no Novo Testamento. O trecho de Hebreus 3.2-6 informa-nos que Cristo também foi fiel na casa de Deus, e também que atuava na capacidade de Filho, e não na capacidade de servo. Isso posto, Ele era muito maior do que Moisés, tal como Moisés era muito maior do que os profetas comuns. E, sendo muito superior a Moisés, Cristo superou-o em uma nova dispensação, a saber, a era do evangelho, na qual vivemos. O Novo Testamento tomou o lugar do Antigo Testamento. Aparecera um novo Legislador, Cristo, o qual trouxe Sua mensagem de graça e fé para substituir a antiga mensagem severa da lei.

Nem Moisés nem Cristo eram meros profetas comuns. Ambos foram *mediadores*, respectivamente do Antigo e do Novo Testamentos. Miriã e Arão se tinham posto na mui ridícula posição de *profetas comuns* que atacavam a autoridade e a pessoa do *mediador* do antigo pacto.

12.8

Boca a boca falo com ele. Essa é uma metáfora para o advérbio "diretamente", sem a intermediação de sonhos e visões. Ver Êxo. 33.11. Yahweh e Moisés tinham *diálogos amigáveis*, em um sentido literal, de acordo com o autor sacro. Deus não precisava chegar ao subconsciente de Moisés, mediante sonhos e visões. Antes, exercia controle sobre a sua mente consciente.

"Boca a boca" equivale a "face a face". Moisés ouvia a voz de Yahweh e via a Sua glória. Ver Êxo. 19.16-19; 24.17,18; 34.5 ss. Mas tudo isso de um modo a não contradizer a afirmação de que nenhum homem pode ver a face de Deus e sobreviver (Êxo. 33.20; João 1.18). Esse contato direto contrasta com as visões e os sonhos, que são comunicações indiretas, sujeitas às distorções e esquisitices humanas. Antes, Moisés entrava em conversação direta com Yahweh.

Assim sendo, Yahweh falava com Moisés "de uma maneira livre, amigável e familiar, como um amigo com outro, sem a injeção de nenhum temor, susto ou consternação mental" (John Gill, *in loc.*).

Não por enigmas. Os oráculos antigos dos pagãos requeriam interpretação. Os enigmas eram revestidos em uma linguagem difícil, que tendia por obscurecer e ocultar a mensagem. Uma visão ou um sonho também pode falar através de enigmas.

Sonhos e visões espirituais são tremendos meios de iluminação divina. Mas alguém já disse que a primeira coisa que um místico faz (depois de ter tido uma experiência mística) é duvidar de sua visão. As visões e todas as manifestações místicas precisam ser submetidas a teste. Pois podem conter equívocos; também tendem por ocultar, em vez de iluminar; e requerem interpretação, outra fase em que essas manifestações místicas podem falar no todo ou em parte. Quando assim dizemos, não estamos negando o valor das experiências espirituais. Mas precisamos avizinhar-nos delas com cautela, conforme este versículo nos sugere. Moisés, entretanto, não estava sujeito a essas debilidades, razão de sua *evidente* superioridade sobre os outros profetas.

Ausência de Temor. Nenhum grande homem goza de profunda admiração pelos membros de sua própria casa, conforme disse, de certa feita, um filósofo. Talvez por isso, nem Miriã nem Arão demonstraram o devido respeito que deveriam ter por seu irmão mais novo, Moisés. E Yahweh repreendeu-os por esse motivo.

12.9,10

Eis que Miriã achou-se leprosa. A famosa *sara'at* atingiu Miriã. Esse termo hebraico é geralmente traduzido por *lepra*. Mas sabe-se que essa palavra não envolvia somente a doença provocada pelo bacilo de Koch, pois também abarcava várias afecções cutâneas, e até mesmo fungos e míldios. Ver as notas de introdução ao capítulo 13 de Levítico, onde são apresentadas maiores informações a respeito. Os sintomas dados ali não correspondem à lepra moderna, embora, ocasionalmente, as regras envolviam algum verdadeiro caso de lepra. A Septuaginta foi a primeira a traduzir o termo hebraico *sara'at* por "lepra". E dali passou para a Vulgata latina e para outras versões e traduções modernas. Algumas traduções modernas evitam essa tradução, considerando-a enganosa e incorreta. Tudo quanto podemos dizer, no caso de Miriã, é que ela foi afetada por alguma temível e evidente enfermidade cutânea, talvez até *sui generis*, visto que foi causada pela mão direta do Senhor. Não devemos pensar em termos de alguma bactéria causadora de lepra, mas algo muito mais horrendo.

A ira de Yahweh é um tema freqüente no Pentateuco. Ver Êxo. 4.14; Núm. 12.9; 22.22; 25.3; Deu. 6.15; 29.20. Ver também Jos. 7.1; Juí. 2.12; II Reis 13.3. Usualmente é empregado a expressão "acendeu-se", dando a entender uma ira que explodia em chamas destruidoras. Isso nos mostra que na Bíblia há o fenômeno do *antropopatismo* (ver a respeito no *Dicionário*), isto é, atribuir a Deus as paixões, emoções e reações próprias dos seres humanos. Trata-se de uma subcategoria do *antropomorfismo* (ver sobre isso no *Dicionário*), que apresenta Deus como possuidor de atributos humanos, embora em graus muito superiores. A linguagem humana tem muita dificuldade para descrever o Ser divino, pelo que precisamos apelar para expressões dessa natureza, por mais inadequadas que elas sejam. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Via Negationis* e *Via Eminentiae*, que são maneiras de podermos falar acerca de Deus.

A presença de Yahweh afastou-se e, em Seu lugar, houve um severo juízo que feriu Miriã.

Somente Miriã foi ferida, e não Arão. Provavelmente porque Arão era apenas um seguidor, e talvez relutante, na rebelião. Seu coração não se comprometera.

Moisés Intercede por Miriã (12.11-16)

12.11

Arão, olhando para Miriã, e vendo-a naquele estado, encheu-se de compaixão. E assim voltou-se para Moisés, o homem de Yahweh e Seu mediador, procurando reverter a praga divina. Arão, pois, arrependeu-se de seu tolo pecado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arrependimento*. Esse foi um bom e necessário primeiro passo para reverter a situação. Isso nos ensina a preciosa lição de que os juízos divinos podem ser revertidos por meio do arrependimento e da oração. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Oração*. Assim como a oração é mais poderosa que a profecia, assim também prevalece sobre o juízo divino.

Senhor meu. Humilhado pelos acontecimento, Arão chama aqui Moisés de seu "senhor". No hebraico temos a palavra *adoni*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Não ponhas... sobre nós este pecado. Essas palavras são equivalentes a "remove o juízo". Isto porque o pecado envolve julgamento.

"Dessa maneira, Arão e Miriã, por um ato de Yahweh, foram forçados a usar o *único mediador* contra o qual tinham feito acusações. Moisés demonstrou quão verdadeiramente humilde ele era (vs. 3) e "intercedeu em favor de Miriã diante de Yahweh, para que este a curasse" (John Marsh, *in loc.*). Moisés mostrou-se misericordioso, e não vingativo, o que revelou sua elevada espiritualidade.

12.12

Não seja ela como um aborto. O aspecto de Miriã era terrível, como se fora um feto monstruoso e defeituoso que tivesse acabado de nascer. Ela parecia como "uma espantosa parábola da morte" (Arcebispo Trench). Assemelhava-se a um feto apenas parcialmente formado ou enfermo, que tivesse sido dado à luz prematuramente. Quando é desenterrado um cadáver que fora sepultado faz algum tempo, acha-se um corpo parcialmente comido, internamente por bactérias e externamente por vermes e gusanos. A visão é repugnante. Era assim que Miriã agora se parecia. Ela estava *cerimonialmente* morta, como que ferida por um horrendo *sara'at*, embora isso não seja dito aqui acerca dela.

"... morta, como um aborto que tivesse morrido, e isso já por alguns dias, no ventre materno; e assim, ao ser dado à luz, sua carne estivesse consumida, ou, pelo menos, meio consumida. Era essa a horripilante condição de Miriã" (John Gill, *in loc.*).

12.13

Rogo-te que a cures. Quão humana é essa petição! Queremos cura; e a queremos *agora mesmo*. Queremos dinheiro, e isso *agora mesmo*. Queremos sucesso em nosso trabalho, e isso *agora mesmo*. Mas a vontade de Deus obedece a um cronograma, e as coisas acontecem no tempo devido. É impossível abrir uma porta fechada antes do tempo; mas, quando é chegado o momento aprazado, ela abre-se automaticamente. A irmã de Moisés tinha virado um destroço, um cadáver ambulante. Mas Moisés queria que o juízo divino e seus efeitos fossem anulados de imediato. As orações intercessórias de Moisés eram poderosas; e se a vontade divina fosse que Miriã se curasse, isso haveria de suceder. Tudo quanto Moisés precisava fazer era rogar. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Intercessão* e *Oração*. Na *Ilíada* de Homero, por várias vezes se vê a expressão "e eles deixaram a questão ao encargo dos deuses e da oração". Mas sempre que lemos algo semelhante, é porque está em pauta alguma situação de desespero. Nós, seres humanos, costumamos orar a Deus em tempos de desesperança.

E visto que Ele me manda olhar para Seu rosto,
Crer em Sua Palavra e confiar em Sua graça,
Meus cuidados estão com Ele,
e com muito gosto.

(W. W. Walford)

Miriã agora dependia do mediador (Moisés) a fim de receber a cura, posto que o tivesse rejeitado fazia tão pouco tempo. Nossas provações por muitas vezes nos humilham, mas é melhor ser humilhado do que ficar mutilado.

Os Nomes Divinos. Moisés invocou a *Yahweh,* chamando-O de *El,* ou seja, o "poderoso", o que dificilmente não tem um significado propositado. Ver no *Dicionário* o artigo *Deus, Nomes de.* Somente Deus seria capaz de curar a monstruosidade em que Miriã se tinha tornado. Moisés, pois, pediu ajuda do único poder adequado para aquela emergência.

12.14

Respondeu o Senhor a Moisés. A cura de Miriã não podia ser imediata. Ela merecia seu castigo. Se uma filha tivesse feito algo de grave o bastante para que eu pai lhe cuspisse no rosto, então tal filha entraria em desgraça. Tal filha teria de entrar em retiro ao menos por uma semana, sem mostrar seu rosto a ninguém, por algum tempo. Parece que esse era um dos costumes de Israel. O Targum de Jonathan refere-se a catorze dias de retiro. Mas Jarchi diz "não mais do que sete dias". Cuspir no rosto de alguém era um insulto, e uma filha que tivesse insultado, seria, por sua vez, insultada. Ver Deu. 25.9; Jó 30.10; Isa. 50.6 e Mat. 26.67. O ato de cuspir podia redundar em um bem, de acordo com a idéia antiga de que os fluidos do corpo trazem as virtudes de seus possuidores (ver Mar. 7.33; 8.23; João 9.6), mas não é isso que está em pauta neste texto. Mesmo assim, poderíamos pensar que a cusparada do pai faria à jovem algum bem, porquanto lhe provera uma disciplina apropriada.

Miriã, que em certo sentido havia cuspido no rosto de Moisés, por ser ele o pai da nação de Israel, teve que sofrer a punição de ficar confinada fora do arraial por sete dias, afligida pela *sara'at.* Quanto a esse estatuto, ver Lev. 13.5,6 e 16.8.

12.15

Enquanto Miriã não foi recolhida. Isso constituiu a humilhação de Miriã. Ela precisou juntar-se à favela dos "párias" da sociedade, em cumprimento à sua sentença de sete dias. Todos os israelitas sabiam por qual razão ela estava ali. Israel não podia prosseguir caminho enquanto sua sentença de sete dias não tivesse cumprimento. Isso dar-lhe-ia tempo suficiente para refletir sobre seu tolo pecado, e também para considerar sua horrenda afecção da pele, desejando a cura. E também haveria de compreender que isso só ocorreria mediante o papel medianeiro de Moisés, a quem, tão recentemente, ela havia desprezado.

Tipologia. As Metáforas de Orígenes:

Aplicando seu método alegórico de interpretação, Orígenes fornece-nos um estudo elaborado sobre este texto:

1. A nova esposa *gentílica* refere-se à Igreja, uma escolha divina que havia de provocar os judeus à ira e ao ciúme.
2. Os mistérios do evangelho seriam entregues aos gentios, provocando o ódio por parte dos judeus, tal como Miriã odiara a nova esposa de Moisés, com forte sentimento de ciúmes.
3. A *sara'at* que viera afligir a Miriã exibia o desprazer do Senhor com os judeus, por haverem eles rejeitado a Cristo e ao Seu evangelho, como também mostrava quão indignos eles eram dessas bênçãos. A *sara'at* correspondia à sua *ignorância* voluntária.
4. Jesus era o homem manso que sofrera perseguição, mas, na verdade, é o Mediador e Salvador.
5. Nos relatos da Bíblia há mistérios tão profundos que ainda não pudemos perscrutar. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Alegoria* e *Origenes.*

12.16

Hazerote. Ver as notas expositivas sobre essa localidade em Núm. 11.35.

Parã. Ver acerca de *El-Parã,* em Gên. 14.6. O povo de Israel não se pôs em movimento enquanto a rebelião encabeçada por Miriã não foi totalmente sanada. Somente então Israel pôde movimentar-se em paz, uma vez confirmada a autoridade espiritual de Moisés. As condições de viagem já eram difíceis o bastante sem o empecilho de contendas e desentendimentos internos no acampamento. As coisas correm melhor quando impera a harmonia.

Capítulo Treze

Os Espias (13.1-33)

A jornada de Israel em Parã, aquele grande ermo, foi registrada em Núm. 13.1-19.22. O episódio dos espias é uma importante tradição que faz parte da narrativa geral. Os críticos vêem nesse episódio um complexo de fontes informativas. Os espias voltaram com seu relatório em Parã (13.26) ou em Cades (13.26, segunda parte)? Eles partiram de Parã (13.3; 13.26a) ou de Cades (32.8)? O território investigado era estéril (13.32) ou fértil (13.27-31)? Somente Calebe resistiu à maioria (13.30), ou teve o concurso de Josué em sua defesa da invasão (14.6)? Dois relatos de castigo parecem ter sido incorporados na narrativa, como duplo relato de um único evento (ver Núm. 14.20-25 e 14.26-28)? Como explicação dessas variações, alguns eruditos supõem que, por trás das narrativas há as fontes informativas P e uma combinação de JE. Nesse caso, a fonte P seria a base de trechos como Núm. 13.1-17,21,25,26; 14.1,2,5-7,10,26-28. E a combinação das fontes JE seria a base de trechos como Núm. 13.17b-20,22-24,26b-31,33; 14.3,4,8,9,39-45. O resto, sempre que aparecem variações, pode ser explicado mediante a suposição de que um editor injetou no texto algum material. Os eruditos conservadores, porém, objetam a esse fatiamento do texto, e tentam reconciliar cada discrepância aparente, conforme elas vão aparecendo. Alguns eruditos admitem que o texto foi manuseado sem os devidos cuidados, do que teriam resultado pequenas discrepâncias. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das múltiplas fontes informativas do Pentateuco. As controvérsias acerca da mecânica do texto não deveriam impedir-nos de tirar proveito das lições espirituais, morais e históricas do texto sacro.

"Finalmente, as tribos de Israel chegaram ao deserto de Parã, onde se acamparam por um longo período, provavelmente no grande oásis de Cades (vs. 26). Cades, embora tecnicamente no deserto de Zim, fica localizada no deserto de Parã, do qual Zim era uma subdivisão" (cf. Núm. 27.14; Deu. 32.51)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ao assim declarar, esse intérprete ao que parece soluciona uma das alegadas discrepâncias do texto, conforme foi observado anteriormente.

13.1

Disse o Senhor. Essa expressão ocorre com freqüência no Pentateuco. É expressão usada para introduzir novos materiais, além de fazer-nos lembrar a doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

13.2

Envia homens. Os doze líderes enviados (vs. 3) foram como espias. Não eram os mesmos príncipes listados no segundo capítulo de Números. Mas também eram líderes, fisicamente capazes de cumprir a tarefa que lhes foi dada, e psicologicamente preparados para ela. Supomos que fossem homens jovens, ao passo que os príncipes referidos no segundo capítulo eram homens mais idosos, pois eram *anciãos* de Israel. Dos vinte e quatro nomes dados, onze nos são totalmente desconhecidos, nove são mencionados algures na Bíblia, alguns antes deste trecho, e outros, depois. Quatro deles pertencem às tradições anteriores de Israel, a saber, Calebe, José, Josué e Num. E muitos desses nomes eram compostos, incorporando nomes divinos, conforme era o costume antigo em Israel.

Terra de Canaã. Ver no *Dicionário* o artigo *Canaã (Cananeus).* Era a Terra Prometida. Agora Israel fazia preparativos diretos para invadir o território que fora prometido à posteridade de Abraão, depois do exílio no Egito. Ver sobre o *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.18, que inclui a promessa d *terra.*

De cada tribo... um homem. Assim, todas as doze tribos foram representadas. Ver no *Dicionário* o verbete *Tribo (Tribos de Israel).* A decisão acerca da invasão seria assim uma decisão democrática, através de representantes; e também seria efetuada conforme a vontade de Deus. E isso, na verdade, determinaria o curso da ação a ser tomado, bem como a história subseqüente que dali resultaria. E isso mostra-nos que, em todas as vicissitudes da vida, atuam fatores divinos e humanos, conjuntamente.

As *doze tribos* não incluíam os descendentes de Levi, que se tinham tornado uma casta sacerdotal (ver Núm. 1.47 ss.). E assim ficavam onze tribos. Mas o fato é que não havia uma tribo de José, daí resultando dez. Mas os dois filhos de José, Manassés e Efraim, formaram cada uma sua tribo, do que resultaram doze tribos ao todo.

13.3

Moisés era o mediador que transmitia as instruções baixadas por Yahweh. Os espias foram enviados do deserto de Parã (Núm. 13.3), ao passo que Cades (Núm. 32.8) aparece como a localidade de onde eles partiram. Essa aparente discrepância é resolvida mediante a observação de que Cades ficava em um oásis do deserto de Zim, o qual, por sua vez, era uma subdivisão da região mais geral de Parã. Ver Núm. 27.14 e Deu. 32.51. Ver também o vs. 26 deste capítulo. Talvez seja importante observar que tais discrepâncias (reais ou imaginárias) com freqüência são encontradas na Bíblia; e por muitas vezes não há solução em vista. Todavia, o solucionamento dessas dificuldades não se reveste de importância capital.

A espiritualidade de um crente não depende de tais manipulações, nem a inspiração divina das Escrituras.

Eram cabeças dos filhos de Israel. Esses doze não devem ser confundidos com os doze príncipes aludidos no segundo capítulo de Números. Eles eram, contudo, líderes, quiçá mais jovens, encarregados da tarefa que receberam. Ver o comentário a respeito nos comentários sobre o segundo versículo deste capítulo.

13.4

Da tribo de Rúben, Samua. No hebraico, *famoso, rumor.* Esse é o nome de quatro personagens no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* sobre esse nome, Samua, especialmente em seu quarto ponto. Nada sabemos sobre ele, exceto o que podemos inferir deste texto. O nome de seu pai era Zacur, nome de nove pessoas que figuram no Antigo Testamento. Ver sobre ele no *Dicionário*, primeiro ponto. Nada se sabe sobre ele além do que é dito aqui. Zacur significa "pensativo".

13.5

Da tribo de Simeão, Safate. Este último nome é dado a cinco pessoas no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* sob esse título, em seu segundo ponto. Nada se sabe sobre ele além daquilo que é dito aquilo. O nome de seu pai era *Hori*, aplicado a três personagens do Antigo Testamento, e acerca de quem também nada se sabe além do que lemos aqui. Esse nome significa "habitante das cavernas".

13.6

Da tribo de Judá, Calebe. Há um artigo detalhado sobre Calebe, no *Dicionário*, primeiro ponto. Esse nome significa "cão", ou seja, "escravo". Quatro pessoas são assim designadas nas páginas do Antigo Testamento. Juntamente com Josué, ele trouxe um relatório positivo, recomendando a invasão da terra de Canaã. Calebe veio a tornar-se um importante líder em Israel, sendo mencionado por diversas vezes na Bíblia. O nome de seu pai era *Jefoné*, que quer dizer "vivaz" ou "ágil". Há dois homens chamados "Jefoné" no Antigo Testamento. Sobre este nada se sabe, exceto a distinção de ter sido pai de Calebe.

13.7

Da tribo de Issacar, Jigeal. Algumas traduções dizem aqui *Igal*. Esse nome significa "Deus redima". Três pessoas do Antigo Testamento são assim chamadas. Ver o primeiro ponto do verbete *Igal*, no *Dicionário*. Coisa alguma se sabe acerca dele senão o que se pode inferir neste texto. O nome de seu pai era *José*. Esse nome quer dizer "Yahweh acrescentará" ou "Yahweh adicione". Coisa alguma se sabe acerca dele além do que é dito neste texto.

13.8

Da tribo de Efraim, Oséias. Quatro homens figuram no Antigo Testamento com esse nome, o qual significa "que Yahweh salve". Ver o primeiro ponto do artigo *Oséias*, no *Dicionário*. Oséias era um nome alternativo para Josué, conforme se vê no versículo 16 deste capítulo. Meu artigo chamado *Oséias*, em seu primeiro ponto, discute a mudança de nome. *Josué*, juntamente com Calebe, trouxe um relatório positivo e tornou-se o líder principal de Israel, após a morte de Moisés. Ver detalhes completos sobre ele no artigo intitulado *Josué*. Ele já havia sido mencionado em Êxo. 17.9,10,13,14; 24.13; 32.17; 33.11 e Núm. 11.28. O nome do pai dele era *Num*, que significa "peixe". Coisa alguma se sabe acerca dele, exceto que era pai de um filho ilustre.

13.9

Da tribo de Benjamim, Palti. Dois homens são chamados por este último nome, que significa "Yahweh liberta". Ver o primeiro ponto do verbete *Palti*, no *Dicionário*. Coisa alguma se sabe sobre esse homem, além do que lemos neste texto. O nome de seu pai era *Rafu*, que significa "curado", e acerca de quem nada se sabe além do que lemos neste versículo.

13.10

Da tribo de Zebulom, Gadiel. Este último nome quer dizer "Yahweh é minha sorte". Nada se sabe sobre ele, exceto o que se lê neste texto. O nome de seu pai era *Sodi*, que quer dizer "Yahweh determina", mas acerca de quem também coisa alguma é sabida, além do que lemos neste versículo.

13.11

Da tribo de José, pela tribo de Manassés, Gadi. Não havia uma tribo de José. Mas duas tribos derivaram-se dos dois filhos de José, Manassés e Efraim (vs. 11). Acerca de como se conseguiu o tradicional número de *doze* de Jacó, ver o último parágrafo das notas sobre o vs. 2 deste capítulo. O autor sacro cometeu um ligeiro deslize ao falar na "tribo de José", mas corrigiu imediatamente seu equívoco ao falar em Manassés. Ele já havia falado acerca de Efraim.

Quanto a *Gadi*, seu nome significa "fortuna". Mas nada se sabe acerca dele, exceto o que podemos inferir deste texto. O nome de seu pai era *Susi*, "Yahweh é veloz", mas sobre quem também nada se sabe além do fato de que era pai de Gadi.

13.12

Da tribo de Dã, Amiel. Este último nome quer dizer "povo de Deus". É nome de quatro personagens do Antigo Testamento. Nada se sabe sobre esse homem além do que se lê neste texto. Seu pai atendia pelo nome de *Gemali*, que significa "condutor de camelos". No entanto, vários estudiosos põem em dúvida o sentido esse nome. Nada se sabe sobre ele, exceto que foi pai de Amiel, um dos espias. Amiel trouxe um relatório negativo, em consonância com outros nove espias, mas contrastando com Calebe e Josué.

13.13

Da tribo de Aser, Setur. Esse nome significa "oculto", "secreto". Seu pai chamava-se "Mical", que quer dizer "quem é como El (Deus)?". Dez pessoas são assim chamadas no Antigo Testamento. Ver a seu respeito no *Dicionário*. Coisa alguma sabemos sobre ele, exceto o que se deduz desse texto. Setur também foi um dos espias que trouxe um relatório pessimista.

13.14

Da tribo de Naftali, Nabi. Alguns pensam que este último nome significa "oculto", mas outros falam em "Yahweh é consolo" ou "Yahweh é proteção". Era filho de Vofsi, cujo sentido, no hebraico, é incerto, embora alguns tenham sugerido "adicional". Coisa alguma se sabe sobre Nabi e sobre Vofsi, exceto o que lemos neste versículo.

13.15

Da tribo de Gade, Güel. No hebraico, "majestade de Gade". Era filho de *Maqui*, que quer dizer "definhamento", "enlanguescimento". Nada de sabe sobre ambos, além daquilo que pode ser inferido deste texto. Juntamente com outros nove dos doze espias de Israel — excetuando Cabeie e Josué — Güel trouxe um relatório negativo. O castigo de todos os espias que trouxeram de volta um relatório negativo foi a negação da entrada na Terra Prometida.

13.16

Os nomes. Ou seja, aqueles dados nos vss. 4-15 deste capítulo, cada qual representante de uma das doze tribos.

Josué também é chamado pelo nome de "Oséias" (vs. 8). Ou Moisés preferiu usar o outro nome, *Josué*, ou talvez ele tenha dado um novo nome ao mesmo homem. Ver no *Dicionário* o nome *Oséias*, quanto a uma discussão a respeito. O nome alternativo, "Josué", significa "Yahweh é salvação". É desse nome que se derivou o nome *Jesus*. Há quatro homens com esse nome, no Antigo Testamento, discutidos no artigo intitulado "Jesus". O primeiro ponto desse artigo refere-se ao Josué deste texto, pelo que aqueles detalhes não são repetidos aqui. O trecho de Deuteronômio 32.44 parece indicar que o homem foi chamado por ambos os nomes por algum tempo; mas Josué, finalmente, foi o nome que predominou. Assim, foi-lhe conferido um nome que incorporava o sagrado nome de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Tipologia. Josué, que conduziu os filhos de Israel e os introduziu na Terra Prometida, foi a salvação deles. Isso simboliza Jesus, cujo nome também significa "salvação". Ele conduz os pecadores arrependidos à Terra Santa celestial. Meu artigo sobre *Josué, no Dicionário*, primeiro ponto, sob (d), fornece um comentário sobre tipos simbólicos desse nome.

Ver o comentário sobre o versículo 6 deste capítulo, quanto a outras referências veterotestamentárias.

O Depoimento dos Espias (13.17-20)

13.17,18

Os espias foram inicialmente enviados ao Neguebe (ver Jos. 19.33). O Neguebe é usado na Bíblia para designar a porção sul do território de Judá. O trabalho dos espias era ajuizar quanto à força dos vários inimigos que o povo de

Israel haveria de confrontar na Palestina, procurando impedir a invasão dos israelitas. Outra tarefa deles era averiguar a qualidade do território. Valeria a pena lutar por ele?

A terra de Canaã. Esse era o território que Yahweh havia prometido a Abraão, a Terra Prometida, posteriormente conhecida como Palestina. Ver sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18, quanto às promessas divinas que incluíam esse território.

O povo que nela habita. Essencialmente, as *sete* nações que teriam de ser expulsas. Comentei sobre elas em Êxo. 33.2. Qual era o número daquela gente? Quão bem fortificados estavam? Quão bem armados estavam eles para a batalha?

Uma Contradição? Os espias foram enviados à parte sul do que veio a ser do território de Judá (vs. 17). Assim sendo, visitaram aquela região (vss. 22-24). Mas os trechos de Núm. 13.2,17a dão a entender que o país inteiro foi averiguado. A designação geral pode dizer apenas o que estaria abrangido por "sul". Ou então o relato bíblico, que não inclui detalhes, fala especificamente apenas da visita dos espias à região sul, apesar de que outras regiões podem ter sido visitadas. Problemas assim podem dar a entender que o relato talvez tivesse outras fontes informativas; ou então há leves variações nas informações. Todavia, não se reveste de grande importância solucionar tais problemas, pois nem a fé nem qualquer teoria razoável de inspiração das Escrituras depende de tais detalhes. Quanto aos diversos problemas que os críticos têm levantado, ver as notas de introdução a este capítulo 13 de Números.

Penetrai nas montanhas. Isso alude à região montanhosa, ocupada pelos hititas, jebuseus e amorreus. Era a região chamada de "região montanhosa dos amorreus", em Deuteronômio 1.7, visto que eles formavam a tribo mais poderosa da área. Era a mesma região montanhosa que mais tarde veio a fazer parte da Judéia (Luc. 1.39,65; ver também o Êxo. 13.29).

13.19

As *instruções gerais* incluíam espiar a própria terra para julgar as suas qualidades: valeria a pena lutar por ela, ou não? Deus havia prometido dar aquela terra ao povo de Israel, uma vez que a taça da iniqüidade de seus primitivos habitantes os fizesse eles perdê-la (ver Gên. 15.16). Ver sobre o *Pacto Abraâmico,* em Gen. 15.18. A terra de Canaã fazia parte das promessas daquele pacto. Ver as notas em Êxo. 33.2 quanto às *sete* nações que teriam de ser expelidas dali.. O número daqueles povos, suas cidades fortificadas, tudo quanto poderia contribuir para a resistência deles à invasão por parte dos israelitas — tudo seria sujeito à espionagem. Teria Israel forças suficientes, com seus seiscentos mil soldados, para realizar a invasão com sucesso? Quanto a esse número, ver Núm. 1.46.

13.20

A questão da qualidade da terra de Canaã é reiterada. Seria ela, na verdade, uma terra fértil, que manava leite e mel? Ver Êxo. 3.8,17; 13.5; 33.3; Lev. 20.24; Núm. 13.27; Deu. 6.3; 11.9; Jos. 5.6 quanto a essa expressão. Eles precisariam de madeira de construção e para servir de combustível. Se ali houvesse frutas, os espias deveriam trazer amostra. Ora, aquele era o tempo da vindima, pois era perto do fim de julho. Os espias teriam de mostrar coragem e sabedoria. As uvas estariam sob vigilância; os habitantes da terra estariam em estado de alerta. Corria o mês de *sivã* (maio e junho), de acordo com o Targum de Jonathan. Mas na última parte daquele mês, a vindima estaria terminada.

13.21

Os vss. 21-24 nos mostram o itinerário geral dos espias, que não cobriu a totalidade do território de Canaã, mas apenas algumas partes vitais, incluindo a região montanhosa do que mais tarde veio a ser o território da Judéia.

Deserto de Zim. Ver no *Dicionário* acerca desse deserto de *Zim,* onde ofereci um artigo detalhado. Esse deserto fazia parte do deserto mais amplo de Parã, com notas em Gên. 14.6, sob o título de *El-Parã.* Zim ficava no território que mais tarde foi entregue à tribo de Judá, em sua porção sul, e também a oeste da extremidade sul do mar Morto, também chamado mar Salgado. É mencionado por nove vezes no Antigo Testamento. A lista das menções aparece no artigo mencionado.

Reobe. No hebraico, "lugar aberto". Esse era o nome de duas pessoas e de três localidades no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* quanto a esse nome. Ver o terceiro ponto do citado artigo, quanto à descrição do lugar em questão, neste versículo. Ficava na extremidade norte do vale do rio Jordão, mas sua identificação exata é desconhecida hoje em dia. Ver sobre Bete-Reobe, em II Sam. 10.6. Ficava perto de Laís ou Dã, próximo da entrada para Hamate.

Hamate. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. Ver também o verbete *Hamate, Entrada de.* Esses dois artigos fornecem informes abundantes sobre o lugar envolvido. Esse território ficava no extremo norte das fronteiras de Israel; e foi somente nos dias de Davi e Salomão que os filhos de Israel tomaram conta dele. Ver Núm. 34.8; Jos. 13.6; I Reis 8.65; II Reis 14.25; I Crô. 13.5; Amós 6.14. Era uma importante cidade dos arameus, conhecida como *Beq'a.* Lebo Hamate ficava na parte mais baixa daquele vale, que começava imediatamente ao norte do mar da Galiléia.

13.22

No caminho de volta, passando pela região sul, a Judéia, conforme veio a ser chamada, os doze líderes passaram por Hebrom, uma cidade edificada sete anos antes de Zoã, no Egito. Zoã também era chamada *Tânis,* e foi edificada pelos reis hicsos que invadiram a parte nordeste do Egito, em cerca de 1730 A. C. O autor sagrado dá-nos alguns poucos detalhes, visto que, em tempos posteriores, Hebrom tornou-se a herança de Calebe (Jos. 14.13-15), e, mais tarde, a capital de Davi. Foi um lugar ocupado pelos patriarcas (Gên. 13.18), como Abraão e sua família. Nos dias de Moisés era ocupado pelos filhos de Enaque, uma tribo de gigantes, mencionados em Núm. 13.33 e Deu. 9.2. Essa tribo haveria de tornar-se um dos inimigos mais difíceis de ser vencidos pelos israelitas. Ver Jos. 15.13,14.

Hebrom. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse lugar.

Aimã. No hebraico, "irmão de um presente", "liberal" ou "meu irmão". Ele foi um dos notáveis gigantes anaquins que habitavam em Hebrom. Foram visitados pelos espias e por Calebe, cerca de quinze séculos A. C. Posteriormente, os gigantes foram exterminados por Josué (ver Jos. 11.21) ou mortos pela tribo de Judá (ver Juí. 1.10).

Sesai. No hebraico, "livre", "nobre". Um dos três filhos do gigante Enaque, que vivia em Hebrom quando os israelitas enviaram espias para explorar os pontos fracos da Terra Prometida. (Ver Núm. 13.33; Jos. 15.14; Juí. 1.10.) Quando, algum tempo mais tarde, os israelitas invadiram a terra de Canaã, Sesai foi derrotado em batalha (ver Jos. 15.14; Juí. 1.10) em cerca de 1450 A. C.

Talmai. No hebraico, "ousado", "vivaz". Era um dos três filhos do gigante Anaque. Seu grupo tribal residia em Hebrom, quando os espias enviados por Josué penetraram na Terra Prometida (Jos. 15.14; Juí. 1.10). Ver II Sam. 3.3 quanto a outro homem com esse mesmo nome.

Enaque. Ver no *Dicionário* sobre *Anaque (Anaquim).* Esse artigo é bem detalhado, pelo que não repito aqui as informações.

Gigantes. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. Ali aparecem todas as palavras hebraicas assim traduzidas, onde também são descritas todas as tribos de gigantes da antiga Palestina.

13.23

Vale de Escol. Ver sobre esse lugar no *Dicionário,* onde ofereço uma descrição detalhada. Esse nome locativo significa "cacho de uvas". Nas páginas do Antigo Testamento, é o nome de um lugar e de duas pessoas. Temos aqui um local.

Os espias cortaram um ramo de vida com um cacho de uvas e também romãs e figos, como evidências da fertilidade e abundância da terra. Eram provas que demonstravam que valia a pena invadir aquele território. Deus tinha acertado em cheio ao prometer *aquela* terra a Abraão. Havia também desertos e trechos pouco férteis, mas isso não incomodaria uma população relativamente pequena (cerca de quatro milhões de pessoas) que ocuparia o território.

O cacho de uvas era tão pesado que foram necessários dois homens para transportá-lo, suspenso por uma vara. Eram evidências positivas, a despeito do que dez dos doze espias que recomendaram que não se efetuasse a invasão, pois eles temiam os habitantes do território, alguns dos quais eram gigantes terríveis que habitavam as cercanias de Hebrom.

Os críticos põem em dúvida o tamanho e o peso das uvas, mas Estrabão (*Geografia* 1.2. par. 50) forneceu-nos algumas admiráveis descrições de quão grandes podiam ser os cachos de uvas e as próprias uvas. Os comentários do Talmude mostram-se muito fantasiosos quanto a esse particular, pecando pelo exagero. Lê-se ali que eram necessários oito homens para carregar as uvas, e que o "dois" do texto eram varas, e não homens. O relato de Filo é mais realista (*De Vita Mosis,* 1.1. par. 63). Seja como for, a mensagem é clara. Na Terra Prometida havia grande abundância. Hebrom tornou-se famosa por suas excelentes uvas.

13.24

Este versículo informa-nos que o lugar recebeu seu nome da própria circunstância aqui descrita. Era o lugar das "grandes uvas", um sinal da fertilidade e abundância da Terra Prometida.

13.25

Quarenta dias. O número "quarenta" é usado com freqüência nas Escrituras para simbolizar algum tipo de período de provação. Ver no *Dicionário* os verbetes *Quarenta* e *Número (Numeral, Numerologia).* Os espias, pois, submeteram a Terra Prometida a um teste de *quarenta dias.* Mas o povo de Israel, rejeitando o bom relatório dado por Calebe **e** Josué, foi condenado a passar *quarenta anos* a perambular pelo deserto. Não há que duvidar de que o autor sagrado ansiava para que víssemos *esse paralelismo.* Ver Núm. 14.34 quanto aos quarenta anos. Os quarenta dias foram suficientes para que os espias vissem uma boa parte da Terra Prometida, pelo que o relatório deles estava alicerçado sobre uma boa investigação. Assim, cumpriram bem a tarefa que lhes fora dada.

13.26

Um acampamento fora armado em *Cades-Barnéia* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Foi ali que os espias chegaram de volta à presença de Moisés, dos anciãos, dos líderes e do povo de Israel, a fim de dizer-lhes o que haviam descoberto. Então regressaram a Parã (Núm. 13.26a) ou Cades (Núm. 13.26b). Não há nenhuma discrepância nessas informações, pois embora Cades declaradamente ficasse no deserto de Zim, devido a esse próprio fato estava em Parã, porque Zim é uma subdivisão do grande deserto de Parã. Cf. Núm. 27.14 e Deu. 32.51. Ver outras alegadas discrepâncias no texto sagrado, nas notas de introdução a este décimo terceiro capítulo.

"Cades (-Barnéia) era um oásis que ficava no limite entre o deserto de Parã e o deserto de Zim. A tradição aludida em Núm. 10.11 - 21.3 trata desse oásis (ver Êxo. 17.7), onde Israel passou a maior parte dos seus quarenta anos de vagueação no deserto" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Meu artigo no *Dicionário* confere completos detalhes sobre o lugar, pelo que não os repito aqui.

13.27

Os espias disseram, em essência: "O território é bom, mas é impossível vencer seus habitantes". Excetuando Calebe e Josué, os espias trouxeram um relatório *negativo.* Na verdade, era uma terra que manava *leite e mel,* conforme fora prometido a Abraão. Mas eles, que eram filhos de Abraão, não eram capazes de conquistá-la. Ver sobre *leite e mel* em Êxo. 3.8, que contém uma lista de outros lugares onde essa expressão pode ser achada, e onde aparecem paralelos clássicos. A expressão fala de grande fertilidade e produtividade, exatamente as condições de que um povo seminômade precisava em uma terra. O fruto tomado (vs. 23) foi apresentado como lição objetiva do relatório.

13.28

Por uma parte, a grande fertilidade e produtividade da terra era uma vantagem. Por outra parte, os povos que já habitavam na região — as sete nações (ver Exo. 33.2) — constituíam uma desvantagem. Aqueles habitantes eram ferozes e gigantescos, metendo medo nos israelitas. Conclusão: Vamos esquecer a invasão.

Cidades mui grandes e fortificadas. Israel não teria de combater aldeias e tendas de seminômades. Naquelas cidades fortificadas havia armas de guerra. E entre os habitantes estavam os filhos de Anaque. Ver as notas sobre o vs. 22 quanto a uma descrição daquela gente. Aqueles gigantes eram *invencíveis,* aos olhos de dez dos doze espias. Assim também acontece que, algumas vezes, somente os olhos da fé podem ver para além de algum obstáculo aparentemente intransponível. Na mente de dez daqueles espias, o projeto havia terminado, antes mesmo de começar.

13.29

Várias nações precisavam ser expelidas da Terra Prometida. Havia *sete* nações distintas, de acordo com algumas listas. Várias listas aparecem no Pentateuco. Ver Gên. 15.18-20; Êxo. 3.8,17; 34.11. O trecho de Gên. 15.19-21 fala em dez pequenas nações. De outras vezes, o adjetivo pátrio "cananeus" representa todos esses povos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Canaã (Cananeus).* Em Gên. 15.16, porém, *amorreus* serve a esse propósito. As listas variam, não havendo maneira de dizer exatamente quantas tribos distintas havia na Terra Prometida. Todos os povos mencionados nas listas, incluindo aqueles do presente versículo, figuram no *Dicionário.*

Este versículo fornece-nos localizações geográficas gerais quanto às nações mencionadas. Na região montanhosa (da futura Judéia) havia três dessas nações. E uma quarta, a dos cananeus, vivia à beira-mar e ao longo do rio Jordão. Havia habitantes das terras altas e das terras baixas, e todos eles eram muito temíveis e inabaláveis, na mente dos dez espias. O trecho de Núm. 14.4 mostra que os cananeus eram habitantes de terras altas. Historicamente, porém, eles ocupavam tanto as colinas quanto os vales e as áreas costeiras.

"Os cananeus formavam a população indígena de Canaã. Os amorreus tinham entrado na terra de Canaã vindos do nordeste (Arã, Síria), algum tempo antes de 2000 A. C. Eles tinham expulso os cananeus da região montanhosa, ocupando o iugar deles. Os hititas eram originários da Anatólia central (moderna Turquia). A partir de 1800 A. C., começaram a espalhar-se lentamente para o sul e para o sudeste, provavelmente identificando-se com os amorreus que já estavam em Canaã. Nada se sabe acerca dos jebuseus, a não ser que tinham Jerusalém como seu centro e também pertenciam ao grupo dos amorreus (Jos. 10.5). Continuaram controlando Jerusalém por quatrocentos anos depois da época de Moisés, quando Davi os expulsou dali, capturando a cidade e transformando-a em sua capital, em 1004 A. C. (Ver II Sam. 5.6-10)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

13.30

Calebe. Ver sobre ele no *Dicionário.* Calebe e Josué (Núm. 14.6-10, 26-38) trouxeram o relatório positivo. Mas não sabemos dizer por que o texto presente menciona apenas Calebe. Os críticos supõem que fontes separadas expliquem isso: Calebe seria mencionado em uma fonte, o que transparece neste versículo; Josué e Calebe aparecem em outra fonte. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. Seja como for, o herói da ocasião foi Calebe, que teve fé para crer que mesmo obstáculos aparentemente intransponíveis seriam ultrapassados; e agora queria obter *imediatamente* essa vitória.

Calebe precisou fazer o povo calar-se. Os israelitas tinham começado uma ardente discussão, gritando e prestes a rebelar-se contra Moisés. Talvez Moisés tivesse objetado ao relatório negativo dos dez espias. Ele sabia qual era a vontade de Deus. Calebe saíra em seu socorro, exortando para que Israel entrasse imediatamente em ação. O Targum de Jonathan diz: "Calebe silenciou o povo e eles deram ouvidos a Moisés". E o trecho de Deuteronômio 1.29 mostra que Moisés encorajou a invasão. Sem dúvida, essa era a posição deles, antes mesmo de os espias terem apresentado seu relatório. Mas o espírito de rebeldia e murmuração (ver Deu. 1.26) fez o povo não dar ouvidos nem a Moisés nem a Calebe.

13.31

Não poderemos subir. Este versículo reitera a mensagem do vs. 28. Se a terra era excelente, os habitantes da terra eram por demais fortes para serem dali desalojados. Calebe interviera, procurando reverter a tendência negativista de nada fazerem, para permanecerem no deserto. Mas a palavra dele, embora tão bem acolhida por Moisés, não se mostrou suficiente. A fé dos israelitas, se é que havia alguma, não podia ver as coisas para além das dificuldades óbvias. Julgavam as coisas pelo que viam, mas não com fé, o comum *modus operandi* das pessoas que não possuem a espiritualidade especial que só Deus pode dar.

13.32

infamaram a terra. Uma grande oportunidade jazia à frente; e o poder de Deus estava à disposição dos filhos de Israel, a fim de fazer a oportunidade tornar-se uma realidade. Mas o relatório negativo, dado concordemente pelos dez espias, ganhou o dia.

Conteúdo do Relatório Negativo:

1. Se a Terra Prometida era fértil, pelo menos em certas áreas, seus habitantes eram inconquistáveis (ver os vss. 28,31-33).
2. A terra devorava seus habitantes. Essa sentença é obscura, pelo que há várias explicações a respeito: (a) Embora fértil em alguns lugares, também era um lugar de desertos ermos. Havia trechos estéreis que não podiam sustentar uma população numerosa. (b) Aquela terra vivia em reboliço constante, entre tribos hostis, e os filhos de Israel sempre estariam sujeitos a conflitos e tentativas de destruição, se tomassem conta da terra. (c) Alguns eruditos supõem que esteja em pauta o canibalismo, o que significaria que os habitantes originais eram extremamente malignos, que nenhum povo de bom juízo gostaria de ter como vizinhos. (d) Alguns críticos pensam que há uma contradição que cerca a declaração de fertilidade da terra. Uma das fontes informativas falaria em fertilidade e abundância; mas a outra se referiria à esterilidade do território. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. (e) Ainda outros estudiosos imaginam que a alusão é a enfermidades e pragas. A Terra Prometida tinha a fama de ser um lugar onde muitas pessoas estavam morrendo devido a enfermidades. O lugar não seria saudável.

3. Um povo temível habitava ali, pessoas de mui elevada estatura. Não era um lugar comum, pois ali residiam gigantes selvagens e aguerridos. Qualquer pessoa de bom senso haveria de querer evitar aquele lugar. É de presumir-se que aqueles gigantes também estivessem bem armados, mostrando-se ferozes na batalha, sem misericórdia, entrincheirados por trás de grossas muralhas. Quem ousaria enfrentá-los? Os vss. 28 e 33 enfatizam esse aspecto dos inimigos de Israel.

13.33

O vs. 22 fornece os nomes dos povos que residiam na Terra Prometida. O *Dicionário* contém verbetes sobre cada um daqueles povos. Este versículo repete a questão, adicionando uma comparação pelo lado negativo. Em comparação com os povos gigantescos, os israelitas pareciam meros gafanhotos. A imensa estatura aliava-se a ferocidade em batalha, por parte de exércitos bem treinados e equipados. Vencê-los era uma tarefa impossível. Cf. Jos. 14.15 e 15.13.

Gigantes. No hebraico, *nephiiim,* a mesma palavra usada em Gên. 6.4, cujas notas expositivas devem ser examinadas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Gigantes,* quanto a completas informações a respeito. Aquele artigo comenta acerca de todos os vocábulos hebraicos assim traduzidos, bem como a respeito de todas as tribos de gigantes que viviam na Palestina.

Como gafanhotos. Valia dizer, criaturas insignificantes. Jarchi prefere dizer que os israelitas eram como "formigas", aumentando mais ainda o contraste com os gigantes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Praga de Gafanhotos.*

Capítulo Catorze

Os Israelitas Querem Voltar ao Egito (14.1-45)

O capítulo 13 de Números informa-nos que dez dos doze espias enviados à terra de Canaã trouxeram um *relatório negativo.* Alistei e discuti, nas notas sobre Núm. 13.32, os elementos daquele relatório. Calebe recomendou que a invasão tivesse lugar imediatamente; mas os israelitas temiam muito aos gigantes que ocupavam o território (Núm. 13.33). O resultado imediato desse impasse foi que o povo de Israel começou novamente a *murmurar,* enfermidade moral que atacava os israelitas em surtos freqüentes. Já comentei sobre essa questão (um tema repetitivo), na introdução ao décimo primeiro capítulo de Números, com referências às muitas vezes em que isso teve lugar.

"Infelizmente, o povo aceitou a avaliação feita pela maioria dos espias e começou a protestar diante de Moisés que melhor seria se tivessem morrido no Egito ou no deserto, do que caírem nas mãos dos cananeus. Seria melhor escolherem um novo líder que os levasse de volta ao Egito" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

14.1

E o povo chorou aquela noite. A falta de visão espiritual estava levando o povo de Israel a perecer. Tinham ouvido as pessoas erradas; tinham aceitado uma avaliação pessimista; tinham-se esquecido da promessa feita a Abraão acerca *daquelas* terras. Ver as notas sobre o Pacto Abraâmico, em Gên. 15.18. Naquela noite, ninguém dormiu, tanto que os israelitas choraram e lamentaram. Foi um retrocesso que assumiu proporções de uma tragédia. Tantas expectações sobre uma "vida nova" tinham sido destruídas em tão pouco tempo. "Em quase cada caso, aquele povo deu deploráveis evidências do estado degradado de suas mentes. Destituídos de toda firmeza mental e praticamente sem nenhuma fé religiosa, eles não suportavam nenhum revés" (Adam Clarke, *in loc.*).

14.2

Murmuraram contra Moisés e contra Arão. Quanto a notas expositivas completas sobre as *murmurações* de Israel, e os trechos do Pentateuco onde elas se repetem, ver a introdução ao capítulo 11 do livro de Números. Moisés, que era o mediador entre Yahweh e os israelitas, o líder indisputado, naturalmente foi o alvo das queixas deles. Ele poderia ordenar a volta do povo de Israel ao Egito.

Arão também foi vitimado pelas queixas deles, pois era o segundo homem de autoridade, e o sumo sacerdote do culto sagrado. De que adiantaria todo aquele ritual, se Deus não pudesse dar a eles um lugar decente para ali viverem? Foram necessários grandes milagres para livrar o povo de Israel do Egito; mas, agora, o Egito parecia um ótimo lugar onde eles poderiam voltar a viver. O Egito era uma terra de riquezas abundantes. Quão prontamente os filhos de Israel olvidaram-se da severa servidão em que tinham servido por tanto tempo. Pelo menos no deserto eles eram livres. Mas no deserto eles não encontravam satisfação, e pensavam naquelas ampliidões somente como um bom lugar para morrer! Cf. Êxo. 16.2,3, onde também houve murmurações contra Moisés e Arão. O terceiro versículo daquele trecho é uma queixa direta contra Yahweh, por estarem eles sendo conduzidos de uma maneira que os deixava desesperançados. Assim sendo, as queixas eram amargas e generalizadas.

14.3

Porque nos traz o Senhor a esta terra...? Yahweh não escapou às reclamações insensatas dos filhos de Israel. Não fora Yahweh que os tinha conduzido aos terrores que agora estavam enfrentando? Deus os tinha tirado do Egito, onde tinham desfrutado tanto conforto. Ele os tinha guiado pelo deserto, e tudo parecia estar correndo bem. Mas agora estavam diante de inimigos que eles não podiam vencer, e os quais poderiam aniquilar a eles e a seus filhinhos. Que tipo de Deus seria esse, capaz de forçá-los a tamanha barbaridade e desespero? Eles tinham esperado um resultado melhor, um caminho mais fácil, determinado pelo poder chamado Yahweh. Mas Ele os abandonara no momento de maior crise, transformando suas experiências em miséria. Por igual modo, os pagãos caíam na apostasia ao perderem seu senso de gratidão (ver Rom. 1.21). O resultado era uma compreensão distorcida. Os queixumes de Israel acabaram por cancelar qualquer fé que eles poderiam ter tido no poder miraculoso de Deus para vencer obstáculos. E resolveram que era melhor enfrentar o Faraó do que os filhos de Anaque (ver Núm. 13.33). Cf. este versículo com Deu. 1.27,28. E assim Israel, ao invés de arriscar alguma coisa, na suposição que estavam preservando a vida de suas esposas e filhos, volveram suas costas para o deserto, *a fim de morrerem.* Por tudo isso, Deus não permitiu que aquela geração de queixosos entrasse na Terra Prometida. Nunca precisaram enfrentar os gigantes da terra. Morreram de maneira confortável no deserto. Foram forçados a ver suas esposas e seus filhos morrerem no ermo.

14.4

Levantemos a um para nosso capitão. Era patente que Moisés não os conduziria de volta ao Egito. Para tanto, eles teriam de escolher outro líder. Um movimento rebelde estava avultando rapidamente, como talvez somente uma manifestação direta de Yahweh fosse capaz de abafar (vs. 10). O movimento aumentou ao ponto em que se deu a ordem para que Moisés e Arão fossem apedrejados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apedrejamento.* Primeiro, a multidão renunciou formalmente à autoridade de Moisés e Arão. E daí passou a rebelar-se abertamente contra a autoridade de Yahweh. Quando as coisas chegaram a esse extremo, somente a intervenção divina poderia impedir a matança.

Voltemos para o Egito. John Gill (*in ioc.*) chamou esse movimento rebelde de "loucura franca", para em seguida acrescentar: "Eles poderiam ter vencido as suas dificuldades. Se voltassem ao Egito, seriam aniquilados; mas os homens, quando se desesperam, perdem a capacidade de pensar corretamente.

14.5

Temendo perder a vida, e consternados diante da rebeldia e da perda de oportunidade e entrarem na terra que Deus havia prometido a Abraão, Moisés e Arão puseram-se, por sua vez, a lamentar-se, embora por *outras* razões, saber: Talvez a maior causa de lamentação deles fosse a rebeldia franca contra o próprio Yahweh, o qual, mediante meios miraculosos, tinha conduzido o povo de Israel até ali. Eles prostraram-se provavelmente em intensa atitude de súplica, primeiramente ao povo, para que mudassem de atitude, e, em segundo lugar, a Yahweh, para que fizesse alguma coisa, capaz de reverter a malignidade daquele dia. A súplica (em sua essência) dirigida ao povo, aparece nos quatro versículos que se seguem.

14.6

E Josué. Não sabemos dizer por que somente Calebe é mencionado em Núm. 13.30, como se aparentemente tivesse sido o único espia que apresentara um relatório positivo. Mas aqui lemos que Josué se aliou a ele. Ver também Núm. 14.26-38. Quanto a especulações sobre os motivos disso, incluindo a possibilidade de duas fontes informativas diferentes desse episódio, ver as notas sobre Núm. 13.30. Ver no *Dicionário* informações completas sobre *Josué.*

Rasgaram as suas vestes. Isso reflete um antigo costume oriental, que exprimia profunda consternação ou tristeza. Ver no *Dicionário* informes completos no verbete intitulado *Vestimentas, Rasgar.*

"Josué e Calebe rasgaram suas vestes em profundo acesso de tristeza, rebatendo o relatório negativo que tinha sido trazido pelos outros dez espias. E disseram que a terra de Canaã era uma terra extremamente boa" (John Marsh, *in ioc*). "O preço do progresso no reino de Deus não é pago de modo fácil e voluntá-

rio pelo povo de Israel, quando sofrimento e sacrifício são exigidos. As pessoas clamam para que seja mantido o *status quo*" (Albert George Butzer, *in loc.*). O resultado disso é sempre o retrocesso, tal como Israel quis "voltar ao Egito", o abismo de onde haviam sido arrancado.

Calebe e Josué levantaram-se e puseram-se na brecha. Deus precisa de Seus homens em tempos de crise, e nem sempre se mostra em favor do voto democrático. Ele quererá fazer o que é *certo,* apesar dos votos em contrário.

14.7

É terra muitíssimo boa. Calebe e Josué estavam procurando contrabalançar a rebeldia e encorajar a invasão da Terra Prometida. Apresentaram uma descrição favorável do território que eles tinham ajudado a examinar (vss. 7-9). Os três pontos que eles salientaram em sua defesa positiva foram: A terra era excelente, fértil, muito frutífera (vss. 7 e 8); com a ajuda de Yahweh, eles poderiam conquistar o território, a despeito do povo feroz que o estava ocupando; e, finalmente, não obedecer à palavra de Yahweh, que lhes ordenara conquistar aquela terra, prometida a Abraão, constituía uma rebeldia que só podia terminar em desastre.

14.8

Este versículo repete *dois* dos argumentos dentre os *três* (ver o vs. 7) que haviam sido apresentados no relatório positivo. Com a ajuda do Senhor, os filhos de Israel poderiam conquistar a Terra Prometida, apesar das populações aguerridas e bem fortificadas que a ocupavam. Ver Núm. 13.28,32,33 quanto à natureza dos inimigos potenciais. Além disso, a terra era realmente boa, o que confirma o argumento do vs. 7. A Terra Prometida fora chamada de terra que manava *leite e mel.* Ver as notas sobre essa expressão em Êxo. 3.8, onde dou uma lista de referências onde ela aparece por todo o Pentateuco. Ver também Núm. 13.27.

Yahweh tivera misericórdia do povo de Israel, estando eles no Egito, pelo que levantou um líder que os livrasse da escravidão. Também tivera prazer neles por ocasião do êxodo, quando da travessia do mar Vermelho, e mesmo nas perambulações no deserto, e até aquele momento, provendo-lhes tudo de quanto eles precisavam.

O Senhor me guia no caminho,
De que mais precisaria eu?
Poderia duvidar do Seu amor,
Daquele que sempre
me guiou?

(Fanny J. Crosby)

14.9

Não sejais rebeldes contra o Senhor. Recusar-se a possuir a terra que Deus havia dado a Abraão, uma promessa que fora confirmada a Moisés, e com qual finalidade ele fora levantado como líder, era rebelar-se contra Yahweh, e isso não poderia terminar bem. E assim, o *desastre* que sobreviria seria muito pior do que qualquer coisa que eles pudessem sofrer às mãos de seus inimigos cananeus. Esse era o terceiro item do relatório positivo, a defesa apresentada por dois dos espias, a saber, Calebe e Josué. Ver as notas sobre o vs. 7.

Como pão os podemos devorar. Por meio dessa estranha metáfora, Calebe e Josué procuraram encorajar os israelitas. Os ferozes habitantes cananeus da Terra Prometida podiam ser derrotados e seus ídolos, destruídos, tão facilmente como um homem senta-se para almoçar. Eles estavam muito bem entrincheirados, mas Yahweh faria com que eles se dissolvessem. A presença de Yahweh poderia continuar com eles, conforme vinha acontecendo a cada passo, até aquele ponto. Portanto, não havia motivo para temores. Os israelitas estavam olhando para os gigantes (ver Núm. 13.22,33), e não para Yahweh. E, por esse motivo, a fé deles tinha desaparecido de todo. Yahweh tinha dado a eles maná no deserto; e na Terra Prometida Ele serviria às necessidades de Seu povo com igual facilidade.

Retirou-se deles o seu amparo. O original hebraico diz aqui, mais literalmente: "a sombra retirou-se deles", uma figura de linguagem baseada na proteção dada pelas rochas por trás das quais as pessoas poderiam ocultar-se, lançando sobre eles uma sombra. Uma rocha que outorgasse *sombra* era uma grande bênção no deserto. As coisas que protegiam os pagãos, no deserto, seriam retiradas, e eles ficariam sem defesa. Mas o povo de Israel precisava ter fé em Israel, para que aceitasse favoravelmente essas declarações.

A providência de Deus é como uma sombra protetora para nós. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.* Ver Gên. 19.8; Sal. 17.8; 91.1; Isa. 25.4; 30.2 quanto à sombra protetora de Deus.

14.10

A congregação disse que os apedrejassem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Apedrejamento.* Em Israel eram usados vários modos de punição capital. Ver o gráfico na introdução ao capítulo 18 de Levítico, e, no *Dicionário,* o artigo chamado *Punição Capital,* quanto a maiores informações. Moisés, Arão, Calebe e Josué seriam tratados como os piores criminosos, por terem cumprido as ordens de Yahweh. Mas foi então que o Senhor interveio, fazendo *Sua glória* aparecer, impedindo que os israelitas cometessem tão grande absurdo. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a glória *Shekinah.* A manifestação de Deus assustou os israelitas e conferiu aos agentes do Senhor proteção absoluta. Agora era Yahweh que ameaçava o povo de Israel de destruição, e os assassinos potenciais tornaram-se em assassinados em potencial.

"Todo homem é imortal, até que seu trabalho esteja terminado" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso expressa um sentimento reconfortador. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

14.11

Disse o Senhor. Para Moisés, a palavra do Senhor era sua orientação, e a crise presente não constituiu exceção à regra. O Senhor agora falou irado, o que constitui um *antropomorfismo* que demonstrava *antropopatismo* (ver sobre esses dois termos no *Dicionário*). O autor sagrado precisou usar descrições de Deus como se Ele fosse um ser humano, porquanto o homem não sabe falar sobre Deus de outra maneira. A linguagem humana não é muito apropriada para descrever Deus e as realidades divinas, nem a mente humana é um bom instrumento para sondar essas realidades. A despeito disso, as obras de Deus podem ser percebidas claramente por todos.

A despeito de todos os sinais. Quanto a esses "sinais", ver as notas sobre Êxo. 3.11,12. Cf. também Isa. 7.10-17. A presença de Yahweh era um poder miraculoso que se manifestava com freqüência diante do povo de Israel. As várias pragas desfechadas contra o Egito tinham sido sinais. Outro tanto deve ser dito sobre a travessia do mar Vermelho. E que dizer sobre a provisão da coluna de nuvem e de fogo, que guiava Israel noite e dia? E a provisão miraculosa do maná? E as manifestações gloriosas de Deus, por ocasião da outorga da lei? Já tinham ocorrido muitas intervenções divinas que todo o povo de Israel havia acompanhado. No entanto, chegado um momento crítico, a fé deles desapareceu.

A fé jaz caída, com olhos fechados para a luz,
Uma fé cega não consegue responder,
Mas a verdade e Deus
estão presentes.

(Russell Champlin)

Sentimos que nada somos,
pois tudo é Tu, e em Ti;
Sentimos que algo somos, isso
também vem de Ti;
Sabemos que nada somos — mas
Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o Teu nome — Aleluia!

(Alfred Lord Tennyson)

Ver o trecho de Hebreus 3.18,19 quanto a uma aplicação desse relato no Novo Testamento. A passagem de Êxo. 32.31 ss. contém algo similar. O povo de Israel foi ameaçado de aniquilamento por parte de Yahweh, por ocasião do incidente do bezerro de ouro, quando Moisés precisou intervir com as suas orações.

14.12

Com pestilência o ferirei, e o deserdarei. Essas foram as ameaças divinas: 1. A pestilência reduziria Israel a nada; 2. deserdados, os israelitas não mais participariam do pacto abraâmico — não herdariam a terra nem promessa alguma atinente a ela; 3. uma nova nação seria formada com os descendentes de Moisés, que viesse a cumprir todos os requisitos do pacto. Dessa forma, nada se perderia, exceto *aqueles rebeldes.* Visto que Moisés era descendente de Abraão, não havia razão pela qual isso não poderia ser feito. Em certo sentido, porém, já estava feito, porquanto aqueles rebeldes já haviam perdido seu direito de entrar na Terra Prometida. Todavia, seus filhos entraram nela. E, daquela geração rebelde, somente Calebe e Josué ali chegaram. Os demais morreram no deserto.

Cf. a promessa de fazer de Israel uma nova nação com Êxo. 32.10-12, onde lemos que ocorreu algo similar.

14.13

Os egípcios. Esses rir-se-iam, divertidos, comentando: "Aquele tal de Yahweh, como Ele se atrapalhou todo e fez das coisas uma grande confusão. Ele tirou Israel do Egito somente para *fazê-los* morrer no deserto, por meio de uma tremenda praga". Moisés estava querendo dizer que a *história* não podia fornecer um quadro tão horrível a respeito de Yahweh, o Deus dos hebreus. Isso seria extremamente destrutivo para a imagem e a reputação universais de Yahweh. Antes, a história deveria ser uma poderosa lição objetiva da bondade e do poder de Yahweh. Mas isso de modo algum aconteceria se o povo de Israel perecesse miseravelmente no deserto. Os egípcios tinham perecido estupidamente devido à praga que havia ferido os primogênitos egípcios e no mar Vermelho. No tocante aos egípcios, isso constituía uma boa história; mas no tocante a Israel, a história teria de ser muito melhor, na mesma proporção em que Yahweh era superior aos deuses do Egito. Ver estas referências para efeito de comparação: Deu. 32.26,27; Jos. 7.9; Isa. 48.9,10; Eze. 36.22,23.

O *amor* de Moisés pelo povo de Israel e seu zelo pela reputação de Yahweh formavam a base de seu apelo.

14.14

Também o disseram aos moradores desta terra. Os próprios egípcios se tinham encarregado de propalar a fama de Yahweh, a qual chegara a muitos povos, incluindo aos que habitavam a terra que fora prometida a Abraão. Dessarte, Yahweh seria vítima de zombarias. E as zombarias também atingiriam o povo de Israel.

A palavra adversa que assim se espalharia serviria de grande *contradição* com a que agora já cercava o nome de Yahweh. Ele se tornara conhecido como o Deus da presença. Ele manifestava a Sua glória de modo visível, na nuvem e na coluna de fogo, bem como na glória *shekinah*, no tabernáculo. No entanto, *aquele* grande Deus, *aquele* tremendo poder, havia reduzido a nada o *Seu próprio povo*, por meio de uma praga devastadora. Se uma nova nação viesse a descender de Moisés, quem respeitaria esse novo povo? Pois seriam um povo pertencente ao mesmo pouco confiável Yahweh!

A destruição de Israel seria atribuída à *incapacidade* de Yahweh levar a bom termo um projeto que Ele mesmo tinha começado. Seria objeto de motejo como um Ser impotente e vacilante quanto aos Seus propósitos. Isso posto, seria melhor amar e perdoar do que julgar, mesmo naquela tão provocadora ocasião.

14.15,16

Esses dois versículos destacam a *impotência* daquele Yahweh que havia iniciado uma operação que não pudera terminar; e a impotência seria a última coisa que alguém poderia atribuir a Deus. Um dos nomes de Yahweh é *El*, "poderoso". Dizemos que Deus é *onipotente*, pois esse é um de Seus atributos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Atributos de Deus*. Um Deus impotente, que fizesse fracassar Seus próprios feitos, dificilmente poderia ser respeitado. Mas Moisés ansiava para que o seu Deus fosse respeitado e temido.

O pacto abraâmico (ver as notas a respeito, em Gên. 15.18) envolve muitas promessas, e a principal delas dizia respeito às terras que Abraão e os patriarcas chegaram a percorrer, e de onde a família patriarcal havia sido tirada devido à circunstância da fome. Agora, *aquela terra* precisava ser reconquistada. Yahweh, é lógico, tinha poder para tanto; mas, se Seu propósito viesse a fracassar, onde ficaria o famoso poder do Deus de Israel? Ademais, uma *promessa quebrada* não refletia bem sobre a fama Daquele que tinha feito a promessa. Portanto, o julgamento contra Israel seria algo razoável, mas *não* o seu aniquilamento. Os juízos divinos são *remediais*. Yahweh ainda triunfaria em parte, *mediante* o julgamento. Mas o aniquilamento seria uma admissão de derrota para o Deus de Israel.

14.17

Este versículo demonstra a grandiosidade do amor! Os vss. 17-19 são versículos dotados de profundo discernimento espiritual. Você quer ser *grande*? Então *ame!* Você quer ser grande? Então engrandeça o seu espírito, e mostre gentileza e perdão. Essas são as qualidades realmente grandes, e todas pertencem a Deus. É muito melhor amar do que usar um poder destrutivo. As chamadas grandes figuras da história humana geralmente são as que aprenderam a matar mais indiscriminadamente e com maior eficiência. Ficamos cansados quando lemos a História falar em guerras e matanças intermináveis, bem como no predomínio do ódio. No entanto, tais forças negativas têm operado e continuam operando; e muitos que se chamam cristãos perseguem e matam, pensando estar prestando a Deus um serviço. Mas a grandeza e o poder verdadeiro residem no amor, que é o único atributo divino usado como um nome de Deus: *Deus é amor* (I João 4.16). Os *dois grandes pilares* da espiritualidade são o amor e o conhecimento; e ambos constroem, em vez de destruírem. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*.

Uma Alegoria. Os rebeldes de Israel simbolizam todos os rebeldes da humanidade ou, melhor dizendo, a própria humanidade. Yahweh dissera "Destruirei os rebeldes", pois, afinal de contas, Ele tinha o poder de fazê-lo. Mas Moisés disse a Yahweh: "Se realmente queres demonstrar o poder divino, sê longânimo, misericordioso, amoroso e perdoador. Essas são as virtudes que realmente demonstram *poder*". E Yahweh lhe respondeu: "É verdade! E é isso que farei". Como foi que Moisés soube dessa grande verdade? Digo que foi Yahweh quem a revelou a ele.

Amor divino, superior a todo amor,
Alegria celeste que desceu à terra;
Fixa em nós o Teu resplendor;
E Tua bondade em nós encerra!

(Charles Wesley)

14.18

O Senhor é longânimo. Se assim não fora, tudo pereceria de súbito. A longanimidade é um atributo divino, um fruto do Espírito que Ele cultiva nos homens (ver Gál. 5.22). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Longânimo*.

Grande em misericórdia. A misericórdia é o amor em ação, pois confere aos homens aquilo que eles não merecem, ultrapassando todo potencial humano e realizando atos divinos graciosos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misericórdia (Misericordioso)*, quanto a completas descrições a respeito. Notemos que o texto presente vê a grandeza autêntica nessas qualidades, e não o poder destrutivo.

Que perdoa. Um dos grandes itens da revelação divina é que Ele perdoa a transgressão e a iniqüidade. Se isso não fosse verdade, então nenhum ser humano jamais seria alvo do favor divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Perdão*. Aquilo que Deus faz, isso Ele exige dos seres humanos. Assim fazendo, participamos da grandeza divina, quando exibimos amor, longanimidade, misericórdia e perdão. Essas também são qualidades do homem espiritual que, em certa medida, tem visto duplicados em si os atributos divinos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Atributos de Deus*.

O Julgamento Permanece. A lei da colheita segundo a semeadura ensina que os homens devem sofrer pelo mal que praticarem, apesar do amor e do perdão. Ver Gál. 6.7,8. Mas o juízo divino não é oposto ao amor. De fato, as duas idéias são sinônimas. O julgamento é *amor em ação* de uma maneira especial. O *juízo divino* é *remedial*, e não meramente punitivo, conforme é claramente afirmado em I Ped. 4.6, mesmo no tocante ao julgamento dos perdidos. Deus ama os perdidos, Deus ama o pecador. Por isso mesmo, Ele *precisa* julgar, a fim de corrigir, e não esmagar. O juízo é um dedo da amorosa mão de Deus. Essas são grandes verdades que muitos crentes têm perdido de vista, porquanto têm fragmentado Deus, ao dizerem: "Agora Ele ama", "agora Ele julga", "agora Ele é misericordioso", "agora Ele é severo". Mas todos esses termos são *sinônimos* do amor, maneiras especiais de o amor manifestar-se.

Até à terceira e quarta geração. Essa declaração parece ser uma contradição com Ezequiel 18.20, que estipula: "A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniqüidade do pai, nem o pai a iniqüidade do filho". Alguns críticos pensam que nessas palavras temos uma contradição irremediável, em comparação com as palavras de Números 14.18. Mas podemos reconciliar essas declarações aparentemente divergentes, supondo que: 1. Os *resultados destrutivos* do pecado continuam através das gerações, atingindo até descendentes inocentes; mas isso não significa que os pecados não sejam *perdoados*. 2. Os filhos cometem os mesmos pecados que foram cometidos por seus pais, pelo que merecem ser julgados.

A própria herança biológica transmite os resultados dos pecados dos pais aos seus descendentes. Ainda recentemente, descobriu-se que um pai que fuma (não apenas a mãe) pode *criar* e *transmitir* defeitos genéticos a seus filhos, netos e bisnetos. No entanto, o fumo constitui um pequeno pecado, em comparação com outros, que podem causar muitos danos em várias gerações. Este trecho deve ser comprado com Êxodo 34.6,7, que lhe é quase idêntico.

14.19

Perdoa, pois, a iniqüidade. O perdão está arraigado no amor de Deus. Essa é a mensagem do versículo; e Moisés fez o Seu apelo com base na compreensão que tinha do amor divino. O amor de Yahweh é chamado de "constante" em algumas traduções. Isso fica entendido no próprio termo hebraico correspondente, *hesed*.

O amor de Deus não muda, ainda que mude o seu objeto; mas Deus leva avante o Seu propósito até a beira mesma da condenação. O amor é algo *incondicional*, quando se trata do amor divino. O amor humano muda quando seu objeto muda. As pessoas chegam mesmo a odiar aos que rejeitam o amor que elas oferecem. O amor de Deus, em contraste com isso, é um poder constante. Não muda mesmo que não seja correspondido, e embora chegue a agir em julgamento, a fim de corrigir a pessoa em erro, para o próprio bem dela.

Foi grande chamar o mundo do nada,
Maior ainda foi redimir;
Foi grande habitar no exaltado favor divino,
Mas ser Salvador do homem de tudo é o maior.

(Russell Champlin)

Desde a terra do Egito até aqui. A história de Israel é a história de qualquer ser humano. O amor e o perdão divino acompanham uma pessoa ou um povo, desde o começo até o fim. Ninguém chega a um ponto em que não mais precisa do amor e do perdão divino.

14.20

Eu lhe perdoei. A intercessão de Moisés logrou êxito. Ele "convenceu" a Yahweh. O autor sacro prossegue usando expressões antropomórficas. Mas ele não podia mesmo usar de outra forma de linguagem ao referir-se a Deus. A ira de Deus desviou-se, e o povo de Israel teve permissão de sobreviver. No entanto, teriam agora de vaguear pelo deserto nada menos de quarenta anos. E isso quer dizer que eles sofreriam os *efeitos* de sua rebeldia contra Deus, nas fronteiras da Terra Prometida.

Tipologia. O perdão final oferecido em Cristo, e Deus "fechou os olhos" diante dos pecados dos tempos anteriores, pois esperava pela remissão redentora de Cristo. Ver Atos 17.30. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Perdão.*

As orações de Moisés foram atendidas. A oração fervorosa e persistente é uma das mais poderosas forças que há à face da terra (ver Tiago 5.16). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Intercessão* e *Oração.*

Quanto ao "arrependimento" de Yahweh, ver as notas expositivas sobre Êxo. 32.14. Ali ofereço oito explicações que mostram em qual sentido Deus *pode arrepender-se,* ou seja, pode mudar de atitude mental.

Grande é Tua fidelidade, ó Deus, meu Pai,
Não há em Ti sombra de variação;
Tu não mudas; Tuas compaixões
nunca falham.

(T. O. Chisholm)

14.21

Toda a terra se encherá da glória do Senhor. Enquanto o Senhor viver, a terra estará cheia da Sua glória. Deus não pode deixar de existir. Logo, é inevitável que a terra fique cheia da Sua glória. A terra é especialmente iluminada pela glória de Deus quando fica demonstrado o *verdadeiro poder* do Senhor. O verdadeiro poder não é aquele que aniquila, mas aquele que exerce a longanimidade e salva. Deus torna-se conhecido por Seus atos graciosos. A humanidade tem chegado à beira da condenação; e, na verdade, merece a condenação. Nesse ponto, porém, o amor divino intervém. A missão de Cristo contou com o amor de Deus por trás dela. Essa missão foi uma intervenção divina. E houve nova intervenção quando Cristo desceu ao Hades em missão salvatícia (ver I Ped. 3.18-4.6). Isso é o que já se poderia esperar por parte do amor de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Descida de Cristo ao Hades.* O amor de Deus opera mesmo em Seus juízos; e nisso manifesta-se também a glória divina, porquanto todas as coisas serão submetidas à *justiça.* A justiça, entretanto, nunca se manifesta nua. Pois sempre opera através do poder do amor. A justiça divina sempre restaura; sempre cura, *afinal.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

Foi no Messias que essa declaração teve o cumprimento mais pleno. Cf. Isa. 6.3 e Hab. 2.14.

14.22

... me puseram à prova já dez vezes. Houve muitas ocasiões em que os israelitas rebeldes viram os prodígios de Yahweh, a começar pelo Egito, e, mais tarde, no deserto. Não obstante, tentaram a Yahweh pondo em dúvida Seu poder e Sua graça, e ignorando as lições que os milagres divinos supostamente lhes ensinavam. As tentações a Deus, envolvendo vários graus de rebeldia, foram reiteradas por *dez* vezes. Alguns intérpretes pensam que esse número significa apenas "muitas vezes". Outros pensam que o autor tinha em mente dez vezes literais; e alguns chegam a tentar identificá-las com precisão.

Ellicott (*in loc.*) mostra-nos como essa "precisão" geralmente atua. Ele lista *oito* casos de murmuração, e então adiciona dois tipos de transgressão que eram comuns em Israel, como segue:

As Oito Murmurações. 1. Às margens do mar Vermelho (Êxo. 14.11,12). 2. Em Mará (Êxo. 15.23). 3. No deserto de Zim (Êxo. 16.2). 4. Em Refidim (Êxo. 17.1). 5. Em Horebe (Êxo. 32). 6. Em Taberá (Núm. 11.1). 7. Na sepultura do desejo (Núm. 11.4). 8. Em Cades (Núm. 14).

As Duas Transgressões Comuns. 9. A guarda do maná até o dia seguinte, contra a determinação divina (Êxo. 16.24). 10. A saída para recolher o maná em dia de sábado (Êxo. 16.27). Mas o próprio Ellicott supunha que o número "dez", aqui usado, indicaria apenas "uma medida completa", e não um número específico de vezes.

Mais Três Murmurações. A nona murmuração foi historiada em Núm. 16.41 ss., em conexão com a história da matança de Coré e seus associados, contra a autoridade de Moisés. Há uma décima murmuração em Núm. 20.2 ss.; e também uma décima primeira, em Núm. 21.5.

O Talmude Babilônico Eracin, foi. 15.1 tenta outra lista: duas vezes no mar Vermelho; duas vezes acerca de água; duas vezes acerca de codornizes; uma vez acerca de uma novilha; uma vez no deserto de Zim; e uma nona vez diante da fronteira com a Terra Prometida, a qual os filhos de Israel ase recusaram a invadir. Mas Aben Ezra diz simplesmente que isso significa "muitas" vezes.

Em todas essas ocasiões, eles recusaram-se a obedecer à voz de Yahweh, transmitida por meio de Moisés. Eles mostravam-se desobedientes. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Obediência.*

14.23

Nenhum deles verá a terra. Temos aí o castigo imposto pelo Senhor. Yahweh não os aniquilou; mas também não permitiu que nenhum indivíduo incrédulo daquela geração entrasse, enquanto vivessem, na Terra Prometida. Daquela geração, somente Calebe e Josué puderam ali entrar. Naturalmente, os menores de vinte anos para baixo puderam entrar; pelo que a bênção maior ficou reservada a essa outra geração. Cf. o vs. 18 deste capítulo, onde abordei a questão do *juízo divino.* Ver também Heb. 3.11,18 quanto a uma aplicação neotestamentária desse aspecto do episódio.

14.24

O meu servo Calebe. Somente Calebe é mencionado aqui, como alguém que receberia permissão de entrar na Terra Prometida. *Josué* também foi omitido no primeiro relatório *positivo* (Núm. 13.30). Mas reaparece em Núm. 14.6. Os críticos supõem que diferentes fontes informativas do Pentateuco contassem relatos levemente diferentes, e que, quando o autor sacro as coligiu, não teve o devido cuidado de reconciliar as pequenas discrepâncias. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S).* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. O vs. 30 traz novamente Josué para dentro do quadro, assegurando-nos que ele também entraria na Terra Prometida. O vs. 33 informa-nos que Israel ficaria perambulando pelo deserto durante quarenta anos. No deserto haveriam de perecer. E isso era o castigo divino que eles receberiam por terem perdido a fé quando estavam prestes a entrar na Terra Prometida. O próprio Moisés foi impedido de entrar, por causa de alguns atos de desobediência (ver Núm. 20.12).

14.25

"E então, como parte do Seu juízo, o Senhor instruiu Moisés e o povo de Israel a reiniciar a jornada, partindo de Cades, mas não na direção dos vales onde os amalequitas e cananeus habitavam. E assim tiveram de tomar uma longa e circundante rota na direção do mar Vermelho, uma rota que eventualmente terminaria nas planícies de Moabe, a leste de Jericó. *Mar Vermelho,* nesse caso, refere-se ao braço oriental do mar que hoje em dia chama-se golfo de Ácaba" (Eugene H. Merrill). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Êxodo (o Evento),* o qual ilustra a rota das vagueações de Israel pelo deserto. Ver também ali os artigos intitulados *Amalequitas* e *Canaã, Cananeus.* Alguns supõem que as tribos selvagens dos vales tivessem ouvido falar sobre a aproximação dos israelitas, e estivessem esperando para lançar-se ao ataque. Mas Yahweh evitou o conflito, visto que, na oportunidade, coisa alguma aconteceria no tocante à invasão. O trecho de Deu. 1.44 diz somente *os amorreus,* em lugar dos dois povos aqui mencionados, "amalequitas" e "cananeus".

14.26

Disse o Senhor. Temos aqui uma expressão comum no Pentateuco, empregada para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Yahweh falava por meio de Moisés, mediador entre o Senhor e o povo de Israel. Há *oito* modos de comunicação (pessoas a quem as mensagens divinas eram dadas). Ver as notas a esse respeito em Lev. 17.2. Neste caso, a mensagem dada por Yahweh foi dirigida a Moisés e Arão.

Os versículos que se seguem elaboram mais o juízo divino que foi proferido contra Israel, por causa de sua incredulidade na fronteira da Terra Prometida.

AS PROVAÇÕES E MURMÚRIOS DE ISRAEL

ONZE CASOS

1. No mar de Junco (Êxo. 14.11,12)
2. Em Mara (Êxo. 15.25)
3. No deserto de Zim (Êxo. 16.2)
4. Em Refidim (Êxo. 17.1)
5. Em Horebe (Êxo. 32.1-35)
6. Em Taberá (Núm. 11.1)
7. No túmulo da luxúria (Núm. 11.4)
8. Em Cades (Núm.14.1-45)
9. Na revolta de Coré (Núm. 16.41 ss.)
10. Nas águas de Meribá (Núm. 20.2 ss.)
11. No caminho do mar Vermelho (Núm. 21.4 ss.)

*** *** ***

MURMÚRIO

Proibido: I Cor. 10.10
Contra Deus: Pro. 19.3
Contra Cristo: Luc. 5.30
Contra o clérigo: Êxo. 17.3
Não é razoável: Lam. 3.39
Tenta a Deus: Êxo. 17.3
É uma característica dos maus: Jud. 16
É punido: Núm. 11.1; 14.27-29; Sal. 106.25

O tolo, com todas as suas outras falhas, tem esse defeito também.

Ele está sempre se preparando para viver.

Epicurus

A felicidade e a infelicidade dos homens depende tanto de suas disposições como de suas fortunas.

Frençois De La Rouchefoucauld

Aquele que dorme com cães acorda com pulgas.

James Sanford

A mente que fica ansiosa sobre o futuro fica miserável.

Sêneca

14.27

Até quando sofrerei...? O Senhor estava cansado de tolerar as falhas e murmurações de Israel. Essas murmurações formam um tema constante no Pentateuco. Ver as notas expositivas sobre isso na introdução ao capítulo 11 de Números. As *oito* murmurações específicas de Israel são listadas em Núm. 14.22. Essas murmurações revelavam uma atitude de rebeldia e desobediência, que chegaram a desgastar o próprio Yahweh. Toda murmuração contra Moisés e Arão, que eram os líderes do povo de Israel e representantes de Yahweh, era, *ipso facto,* murmuração contra o próprio Yahweh.

14.28

Por minha vida. O juízo divino era tão certo quanto o fato de que Yahweh vivia. Tal juízo estava garantido, porquanto Yahweh não pode deixar de existir. O próprio nome Yahweh significa "aquele que existe eternamente". Ver no *Dicionário* os verbetes *Yahweh* e *Deus, Nomes Bíblicos de.* Ver o vs. 21 deste capítulo, quanto a esse tipo de juramento divino, ou seja, pela própria existência de Deus.

14.29

Todos os israelitas de vinte anos de idade para cima sucumbiriam no deserto. Eles disseram: "Oxalá tivéssemos morrido na terra do Egito, ou mesmo neste deserto" (vs. 2). E agora o seu pedido seria atendido. Aqueles abaixo de vinte anos (que foram considerados não-responsáveis pela rebeldia do povo de Israel, em Cades-Barnéia) entrariam na Terra Prometida, juntamente com os dois homens mis velhos, Calebe e Josué, que haveriam de herdar a liderança, na ausência de Moisés. E o próprio Moisés não entraria na Terra Prometida, por motivo de desobediência (Núm. 20.12). A vontade de Deus foi feita, mas a vontade humana pervertida cooperou plenamente. E isso nos permite concluir que a vontade divina incorpora e controla a vontade humana, mas sem destruí-la. Mas *como* isso opera, não sabemos dizê-lo.

Jarchi trouxe à tona a questão dos levitas. É possível que muitos deles tenham podido entrar na Terra Prometida, porquanto não eram enumerados entre as tribos de Israel. A respeito disso, não dispomos de informações. Mas as declarações bíblicas são tão absolutas que parece que até mesmo eles foram proibidos de entrar na Terra Prometida. Teriam os levitas participado da rebelião? Pelo que parece, sim. O trecho de Núm. 34.17 mostra-nos que Eleazar, um dos filhos de Arão, entrou na Terra Prometida. E pode ter havido muitos outros levitas que foram isentados da maldição divina imposta no deserto.

14.30

Salvo Calebe... e Josué. Esses dois foram isentados da maldição divina no deserto, porquanto haviam apresentado um relatório baseado na fé, ao passo que os outros dez espias apresentaram um relatório negativo, baseado na incredulidade. Ver o vs. 24 deste capítulo onde há notas que mostram que, às vezes, somente Calebe era mencionado positivamente, ao passo que, de outras vezes, Josué também era mencionado.

Outro Juramento Divino. Cf. os vss. 12, 21 e 28 quanto aos juramentos divinos constantes neste capítulo, onde Yahweh estava declarando a Sua vontade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos.*

Jurei. No hebraico, literalmente, "ergui minha mão", um gesto de quem fazia um juramento. Ver Gên. 14.22; Deu. 32.40. O *juramento* aqui mencionado provavelmente refere-se ao juramento que Yahweh fez quando firmara pacto com Abraão e os outros patriarcas. O pacto abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) incluía a promessa da posse da terra de Canaã. Os rebeldes em Israel, porém, tinham perdido seu direito de posse da terra. Cf. Gên. 15.7,18; 17.8; 22.16-18; 26.3,4; 28.13; Êxo. 6.8.

Calebe foi mencionado em primeiro lugar; mas, no vs. 38, quem é mencionado em primeiro lugar é Josué. Provavelmente isso foi feito assim para que não se entendesse que haveria alguma superioridade de um sobre o outro.

14.31

Mas os vossos filhos. Exatamente aqueles que seus pais pensaram que poderiam ser vitimados pelos gigantes que ocupavam o território (vs. 3), esses seriam os *conquistadores* da Terra Prometida. Temos aí uma fina *ironia,* como somente Yahweh seria capaz de criar. Assim, aqueles que deveriam ter sido os conquistadores acabaram morrendo no deserto; e aqueles que potencialmente poderiam ser vítimas foram os conquistadores. A pervertida vontade humana produz vicissitudes inesperadas, mas a vontade e o poder divino protegem aos que, mediante a fé, obedecem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Obediência.* A grande possessão que foi *desprezada* foi transferida para a geração seguinte, um tipo resultado do julgamento divino.

14.32

Este versículo repete aquilo que já pudemos ver no vs. 29. A reiteração enfatiza o contraste com os pequeninos em Israel, que eventualmente conquistariam a terra e não pereceriam. Ver o vs. 2 deste capítulo, quanto a como o desejo da geração presente foi finalmente cumprido.

14.33

Quarenta anos. Um tempo calculado a partir do êxodo do Egito, e não do retorno dos espias a Cades-Barnéia. Ver no *Dicionário* os artigos *Quarenta* e *Número (Numeral, Numerologia),* quanto ao significado simbólico desse número.

As vossas infidelidades. Uma metáfora sexual usada para indicar a *infidelidade em geral.* Israel se parecia com um bando de prostitutas em seu trato com Yahweh. Outrossim, os filhos estavam condenados a continuar repetindo os erros de seus pais. Há três coisas que um pai deve a seus filhos: exemplo, exemplo, exemplo. O mau exemplo dos pais produz efeitos daninhos sobre os filhos. Alguns eruditos pensam que está aqui em foco a idéia de que os filhos levaram o castigo merecido por seus pais, por terem sido condenados a uma longa perambulação pelo deserto, e não tanto que participaram dos pecados dos pais (com resultados necessários). Sem dúvida isso também faz parte do significado. Mas os registros do Antigo Testamento mostram-nos como *todos* eles continuaram com seus pecados, colhendo maus resultados. Causa e efeito sempre estarão em operação. Cf. Êxo. 34.16. Pais e filhos seriam punidos, pois Israel não havia usado de fé, n fronteira da Terra Prometida.

Vossos filhos serão pastores. Algumas traduções dizem aqui "vaguearão". Eles levariam uma vida de seminomadismo, uma existência fútil em comparação com a que poderiam ter levado. Em vez disso, expirariam no deserto.

14.34

Segundo o número dos dias. Assim foi feito o cálculo. Os doze espias tinham investigado a terra pelo espaço de quarenta dias, antes de regressarem à Terra Prometida. Estiveram averiguando a qualidade da terra e as fortalezas com que contavam os seus futuros inimigos potenciais, os quais sem dúvida ofereceriam resistência aos israelitas invasores. Cada novo dia era uma nova oportunidade de fazer uma avaliação. No fim daqueles quarenta dias, cada um dos espias já teria sua própria opinião formada. *Dez* dos espias encontraram razões para um relatório negativo. Mas isso fizeram contra a vontade de Yahweh, que havia dado aquele *território* a Abraão e seus descendentes (ver as notas a respeito, em Gên. 15.18). Como castigo por seu relatório negativo, e porque o povo de modo geral dera apoio à avaliação pessimista, cada um daqueles quarenta dias tornou-se um ano de perambulação pelo deserto, totalizando quarenta anos. Isso garantia tempo suficiente para que a geração "antiga" perecesse no deserto. E então a geração mais nova encarregar-se-ia da invasão da Terra Prometida.

Ano e meio passara-se desde o êxodo, e esse tempo estaria incluído no total dos quarenta anos. O trecho de Números 26.64-65 indica o total de pessoas que morreram da antiga geração. O trecho de Números 33.38 mostra-nos que os quarenta anos foram calculados a partir do êxodo, e não a partir da volta dos espias.

14.35

Este versículo afirma especificamente que a rebeldia contra Moisés e Arão foi uma rebeldia, *ipso facto,* contra Yahweh. Cf. o vs. 27. A recusa de entrada na Terra Prometida indicou a falta de fé no pacto abraâmico, e isso fez com que os incrédulos perdessem direito à Terra Prometia.

Neste deserto se consumirão. Ou mediante as dificuldades no deserto, ou através de doenças destruidoras, ou por ataques por parte de animais ferozes, ou mesmo devido à idade avançada. O deserto haveria de *devorar* os rebeldes. O termo hebraico aqui traduzido por "consumirão" (*tamam*) fala do "término" de uma coisa qualquer. Assim sendo, a geração presente de Israel seria *obiiterada* no deserto.

A *Mishnah Sanhedrin* (cap. 11, sec. 3) apresenta-nos a doutrina judaica tipicamente posterior sobre a questão. Aqueles rebeldes também não teriam parte no "mundo por vir", embora essa doutrina não existisse ainda nos dias de Moisés. Coisa alguma se lê, no Pentateuco, acerca da salvação eterna ou da condenação eterna além-túmulo. Essa doutrina teve início nos tempos dos Salmos e dos Profetas, e mesmo assim em forma bem primitiva e sem elaboração. Somente o Novo Testamento abriu nossa mente para tais questões.

14.36

Os dez espias negativos foram a causa de todo Israel murmurar e perder a sua herança. O pecado de murmuração é muito sério. As murmurações de Israel

OCORRÊNCIAS IMPORTANTES DO NÚMERO 40

1. As chuvas da grande inundação e o recuo das águas (Gên. 7,4,12,17; 8.6).
2. Moisés tinha quarenta anos de idade quando iniciou a revolta no Egito (Atos 7.23).
3. Moisés perambulou quarenta anos pelo deserto (Atos 7.29,30).
4. Moisés permaneceu quarenta dias no monte para receber a lei (Êxo. 24.18).
5. Moisés orou quarenta dias em favor de Israel para reverter o julgamento divino aniquilador (Deu. 9.25).
6. Israel andou quarenta anos pelo deserto por causa de desobediência (Núm. 14.33; 32.12).
7. Davi e Salomão reinaram, cada um, quarenta anos (II Sam. 5.4; I Reis 11.42).
8. Jonas pregou quarenta dias, pedindo arrependimento de Nínive (Jon. 3.4).
9. Elias jejuou quarenta dias enquanto era tentado (I Reis 19.8).
10. Jesus jejuou quarenta dias no deserto (Mat. 4.2).
11. Alguns calculam que Jesus tenha ficado no sepulcro quarenta horas. Consulte o artigo intitulado *Quarenta Horas de Devoção*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*
12. Após sua ressurreição, Jesus continuou na terra, visivelmente, por mais quarenta dias (Atos 1.3).
13. Talvez a tribulação dos últimos dias dure quarenta anos e os tradicionais *sete* farão parte disso.

*** *** ***

QUARENTA

* O NÚMERO DE TENTAÇÕES E PROVAÇÕES.
* O NÚMERO DE PERÍODOS IMPORTANTES DE REALIZAÇÃO.
* O NÚMERO DE UMA GERAÇÃO.
* O TEMPO DE DESENVOLVIMENTO DE IMPORTANTES ATOS DIVINOS.
* NOS SONHOS E VISÕES, TODOS OS NÚMEROS SÃO INTERCAMBIÁVEIS: MUITOS PODEM SIGNIFICAR DIAS, MESES OU ANOS.
* O MOVIMENTO DOS BRAÇOS DE UM RELÓGIO PODE SIGNIFICAR UM CICLO.
* UNIDADES DE CINCO NO RELÓGIO PODEM SIGNIFICAR PERÍODOS DE TEMPO DE REALIZAÇÃO OU TEMPOS DE ESFORÇO ESPECIAL.

Consulte o artigo *Número* (*Numeral, Numerologia*), no *Dicionário.*

formam um tema freqüente no Pentateuco. Ver a introdução ao capítulo 11 de Números; e, quanto às *oito murmurações*, ver as notas sobre Números 14.22.

Infamando a terra. Isso os dez espias fizeram apresentando um relatório que contradizia a promessa divina a Abraão. A palavra hebraica aqui usada, *dibba*, significa "má notícia", "difamação", "calúnia", e alude a rumores falsos e maliciosos, sem nenhuma base nos fatos. Ver Êxo. 36.3. Em Gên. 37.2 é palavra usada para indicar um *mau caráter*, e onde as palavras referem-se a um fato real.

14.37

Morreram de praga. Esta última palavra é tradução do termo hebraico *maggephah*, "golpe", que aponta para qualquer acontecimento destrutivo. Yahweh havia aplicado os Seus golpes castigadores. Os *dez espias* que trouxeram o relatório pessimista sofreriam de alguma praga repentina que os eliminaria no deserto. Esse termo pode dar a entender as circunstâncias negativas em *geral* que contribuiriam para que nenhum daqueles rebeldes sobrevivesse, durante aqueles quarenta anos. Uma *praga* é qualquer visitação divina, e não forçosamente uma doença que atacasse em alguma ocasião específica. Para eles, os quarenta anos no deserto seriam como uma praga. Os intérpretes judeus dão uma longa lista de diferentes pragas que foram reduzindo continuamente o número dos israelitas. Mas há estudiosos que preferem pensar em alguma *praga específica* que teria aniquilado, *de um golpe só*, todos os dez espias, deixando claro que a ira do Senhor é que os tinha atingido. E o que se aplicou aos dez também se aplicou a todos quantos haviam falhado na fé, quando Israel estava prestes a invadir a Terra Prometida. Os dois espias fiéis, Calebe e Josué, entretanto, escaparam de qualquer tipo de praga, o que servia de sinal de que esses dois haviam dado o parecer certo.

14.38

Josué... e Calebe. Esses dois, cujo relatório fora positivo, escapariam da *praga* que cairia sobre os dez espias infiéis, bem como a qualquer outro israelita incrédulo. Os dois haveriam de entrar em segurança na Terra Prometida. E seriam líderes de grande importância, depois da morte de Moisés, o qual também não obteve permissão divina de entrar na Terra Prometida (ver Núm. 20.12). Calebe pertencia à tribo de Judá; e Josué, à tribo de Efraim, conforme somos informados em Núm. 13.6,8. Os outros dez espias pertenciam às outras dez tribos. Os dois bons espias entraram na Terra Prometida e tomaram conta dela, ficando assim demonstrado que estavam com a razão o tempo todo: os israelitas podiam vencer os cananeus que habitavam aquele território. A fidelidade dos dois garantiu o cumprimento das provisões do pacto abraâmico, algo extremamente importante para a história e o destino do povo de Israel. Por conseguinte, eles eram homens do *destino*.

14.39

Falou Moisés. Na qualidade de mediador entre Yahweh e Israel, ele proferiu sua mensagem condenatória ao povo; e houve tremenda lamentação entre os filhos de Israel. Estes já estavam acostumados a ver cumprir-se as predições de Moisés, e não alimentavam nenhuma dúvida de que suas predições sobre uma praga teriam cabal cumprimento. Eles tinham jogado sujo, e haviam perdido. Moisés permaneceu firme na liderança; e os rebeldes, que queriam nomear um novo líder e voltar para o Egito (ver Núm. 14.4), sofreriam devido a ira divina, por causa de sua rebeldia e insensatez. Todos os homens, de vinte anos de idade para cima, foram condenados a vaguear pelo deserto (ver Núm. 14.29). A misericórdia e o poder divino bafejariam seus filhos, fazendo-os *entrar* na Terra Prometida. Os judeus da geração mais antiga quiseram então entrar em ação devido a um novo temor a Deus, e resolveram iniciar imediatamente a invasão (ver o vs. 40), mas era tarde demais. Seus esforços terminaram em deserto. Algumas vezes as boas decisões são tomadas tarde demais para poderem ser bem-sucedidas. A vontade de Deus tem um cronograma, e a nós cabe acompanhar esse cronograma. É mister uma vida de fé e de espiritualidade para que os homens possam acompanhar esse cronograma.

14.40

Cume do monte. Parece que eles seguiram pelo mesmo caminho por onde os espias tinham seguido, ligeiramente ao sul do território que posteriormente se tornou a herança da tribo de Judá (ver Núm. 13.17). Os vss. 44 e 45 dão a entender que eles não subiram até o topo do monte, embora estivesse envolvida a mesma área em geral.

Eis-nos aqui. Os filhos de Israel tinham contado com a presença e o apoio de Yahweh, mas, por causa de sua rebeldia, haviam perdido tal privilégio. E agora, contra as orientações de Yahweh (que ordenara que se internassem de novo no deserto, vs. 25), eles decidiram, embora tarde demais, que invadiriam a terra. Moisés exortou-os para que se esquecessem de tal empreitada. Porém, uma vez mais, ignoraram a ordem dada por Moisés. Era um povo que saía de um buraco somente para cair em outro, devido ao seu espírito de desobediência. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Obediência*.

"Os filhos de Israel arredaram para um lado a sentença de Yahweh e tentaram entrar em Canaã. Moisés tentou dissuadi-los, e ficou para trás, ao lado da arca. Os amalequitas e cananeus derrotaram os israelitas. Essa narrativa é repetida em Deuteronômio 1.41-45, e uma tradição paralela talvez tenha sido preservada em Êxodo 17.8-16" (John Marsh, *in loc.*).

Porquanto havemos pecado. Reconheceram, posto que tarde demais, que tinham errado por se haverem rebelado. E tentaram, desesperadamente, reverter o curso dos acontecimentos que eles mesmos tinham posto em andamento. Mas novamente falharam. Ver no *Dicionário* o verbete *Pecado*.

14.41

Por que transgredis...? *Yahweh* havia dado diretrizes claras (ver o vs. 25). Visto que Israel se rebelara às vésperas de entrar na Terra Prometida, tiveram de retornar ao deserto para começar suas perambulações de quarenta anos. Essa circunstância era lamentável, mas fora forçada pelo próprio povo de Israel, devido à sua incredulidade e pecado. Eles tinham estabelecido um curso adverso *para si mesmos*, e Yahweh não permitiria que eles revertessem esse curso. Assim sendo, Moisés fez forte advertência contra essa atitude. A advertência previa *mais* desastres ainda para os israelitas incrédulos.

Isso não prosperará. Temos aqui uma grande lição moral. Ao cumprirmos a vontade de Deus, temos de acompanhar o cronograma divino e obedecer às Suas ordens, e isso ao longo do caminho. A desobediência pode anular uma futura boa decisão. Algumas vezes, a graça divina manifesta-se, revertendo um caminho errado; e isso anula uma má colheita moral e espiritual. Com freqüência, todavia, temos de colher aquilo que tivermos semeado (ver Gál. 6.7,8), mesmo que, *mais tarde*, cheguemos a agir corretamente. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. O universo é controlado pelas leis de causa e efeito, e a mesma coisa sucede dentro da esfera espiritual.

John Gill (*in loc.*) duvidava da sinceridade desse arrependimento, e lançava sobre eles a culpa pela derrota que sofreram. Pelo contrário, era simplesmente tarde demais para reverter o curso pelo qual eles tinham enveredado. Os filhos de Israel haviam abusado de seu *livre-arbítrio*. Ver sobre esse termo no *Dicionário*.

14.42

Não subais. Moisés falou com toda a clareza. A presença de Yahweh não subiria junto com eles. Sem a presença do Senhor, os gigantes da terra logo esmagariam os invasores. A arca da aliança, que os israelitas levaram na companhia deles, para a batalha, e a nuvem que pairava por sobre o tabernáculo permaneceriam exatamente onde estava a congregação de Israel. O povo *afastara-se* daqueles sinais da presença divina e tinha perdido a proteção e a ajuda do Senhor. Ver o vs. 44. O versículo 25 mostra-nos quais ordens tinham sido baixadas por Yahweh. Mas os israelitas, uma vez mais, desobedeceram ao Senhor.

14.43

Os amalequitas e os cananeus. Esses povos formavam as duas tribos principais da área em questão, embora a passagem de Deuteronômio 1.44 ponha os *amorreus* no lugar deles. Israel teria de enfrentar pelo menos *sete* tribos distintas ou pequenas nações. Ver Êxo. 33.2. Ver o vs. 25 quanto aos mesmos nomes, que aparecem no presente versículo. Ver no *Dicionário* os artigos *Amalequitas* e *Canaã, Cananeus*. Aquelas tribos selvagens provavelmente tinham ouvido falar da aproximação do povo de Israel, e se tinham preparado plenamente para o ataque.

Causa e Efeito. Temos aí o princípio da colheita segundo a semeadura. Israel tinha-se "desviado" de Yahweh. Ademais, Israel criara uma situação perigosamente desnecessária. Eles haviam sido instruídos a não lançar nenhum ataque (ver o vs. 25). Porém, em seu zelo equivocado e tardio, eles insistiram na invasão. E atacaram tarde demais, com forças pequenas demais.

> *Há quatro coisas que não voltam:*
> *A palavra dita; a flecha atirada;*
> *O tempo passado; a oportunidade*
> *perdida.*
>
> (Omar Ibn)

14.44,45

Temerariamente, tentaram subir. Os israelitas insistiram em atacar. Mas foram sem o Senhor. Moisés também não foi com eles. A arca da aliança (ver

no *Dicionário)* permaneceu no Santo dos Santos. Podemos ter certeza de que Josué, o militar mais habilitado que havia em Israel, também não foi. Calebe, sabe-se, ficou no arraial. E a nuvem de Deus ficou pairando por sobre o tabernáculo. Verdadeiramente, os israelitas subiram *sozinhos.* Daí só poderia resultar o desastre. Eles subiram de maneira "ousada, audaz e presunçosa" (John Gill, *in ioc.*).

Parece que Israel tentou subir o monte e tomar os lugares elevados, que *eram estratégicos em uma batalha, mas seus inimigos os interceptaram* e desbarataram, antes de poderem atingir o cume (ver o vs. 45). As forças que "desceram" eram mais poderosas que as forças que "subiram". Moisés, uma vez mais, estava com a razão.

Derrotando-os até Hormá. Esse local significa "devoção", no hebraico. Esse nome poderia significar "devotado à destruição" ou, então, a alusão poderia ser a um antiquíssimo culto religioso. Há um detalhado artigo sobre esse local, juntamente com todas as referências bíblicas, no *Dicionário.* Parece que ficava a cerca de cinco quilômetros a leste de Berseba, embora sua localização exata ainda não tenha sido determinada. Aquele artigo mostra que há a respeito algumas informações contraditórias. Cf. Deu. 1.41-46 quanto a essa contundente derrota de Israel. Seus inimigos tanto os derrotaram, matando a muitos, quanto os perseguiram, provavelmente deixando bem poucos sobreviventes. Os céticos dizem que *essa* foi a verdadeira razão pela qual a invasão, naquela ocasião, fracassou. Israel encontrou um inimigo que não podia ser desalojado e sofreu derrotas iniciais contundentes, fazendo os israelitas voltar a internar-se no deserto. Em outras palavras, teria sido isso o que aconteceu, embora a Bíblia nos diga *por que* aconteceu.

"A amargura por causa dessa e de outras batalhas foi a base do antigo voto feito contra os amalequitas (ver Êxo. 17.8-16)" (*Oxford Annotated Bible,* sobre o vs. 45).

De todas as palavras tristes, ditas ou escritas,
As mais tristes são: Poderia ter sido.

(John Greenleaf Whittier)

Capítulo Quinze

A Permanência no Deserto (15.1—21.35)

Repetição de Diversas Leis (15.1-41)

Israel falhara prestes a entrar na Terra Prometida, devido à incredulidade. Por isso, Yahweh enviara-os de volta ao deserto (ver Núm. 14.25), para darem início a um período de quarenta anos de vagueações (14.34). "O deserto fez parte da disciplina necessária do povo remido, mas não os anos de *perambulações.* Estas foram causadas exclusivamente pela incredulidade dos israelitas em Cades-Barnéia" (*Scofield Annotated Bible, in loc.*).

Tipologia. Os intérpretes cristãos têm distinguido vários tipos na história de Israel relativa àquela época, a saber:

1. *Mar Vermelho.* A cruz de Cristo, que nos separa do mundo (Gál. 6.14).
2. *Mará.* O poder de Deus para refrigerar os peregrinos ao longo do caminho.
3. *Elim.* O poder que Deus tem de dar descanso dos labores do caminho.
4. *Sinai.* A santidade de Deus revelada na lei, que nos ensina sobre a maldade inerente do homem, que precisa ser erradicada pelo evangelho (Rom. 7.7-24).
5. *Cades-Barnéia.* Os incrédulos precisam arcar com os maus resultados de seus pecados e desvios. (I Cor. 10.1-11; Gál. 6.7,8; Heb. 3.17-19).
6. *O descanso em Canaã, finalmente conquistada.* Há um descanso ou salvação final (Heb. 3-4).

Leis Miscelâneas. "Visto que a geração adulta havia sido sentenciada à morte no deserto, tornou-se mister que a geração mais jovem entendesse os requisitos de seu relacionamento de pacto. Coisa alguma era mais central a isso do que do que a apresentação das *oferendas,* porquanto representavam os tributos que aquele povo vassalo deveria trazer a seu Soberano, como sinal de sua lealdade ao pacto (ver Êxo. 23.14-19; Lev. 1 - 7; Deu. 12.1-3)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver o gráfico imediatamente antes das notas sobre Lev. 1.1 quanto a um sumário dos muitos tipos de sacrifícios e seu modo de proceder e de seu significado.

As Três Fontes Informativas. Há três fontes de informação sobre os sacrifícios e ofertas: 1. O livro de Levítico. 2. Algumas adições no livro de Números, como a que temos à nossa frente. 3. Informações suplementares no livro de Ezequiel. Os críticos supõem que essas fontes reflitam o fato de que o Pentateuco teve várias fontes informativas, e não somente que algum autor adicionou, de quando em vez, coisas novas, ou rescreveu coisas antigas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Cf. especificamente Lev. 2.1-16 quanto à oferta de manjares em questão. Esta passagem fixa *quantidades* a serem usadas naquelas ofertas.

15.1

Disse o Senhor. Essa é uma expressão de uso freqüente no Pentateuco, a fim de introduzir novas seções ou novos materiais. Neste caso, fornece-nos alguma informação adicional sobre leis que já haviam sido dadas. Essa expressão também nos faz lembrar da divina inspiração das Escrituras. Ver também as notas em Lev. 1.1 e 4.1.

15.2

Fala aos filhos de Israel. Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel. A ele eram dadas as mensagens divinas; e então ele as transmitia a Arão, a Arão e seus filhos, ou ao povo de Israel etc. Há *oito* fórmulas de comunicação no que tange à transmissão das mensagens divinas. Ver as notas sobre isso em Lev. 17.2. No caso presente, a mensagem foi endereçada a Israel como um todo; mas ao sacerdócio cabia executar o que fora determinado.

15.3

Quanto aos muitos sacrifícios e oferendas possíveis a Israel, ver o gráfico imediatamente anterior à exposição sobre Lev. 1.1. Ver o gráfico suplementar que aparece a seguir.

Oferta queimada, holocausto. Ver Lev. 6.9-13, *bem como notas adicionais* em Lev. 1.3-17.

Sacrifício... oferta voluntária. Não eram oferendas obrigatórias, mas eram entregues com freqüência pelos piedosos. Eram ofertas pacíficas, também chamadas ofertas de comunhão. Acompanhavam votos ou promessas específicas, na esperança da obtenção de resultados positivos; ou então eram atos de devoção, que nada esperavam obter de volta. Ver Lev. 7.11,12,16 quanto a notas expositivas a respeito.

Aroma agradável. Ver a esse respeito em Lev. 1.9 e Êxo. 29.18 quanto a completas explicações.

Sacrifício de gado e ovelhas. Quanto aos *cinco* tipos de animais que podiam ser sacrificados, ver as *notas em* Lev. 1.14-16, *onde há completas descrições.*

Ofertas Suplementares de Cereais e de Libação

Holocaustos e Ofertas Voluntárias	*Ofertas Voluntárias*
Todas as ofertas	2 l de farinha, misturados com 1 l de azeite
Cordeiro	1 l de vinho
Carneiro	4 l de farinha misturados com 1-1/4 l de vinho
Novilho	6 l de farinha misturados com 2 l de vinho

Obs: Um *efa* tinha cerca de 19 litros; e um *him* tinha cerca de 3 litros.

Os pontos essenciais deste gráfico foram extraídos de Eugene H. Merrill, *in loc.*

15.4

Oferta de manjares. Elas também são chamadas na Bíblia de ofertas pacíficas e ofertas de comunhão. Ver sobre elas em Lev. 6.14-18, com notas suplementares em Lev. 2.1-16 e Lev. 3. O gráfico acima dá as quantidades aproximadas dos ingredientes a serem usados para os vários tipos de oferendas. Cf. Êxo. 29.38-40. As ofertas de cereais, também chamadas de manjares, acompanhavam essas três grandes festas (ver Lev. 1-3; 23.13,18,37).

15.5

Vinho para libação. Ver no *Dicionário* o verbete *Libação.* Ver as notas sobre Êxo. 29.40 quanto a outros detalhes. No caso de um cordeiro, era

oferecido ligeiramente menos que um livro de vinho. Ver o gráfico nas notas sobre o terceiro versículo deste capítulo. O vinho pode simbolizar o bom ânimo. O vinho era derramado sobre o topo do altar e escorria até os lados de sua base. Talvez, simbolicamente, isso indique o derramamento do sangue de Cristo. Derivava-se do produto do campo, e talvez tivesse o mesmo simbolismo que as ofertas de cereal. Falava em provisão, em frutificação da terra, nas bênçãos de Yahweh.

15.6

Certa oferenda de libação acompanhava o carneiro sacrificado. Quatro litros de farinha eram misturados com cerca de um litro de azeite. Ver o gráfico sobre o vs. 3, bem como o artigo chamado *Azeite,* no *Dicionário.* Ver Lev. 6.14-18 quanto às ofertas de cereal e quanto ao gráfico, antes das notas sobre Lev. 1.1, que ilustra todas as ofertas levíticas, seu material e seu significado.

15.7

O oferecimento do carneiro era acompanhado por uma *libação* (ver a esse respeito no *Dicionário*), juntamente com um litro de vinho. Quanto às palavras *aroma agradável,* ver as notas sobre Lev. 1.9 e Êxo. 29.18, quanto a explicações completas.

15.8

O oferecimento do novilho era acompanhado por uma oferta pacífica ou oferta de cereais; e isso sem importar se fosse um holocausto (ver Lev. 6.9-13) ou uma oferta voluntária que envolvesse um voto (ver Lev. 7.11,12,16). Normalmente, um homem fazia um voto a fim de obter algo da parte de Yahweh, confirmando sua boa intenção por meio de uma oferenda. Uma porção maior de material era entregue nesse tipo de oferenda, conforme se vê no gráfico nas notas sobre o terceiro versículo deste capítulo. Cf. Núm. 6.2, um tipo de voto acompanhado por oferendas.

15.9

Com o novilho. Nessa oferenda era entregue uma porção de cereais e uma porção maior de materiais, a saber, seis litros de farinha de trigo, dois litros de azeite e dois litros de vinho. Mas não somos informados sobre por que essa oferenda tinha maior acompanhamento.

15.10

E de vinho para a libação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Libação.* Nesse caso, a quantidade era meio *him,* ou seja, cerca de dois litros de vinho a mais do que era usado no caso de outras libações, com outros animais. Também não somos informados por que essa oferenda era acompanhada por um maior volume de líquidos.

15.11

Este versículo sumaria as ordens acerca das oferendas que envolviam os *três* animais, cuja descrição começa pelo versículo 5 deste capítulo. Todas essas coisas *precisavam ser feitas* sob orientação de Yahweh. Certa seqüência precisava ser seguida, um certo ritual.

"Esses holocaustos e ofertas voluntárias não eram ofertas pelo pecado ou ofertas pela culpa, visto que sua forma e conteúdo eram invariáveis (ver Lev. 4.1-6.7). Antes, eram ofertas votivas, de comunhão, de agradecimentos ou de louvor (ver Lev. 1-3)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

15.12

Segundo o número. "Isto é, em proporção ao número de cabeças de gado, sem importar qual espécie exata, assim seria a quantidade da carne e das libações" (John Gill, *in loc.*). Yahweh ditara as proporções de todas as ofertas, de toda a farinha de trigo, de azeite e de vinho, tudo o que diferia dependendo do tipo de animal que tivesse de ser sacrificado.

15.13

Todos os naturais. Ou seja, todos quantos nascessem na Terra Prometida estavam na obrigação de seguir as mesmas regras. O segundo versículo deste capítulo antecipa a entrada de Israel na terra de Canaã. Uma vez ali, eles ofereceriam as oferendas descritas nos vss. 5-12; e todos os hebreus e estrangeiros que se tivessem tornado prosélitos do judaísmo tinham de acompanhar essas mesmas regras. Todavia, os gentios não-convertidos não estavam incluídos; pois, se poderiam trazer holocaustos e ofertas pacíficas, não podiam oferecer ofertas de cereais e libações. Ver as notas sobre Lev. 22.18. Somente gentios que se tivessem tornado prosélitos podiam fazer tal coisa. As palavras *todos os naturais* só podem referir-se a israelitas natos, mas o versículo seguinte acrescenta a eles os prosélitos.

15.14

Este versículo reitera o que já havia sido dito no versículo anterior. Todos os nascidos em Israel seguiriam as mesmas regras, mas somente verdadeiros prosélitos teriam permissão de acompanhar os hebreus nos seus ritos religiosos. Todas as suas oferendas, bem como aquelas feitas pelos hebreus, seriam aceitas por Yahweh, como oferendas de *aroma agradável* (ver as notas a respeito em Lev. 1.9 e Êxo. 29.18). Estão aqui em foco os *prosélitos da retidão,* e não os *prosélitos do portão,* os quais ainda eram iniciantes na busca religiosa. Os prosélitos da retidão eram os não-hebreus que já se tinham convertido plenamente, que tinham aceito todas as obrigações e responsabilidades de seu novo estado.

15.15

Este versículo reitera o que já havia sido dito. Havia apenas *uma ordenança.* E isso teria aplicação perpétua, ou seja, *nas vossas gerações.* Ver sobre essa expressão em Êxo. 29.42 e 31.16, onde ofereci informações detalhadas a esse respeito. Os hebreus não antecipavam um tempo em que seu sistema religioso e seus ritos seriam substituídos. Inevitavelmente, porém, o antigo é substituído pelo novo, porquanto ninguém pode fazer Deus estagnar. A tendência de todos os sistemas é suporem a si mesmos como eternos; mas isso é apenas uma ilusão criada pela mente humana. Nenhum sistema pode incorporar toda a verdade de Deus. Toda verdade revelada é parcial, pelo que sempre serão necessários novos sistemas. Todos os fins são *instrumentais.* Em outras palavras, servem de começo para novos princípios; não são fins absolutos. A epístola aos Hebreus é aquele livro do Novo Testamento que descreve elaboradamente como o Antigo Testamento foi substituído pelo Novo Testamento. Dentro da vontade e do tempo de Deus, haverá ainda uma *nova era,* pois o processo histórico acompanha maiores revelações da verdade. Mas, então, o que poderá vir a acontecer, quem é capaz de dizer? Talvez a segunda vinda de Cristo venha a inaugurar uma *nova era.*

Perante o Senhor. O sistema sacrificial levítico conduzia homens a Cristo, visto que tudo se afunilava na direção do Santo dos Santos, onde Deus manifestava a Sua presença. Além disso, em um sentido geral, espiritualmente falando, a finalidade daquele sistema era oferecer *acesso* a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso.* O Novo Testamento trouxe maior acesso que o Antigo Testamento (ver Hebreus 9.15 ss.).

Mais perto quero estar,
Meu Deus, de Ti,
Inda que seja a dor
Que me una a Ti!

(Sarah F. Adams)

15.16

A mesma lei. Este versículo, mediante repetição, sumaria o que já tinha sido dito nos vss. 13-15 deste capítulo. Um Deus, uma lei, um povo; unidade na adoração; igualdade no culto.

Tipologia. Em Cristo, todos os remidos são um só. Ver Gál. 3.28,29. Ademais, por meio dos mistérios da vontade de Deus, todos os homens finalmente serão um só em Cristo (ver Efé. 1.9,10).

Ofertas da Farinha Grossa (15.17-21)

15.17

Disse mais o Senhor. Essa é uma mui repetida expressão do Pentateuco, utilizada para introduzir novos materiais ou seções. E também serve ao propósito de lembrar-nos da doutrina da divina inspiração das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

"O capítulo 18 [de Números] aborda a questão das *primícias,* a qual é antecipada nesta seção. Moisés foi orientado para ordenar que o povo oferecesse suas ofertas de farinha grossa a Yahweh. Há bastante incerteza quanto a essa regra, pois o sentido das palavras é um tanto obscuro. Ao referir-se a *um bolo* (vs. 20), o escritor sagrado parece ter-se referido a um produto doméstico, e não a algum produto agrícola anualmente colhido. Atualmente, a palavra hebraica *'arisah* é usualmente associada à palavra hebraica posterior *'arsan,* que apontava para

uma *pasta de cevada*... Parece-nos que cada nova massa de cevada precisava contribuir com 'algo para Yahweh'" (John Marsh, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Primícias*.

15.18

Fala aos filhos de Israel. As mensagens dadas por Deus a Moisés eram transmitidas a Arão, a Arão e seus filhos ou ao povo. Há *oito* fórmulas de comunicação no Pentateuco, ou seja, oito modos como várias pessoas ou grupos receberiam as mensagens transmitidas por Moisés. Ver as notas expositivas em Lev. 17.2. No caso presente, a mensagem foi dirigida diretamente ao povo.

Quando chegardes à terra. Cf. o vs. 2. O autor sacro nos estava fornecendo material de uma maneira anacrônica. Israel continuava no deserto, e assim continuaria durante os próximos quarenta anos. Mas o autor *antecipou* os tipos de culto que eles teriam de seguir, uma vez que entrassem na Terra Prometida, o território que fora prometido a Abraão, no pacto abraâmico. Ver as notas sobre Gên. 15.18 quanto a esse pacto.

"Israel estava na obrigação de observar a lei referente aos bolos da *primeira massa*; mas os gentios não tinham essa obrigação" (John Gill, *in loc.*). Ver *Schulchan Aruch*, par. 2, cap. 330, sec. 1, que aplica a questão somente aos filhos de Israel, mas não aos prosélitos gentios.

15.19,20

O que temos aqui é uma espécie de oferenda dos primeiros frutos da safra de um ano, conforme vimos na introdução a esta seção. "Quando o povo entrasse na *terra* de Canaã e começasse a usufruir de sua produção, cumpria-lhes mostrar sua devoção e gratidão ao Senhor, *apresentando-Lhe* um *bolo* cosido, feito com os primeiros grãos que tivessem sido colhidos" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Tratava-se de um bolo cosido de massa de *cevada*, pois a colheita da cevada era a primeira de todas. A quantidade da massa não é determinada. Isso dependia de quem preparasse o bolo. As regras posteriores a respeito requeriam que as pessoas compartilhassem os bolos com o sacerdócio. Conforme diz o Targum de Jonathan, um vinte e quatro avos pertencia ao sacerdócio. Mas *Baal Hatturim*, ao comentar sobre esse versículo, diz que a porção era um quarenta avos. A Mishnah (*Challah*, cap. 2, sec. 7) também diz que a proporção era um vinte e quatro avos. Também houve outras regras posteriores, e nunca com qualquer acordo acerca das proporções a serem dadas aos sacerdotes.

Quando às ofertas das primícias, ver Êxo. 22.29 e suas notas expositivas. Ver também, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Primícias*, quanto a detalhes completos, incluindo aplicações figuradas.

15.21

A *repetição* fazia parte do estilo literário do autor sagrado. Aqui, novamente, ele repete o que já tinha dito, sumariando os vss. 17-21. Yahweh falara e ordenara que se fizesse uma espécie de oferenda de primícias. Sua palavra precisava ser cumprida. Essa oferenda exibiria a gratidão do povo ao Senhor. Era uma oferenda que seria feita quando os israelitas entrassem na terra de Canaã, uma espécie de festa de Dia de Ação de Graças, mas sem o peru!

Nas vossas gerações. Ver as notas sobre o vs. 15 deste capítulo, bem como Êxo. 29.42 e 31.16. Talvez Paulo tenha feito alusão ao presente versículo em Rom. 11.16.

Oferendas por Pecados Desconhecidos (15.22-31)

Já vimos no livro de Levítico instruções mais elaboradas acerca da questão tratada nesta seção. Os sacrifícios eram diferentes por causa de diferentes fontes informativas e situações históricas. Temos aqui, pois, um suplemento ao quarto capítulo de Levítico. Todos os homens pecam; todos os homens falham. Há pecados voluntários, e também há pecados cometidos como que com inocência. Um homem pode desconhecer ou negligenciar um mandamento de Yahweh, e assim errar na sua vida diária. Expiação precisava então ser feita, por ter sido desobedecida qualquer das ordens baixadas pelo Senhor. Isso poderia ocorrer por motivo de ignorância ou de negligência não-intencional. A passagem que temos aqui cobre *esses* tipos de pecados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pecado*. De acordo com a legislação mosaica, um pecado *voluntário* não podia ser expiado. Ver as notas sobre o vs. 30 deste capítulo.

15.22

A *legislação mosaica* era complexa e detalhada. Os próprios sacerdotes precisavam estudá-la cuidadosamente, para que soubessem *o que* fazer e *como* fazer. Assim, um homem facilmente podia negligenciar alguma coisa, ou fazer algo de maneira errada. Quando alguém descobrisse que tinha errado, ou se alguém lhe mostrasse que havia cometido um erro, então tinha de fazer as emendas apropriadas por meio dos sacrifícios estipulados por tais atos ou omissões.

A *seriedade* dessa questão era que Yahweh tinha falado e Moisés havia feito seu papel de mediador daquilo que fora dito. Um israelita tinha de informar-se bem quanto a essas coisas, prestando ao Senhor *obediência meticulosa*. Os apóstolos do Novo Testamento perceberam a imensa sobrecarga que tudo isso representava, tendo ensinado que essa situação havia sido *alterada* pelo Novo Testamento (Atos 15.10).

15.23

Este versículo elabora um pouco o que fora dito no versículo anterior. *Yahweh* era o originador das regras. *Moisés* era o mediador. E os *israelitas* tinham a responsabilidade de conhecer e fazer tudo quanto o Senhor ordenasse; e isso não era uma tarefa fácil. Tais leis deviam ser praticadas em Israel universalmente e para sempre. Ver as explicações sobre as palavras "nas vossas gerações" em Êxo. 29.42; 31.16, com algo mais no vs. 15 deste capítulo.

15.24

Por ignorância. No hebraico, *shagagah*, pecados cometidos *não* por vontade deliberada, mas na ignorância, inocentemente. Poderiam ser pecados de omissão ou comissão, embora não deliberadamente feitos. O vs. 30 deste capítulo mostra que as infrações deliberadas da legislação mosaica eram castigadas por meio da execução ou do banimento. A lei de Moisés não incluía provisões quanto a pecados deliberados, mas somente requeria punições severas para eles. Contrastar isso com a graça embutida no evangelho de Cristo. Não havia sacrifícios para os pecados deliberados. Ver as notas sobre o vs. 30. Cf. o que lemos aqui com Lev. 4.2 e 5.17, onde são dados maiores detalhes.

Neste versículo, estão em foco os pecados da *congregação*. A começar pelo vs. 27, estão em pauta os pecados que *indivíduos* cometessem por ignorância.

Em Levítico 4.14 um novilho é escolhido como oferta pelo pecado; no presente caso, um novilho servia de holocaustos e um cabrito como oferta pelo pecado. As circunstâncias históricas (e diferentes fontes informativas) podem explicar as diferenças. Alguns dizem que o texto presente trata com pecados de *omissão*, ao passo que os trechos de Levítico abordam os pecados de *comissão*. E isso explica as diferenças. Contudo, muitos pensam que isso constitui uma explicação dúbia, embora conveniente. A fé de um homem, contudo, não pode ser influenciada por coisas insignificantes. Há outras formas de reconciliação, mas a questão não merece explicação mais extensa. As leis mosaicas incluíam as que tinham sido dadas originalmente, e mais tarde surgiram suplementos, donde apareceram certas diferenças naturais.

Oferta pelo pecado. Ver as notas expositivas completas em Lev. 6.25,30, com adições em Lev. 4.1-35.

15.25

O sacerdote fará expiação. Ver no *Dicionário* sobre o termo *expiação*. Assim sendo, um pecado por ignorância tinha expiação, tanto no caso da congregação inteira (vss. 24-26) como no caso de meros indivíduos (vss. 27 ss.). Mas um pecado deliberado, voluntarioso, não podia ser expiado, de acordo com a legislação mosaica (ver a respeito no vs. 30). Contrastar isso com a graça maior do evangelho. Ver I João 2.2. Na dispensação neotestamentária não se faz nenhuma diferença entre o pecado de ignorância e o pecado voluntarioso, embora o trecho de Heb. 10.26 escorregue de volta à antiga maneira de pensar. Ver sobre esse trecho no *Novo Testamento Interpretado*.

15.26

Havia *expiação universal* nos sacrifícios pelos pecados involuntários; e isso cobria tanto os hebreus quanto os prosélitos gentios. Mas este versículo reitera a condição: tais pecados precisavam ter sido cometidos na *ignorância*. Ver as notas sobre o vs. 25. Está em pauta aqui a ignorância coletiva. Israel como um todo teria deixado de cumprir a vontade de Yahweh. As falhas individuais são descritas a começar pelo vs. 27.

15.27

Se alguma pessoa. Estão em foco os erros de indivíduos. Contanto que fossem cometidos não-voluntariamente, também podia haver expiação para eles. As oferendas, nesse caso, eram diferentes daquelas oferecidas em prol da congregação inteira (vs. 24). O trecho de Lev. 4.27 ss. é um paralelo ao que lemos aqui, pois fala de pecados de *comissão*. Este versículo não limita a questão. Um pecado podia ser de comissão ou de omissão. Ambas as passagens determinam a cabra como a oferenda requerida, em contraste com as diferentes instruções

(comparando-se Levítico com Números), no tocante aos pecados cometidos pela congregação de Israel. Quanto a essa questão, ver as notas sobre o vs. 24 deste capítulo.

15.28

Este versículo repete o que já havia sido dito. Os pecados cometidos por ignorância podiam ser expiados; os sacrifícios, como é óbvio, realizariam o sacrifício de uma cabra embora aquele que a trouxesse tivesse de matá-la no lado direito (norte) do altar. E então um sacerdote terminava o ritual. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Perdão*. O perdão era conferido porque Yahweh, que ordenara o sacrifício, ficaria satisfeito diante dele, e assim perdoara ao indivíduo.

"Plena expiação pelo pecado e perdão gratuito não são idéias contrárias uma à outra" (John Gill, *in loc.*).

15.29

Este versículo reitera o que já tínhamos visto no versículo anterior, exceto pelo fato de que agora somos informados de que *uma só lei* era aplicada tanto aos hebreus quanto aos prosélitos gentios. O vs. 26 é igual, mas ali *uma só lei* provia expiação e perdão para a congregação, ao passo que aqui estão em pauta meros indivíduos. A cabra era o sacrifício a ser oferecido no caso de *qualquer* indivíduo.

15.30

A pessoa que fizer alguma cousa atrevidamente. Está em foco o pecado voluntário. Uma vez mais, havia somente *uma lei* para o homem que pecasse sabendo bem que estava quebrando um mandamento de Yahweh, fosse ele hebreu ou um prosélito gentio. Tal homem seria *eliminado*, ou seja, executado, provavelmente por *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ver em Hebreus 10.26 um paralelo do Novo Testamento, cujos detalhes aparecem no *Novo Testamento Interpretado*.

Atrevidamente. No hebraico, *yad*, "mão", "poder". Algumas vezes, isso é traduzido por "mão elevada", dando a entender o punho erguido, desafiadoramente. Alguns intérpretes crêem que devemos pensar aqui em "rebeldia obstinada"; outros acreditam em alguma forma de "apostasia" agravada. Esse advérbio tem sido largamente interpretado de forma a adaptar-se aos sistemas teológicos. O mais certo, porém, é que o sentido simples e terrível do texto é que *qualquer indivíduo* que desobedecesse voluntariamente a qualquer dos mandamentos mosaicos deveria ser executado. Com base nisso, aprendemos que os pecados *deliberados* não eram perdoados sob a legislação mosaica. Somente os pecados cometidos ignorante ou inadvertidamente (conforme se aprende nos vss. 24 ss.) podiam ser expiados. Os pecados para os quais não havia expiação só podiam ser "expiados" por meio de *execução*. Temos aqui um ensino extremamente severo; mas esse parece ser o sentido do texto, apesar dos muitos truques de interpretação que tentam fazer o assunto parecer mais tolerável.

O *pecado desafiador* era blasfemo por ser uma afronta direta contra Yahweh, que fixara os mandamentos, e que agora os homens arredavam para o lado tão facilmente. Mas quem já não cometeu um pecado deliberado e desafiador, tendo conhecimento pleno do fato? Sob o evangelho, todos os pecados são perdoados; e isso certamente é um progresso, pois somente *dessa* maneira os homens podem esperar obter perdão e salvação.

No Novo Testamento, o autor da epístola aos Hebreus certamente trouxe de volta, às considerações cristãs, o quadro desse severo ensino da lei, a fim de destacar as questões da apostasia (cap. 6) e algum tipo de pecado agravado (cap. 10), que poderia ser encarado como resultante da apostasia ou conducente a esse estado. As notas sobre Hebreus 10.26, no *Novo Testamento Interpretado*, apresentam informações detalhadas sobre essa questão. Ver também Heb. 6.4 e suas notas expositivas. O resto do Novo Testamento despreza esse tipo de restrição. Para o evangelho, não há estado desesperador; não existe pecado que Cristo não possa curar, exceto o pecado da incredulidade invencível. O amor de Deus triunfa, finalmente.

Alguns pensam que o particípio *eliminada*, que figura neste versículo, significa "exclusão". Mas essa expressão, no Antigo Testamento, era com freqüência usada para indicar a idéia de "execução". Ver a introdução ao capítulo 18 de Levítico quanto aos vários modos de *punição capital*, e ver também o artigo sobre esse assunto, no *Dicionário*.

15.31

O pecado voluntário equivalia a desprezar a Yahweh, pois a questão fora esclarecida na legislação mosaica, embora fosse ignorada pelos homens. O mandamento aqui é *qualquer* lei que Yahweh desse e fosse ignorada, não se limitando à blasfêmia, à idolatria ou à apostasia. Os intérpretes tentam encontrar certos *pecados graves* que mereceriam a execução. Mas o texto está falando de *qualquer pecado* que resultasse da quebra de qualquer dos mandamentos da lei, *contanto* que efetuado deliberadamente e cometido como tal.

Qualquer Pecado Voluntarioso é uma Blasfêmia. Era isso o que o autor sagrado estava tentando dizer. *Qualquer* pecado é um desprezo à autoridade de Yahweh.

Será eliminada. Ou seja, será executada, tal como se vê no vs. 30, e também conforme interpretava o Targum de Jonathan e as autoridade em geral do hebraico. Ver *Mishnah Sanhedrin*, cap. 11, sec. 1. A iniqüidade de um homem estava *sobre ele*, e não sobre o animal morto em seu lugar. Visto que seu pecado estava sobre ele, a sua morte era *exigida*. Quando o pecado era cerimonialmente transferido para o animal, este precisava ser sacrificado. Os vss. 32 ss. provam que está em pauta a questão da execução. Nesses versículos aparece um incidente específico, a fim de ilustrar a questão.

Sorte dos Violadores do Sábado (15.32-36)

15.32

O autor estava falando em *execução*. E agora oferecia uma breve crônica para ilustrar esse ponto. Um mandamento específico foi quebrado, a saber, aquele relativo à guarda do sábado. Um homem podia trabalhar em dia de sábado ser sem um apóstata. Mas, se assim o fizesse, ele teria desobedecido a uma lei conhecida; e só se poderia presumir que ele teria quebrado uma lei que conhecia bem. E, assim, tinha-se tornado culpado de um pecado voluntário, e ficara sujeito à execução. Mas esse caso ilustra *qualquer outro caso* de quebra de uma lei conhecida, fosse ela qual fosse.

Acharam um homem apanhando lenha. Ele precisava fazer fogo, por qualquer motivo, talvez para esquentar a comida que tinha sido preparada para ser comida no sábado. Para nós, o ato dele parece extremamente *trivial*. No entanto, ele tinha quebrado uma lei conhecida. Ver Êxo. 31.14,15; 35.2. Entretanto, a leitura desse episódio não visava meramente reforçar o que tinha sido dito acerca *daquele* mandamento, e, sim, aplicar a questão a *qualquer infração* da lei mosaica, se a infração fosse cometida deliberadamente.

Um homem que juntasse lenha em dia de sábado, por mais sem importância que isso nos possa parecer, estava fazendo um tipo de trabalho, sem importar quão leve fosse. Logo, tal pessoa estaria quebrando voluntariamente uma lei conhecida. Assim sendo, era passível de execução, e, de fato, devia ser executada (ver o vs. 36 deste capítulo). Não era nenhum blasfemo radical; nem era um apostatado; antes, seu ato revestia-se de uma importância relativamente pequena. Essas circunstâncias mitigadoras, todavia, não puderam salvar-lhe a vida.

15.33

Os que o acharam. Embora o homem estivesse fazendo um trabalho tão insignificante, aqueles que o apanharam em flagrante delito não o executaram de imediato. Antes, o homem foi posto sob custódia e trazido a Moisés e Arão, a fim de ser julgado. Moisés e Arão eram os que tinham autoridade para interpretar a lei do sábado. A lei estava baixada, mas talvez ainda não estivesse absolutamente regulamentada. Talvez o homem referido nesta passagem tenha sido o primeiro a ser *apanhado* a fazer algum trabalho, depois que a lei tivesse sido baixada. Logo, ele ia tornar-se um *caso exemplar*, ou seja, o castigo que o atingiria serviria de advertência a todos, dali por diante.

O Targum de Jonathan e Jarchi ajuntam que muitos do povo admoestaram o homem para que parasse aquela atividade, mas ele recusou-se a atendê-los. Porém isso não faz parte do texto. Moisés, Arão e alguns representantes da congregação deviam julgar o caso. O homem seria submetido a julgamento.

15.34

Meteram-no em guarda. O homem foi posto sob custódia, a fim de esperar por seu julgamento. Provavelmente ele tinha esposa e filhos esperando por ele em sua tenda, mas ficou separado deles. Ele havia cometido um erro? Mas tal erro seria assim tão grave? Moisés e os demais juízes iriam decidir. Talvez ele fosse encerrado em alguma espécie de prisão, à semelhança do blasfemo mencionado em Lev. 24.12. Talvez *juntar lenha* (arrancar galhos e troncos ressequidos por suas raízes) não fosse algo que se considerasse uma quebra do sábado. Moisés e os outros decidiriam o caso. Mas o fato é que a lei mosaica mostrava o aspecto duro e inflexível da justiça divina. Daí o modo como o caso foi julgado.

15.35

Tal homem será morto. Este versículo toma-nos totalmente de surpresa. Não havia mais discussões contra e a favor. Yahweh simplesmente deu a Moisés,

o Seu mediador, a resposta, cortando assim toda e qualquer discussão. "O homem é culpado! Apedrejem-no!" Era assim que ocorria no Antigo Testamento, sob a lei mosaica.

Provavelmente o homem estava recolhendo lenha, a fim de fazer uma fogueira, algo que a lei mosaica tinha proibido de modo absoluto para dia de sábado. Ver Êxo. 35.2,3.

Era assim que ocorria no Antigo Testamento! Praticamente nenhum homem moderno poderia ter sobrevivido na antiga nação de Israel.

Por *quatro vezes* Moisés precisou buscar orientação especial acerca de circunstâncias especiais. Ele precisava de *luz* acima de sua razão. Ver Núm. 27.5 quanto a maiores comentários sobre essa questão.

15.36

A execução tinha de ser efetuada *fora do acampamento*. De outra sorte, o acampamento ficaria poluído, para nada dizermos que isso seria uma cena muito desagradável. Ver uma aplicação neotestamentária desse lugar de execução, nas notas sobre Hebreus 13.13.

E o apedrejaram. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Apedrejamento*. Em Israel, esse era o modo mais comum de *punição capital* (ver a esse respeito no *Dicionário*), embora não o único. Ver a introdução ao capítulo 18 de Levítico quanto a outros métodos de execução capital, ilustrados no tocante a atos específicos.

Não podemos duvidar de que o homem apresentou seus apelos e argumentos. Também deve ter derramado suas lágrimas. Era homem casado. Seus filhos precisariam dele etc. Mas coisa alguma poderia reverter a temível sentença. Assim eram as coisas no Antigo Testamento. O Novo Testamento, todavia, fez-nos avançar para além desse tipo de justiça, injetando amor em todos os julgamentos. Ver I Ped. 4.6 quanto ao princípio do julgamento que opera o bem, como um agente da lei do amor.

Esse episódio ilustra a grave natureza dos pecados voluntários. Eram quebras deliberadas de mandamentos conhecidos da lei. Poderiam ser atos aparentemente triviais, e, ainda assim fatais. Esse episódio ilustra o vs. 30.

O Uso das Borlas nas Vestes (15.37-41)

O uso de borlas nas vestes, como é provável, originalmente apenas fazia uso da moda. Sob a legislação mosaica, entretanto, tornou-se um auxílio mnemônico da lei de Deus, e foi regulamentado de tal maneira que se tornou um veículo desse propósito. Cf. este texto com o trecho de Deuteronômio 22.12. "Para lembrar-se dos mandamentos do Senhor, os israelitas deviam usar borlas nos cantos de suas vestes, com um fio azul preso a cada borla. Essas borlas serviam de ajudas visuais para fazê-los lembrar de que deviam obedecer a todos os Seus mandamentos" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"*Azul*, a cor celestial, usada sobre as beiradas das vestes dos sacerdotes, indicava que os servos de Deus pertenciam ao mundo celeste e tinham caráter celeste, separados das ambições e dos desejos terrenos" (*Scofield Annotated Bible*, *in loc.*).

15.37

Disse o Senhor. Essa é uma expressão usada amiúde no Pentateuco, a fim de introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

15.38

Fala aos filhos de Israel. Moisés era o *mediador* entre Yahweh e os filhos de Israel. Moisés podia transmitir uma mensagem a Arão, a Arão e seus filhos ou ao povo em geral etc. Havia *oito* modos diferentes de comunicação no Pentateuco. Ver sobre isso as notas de introdução ao trecho de Levítico 17.2.

Façam borlas. Há um detalhado artigo sobre essa questão no *Dicionário*, que o leitor deveria consultar. O termo hebraico correspondente é *sisit*, que provavelmente vem de uma raiz que significa "enflorescência". É possível que as borlas tivessem o formato de uma flor ou pétala. Tratava-se de uma adição decorativa às vestes, que serviam de lembrete: "Lembrai-vos de guardar as leis de Yahweh"". Quanto a Jesus e às borlas das vestes, ver as notas em Mat. 9.20 e 14.36.

Um cordão de azul. Ver acerca disso no último parágrafo da introdução ao versículo anterior. A cor celeste fazia os israelitas lembrar-se de suas obrigações religiosas. Ver o verbete intitulado *Vestimenta (Vestimentas)* no *Dicionário*.

15.39

Vos serão para que, vendo-as, vos lembreis. Cada vez que um homem via a borla com o cordão azul costurado na beirada de suas vestes, lembrava-se de suas obrigações para com Yahweh. E podemos ter certeza de que isso era um ato freqüente. No Oriente, o uso de borlas era um costume antigo; mas os hebreus fizeram disso um lembrete sagrado. Os judeus ortodoxos até hoje usam o *tallith*, "uma peça oblonga de tecido, com uma abertura no meio, por onde passava a cabeça, com uma borla em cada canto" (John Marsh, *in loc.*). O artigo intitulado *Borlas*, no *Dicionário*, fornece detalhes sobre sua aplicação moderna.

15.40

As *borlas*, que atuavam como lembrete para os israelitas guardarem as leis de Yahweh, haveriam de ajudá-los a manter-se santificados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Santidade*. Na mente dos hebreus, a santidade era mediada pela lei. A graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo (João 1.17), ao passo que *Moisés* foi o mediador da lei. A controvérsia entre as obras e a fé prosseguiu já dentro da época da Igreja, e persiste até os nossos próprios dias. Assim é que contamos com passagens como o capítulo 15 do livro de Atos e a epístola de Tiago, no Novo Testamento, que tratam dessa questão. Todavia, não há nisso nenhuma contradição genuína entre a fé e as obras, quando estas últimas são efeitos da atuação genuína do Espírito Santo, porquanto são expressões inatas da fé e da graça, obras produzidas pela fé, mediante o Espírito. Ver Tiago 2.20-26. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Boas Obras*, *Graça* e *Fé*.

15.41

Eu sou o Senhor vosso Deus. Essa expressão, reiterada neste mesmo versículo, é uma expressão que aparece comumente no Pentateuco, a fim de enfatizar ou reafirmar alguma coisa que fora dita, e para emprestar maior *autoridade* a uma declaração. Essa expressão foi detalhadamente comentada nas notas sobre Lev. 18.30. Os críticos pensam que essa expressão é uma característica da fonte informativa *J*, conforme é comentado naquela nota. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco.

Yahweh-Elohim (Senhor Deus) tinha e tem o direito de ditar leis. Moisés era o seu mediador diante do povo de Israel. Os israelitas eram súditos do Senhor, que deviam cumprir a Sua vontade, se quisessem ser beneficiários de Suas bênçãos graciosas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Capítulo Dezesseis

Rebelião de Coré, Datã e Abirão (16.1-50)

Moisés já havia enfrentado a rebelião encabeçada por sua própria irmã, Miriã, a qual contava com a ajuda relutante de seu irmão, Arão. Aquele caso tinha sido resolvido com um castigo desfechado por Yahweh contra Miriã, e isso em termos nada incertos (Ver Núm. 12.1 ss.). As queixas que tinham sido apresentadas por ela eram similares às que figuram neste capítulo. Moisés foi tido como ditador, dotado de autoridade que ele a si mesmo se arrogara, e não conferida por Yahweh; ou então, mesmo que a sua autoridade fosse genuína, impedia injustamente a outros homens, que também deveriam ser tratados como homens dotados de autoridade. Em outras palavras, Moisés estaria exagerando a sua autoridade. Ele estava agindo acima de sua legítima autoridade, tendo-se tornado um exclusivista.

A rebeldia de Miriã, entretanto, não tivera tempo de lançar raízes. Mas a rebelião do presente texto obteve considerável apoio, ou seja, o apoio de duzentos e cinqüenta *príncipes* ou líderes secundários do povo. Alguns homens são grandes o bastante somente para lançar uma chave inglesa no meio de uma engrenagem, e ali estavam lançadores de chaves inglesas.

Os capítulos 16 e 17 de Números registram revoltas, evidentemente combinando episódios, talvez derivados de fontes históricas diferentes. Ambas as revoltas eram contra a autoridade estabelecida. Talvez as fontes *J* e *E* expliquem o que se lê no capítulo 16, ao passo que *P.(S.)* talvez seja a fonte da revolta de Coré; e então os dois relatos foram combinados em uma única narrativa. Os eruditos conservadores não vêem sentido nessa divisão do texto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Nesse caso, não pode haver dúvidas de que vários movimentos rebeldes tiveram lugar entre aquele povo murmurador (ver a introdução a Núm. 11 e 14.22 quanto às *murmurações*).

Este capítulo 16 não identifica o lugar onde Coré (um levita) e seus associados provocaram a dificuldade. Foram capazes de recrutar a ajuda de líderes de várias tribos, pelo que parece que a revolta teve natureza tanto religiosa quanto civil. Os membros da tribo de Levi, a casta sacerdotal, intrometeram-se na ques-

tão. Os rebeldes sentiam inveja de Moisés e Arão, motivados por interesses egoístas, querendo estabelecer uma liderança mais democrática. Mas o povo de Israel fora organizado como uma teocracia; e aquela era a hora de Moisés, o representante de Yahweh. Coisa alguma poderia modificar isso, conforme os rebeldes acabaram descobrindo para sua derrota contundente.

16.1

Coré... Datã... Abirão. Esses eram os nomes dos chefes rebelados. *Todos* os nomes listados neste versículo merecem menção separada no *Dicionário*, pelo que não repito aqui essa informação. Os críticos pensam que as fontes *J* e *E* são as responsáveis pela menção a Datã e a Abirão, além dos príncipes que se aliaram a eles no conluio (ver o vs. 2). Mas o nome de Coré e os levitas derivar-se-iam da fonte *P.(S.)*. Se assim deveras sucedeu, os dois levantes foram unidos em um só, nesta narrativa; ou então devemos pensar em uma rebelião que teve duas fontes informativas um tanto diferentes. Quanto a isso, é difícil manifestar-nos de modo esclarecido. Os estudiosos conservadores, por sua vez, rejeitam essa divisão do texto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Ver também a introdução a este capítulo.

Coré era um homem revoltado, mas estava cavalgando um cavalo morto. Em nossos próprios dias, temos visto o cavalo morto do comunismo entrar em colapso, excetuando em algumas minúsculas e isoladas áreas do mundo. Mas Coré sentia que tinha de fazer as coisas a seu modo, dizendo o que queria. E também mereceu o juízo divino que lhe sobreveio. Existem revolucionários autênticos, que provocam as mudanças que se fazem necessárias; mas para cada um deles há centenas de revolucionários que servem somente para criar confusão. Coré fez um apelo em prol da *democracia*, mas Yahweh estava por trás da *monarquia*. Nem todos os povos e nem todas as situações reinantes no mundo favorecem a democracia. O caso esposado por Coré não era somente que o povo "não estava preparado para acolher as suas idéias" (conforme diz uma de minhas fontes informativas). Ele estava simplesmente *equivocado* quanto ao que tentara fazer.

16.2

Levantaram-se perante Moisés. O que os impulsionava era o espírito arrogante. Reuniram seus simpatizantes, ou seja, duzentos e cinqüenta líderes secundários de várias (talvez até de todas as) tribos. E afirmaram que estavam defendendo uma "causa justa", mas o que realmente havia em seu coração era a inveja e o ódio.

Este versículo mostra-nos que os cabeças da revolta obtiveram o apoio de homens *famosos*, dotados de *autoridade*. Não somente os três cabeças haviam despertado o populacho. Nomes famosos faziam o movimento parecer respeitável. E o oitavo versículo deste capítulo mostra-nos que entre esses homens importantes havia levitas, o que quer dizer que até parte do sacerdócio participava do levante. O próprio Coré era um levita (ver o versículo anterior).

16.3

Contra Moisés e contra Arão. Na verdade, eles não queriam "distribuir o poder". O que eles queriam era a *saída* de Moisés e de Arão. Acusaram-nos de ditadura, por não quererem dividir o poder. Não estavam querendo ser delegados. Queriam apossar-se do mando. A maioria das revoltas, dentro e fora da igreja, por algum tempo avança sob falsas alegações como essa. Uma de minhas fontes informativas, mui ridiculamente, sugere que esse movimento pode ter sido um primeiro vislumbre do "sacerdócio universal dos crentes", onde não há nenhuma classe sacerdotal distinta da massa dos crentes, mas onde *todos* os crentes são sacerdotes igualmente. Aquela interpretação lê muito, de tão pouco. Nem toda a congregação do povo de Israel era *santa* no sentido sugerido por Coré. Havia os que tinham sido consagrados para cuidar das coisas santas do tabernáculo. Eles eram *santos* no sentido sacerdotal; mas colocar homens comuns para cuidar de funções sagradas era um abuso contra o intuito e as instituições determinadas por Yahweh. Assim sendo, Moisés defendeu o caráter *especial* da casta sacerdotal (ver os vss. 7 ss.); e o restante da narrativa mostra isso de maneira dramática. Até hoje, no seio da Igreja, embora todos os crentes sejam sacerdotes, nem todos atuam no ministério, e nem todos são ordenados para ocuparem *funções ministeriais*. Jesus é o Cabeça da Igreja; os apóstolos originais foram os Seus primeiros-ministros. O Novo Testamento ensina certa ordem de ministério e de autoridade. Não se trata de uma situação em que cada qual age como bem quiser. Assim sendo, as denominações cristãs que destacam a democracia, quanto ao ministério, estão afastadas da verdade bíblica. A noção de *autoridade centralizada* sempre fez parte da ordem da Igreja do Novo Testamento.

16.4

Moisés caiu sobre o seu rosto. Isso porque, em contraste com a revolta encabeçada por Miriã, esta revolta podia criar uma dificuldade universal e permanente. Ademais, podemos estar certos de que Moisés ficou genuinamente consternado diante daquele movimento anti-Yahweh. Ele não se tinha apossado de sua autoridade. Bem pelo contrário, ele se tinha sacrificado por causa delas, e com muita relutância, no começo de sua carreira. Ver Êxo. 3.13 ss. e 4. Ele havia dito: "Envia aquele que hás de enviar, menos a mim" (Êxo. 4.13). Moisés havia sido apanhado em meio ao novo movimento, o yahwismo, mas não era o criador desse movimento. Diz o Targum de Jonathan que "Moisés corou de vergonha por causa do pecado deles", tão radical e estúpido foi esse pecado. Cf. Núm. 14.5; 16.22,45; 20.6; 22.31 quanto a outras vezes em que Moisés se prostrou de rosto em terra, como um ato de consternação e tristeza.

16.5

O Senhor fará saber quem é dele. Moisés tinha seus argumentos, mas deixou seu caso nas mãos de Yahweh, o qual tinha tomado a defesa de Israel, mesmo contra grande oposição. E agora havia outro movimento de oposição acerca da qual Yahweh teria de providenciar a Seu modo. Moisés estava pessoalmente indefeso diante da multidão de nomes importantes. A resposta viria rapidamente, porém, ou seja, *no dia seguinte*. Yahweh sempre agia *prontamente* diante da oposição, e aquela emergência não seria uma exceção.

E quem o santo. Ou seja, aquele que Deus tivesse separado como Seu ministro ou sacerdote, para cuidar do culto no tabernáculo.

Que ele fará chegar a si. Ou seja, para cuidar dos ritos do tabernáculo, onde se manifestava a presença divina. Quem poderia aproximar-se de Deus sem autorização? Moisés mostraria que tal autorização vinha da parte de Yahweh, e, por isso mesmo, todos os demais do povo deveriam ficar longe.

Aquele a quem escolher. Somente quem fosse escolhido pelo Senhor seria capaz de aproximar-se Dele. Naquele tempo, o acesso (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Acesso*) era limitado. Arão e seus filhos haviam sido escolhidos para o sacerdócio em Israel. A tribo de Levi tornou-se uma casta sacerdotal, e deveres tinham sido atribuídos aos membros daquela tribo. Yahweh havia determinado todo aquele sistema, e nenhuma quebra seria tolerada.

16.6,7

Tomai vós incensários. Temos aí o teste dos incensários. É uma espécie de reiteração do que se lê em Levítico 10.1-3, onde os filhos mais velhos de Arão, Nadabe e Abiú, foram consumidos pelo fogo divino, por haverem oferecido *fogo estranho*. Assim sendo, aqueles que tomassem do fogo sagrado nas mãos poderiam sofrer o mesmo fim. Alguns têm sugerido que uma das fontes desse relato descrevia *esse* final. Mas outra fonte contaria que o solo se abrira e engolira os revoltosos. O fogo não caiu do céu, porque isso teria consumido a todos, bons e maus. O *solo*, pois, finalmente serviu de agente do juízo divino. Os eruditos conservadores não vêem motivo algum para duvidar dos detalhes do relato, embora pareça conter duas correntes diversas de informações, alinhavadas uma à outra e adaptadas.

As Chamas Perenes. Sobre o altar dos holocaustos havia uma chama perene, que ali fora acesa. Ver sobre isso em Lev. 6.12,13. Os rebeldes acenderiam seus incensários naquela chama. Mas as chamas sagradas haveriam de consumi-los, por causa do gravíssimo erro deles (ver Núm. 16.35).

A Glória do Senhor. A presença do Senhor apareceria à porta do tabernáculo, diante da primeira cortina, ou seja, na entrada da tenda. Ver as notas em Êxo. 26.36 quanto às três cortinas do tabernáculo. Mas nenhum dos levitas teve permissão de entrar no tabernáculo propriamente dito. Todavia, teriam de entrar no átrio, a fim de se porem diante do altar dos holocaustos.

Basta-vos, filhos de Levi. Moisés usou a mesma linguagem que fora usada pelos rebeldes. Não fora ele, Moisés, quem tinha usurpado a autoridade. Os rebeldes é que tinham tentado usurpá-la. Os eventos do dia seguinte demonstrariam que eles não tinham nenhum direito de aproximar-se do tabernáculo e tomar conta de suas funções. Coré, como levita que era, tinha alguns deveres sagrados; mas tentar arrebatar as funções sagradas do tabernáculo era ultrapassar os limites e assumir uma autoridade que eles não possuíam. Coré, pois, mostrava-se excessivamente ambicioso.

16.8,9

Acaso é para vós outros cousa de somenos. Eles não pareciam satisfeitos em ser apenas levitas. Esse foi o recado de Moisés. Ser um levita já era uma grande honra, conferida por Yahweh. Mas aqueles homens invejavam os levitas que tinham sido nomeados para a ordem superior do sacerdócio, que serviam diretamente no tabernáculo. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas*. Todos os filhos de Arão (com seus respectivos ramos familiares) eram levitas; mas somente alguns deles eram sacerdotes que ministravam no tabernáculo. Um *corpo* tem *muitos membros*, e cada membro tem sua própria fun-

ção específica. Todas as funções são efetuadas de maneira harmônica umas com as outras, pois, de outra maneira, o corpo adoece. Um *artelho* (Coré) queria ser a *cabeça* (Arão). Por isso, sua causa certamente fracassaria. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Corpo,* que inclui os usos metafóricos desse vocábulo.

16.10

Até os serviços secundários dos levitas (em contraste com o serviço mais importante dos sacerdotes) constituíam uma maneira de aproximar-se de Yahweh, representando elevado privilégio. Mas alguns levitas desprezavam seus privilégios, ambicionando mais. Embora, historicamente falando, no começo, talvez não haja distinção entre os levitas comuns e os levitas-sacerdotes, este texto reflete uma diferença radical. Não obstante, todos faziam parte de uma mesma equipe e deveriam ter-se contentado, e até deveriam ter-se sentido *felizes* com isso. Aqueles homens, todavia, queriam queixar-se e provocar perturbação. Bons argumentos caem em ouvidos moucos, quando esses ouvidos são de pessoas rebeldes. Somente atos divinos são capazes de retificar certas situações.

Aos levitas foram atribuídos serviços subservientes: servir aos sacerdotes; transportar o tabernáculo; prover e armazenar madeira para fazer fogo para os holocaustos; limpar o terreno do tabernáculo; desfazer-se do lixo; cuidar dos animais a serem sacrificados e dos dízimos etc. Mas não lhes era permitido entrar no tabernáculo e prestar serviço ali, nem eles podiam envolver-se diretamente nos sacrifícios feitos. Contudo, apesar de serem secundários, esses deveres davam aos levitas privilégios maiores do que tinham os não-levitas.

O Targum de Jonathan e de Onkelos provavelmente supunham, corretamente, que o próprio Coré desejasse ser o sumo sacerdote de Israel. Ele queria dar início a uma nova ordem, da qual ele seria o cabeça.

16.11

Eles tinham em mãos uma *causa má* que em breve tornar-se-ia uma *causa perdida.* O sumo sacerdote, Arão, era o objeto principal das queixas deles. Eles queriam que Arão fosse tirado, e Coré tomasse o lugar dele. Uma vez ocupando aquela alta posição, ele administraria a "sua" democracia. Coré pretendia defender "direitos iguais", mas o que ele queria era arrebatar a autoridade para si mesmo. Murmurar contra Arão equivalia a murmurar contra Yahweh, pois Arão havia sido nomeado para seu ofício pela intervenção direta do Senhor. Cf. o conceito no Novo Testamento em 1 Timóteo 5.1,19.

16.12

Os vss. 12-15 fornecem-nos um quadro paralelo, que alguns supõem ter-se derivado de alguma fonte informativa diferente. Datã e Abirão não tinham estado presentes para ouvir as reprimendas e as instruções dadas por Moisés a Coré (vss. 8-11). Eles haviam sido convocados por Moisés para ouvirem essas instruções, mas não tinham atendido à chamada. E disseram ao mensageiro de Moisés que não subiriam para encontrar-se com Moisés; antes, aproveitaram o ensejo para queixarem-se dele. E renovaram a antiga queixa de que Moisés os tinha levado ao interior do deserto, a fim de que morressem, ao mesmo tempo em que prometia conduzi-los a uma terra que manava leite e mel. Ver o vs. 13. Alguns têm pensado que a revolta aqui referida foi diferente daquela encabeçada por Coré, e também que tenha ocorrido em uma época diferente. Ver o vs. 1.

A revolta de Datã e Abirão foi uma revolta encabeçada por leigos, porquanto esses dois homens não pertenciam à tribo de Levi. Eles encabeçavam as massas populares infelizes, ao passo que Coré encabeçou os levitas descontentes.

"...eles negavam a autoridade dele; desprezavam a sua autoridade e não queriam obedecer às suas ordens, e por isso mesmo recusaram-se a subir até o tabernáculo ou a tenda de Moisés" (John Gill, *in loc.*).

16.13

Neste ponto, os rebeldes, ao que parece, referem-se ao *Egito* como a terra que fluía leite e mel, embora essa expressão normalmente seja aplicada à Terra Prometida. Ver sobre isso em Êxo 3.8 e Núm. 13.27. Ou, então, eles queixaram-se de que a promessa era que haveriam de possuir a terra de Canaã, mas a *realidade,* conforme as coisas tinham acontecido, era de apenas vagueações pelo deserto, onde os filhos de Israel acabariam perecendo. Eles estavam querendo dizer que a liderança de Moisés havia falhado, e então precisavam de novos líderes. Como é óbvio, eles se apresentavam pessoalmente como os novos líderes de que o povo de Israel necessitava.

"Eles queixaram-se de que a terra que manava lei e mel não era aquela para onde Moisés os estava levando, e, sim, a terra de onde Moisés os havia tirado" (John Marsh, *in ioc.*).

Ver o capítulo 14 de Números quanto às *murmurações* do povo sobre como aquela promessa parecia ter falhado, e como seriam deixados no deserto a fim de perecerem. Ver a introdução ao capítulo 11, bem como o trecho de Núm. 14.22, quanto às murmurações de Israel. As notas em Núm. 14.22 referem-se às *oito* vezes diferentes em que o povo de Israel murmurou contra Yahweh e Seu mediador, Moisés, contra algumas circunstâncias que os irritavam.

16.14

Moisés teria tirado os filhos de Israel de uma terra de leite e mel, e não havia conseguido introduzi-los naquela *terra* que lhes fora prometida, e que proverbialmente era assim chamada. Ver em Êxo 3.8 e Núm. 13.27 quanto à Terra Prometida, assim chamada. Os rebeldes diziam que Moisés não estava sendo o líder que o povo havia esperado, tendo falhado em todos os pontos. Isso posto, era claro que ele tinha de ser substituído por outrem. Nem ao menos atenderiam ao pedido dele de subiram ao tabernáculo, a fim de conversar com ele sobre a questão.

Pensas que lançarás pó aos olhos destes homens? Essa pergunta pode indicar: 1. "Cegar por meio de ludíbrios", estando em pauta, nesse caso, Coré e seus colaboradores, além daqueles que tinham cooperado com Datã e Abirão. 2. Ou *literalmente,* visto que eram rebeldes, Moisés poderia mandar cegá-los, como algumas vezes acontecia com prisioneiros de guerra, aprisionados pelo inimigo. Idêntico era o castigo contra os *traidores,* como seria o caso daqueles homens, embora não quisessem reconhecer o fato. 3. Ou, *figuradamente,* "consideras que somos homens cegos (estúpidos)", pois podiam entender que tudo quanto Moisés tinha para dizer não levaria a nada. 4. Ou, finamente, talvez o versículo fale sobre *o povo em geral,* que estava sendo enganado por Moisés, com sua bela conversa, da qual nada resultava.

16.15

Esses insultos provocaram Moisés à ira, e ele rogou a Yahweh que não aceitasse os sacrifícios deles, por serem, por assim dizer, indivíduos *imundos,* que não podiam aproximar-se do tabernáculo. O termo hebraico usado aqui é *minchah,* geralmente utilizado para indicar as ofertas de cereais, mas o sentido é mais amplo. Jarchi afirmou que o pedido era de que nenhuma das oferendas deles fosse aceita, supondo que alguns deles tivessem estado envolvidos nas oferendas diárias do culto, no tabernáculo.

Nem um só jumento levei deles. Assim, à semelhança de Neemias, Moisés, embora fosse um líder absoluto, nunca tinha exigido que o povo contribuísse para enriquecê-lo. Ver Nee. 5.17-19. Moisés era o líder absoluto de Israel, o mediador entre Yahweh e o povo de Israel, mas de modo algum um tirano.

A nenhum deles fiz mal. Um tirano teria mandado executar há muito tempo aqueles rebeldes; mas Moisés não lhes fizera mal algum. Yahweh, porém, não haveria de mostrar-se tão ameno com eles, conforme a narrativa logo nos haverá de mostrar. Foi com esse argumento que Moisés vindicou a si mesmo: não tinha sido um opressor, conforme costuma suceder à maioria do governantes, nem em um sentido econômico nem no tocante à integridade física de seus adversários.

16.16

A partir deste ponto, a história volta a Coré e seus seguidores. Eles dispuseram-se (conforme foram firmemente comandados por Moisés) a comparecer diante do tabernáculo, a fim de se submeterem ao teste dos incensários (vs. 6). O problema seria solucionado mediante um apelo para que Yahweh agisse e indicasse quem Ele havia escolhido. Arão far-se-ia presente, e seria determinado quem era o sacerdote legítimo, e também quem não o era.

16.17

Tomai cada um. Cada homem deveria tomar um incensário, não do tipo usado no tabernáculo, mas qualquer vaso que servisse a tal propósito. E esperava-se que algum tipo de sinal da parte de Yahweh mostraria a Sua vontade quanto ao sacerdócio em Israel. O "fogo" de quem seria aceito diante de Deus? A *fumaça ascendente* funcionava como se estivessem subindo orações que pediam de Deus uma resposta. *Fogo estranho* não podia ser oferecido sobre o altar dos holocaustos, dentro do átrio do tabernáculo. Ali o teste seria feito. Aquele que tivesse fogo estranho a oferecer terminaria como Nadabe e Abiú, julgado pelas chama, ou, de alguma outra maneira, executado por Yahweh (ver Lev. 10.1-3).

Arão e Coré tomariam seus incensários, munidos de incenso, e o ofício do sumo sacerdote seria transferido para um ou para outro, e assim Yahweh o indicasse. Dessarte, o contesto envolvia todos os ofícios do sacerdócio, grandes e pequenos.

Datã e Abirão não se fariam presentes com seus incensários, mas Moisés levaria a confrontação diretamente até as tendas deles (vs. 27).

16.18

Perante a porta da tenda. Devemos pensar aqui na cortina que separava o átrio do tabernáculo do espaço externo, embora pareça que a confrontação teria come-

çado diante do altar dos holocaustos. O fogo seria tirado das chamas do altar. Para alguns, aquele fogo seria seguro; para outros, fatal.

A porta referida não era a que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo, nem a que separava o átrio do Lugar Santo. Ver as notas em Êxo. 26.36 quanto às *três* cortinas ou portas. As pessoas envolvidas bateriam fogo no átrio e pôr-se-iam de pé diante da primeira cortina, a fim de esperarem para ver o que aconteceria.

16.19

Coré tinha obtido algum apoio popular, pelo que sua multidão sem dúvida se fizera presente. Mas também haveria os apoiadores de Moisés, além de muitos outros que eram apenas espectadores. Contando todos, haveria numerosa multidão esperando pelo resultado do contesto. Jarchi supunha que Coré tinha percorrido o acampamento em busca de apoio, e isso teria garantido que uma numerosa multidão estaria ali para assistir ao espetáculo.

De súbito, desceu a *Presença* gloriosa de Yahweh, mediante algum tipo de manifestação diferente, ou na nuvem que pairava acima do tabernáculo. Cf. Núm. 14.10. A presença divina instruiu Moisés e Arão para que se separassem dos rebeldes, porquanto as chamas do juízo divino (conforme são descritas em Núm. 10.1 ss.) estavam prontas para ferir novamente.

16.20,21

Disse o Senhor. Um modo comum de introduzir novos materiais no Pentateuco, além de fazer-nos lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Mas *aqui* a expressão é simplesmente usada para dar continuação à narrativa. Moisés estava prestes a vindicar Moisés, executando os rebeldes; mas isso era visto como um ato perigoso, porquanto alguns dos espectadores da cena eram inocentes. E, assim, a área precisava ser limpa. Somente então o fogo cairia, pondo fim à rebelião. Desse modo, o fogo divino *purificaria* o acampamento, tal como tinha acontecido no caso dos filhos insensatos de Arão (Núm. 10.1 ss.).

Os duzentos e cinqüenta rebeldes seriam consumidos pelas chamas (vs. 35); mas várias coisas tinham de acontecer primeiro, conforme a narrativa deixa claro. Coré e seus seguidores constituíam a maior parte da multidão presente. Mas alguns poucos apoiadores inocentes de Moisés estavam entre ele. Foi muito triste que Moisés tivesse recebido a ordem de afastar-se da *congregação,* para efeito de segurança, pois a maior parte deles se tinha unido à revolta. Todavia, aquela parte da congregação que não aderira à rebelião seria salva pelos avisos de Yahweh (vss. 24 e 26). Ao que parece, o relato quer dizer-nos que os avisos de Yahweh foram eficazes, salvando *até aquela parte* da congregação que se aliara à revolta. Nesse caso, temos aqui um exemplo excelente de como funciona, misericordiosamente, o amor de Deus, até mesmo para com aqueles que erram.

16.22

Parece que este versículo afirma que "por amor aos inocentes", a congregação inteira, *incluindo* aqueles que se tinham aliado à rebelião, seria salva pelas advertências feitas por Yahweh. No entanto, os líderes e os duzentos e cinqüenta príncipes pereceram. E assim, as massas que haviam sido enganadas escaparam pela graça de Deus; mas aqueles que as tinham iludido não foram poupados. Os mestres e líderes sempre levam sobre si o juízo maior, pois são os que deveriam fazer melhor do que semear o descontentamento ou cometer outros erros sérios. Ver esse princípio aplicado em Tiago 3.1.

Autor e Conservador de toda vida. Sobretudo segundo se vê no original hebraico, onde é usada a palavra *ruah,* "espírito", temos aqui uma daquelas poucas referências, no Pentateuco, à parte imaterial do homem. A Septuaginta traduziu essa palavra pelo termo grego *pneuma*, que pode significar a respiração comum. O *sopro de Deus* foi conferido ao homem quando do ato criativo (Gên. 2.7). Na teologia posterior dos hebreus, essa palavra era usada para indicar a porção imaterial do ser humano, o que talvez seja refletido em Isaías 26.9. O trecho de Eclesiastes 12.7 também usa o termo hebraico *ruah* para indicar a parte imaterial do homem que volta para Deus por ocasião da morte. E assim foi-se desenvolvendo a doutrina, embora no Pentateuco haja bem poucas indicações a respeito, e este versículo pode ser uma dessas indicações. Os estudiosos, contudo, disputam o ponto. Alguns eruditos solucionam o problema supondo que este versículo reflita uma data tardia e uma teologia posterior, que ainda não tinha aceitação nos dias de Moisés. Outros tentam projetar esse conceito de volta aos dias de Moisés. Ver Gên. 1.26,27 quando a uma discussão sobre a questão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia e Teologia* o artigo chamado *Imortalidade.* Ver no *Dicionário* o artigo *Alma.*

Seja como for, este versículo atribui toda a vida humana a uma origem divina. Aquele que deu a vida não se apressa por extingui-la. Por isso mesmo, a congregação enganada receberia misericórdia e teria permissão de viver. Não eram culpados de pecado grave, como no caso de Coré e seus seguidores, pelo que sobreviveram, devido à misericórdia divina. Coré colheria o resultado de seu pecado, sob a forma de um resultado natural. Sem dúvida, *Moisés* serviu de mediador em todo o incidente, embora o plural "eles" indique a ajuda de Arão na intercessão que foi feita. A intercessão de Moisés era sempre eficaz. Cf. Êxo. 32.11 ss. Ver também Núm. 14.13 ss. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Intercessão.* Cf. Gên. 18.25, onde se historia uma intercessão feita por Abraão.

Alguns estudiosos pensam que os "espíritos" aqui referidos (segundo se vê no original hebraico) indicam as emoções e os intuitos humanos, uma referência à natureza psicológica deles, e não à alma imaterial. Porém, a idéia de *alma* parece estar em pauta. A frase é repetida em Núm. 27.16. Tudo isso reflete a compreensão que Deus, como um Ser onisciente, tem sobre o ser humano.

Um só homem. Havia nessas palavras algum exagero. Muito mais do que um único homem havia pecado; mas a multidão fora facilmente enganada, e a misericórdia de Yahweh haveria de poupá-los.

16.23

Respondeu o Senhor. Temos nisso uma expressão freqüente no Pentateuco, usada para indicar o começo de novos materiais, como também para lembrar-nos da doutrina da divina inspiração divina das Escrituras. Ver Lev. 1.1 e 4.1. O uso dessa expressão aqui (traduzida de modo levemente diferente do que se vê em outras passagens, na Bíblia em português) pode indicar uma fonte separada para a breve seção que se segue, acerca dos rebeldes, ou que houve duas histórias alinhavadas juntas, para fornecer-nos a história da rebelião. Talvez duas rebeliões tivessem ocorrido, ao passo que o autor sagrado as transformou em um único relato empregando mais de uma fonte informativa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria múltipla do Pentateuco, além de outras notas na introdução a este capítulo.

16.24

Fala a toda esta congregação. Yahweh falava e Moisés era o *intermediário* entre Ele e o povo de Israel. Às vezes ele transmitia as mensagens a Arão; de outras vezes a Arão e seus filhos; e de outras vezes ao povo de Israel etc. Há *oito* formas de comunicação que se seguem às palavras "Falou o Senhor". Ver as notas sobre essa questão na introdução ao trecho de Levítico 17.2. Neste caso, Moisés transmitiu a mensagem à *congregação* que se deixara envolver pela rebelião de Coré. Yahweh dera-lhes uma oportunidade de evitar o drástico castigo que estava prestes a sobrevir, pois se eram culpados de seguir um mau líder, não tinham sido eles os cabeças intelectuais da rebelião. O vs. 21 mostra-nos o intuito de Yahweh de destruir a *todos,* sem distinção. Alguns dos circunstantes davam seu apoio a Moisés, embora outros fossem meros espectadores. A graça de Deus estendeu-se às massas, embora não aos líderes da revolta. Ver I Crô. 6.22.

Habitação de Coré, Datã e Abirão. Era mister afastarem-se do lugar onde residiam Coré e os outros dois líderes do conluio. Mas teriam de permanecer "distantes do tabernáculo", pois era ali que eles estavam. A palavra aqui traduzida por "habitação" nunca é usada para indicar outra coisa, fora desta passagem, senão o tabernáculo. Portanto, o texto e um tanto desajeitado, e os críticos vêem nisso uma reunião de fontes informativas, conforme já tínhamos comentado no versículo anterior e na introdução a este capítulo. Os estudiosos conservadores são forçados a supor que o autor sacro tenha usado a mesma palavra que usualmente aponta para o tabernáculo, a fim de referir-se à habitação de um homem, um uso sem dúvida singular. Naturalmente, o termo hebraico *mishkan* pode ter esse sentido não-sagrado, embora o autor geralmente não costumasse fazer isso, excetuando *aqui.* Seja como for, Yahweh ordenou uma *separação* radical para longe dos rebelados, porquanto quem permanecesse com eles pereceria juntamente com eles. Essa palavra reaparece no vs. 27 deste capítulo, referindo-se à habitação de outros rebeldes. Alguns estudiosos, contudo, sugerem que os rebeldes tinham erguido um *tabernáculo rival,* mas tal solução parece muito exagerada.

16.25

A Datã e a Abirão. Eles se tinham recusado a vir ao encontro de Moisés, no tabernáculo, para se submeterem ao teste dos incensários (vs. 6), mas a recusa não impediria o julgamento que sobreviria. Eles haviam provocado a tempestade que lhes seria fatal, e agora os eventos deveriam chegar à sua conclusão natural. O homem sempre foi "provocador de tempestades", e isso para seu próprio malefício. O próprio pecado desperta tempestades, e os homens são arrebatados por toda forma de dificuldades e tragédias, quando as tempestades fogem ao controle.

Após ele foram os anciãos de Israel. Supomos que esses *anciãos* fossem aqueles que deram seu apoio a Moisés, embora talvez a referência seja geral. Alguns estavam envolvidos no conluio, e outros não. Talvez estejam em foco os setenta príncipes descritos no segundo capítulo de Números. Eles seriam os líderes mais interessados pelo resultado do conflito.

16.26

Desviai-vos. Separarem-se os israelitas daqueles homens maus era a condição para a continuação da vida. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Separação do Crente,* quanto aos princípios morais e espirituais envolvidos. Naquelas *tendas* os rebeldes tinham cozinhado seus planos malignos, conversando noite a dentro sobre como removeriam Moisés da posição de mando e tomando o lugar deles. As tendas se tinham tornado lugares de malignas imaginações.

Não toqueis nada do que é seu. Provavelmente isso aponta para a pilhagem que, naturalmente, seguir-se-ia à destruição, conforme se vê tão comumente na história humana, antiga e moderna. Os rebeldes em breve estariam mortos, e todos os seus bens correriam o perigo de ser pilhados. Mas Moisés disse ao povo que em nada tocassem do que pertencia aos rebeldes, pois quem assim fizesse participaria dos pecados dos rebelados. Moisés estava presente para resolver problemas, e não para acumular bens materiais. Aqueles homens malignos haviam *contaminado* tudo quanto era deles, e assim o povo recebeu ordens para se manter distante.

"Em contraste com o conceito individual de culpa, dos versículos anteriores, neste ponto o relato repousa sobre a noção mais primitiva da solidariedade. Moisés desceu até os rebeldes, e ordenou que o povo se afastasse deles. Os anciãos estavam ao lado de Moisés, e temos a impressão de que uma das versões da história da rebelião mostrava que os rebeldes estavam limitados a alguns poucos rubenitas, descontentes por haver perdido o primado de sua tribo" (John Marsh, *in loc.*). Datã e Abirão, é claro, eram rubenitas, conforme vemos no primeiro versículo deste capítulo. *Eliabe* era da tribo de Rúben. Ver sobre esse nome no *Dicionário,* no seu segundo ponto. É difícil dizer quanto de verdade há nessa especulação.

16.27

Habitação de Coré, Datã e Abirão. Tal como se vê no vs. 24 deste capítulo, embora alguns eruditos especulem que se trataria de uma espécie de *tabernáculo rival.* Ver as notas sobre o vs. 24. Aquele que quisesse sobreviver, teria de *fugir* daquele lugar. O golpe destruidor de Yahweh estava pronto a ser desfechado.

Os outros rebeldes, Datã e Abirão, ambos rubenitas (ver sobre eles no *Dicionário*) foram chamados para fora de suas tendas. Eles não haveriam de escapar do *golpe* fulminante. Seus pobres familiares tiveram de acompanhá-los. Seriam esses apanhados e pereceriam, devido a uma culpa coletiva? A resposta do vs. 33 é "sim"!

"Eles saíram de cabeça erguida, não se deixando abater de maneira nenhuma diante do que agora os ameaçava, e a aparência e os gestos deles transpareciam de desafio a Moisés e aos anciãos que estavam com ele" (John Gill, *in loc.*).

Neste ponto, não se faz nenhuma menção à participação de Coré e seu grupo; mas devemos imaginar isso, com base em indicações dadas no vs. 24 deste capítulo. Todos os rebeldes eram aliados uns dos outros. Coré e seus seguidores, contudo, morreram no fogo divino (ver Núm. 16.35 cf. 26.10). Alguns intérpretes supõem que Coré e seus homens se tenham afastado das tendas dos outros rebeldes, mas isso não os livrou do julgamento fatal.

16.28

Então disse Moisés. A autoridade de Moisés estava sendo submetida à prova. Era preciso fazer uma opção. Moisés era ou não o mediador entre Yahweh e o povo de Israel? Se fosse, então a ameaça de morte (vs. 29) logo removeria os rebeldes. Se nada sucedesse, então Moisés estaria laborando em erro e deveria ser removido da liderança. Moisés estava seguro de sua própria autoridade, mas isso precisava ser *demonstrado* diante do povo. Ele estivera presente a fim de convencer ao Faraó, mediante muitos prodígios, que o povo de Israel deveria deixar o Egito. Moisés também havia efetuado prodígios no deserto. No entanto, Israel não havia entrado na Terra Prometida, por haverem afrouxado na fronteira, e *isso* fora lançado na conta de Moisés. Eles argumentavam: "Ele exigiu de nós uma coisa impossível, o que significa que é um mau líder!". Visto que as evidências tinham terminado de modo inconclusivo, na mente do povo, um teste definitivo tinha de ocorrer.

Não procedem de mim mesmo. A liderança de Moisés procedia do próprio *Yahweh,* e as obras que ele realizava não procediam dele mesmo. Ver Êxo. 3.13 ss.; 4.13. Moisés sabia disso, mas os israelitas não estavam agora tão certos.

16.29

Se morrerem estes como todos os homens morrem. Ou seja, devido à idade avançada, ou a alguma enfermidade crônica e debilitante, conforme morre a maioria dos homens, ou por meio de alguma *visitação* comum, como uma praga, pela espada, por algum acidente etc., que também arrebatam a vida de muitas pessoas, então, mediante a circunstância da natureza *comum* de suas mortes, tornar-se-ia claro que Moisés era apenas um impostor, conforme os rebeldes diziam que ele era. Ele fingiria possuir iluminação e autoridade divina, mas faltavam evidências sólidas em apoio às suas reivindicações.

16.30

Alguma cousa inaudita. Aqueles homens miseráveis tinham de morrer de alguma forma *incomum* de morte, tão extraordinária que fosse absolutamente convincente, levando todos a dizer: "Foi Yahweh quem fez isso!". Moisés havia proferido a punição capital por meio de algum ato divino incomum, que não pudesse ser interpretado de modo duvidoso pelos israelitas.

E a terra abrir a sua boca. Moisés ou foi impelido por Yahweh a sugerir esse modo incomum de morte; ou então Deus fez com eles morressem daquela maneira simplesmente porque Moisés fizera a sugestão. Seja como for, o fato é que assim sucedeu. Ninguém jamais vira a terra fender-se de súbito e engolir seres humanos, embora isso às vezes aconteça, em momentos de abalos sísmicos. Os críticos supõem ter havido um fenômeno natural, mas o *momento preciso* de sua ocorrência e a maneira seletiva das suas vítimas (pois foram engolidos exclusivamente os rebeldes) serviram de prova da origem divina do castigo.

Vivos descerem ao abismo. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Sheol,* aqui traduzido por "abismo". A doutrina judaica do "sheol" atravessou um longo período de desenvolvimento. No começo, o "sheol" era apenas o sepulcro. Em seguida, veio a indicar um horrendo lugar para fantasmas idos da terra, fragmentos não-inteligentes de personalidades antes vivas, que ficariam vagueando naquele horrendo lugar de sombras. Finalmente, os fantasmas passaram a ser concebidos como almas capazes de raciocinar. Depois, o lugar passou a ser guarida de almas boas e más, igualmente. Finalmente, o sheol passou a ser concebido como dotado de dois compartimentos, um para os maus e outro para os bons. Esse é o estágio da doutrina que achamos no capítulo 16 de Lucas. Provavelmente, porém, nos dias de Moisés, o termo "sheol" era sinônimo de "sepulcro". A terra, pois, abriu-se e engoliu os rebeldes; para em seguida fechar-se, e ali os rebeldes encontraram seus *sepulcros.* A maioria dos intérpretes, liberais e conservadores igualmente, concorda que o Pentateuco não envolve doutrina que se pareça com a do inferno ou hades, nem mesmo uma doutrina do céu. Naquela coletânea de livros sagrados não há nenhuma advertência de que os homens maus sofreriam castigo para além da morte biológica, nem promessa de que os bons levariam uma existência abençoada no pós-túmulo. Essas grandes doutrinas tiveram de esperar por um tempo posterior a fim de se desenvolverem, tal como sucedeu à doutrina da própria alma. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Alma* e *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos;* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, ver* o artigo chamado *Imortalidade.*

Naturalmente, nos intérpretes judeus posteriores, o versículo à nossa frente era explicado em termos da teologia posterior dos hebreus, e não em termos do estágio em que o *sheol* já havia progredido até os dias de Moisés. Mas isso representa um estudo *anacrônico* do texto. Ver minhas notas em Gên. 37.35.

16.31

Acabando ele de falar. Moisés falou e sua *ameaça de morte* produziu resultados, diante dos olhos aterrorizados do povo. Foi uma cena dramática, para dizer o mínimo! O drama era uma prova absoluta da autoridade de Moisés, *derivada de Deus,* bem como da falsidade dos seus pretensos oponentes. O abalo sísmico sugerido pelos críticos fica muito aquém da descrição bíblica. Pode ter sido um terremoto, mas um terremoto localizado, produzido divinamente, específico para aquela ocasião.

"... tudo ocorreu pela mão imediata e pela força toda-poderosa de Deus, e ocorreu exatamente conforme Moisés havia sugerido que sucederia, e assim que ele acabou de proferir suas palavras" (John Gill, *in loc.*).

16.32

A Terra os Cobriu. É provável que estejam em pauta Coré, Datã, Abirão e seus familiares, bem como suas tendas e seus bens. Um *fogo* haveria de destruir os duzentos e cinqüenta rebeldes, conforme lemos no vs. 35 deste capítulo. Coré não é mencionado especificamente em nenhum lugar. Porém, em Números 26.10, Coré aparece incluído nas mortes causadas pela abertura miraculosa da terra. O Salmo 106.17 menciona somente Datã, Abirão e seus aliados como os que sofreram quando a terra os engoliu; e assim alguns intérpretes supõem que Coré e seu grupo

tenham morrido devido o fogo que se manifestou em seguida. Nesse caso, Números 26.10 pode representar uma declaração descuidada, da parte do autor, que não fez ali distinção entre os *dois* tipos de morte que o relato menciona. Deuteronômio 11.6 concorda com o Salmo 106.17. Os críticos apontam para essa aparente confusão como evidência de sua teoria de que *dois* relatos foram combinados em um só. Seriam derivados de fontes informativas diferentes, que conteriam informações diversas. Seja como for, essas diferenças, e até mesmo discrepâncias, não se revestem de importância capital, e não deveriam ocupar o nosso tempo. Lições espirituais estão sendo ensinadas, e essas lições é que devem ocupar a nossa atenção.

Josefo (*Antiq.* 1.4. cap. 3, sec. 2), como também Aben Ezra e outras antigas autoridades judaicas, afirma que Coré morreu nas chamas.

O trecho de Números 26.11 informa-nos que nem todos os familiares de Coré morreram. E isso é verdade. Nos tempos de Davi, são mencionados seus descendentes (vários Salmos são atribuídos a eles). Ver 1 Crônicas 6.22,23,38 e também as notas expositivas sobre Núm. 26.11.

16.33

Eles e todos os que lhe pertenciam. Todos esses estavam associados a Coré, como seus familiares, amigos, cooperadores etc. Tudo e todos pereceram com ele, embora não em um sentido absoluto, conforme vimos nas notas sobre o versículo anterior. "O fato de que as mulheres e os filhos de Coré, Datã e Abirão foram incluídos no pavoroso julgamento divino (vss. 27 e 32) ilustra novamente o princípio veterotestamentário da solidariedade de família, bem como da punição coletiva dos descendentes daqueles que pecam contra Deus (Êxodo 20.5,6; 34.6,7; Josué 7.16-26)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Contraste isso com Deuteronômio 24.16, onde lemos que cada indivíduo levará seu próprio pecado, de tal maneira que o filho não pagará pelo pai, nem o pai pelo filho. Mas ambos os conceitos existiam lado a lado na teologia hebraica, sem nenhuma tentativa de reconciliação. Cf. Eze. 18.1-3,13-18. Ver minhas notas em Núm. 14.18 quanto a algumas tentativas de reconciliação.

16.34

Todo o Israel... fugiu do seu grito. O povo correu para salvar sua própria vida, diante dos gritos aterrorizados das vítimas, gritos que ecoavam em seus ouvidos. O Targum de Jonatham observa: "Os israelitas fugiram para escapar do som dos gritos de terror, bem como para sua própria segurança". A rebeldia da multidão, pois, prontamente foi reduzida ao pânico.

16.35

Procedente do Senhor saiu fogo. O fogo desempenhou a tarefa especial de consumir aqueles duzentos e cinqüenta rebeldes que se tinham bandeado para os revoltosos. As tradições judaicas dizem que Coré e seus associados foram consumidos pelo fogo, ao passo que o trecho de Números 26.10 diz que eles também foram engolidos pela terra. Quanto a esse problema, ver as notas em Núm. 16.32. Seja como for, o tipo de juízo divino que acabou com Nadabe e Abiú (ver Lev. 10.2 ss.), também eliminou os líderes da rebelião, sendo presumível que *Coré* tenha sido o rebelde principal. Com a passagem do tempo, a destruição por meio do fogo tornou-se uma metáfora para indicar a punição sofrida no hades. Mas a consolidação desse símbolo só teve lugar nos livros de Enoque, livros pseudepígrafos do período intertestamentário. De fato, as chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque, conforme bem o sabem os teólogos históricos.

Por conseguinte, Coré e seu grupo de seguidores morreram mediante o mesmo elemento que tinham usado para defraudar, o fogo. Ver as notas sobre o vs. 6 deste capítulo quanto à "prova dos incensários".

16.36

Disse o Senhor. Essa é expressão usada com freqüência no Pentateuco, sendo utilizada para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina. Ver a esse respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

Os vss. 36-50 dão prosseguimento o relato sobre Coré, adicionando então o detalhe, talvez baseado na fonte informativa *P*, conforme alguns críticos supõem. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. Vemos neste relato os resultados adversos da rebeldia contra o Senhor, o que nos ensina a rejeitar tal atitude. O que é mais incrível, entretanto, é que tão poderosos atos de Yahweh não foram capazes de fazer o povo de Israel parar de murmurar (vs. 41). Conforme já poderíamos antecipar, pois, falhou outro julgamento divino, e assim o antigo padrão se repetiu por várias e várias vezes.

16.37,38

Santidade por Contágio. Aquilo que tocasse em algo santo tornava-se santo. Esse é um antigo princípio, estranho para nós, mas inteligível para a teologia do antigo povo de Israel. Ver Lev. 6.18, onde anotei conceito, e também Êxo. 29.37 e 30.29. Em consonância com a idéia, aquilo que tocasse uma coisa imundo também se tornava (cerimonialmente) imunda. Ver Lev. 5.2,5. Os duzentos e cinqüenta rebeldes tinham feitos seus incensários para *a prova dos incensários* (ver o vs. 6). Mas eram incensários de blasfêmia, pois a idéia era que os rebeldes, ao usá-los, apossar-se-iam do culto do tabernáculo. Não obstante, tinham sido acesos com as chamas do altar dos holocaustos, e esse *contato* os tinha tornado santos. Ver Lev. 6.12,13 quanto às *chamas perenes* que queimavam constantemente sobre esse altar.

Nenhum objeto sagrado podia ser usado para propósito profano. Logo foi mister espalhar as brasas dos incensários que tinham sido santificados mediante seu uso. Desse modo, nenhum outro uso podia ser feito daquelas brasas. Elas se apagariam, e isso seria o fim da questão.

Os próprios incensários (vs. 38) tinham-se tornado santos, e não podiam ser simplesmente jogados fora. Antes, deveriam ser aquecidos ao rubro e martelados para se tornarem chapas de bronze (vs. 39), para servirem de cobertura do altar. Esse material recobriria o altar, e sua presença tornou-se um memorial do santo ofício que fora dado aos antigos incensários, além da confirmação do sumo sacerdócio de Arão, mediante o teste dos incensários (vs. 6). Ver Êxo 27.2 quanto à cobertura de bronze do altar. Esse altar já dispunha de uma cobertura de bronze, conforme aquela referência indica. Mas sobre esse topo, foi posto um segundo. Ver o vs. 40 deste capítulo sobre como essa segunda cobertura serviria de *memorial de advertência.* Somente os sacerdotes autorizados (descendentes diretos de Arão) podiam servir como sacerdotes.

Perante o Senhor. Isso tudo seria feito por ordem de Yahweh, *perante quem* os incensários tinham sido usados. Essa aproximação fizera o metal dos incensários tornar-se utilizável somente para uso sagrado.

16.39

Eleazar. Ele era um dos sacerdotes autorizados de Israel, um dos filhos de Arão. Ver no *Dicionário* sobre esse nome. A ele foi entregue a tarefa de fazer dos incensários uma chapa de bronze para ser posta sobre o altar, sobre a chapa de bronze que já existia ali. E ele cumpriu a ordem recebida.

16.40

"Este versículo mostra o propósito da história de Coré: destacar as prerrogativas do sacerdócio aarônico" (*Oxford Annotated Bible*, falando sobre o presente versículo).

A chapa de bronze era um *memorial* ou sinal desse fato, um lembrete constante acerca de quem o Senhor dera autoridade (vss. 38 e 39). Diariamente, o povo traria os seus sacrifícios até o altar, sacrificando-os no lado direito (norte). O sacerdote autorizado tomava as partes do animal e seu sangue, sacrificando-o sobre o altar. Todos seriam forçados a ver aquela cobertura de bronze, tanto o homem que trouxesse o sacrifício quanto o sacerdote oficiante. O ato de *ver* aquela cobertura lembraria a todos da autorização dada por Yahweh quanto ao sacerdócio aarônico.

Tipologia. Essa cobertura podia representar, simbolicamente, a nova autoridade que foi dada a Jesus Cristo, no Novo Testamento. Pois *agora* Ele é o único sumo sacerdote autorizado que tem acesso a Deus. Ver Heb. 9.24 ss. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Acesso.* E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo *Sumo Sacerdote, Cristo como.*

Deus adapta a ira humana para o bem. Os incensários dos rebeldes acabaram recebendo um bom uso. Foi um ato da *providência de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Na cruz, Deus fez a ira do homem tornar-se em motivo de louvor a Ele.

16.41

No dia seguinte toda a congregação... murmurou contra Moisés e contra Arão. Quanto a notas sobre esse constante pecado de murmuração do povo de Israel, ver a introdução ao capítulo 11 de Números. O trecho de Núm. 14.22 fornece ao leitor *oito* instâncias desse pecado. Este texto adiciona outra instância, que havia sido olvidada na exposição daquele versículo.

O vs. 34 deste capítulo mostra que os israelitas fugiram de diante da ira de Deus. Mas nem por isso o coração deles tinha sido transformado. Tão-somente eles haviam temido ser engolidos pela terra, como aconteceu a certos líderes da revolta (vss. 32 e 33). Mas, passado o temor, eles voltaram a seu velho pecado, queixando-se de Moisés e lamentando pela morte dos rebeldes. O juízo divino é que abrira a terra e enviara fogo para devorar os duzentos e cinqüenta homens que tinham manipulado os incensários. Mas o povo lançou a culpa de tudo sobre Moisés e Arão.

"Trata-se da mais surpreendente instância da corrupção e da depravação da natureza humana, da cegueira, dureza e estupidez do coração humano, o que coisa alguma pode remover, exceto a graça de Deus" (John Gill, *in loc.*).

Matastes o povo do Senhor. É verdade que os rebeldes mortos eram israelitas; mas eles haviam perdido seu direito à vida, ao tentarem defender a rebelião. O juízo de Deus começa pela casa de Deus (ver I Ped. 4.17).

16.42

A Glória do Senhor apareceu. A fim de impedir que as ameaças do povo terminassem em homicídio (conforme já havia acontecido potencialmente; ver Núm. 14.10), a glória da presença de Yahweh apareceu na nuvem, por sobre o tabernáculo. E foi assim que aqueles ameaçadores israelitas foram subitamente ameaçados de morte por Yahweh. O Targum de Jonathan diz que a nuvem apareceu com o propósito de executar o povo. A ira de Deus esteve muito próxima de explodir. Um grande número de rebeldes havia morrido no dia anterior. Parece que haveria outra grande matança. O povo de Israel nunca aprendia. A glória do Senhor apareceu na nuvem, conforme também se vira no vs. 19 deste capítulo. Moisés e Arão foram novamente livrados das mãos daquela turba de assassinos.

16.43

Moisés e Arão. Sem nenhum temor, esses dois aproximaram da manifestação divina. Suas tendas não estavam longe. O Targum de Jonathan diz que "e Moisés e Arão saíram da congregação à porta do tabernáculo". A nuvem apareceu a fim de *encorajar e proteger* os dois. Depois de tudo dito e feito, a menos que a presença de Deus esteja ali, a vida humana é inútil. Deus é a origem de toda a vida humana e de toda existência, bem como seu sustentador (Col. 1.16). Cf. Êxo. 40.34-38.

16.44

Então falou o Senhor. Essa é uma expressão por muitas vezes repetida no Pentateuco, usualmente empregada para introduzir novos materiais. Também nos faz lembrar da inspiração divina. Ver as notas sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1. Neste ponto, a expressão apresenta uma urgente advertência e uma instrução. A vida estava em perigo. Moisés precisou obedecer imediatamente à ordem dada por Yahweh.

16.45

A ira de Deus estava prestes a ser descarregada, conforme havia acontecido no dia anterior. Cf. o vs. 21 deste capítulo, virtualmente igual a este. Aquele incidente havia provocado a intercessão imediata de Moisés, e a mesma coisa acontecia agora, conforme o texto sagrado nos mostra.

Então se prostraram sobre os seus rostos. Quando este texto diz que Moisés e Arão se prostraram sobre seus rostos, dá a entender que o fizeram com temor; mas também indica que eles começaram a interceder pelo povo, tal e qual vimos no vs. 22. O autor sacro não nos fornece as palavras usadas na intercessão, mas ele sabia que entenderíamos que isso tivera lugar. A intercessão de Moisés é um tema freqüente no Pentateuco. Cf. Êxo. 32.31 ss.; Núm. 14.13 ss.; 16.21; 21.7. A oração é mais poderosa do que a profecia e o juízo divino.

Mais colsas são realizadas pela oração
Do que este mundo imagina.

(Tennyson)

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei,
e abrir-se-vos-á.

(Mateus 7.7)

Ora bem quem ama bem.

(Samuel Coleridge)

As orações de Moisés eram eficazes mesmo no caso daquela gente rebelde, porque eram temperadas pelo amor e pela misericórdia. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Oração* e *Intercessão*. A eficaz oração *fervorosa* de um homem reto tem grande valor (ver Tia. 5.16). Elias era homem semelhante a nós, mas suas orações fizeram as chuvas parar e recomeçar. Os trechos de Mateus 5.44 e Lucas 23.34 encerram orações em favor de inimigos e perseguidores. Essa era uma dimensão da oração que Moisés conhecia bem, mas a qual é praticamente *impossível para pessoas de menor* espiritualidade.

Tipologia. O grande intercessor é Cristo, o Novo Moisés, e o Seu Espírito. Ver Rom. 8.26,34; Heb. 7.25. Meu artigo intitulado *Intercessão,* no *Dicionário,* seções III e IV, comenta com detalhes sobre essas questões.

16.46

Disse Moisés a Arão. Moisés sabia que o julgamento imposto por Yahweh já havia começado. Sua mente fora *iluminada* por Yahweh. Por isso, ordenou que Arão oferecesse prontamente uma *oferta pelo pecado* (ver Lev. 6.25,30), em favor do povo, para abrandar a ira do Senhor. Mediante *expiação* (ver a esse respeito no *Dicionário*), Moisés esperava reduzir a ira de Deus, que ele sabia que seria inevitável de outra maneira. Já havia começado uma praga, e o espírito iluminado de Moisés reconheceu isso.

Foi efetuada uma oferta pelo pecado, mas sem o animal, pois não havia tempo para seguir o modo de proceder regular. Moisés esperava que seu sacrifício improvisado exerceria algum efeito. Talvez assim tenha acontecido, mas nada menos de catorze mil e setecentas pessoas pereceram naquele dia (vs. 49). Contudo, não nos é informado sobre em que consistiu a tal praga.

Toma o teu incensário, põe nele fogo do altar. Esses foram os elementos do sacrifício improvisado; e até certo ponto, foram eficazes (vs. 50), ao passo que o sacrifício oferecido pelos rebeldes trouxera apenas destruição (vs. 35). Provavelmente o autor tencionava que sua mensagem fosse entendida com esse sentido.

16.47

E fez expiação pelo povo. Arão correu por entre o povo, com seu incenso queimando, aceso pelas chamas perenes do altar dos holocaustos (ver Lev. 6.12,13). As ofertas pelo pecado sempre foram oferecidas sobre o altar; mas a oferenda de Arão foi feita entre povo, porquanto era ali que estava a praga. Outrossim, era proibido oferecer incenso em qualquer lugar fora do tabernáculo; mas a urgente necessidade inspirou um ato diferente. Portanto, naquela *emergência,* não foram seguidas as regras estritas da lei. Nenhum conjunto de regras é capaz de antecipar todas as situações possíveis, e, algumas vezes, as regras são quebradas por *amor à praticidade.* Jesus rompeu todas as regras veterotestamentárias quando estabeleceu a nova adoração, em *substituição* à antiga.

Esperou-se que o odor perfumado do incenso seria como um sacrifício oferecido sobre o altar do incenso, e que Yahweh se satisfaria com a fragrância. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* Ver as notas sobre *aroma agradável,* em Lev. 1.9 e Êxo. 29.18. Uma vez satisfeito, Yahweh mitigaria a Sua ira. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Antropatismo.*

Tipologia. Ver as notas em Efé. 5.2, onde Cristo aparece como a oferta de odor suave, que agrada a Deus.

"A ocasião inteira foi extraordinária. Em ocasiões ordinárias, o *incenso* só podia ser oferecido sobre o altar de ouro, dentro do Lugar Santo, onde ministravam os sacerdotes" (Ellicott, *in loc.*).

16.48

Quando Arão chegou entre o povo, já era tarde demais para muita gente. Muitos já haviam morrido de alguma praga terrível e fatal, que não é descrita para nós. E assim, Arão pôs-se de pé com o incenso a queimar, entre os vivos e os mortos. Mas as coisas, desse jeito, não foram tão más como poderiam ter sido (vs. 50).

Tipologia. Arão tipificava a Cristo, o Mediador entre Deus e o homem, Aquele que serve entre os vivos e os mortos (ver I Ped. 3.18-4.6). Ver no *Dicionário* o artigo *Mediação (Mediador).* Ver a terceira seção desse artigo, *Cristo, o Único Mediador.* A quarta seção trata da *mediação e oração.* Ver Efé 5.2 quanto a um comentário do Novo Testamento a esse respeito.

E cessou a praga. Tinha havido uma matança terrível, embora não tão generalizada como teria acontecido se Arão não tivesse oferecido aquela forma de expiação.

O incenso é um símbolo da oração (ver Êxo. 30.8; Sal. 141.2; Luc. 1.9,10; Apo. 5.8; 8.3,4). *Um incensário só,* nas mãos do sacerdote autorizado por Deus, teve o condão de salvar vidas, ao passo que duzentos e cinqüenta incensários, nas mãos de sacerdotes falsos, serviram somente para espalhar a destruição.

16.49

Catorze mil e setecentos. Esse foi o número dos mortos, entre os murmuradores. Isso em adição ao grande número de outros que tinham perecido na rebeldia da qual Coré havia sido o líder principal. O autor sagrado não se importa em fornecer-nos o número exato das vítimas, mas sem dúvida o total alcançou mais de quinze mil pessoas. A segunda matança foi muito mais vasta que a primeira, tendo atingido a *congregação,* e não somente os seus líderes rebelados. A congregação havia insistido na sua atitude rebelde, embora os líderes já tivessem sido eliminados. Por isso mesmo, foi mister o Senhor aplicar um mui severo golpe, como juízo divino.

16.50

Voltou Arão. Ele fizera bem a sua tarefa. A praga cessara. E assim o sumo sacerdote retornou a Moisés, que estava na *porta* do tabernáculo, ou seja, diante da *primeira cortina*, a qual formava a porta que separava o átrio do espaço exterior. Ver Êxo. 26.36 quanto às *três cortinas*, todas as quais funcionavam como portas.

"De modo diferente do incenso oferecido por Coré, o incenso oferecido por Arão foi aceito por Yahweh, e, ademais, mostrou ser eficaz" (John Marsh, *in loc.*).

A praga havia cessado. Pelo momento, a ira de Yahweh descansava.

Capítulo Dezessete

Floresce a Vara de Arão (17.1-13)

O *espírito rebelde* dos filhos de Israel era maligno e persistente. O capítulo 16 de Números registra longamente como Yahweh, em Seus juízos, dominara a dissensão. Mas isso não fora o bastante. O capítulo à nossa frente diz como Moisés foi obrigado a fornecer um *sinal* miraculoso, o da vara de Arão que floresceu, para demonstrar mais ainda o direito que tinha a tribo de Levi ao sacerdócio, em contraste com as tribos "seculares".

"Visto que a autoridade sacerdotal de Arão tinha sido desafiada (capítulo 16), o Senhor mostrava agora, a todo o povo de Israel, que Arão é quem retinha essa autoridade, com exclusão de todos os demais reivindicadores" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"Essa narrativa reflete a tensão entre os levitas e as tribos seculares, provendo uma prova positiva mediante a qual os levitas foram aprovados, em lugar de um teste negativo, mediante o qual outros foram rejeitados" (John Marsh, *in loc.*).

17.1

Disse o Senhor. Essa é uma expressão freqüente no Pentateuco, empregada para indicar o início de novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

17.2

Fala aos filhos de Israel. A mensagem foi dada a Moisés como mediador entre Yahweh e o povo de Israel. Então ele passou a mensagem ao povo. De outras vezes ele falava com Aráo, ou com Arão e seus filhos. Há *oito* fórmulas diferentes de comunicação. Ver as notas expositivas sobre isso em Lev. 17.2.

Recebe deles... doze varas. Se fosse contada a "tribo" de Levi, as tribos seriam treze, e não doze. Mas a tribo de Levi tornara-se uma casta sacerdotal, tendo perdido a sua condição de tribo dotada de terras. Ver Núm. 1.47 ss. Portanto, se tirarmos do quadro a tribo de Levi, ficaremos com onze tribos. Não havia tribo de José, o que reduzia o número das tribos para dez. Mas havia duas tribos *descendentes de José*, ou seja, descendentes de Efraim e de Manassés. Adicionando essas duas às dez, chegamos ao número tradicional de *doze* tribos.

Não entendemos exatamente qual o intuito do autor sacro. Talvez houvesse treze varas, doze para as tribos seculares, e uma para Levi, a casta sacerdotal. Ou então, conforme alguns supõem, havia apenas uma vara para os descendentes de José, ou seja, descendentes de Efraim e Manassés. Alguns eruditos supõem que o autor sagrado tenha incorrido aqui em um pequeno equívoco, tendo-se esquecido de como foram conseguidas as doze tribos tradicionais, pelo que deveria ter escrito "treze", e não doze. Ver Deuteronômio 27.12,13, que pode ser trecho usado para defender a teoria da combinação dos descendentes de Manassés e Efraim. Ali é mencionado *José*, em vez de serem mencionados os seus dois filhos.

As *varas*, ao que parece, eram de amendoeiras. Em cada vara foi inscrito o nome de um *príncipe* ou de uma tribo. Cada um desses nomes, *potencialmente*, falava do direito de sua tribo ao sacerdócio. Conforme vimos em Números 16.6, o "teste dos incensários", temos aqui **o** "teste das varas"; mas ambos os testes apontavam para quem possuía a autoridade sacerdotal. Quanto aos *príncipes*, ver o capítulo 2 de Números, onde eles são todos mencionados. Há notas sobre eles no *Dicionário*. Cf. este versículo com Eze. 37.16.

"A vara era símbolo da autoridade tribal" (*Oxford Annotated Bible*, sobre este versículo). Quanto à lista das tribos, ver Números 1.5-15. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vara*.

Amendoeira. Conforme já vimos, parece que as varas eram de amendoeiras. No hebraico, a palavra significa "árvore despertadora", provavelmente porque sua folhagem profusa e seus muitos botões anunciavam a chegada da primavera. A raiz básica dessa palavra, no hebraico, é *shaqad*, "despertar", "vigiar". "A idéia de vigilância, que faz parte básica do sentido da palavra-raiz, fornece-nos a chave da explicação do termo hebraico para a amendoeira. Essa espécie vegetal, que em Israel floresce tão cedo quanto janeiro ou fevereiro, é afetuosamente considerada o arauto da primavera, razão pela qual era chamada de *shaqued*, 'despertadora'" (*Theological Wordbook of the Old Testament*, R. Laird Harris, editor).

17.3

A *casta sacerdotal de Levi* tinha Arão, o sumo sacerdote, como seu cabeça, e seu nome foi escrito sobre a vara que representava aquela tribo. Ele encabeçava aquela "tribo", e cada príncipe encabeçava uma das tribos "seculares". Arão descendia do segundo filho de Levi, pelo que ele não era a cabeça natural daquela casta; mas o Senhor o tinha escolhido para ser o cabeça. Por essa razão, tornara-se o sumo sacerdote.

17.4

Na tenda da congregação. Ou seja, no Lugar Santo, ao que tudo indica diante da *terceira* cortina, que formava a porta que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Era ali que estava o "testemunho", ou seja, a *arca da aliança* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ver sobre as *três cortinas* em Êxo. 26.36, e sobre o *testemunho* em Êxo. 16.34 e 25.16, onde aparecem notas expositivas detalhadas. Naquele lugar, manifestava-se a presença de Yahweh, fazendo dele o local da orientação, da comunicação, da comunhão e da autoridade. A presença de Deus é que realizaria o milagre da vara florescente, o que serviria de indicação de qual tribo fora escolhida para ser a casta sacerdotal.

17.5

A vara do homem que eu escolher, essa florescerá. O tipo de milagre confirmatório que deveria ter lugar, para mostrar a tribo que se tornara a casta sacerdotal, foi anunciado de antemão, para todos o entendessem. Tão grande milagre, era de esperar, poria fim a todas as *murmurações*. Quanto a essa questão, ver a introdução ao capítulo 11 de Números. Houve *nove* instâncias de murmuração, anotadas em Números 14.22.

17.6

Todos os seus príncipes lhe deram varas. As ordens foram cumpridas. Este versículo, de acordo com o estilo literário do autor sacro, reitera cuidadosamente todos os detalhes que já haviam sido dados. O que fora ordenado, foi cumprido. Ver a idéia de *obediência* como uma forma de sumariar os relatos, em Números 1.54.

Houve Mesmo Doze Varas? Essa pergunta já foi investigada nas notas sobre o segundo versículo deste capítulo. A versão latina do Antigo Testamento fala em "treze", em lugar de doze, porque a vara de Arão parece ter sido *adicionada* às doze varas dos príncipes. Porém, não há como investigar o ponto, e nem isso é importante. A tradição judaica comum fala em doze varas, fazendo a tribo de *José* (formada por descendentes de Efraim e Manassés) ter sido representada por uma única vara.

17.7

Moisés dispusera as varas conforme Yahweh lhe ordenara, ou seja, "perante o Senhor", diante da *terceira cortina*, aquela que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Ver sobre essa situação nas notas sobre o vs. 4 deste capítulo. A presença de Yahweh seria o poder que efetuaria o milagre. Algumas vezes, somente o poder de Deus é capaz de outorgar-nos orientação. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

17.8

Eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, brotara. Ocasionalmente, durante a noite, Yahweh se fazia presente. Ele insuflou vida na vara morta. A vara florescera e produzira amêndoas. O milagre foi completo e poderoso. Não restava dúvida. *Somente* a vara de Arão havia sofrido transformação. As demais jaziam estéreis e mortas como sempre. Uma vara estava viva; todas as outras estavam mortas. O sinal foi dramático e convincente. As amêndoas eram maduras e perfeitas, conforme nos asseguram os Targuns ou comentários dos judeus. Houve ali o elemento da *perfeição*. As outras varas eram apenas galhos secos.

Tipologia. Os intérpretes cristãos vêem aqui não somente um símbolo da autoridade do sacerdócio de Jesus, mas também um símbolo da *ressurreição* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Nele, a morte irrompeu na vida, e essa vida é dada a todos quantos Nele confiam. "Cada um dos príncipes das tribos trouxe uma vara

perfeitamente morta. Deus insuflou *vida* somente na vara de Arão. Todos os autores de religião têm morrido, Cristo entre eles; mas somente Cristo ressuscitou dentre os mortos, tendo sido exaltado para ocupar a posição de Sumo Sacerdote (Heb. 4.14; 5.4-10)" (*Scofield Annotated Bible*, falando sobre este versículo). Cf. Isaías 53.2, onde o Messias figura como uma *raiz* que sai de uma terra seca. Ver também Zacarias 4.6. Tudo ocorreu não por força nem por poder, mas pelo Espírito de Deus.

"Todos os elementos desse milagre estavam tão acima de todos os poderes da natureza que não restou mais nenhuma dúvida na mente dos israelitas" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.9

Moisés trouxe todas as varas. Cada príncipe trouxe de volta a sua respectiva vara. Todas elas continuavam secas, mortas. A evidência estava diante de seus olhos. Cada homem pôde identificar a sua vara. Não havia nenhum truque. Não tinha havido qualquer substituição. Cada uma das varas tinha estado "perante o Senhor". Nenhuma tinha sido deixada de fora. Yahweh havia passado por ali. Ele poderia ter feito florescer qualquer uma das varas. Mas o Seu poder mostrara-se *seletivo* e *instrutivo*. Nenhuma as varas tinha sido favorecida, exceto a de *Arão*, cuja autoridade fora assim confirmada.

17.10

Assim farás acabar as suas murmurações. O argumento era irretorquível. A vara de Arão, em contraste com os galhos secos dos príncipes, exibia os *três* estágios da vida vegetal: os botões, as flores e as amêndoas, todas as três coisas ao mesmo tempo, algo realmente incomum. E isso tornou-se um *sinal* contra os rebeldes, que tinham pretendido enfraquecer ou eliminar a autoridade de Arão. O sinal divino dizia: "Vocês estão equivocados. Cessem em suas murmurações rebeldes". Era importante que parassem em suas murmurações, que já haviam resultado em tremenda matança, de nada menos de quinze mil pessoas (capítulo 16).

As tradições judaicas, como os comentários de Kimchi (sobre 2 Crônicas 35.3) e de Maimônides, Hilchot. Beth Habechirah, cap. 4, sec. seguida por Heb. 9.4, dizem que a vara de Arão, que floresceu, foi preservada como uma relíquia, no interior da arca da aliança. Ver as notas completas sobre esse versículo — Hebreus 9.4 — no *Novo Testamento Interpretado*. A exatidão dessa tradição tem sido posta em dúvida, conforme aquelas notas explicam.

17.11

E Moisés fez assim. Temos aqui outra menção à *obediência*, como um sumário de algum relato. Ver o vs. 6 deste capítulo, e também Números 1.54. As notas sobre o versículo anterior mostram o que o mandamento divino determinava, e este versículo afirma que a ordem foi *cumprida*.

17.12

Expiramos, perecemos, perecemos todos. Dominados pelo temor, eles reconheceram seu pecado por terem feito oposição a Arão, porquanto Yahweh acabara de fornecer-lhes uma evidência irrefutável da autoridade de Arão. Eles mereciam ser executados pelo poder de Yahweh, tal como já havia sucedido a quinze mil outros israelitas, que tinham morrido por motivo de *rebeldia*. Exclamaram que todos pereceriam, porquanto todos eles tinham sido enganados para seguirem a Coré e sua turba. Tinham-se feito seguidores de uma revolta fraudulenta, que só causara prejuízos a Israel. O Targum de Jonathan diz aqui: "Alguns de nós têm sido consumidos pelas chamas; outros dentre nós foram engolidos pela terra e se perderam, e eis que todos nós somos considerados culpados de *todas* essas mortes, dignos de perecerem".

"Histórias dessa *natureza são bastante comuns*. A vara de José de Arimatéia lançou raízes em Glastonbury; a maça de Hércules brotou ao lado da estátua de Hermes; a lança de Rômulo lançou raízes e cresceu. Aqui a história maravilhosa recebe um lugar proeminente, subordinada a uma verdade moral e religiosa. O florescimento da amendoeira tornou-se símbolo da vigilância de Deus sobre o povo de Israel (cf. Jer. 1.11). O nome hebraico para *amendoeira* significa *desperta*" (John Marsh, *in loc.*).

17.13

Tabernáculo do Senhor. Por essa altura, a estrutura tornara-se o lugar do terror. Ninguém podia aproximar-se do tabernáculo, com exceção dos sacerdotes aarônicos, autorizados. Dali emanava o poder e o terror. Sobreviveria algum homem em Israel, em face de tão severa exibição da ira divina? Gray traduziu a última frase do capítulo como: "Acabaremos expirando todos?". Jamais se abateria a ira divina? Não fazia muito tempo, e muitos deles desejavam "tomar conta" do tabernáculo, expulsando dali Arão e seus filhos. Mas agora ninguém ousava aproximar-se daquele lugar. As versões siríaca e árabe, bem como o Targum de Onkelos, traduzem esse fim do capítulo como: "Estamos prestes a ser consumidos!"

Capítulo Dezoito

Deveres e Direitos dos Sacerdotes (18.1-32)

O capítulo 16 de Números registra uma revolta virtualmente generalizada contra a casta sacerdotal, a tribo de Levi, investida em Arão. Várias matanças puniram um povo rebelde. O capítulo 17 reafirma a autoridade de Arão mediante o relato da vara que produziu botões, flores e amêndoas. Agora, no capítulo 18, são dados vários deveres dos sacerdotes e levitas, aqueles que foram nomeados para cuidar do serviço sagrado. Ver no *Dicionário* os artigos *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas*.

"Aos sacerdotes cabia cuidar do santuário e do altar, ao passo que o resto da tribo de Levi devia ajudá-los, mas sem jamais tocar no altar ou nos demais móveis e utensílios sacros. Isso foi uma resposta direta à pergunta feita pelo povo, em Números 17.13" (John Marsh, *in loc.*).

18.1

Disse o Senhor a Arão. Essa expressão, "disse o Senhor", é usada amiúde no Pentateuco, a fim de introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Usualmente Yahweh falava a Moisés, o Mediador entre o Senhor e o povo de Israel. Mas neste caso lemos que o Senhor se dirigiu a Arão, o sumo sacerdote, a quem cabia a tarefa de garantir a propriedade do culto santo. Ver as notas sobre essa expressão em Lev. 1.1 e 4.1.

Levareis sobre vós a iniqüidade. Em outras palavras, eles teriam de arcar com as conseqüências de qualquer impropriedade no culto (Êxo. 28.38). Os sacerdotes teriam de prestar conta pelas poluções legais quanto ao serviço sagrado e o culto, e teriam de apresentar a expiação necessária e os ritos especificados, para cuidar das infrações. Eles receberam a responsabilidade tanto de prestar um serviço positivo quanto de reparar pelos erros cometidos.

"O ofício dos sacerdotes incluía a tremenda tarefa de manusear os instrumentos sagrados do tabernáculo, e de seguir os ritos divinamente determinados pelo infinito e santo Deus" (Eugene H. Merrill, *in ioc.*). Arão e seus filhos (vs. 7) tinham esses deveres. E os demais levitas atuariam como seus assistentes (vss. 2-4).

18.2

Teus irmãos, a tribo de Levi. Os sacerdotes oficiavam no tabernáculo, conforme se vê no versículo anterior. O restante dos levitas eram seus auxiliares, mas não ministravam no tabernáculo (vss. 2-4). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas*.

Duplo Ministério. Os sacerdotes ministravam em favor do povo, perante o Senhor, no tabernáculo. Os levitas, em contraste, ministravam aos sacerdotes.

Para que se ajuntem a ti. Ou seja, como colegas levitas, mas de ordem e autoridade secundárias, para trabalharem como assistentes, no átrio do tabernáculo e em outros lugares, mas não no próprio tabernáculo. Os versículos que se seguem fornecem-nos alguns detalhes sobre as tarefas deles.

18.3

Farão o serviço que lhes é devido. Isso fala em subordinação. As tarefas dos levitas não-sacerdotes seriam ditadas aos levitas pelos sacerdotes. Esse serviço dizia respeito ao tabernáculo, mas não no tabernáculo propriamente dito. Eles não podiam aproximar-se dos instrumentos sagrados, dos altares, da mesa dos pães da proposição, do candeeiro, para nada dizermos sobre o Santo dos Santos. Se eles se aproximassem desses objetos do culto, seriam mortos por Yahweh, tal como sucederia a qualquer outro israelita "estranho", que não estava autorizado a ir além daquele lugar. O acesso do povo estava limitado ao labor *representativo* dos sacerdotes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Acesso*. O ministério de Cristo, porém, removeu todas essas limitações. Ele é o nosso Sumo Sacerdote, e nós, os crentes, somos todos *sacerdotes*.

Cf. Núm. 3.5-10 e 8.5-22 com este versículo, no que concerne ao trabalho dos levitas, assistentes dos sacerdotes.

18.4

Farão todo o serviço. Cf. Núm. 1.53 e 3.7,8, e ver as notas naqueles lugares que têm aplicação aqui.

O estranho. Ou seja, um israelita que não fosse sacerdote, sem autorização para trabalhar no tabernáculo e seu culto. Um *intruso* podia morrer golpeado por Yahweh. Os levitas, entre outros deveres, trabalhavam como *guardas*. Não se permitia que uma pessoa não-autorizada se aproximasse do tabernáculo. O povo de Israel acampava-se em torno do tabernáculo. Aquele era o centro da vida. Ver o gráfico que ilustra isso, antes das notas sobre Números 1.1. Mas os recintos do tabernáculo não eram franqueados senão aos levitas. Os levitas podiam servir no átrio; mas somente os sacerdotes podiam adentrar o tabernáculo.

18.5

Este versículo expande o que lemos no versículo anterior. Os levitas serviam de sentinelas nos recintos do tabernáculo. Mas somente os sacerdotes ocupavam-se do *culto* efetuado no tabernáculo. O "vós" com que este versículo começa refere-se aos sacerdotes. Se essa ordem fosse desobedecida, haveria mais castigos da parte de Yahweh, conforme fora amplamente ilustrado no capítulo 16.

"O Sumo Sacerdote estava encarregado do Santo dos Santos, realizando ali o que era mister, no dia da expiação. E os sacerdotes comuns estavam encarregados do Lugar Santo, a fim de ocuparem-se de tudo quanto dizia respeito ao altar do incenso, aos pães da proposição, ao candelabro e ao altar dos holocaustos, que ficavam no átrio do tabernáculo [e no Lugar Santo]" (John Gill, *in loc.*). Ademais, os levitas, no átrio, ocupavam-se de tarefas manuais, conforme os sacerdotes lhes determinassem que fizessem, ou montando guarda para que nenhum intruso se aproximasse dos móveis e utensílios sagrados.

18.6

Tomei vossos irmãos, os levitas. Os assistentes (levitas) deviam ser vistos como *dons* conferidos aos sacerdotes, para ajudá-los em suas tarefas. Eles serviam ao Senhor, embora em uma posição subordinada. Ver as notas em Núm. 3.12 quanto à base histórica desse dom, a casta sacerdotal que tomou o lugar dos filhos primogênitos no culto sagrado. As notas em Núm. 3.9 exploram essa idéia de um dom ou presente. Ver as notas sobre Núm. 3.7-9 quanto aos detalhes sobre as questões abordadas neste texto.

18.7

Duplo Presente. Os levitas foram dados aos sacerdotes como um presentes, a fim de ajudá-los no culto. Mas os sacerdotes receberam outro presente, a saber, o sacerdócio propriamente dito. Com isso, tornaram-se representantes especiais de Yahweh, para servirem ao povo de maneira especial. As tarefas específicas que lhes competia cumprir já tinham sido dadas no quinto versículo deste capítulo, e o autor sagrado, de acordo com seu estilo literário costumeiro, repete aqui essas incumbências.

Altar. Está em pauta o altar dos holocaustos, chamado também de "altar de bronze", por causa de sua cobertura de bronze. Ver as notas sobre o *Altar de Bronze*, em Êxo. 27.1. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Altar do Incenso*, bem como o artigo geral *Altar*. O serviço dos altares cabia exclusivamente aos sacerdotes.

Uma Responsabilidade Sagrada. Deus confia missões diversas aos homens; e essas missões são *presentes*, visto que são outorgadas pela graça divina. Cada missão envolve seu próprio equipamento especial, sob a forma de habilidades e aptidões. A própria vida é uma *realização sagrada*, como também as missões envolvidas na vida. Todas as coisas boas e perfeitas vêm da parte de Deus (Tia. 1.17; cf. Heb. 5.4). Ninguém pode honrar-se a si mesmo. Deus é quem honra os homens. Os sacerdotes de Israel não se tinham apossado de seu ofício para si mesmos. Essa honraria lhes fora dada por Yahweh.

Para dentro do véu. Em outras palavras, pelo lado de dentro da *terceira cortina*, aquela que formava a "porta" que ligava o Santo Lugar e o Santo dos Santos. Ver sobre as *três* cortinas nas notas sobre Êxo. 26.36. Apenas o sumo sacerdote podia ministrar no Santo dos Santos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sumo Sacerdote*. Ver a planta baixa do tabernáculo na introdução ao capítulo 26 do livro de Êxodo.

Morrerá. Ou seja, seria "executado", e isso por *apedrejamento* (ver a respeito no *Dicionário*). Nenhum "estranho" podia presumir exercer o sacerdócio, o qual fora conferido exclusivamente a Arão e a seus filhos, como um presente divino. Quem poderia furtar um dom de Yahweh e não sofrer por isso?

Deveres dos Sacerdotes (18.8-20)

18.8

Este versículo dá prosseguimento aos deveres atinentes ao tabernáculo, nos quais somente os sacerdotes podiam envolver-se.

Disse mais o Senhor. Essa expressão é usada amiúde no Pentateuco, a fim de indicar o início de alguma nova seção. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Usualmente os recados divinos eram dados a Moisés, o Mediador entre Yahweh e o povo de Israel; mas em Núm. 18.1,8 e Lev. 10.8, Deus dirigiu-se diretamente a Arão. Quanto às oito fórmulas de comunicação divina, ver as notas em Lev. 17.2.

O que foi separado das minhas ofertas. Os sacerdotes viviam do serviço que prestavam, recebendo certas porções dos animais e dos cereais oferecidos para eles e para os membros masculinos de suas família. Ilustrei como isso operava no gráfico existente no começo da exposição do livro de Levítico. Quanto às porções que cabiam aos sacerdotes, ver Lev. 7.11-21 e 7.28-38. Ver Núm. 6.2 quanto aos *oito* tipos de oferendas de que participavam os sacerdotes. Ver I Coríntios 9.9 quanto ao princípio que se estendeu ao Novo Testamento. Ver Lev. 2.2,3 quanto a outras informações sobre a questão.

As cousas consagradas. Certas porções das oferendas santas cabiam aos sacerdotes, conforme veremos ilustrado nas notas sobre o versículo seguinte. Essas porções cabiam a Arão e seus filhos, ou seja, continuamente pertenciam ao sacerdócio aarônico, por todas as gerações dos filhos de Israel. A regra que se aplicava aos ritos do tabernáculo teve prosseguimento.

Dei-as por direito perpétuo. Ver sobre essa expressão, anotada com detalhes, em Lev. 1.22 e 6.22. Ver também a expressão similar, "durante as vossas gerações", em Lev. 3.17. Os hebreus não esperavam o fim de seu complexo sistema de sacrifícios, e teriam ficado ofendidos se alguém sugerisse que isso poderia acontecer algum dia. Não havia Yahweh instituído esse sistema de forma perpétua? Não obstante, o Antigo Testamento acabou sendo substituído pelo Novo Testamento. O Novo Testamento escreveu uma única palavra sobre tudo isso, *Cristo*. Os sistemas antigos se entrincheiram por trás de sua "perpetuidade"; mas os fins são sempre *instrumentais*, tornando-se assim, ao mesmo tempo, novos começos.

18.9

Cousas santíssimas. Ver Lev. 2.3 quanto a coisas "mais" ou "menos" santas. A ingestão das coisas santíssimas só podia ter lugar no átrio do tabernáculo, a fim de que não fossem profanadas mediante o toque por parte de alguma coisa comum. Ali tinha lugar a refeição comunal, da qual participavam os sacerdotes e seus filhos homens, com exclusão de todas as demais pessoas. Nem mesmo os familiares deles tinham acesso a essas porções das oferendas.

Ofertas de manjares. Ver as notas a respeito em Lev. 6.14-18, e também outras notas em Lev. 2.1-16.

Ofertas pelo pecado. Ver as notas a respeito em Lev. 6.25,30, e também outras notas em Lev. 4.1-35.

Ofertas pela culpa. Ver as notas a respeito em Lev. 7.1-7, e também outras notas em Lev. 6.1-7.

18.10

No lugar santíssimo o comerás. Esse lugar era o átrio do tabernáculo. Ver Lev. 6.16,25; 7.6. A ingestão das coisas "santíssimas" (versículo anterior) limita-se exclusivamente aos sacerdotes, e somente no tabernáculo. Era uma refeição comunal limitada, por assim dizer uma comunhão fechada. Alguns intérpretes, destacando os trechos de Lev. 6.18,29 e 7.6, afirmam que outros membros *masculinos* das famílias dos sacerdotes podiam participar dessa refeição comunal. Os membros masculinos deveriam ter um mínimo de treze anos de idade. A família inteira, incluindo as mulheres, podiam participar de certas refeições comunais, conforme vemos no próximo versículo.

As porções pertencentes a Yahweh eram a gordura, os órgãos internos, como os rins (ver Lev. 3), e o sangue. Essas porções eram queimadas sobre o altar; o sangue era vertido ou aspergido. O resto dos animais podia ser comido pelos sacerdotes.

18.11

E as tuas filhas contigo. Logo, até os membros femininos da família de um sacerdote podiam participar de certas refeições comunais, conforme vemos abaixo.

As ofertas movidas. Ver a respeito nas notas sobre Êxo. 29.23 e 24. Esse era um direito perpétuo dos sacerdotes, estabelecido pelas normas mosaicas. Ver Lev. 7.34. Essas eram as coisas *menos* santas. Ver as notas em Lev. 2.3 quanto as coisas mais santas e menos santas. As coisas menos santas podiam ser comidas tanto em casa quanto em qualquer lugar limpo. Por "limpo" devemos entender algo cerimonialmente puro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo.* Eram as mesmas coisas que as ofertas de comunhão (cf. Lev. 7.11-18). Ver também Lev. 22.10-13.

18.12

Todo o melhor do... Temos aqui a mesma liberalidade que é descrita nas notas sobre o vs. 11 (as famílias dos sacerdotes, incluindo as mulheres, podiam participar), envolvendo o azeite, o vinho novo e os cereais e as *primícias* (ver a respeito no *Dicionário*). "Embora dadas ao Senhor como uma oferenda (cf. Deu. 26.1-11), essas *primícias* não eram consumidas sobre o altar, mas eram entregue aos sacerdotes. O mesmo tanto era verdade quanto a tudo o que era consagrado ao Senhor (ver Lev. 27.1-33)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver Lev. 15.17-21.

A quantidade não fora fixada, pois tudo era deixado ao encargo da generosidade do povo. Homens liberais davam 1/40 de cada parte; os menos liberais, 1/50. Os mesquinhos davam apenas 1/60, ou mesmo menos. Ver Êxo. 22.29 e cf. Eze. 45.13. Assim comentou Jerônimo acerca do capitulo 45 de Ezequiel. Essas porcentagens são tão boas quanto quaisquer outras que têm sido propostas.

18.13

Os primeiros frutos de tudo. Estão em pauta as primícias, já referidas no versículo anterior. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Primícias.* As primícias podiam ser de qualquer fruto ou legume, de figos, romãs, maçãs, ameixas, pêras, azeitonas, uvas, qualquer cereal etc. Uma parte era entregue aos sacerdotes, para sustento deles. Ver Deu. 16.2-4. As primícias podiam ser comida em uma refeição comunal, por parte dos sacerdotes e seus familiares, incluindo as mulheres. Ver as notas sobre o vs. 11. O lugar onde esse banquete tinha lugar precisava ser cerimonialmente *limpo,* como o lar do sacerdote ou de um amigo seu etc.

18.14

Toda cousa consagrada. Em outras palavras, qualquer presente voluntário que um homem viesse a dar a fim de obter algo que queria, ou oferecido como ato de devoção. Esses presentes podiam ser de frutos da terra, casas, gado, coisas de valor etc. Eram *doações* que visavam o sustento do sacerdócio. Ver Lev. 27.21-28. Aquilo que fosse consagrado era separado como "pertencente ao Senhor". Despojos adquiridos em uma guerra santa também podiam ser consagrados, mas não podiam ser apropriados para uso comum (ver Jos. 6.19).

18.15

Todo que abrir a madre. Os primogênitos dos homens dos animais pertenciam ao Senhor. Os primogênitos humanos, entretanto, precisavam ser remidos. Originalmente, todos os primogênitos eram sacerdotes. Mas quando a casta sacerdotal de Israel veio à existência, a antiga ordem cessou, e todos os primogênitos passaram a ser remidos. O dinheiro pago pela redenção revertia para o culto do tabernáculo. Ver no *Dicionário* sobre o assunto, no verbete chamado *Dinheiro,* segunda seção, como também no verbete intitulado *Pesos e Medidas.* Ver também Êxo. 30.13 e Lev. 27.29 quanto as notas expositivas adicionais. Não há como determinarmos qual seria o valor do siclo, em comparação com as moedas modernas; mas muitos opinam que um siclo valia um mês de trabalho de um homem comum. Se isso corresponde à verdade, então podemos ter alguma idéia sobre seu poder aquisitivo.

Os primogênitos dos animais imundos, que podiam ser usados para trabalho mas não para finalidade de sacrifício, precisavam ser remidos. Animais como o cavalo e o jumento estão em foco. O dinheiro revertia para sustento do ministério, e os animais primogênitos eram liberados para seus proprietários usarem-nos como bem quisessem fazê-lo. Mas os primogênitos de animais sacrificáveis, como a ovelha, a novilha ou a cabra, eram sacrificados durante o culto do tabernáculo, e as porções apropriadas eram revertidas a Yahweh, nos sacrifícios, e o resto cabia aos sacerdotes, para seu sustento. Ver as notas sobre Números 3.44-51 quanto às regras atinentes à redenção dos primogênitos. Ver também Êxodo 13.13, um trecho diretamente paralelo a este versículo. Os primogênitos dos animais imundos valiam cinco ciclos, quanto à sua redenção, ou um cordeiro podia ser sacrificado no lugar deles. Uma vez remido, um animal imundo ficava livre para viver e trabalhar.

18.16

Desde a idade de um mês. Está em pauta a redenção de homens. Ver Lev. 27.5,6. Ver Núm. 3.44-51 quanto à redenção dos primogênitos. Este versículo subentende que os animais imundos podiam ser remidos a dinheiro, até cinco ciclos, mas alguns estudiosos contendem que isso podia ser feito somente por meio do sacrifício de um cordeiro (Êxo. 13.13; 22.30).

Cinco siclos de dinheiro. Ver as notas sobre o versículo anterior quanto a informações sobre o siclo.

18.17

São santos. Os animais primogênitos pertenciam de modo absoluto a Yahweh, a saber, o cordeiro, o bezerro e o cabrito. Portanto, não eram redimidos, mas terminavam como sacrifícios oferecidos no culto do tabernáculo. Há notas sobre *cinco* animais que podiam ser sacrificados, em Lev. 1.14-16. Ninguém haveria de sacrificar um cavalo sobre o altar. Er um animal imundo. Mas o primogênito de um cavalo também pertencia a Yahweh. Em vez de ser sacrificado, porém, tal animal era como que *comprado* de Yahweh, ou seja, era remido. E então o dinheiro apurado era encaminhado para sustento do tabernáculo e do sacerdócio. Mas os animais sacrificiais deviam ser guardados exclusivamente com esse propósito. O sangue deveria ser aspergido sobre o altar; a gordura devia ser queimada diante de Yahweh, que aspiraria o aroma suave e se sentiria satisfeito com o sacrifício. Ver em Lev. 1.9 e Êxo. 29.18 nota sobre "aroma suave". Cf. Deu. 15.19. Certas porções cabiam a Yahweh; e outras porções ficavam com o sacerdócio. Ver Lev. 6.26; 7.11,38; Núm. 18.8.

18.18

Este versículo reitera a essência do vs. 11, onde aparecem notas a respeito. Yahweh recebia a Sua parte, e os sacerdotes e suas famílias, a parte deles. Ver também o vs. 10 deste capítulo. Ver igualmente Deu. 12.17,18, que fornece uma modo de agir levemente diferente. Os proprietários dos animais a serem sacrificados também tinham o direito de participar da refeição comunal. Cf. Lev. 10.14,15.

18.19

A primeira parte deste versículo é uma repetição do vs. 11, onde aparecem notas expositivas. Este versículo, porém, adiciona a questão da *aliança perpétua de sal.* Em essência, isso significa que era um pacto *inviolável.* Havia uma crença antiga de que aqueles que comiam sal juntos ficavam *ligados* um ao outro. O sal é um preservativo que protege contra o apodrecimento de carnes, e é provável que essa idéia fizesse parte do simbolismo. Além disso, era um item precioso em muitos lugares, e até o salário de um soldado era pago sob a forma de sal. Assim sendo, o sal em um sacrifício o valorizava, sem falarmos na sua durabilidade. Há um detalhado artigo intitulado *Sal,* que aborda essas questões. "Assim como o sal conserva o seu sabor, assim também a aliança do Senhor estará para sempre em vigor (cf. II Crô. 13.5). O sal também era salpicado sobre ofertas de manjares (Lev. 2.13), talvez como sinal de um relacionamento de pacto" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"O sal e a aliança (Núm. 18.19; II Crô. 13.5) refletem a prática oriental de estabelecer-se um acordo comendo uma refeição condimentada com sal. Aqui (em Lev. 2.13) o sal simboliza a relação de pacto sobre a qual repouso todo o sistema sacrificial" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre Lev. 2.13). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pacto de Sal.*

Os gregos costumavam perguntar: "Onde está o sal?" quando aludiam a um pacto quebrado. Ou então diziam: "Eles (violadores de uma acordo) pisaram o sal" (Plínio, *Hist. Nat.,* xxxi.41; Cícero, *De Div.* ii.16; Virgílio, *Ecl* , viii.82).

Tipologia. O pacto eterno aponta para o fato de que Cristo se ligou a todos os homens, motivado pelo amor, sendo Ele mesmo o sacrifício desse pacto. Ver no *Dicionário o* verbete intitulado *Pactos.* E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Novo Testamento (Pacto).*

Herança e Rendimentos dos Levitas (18.20-24)

18.20

Disse também o Senhor. Temos aqui uma expressão usada amiúde no Pentateuco, para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

Os levitas, tal como os sacerdote, derivavam seus rendimentos do serviço divino, e os dízimos foram determinados como modo de recolher os fundos necessários. Depois que os levitas, que tinham formado uma tribo, passaram a ser uma casta sacerdotal sem terras, devotando-se totalmente ao tabernáculo e seu culto, eles se tornaram assistentes dos sacerdotes. Ver Núm. 1.46 ss. Ver também, no *Dicionário* os artigos intitulados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas.*

A herança dos levitas era o próprio Yahweh. Eles tinham o privilégio de ser especialmente abençoados ao servirem no ministério. Mas os dízimos eram o mecanismo estabelecido para atender às suas necessidades materiais.

O vs. 27 deste capítulo pode indicar que os dízimos envolviam somente a produção agrícola, embora o trecho de Lev. 27.30-33 fale também sobre o dízimo do gado. Havia vinte e dois mil levitas, pelo que eles eram sustentados pelos mais de seiscentos mil dízimos (Núm. 1 e 3 nos fornecem esses números). Mas naqueles tempos, tal como hoje em dia, provavelmente havia muitas pessoas que não se incomodavam em pagar os seus dízimos.

Tipologia. Os crentes compartilham com Cristo, o nosso Sumo Sacerdote, em um sacerdócio universal. A salvação divina fazia parte da herança dos levitas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Herdeiro* e *Salvação*. Ver também Rom. 8.17.

18.21

Todos os dízimos. Provi um detalhado artigo sobre esse assunto, no *Dicionário,* dando sua história e seu significado. Um ministro é digno de seu trabalho, e dele deveria viver. Ver esse princípio transportado para o Novo Testamento, em I Cor. 9.8 ss. Ver Lev. 27.30-33 quanto ao fato de que os dízimos pertencem a Yahweh, ou seja, a Seus ministros. O dízimo era pago com produtos agrícolas, mas também com animais, conforme já comentamos no versículo anterior.

Os intérpretes rabinos, em harmonia com o gosto dos hebreus por detalhes, listaram *vinte e quatro* dádivas que cabiam aos sacerdotes e levitas: *oito* eram porções dos sacrifícios, para serem comidos no tabernáculo (Lev. 6.25,26; 7.1,6; 23.19,20; Núm. 6.16; 23.17; 24.9; 14.10, dados em sua ordem rabínica); *cinco* eram aquelas coisas comidas somente em Jerusalém (Lev. 7.31,34; 7.12-14; 6.17-20; Núm. 18.15; Deu. 15.19; Núm. 18.13,20; dados em sua ordem rabínica); *cinco* eram dados como sacrifícios e ofertas de manjares (Núm. 18.12; 18.28; 15.20; Deu. 18.4' Núm. 35; dados em sua ordem rabínica); *cinco* eram dados dentro e fora do território (Deu. 18.3; Núm. 18.15; Êxo. 4.20; Núm. 18; 5.8; 18.14; dados em sua ordem rabínica); e *uma* dessas ofertas cabia a eles, extraída do santuário (Lev. .8). E também havia aquelas oferendas em que os membros femininos das famílias dos sacerdotes podiam participar (Deu. 18.3; Núm. 31.28,29).

18.22

Fazia parte dos deveres dos levitas não permitir que alguém, vindo dos "acampamentos seculares" de Israel, se aproximasse do tabernáculo, excetuando o homem que estivesse trazendo o seu sacrifício. Este podia entrar até o átrio do tabernáculo, sacrificando o animal no lado direito (norte) do altar dos holocaustos. Somente os sacerdotes e levitas tinham permissão de entrar nos recintos do tabernáculo. Ver as notas sobre isso em Lev. 18.4,5.

18.23

Os levitas farão o serviço da tenda da congregação. Os levitas eram assistentes dos sacerdotes, conforme pudemos ver detalhadamente em Núm. 18.1-4, onde as notas expositivas devem ser consultadas.

Estatuto perpétuo. Em outras palavras, o dízimo cabia aos levitas, enquanto Israel perdurasse como nação; e eles, tendo recebido sustento, deveriam ocupar-se perpetuamente do serviço sagrado. Ver as notas sobre o vs. 11 deste capítulo quanto a um estatuto perpétuo. Ver a expressão "nas suas gerações", em Êxo. 31.16. Os *dízimos* precisavam continuar, porquanto os levitas não possuíam possessões materiais, por se terem tomado uma casta sacerdotal destituída de território.

"Os levitas por muitas vezes padeciam de pobreza, porque os israelitas não pagavam os seus dízimos. A lei, nesse caso, difere daquela que se vê em Deu. 14.22-29, onde, por dois anos, em cada três, quem pagava dízimos comia de seus dízimos em uma festa da família, convidando os levitas a compartilhar, ao passo que, no terceiro ano, o dízimo inteiro era separado para os levitas, os pobres e as pessoas necessitadas" (John Marsh, *in loc.*).

18.24

Este versículo menciona uma das vinte e quatro porções possíveis de que compartilhavam os levitas. Ver as notas sobre o vs. 21 deste capítulo, quanto a listas rabínicas. Yahweh era a herança dos levitas (vs. 20), e o Senhor provia para eles, permitindo-lhes participar das refeições comunais em que certas porções dos sacrifícios eram comidas por eles. Visto que os levitas contavam com provisões completas, da parte de Yahweh, não precisavam ser proprietários de terras.

Os Levitas, Recebedores de Dízimos, Pagavam Dízimos (18.25-32)

18.25

Os levitas eram geralmente pobres, pois os demais israelitas costumavam não pagar dízimos corretamente. Mesmo assim, eles precisavam dar os dízimos dos dízimos que recebiam. E os dízimos que pagavam iam para os sacerdotes, aos quais serviam. Assim, os levitas pagavam "um dízimo dos dízimos".

Disse o Senhor. Temos aqui uma expressão muito usada no Pentateuco para introduzir novos materiais. Ela também nos faz lembrar da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

18.26

Moisés era o mediador entre Yahweh e o povo de Israel, e recebia mensagens divinas para transmitir a outras pessoas. Algumas vezes ele dava seus recados a Arão; de outras vezes, a Arão e seus filhos; e, algumas vezes, a todo o povo. Ver as *oito* formas de comunicação listadas e discutidas em Lev. 17.2.

Modus operandi dos dízimos dos levitas. Esses dízimos eram recebidos através dos sacrifícios, como dízimos de dízimos. Presumivelmente, pois, de cada dez animais que os levitas recebiam, um deles era sacrificado. Então, a porção que podia ser comida desse animal ia para os sacerdotes. Eles também recebiam o dízimo da produção da terra, que lhes era entregue como dízimos. Considerando o versículo seguinte, muitos intérpretes pensam que estão em foco somente os dízimos de produtos agrícolas, embora tenha sido usada a linguagem dos sacrifícios para referir-se ao assunto. Os grãos e o suco da uva eram movidos diante de Yahweh, esperando pela sua aprovação, tal como acontecia no caso dos animais.

18.27

Este versículo parece limitar os dízimos dos levitas aos produtos da terra, como os cereais, as frutas, as uvas etc., embora seja possível que tudo quanto recebiam tinha de ser dizimado. Eles deviam selecionar *o melhor* de tudo (vs. 30). Os dízimos eram entregues a Arão, o qual fazia a distribuição entre os sacerdotes (vs. 28). E visto que os levitas *ganhavam* o que recebiam, em troca de seu serviço sagrado, por isso mesmo pagavam o dízimo do fruto de seu próprio trabalho, como sucedia aos demais israelitas.

18.28

Apresentareis ao Senhor uma oferta. Visto que qualquer dízimo entregue aos sacerdotes era considerado como dado a Yahweh. Ademais, o Senhor era a fonte de todas as provisões. Assim sendo, *devolvemos* ao Senhor uma porção daquilo que ele nos tem dado. Arão recebia os dízimos e tinha a responsabilidade de distribuí-los entre os sacerdotes.

18.29

Este versículo repete o que já tinha sido dito, exceto pelo fato de que agora aprendemos que os dízimos tinham de ser do que havia de "melhor".

Dá de teu melhor ao Mestre,
Dá-Lhe o primeiro lugar
em teu coração;
Dá-Lhe o primeiro lugar
em teu serviço, Consagra-Lhe
cada porção de tua vida.

(H.B.G.)

18.30

O que eles pagavam como dízimos era considerado como se eles mesmos houvessem produzido o cereal etc., por seu próprio trabalho, o que já fora dito no vs. 27 deste capítulo, pois o autor sacro nunca abandonou seu estilo repetitivo. Tendo pago os dízimos de seu "próprio trabalho", então *os nove décimos* pertenciam a eles, para usarem também como se eles mesmos o tivessem produzido. Eles tinham "direito" a isso por ordem do próprio Yahweh.

18.31

Vós e a vossa casa. Estão em pauta os *levitas*, depois de terem pago seus dízimos aos sacerdotes, tendo ficado com os nove décimos restantes. Podiam comer sua porção em qualquer lugar. Contrastar isso com o vs. 10 deste capítulo.

"Podiam comê-lo em qualquer de suas tendes ou residências, não estando forçados a fazê-lo no tabernáculo, como era o caso dos sacerdotes, ao comerem muitas de suas porções sagradas, ou como os segundos dízimos, que só podiam ser consumidos em Jerusalém (Deu. 14.22,23)" (John Gill, *in loc.*). Jarchi afirmou que podia ser um lugar limpo ou não, visto que não estariam comendo *coisas santas* exclusivas.

Casa. Os familiares dos levitas podiam participar do banquete, incluindo homens, mulheres, crianças, servos etc.

Vossa recompensa. Os levitas recebiam esses nove décimos *restantes,* por terem feito bem o seu trabalho e terem obedecido a todas as leis pertinentes à sua casta, incluindo a lei dos dízimos. Conforme vemos em I Tim. 5.17,18, digno é o trabalhador de seu salário.

18.32

Os levitas não cometiam nenhum *pecado* por comerem a sua porção em qualquer lugar. Eles estavam seguindo uma regra baixada pelo próprio Yahweh, que diferia um tanto das regras dadas aos sacerdotes. Mas não podiam ultrapassar de seus direitos, pois se o fizessem poluiriam (profanariam) as *coisas santas,* que pertenciam somente aos sacerdotes. Talvez tenha sido especificado o *dízimo santo,* destinado aos sacerdotes. Se os levitas fossem cobiçosos, consumindo também os dízimos pertencentes ao sacerdotes, então teriam profanado a lei e estariam sujeitos à execução, provavelmente por meio de *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Negligenciar o pagamento dos dízimos aos sacerdotes era considerado um crime que merecia a pena de morte.

Capítulo Dezenove

O Rito da Purificação (19.1-22)

A *purificação* sempre envolvia sacrifícios vicários, pelo que a comunidade tinha de prover uma novilha vermelha, sem defeito, que nunca tivesse sido usada para trabalho. Tornava-se uma oferenda que *não* visava remover o pecado propriamente dito, mas a contaminação do pecado que a morte representava.

Essa novilha tinha de ser abatida *fora do arraial,* em contraste com os animais sacrificados no átrio do tabernáculo (Êxo. 29.14; Lev. 4.11,12,21). O trecho neotestamentário de Hebreus 13.11,12 refere-se a esse sacrifício quando diz que Jesus sofreu fora do acampamento. O que fica implícito no Novo Testamento é que Jesus, por esse meio, purificou o Seu povo da contaminação da morte espiritual, causada pelo pecado.

Talvez uma novilha *vermelha* fosse usada com esse propósito porque a sua cor faria Israel lembrar-se do *sangue* expiatório. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação.*

A lei original da purificação por meio da águia misturada com as cinzas da novilha vermelha é desconhecida. A história do povo que bebeu água misturada com o ouro polvilhado do bezerro de ouro é um tanto similar (ver Êxo. 32.20), e talvez esse rito estivesse ligado, de alguma maneira, a um primitivo rito pagão da deusa-vaca, embora essa seja uma sugestão difícil de aceitar. Todavia, a Bíblia nada nos informa a esse respeito, como é natural. Talvez a prática em Israel já fosse antiga, vinda de tempos antigos e de algum povo da antiguidade. A mistura da água com as cinzas era usada como meio para remover a imundícia causada pelo toque em algum cadáver (vss. 11-13). Ver também os vss. 14-16. Esse é o assunto principal que temos diante de nós, neste capítulo.

19.1

Disse mais o Senhor. Uma expressão freqüente no Pentateuco, empregada para começar alguma nova seção do material escrito. Também nos faz lembrar da doutrina da divina inspiração das Escrituras. Usualmente, a palavra de Yahweh era dada a Moisés, que então a transmitia a outros. Dessa vez, o recado divino foi dado a Moisés e Arão. A eles cabia transmiti-lo ao povo. Ver Núm. 18.1 e Lev. 10.8, as duas únicas instâncias em que a palavra de Yahweh foi dada somente a Arão, que então serviu de mediador. Ver as notas expositivas sobre a expressão *disse o Senhor,* em Lev. 1.1 e 4.1.

19.2

Nesta oportunidade, Arão também agiu como mediador de Yahweh, mas não sem Moisés. Usualmente, Moisés atuava sozinho, transmitindo as comunicações divinas a Arão, a Arão e aos sacerdotes, ou ao povo em geral. Há um total de *oito* fórmulas de comunicação, conforme se vê em Lev. 17.2 e suas notas expositivas.

Uma novilha vermelha. Esse animal (que talvez fizesse lembrar o *sangue* devido à sua cor, tinha de ser sem defeito (ver essa condição, acerca dos animais sacrificados, em Lev. 22.20). Essa novilha também nunca deveria ter sido posta a trabalhar. Somente nessas condições ela estaria qualificada.

Quanto ao sentido geral deste capítulo 19, ver as notas de introdução, acima.

O *Targum de Jonathan* afirma que a novilha precisava ter dois anos de idade; mas alguns rabinos falavam em três, quatro ou mesmo cinco anos de idade.

A aplicação dessa passagem, no Novo Testamento, fica em Hebreus 9.13,14.

Comparações com Costumes Pagãos:

1. A novilha vermelha dos hebreus era sacrificada, o que contrasta com o touro sagrado dos egípcios, que era adorado. A deusa Ísis dos egípcios era adorada sob a semelhança de uma vaca, embora a princípio tivesse sido representada como uma mulher. Heródoto comparou-a à Demeter dos gregos, e disse que ela era a suprema divindade feminina para os egípcios.
2. Um *touro vermelho* era sacrificado no Egito a fim de aplacar o demônio Tifon, que os egípcios adoravam. Mas não parece haver nenhuma conexão entre essa superstição egípcia e o rito dos hebreus. Ver Plutarco, *De Iside.*
3. Tanto o touro egípcio quanto a novilha vermelha dos hebreus não podia ter nenhum tipo de defeito. A *cor vermelha* também precisava recobrir ambos os animais por inteiro, não podendo ter nenhuma outra cor além dessa.
4. Ambos os animais não podiam ter sido submetidos a trabalho, usando a canga etc. Várias referências literárias mostram que várias culturas antigas incluíam essa regra. Referências a essa regra podem ser achadas nos escritos de Homero, Porfírio, Virgílio e Macróbio. Ver a *Ilíada* lib. x. vs. 291. Ver também Virgílio, *Georg.* iv. vs. 550. Talvez vários povos tenham tomado por empréstimo as noções dos hebreus, e não vice-versa.
5. Entre os hebreus, o animal precisava ser do sexo feminino. Heródoto (*Euterpe* 1. 2. cap. 41) informa-nos que os egípcios nunca sacrificavam vacas, pois somente animais machos eram mortos como sacrifícios. A vaca era sagrada para a deusa Ísis, dos egípcios, pelo que não podia mesmo ser abatida como animal a ser sacrificado.

19.3

Entregá-la-eis a Eleazar. Ele, e não Arão (o sumo sacerdote), ocupava-se da cerimônia, talvez porque Arão ficaria imundo se tivesse de preparar a água da santificação, que continha as cinzas da novilha vermelha. Ver sobre *Eleazar* no *Dicionário.*

Fora do arraial. A novilha vermelha devia ser morta fora do acampamento, e não no átrio do tabernáculo, contra o padrão usual dos sacrifícios. Ver como o Novo Testamento (em Heb. 13.11,12) refere-se a esse texto, aplicando-o ao Senhor Jesus Cristo e Sua expiação por nós. Jesus sofreu em desgraça, fora da cidade. O próprio Eleazar não podia sacrificar o animal, mas um sacerdote assistente tinha de realizar o ato. A cerimônia com o sangue, porém, fazia parte dos deveres de Eleazar (vs. 4). Desse modo, a impureza era levada para fora do arraial, especialmente aquele tipo de impureza resultante do contado com um corpo morto, que é o assunto principal deste capítulo.

19.4

Um assistente, provavelmente um sacerdote (posto que não necessariamente), abatia o animal, sob o olhar de Eleazar conforme somos informados por fontes talmúdicas. Em seguida, o próprio Eleazar tomava o sangue em seu dedo e o aspergia por *sete* vezes na direção do tabernáculo. Sete é o número sagrado da perfeição. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Número (Numeral, Numerologia),* onde esse e outros números importantes são discutidos, e onde é dado o seu simbolismo.

"O número sagrado, o sangue sagrado e a sagrada tenda da congregação combinavam-se para que o rito fosse eficaz" (*Oxford Annotated Bible,* sobre este versículo quarto).

"Os ritos determinados eram efetuados por Eleazar, e não por Arão, pois isto o desqualificaria temporariamente pela impureza legal para o desempenho de suas funções sumo sacerdotais" (Ellicott, *in loc.*).

O sangue da novilha não era aparado em alguma vasilha, mas na mão esquerda; e então era transferido para a mão direita e era aspergido, conforme disse Maimônides (*Hilchot Parah Adumah,* c. 3, sec. 2), com o que concorda o Targum de Jonathan. Nos dias do segundo templo, esse rito era efetuado no monte das Oliveiras, fora do templo. Mas o templo estava bem diante dos olhos dos sacerdotes, e o sangue era aspergido na sua direção.

19.5

Será **queimada a novilha.** Não podia sobrar coisa alguma do animal, pois era como se fosse um holocausto, embora não sobre o altar que havia no átrio do tabernáculo. A queima absolutamente por inteiro falava sobre o poder eficaz da oferta. As cinzas eram assim preparadas, para em seguida serem misturadas com água; e a mistura tornava-se a substância purificadora.

Tipologia. A queima completa da novilha vermelha apontava para a perfeição e total eficácia do sacrifício propiciatório de Cristo, em favor de todos (I João 3.2). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação.* Jesus fez propiciação pelos pecados do mundo, tal como Deus "amou o mundo" (João 3.16).

Os ritos tornaram-se mais complexos nos dias do segundo templo. O sacerdote saía com seu assistente e vários dos anciãos de Israel. Então mergulhava

em água, tomando assim um banho de purificação. A lenha era trazida juntamente com as demais coisas ordenadas no sexto versículo. A lenha era empilhada com a forma de uma torre, e havia entradas de ar na pilha, para facilitar a combustão. A novilha era posta sobre a lenha e era morta ali. A cerimônia sangrenta era levada a efeito. E então havia a queima total do corpo do animal. Yahweh olhava a cena desde o templo, e aprovava. Posteriormente, porém, Ele olhou para o sacrifício de Cristo e aprovou, e o mero símbolo foi substituído pela realidade.

19.6

Os Materiais. "Cedro, hissopo e estofo carmesim eram usados, materiais esses também usados (embora de modo ligeiramente diferente) no caso da purificação de um leproso: o cedro representava a sua *longevidade*; o hissopo, suas propriedades *purificadoras* (Sal. 51.7), e o fio escarlate representava o *sangue*, símbolo da vida" (John Marsh, *in loc.*).

Mas outros simbolismos têm sido sugeridos: O cedro representaria a sua *fragrância;* pois a aroma suave era agradável a Yahweh. A cor carmesim simbolizava tanto o *pecado* quanto o agente *purificador* (o sangue). Ver Isaías 1.18. Quanto à purificação dos leprosos por meio desses materiais, ver Lev. 14.4. Cf. a aplicação no Novo Testamento, em Hebreus 9.13,14.

"Jesus enfatizou o que deve ser enfatizado; a pureza moral e espiritual... essa purificação depende da piedade" (Albert George Butzer, *in loc.*).

O cedro era escolhido por causa de sua natureza aromática e sempre verdejante; o hissopo, por causa de seu uso, ao ser aplicado o sangue, por ocasião do êxodo (cf. Sal. 51.7; Êxo. 12.22); e o fio escarlata porque simboliza o próprio sangue" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

19.7

O sacerdote havia cuidado da purificação causada pela impureza cerimonial, especialmente o contato com um corpo morto. Por causa da natureza desse ato, quem fizesse isso ficava imundo até a noitinha. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* Por igual modo, Jesus se fez pecado por nós a fim de que, Nele, fôssemos feitos justiça de Deus (ver II Cor. 5.11).

O sacerdote precisava então tomar o *banho cerimonial.* Quanto a isso ver Lev. 14.8; 17.15; Núm. 8.7; 19.9. O Targum de Jerusalém refere-se ao banho tomado pelo sacerdote que abatia a novilha vermelha. Aben Ezra, porém, diz que o sacerdote que queimava a novilha é que tomava tal banho (Eleazar). Provavelmente, devemos pensar em Eleazar, embora também seja possível que ambos tivessem de tomar um banho cerimonial, conforme se vê em *Misn. Parah,* cap. 4, sec. 4.

E imundo será até à tarde. Quanto a isso, ver Lev. 11.24,27,28,39,40; 14.46; 15.5-7; 17.15; 22.6; Núm. 19.7,8,10,21,22.

Além do banho cerimonial, o homem tinha de lavar todas as suas roupas, o que também se aplicava aos dois outros sacerdotes que o tivessem ajudado (vss. 8 e 10).

19.8

Talvez este versículo limite o banho cerimonial ao sacerdote (neste caso, Eleazar) que queimava a novilha vermelha e aspergia o sangue. Ver as notas sobre os vs. 7 quanto às idéias dos escritores judaicos acerca dessa circunstância. Mas alguns intérpretes supõem que deveríamos entender este versículo como um *contraste* (e não como uma explicação) com o versículo sétimo. Nesse caso, o vs. 7 referir-se-ia ao sacerdote que sacrificou o animal, ao passo que o vs. 8 referir-se-ia ao sacerdote que queimava o animal e aspergia o sangue.

O banho era efetuado mediante a *imersão* total do corpo, símbolo do batismo por imersão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Batismo Judaico;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo intitulado *Batismo.* Ambos os sacerdotes precisam lavar suas vestes.

19.9

Outro assistente (provavelmente um sacerdote) tinha por tarefa recolher as cinzas da novilha totalmente queimada. Essas cinzas eram misturadas com água, e a mistura passava a ser um agente para remoção da imundícia derivada, especialmente do toque em um corpo morto. Esse outro assistente sem dúvida não participara do sacrifício e dos demais ritos, pois, se o tivesse feito, também teria ficado imundo.

As cinzas eram postas em um lugar *limpo,* do ponto de vista cerimonial, a fim de que não contraíssem nenhuma imundícia, e assim ficassem impróprias para serem usadas. A novilha fora oferecida como uma espécie de oferenda pelo pecado, e agora as suas cinzas passavam a ser utilizadas com propósitos de purificação, uma vez misturadas com água santa. O vs. 17 deste capítulo mostra que a mistura era aspergida sobre aqueles que tivessem adquirido qualquer tipo de contaminação.

Em tempos posteriores, esse sacerdote era separado desde algum tempo antes do rito e conservado cerimonialmente limpo. Essa separação perdurava por sete dias. As cinzas eram socadas até serem reduzidas a um pó fino (*Misn. Parah,* cap. 3, sec. 1.6,7). Também eram conservadas em um lugar onde ficavam ao abrigo de qualquer toque contaminador. O Targum de Jonathan menciona vasos especiais com esse propósito, onde eram guardadas as cinzas. Na ocasião certa, as cinzas eram retiradas do vaso e misturadas com a água. Ver Heb. 9.13,14 quanto a uma aplicação neotestamentária. O *sangue* de Cristo substituiu todos esses ritos, tornando-se o único agente purificador.

19.10

O outro assistente, que era o *terceiro* homem envolvido no rito, ficava imundo por ter entrado em contato com as cinzas, pois, afinal, eles eram remanescentes de um animal morto. Suas vestes, naturalmente, ficariam sujas de cinza, pelo que tinham de ser lavadas; e o próprio assistente também tomava um banho cerimonial (ver o vs. 8), embora esse detalhe não seja repetido aqui. Esse assistente, tal como os outros homens envolvidos, ficava imundo até a tardinha, conforme vimos nas notas sobre o vs. 7.

E ao estrangeiro. Está em pauta um prosélito que tenha passado para a religião dos hebreus, embora ele mesmo não fosse racialmente descendente de Abraão. Isso tipifica a missão de Cristo, que reuniu judeus e gentios para que se tornassem um só povo remido, chamado Igreja (ver Atos 2.39; Gál. 3.28; Efé. 2.11 ss.; I João 3.2).

Modos de Proceder para Limpar o Imundo (19.11-13)

19.11

A começar por este versículo vemos a principal aplicação do mistura de água santa com as cinzas da novilha vermelha. Um homem que tocasse em um corpo morto era considerado imundo, mas podia ser purificado pelo rito que incluía a aplicação daquela mistura. Quanto a como um homem que tocasse em um cadáver ficava imundo, ver Lev. 21.1-12.

"Qualquer um que entrasse em contato com um morto ficava [cerimonialmente] imundo por sete dias. No terceiro e no sétimo dia depois do contato, tinha de purificar-se com aquela água. A impureza do sétimo dia ressaltava a gravidade da situação, o que é enfatizado pela injunção de que, se alguém não se submetesse à água da purificação seria cortado de Israel... O rito da purificação consistia em lançar água purificadora sobre a pessoa imunda, onde a palavra *lançar* significa 'lançar punhados' ou 'lançar taças' de água" (John Marsh, *in loc.*).

Tocar no corpo morto de uma *animal* fazia uma pessoa ficar imunda por um dia (Lev. 11.24), mas tocar em um cadáver *humano* fazia uma pessoa ficar imunda por sete dias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.*

19.12

Era mister fazer duas aplicações da água santa para purificar o imundo: a primeira três dias mais tarde, e a segunda sete dias mais tarde, ou seja, no meio e no fim do período. Isso enfatizava a seriedade da situação para a mente dos hebreus, como também o fato de que, se um homem negligenciasse essa ordenança, seria executado (vs. 13). O versículo parece dizer que o homem lançava água sobre si mesmo, mas o vs. 19 mostra que outrem, uma pessoa *pura,* é que lançava a água. A pessoa imunda não podia purificar a si mesma. Assim também um pecador precisa ser purificado por outrem, a saber, o Salvador, Jesus Cristo. A água, naturalmente, era previamente misturada com as cinzas de uma novilha vermelha (vs. 17). A pessoa pura precisava ser um sacerdote. Por igual modo, nosso Sumo Sacerdote purifica-nos de todo pecado (Efé. 1.7). Ver o vs. 9 quanto à *água.* Ver também o vs. 17.

19.13

A provisão da água santa, misturada com as cinzas de uma novilha vermelha, tinha sido feita. O povo de Israel fora informado da necessidade do rito. Se alguém ignorasse ou desafiasse a regra, estaria contaminando o tabernáculo, onde Yahweh manifestava a Sua presença e baixava as Suas instruções. Tal homem deveria ser executado, provavelmente por *apedrejamento* (ver no *Dicionário*). Fica entendido que, se um *homem imundo* se aproximasse do tabernáculo em tal condição, visto não estar apto para essa aproximação, seria executado. Vemos assim quão séria era essa questão de tocar em um cadáver, e não submeter-se àquele rito. Poderíamos indagar por que *aquela* ofensa era tão séria, mas devemos lembrar-nos de que muitas ofensas eram castigadas com a pena capital. Ver Lev. 15.31. Esse versículo subentende que qualquer pessoa imunda que se aproximasse do tabernáculo, mesmo que entrasse no átrio a fim de oferecer um sacrifício, seria executada, *sem importar* o tipo de imundícia que houvesse adquirido. O que tornava tão grave a questão é que o tabernáculo teria sido contaminado. A santidade do Senhor estava vinculada ao tabernáculo.

19.14

Esta é a lei. A lei da execução. Qualquer pessoa que entrasse na tenda de um homem que houvesse morrido ficaria imunda por sete dias, sem importar se tivesse tocado ou não no cadáver. E aqueles que cuidassem do morto sem dúvida teriam também tocado em muitos outros itens no interior da tenda, e esse *toque* tornava as coisas imundas. Já vimos, em Lev. 22.5, que o toque tornava as coisas santas ou imundas. Todos os vasos, móveis etc. ficavam imundas na tenda onde houvesse ocorrido a morte. "A imundícia, tal como o mau cheiro da morte, podia contaminar um tenda, e até mesmo entrar em um vaso aberto" (John Marsh, aludindo aos vs. 14 e 15 deste capítulo).

19.15

Até mesmo um vaso aberto, que estivesse na tenda com um cadáver, ficaria contaminado, a menos que alguém lhe tivesse posto uma tampa. Maimônides disse que devemos pensar aqui em vasos de argila (*De Rea Syria*). Ficava entendido que um vaso de argila *absorveria* qualquer coisa existente na atmosfera, incluindo as radiações da morte.

19.16

Temos aqui as *regras acerca da morte de alguém* em campo aberto. Qualquer tipo de contato com os mortos contaminava: ou um morto recente; ou um osso que estivesse caído no solo, sem ter sido sepultado; ou qualquer cadáver humano ou animal; ou qualquer sepulcro que contivesse ossos em *seu interior.* Até mesmo ossos, embora não diretamente tocados, contaminavam um homem por causa de suas radiações de morte. O contato com a morte, mesmo que remota, não envolvendo toques diretos, era suficiente para tornar uma pessoa cerimonialmente *imunda.*

Posteriormente, para ajudar as pessoas a não topar por acidente com um sepulcro, a ordem era pintá-los de branco, identificando assim a sua localização. Jesus usou essa circunstância a fim de ensinar uma lição moral, chamando os hipócritas de "sepulcros caiados", os quais parecem belos por fora, mas internamente são imundos, por conterem cadáveres decompostos. Ver Mat. 23.27.

19.17

Preparação do Líquido Descontaminador. As cinzas de uma novilha vermelha queimada (vs. os vss. 5 e 9) eram misturadas com água limpa e corrente. A mistura era então usada para ser borrifada sobre pessoas ou coisas que tivessem ficado imundas devido ao contato com cadáveres. As cinzas eram conservadas em algum vaso limpo, com esse propósito (vs. 9), esperando o momento de serem misturadas com água para que a mistura fosse usada. Os autores hebreus, sempre obcecados pelos detalhes, indagavam se as cinzas eram vertidas sobre a água, ou se a água era derramada sobre as cinzas, ou mesmo se as duas coisas eram deitadas ao mesmo tempo em um vaso. Somente a mente hebréia poderia preocupar-se com detalhes dessa natureza. (*Mis. Cholin,* cap. 1, sec. 6). Se as cinzas eram postas sobre a água, então um sacerdote misturava as duas coisas com seu dedo (*Maimon. Hilchot, Parah Adumah,* cap. 9, sec. 1).

19.18

Purificação por Meio de Aspersão. O hissopo era uma planta conveniente, capaz de absorver em seus raminhos boa quantidade de líquidos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hissopo,* quanto a plenos detalhes sobre o uso dessa planta. O Targum de Jonathan diz que três raminhos da planta eram atados por um sacerdote que estivesse limpo. Então uma pessoa limpa aspergia tudo o que houvesse no interior de uma tenda ou casa em que tivesse ocorrido uma morte. Ou então aspergia a pessoa que tivesse tocado em um osso ou em uma sepultura. Até mesmo o osso de um homem vivo, que tivesse sido separado do homem por causa de um acidente, era considerado uma coisa morta, capaz de poluir. Ver Êxo. 12.22, quanto à natureza e o uso do hissopo, que tem detalhes extras em relação ao artigo chamado *Hissopo.*

19.19

Este versículo reitera informações que já haviam sido dadas. A aspersão com a água e as cinzas tinha lugar no terceiro e no sétimo dia depois de a contaminação haver sido adquirida, conforme vimos no vs. 12 deste capítulo; as vestes da pessoa imunda tinham de ser lavadas, segundo se vê nos vs. 7, 8 e 10; e então a pessoa contaminada precisava tomar um banho cerimonial, conforme se vê nos vss. 7 e 8. Uma vez terminada a quarentena de sete dias, e todas as exigências tivessem sido atendidas, então a pessoa era declarada *limpa,* podendo reiniciar suas atividades no tabernáculo. Cf. Lev. 16.26.

19.20

Quem estiver imundo e não se purificar. Uma pessoa imunda que se aproximava do santuário a fim de realizar algum sacrifício era executada, provavelmente por *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Este versículo repete as informações dadas no vs. 13, com algumas adições. Ver as notas ali.

19.21

Esse rito seria um estatuto perpétuo, como de resto, toda a legislação mosaica. Quanto a isso ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29. Esse rito devia ser observado como *estatuto perpétuo.* Essa expressão tem um paralelo, "por todas as vossas gerações", que não figura neste versículo, embora apareça em outros trechos (ver Êxo. 29.42 e 31.16). É claro que os hebreus não contemplavam o fim de seu sistema, nem uma revelação superior à que já tinham. Essa é uma deficiência comum dos sistemas religiosos. O Novo Testamento trouxe à tona o sacrifício superior de Cristo, que anulou os sacrifícios simbólicos do Antigo Testamento, e que não somente os complementou. Todos os fins são apenas instrumentais, e acabam tornando-se novos começos. Ver Heb. 7.25; 9.13,14 e também Apo. 7.14.

O que tocar a água purificadora será imundo até à tarde. A pessoa que fizesse isso, mesmo acidentalmente, ficaria imunda "até à tarde", e não por sete dias. O *toque* transmitia santidade ou imundícia, dependendo de sua natureza. Ver sobre isso em Lev. 22.5. Com respeito à regra de "ficar imundo até à tarde", ver as notas sobre o vs. 7, que dão uma lista de ocorrências dessa expressão. Ver Maimônides, *Hilchot Parah Adumah,* cap. 15, sec. 1.

19.22

Tudo o que o imundo tocar. Tanto a santidade quanto a imundícia eram vistos como se fossem uma espécie de contágio moral e físico. Quanto à santidade e à imundícia por meio de *toque,* ver Lev. 22.5. Um homem cerimonialmente imundo deixava imunda *qualquer coisa* na qual tocasse. E então se outra pessoa viesse a tocar *naquela coisa,* também ficava imunda, quanto mais se tocasse na própria primeira pessoa imunda. E assim, o contágio passava de pessoas para objetos, e dai, novamente, para pessoas. Ver Lev. 15.4-12,19,20.

Quem. No original hebraico, temos a palavra *nephesh,* "alma", que neste caso indica apenas alguém. Posteriormente, entre os hebreus, essa palavra hebraica veio a indicar somente a parte imaterial e imortal do ser humano, conforme se dá com a nossa palavra "alma". Todavia, há eruditos que insistem em que não há um único uso da palavra hebraico *nephesh* que indica qualquer coisa de imaterial. Se assim fosse, não teríamos como compreender este versículo. O que parece ter havido é que cada vez mais exclusivamente a palavra *nephesh* veio a indicar essa porção imaterial do homem. Outros intérpretes pensam que a palavra hebraica indica uma *pessoa morta,* o que faria a idéia voltar à mensagem principal do capítulo, ou seja, o toque em um cadáver. Mas a primeira idéia parece preferível, ou seja, se alguém tocar em *alguma coisa* que fora previamente tocada por uma pessoa imunda, esse objeto também ficaria imundo.

Capítulo Vinte

Incidentes no Deserto (20.1—21.35)

"Embora não haja nenhuma referência a eventos entre o segundo ano — o ano em que o povo de Israel foi condenado a perambular por quarenta anos (14.34; cf. 10.11) — e a morte de Miriã, é evidente que ela morreu no quadragésimo ano, pois o *próximo* evento a ser datado é a morte de Arão no monte Hor (20.27,28), que ocorreu "no quinto mês do ano quadragésimo da saída dos filhos de Israel da terra do Egito" (33.38). Portanto, o "mês primeiro" (Núm. 20.1) deve ser entendido através do contexto, visto que a narrativa do capítulo 20 não pode acomodar alguma coisa muito mais breve ou mais longa do que três ou quatro meses. A referência a Cades não significa que o povo de Israel tenha chegado ali *pela primeira vez,* porquanto eles já tinham enviado espias que *partiram* dali (Núm. 12.16; 13.26). Mas significa apenas que eles voltaram àquele lugar, naquela ocasião" (Eugene, H. Merrill, *in loc.*).

Aprendemos que Israel, não tendo entrado na terra de Canaã vindo do sul (caps. 13 e 14), planejou entrar ali por outra rota, através da Transjordânia, a fim de atacar os cananeus pelo leste.

20.1

Temos aqui um sumário que *condensa* a longa permanência do povo de Israel em Cades-Barnéia. Já se havia passado o *ano* do "primeiro mês". A geração inteira, condenada a perambular pelo deserto por cerca de quarenta anos (Núm. 14.20-25), já tinha falecido.

Deserto de Zim. Ver um artigo detalhado sobre esse lugar no *Dicionário.*

Cades. Ver no *Dicionário.*

Miriã. Ver esse nome no *Dicionário* e as notas de introdução a este capítulo. A geração mais antiga, que não tivera permissão de entrar na Terra Prometida, já havia perecido. O próprio Moisés, como também Arão e Miriã, não chegaram ali. Josué e Calebe eram os novos líderes do povo de Israel, quando este entrou na Terra Prometida.

Miriã era mais idosa que Moisés, e chegara o seu dia de partir deste mundo. Moisés era um infante quando ela foi instruída por seus pais a vigiar a conduta da filha do Faraó e dirigir um entendimento extremamente delicado, que requeria grande prudência. Ver o segundo capítulo de Êxodo. Os estudiosos supõem que ela teria cento e trinta anos de idade ao morrer, pelo que ela deveria ter cerca de dez anos mais de idade do que Moisés. Eusébio afirma que em seu tempo sabia que o túmulo dela estava em Cades, perto de Petra, embora essa informação não possa ser confirmada hodiernamente. Ver *Antiq.* 3.2, bem como o artigo *Miriã,* no *Dicionário,* onde damos toda informação disponível sobre ela. O nome dela, como é lógico, está por trás do nome português Maria, talvez o mais popular nome feminino de todos os tempos.

20.2

Não havia água para o povo. Temos aí o problema da água. As populações que têm vivido nos desertos ou nas suas proximidades (como o autor deste comentário) fazem idéia do que significa esse problema. É mais fácil conduzir as pessoas até a água, do que a água até as pessoas, nas áreas desérticas. Vagueando pelo deserto, Israel contava com três a quatro milhões de pessoas, considerando-se que os homens aptos para a guerra eram mais de seiscentos mil (Núm. 1.46). Era forçoso que ali houvesse um problema de falta de água.

Então se ajuntaram contra. Temos aqui nova murmuração. Esse pecado é uma tema constante do Pentateuco. Juntamente com as murmurações, usualmente alguém se revoltava contra a autoridade de Moisés. Ver a introdução ao capítulo 11 do livro de Números. Até ali eu já havia aludido a *oito* desses incidentes de murmuração. Em Números 16.41 vimos uma nona dessas murmurações, e aqui temos uma décima murmuração. O relato é bem próximo de Êxodo 17.1-7, pelo que alguns críticos supõem que o relato aqui seja um paralelo ao daquela passagem. E não há razão para supormos que isso não tenha acontecido com certa freqüência.

Infelizmente a falha de Moisés (devido a uma explosão de ira), nesse ponto, foi a causa de não haver ele entrado na Terra Prometida (ver os vss. 11 ss. deste capítulo).

20.3

Tinha havido várias matanças determinadas por juízo divino, e muitas pessoas haviam morrido de enfermidades e idade avançada. Os que tinham restado, da geração mais antiga, chegaram a pensar que morrer seria melhor do que morrer no deserto *sem água.* E assim proferiram palavras amargas e iradas contra Moisés, por havê-los conduzido àquele lugar de miséria. Alguns tinham morrido por meio do fogo, em Taberá; e outros faziam parte do grupo que dera apoio a Coré, ao passo que outros morreram de pestilência. Ver os capítulos 11 e 16 quanto a incidentes ilustrativos. Somente no caso de Coré, quinze mil tinham morrido. Por essa altura dos acontecimentos, porém, depois de se terem passado os quarenta anos, o que ainda restava da geração mais antiga tinha morrido de velhice, como foi o caso de Miriã, que teria falecido com cento e trinta anos de idade.

20.4

Yahweh tinha ordenado e executado o *êxodo* (ver a esse respeito no *Dicionário*), e Moisés servira de Seu agente especial. Assim sendo, quando Moisés era criticado, Yahweh era o objeto real das queixas. O trecho de Êxodo 17.3 é virtualmente igual a este versículo, pelo que damos ali as notas sobre as idéias que temos aqui.

20.5

Nem de água para beber? Sem água não pode haver agricultura; e isso significa que o povo de Israel, no deserto, passou por várias crises de falta de alimentos, ou, pelo menos, de variedade na sua dieta. O texto dá a entender que Moisés e Arão *forçaram* Israel a deixar o Egito para virem para aquele deserto estéril, sem água e sem alimentos. Os filhos de Israel, tendo chegado às fronteiras mesmas da Terra Prometida, se desanimara, diante dos gigantes que os espias haviam achado ali (Núm. 13.33), os quais também recomendaram que Israel não tentasse a conquista daquele território. Por esse motivo, esse *privilégio* de entrar na Terra Prometida foi adiado por praticamente quarenta anos, e os israelitas ficaram vagueando pelo deserto (Núm. 14.43,44). A verdade é que o motivo de eles terem voltado a internar-se no deserto fora a falta de fé e de coragem; e isso era *falta* deles, e não de Moisés. Cf. Êxo. 17.3.

20.6

Então Moisés e Arão se foram. Os dois estavam *consternados,* e caíram de bruços diante de Yahweh, no tabernáculo, buscando orientação. Uma vez mais apareceu a *glória* do Senhor, para tornar conhecida a vontade de Yahweh. Conforme comentou Aben Ezra, os dois se tinham afastado do povo, temendo o que poderiam sofrer às mãos deles. Cf. Êxo. 17.4. Ver também Núm. 16.19 quanto à chegada da glória do Senhor, na presença de Yahweh. Ver Núm. 16.4,22,45 e 22.31 quanto a outras instâncias de terem eles "se lançado sobre seus rostos", ou seja, em consternação, a fim de orarem. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Oração* e *Intercessão.*

20.7

Disse o Senhor. Essa expressão é de uso freqüente no Pentateuco. Assinala o início de material novo, e também nos faz lembrar da inspiração divina. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Neste caso, Yahweh falou a Moisés, porquanto ele tinha buscado orientação e levantado orações fervorosas. As orações fervorosas e persistentes dos justos não são ignoradas pelo Senhor (ver Tia. 5.16). Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Notemos, igualmente, que Moisés orou em favor de outros. São mais eficazes as orações que não são feitas de modo egoísta.

20.8

Falai à rocha, e dará a sua água. Notemos que a Moisés e Arão foi dada a ordem de eles apenas "falarem" à rocha. A *vara de Moisés* (vs. 11), todavia, foi usada por ele, para ferir a rocha por "duas vezes", tendo assim produzido água em abundância, tal como havia efetuado maravilhas no Egito. Ver o gráfico na introdução em Êxodo 7.14. A vara de Arão também havia florescido (Núm. 17). É provável que Arão tenha conseguido outra vara.

Alguns intérpretes pensam que o prodígio pode ter parecido tão *improvável* para Moisés e Arão, que a dúvida se apossou do primeiro deles, de que falar à rocha seria suficiente. E teria sido pelo menos uma das razões pelas quais ele bateu na rocha, em vez de simplesmente falar a ela (vs. 11). Mas outra razão é que ele estava indignado com os "rebeldes". Fosse como fosse, ele claramente desobedeceu à ordem de Yahweh, que tinha dito para ele "falar" à rocha. O trecho de Deuteronômio 32.50-52 indica que Moisés não interpretou o incidente como um *sinal* da parte de Yahweh; e isso complicou toda a sua situação.

Tipologia. "A *Rocha* (Cristo; ver I Coríntios 10.4), uma vez ferida, não precisava ser batida (crucificada) de novo. Mas com seu ato, Moisés exaltou a si mesmo (vs. 10) e deu a entender, como um tipo, que o sacrifício único de Cristo seria ineficaz, negando assim a eficácia eterna do sangue do Cordeiro de Deus (Heb. 9.25,26; 10.3,11,12). Mas a *água* abundante (*a graça,* que satisfez a necessidade do povo de Israel, apesar do erro de seu líder, Moisés) refere-se ao poder refrigerador de Deus, por meio o Espírito" (*Scofield Annotated Bible,* falando sobre este versículo). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Água,* onde são incluídas explicações metafóricas.

20.9

O fato de que Moisés foi obter a vara "de diante do Senhor" pode significar que ele apanhou a vara de Arão, que tinha sido guardada no tabernáculo, diante da arca da arca da aliança, ou então, conforme dizem as tradições judaicas, "na arca da aliança". Mas também é possível que a vara fosse *dele,* Moisés, que seria guardada em algum lugar do tabernáculo. Isso concorda com o vs. 11, "a sua vara".

O versículo ajunta que esse ato lhe tinha sido "ordenado". Logo, era para Moisés apanhar a vara, mas não usá-la para bater na rocha. Fosse como fosse, a vara era miraculosa, sem importar se fosse considerada de Arão, o sumo sacerdote, de Moisés, o mediador, ou do próprio Yahweh.

Os *críticos* supõem ter havido no caso um ato supersticioso que girou em torno a vara, visto que, na antiguidade, a vara de um mágico era considerada dotada de poderes especiais. Os céticos vêem no texto um reflexo das antigas artes mágicas do Egito, que, supostamente, Moisés teria aprendido a usar. Ver Êxo. 4.3 e 7.14 quanto a uma discussão mais detalhada sobre as *varas de poder* em outras culturas, e sobre as lendas que as cercam.

20.10

Ouvi, agora, rebeldes. Moisés gritou ao povo. Ergueu a vara e bateu na rocha por *duas* vezes, em seu acesso de cólera, porquanto pensou que bater na rocha com a vara seria mais eficaz do que *falar* com ela, conforme lhe fora ordenado fazer (*vs.* 8).

O paralelo, em Êxodo 17.6, mostra Moisés ferindo a rocha por apenas *uma vez*, mas naquela oportunidade anterior, por ordem direta de Yahweh. Talvez Yahweh tenha requerido de Moisés uma fé maior ainda, pois bastar-lhe-ia *falar* para que a rocha produzisse água. Seja como for, fica ilustrado assim o poder miraculoso da oração: "Tudo quanto tendes de fazer é pedir!". Oh, Senhor, concede-nos tal graça! A palavra de poder atua através da oração, e o homem espiritual tem essa palavra poderosa ao seu alcance.

Teu toque tem ainda o poder antigo;
Nenhuma palavra tua cai
por terra, inútil. Ouve,
nesta solene hora da noite,
E, em tua compaixão,
cura-nos a todos.

(Henry Twell)

O Targum de Jonathan diz neste ponto: "Desta rocha ser-nos-á possível fazer verter água?", dando a entender que o próprio Moisés não acreditava que isso pudesse acontecer. Ou então as palavras teriam sido proferidas ironicamente: "Sou forçado a obter água desta rocha, para vós, rebeldes? Eu preferiria que morrêsseis de sede!". De ambos os modos, Moisés perdeu o controle sobre as suas emoções, naquele dia, e daí lhe resultaram coisas muito adversas.

20.11

Saíram muitas águas. Esguichou água suficiente para todos, seres humanos e animais; mas a água saiu mediante um ato de bater na rocha, e não mediante um ato de falar à rocha, conforme Yahweh tinha ordenado. Este versículo ensina-nos que o suprimento divino para nossas necessidades genuínas é abundante.

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que,
tendo sempre, em tudo, ampla suficiência,
superabundeis em toda boa obra.

(II Coríntios 9.8)

Mas este versículo também ensina-nos que mesmo um grande líder, como foi Moisés, pode cair em erro e buscar suprimento de maneira equivocada.

Lendas tolas circundam este texto. Os Targuns dizem que, no começo, só apareceram gotas, e, quando houve a segunda pancada na rocha, então borbotaram águas abundantes. Outras fontes dizem que primeiro esguichou sangue; e somente depois, água. Cf. Sal. 78.15,16. Ver a *tipologia* nas notas expositivas sobre o oitavo versículo deste capítulo. Aos turistas, antigos e modernos, é mostrada a suposta rocha que foi ferida por Moisés.

20.12

Visto que não crestes em mim. De qual maneira Moisés e Arão não creram no Senhor? Por causa dessa incredulidade, a Moisés não foi permitido entrar na Terra Prometida. A resposta pode ser uma dentre duas possibilidades, ou uma combinação de ambas: 1. Ele simplesmente não cria que jorraria água da rocha, sem importar o que fizesse. 2. Ou ele não creu que o mero ato de falar à rocha faria sair água dali. A seriedade do ato foi que ele diminuiu o conceito de Yahweh aos olhos do povo, submetendo-O a uma espécie de opróbrio público, visto que a Sua palavra não foi crida nem executada conforme fora determinado. Os críticos pensam que todo o episódio é lendário, primeiro porque milagres assim não sucederiam, mas fazem parte do folclore; e, em segundo lugar, porque o castigo imposto a Moisés é considerado por eles como fora de toda a proporção com o seu ato. E, assim, tais críticos propõem que deve ter havido alguma outra razão (*algum outro erro*), diferente da que foi dada pelo autor sagrado. Mas essas críticas envolvem raciocínios meramente subjetivos.

Para me santificardes diante dos filhos de Israel. Se Moisés tivesse obedecido, o Senhor teria sido santificado diante do povo como o grande e poderoso Deus. Ele teria justificado a ordem de Yahweh e teria exaltado os Seus milagres, como o *único Deus* capaz de realizar tais coisas. Ver sobre o vs. 13.

Outras Idéias sobre o Pecado de Moisés. 1. Moisés teria estado certo ao bater na rocha (por isso é que brandira a vara!), mas fê-lo de forma encolerizada e deixou um mau exemplo diante do povo. 2. Ele chamou o povo de Deus de *rebelde*, e isso não fazia parte de seu ofício como mediador. 3. Ele ficou com a glória do milagre para si mesmo, não o atribuindo a Yahweh. Mas essas três razões são menos prováveis do que aquelas outras duas, dadas acima.

"A palavra usada neste versículo para 'santificar' é um jogo de palavras formado por Cades (consagração) e Meribá, que quer dizer 'esforçar-se'" (John Marsh, *in loc.*).

20.13

Águas de Meribá. Essa palavra hebraica significa "querela", "contenda", referindo-se às queixas e murmurações dos israelitas contra Moisés, por causa da falta de água, talvez incluindo a idéia de que Moisés, em sua ira, se tenha queixado diante de Yahweh. O fato é que ele se queixou amargamente diante do povo e contendeu com eles. Há um detalhado artigo intitulado *Meribá* no *Dicionário.* Esse locativo é aplicado a duas localidades no Antigo Testamento. Números 27.14 diz "águas de Meribá de Cades", localizando melhor o local em questão. Ver também Deuteronômio 32.51.

Israel e Edom (20.14-21)

20.14

Esta seção fala sobre o pedido que Israel fez para cruzar o território dos edomitas. Mas essa licença lhes foi negada, criando problemas que se prolongaram por muitas gerações.

O amor concede, em um momento,
O que o labor não consegue
em uma era.

(Goethe)

O *ódio* causa problemas que só podem ser sarados depois de toda uma era. Moisés anelava por avançar até a terra de Canaã, mesmo que *não tivesse* permissão de entrar ali. Ele já havia desistido da idéia de entrar naquele território partindo do sul, pois antes isso havia resultado em desastre (Núm. 14.44,45). Assim, pediu permissão para passar pelo famoso caminho real (Núm. 20.17), uma rota que vinha desde o mar Vermelho (golfo de Ácaba), partindo para o norte até Damasco, via a cidade iduméia de Sela (mais tarde chamada Petra). Esse caminho era mais fácil e mais direto, beneficiando o rápido avanço. Os idumeus eram primos distantes de Israel, por serem em parte descendentes de Esaú. Mesmo assim, não permitiram a passagem de Israel. Assim, a entrada pelo *oriente* não foi facilitada, o que causou consternação, não somente na ocasião, mas também por muitas gerações futuras. Edom, mesmo naquele período tão remoto, diferindo de Israel, já tinha um *rei*, pelo que a petição foi dirigida diretamente ao monarca idumeu. Por causa da negativa, Israel precisou fazer um longo *desvio.* Ver no *Dicionário o* artigo intitulado *Êxodo (Evento),* quanto à proposta rota das perambulações.

Cades. Ver sobre esse nome locativo no *Dicionário.*

Rei de Edom. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Edom, Idumeus,* quanto a informações completas. Edom teve rei muito tempo antes de Israel. Cf. Gên. 36.15-19; 36.31-39; I Crô. 1.43-51. O trecho de Gênesis 36.31-43 lista oito reis idumeus; e, supondo que cada um deles tenha governado por uma média de vinte anos, então podemos supor que houve rei em Edom cerca de cento e cinqüenta anos antes de haver rei em Israel. Ver as notas ali, quanto a maiores detalhes. O trecho de Gênesis, naturalmente, é um anacronismo, algo que o autor sagrado sabia, porquanto ocorreu algum tempo depois de a questão ter sido registrada no livro de Gênesis. Ou então, conforme alguns dizem, o material pode ter sido adicionado ao livro de Gênesis por um editor posterior.

Teu irmão Israel. Moisés relembrou ao rei de Edom que os dois povos eram aparentados, considerando-se que Israel descendia de Jacó, ao passo que os idumeus descendiam de Esaú, irmão de Jacó. No entanto, Esaú havia sido maltratado por Jacó (embora tivesse havido uma reconciliação final); pois talvez a história do conflito produzira ódio no coração dos idumeus. O mais provável é que os idumeus temesse a grande massa de gente que pedia para passar pela terra deles, suspeitando que as suas terras poderiam ser invadidas e ocupadas. Ademais, eles já estavam empenhados em uma guerra contínua com seus "vizinhos", e por qual motivo haveriam de querer que outros vizinhos os importunassem?

Bem sabes todo o trabalho que nos tem sobrevindo. Essas palavras foram parte do apelo de Moisés. Com efeito, ele rogou do rei de Edom que tivesse misericórdia de Israel e facilitasse sua passagem até a Palestina. O êxodo e as perambulações de Israel sem dúvida tornaram-se fatos conhecidos por todos os povos daquela região. É possível que o rei de Edom, no momento, se chamasse *Hadar* (ver Gên. 36.39).

20.15,16

Moisés voltou a relatar a história de modo bem abreviado (vss. 15,16). Ao assim fazer, ele passou em revista os sofrimentos de Israel e tentou comover à piedade do rei idumeu. Apesar de os antigos não disporem de meios de comunicação em massa, eles tinham rotas comerciais por onde as notícias corriam de modo bastante rápido. E também havia documentos escritos e as migrações constantes de indivíduos e povos, que mantinham informados dos acontecimentos de outros lugares, os povos, alguns bastante afastados.

Habitamos muito tempo. Moisés começou relatando (ou relembrando) ao rei idumeu acerca do cativeiro de Israel, que se prolongara no mínimo por duzentos e cinqüenta anos. Ali haviam sido reduzidos à servidão e tinham levado uma vida de miséria. O livro de Êxodo conta-nos o relato de modo detalhado. Muitas gerações tinham sido sujeitados ao *vexame* da servidão, entre os filhos de Israel. Somente o poder de Yahweh tinha sido capaz de livrá-los de seus infortúnios constantes.

Antes disso (depois da época de Jacó e Esaú), os pais (Jacó e seus filhos) haviam descido ao Egito, onde eles e seus habitantes tinham habitado durante aqueles duzentos e cinqüenta anos.

Então Israel Clamara pela Ajuda de Yahweh. Pelo menos rumores das pragas de como o povo de Israel fora miraculosamente libertado sem dúvida eram conhecidos por toda parte. O *Anjo* do Senhor (Seu agente) tinha sido enviado para inspirar a Moisés e orientá-lo. Alguns chamavam o próprio Moisés de anjo ou *mensageiro*, mas o sentido do texto é que foi necessária a *intervenção divina* para que pudesse haver o *êxodo*. Assim sendo, o rei de Edom deve ter sido alertado para o fato de que ele deveria respeitar aquele *poder divino;* e também havia a *bênção divina*, da qual ele poderia participar, se viesse a ajudar aos israelitas. Ver Êxo. 3.2,3 e 14.19 quanto à intervenção divina, por meio do *anjo*.

Cades, cidade nos confins do teu país. Para o caso do rei de Edom não saber onde estavam os israelitas, Moisés informou-o de que estava bem próximo, e que enviara seus mensageiros de uma localidade vizinha. Era seu desejo partir imediatamente em marcha, e *logo* o rei veria a grande massa dos israelitas atravessando suas terras, *se* assim lhes fosse permitido.

20.17

Deixa-nos passar. Temos aí a petição de Moisés. "Deixa-nos passar pela tua terra." Foram feitas promessas. Os filhos de Israel não passariam pelos campos nem pisariam as plantações ou espantariam os animais; e também não atravessariam os vinhedos nem tirariam água dos poços dos idumeus. Em suma, não atuariam como parasitas temporários nem danificariam Edom de maneira alguma. Antes, ficariam sempre na "estrada real", não se desviando nem para a direita nem para a esquerda.

Estrada real. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre esse caminho. Ver também o verbete chamado *Estradas*. A estrada real era uma importante rota que corria de norte para sul, desde Damasco, na Síria, até o golfo de Ácaba. Era uma rota de caravanas das mais importantes. Nos dias de Moisés, a estrada não havia ainda sido pavimentada, embora fosse uma estrada bem definida. Séculos depois, os romanos aprimoraram essa estrada e, durante muito tempo, ela serviu para viagens e comunicações. Em nossos dias, uma auto-estrada moderna acompanha a antiga rota.

A estrada parece que era chamada de "real" porque a realeza, desde dias antigos, havia feito investimentos em sua construções, embora detalhes dessa natureza tenham-se perdido nas brumas da história.

"O Caminho Real era a principal rota da Transjordânia desde Eziom-Geber, no golfo de Ácaba, até a Síria" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

20.18

Não passarás por mim. Não somente foi negada a permissão para a passagem, mas também houve ameaça de guerra, fortalecendo a negativa. Os mensageiros tentaram convencer o homem (vs. 19), somente para ouvi-lo reiterar a negativa (vs. 20). Este foi um erro sério, que teria sérias repercussões por muitas gerações à frente. Assim, de certo modo, esse "pecado" seria transmitido à terceira e quarta geração (Núm. 14.18), e mesmo mais. Geralmente é isso que sucede com más decisões e equívocos. O pecado tem um certo "poder de permanência".

A estrada real passava (em alguns lugares) por certas gargantas estreitas, e teria sido fácil ao rei de Edom infligir grandes perdas contra Israel, *se* Moisés tivesse resolvido ignorar a negação o rei idumeu. A fim de poupar vidas e possessões, era mais sábio fazer um "desvio". É conforme dizia uma canção popular antiga: "Eu deveria ter atendido ao sinal de desvio", a lamentação de alguém que ignorara a advertência e terminou em uma situação muito complicada.

20.19

Os mensageiros de Moisés mostraram-se fiéis, e apresentaram na íntegra o apelo que ele lhes ordenara transmitirem (vs. 17), adicionando que os filhos de Israel *pagariam* por qualquer coisa que tivesse de usar, como a água que o gado teria de beber. Israel avançaria *a pé*, como se fosse um exército de infantaria, e apressar-se-ia na passagem, para não perturbar os habitantes do território. Os mensageiros, pois, estavam garantindo ao rei dos idumeus que não se tratava de uma invasão, mas apenas de uma passagem. Devemo-nos lembrar, contudo, de que as nações daquela época eram pouco mais do que tribos hostis em conflito constante, e que, para os idumeus, Israel representava apenas mais um rival. O rei de Edom não haveria de facilitar o desenvolvimento de mais um adversário, pelo que reiterou a sua recusa.

20.20

Com muita gente, e com mão forte. O rei idumeu não só não ouviu os apelos dos mensageiros israelitas, mas também pôs-se à frente de seu exército, para mostrar que estava falando sério. Ninguém atravessaria o seu território sem sofrer por isso. E vendo aqueles cavaleiros, aquelas lanças, aqueles rostos resolutos, Israel voltou caminho pela estrada real e fez um grande desvio, para evitar Edom. O trecho de Deuteronômio 2.28,29 parece mitigar o que sucedeu. Embora os idumeus não tivessem permitido passagem pelo seu território, parece que deram aos israelitas comida e água, para facilitar sua jornada.

20.21

Assim recusou Edom. Essa é a súmula da questão — não foi permitida a passagem dos israelitas, o que ilustro no gráfico que há no artigo do *Dicionário*, chamado *Êxodo (o Evento)*. Mas chegaria o tempo da vingança. "A crueldade dos idumeus, em Cades, foi fortemente repreendida e ameaçada pelo profeta Obadias (vs. 10 ss.)" (Adam Clarke, *in ioc.*). O artigo do *Dicionário*, intitulado *Edom, Idumeus*, relata as diversas hostilidades que ocorrerem entre israelitas e idumeus, nos séculos que se seguiram.

De **Viagem para Moabe; Morte de Arão** (20.22—22.1)

20.22

Ante a morte de Arão, cessaram as *perambulações* de Israel. Eles não invadiram a Palestina de imediato; mas não continuaram vagueando pelo deserto. O tempo da invasão da Palestina estava próximo e era inevitável.

"Partindo de Cades, Israel chegou ao monte Hor, provavelmente o *jebel Harun*, a pouca distância a noroeste de Petra. Isso subentende, sem dúvida, que, embora Moisés tivesse abandonado o plano de enveredar pela rota mais fácil, a longo da estrada real, ele estava resolvido a seguir na direção norte, pela falha de Arabá, até a extremidade sudeste do mar Morto, deixando assim o território de Edom para o leste" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Cades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cades-Barnéia*.

Monte de Hor. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome, como também *Êxodo (Evento)*, que contém um mapa da rota seguida pelo povo de Israel.

É provável que a jornada de Cades ao monte de Hor exigisse mais de um dia de viagem, embora nada seja dito no texto quanto à duração da jornada. Parece que o trecho de Núm. 10.33 indica que os lugares de acampamento ficavam geralmente distantes um do outros, embora não sejam mencionados quantos dias de jornada eram necessários. Essa jornada cobriu cerca de oitenta quilômetros.

20.23

Disse o Senhor. A situação requeria novas diretrizes. Essa expressão é usada amiúde, no Pentateuco, para indicar que alguma nova seção de material está sendo iniciada. E também faz-nos lembrar da doutrina bíblica da inspiração divina. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Moisés e Arão receberam a mensagem de Yahweh. Agora restava pouco tempo para ambos, e novos líderes teriam de substituí-los, fazendo o povo de Israel entrar na Terra Prometida, cumprindo assim o *pacto abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

Não há certeza quanto à localização exata daquilo que o texto chama de "monte de Hor". Seu sítio tradicional era próximo da cidade de Petra, mas isso tem sido posto em dúvida. Outros preferem situá-lo no moderno jebel Madurah, o que concorda melhor com "nos confins da terra de Edom".

20.24

Arão não teve permissão de entrar na Terra Prometida. O autor sacro fornece-nos uma razão (tal como no caso de Moisés; Núm. 20.12) pela qual

Arão não podia entrar na Terra Prometida. Vemos como os *eventos morais* na vida de uma pessoa podem afetar o curso subseqüente da sua vida, quanto a pontos importantes. Arão havia cometido o seu erro fatal em Meribá. Ver os vss. 12 e 13. Ele se tinha aliado a Moisés no ato de incredulidade por causa do qual Moisés também não podia agora entrar na Terra Prometida. Assim, apesar de nossos pecados nos serem perdoados, os seus *efeitos* podem continuar e continuam atuando por muito tempo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Perdão.*

Será recolhido a seu povo. Nessa expressão não há nenhum indício de que a alma imortal abandona o corpo físico por ocasião da morte biológica, e vai juntar-se "à grande companhia dos imortais", conforme alguns têm pensado. Mas outros estudiosos pensam simplesmente que essa expressão mostra que alguém foi unir-se aos mortos.

É verdade que o Pentateuco não encerra nenhum ensino claro da vida para além do sepulcro, tanto no caso dos justos quanto no caso dos injustos. Ali não se faz nenhuma promessa de vida boa aos justos, "para depois" desta vida terrena, como também não há nenhuma ameaça de castigo eterno para os pecadores impenitentes, depois desta vida na terra. A expressão "à imagem de Deus" (Gên. 1.26,27) poderia dar a entender a participação na vida espiritual de Deus, e a palavra "vida", em Núm. 16.22, poderia dar a entender a parte imaterial do homem. Seja como for, a doutrina da alma só passou a figurar com maior proeminência, no Antigo Testamento, nos Salmos e nos Profetas. Todavia, essa doutrina progrediu durante o período intertestamentário, de tal modo que no Novo Testamento já encontramos uma doutrina bem desenvolvida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo chamado *Imortalidade.* Ver também Gên. 25.8,17; 35.29; 49.29,33 quanto à expressão "recolhido ao seu povo", onde damos nota adicionais. Os críticos supõem que tais expressões, como aquela aqui comentada, pertencessem a um período posterior, tendo sido incorporadas ao Pentateuco por editores mais recentes, ou então que o próprio autor viveu dentro de uma situação histórica em que essa expressão e essas idéias já haviam sido incorporadas ao sistema de crenças de sua época. Mas insistem em que, no tempo do Pentateuco (época de Moisés), ainda não havia nenhuma doutrina acerca de uma alma imaterial. Precisamos ter o cuidado de não "cristianizar" os textos do Antigo Testamento, injetando neles o que é uma doutrina comum para nós, embora não para aqueles povos antigos.

20.25

Toma a Arão e a Eleazar. Esses dois, juntamente com Moisés, formavam um trio. Arão em breve desfrutaria a companhia de Moisés; e o filho do primeiro, Eleazar, recebeu ordem para "ficar com" o ofício de sumo sacerdote, quando as vestes de Arão lhe foram entregues. Não é bom que os homens morram sozinhos, e usualmente a vontade de Deus arranja que haja alguma espécie de ajuda e simpatia humana, naquele momento crucial. Naturalmente, com base nas *experiências perto da morte* (ver a esse respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia),* sabemos que quando alguém morre há uma *comissão de recepção,* para ajudar tal pessoa em sua transição. Assim, sem importar se haja ou não mortais que acompanhem um falecimento, sem dúvida há a presença de *imortais,* tudo arranjado pela graça de Deus! A morte, na verdade, é um *nascimento espiritual,* e todos esses casos de nascimento são acompanhados por *parteiras* espirituais.

20.26

Veste com elas a Eleazar. Ver Êxo. 28 e Lev. 8.7-9. As vestes sagradas eram um sinal de autoridade e investidura divina do ofício sumo sacerdotal. Arão vinha usando aquelas vestes fazia anos; mas agora, quando a morte devia intervir, todo o passado como que se sintetizou em um único dia. Nada havia a lamentar, porém. Não havia motivos para remorso, porque Deus é o Deus da vida e da morte, aquele que da morte faz sair a vida. Essa verdade tem feito teólogos e filósofos debater-se durante milênios; e ultimamente a ciência nos está dizendo a mesma coisa. Os artigos *Imortalidade* e *Experiências Perto da Morte,* ambos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* conferem-nos informações científicas, e não apenas teológicas e filosóficas.

Arão havia cometido erros; mas ele nunca se desviou da vereda espiritual, apoiando a Moisés em tudo quanto era mister fazer. Assim, se Arão não entrou na Terra Prometida terrena, a Terra Prometida celestial escancarou seus portões para ele entrar, podemos estar certos.

"As vestes do sumo sacerdote são descritas em Lev. 8.7-9, e sua transmissão é regulada em Êxo. 29.29-37. As vestes eram tidas como parte da personalidade de um homem, e a transmissão das vestes sumo sacerdotais transmitiam assim as características sacerdotais que haviam sido dadas a Arão. Quando Eleazar e Moisés voltaram do monte, o primeiro deles vestido nas vestes sumo sacerdotais, o povo de Israel entendeu que Arão tinha morrido, tendo lamentado por ele por trinta dias" (John Marsh, *in loc.*).

20.27

Perante os olhos de toda a congregação. Todos os israelitas viram-nos ir. Sem dúvida sabiam que Arão estava doente, e que o estavam vendo vivo pela última vez. Foi um momento solene. Arão, contudo, nada tinha que temer; havia alguma coisa pelo que ele poderia entristecer-se, mas poucas demais para serem mencionadas. Ele fizera a contento o seu trabalho, vendo-o realizado por inteiro. A morte chegou como uma amiga, para pôr fim aos seus labores e conceder-lhe descanso. Nada tinha que temer.

Não estou em luta contra a morte Sobre
mudanças na forma e no rosto;
Nenhuma vida inferior desta terra Pode
assustar jamais a minha fé.

...

Só por isso me sacio na Morte,
O laurel que ornará
meu oração:
Ela separa de tal modo as nossas vidas
Que não ouvimos mais a voz
um do outro.

(Alfred Lord Tennyson)

20.28

Estava consumada a transferência das vestes sumo sacerdotais, o que é previsto e comentado no vs. 26 deste capítulo. Agora *Eleazar* era o novo sumo sacerdote, o segundo de uma longa linhagem que desfilaria pela história antiga de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sumo Sacerdote.*

Morreu Arão ali. Sucedeu a ele o que sucede a todos. Trata-se de um truísmo, embora deveras solene. Feliz é o homem cujo lugar da morte é designado pela mente divina, levando a um *bom termo* uma vida bem vivida. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

O Antigo Testamento sempre descreve com simplicidade e eloqüência a morte de seus heróis. Mas essa simplicidade nunca deixa de comover-me o coração. O *corpo morto* do grande homem foi deixado ali, mas a comissão de recepção havia descido dos céus para acolher seu amado Arão. Miriã estava entre eles, e, sim, creio que seus filhos que haviam morrido em meio a tanta desgraça, no tabernáculo (Núm. 3.4 ss.). Os parteiros celestes tinham chegado, para ajudar a Arão na transição para o outro lado da existência.

"Arão enfrentou a morte sem medo, submetendo-se calmamente, enquanto seu irmão, Moisés, lhe tirava as vestes sumo sacerdotais, vestes essas que Arão havia vestido com tanta distinção. Temos a impressão de que Arão se alegrou em depositar sua carga e partir para a companhia de seus antepassados. Moisés também parece ter-se desincumbido facilmente de sua difícil tarefa de remover as vestes do irmão, com grande equilíbrio, dando a impressão de que ambos eram meros instrumentos nas mãos de Alguém, infinitamente maior do que eles. Assim sendo, o que estava acontecendo com eles, como indivíduos, afinal de contas era de pouca conseqüência" (Albert George Butzer, *in loc.*).

Dois homens desceram, mas o cadáver de Arão permaneceu. Mas o espírito que se chamara Arão, em sua peregrinação terrena, tinha subido para lugares infinitamente *mais elevados.* Eleazar, por sua parte, já tinha assumido os deveres do ofício sumo sacerdotal, e, em coragem e confiança, começava a enfrentar os árduos anos à frente. A memória de Arão jamais o abandonaria. As suas vestes haveriam de lembrar-lhe para sempre de seus deveres e privilégios. Arão não tinha entrado na Terra Prometida, mas seu filho haveria de entrar ali, triunfalmente, com toda a congregação de Israel. Ter uma boa morte sem dúvida é sinal de ter vivido uma vida boa. Arão havia deixado um bom exemplo. Mas Moisés e Eleazar desceram do monte para se ocuparem das atividades dos vivos.

20.29

O povo de Israel deu início às lamentações pela morte de Arão (que haveriam de perdurar por trinta dias), ao verem que Moisés e Eleazar desciam sem Arão. Assim, uma nação inteira sentiu a perda daquele grande homem. Arão havia terminado a carreira, cumprido os seus deveres, e soubera tirar o melhor proveito de seus privilégios. *Tudo isso* foi reconhecido pela nação inteira de Israel, embora por muitas vezes eles tivessem criticado a Arão e se tivessem rebelado contra a sua autoridade.

Os Targuns de Jonathan e de Jerusalém descrevem a cena, dizendo-nos que o povo, vendo que Arão havia morrido, rasgaram as suas vestes. Também lançaram cinzas sobre a cabeça e se entregaram a grande choro e lamentação. Com a morte de Arão, todavia, cessaram as perambulações de Israel pelo deserto. Logo a entrada na Terra Prometida tornar-se-ia uma realidade. Algum tempo mais

tarde, o mesmo povo de Israel haveria de lamentar pela morte de Moisés, em Moabe, igualmente por trinta dias (ver Deuteronômio 34.5,8).

Capítulo Vinte e Um

Continuamos aqui com a seção iniciada em Números 20.1, a qual também se estende por todo este capítulo. Aqui somos informados sobre a vitória militar de Israel em Hormá (vss. 1-3); sobre a serpente de bronze (vss. 4-9); sobre a continuação da marcha invasora (vss. 10-20); sobre a derrota dos amorreus (vs. 21-32) e sobre a derrota de Ogue (vss. 33-35). Essas foram as vicissitudes que sucederam a Israel, ao avançar sobre a Terra Prometida. E o último desses incidentes teve lugar antes da ocorrência em Jericó (22.1).

Os críticos pensam que há uma duplicação nos vss. 1-3, que eles supõem fazerem parte de uma tradição que descrevia uma tentativa de penetrar na Terra Prometida pelo sul (e não pelo leste). (Cf. Juí. 1.16,17). O raciocínio por trás disso é que supostamente Israel estava marchando para o norte; mas, se eles tiveram esse confronto com os cananeus do Neguebe, então é que estavam marchando na direção sul. A isso podemos responder que a rota seguida por Israel tomava direções inesperadas e desconhecidas para nós, que vivemos milênios mais tarde. E muitas coisas podem ter acontecido que foram mencionadas e descritas de modo muito sumário.

21.1

Arade. Ver no *Dicionário* o verbete detalhado sobre essa localidade. Ver também sobre o *Neguebe.* Arade era uma importante cidade cananéia, localizada a cerca de trinta e dois quilômetros a nordeste de Berseba. O rei daquele lugar evidentemente interpretou o movimento de Moisés e sua gente de Cades ao monte de Hor como uma ameaça ao seu território, e não fez nenhuma pergunta. Ele simplesmente se pôs em marcha, atacou e fez alguns prisioneiros.

Caminho de Atarim. Esta última palavra, no hebraico, significa "espias", pelo que algumas versões traduzem essas palavras como "caminho dos espias". Isso segue a Septuaginta, acerca da palavra como nome de um lugar. O sítio é desconhecido hoje em dia. "O caminho dos espias" também é a forma que vemos na versão peshitto, de algumas versões da Septuaginta e da Vulgata latina, e a explicação dada por alguns dos Targuns dos judeus. Se devemos mesmo compreender como "caminho dos espias", então talvez a alusão seja a uma rota que os espias de Israel tinham escolhido cerca de trinta e oito anos antes. Ver Núm. 13.17,22,29. Eles foram pela rota sul, conforme se vê na introdução a este capítulo, anteriormente.

21.2

Então Israel fez voto. Ansioso por reverter o que tinha sido uma derrota, e assim iniciar a campanha de conquista de forma vitoriosa, o povo de Israel prometeu ao Senhor que destruiria todas as cidades daquele lugar. Essa promessa concordava com o intuito do pacto abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), que estipulava que todas aquelas terras seriam dadas aos descendentes de Abraão, sendo expulsas dali as nações que tivessem enchido a sua taça de iniqüidade. Ver Gên. 15.16. Visto que esse voto de Israel concordava com o grande propósito de Yahweh, Ele concedeu a Moisés o pedido, dando ao povo de Israel a capacidade de realizar tal tarefa.

O *voto de Israel* não visava alguma pequena vitória, para então prosseguir caminho. Antes, eles queriam uma vitória *decisiva* contra as cidades cananéias daquela área.

Este texto deve ser comparado com Juí. 1.16,17, que alguns intérpretes supõem ser uma duplicação. Ver as notas de introdução a este capítulo, no que concerne a essa conjectura. Cf. também Núm. 14.39-45, que nos dá conta de como Israel não conseguiu entrar na Terra Prometida vindo do sul. Alguns intérpretes, pois, pensam que este texto pertence a essa suposta tradição de um ataque pelo sul.

21.3

Os israelitas os destruíram totalmente. Uma tradução mais literal diria aqui: "devotaram-nos à destruição", pois os israelitas tinham declarado "guerra santa", e essa vitória seria uma espécie de oferenda a Yahweh. As nações cananéias haviam oferecido resistência à vontade de Deus, entregando-se ao deboche (Gên. 15.16). E agora chegara o tempo de elas serem "oferecidas" a Yahweh, como se fosse alguma forma horripilante de holocausto.

Hormá. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado com esse nome. Esse apelativo significa "destruição ou "banimento" (no hebraico, *herem*), ou seja, "devotado" a Yahweh, conforme foi dito acima.

A História da Serpente de Bronze (21.4-9)

As serpentes tanto nos atraem quanto nos repulsam. Elas possuem certa beleza, mas arrastam-se de forma aviltante, sobre o seu ventre, pois não possuem pernas. As serpentes podem ser perigosas, e os seres humanos evitam-nas ao máximo. Muitos povos antigos eram adoradores de serpentes. O trecho de II Reis 18.4 conta o incidente da adoração à serpente de bronze, que se prolongou até os dias do rei Ezequias, de Judá. O relato que temos à frente visa livrar-nos de todas as superstições similares, assegurando-nos que Yahweh é a origem de toda cura, embora esses relatos apontem para um símbolo do poder divino. O próprio símbolo, contudo, não tem nem tinha virtude alguma. Ver no *Dicionário* o artigo *Serpentes (Serpentes Venenosas).*

Tipologia. "A serpente é um símbolo de pecado *julgado*; o bronze alude ao julgamento divino, como se dava com o altar de bronze (Êxo. 27.2); e também de autojulgamento, como era o caso da bacia de bronze. A serpente de bronze é tipo de Cristo 'que se fez pecado por nós' (João 3.14,15; II Cor. 5.21), pois Ele levou sobre Si o nosso julgamento" (*Scofield Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 9 deste capítulo).

21.4

"Partindo do monte Hor (20.27), o povo dirigiu-se para o sul, na direção do mar Vermelho (golfo de Ácaba), ou seja, na direção de Eziom-Geber (33.35; Deu. 2.1-8)" (*Oxford Reference Bible,* comentando sobre este versículo).

Os eruditos conservadores vêem neste texto uma segunda tentativa de os israelitas entrarem na terra de Canaã pelo sul. Isso fora visto como um feito impossível, pelo que os filhos de Israel mudaram de rota. Uma rota circular finalmente produziu uma invasão pelo oriente. Israel, sem dúvida, sentiu-se frustrado diante dessa manobra, que parecia afastá-los para longe *de seu propósito; e logo os israelitas murmuraram de novo. A própria alma do* povo de Israel estava cansada, razão pela qual começaram outra vez os queixumes (vs. 5).

21.5

E **falou contra Deus e contra Moisés.** Essa décima primeira murmuração a ser destacada seguiu a mesma linha de raciocínio das anteriores: o fértil Egito fora deixado para trás, e os filhos de Israel tinham ficado retidos *em um deserto estéril e miserável; o suprimento alimentar era muito escasso;* não havia água potável; e o maná se tornara enjoativo para eles. Até Números 14.18 tinham sido listadas *oito* murmurações; em Números 16.41 ss. aparece uma *nona* murmuração; em Números 20.2 ss. há uma *décima*; e aqui, temos a *décima primeira* murmuração. Aben Ezra falou em "muitas vezes", ao passo que outros intérpretes tentaram dar um número específico de vezes, conforme faz o Talmude Bab Eracin, fol. 15.1, que oferece um total de *dez* murmurações. As murmurações do povo de Israel formavam um fato histórico constante e tornaram-se um tema proeminente no Pentateuco. *Ver as notas adicionais sobre esse assunto, na introdução ao capítulo 11 de* Números.

Pão vil. O maná era uma espécie de massa folhada sem grande valor nutritivo, que deixava o estômago com um vazio de fome. A versão inglesa RSV diz aqui "alimento inútil". O termo hebraico é *qeloqel,* "algo inútil", derivado de um vocábulo básico que significa leve, vaporoso, tênue. Cf. Núm. 20.5, onde encontramos outra queixa dos israelitas acerca da alimentação.

21.6

Então o Senhor mandou. O juízo divino foi imediato. Todos os casos de murmuração foram enfrentados por meio de algum tipo de julgamento. Yahweh não tolerava tão profunda ingratidão da parte de Seu povo. Ver Romanos 1.21 ss. quanto a ingratidão dos pagãos, que conduz à apostasia.

Serpentes abrasadoras. No hebraico, *nachash sarap,* "serpentes de fogo", que vem da palavra *sarap,* "queimadura". O ugarítico *sh r p* indica "oferta queimada", sendo um cognato desse vocábulo hebraico. Alguns pensam que a alusão é à velocidade, "serpentes dardejantes". Talvez essa espécie de serpente venenosa deixe uma forte ardência no local das picadas, conforme faz o escorpião amarelo. A sensação de queimadura é tão intensa que um anestésico precisa ser injetado diretamente no local, a fim de abafar a dor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Serpentes Abrasadoras,* que oferece detalhes que não foram incluídos aqui. Quanto à *tipologia,* ver a introdução ao versículo quarto deste capítulo.

Esse ataque por meio de serpentes venenosas foi atribuído diretamente a Yahweh e associado à última murmuração. A teologia dos hebreus mostrava-se fraca quanto a causas secundárias, atribuindo todos os acontecimentos diretamente a Deus. Serpentes venenosas continuam abundantes naquela região. Diodoro Sículo comentou sobre a natureza incurável da picada de tais serpentes (o que também fez Solinus, *Polyhist.* 45).

21.7

Havemos pecado. O povo de Israel reconheceu o seu pecado de murmuração e arrependeu-se, procurando o fim da praga e a cura dos que tivessem sido picados pelas serpentes. Diante disse, Yahweh foi aplacado, conforme é usual no caso do problema do pecado e seus resultados, quando o pecador se arrepende. Por meio da própria experiência, Israel tinha chegado a apreciar o poder das orações de Moisés. Por isso mesmo, o assunto da poderosa intercessão de Moisés é um dos temas constantes do Pentateuco. Ver as notas a respeito em Núm. 16.45. A oração tem maior poder do que a profecia ou o juízo divino. Quando nada mais funciona, os homens são forçados a orar. Mas o homem espiritual usa esse poder todos os dias de sua vida, e vê muitos resultados. Ver no *Dicionário* os verbetes *Oração* e *Intercessão.*

21.8

Homeopatia Espiritual. A instrução divina era que Moisés fizesse uma espécie de réplica de uma daquelas serpentes venenosas, feita de metal, e a pusesse sobre o alto de um poste ou pendão. Ver Êxo. 17.15 quando o pendão com as palavras *Yahweh-nissi,* "Yahweh é a minha bandeira". Bastava um olhar para essa réplica para que uma vítima das serpentes fosse curada. Ver João 3.14,15 quanto à aplicação neotestamentária desse episódio, que apresenta Cristo como nosso Salvador e Médico. Ver as notas no vs. 4 deste capítulo quanto à *tipologia.* Ali temos Cristo como nosso Salvador, o qual concede aos homens a *vida eterna,* livrando-nos da morte espiritual provocada pelo pecado. Ver no *Dicionário* o verbete *Salvação.* Os críticos vêem nesse relato uma indicação dos ritos de magia simpática, bastante comum nas culturas antigas, mas também nas culturas modernas. Por isso fala-se em *simpatias,* como modos supersticiosos de curar ou alterar as coisas. "Estes versículos refletem a *magia das serpentes,* conforme ela era praticada, por exemplo, no Egito. A serpente de bronze (no hebraico, *nehushtan*) tornou-se um objeto de adoração popular durante a monarquia israelita (ver II Reis 18.4)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Mas embora certamente houvesse essas superstições, o que temos neste texto é um símbolo concreto que ajudou os israelitas a exercer confiança nos poderes de Yahweh. Ao tempo em que foi redigido o Pentateuco, o autor não se teria envolvido jamais com nenhum culto rival ao de Yahweh, porquanto isso teria sido uma modalidade de idolatria.

21.9

Fez Moisés. A ordem do Senhor foi obedecida, e o efeito prometido também teve cumprimento, pelo que este versículo reitera a informação dada no versículo anterior, levando-nos a entender que, "uma vez cumprida a ordem divina, os efeitos desejados foram obtidos". Ver o versículo anterior quanto a notas expositivas que também se aplicam aqui.

"A *antiga serpente* (Satanás) era a causa da morte, temporal e espiritual. Cristo Jesus, 'em semelhança de carne pecaminosa' (Rom. 8.3), foi feito pecado por nós (II Cor 5.21), e assim cumpriu, conforme Ele mesmo disse a Nicodemos, o tipo da serpente de bronze (João 3.14,15)... O livro de Sabedoria explica a questão como segue: 'Aquele que se voltava para ela [a serpente de bronze] não era curado *pela coisa,* mas por *Ti*' (16.7). Essa serpente de metal foi preservada pelos filhos de Israel e levada à terra de Canaã, até que finalmente foi destruída pelo rei Ezequias, depois de ter sido transformada em um objeto de adoração idólatra (II Reis 18.4)" (Ellicott, *in loc.*).

A Marcha Tem Reinício (21.10-20)

21.10

Quanto ao itinerário da marcha, ver Números 33 e Deuteronômio 2. Os críticos vêem aqui uma composição dupla, que teria tornado incoerente a geografia refletida no trecho. Os estudiosos conservadores, por sua vez, admitem que é impossível acompanhar essa rota; e há muitas conjecturas a respeito. Parte da obscuridade desta seção é que várias das localidades mencionadas nunca foram identificadas. O itinerário mais completo aparece no capítulo 33 de Números. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Êxodo (o Evento),* acerca daquilo que se conhece sobre a rota seguida.

Obote. No hebraico, esse nome significa "odres". Era um lugar no deserto, por onde os israelitas vaguearam, que continha alguma água. Essa foi a quadragésima sexta parada no deserto. Ficava perto do território de Moabe. Ver Núm. 21.11; 33.43,44. Tem sido tentativamente identificada com o oásis chamado *el-Weiba,* que fica o sul do mar Morto. Em Números 33, Zalmona e Punon são locais listados entre Hor e Obote (vss 41-43).

21.11

Ijé-Abarim. No hebraico, "montes do além". Esse era o nome de um dos lugares onde o povo de Israel estacou, em suas perambulações pelo deserto. Ficava entre Obote (ver o vs. 10) e o vale de Zerede ou Dibom-Gade (Núm. 21.12; 33.44,45). Ficava no território de Moabe ou nas proximidades, conforme se depreende deste versículo e de Núm. 33.44.

Moabe. Ver sobre esse país no *Dicionário.*

Para o nascente. Ou seja, para o lado oriental do território de Moabe. Ver Juí. 11.18.

21.12

Zerede. No *Dicionário* apresentei um artigo detalhado sobre esse lugar. No hebraico, mui provavelmente o nome significa "bosque dos salgueiros" ou "torrente dos salgueiros". Esse é o nome de dois acidentes geográficos mencionados no Antigo Testamento, um ribeiro e um vale (como neste texto). Na antiguidade, Zerede formava a fronteira entre Moabe e Edom. O rio Zerede flui para o mar Morto, em sua curva sudeste.

21.13

Arnom. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar no *Dicionário.* O nome, no hebraico, quer dizer "murmúrio". Esse era o rio que formava a fronteira sul da Palestina Transjordaniana, separando-a da terra de Moabe. Ver Núm. 21.26; Deu. 2.24; 3.8,16; Jos. 12.1; Isa. 16.2; Jer. 48.20.

Amorreus. Ver acerca desse povo antigo no *Dicionário.*

21.14

Os versículos 14 e 15 deste capítulo oferecem um citação extraída de uma antiga coletânea poética chamada de livro das *Guerras do Senhor.* Ver também Jos. 10.13 e II Sam. 1.18. O trecho de Números 21.4 ss. refere-se a um antigo livro com esse título, de onde extraiu algumas citações. A citação termina mencionando *Moabe,* mas é provável que os vss. 17 e 18, como também os vss. 27-30, contenham alguns fragmentos desse mesmo livro. Parece que essa obra era uma espécie de coletânea de canções populares, onde eram comemoradas várias vitórias. Yahweh é o Capitão dos Exércitos, e também Aquele que dá a vitória ao Seu povo. O *Livro dos Justos,* mencionado em II Sam. 1.18, aparentemente era uma obra similar (ou talvez, a mesma). Os eruditos pensam que ambas as obras pertenciam à época de Davi. A Septuaginta apaga a referência ao livro, havendo até estudiosos que dizem que a omissão representa o texto em sua forma original. Ver o livro dos *Justos,* mencionado em Jos. 10.13. A menção a tais livros ilustra o fato de que havia considerável atividade literária naqueles dias antigos, além dos livros que, finalmente, vieram a fazer parte do cânon do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigos chamados *Livro (Livros)* e *Livros Perdidos da Bíblia.*

É apenas natural que os sucessos militares dos israelitas tivessem sido registrados de vários modos, além das Escrituras canônicas. É difícil dizer exatamente quão vastos tesouros literários se perderam no decorrer dos séculos. Mas o fato de que tantos livros se perderam não diminui em nada o valor daqueles que sobreviveram até nós. Outrossim, o Espírito mostrou-se ativo no processo da canonização, ainda que, como é óbvio, fatores históricos e literários também se tenham feito sentir.

Vaebe em Sufá. Essas estranhas palavras aparecem em nossa versão portuguesa, em Números 21.14, como parte do que estaria no livro das *Guerras do Senhor.* Ver acima neste livro. A Revised Standard Version, em inglês, concorda com essa tradução. Porém, ninguém sabe o que tais palavras significam e nem onde estariam localizados tais lugares. A versão Berkeley (em inglês), em nota de rodapé, explica que *Vaebe* seria uma cidade próxima do rio Arnon, um pouco mais para o norte. Mas não explica a base para tal declaração.

Outras traduções e outros estudiosos dão uma interpretação inteiramente diferente dessas palavras. Assim, a versão inglesa King James diz: "O que ele fez no mar Vermelho". É mister que os hebraístas investiguem um pouco mais a respeito e se manifestem. Essa passagem bíblica, por enquanto, permanece envolta em brumas.

Sufá é transliteração do termo hebraico *suphah,* "tempestade", "redemoinho", o qual ocorre por quinze vezes nas páginas do Antigo Testamento. Ver Jos. 21; Jó 21.18; Isa. 5.28; 29.6; Jer. 4.13; Osé. 8.7. Era uma região ocupada pelos moabitas, citada no livro *Guerras do Senhor.* Talvez Vaebe fosse uma cidade dessa região. A sua associação com o ribeiro do Arnom sugere que a região ficava a oriente do mar Morto, na área onde corriam o ribeiro do Arnom e seus tributários. A Revised Standard Version diz "Waheb inSuphah". As versões mais antigas pensavam que se tratava de uma alusão ao mar Vermelho (*yam suph,* no hebraico).

Seja como for, se esses nomes indicam uma cidade e uma região, podemos apenas conjecturar quanto à localização de tis localidades. Talvez esteja em foco a mesma Sufá também referida em Deuteronômio 1.1.

21.15

Ar. Ver o artigo detalhado sobre esse local, no *Dicionário*. A referência é incerta. Talvez esteja em pauta uma cidade cuja localização se perdeu. Mas sem dúvida ficava perto de Arnom, a leste do mar Morto. O sentido do nome também é desconhecido. Alguns dizem que Ar era *ei Misna*, uma cidade na porção norte do território de Moabe, a cerca de dezesseis quilômetros ao sul de Arnom (Núm. 22.36; cf. Deu. 2.9,18).

Visto que esses nomes figuram no livro das *Guerras do Senhor*, podemos conjecturar que Israel obteve vitórias nesses lugares, apesar do fato que coisa alguma é dito sobre batalhas levadas a efeito ali, nas páginas do Antigo Testamento.

21.16

Beer. Há um detalhado artigo sobre esse lugar, no *Dicionário*. No hebraico, esse nome significa "poço". No Antigo Testamento, duas localidades são assim chamadas. Aqui temos um dos lugares onde Israel se acampou, do outro lado do ribeiro do Arnom. Ali havia água, e assim Israel conseguiu refrigerar-se em sua jornada. Talvez se trate do mesmo lugar chamado *Beer-Eiim*, em Isaías 15.8, ou seja, "poço dos heróis".

Os vss. 16-18 constituem o *Cântico do Poço* ou *Cântico de um Poço*, outro antigo fragmento poético. Ver as notas sobre o vs. 14 quanto ao livro *Guerras do Senhor*. Quase quatro milhões de pessoas viajavam por um deserto estéril, e elas teriam toda a razão de se alegrarem se, de súbito, topassem com um bom suprimento de *água*. Isso foi visto como um dom de Yahweh, e foi cantado em um poema.

"Temos aí uma das poucas canções populares dos hebreus que sobreviveram, e bem pode ter-se originado na prática de cobrir um poço recém-encontrado, até que fosse formalmente aberto pelos chefes da tribo, trazendo seus símbolos de autoridade, como representantes da tribo toda" (John Marsh, *in ioc.*).

"Afirmou-lhe Jesus: ... aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (João 4.13,14). Portanto, temos aí a tipologia envolvida. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Água*, que inclui os tipos simbólicos desse elemento natural.

Fonte Tu, de toda a bênção,
Vem o canto me inspirar...

(Robert Robinson)

21.17

Então cantou Israel. A letra desse cântico é um dos poucos fragmentos do antigo cancioneiro popular dos hebreus, o *Cântico do Poço* (ver o vs. 16). "Temos aqui um dos mais antigos cânticos de guerra do mundo, embora não se possa entendê-lo com facilidade, como é comumente o caso de todas as mais antigas composições, sobretudo sob forma poética" (Adam Clarke, *in ioc.*).

A própria fonte foi invocada, para que borbotasse em uma "canção" para glória de Yahweh, o Provedor.

"A descoberta foi muito oportuna, devido à *intervenção* especial de Deus. Essa parece ser a verdadeira interpretação de uma cláusula um tanto obscura" (Jamieson, *in ioc.*).

As palavras "entoai-lhe cânticos!" podem significar "canta uma resposta". É que os cânticos antigos eram responsivos, em que alguém dizia algo e outrem respondia.

21.18

Um Empreendimento Divino-humano. Homens cavaram o poço; mas Yahweh é que os havia guiado até aquelas águas subterrâneas. Houve a cooperação entre Deus e os homens, conforme se dá com toda a vida neste mundo. A água estava ali, mas os homens precisavam ser impelidos a cavar. Israel precisou fazer o esforço de *cavar*. Mas o fruto desse esforço, a água preciosa, foi um presente de Yahweh. Ver Tiago 1.17. A ajuda e a graça divina não isentam os homens da necessidade do esforço.

Os príncipes. Ou seja, os líderes das tribos, os setenta cabeças, ou então os príncipes de cada tribo, formando um total de doze. Também podem estar em pauta pessoas designadas por esses príncipes, para fazerem o trabalho de escavação. O poço foi um empreendimento do povo todo, e não algum esforço individual. O Targum de Jonathan diz que tudo foi feito "sob a direção do legislador", ou seja, Moisés, a figura central por trás da escavação. No entanto, nossa versão portuguesa, em vez disso, diz "com o cetro".

Com os seus bordões. Podemos pensar aqui em bengalas ou pendões. Todavia, alguns pensam que foram preparados instrumentos especiais para escavar no terreno do deserto estéril. E esses instrumentos especiais teriam sido poeticamente chamados de "bordões". Mas também é possível que o local do poço tivesse sido *assinalado* por meio dos bordões, e que então outros instrumentos foram usados para fazer a escavação propriamente dita.

Uma Proposta de Reconstituição do Cântico:

Brota, ó poço! Responde.
(Essas palavras reaparecem em outras
partes do cântico)
O poço, os príncipes o procuraram.
(A resposta).
Os nobres do povo o escavaram.
Por meio de um decreto,
em suas fronteiras.

(Isso era dito pelo coro)

Mataná. No hebraico, esse termo significa "presente". Era o nome do qüinquagésimo terceiro lugar onde os israelitas se acamparam, depois de terem saído do Egito, sob a liderança de Moisés. Ficava na parte norte do ribeiro do Arnom (Núm. 21.18,19). Fazia parte do território de Seom, rei dos *amorreus* (ver sobre eles no *Dicionário*). O livro de Números informa-nos que a localidade ficava entre Beer e o riacho de Naaliel. A localização exata atual, porém, é desconhecida, embora tenha sido tentativamente identificada com *Khirbet el-Mediyineh*, que fica a cerca de dezoito quilômetros a nordeste de Dibom.

21.19

Naaliel. No hebraico, "vale" ou "torrente de Deus (El)". Esse foi o nome de um dos pontos de parada dos israelitas, quando caminhavam do ribeiro do Arnom a Jericó. Se esse nome aponta para uma torrente, e não para um vale, então talvez esteja em foco um dos tributários do ribeiro do Arnom. Seja como for, ficava perto de Pisga, ao norte do ribeiro do Arnom, embora a sua localização exata não possa ser identificada.

Bamote. No hebraico, "lugares altos de Baal", um local na Transjordânia onde os israelitas fizeram uma parada. Ficava ao norte do ribeiro do Arnom. Talvez seja a mesma localidade chamada Bamote-Baal (Jos. 13.17). Era um lugar pertencente aos moabitas e adquiriu tal nome devido à adoração idólatra que ali havia. Foi nesse local que o rei Balaque (ver sobre ele no *Dicionário*) pediu para Balaão (ver sobre ele no *Dicionário*) amaldiçoar o povo de Israel. A pedra *Mesha*, com inscrições que datam de cerca de 830 A. C., assevera que o rei Mesha erigiu aquele lugar, juntamente com outros lugares similares, em Dibom, Bezer e Medeba. Essa cidade foi dada à tribo de Rúben (Jos. 13.17), como parte de sua herança. A localização exata é desconhecida atualmente, embora seja tentativamente identificada na margem ocidental do platô da Transjordânia, ao cume do monte Nebo, parte da moderna *Khirbet el-Quweiquyeh*.

21.20

Cume de Pisga. Há um detalhado artigo sobre esse lugar no *Dicionário*, razão pela qual não repito aqui as informações. No hebraico, "pico", "cume", "ponta". O lugar (identificado apenas tentativamente) tornou-se famoso e proverbial por ter sido dali que Moisés contemplou a Terra Prometida, onde não lhe foi permitido entrar. Há um hino, "Doce Hora de Oração", que contém uma alusão poética a esse lugar:

Até que, do alto do monte Pisga
Eu veja meu lar,
e alce vôo.
Deixarei este robe de
carne, e alçarei
Para tomar conta do prêmio
eterno.

(W. W. Walford)

Esse pico ficava, ao que parece, a poucas milhas a *leste* do extremo nordeste da margem do mar Morto, sendo um dos promontórios do platô moabita, do outro lado de quem olha de Jericó. "Pelo menos, Israel parecia estar às vésperas da invasão e conquista da Terra Prometida" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Que olha para o deserto. Algumas traduções preferem traduzir aqui "deserto" como um nome próprio, *Jesimom*. Essa palavra, no hebraico, significa "deserto". Pode indicar apenas a área desértica existente no lugar, sem que houvesse ali nenhuma habitação humana. Seja como for, a área referida ficava em território moabita, a nordeste do mar Morto. Ver no *Dicionário* o

termo *Jesimom*. I Sam. 23.19 refere-se ao deserto existente a nordeste do mar Morto.

A Derrota dos Amorreus (21.21-30)

21.21

As planícies de Moabe, sem dúvida, tornaram-se uma área contestada (vs. 26). Na ocasião, a área era controlada pelos amorreus, mas normalmente pertencia aos moabitas. Agora o povo de Israel estava passando por aquele caminho, e uma batalha era inevitável. Tal como no caso do moabitas (Núm. 20.14 ss.), Moisés pediu uma passagem pacífica através da região, prometendo não causar nenhum dano ou prejuízo. Mas o rei do lugar, *Seom*, tal como fizera o rei dos moabitas, recusou-se a dar sua permissão aos israelitas. Em contraste com o caso anterior, Israel aceitou a guerra neste caso. Se Seom não se tivesse mostrado disposto à peleja, talvez Israel tivesse feito algum ajuste na sua rota. Mas o ataque não deixou escolha aos filhos de Israel. Israel ganhou a batalha e reivindicou direito sobre o território inteiro. Cf. Deu. 2.26-29.

Israel mandou mensageiros. Os israelitas tinham de enfrentar muitas guerras doravante, e evitar uma delas neste ponto teria sido um encorajamento para eles prosseguirem. Israel não queria ocupar o território, mas somente atravessá-lo. Mas, tal como no caso que envolvera os idumeus, foram enviados mensageiros à frente, para explicarem por qual razão tão grande massa de gente estava cruzando o território dos amorreus.

Seom. No hebraico, "grande", "ousado". Nome do rei dos amorreus, que os israelitas derrotaram, em seu caminho à terra de Canaã. Seu nome ocorre por trinta e sete vezes no Antigo Testamento, sobretudo no Pentateuco. Quanto a plenos detalhes, ver o artigo sobre ele e sobre a derrota de sua gente, no *Dicionário*, ambas as coisas no verbete chamado *Seom*. As derrotas de Seom e de Ogue continuaram a inspirar os filhos de Israel por muito tempo. A invasão da Terra Prometida, pois, foi encorajada por essas vitórias preliminares. Tais vitórias tornaram-se temas favoritos dos historiadores e poetas posteriores de Israel.

21.22

Este versículo é virtualmente idêntico a Núm. 20.17, que se aplica ao caso dos moabitas. As mesmas promessas foram feitas. As notas dali aplicam-se também aqui.

"Atravessar esse território em algum ponto seria uma rota mais curta até o rio Jordão, que Israel teria de cruzar a fim de entrar na terra de Canaã" (John Gill, *in loc.*). Já tendo perambulado pelo deserto durante quarenta anos, Israel não tinha a energia e a paciência para prolongar a agonia ainda de outro desvio, pelo que a providência divina lhe arranjou uma vitória. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

21.23

À semelhança do rei de Moabe (Núm. 20.18), Seom não se mostrou liberal para com Israel. Sem dúvida, ele tinha suas razões. Estava ocupando um território que havia arrebatado dos moabitas, e não tinha motivos para pensar que os povos se mostrariam liberais para com ele, um usurpador. Cf. Deu. 2.30. Ver também Juí. 11.20. Yahweh endureceu o seu coração, conforme diz o texto de Deuteronômio, porque o povo de Israel dali por diante haveria de ver a mão do Senhor, dando-lhes a vitória e encorajando-os a invadir e conquistar a Terra Prometida. Desde a saída de Israel do Egito, essa é a primeira vez que vemos Yahweh endurecendo o coração de algum homem. Ver Êxo. 7.13,14,22; 8.15,19,32; 9.7,12,34; 10.1,20,27; 11.10; 14.8. Algumas vezes é dito que o Faraó endureceu o seu coração. E, de outras vezes, é dito que Yahweh endureceu o coração dele. Isso posto, conclui-se que Deus usa a vontade do homem sem destruí-la, embora não saibamos dizer *como* Ele faz isso. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Determinismo (Predestinação); Livre-arbítrio* e *Predestinação (e Livre-arbítrio)*, todos os quais abordam os problemas envolvidos nessa questão.

Jaza. No hebraico, "repisada", pois diz respeito a alguma *eira*. Ver sobre esse termo no *Dicionário*. Sua localização geográfica é incerta.

21.24

Israel o feriu ao fio da espada. A vitória foi decisiva. Foi conquistado todo o território de Seom. A descrição "desde Arnom até Jaboque" inclui a totalidade desse território. As direções são dadas do sul para o norte. "A parte oriental do Jaboque dobrava na direção sul, formando a extensão das possessões dos amorreus" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Outro povo, os amonitas, ficava a leste do rio Jaboque. As terras dos amonitas foram poupadas porque as suas fronteiras eram fortificadas, e também porque esse povo estava relacionado a Israel, por meio de Ló, sobrinho de Abraão (Gên. 19.36; Deu. 2.19). As cidades dos amorreus foram ocupadas, incluindo Hesbom (vs. 25), que ficava somente a cerca de quarenta quilômetros de distância de Jericó. Isso preparou Israel para a invasão da porção *leste* da Terra Prometida.

21.25

Israel tomou. A vitória incluiu a ocupação de todas as cidades daquela região que pertenciam aos amorreus. Visto que não foram listados os nomes dessas cidades, alguns críticos textuais supõem que a lista (que estaria ali originalmente) tenha saído do texto por descuido de cópia; mas não há nenhuma evidência objetiva quanto a essa possibilidade. Israel ficou naquele território por algum tempo (vs. 31), o que também não é especificado. Durante esse período, sem dúvida, Israel preparou-se para invadir a terra. A ocupação permanente da parte oriental do rio Jordão só se tornou fato após a morte de Moisés.

Hesbom. No hebraico, "prestação de contas" ou "inteligência". Essa cidade era a capital dos amorreus, onde residia o rei deles. Ficava na parte sul do território deles, a cerca de vinte e nove quilômetros a leste do rio Jordão. Há um detalhado artigo sobre esse lugar no *Dicionário*, pelo que não dou detalhes aqui. Uma aldeia moderna, de nome *Hesban*, assinala o local antigo.

21.26

Hesbom e as aldeias em redor tinham sido conquistada por Seom, pela força das armas dos moabitas; portanto, era apenas justo que essas terras agora lhe fossem tomadas. Além disso, o pacto abraâmico incluía a ocupação final daqueles lugares por parte de Israel, visto que finalmente se enchera a taça da iniqüidade daqueles diversos povos pagãos, e eles mereciam perder suas terras e suas cidades. Ver Gên. 15.16. Nesse versículo, o nome *amorreus* aponta para todos os habitantes do território que Deus havia prometido a Abraão, por ser uma das principais forças opositoras dos israelitas. A Palestina era palco de intermináveis conflitos entre tribos selvagens, e as suas cidades viviam trocando constantemente de mãos. As palavras "toda a sua terra" indicam as cidades entre os rios referidos no vs. 24.

21.27

Os vs. 27-30 constituem um antigo poema ou canção de zombaria atribuído pelo autor a algum amorreu desconhecido. O autor havia escarnecido dos impotentes moabitas, devido à sua total derrota, quando os amorreus conquistaram aquela região. E o autor do livro de Números agora aproveitou o cântico, provavelmente com algumas modificações, para zombar dos amorreus. Alguns intérpretes, supondo que Israel dificilmente lançaria mão de uma composição literária dos amorreus, pensam que temos aqui uma *sátira*, posta nas bocas dos amorreus para zombar deles mesmos, como se um de seus poetas pudesse ter escrito tal zombaria. Ainda outros eruditos supõem que o poema (canção) seja de data posterior derivada da dinastia de Onri, quando Moabe foi derrotado por Israel (ver II Reis 3.4-27). Seja como for, sem importar quem tenha composto a peça, originalmente os moabitas eram os alvos do motejo.

Vinde a Hesbom! Os guerreiros amorreus, que conquistaram aquele lugar, *convidam aqui o rei deles, Seom, para que viesse a essa cidade a fim de reedificá-la*, embelezá-la e fazer dela a sua capital. A história foi revertida, e agora os israelitas é que podiam ir até ali e reedificar a cidade, tendo-a tomado das mãos dos amorreus.

"Os cantores de baladas formavam uma classe de profissionais cujas atividades mostravam-se mais ativas em tempos de guerra" (John Marsh, *in loc.*). A *Ilíada* e a *Odisséia*, de Homero, são antigos exemplos gregos dessa atividade poética, que também celebrava feitos militares.

21.28

Fogo. O fogo simbolizava a guerra. A cidade fora incendiada, e as chamas consumiram várias cidades. O espetáculo pôde ser visto por muitos quilômetros ao redor. Cf. Amós 1.4,7,12,14. Os Targuns de Onkelos e de Jerusalém fazem esse fogo representar os rudes *guerreiros* amorreus, que saíram ao redor destruindo o que encontravam pela frente.

Ar. Ver o vs. 15 e suas notas quanto a esse lugar. Esse nome significa *cidade*. Mas sua localização não pode ser determinada. Não somente Hesbom sofreu. Todas as cidades ao redor também tiveram a mesma sorte. A destruição dos amorreus foi completa e brutal.

Os senhores dos altos de Arnom. Ou seja, aqueles príncipes que tinham estabelecido seus postos de governos em lugares elevados e fortificados, difíceis de ser conquistados. Tais fortalezas, porém, logo foram reduzidas a nada, pelos selvagens amorreus. Alguns estudiosos pensam que devemos conceber aqui os

templos e santuários que tinham sido edificados. Talvez esteja em foco a área de Bamote (vs. 20), onde há uma área de colinas que incluía Pisga, como parte dos monte de Abarim. Moabe foi assim destruída, em seus aspectos sagrado e secular. Cf. 22.41 e Jos. 13.17.

21.29

Povo de Camos. O alegado poder dessa divindade dos moabitas mostrou-se inútil quando os amorreus atacaram, ao ponto de seus santuários e templos terem sido demolidos e de os filhos e as filhas de Moabe terem sido passados ao fio da espada. E os poucos que escaparam foram levados para o cativeiro e absorvidos pela cultura e sociedade dos amorreus, conforme era costumeiro fazer nas guerras antigas. Naturalmente, Israel também seguia esses métodos, chegada a sua vez de vencer e de aniquilar. E assim, o que havia acontecido antes aos moabitas agora acontecia aos amorreus.

21.30

O original hebraico, neste versículo, parece ter sido irremediavelmente corrompido, pelo que aos intérpretes resta tentarem determinar hipoteticamente o seu significado. Se as palavras pertencem ao autor sagrado, então a palavra inicial, "nós", refere-se aos israelitas, que terminaram atirando seus dardos e suas flechas contra os amorreus. E a descrição continua, relatando as maldades dos amorreus contra os moabitas. A Septuaginta diz aqui mais ou menos como diz nossa versão portuguesa, "nós atiramos contra eles", ao passo que algumas outra traduções falam em "e eles pereceram".

Sem importar qual o seu sentido exato, fica entendido que o versículo fala de uma destruição generalizada. Algumas poucas cidades representativas, que foram destruídas, são mencionadas:

Hesbom. Ver as notas no vs. 25 deste capítulo, bem como o artigo com esse nome no *Dicionário.*

Dibom. Ver sobre essa cidade no *Dicionário.* Duas cidades aparecem com esse nome nas páginas do Antigo Testamento. A cidade que figura neste passo bíblico é Dibom-Gade, a primeira que é tratada naquele artigo. Esse nome significa "definhar", embora não se saiba por qual motivo. Hesbom lhe ficava mais ao norte, ao passo que Dibom ficava mais ao sul. E assim o autor sagrado estava dizendo que a destruição se espalhou desde a fronteira sul até a fronteira norte.

Nofá. Algumas versões portuguesas dizem aqui *Nofã.* No hebraico, esse nome significa "rajada de vento" ou "lugar ventilado". Esse era o nome de uma das cidades dos moabitas, ocupada pelos amorreus, talvez a mesma cidade chamada *Noba,* em Juizes 8.11. Nesse caso, Nofá ficava próxima de Jogbeá, não muito distante do deserto oriental da Terra Prometida. Tem sido identificada com as ruínas chamadas *Nowakis,* a noroeste da cidade de Amã.

Medeba. No hebraico, *águas tranqüilas.* Nome de uma cidade a leste do rio Jordão, no território da tribo de Rúben (Jos. 13.9-16). Antes disso, pertencia aos moabitas, então aos amorreus; e, finalmente, passou para as mãos de Israel. Provi um detalhado artigo sobre essa localidade no *Dicionário.*

A Derrota de Ogue (21.31-35)

21.31

O povo de Israel, que agora se aproximava deveras da Terra Prometida, a fim de invadi-la, obteve uma série de vitórias preliminares. O trecho de Números 21.31,32 descreveu a vitória esmagadora deles sobre os amorreus. E agora chegamos à descrição da derrota de outro desses primeiros inimigos de Israel, *Ogue.* Esse triunfo tornou-se um dos temas favoritos de historiadores e poetas posteriores. Esta seção é idêntica à de Deuteronômio 3.1,2, exceto pelo fato de que ali é usada a primeira pessoa, enquanto o vs. 35 deste trecho adiciona alguns detalhes. Ogue, outro rei amorreu, controlava a terra imediatamente ao norte do rio Jaboque. Essa era a área também conhecida como *Gileade* ou *Basã.*

Na terra dos amorreus. Isso prolongou-se por algum tempo antes da invasão da Terra Prometida propriamente dita. Lembremo-nos de que aquela região tinha antes pertencido aos moabitas. É possível que ali os israelitas tivessem traçado planos e preparado o seu equipamento de guerra para o empreendimento maior da conquista. Mas antes que isso pudesse suceder, *Ogue,* outro rei amorreu, precisou ser derrotado. Agora o povo de Israel estava concentrado naquela porção da Terra Prometida que posteriormente foi dada às tribos de Rúben e Gade.

21.32

Jazer. No hebraico, "ele ajuda". Nome de uma cidade dos amorreus, no território de Gileade, no lado oriental do rio Jordão. Foi conquistada dos amorreus quando Israel se preparava para invadir a Terra Prometida. Foi uma das quatro cidades pertencentes à tribo de Gade que foram entregues aos levitas (Jos. 21.39). Alguns dos mais habilidosos e destemidos guerreiros de Davi provinham daquela localidade (I Crô. 26.31). Finalmente, os moabitas conquistaram a área e fizeram de Jazer uma de suas cidades fronteiriças (Isa. 16.9; Jer. 48.32). Isso teve lugar pouco depois da queda de Samaria. Nos tempos helenistas, os amonitas estiveram de posse de Jazer; mas Judas Macabeu tomou-a deles. Isso ocorreu em cerca de 164 A. C. (I Macabeus 5.7,8). O local tem sido tentativamente identificado com o *wadi Sa'ib,* perto de *es-Salt.* Outras identificações também têm sido propostas, como *Khirbet Sar* (Qasr es-Sar), a cerca de oito quilômetros a oeste de Amã, perto do *wady esh-Shita;* e também com *Khirbet es-Sireh,* a cerca de um quilômetro e meio ao norte de Khirbet Sar. Mas a verdade é que a questão da localização exata da antiga cidade continua em aberto.

Nessa outra porção do território dos amorreus, Israel obteve completo sucesso, e assim consolidou sua base de poder.

Temos um novo incidente que envolveu *espias,* tal como se vira no capítulo 13 de Números; mas dessa vez houve um relatório positivo e a subseqüente vitória dos filhos de Israel.

21.33

Basã. No hebraico, *fértil* ou *frutífero.* Era uma planície no lado oriental do alto rio Jordão, ladeando o mar da Galiléia. Desconhecem-se os seus limites exatos, mas aparentemente começava no monte Hermom, no norte, Salacá, no oriente, Gileade, no sul, e em Gesur e Maacá, no ocidente. Apresentei um detalhado artigo sobre essa região no *Dicionário,* incluindo descobertas arqueológicas que iluminam a questão. Há muitas referências sobre essa área, no Antigo Testamento.

Ogue. Não se sabe o que significa essa palavra, embora alguns tenham pensado em "pescoço longo" e em "gigante". Ver Núm. 32.33; Deu. 4.47 e 31.4. Há um artigo detalhado sobre esse homem no *Dicionário,* pelo que não repito aqui o material. Ogue era o rei do reino vassalo de *Basã,* e foi necessário que Israel conquistasse esse território como preparação para a invasão da Terra Prometida, depois de cruzar o rio Jordão.

Edrei. No hebraico, *forte* ou *terra semeada.* Esse era o nome de duas cidades mencionadas no Antigo Testamento. Elas são discutidas no *Dicionário.* A Edrei deste texto é a que aparece em segundo lugar ali. Ver também Jos. 12.4,5; 13.12; Deu. 3.19. Foi ali que o povo de Israel obteve uma vitória decisiva sobre Ogue, rei de *Basã.* Era uma importante cidade, a cerca de sessenta e cinco quilômetros a leste-sudeste do mar da Galiléia. Obtendo ali a vitória, Israel veio a controlar toda a área da Transjordânia, entre o monte Hermom (Deu. 3.8) e o rio Arnom, e para o leste até a fronteira da terra dos filhos de Amom. Tendo realizado isso, eles foram capazes de avançar sem encontrar obstáculo até as planícies de Moabe, preparando o terreno para a invasão maior da terra de Canaã (Núm. 22.1). A moderna *Edreat* assinala o antigo local de Edrei.

21.34

Seom havia sido totalmente derrotado, tendo sido essa a primeira vitória poderosa que Yahweh deu aos israelitas. Seguindo esse exemplo, a conquista prosseguiu e Ogue também foi completamente aniquilado, conforme é descrito e comentado no versículo anterior. Yahweh, o Capitão dos Exércitos, recebeu todo o crédito por essas vitórias, e logo o território que foi prometido a Abraão, no pacto abraâmico (ver as notas a respeito, em Gên. 15.18), estava nas mãos dos israelitas, provendo-lhes assim um território pátrio.

O próprio Ogue era um gigante de imensas proporções (conforme nos informam outras referências bíblicas), e seu povo também era numeroso e poderoso; mas nada disso pôde impedir o avanço de Israel. Ver as notas sobre Deu. 3.11 quanto a descrições sobre esse gigante.

21.35

De tal maneira o feriram. A matança foi completa. Este versículo dá a entender que não restou um único amorreu que antes habitava em Basã. É possível que tenham restado alguns, mas na verdade poucos demais para serem mencionados. Cf. Deu. 3.3. Nem mesmo mulheres e crianças foram poupados. Assim sendo, temos o cumprimento do trecho de Gênesis 15.16. A taça da iniqüidade daqueles povos pagãos estava cheia, e era tempo para cederem seus territórios aos descendentes de Abraão. Chegamos a balançar a cabeça diante da carnificina. A história humana tem sido escrita com sangue. Algum dia os homens

atingirão um ponto de espiritualidade em que será anulada toda a carnificina, mas ainda teremos de avançar muito para que isso venha a tornar-se uma realidade. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Guerra.*

O território assim conquistado acabou ficando nas mãos da meia tribo de Manassés. Ver Deu. 3.4,5,13-15.

Capítulo Vinte e Dois

Nas Planícies de Moabe (22.1—36.13)

Eventos Importantes (22.1—32.42)

Balaão (22.1—24.25)

As vitórias de Israel sobre os amorreus (Seom, Ogue seus exércitos; 21.21 ss.) pavimentaram o caminho para o povo de Israel cruzar para o lado ocidental do rio Jordão, e assim iniciar a conquista da Terra Prometida propriamente dita. Israel estava obtendo vitória após vitória, e Balaque, o rei de Moabe, tomou medidas que procuravam impedir a continuação do avanço de Israel. Ele pensou que uma coisa que poderia fazer era lançar uma maldição contra Israel. Para tanto, contratou Balaão, um profeta e adivinho pagão que vive em Petor, a qual, no dizer de Deuteronômio 23.4, era uma cidade da Mesopotâmia, pertencente aos midianitas (Núm. 31.8). Ao que tudo indica, ele tinha grande reputação, e deve ter possuído poderes genuínos, que (mui significativamente) atribuía a Yahweh, embora não fosse um hebreu. Aquele que se julgava dirigido por Yahweh dificilmente lançaria uma maldição contra Israel, o povo distintivo de Yahweh no Antigo Testamento. Todavia, não hesitou em tentar enfraquecer Israel de *outra maneira.* Ver Núm. 25.1. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Balaão,* que conta toda a história com detalhes.

O principal ensino da história de Balaão é que a *bênção* de Yahweh sobre Israel era inevitável e inexorável. Coisa alguma poderia fazer cessar a bênção divina, nem mesmo o rei de Moabe com a ajuda da maldição de um poderoso profeta. De fato, o plano do rei seria anulado, e Balaão acabaria *bendizendo* a Israel (Núm. 23.20 ss.).

22.1

Este versículo atua como uma espécie de conclusão do capítulo 21 de Números e uma transição para a história de Balaão, no capítulo 22 do mesmo livro. O lado *oriental* do rio Jordão, que originalmente havia pertencido aos moabitas, mas que fora conquistado pelos amorreus, e daí passara para a possessão de Israel (Núm. 21.21 ss.), atuou como uma espécie de mola propulsora para Israel preparar-se para invadir o lado ocidental do rio Jordão. Israel agora era dona da *Transjordânia,* entre o monte Hermom (Deu. 3.8) e o rio Arnom, e daí para o oriente até as fronteiras das terras dos filhos de Amom. Foi assim que eles puderam avançar sem achar nenhuma oposição, até as planícies de Moabe. Eles contavam com forças defronte de *Jericó,* que ficava no lado ocidental do rio Jordão. Ver no *Dicionário* o artigo sobre essa cidade.

22.2

Balaque. No hebraico, esse nome significa *desperdiçador.* Ele era filho de Zipor, rei dos moabitas (Núm. 22.4). Israel obtivera grande vitória sobre os amorreus; e Balaque, ao tomar conhecimento disso, e julgando que também seria atacado pelos israelitas, tentou impedir o avanço do povo de Deus, solicitando os serviços de Balaão, profeta pagão, famoso em seus dias, a fim de amaldiçoar a Israel (Núm. 22.1-6). Sob instruções de Balaão, Balaque edificou três altares em lugares diferentes, com o propósito de atrair a maldição divina contra Israel. Mas disso resultaram somente bênçãos e grandiosas profecias. Finalmente, Balaque e suas forças foram derrotadas por Israel. No entanto, antes de ser derrotado, e seguindo as instruções de Balaão, Balaque conseguiu corromper a alguns dentre o povo de Deus, mediante pecados sexuais (Núm. 25.1; Apo. 2.14). Por causa desse incidente, o nome de *Balaque* veio a designar aqueles que são insensatos o bastante para tentarem distorcer a vontade de Yahweh (Jos. 24.9; Juí. 11.25).

Zipor. No hebraico, *ave.* Esse era o nome do pai de Balaque, rei de Moabe (Núm. 22.2,4,10,16; 23.18; Jos. 11.25). Coisa alguma se sabe sobre ele exceto em associação com o seu filho, Balaque.

Amorreus. Ver sobre eles no *Dicionário.* Ver também Núm. 21.21 ss. quanto à história da absoluta derrota desse povo.

22.3

Moabe teve grande medo. Embora os antigos não dispusessem de meios de comunicação em massa, eles contavam com rotas comerciais, espiões e mensageiros. E assim as notícias varavam distâncias com bastante rapidez. A matança sofrida pelos amorreus chamou a atenção de Balaque. E ele e seu povo temeram sofrer a mesma sorte, e então tomaram providências de proteger-se, conforme este capítulo passa a descrever. Moisés tinha pedido permissão para passar pelo território dos moabitas (Juí. 11.17), mas isso não lhe fora concedido. Essa *hostilidade* serviu somente para agravar os temores do rei. Ele tinha cometido um erro, e agora teria de pagar por isso.

Os *moabitas* eram aparentados do povo de Israel (ver Gên. 19.26,27), e sem dúvida estariam livres de ataque; mas Balaque forçou a situação e criou hostilidades. Ver Deu. 2.9 quanto à ordem de Yahweh no sentido que os israelitas não atacassem os moabitas.

22.4

Balaque consultou os líderes dos midianitas e revelou-lhes as suas preocupações com as ordens de Israel, que vinham avançando. Ele usou a metáfora do boi que avançava lambendo toda a grama, sem haver quem pudesse impedir. Esse boi era Israel em marcha, destruindo tudo em sua passagem, com tanta facilidade como o boi que devora a relva. Os povos eram apenas grama, e Israel os devorava à vontade.

Midianitas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Midiã, Midianitas.* "Alguns estudiosos pensam que Balaque era um midianita que tinha sido imposto aos moabitas como rei, por seus conquistadores amorreus. Cf. Núm. 21.26. As palavras finais podem ser entendidas como palavras que denotam uma mudança recente de dinastia" (Ellicott, *in loc.*). Ou então a mistura de povos pode ter tornado os midianitas e os moabitas virtualmente idênticos naquela área. Ou então Balaque consultou com seus vizinhos sobre a ameaça. Talvez o medo diante dos israelitas tenha feito os moabitas e os midianitas aliar-se, na tentativa de fazerem Israel estancar. Quanto à liga de Moabe com os midianitas, ver as notas sobre o capítulo trinta e um de Números.

22.5

Entre outras medidas, que não foram mencionadas, houve aquela de tentar conseguir a ajuda do famoso profeta-vidente, Balaão. Ver sobre ele no *Dicionário.* Ao que parece, Balaão era um midianita (Deu. 23.4). E teria sido apenas natural que os midianitas recomendassem que Balaque procurasse a ajuda de Balaão. Ele tinha a reputação de ser poderoso profeta, e talvez tivesse o poder de fazer algo para obstar o avanço de Israel. A antiga Babilônia (onde vivia Balaão) era conhecida por suas artes de adivinhação e vidência.

Beor. No hebraico, *tocha.* O pai dele só era conhecido devido à sua conexão com Balaão.

Petor. Um nome assírio-babilônico, que eles grafavam como *Pitru.* Os assírios chamavam essa cidade de Ana-ashur-utir-asbat, que significa "firma a nova mente para Assur". Em conexão com o Antigo Testamento, a localidade é conhecida como a terra do falso profeta Balaão, filho de Beor. Ver Deu. 23.4.

Esse nome aparece no nome do conquistador egípcio Tusmose III, do século XV A. C. A cidade ficava localizada na margem ocidental do rio Eufrates, a poucos quilômetros ao sul de Carquemis.

Balaão é associado aos midianitas em Núm. 31.8, e talvez fosse um midianita, conforme já dissemos. Mas o nome dele era de origem babilônica. Petor, como é patente, pertencia aos midianitas, no tempo em que foi escrito o livro de Números.

Rio Eufrates. Ver no *Dicionário* acerca desse rio.

Eis que um povo saiu do Egito. Os "saqueadores" tinham saído do Egito e agora estavam espalhando o terror de tal modo que chegavam a cobrir "a face da terra". E eles avançavam de maneira rápida e fatal. Balaque e os moabitas precisavam de ajuda urgente, e pensavam que os poderes de Balaão poderiam servir para alguma coisa. Assim, eles não apelaram para alianças militares, mas diretamente a *poderes sobrenaturais.*

22.6

Os homens oram a Deus pedindo vitórias. Essa *maldição* que Balaque queria lançar sobre Israel era para fazer parar um inimigo temível, além de conferir uma força extra aos moabitas. Ele pediu de seu *senhor* que a maldição fosse aplicada. Balaque não antecipava que Balaão operaria por meio de *Yahweh,* o Deus de Israel. Núm. 22.8,12,13 é trecho que mostra que Balaão fez uma oração a Yahweh, no sentido de que caísse uma maldição sobre Israel. "É motivo de profunda significação que um profeta estrangeiro, contratado por um rei moabita, para amaldiçoar a Israel, se tivesse recusado consistentemente fazer ou dizer qualquer coisa além daquilo que *Yahweh* lhe ordenasse" (John Marsh, introdução ao capítulo 22 de Números). Esse fato mostra até que ponto o yahwismo havia crescido

para além do acampamento de Israel. O trecho de Miquéias 6.4,5 fala negativamente a respeito de Balaão, apesar do fato de que ele sempre buscava encontrar resposta em Yahweh. Os críticos supõem que isso reflita um preconceito judaico posterior, que procurava manter seu Senhor um Deus sectário (limitado). Talvez, conforme alguém já disse: "O conceito que eles faziam do Senhor era estreito demais". Naturalmente, *todos* os conceitos são estreitos, visto que os homens continuam a conceber Deus de acordo com a própria imagem de si mesmos.

Balaque era fraco; mas Deus era poderoso. Isso era o que ele estava dizendo, na realidade, quando confessava a sua impotência perante Israel.

A grande reputação de Balaão foi comprovada pela declaração de Balaque de que quem ele amaldiçoava, era, realmente, amaldiçoado, e de que quem ele abençoava, era, realmente, abençoado. Os videntes logo adquirem grande reputação; e é por esse motivo que os homens os procuram.

Quanto ao *poder das maldições*, de acordo com a mentalidade antiga, ver Gên. 27.4 e as notas expositivas ali existentes. As bênçãos ou maldições de grandes homens (à beira da morte) eram consideradas revestidas de um poder todo especial. Aqueles que eram assim amaldiçoados ou abençoados teriam, segundo se pensava, seu destino afetado por essas maldições ou bênçãos. O fato de que a maldição foi transformada em bênçãos para Israel mostra-nos o poder de Yahweh (ver Deu. 23.5; Jos. 24.10; Nee. 13.2).

Era um antigo e comum costume invocar a Deus ou aos deuses para produzir mudanças militares (ver *Macrob. Saturnal.* 1.3 cap. 9). Até hoje os homens continuam invocando a Deus para que lhes confira sucesso nas guerras e nas matanças.

22.7

Levando consigo o preço dos encantamentos. Talvez Balaão não tivesse exigido pagamento, conforme fazem certos videntes modernos; mas seria uma cortesia dar-lhe alguma coisa, como recompensa por haver atendido à solicitação. Talvez Balaão ganhasse a vida por meio de suas artes mágicas, ou pelo menos isso lhe servisse de rendimentos suplementares. Ele tornou-se um tipo daqueles que comercializam com os dons espirituais. Esse é o "caminho de Balaão" (II Ped. 2.15).

"Os embaixadores de Balaque receberam proventos; e escritores posteriores (II Ped. 2.15) têm usado esse bem firmado *costume* (cf. I Sam. 9.8; I Reis 14.3; II Reis 8.8,9) como uma maneira de condenar Balaão, de maneira bastante injustificável" (John Marsh, *in loc.*).

Naturalmente, muitos criticam com severidade o irmão Marsh por causa desse seu comentário. As referências bíblicas demonstram que os profetas de Deus recebiam coisas materiais por seus serviços, incluindo dinheiro. Sem dúvida, isso era considerado parte do "sustento do ministério" (princípio esse que foi transferido para o Novo Testamento. Ver I Cor. 9.9 ss.).

Balaão não foi condenado por haver recebido um presente em troca de seus serviços, mas por haver ajudado a corromper a moral de Israel, com medidas imorais.

"Todo aquele que quisesse consultar um profeta levava consigo um presente; porquanto era desse modo que viviam os profetas" (Adam Clarke, *in loc.*). Alguns eruditos, contudo, pensam que o que os embaixadores levaram foi material para adivinhação, incluindo psicotrópicos; mas se Balaão realmente usava tais coisas, sem dúvida ele teria seu próprio estoque de drogas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Adivinhação*.

22.8

Ficai aqui esta noite. O pedido lhe fora feito, mas Balaão não tinha uma resposta pronta. Ele precisava consultar a *Yahweh*. Alguns pensam que Balaão havia incluído Yahweh entre os deuses que ele costumava consultar; e assim fez *naquela ocasião* por saber que Yahweh era o Deus de Israel. Balaão não haveria de querer ofender aos deuses proferindo uma maldição precipitada, precisamente contra o povo daquela divindade. Outros pensadores opinam que Balaão talvez dispusesse de um sistema eclético, e que Yahweh seria a principal divindade que ele consultava. Ou então, é mesmo possível que todas as suas adivinhações fossem feitas por meio de uma única deidade, Yahweh. Entrementes, seus clientes tinham de permanecer hospedados com ele durante a noite, enquanto ele buscaria resposta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hospitalidade*.

"Por todos os capítulos 22 a 24 de Números é expressa a convicção de que um sacerdote-adivinho estrangeiro, embora não fosse membro da comunidade em pacto com Deus, era obediente à vontade do Senhor (Yahweh), e que coisa alguma poderia impedir o cumprimento dos propósitos divinos acerca de Israel" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o oitavo versículo deste capítulo).

Contudo, ele estava disposto, sem importar quais fossem os seus pontos bons, a ajudar a corromper moralmente o povo de Israel. Temos aí a "doutrina de Balaão". Ver Núm. 31.16; 25.1-3; Tia. 4.4. Quanto a essa *doutrina*, ver as notas expositivas sobre Apocalipse 2.14. E quanto ao *erro* de Balaão, ver as notas sobre Judas 11. Alguns, todavia, opinam que não há nenhuma diferença entre o *caminho* e o *erro* de Balaão. Mas outros pensam que o *erro* de Balaão foi a sua suposição que Deus precisava amaldiçoar um povo moralmente desobediente, ignorando o poder da provisão da expiação.

A Ilustração de Balaão. O caso dele ilustra o fato de que até mesmo naqueles que são chamados profetas, encontramos elementos bons e maus. Afinal, essa é a história do próprio homem.

22.9,10

Veio Deus a Balão, e disse. Deus já sabia de tudo, mas pediu que Balaão corrigisse os registros, dizendo quem eram aqueles homens que se tinham hospedado com ele. A resposta é que eles eram mensageiros de Balaque, rei dos moabitas. Eles tinham sido enviados em missão especial, a saber, fazer Israel parar de qualquer maneira, antes que causassem maiores destruições.

As perguntas feitas por Yahweh tiveram por finalidade "despertar a consciência dormente de Balaão, abrindo seus olhos para que percebesse o seu pecado e o perigo em que estava" (Ellicott, *in loc.*).

Talvez essa iluminação tenha sido dada por meio de um algum *sonho* (ver a esse respeito no *Dicionário*), ou por meio de alguma *visão* (ver sobre isso no *Dicionário*), maneiras comuns, usadas por Deus, para falar com os homens à noite. E assim, até mesmo no caso de Balaão, com seus óbvios pontos fracos, houve *iluminação* posta à sua disposição. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Iluminação*.

22.11

A informação dada por Balaque. Este versículo repete o que já havia sido dito no quinto versículo (onde as notas devem ser examinadas); mas agora é acrescentado o pedido acerca da *maldição*. Ver as notas sobre o sexto versículo deste capítulo sobre *o poder da maldição*, de acordo com as crenças antigas (penúltimo parágrafo). O versículo inteiro atua como um comentário deste versículo.

"O aparecimento do Deus de Israel a profetas e reis incrédulos não se limitou ao caso de Balaão. Deus revelou-se a Abimeleque, rei de Gerar, nos dias de Abraão (Gên. 20.6,7), a um Faraó, por meio de sonhos (Gên. 41.25), a Nabucodonosor, em um sonho e em visões (Dan. 4.1-18)... Sendo Ele o Deus soberano, Ele dirige e controla as revelações proféticas, bem como todas as demais áreas da vida" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Outros intérpretes vêem, nessas referências, uma repreensão contra o sectarismo. Deus é maior do que os nossos sistemas, organizações e qualquer manifestação histórica. Essa é a mensagem do Logos (o Verbo), o qual ilumina todos os homens que vêm ao mundo (João 1.7-9).

22.12

Os mensageiros levariam Balaão até Moabe, para que tivesse uma entrevista pessoal com Balaque e traçasse um plano contra Israel, incluindo alguma poderosa maldição que ele haveria de proferir. Mas Yahweh proibiu isso de modo contundente, garantindo a Balaão que Israel era bendito *por si mesmo*, pelo que não poderia ser amaldiçoado por quem quer que fosse. Apesar de as bênçãos e maldições humanas serem tidas como dotadas de imenso poder (ver as notas sobre o sexto versículo deste capítulo), nenhuma bênção ou maldição humana poderia ser considerada coisa alguma, quando contrastada com a bênção ou a maldição *divina*. Yahweh advertiu Balaão acerca das pessoas com quem ele estava andando. Más associações só poderiam prejudicá-lo. Jesus comia com publicanos e pecadores (Mateus 9.11), mas nunca foi um deles. Estava com eles não como se fossem um companheiro, mas como mestre. Ele estava ali para manipular, e não para ser manipulado, o que já não poderia ser dito no caso de Balaão. Mais tarde Balaão foi com os embaixadores, mas a mando de Yahweh, e com certo propósito em mira.

Israel estava automaticamente *abençoado* em face do *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18), e uma parte desse pacto é que a Terra Prometida seria dada aos descendentes de Abraão. Balaque queria impedir essa bênção, mas a bênção de Yahweh era uma garantia absoluta.

22.13

Cedo pela manhã, Balaão anelava por transmitir a mensagem divina: Yahweh tinha dito "não!". Balaão não temeu comunicar a mensagem aos dignitários que o haviam visitado, porquanto tinha um Poder Superior a quem agradar. Nenhum suborno poderia levá-lo a amaldiçoar o povo que Yahweh havia abençoado (vs. 18). Era inútil oferecer-lhe dinheiro para amaldiçoar a Israel.

22.14

Balaão recusou vir conosco. A mensagem negativa foi transmitida a um Balaque sem dúvida irritado. Mas o monarca não desistiu. Ele pensava, como

muitos, que "todo homem tem o seu preço". Embaixadores mais distinguidos ainda foram enviados, e a oferta a Balaão foi elevada. Balaque esperava poder "comprar" Balaão.

22.15

Príncipes... mais honrados. Isso tinha por intuito impressionar Balaão com a sua própria importância: ele era o homem-chave daquela situação; o rei é que lhe estava fazendo pedidos; mensageiros mais honrados do que os primeiros lhe estavam dando uma atenção incomum; maior quantia em dinheiro lhe foi oferecida — tudo isso haveria de convencer Balaão. Afinal, talvez ele estivesse apenas jogando um jogo tipicamente oriental, de obter uma barganha indireta, a fim de valorizar ao máximo os seus serviços. Balaque estava disposto a jogar o jogo, a fim de que pudesse obter um bom resultado.

22.16

Yahweh tinha dito "não". Mas o rei moabita disse: "Não permitas que *coisa alguma* te impeça de vir até mim!". Uma questão importante estava em jogo, que nem mesmo uma proibição divina poderia anular. Portanto, temos aqui a coisa temível de um homem pondo sua palavra e sua vontade contra a palavra e a vontade de Deus. Disso só poderia resultar mesmo um *desastre.*

"A vontade divina... não estando em harmonia com os *seus* desejos, ele esperava que uma segunda petição viesse a alterar a vontade do Senhor, tal como ele mesmo já havia dobrado a sua consciência, para que acompanhasse suas paixões e seu orgulho" (Jamieson, *in loc.*).

22.17

Grandemente te honrarei. Se Balaão ajudasse a Balaque em seu projeto nefando, seria grandemente honrado, tornando-se uma pessoa grande e respeitada, além do que levaria consigo uma grande soma em dinheiro. Balaque prometeu revolucionar a vida de Balaão. Seria como um moderno novo-rico que fosse residir em Paris.

O Cheque Assinado em Branco. Balaão podia escrever no cheque em branco qualquer quantia que quisesse. Não foi estabelecido nenhum limite. Se ele estivesse jogando o jogo oriental de ficar regateando por um preço, agora era a sua oportunidade de determinar qualquer preço que quisesse.

A Lamentável Condição. Balaão tinha de proferir uma maldição contra o povo para o qual Yahweh havia prometido uma grande bênção. Balaão tinha o seu preço, mas esse preço sem dúvida nada tinha que ver com dinheiro ou prestígio.

22.18

Eu não poderia traspassar o mandado do Senhor. Essas palavras de Balaão refletem uma possível integridade. Balaque poderia ter-lhe dado o seu palácio real, provavelmente a melhor residência de todo aquele território, um palácio recheado de prata e ouro. Mas mesmo *esse* oferecimento não seria capaz de fazê-lo *ir além* ou *ficar aquém* daquilo que Yahweh ordenara. Isso foi dito corretamente, e do fundo do coração. O trecho de Miquéias 3.11 refere-se a profetas motivados pela ganância; mas certamente não foi esse o caso de Balaão. Alguns intérpretes supõem que o discurso de Balaão estivesse calcado sobre a hipocrisia e sobre os seus motivos inconfessáveis, mas não há nenhum indício disso no texto bíblico. "Essas palavras podem nada mais ter sido do que uma exibição de desinteresse e de superioridade sobre as considerações materiais" (Ellicott, *in loc.*).

22.19

Este versículo reitera o que fora dito no oitavo versículo do capítulo. As notas dali aplicam-se também aqui. Balaão precisou esperar pela visão ou sonho noturno. Ele sondaria novamente *a situação.* Algumas vezes não é fácil determinar a vontade de Deus, e mesmo uma visão ou um sonho não nos conseguirão convencer. *Buscar* o Senhor é a chave para uma condição assim. O homem honesto, porém, receberá iluminação, finalmente. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la.*

Talvez o próprio Balaão agora esperasse que Yahweh mudaria de parecer, visto que Balaão contava com aquela polpuda oferta a tentá-lo. Por outro lado, talvez ele apenas quisesse ver-se livre do vexame que estava sofrendo por fazer o esforço devido. "Ele fez seus visitantes esperar por sua próxima visitação noturna, sendo capaz de fazer somente o que Yahweh lhe ordenasse fazer" (John Marsh, *in loc.*).

Quão humano é buscar *maiores informações,* mesmo quando já nos foi dada alguma iluminação. Foi isso que inspirou Gideão a deixar diante do Senhor os seus tosões de lã.

22.20

Veio, pois, o Senhor a Balaão. Yahweh tinha mudado de idéia apenas na aparência. Balaão não somente teve permissão de ir, mas também foi-lhe ordenado que seguisse. Mas isso nem de longe significava que Israel seria amaldiçoado, conforme Balaque desejava, e, sim, tinha o propósito de dizer a palavra de Yahweh. Em outras palavras, Balaão foi enviado como missionário a um lugar hostil.

Alguns intérpretes vêem em tudo isso um sinal de que o voluntarioso Balaão *insistia* em seguir o seu caminho, o qual lhe foi concebido, afinal, mas somente para o mal dele. Ao homem é permitido que prossiga em seu caminho; mas então o homem é julgado. "Deus com freqüência castiga a desobediência à Sua vontade declarada *permitindo que* os transgressores comam 'do fruto do seu procedimento', os quais 'dos seus próprios conselhos se fartarão' (Pro. 1.31)" (Ellicott, *in loc.*). Dessa forma, Deus concede o pedido feto, mas envia um aleijão à alma daquele que recebeu o que queria (Sal. 106.15).

"Dessa vez, o Senhor outorgou a Balaão a permissão de ir a Moabe, *não a* fim de amaldiçoar a Israel, mas para que o Senhor pudesse mostrar-se gloriosamente através de Balaão" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Em outras palavras, Balaão seria usado como o Faraó o fora. Ele faria algo de acordo com a sua obstinação, e como resultado Yahweh seria glorificado.

22.21

Balaão levantou-se pela manhã. Balaão ansiava dar início às suas atividades, pelo que se levantou cedo na manhã seguinte, albardando seu jumento como veículo, e partiu para Moabe. Alguns supõem que ele nem ao menos tenha esperado pela *chamada* dos príncipes que o estavam visitando. Ele apenas preparou-se e partiu. Ele partiu para atender ao inimigo. As coisas já estavam correndo errado para ele.

Albardou a sua jumenta. "Provavelmente um daqueles animais pintados de branco que pessoas de posição costumavam montar. Albardar, como era usual no Oriente, não precisava ser mais do que pôr sobre as costas do animal um acolchoado ou a sua capa exterior" (Jamieson, *in loc.*). Pessoas importantes costumavam usar o jumento como seu meio de transporte (ver Juí. 5.10).

22.22

Os vs. 22-35 deste capítulo são atribuídos pelos críticos a uma fonte originária separada da história de Balaão, tão abrupta é a mudança no espírito do relato, quando os comparamos com os vss. 20 a 22. Primeiro, Yahweh ter-lhe-ia dito que fosse; então, mostrou-se irado por ele ter ido. Naturalmente, os intérpretes que negam a teoria de origens diferentes encontram maneira de reconciliar entre si os versículos. Os críticos atribuem os vs. 15-21 à fonte informativa *E,* e os vss. 22-35 à fonte *J.* Ver o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* no *Dicionário.* Outros apresentam várias maneiras de reconciliar esses versículos:

1. A Balaão fora ordenado ir. Mas, quando o fez, seus motivos se corromperam, e ele passou a desejar a posição e o dinheiro que Balaque lhe havia prometido, estando agora preparado para fazer qualquer coisa que esse rei lhe pedisse. Ver II Ped. 2.15. Por esse motivo, foi repreendido.
2. Foi-lhe dada *permissão* para ir, e não que isso lhe tenha sido ordenado. Ele deveria ter tido o bom senso de não tirar vantagem da permissão. Em outras palavras, Yahweh submeteu-o a teste, e ele fracassou. E *isso* provocou Yahweh à ira.
3. Balaão demonstrou ansiedade demasiada. Sua ida a Moabe estaria condicionada à *chamada* dos mensageiros a ele (vs. 20); e isso os embaixadores do rei não fizeram. Talvez Yahweh tivesse impedido que eles fizessem isso, e Balaão teria ficado livre da suposta obrigação que lhe fora imposta.
4. Balaão se deixara corromper totalmente, e partiu com a plena intenção de amaldiçoar a Israel. Por isso, diz o Targum de Jonathan: "Ele foi para amaldiçoá-los".

O anjo do Senhor "pôs-se no caminho" a fim de impedir o desvario do profeta. Temos aí uma intervenção direta do Senhor, para não permitir que um homem fizesse aquilo que ele não deveria fazer. Isso harmoniza-se com a experiência humana.

"A narrativa mostra-nos quão obtuso pode ficar até mesmo um profeta, quando se trata de discernir a vontade de Deus, mas como Deus persiste até que a Sua vontade se faça conhecida. Ao verificar que sua jumenta não havia teimado, mas como Yahweh o tinha instruído, Balaão preparou-se para voltar para casa (vs. 34)" (John Marsh, *in loc.*).

22.23

Quantos sermões têm usado este versículo para transmitir um poderoso recado! A jumenta muda viu o Anjo do Senhor, mas o profeta Balaão, em sua cegueira espiritual, não pôde vê-Lo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo.* Na verdade, os anjos pode ser meios de transmitir-nos a iluminação divina. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Com a sua espada desembainhada. É de presumir-se que, se Balaão tivesse continuado, ele poderia ter sido morto. Ele se tinha atirado a uma missão maldita, e poderia nela perecer, o que, finalmente, aconteceu. Balaão foi apanhado em uma teia de circunstâncias que, finalmente, escaparam de seu controle. Ver as notas em Números 31.8 quanto à morte inoportuna de Balaão.

O animal mudo teve o bom senso de se desviar, por ter recebido entendimento. Mas Balaão, nas trevas em que se encontrava, forçou o animal a voltar à "vereda errada". Precisamos da iluminação divina para evitarmos situações ridículas como essa. Foi por isso que Jesus disse: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Mat. 7.7). E Tiago ajuntou a isso: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida" (1.5).

"Deus concedeu visões somente aos que estavam particularmente interessados e envolvidos, ao passo que outros, embora no mesmo grupo, nada tivessem visto. (Ver Dan. 10.7; Atos 9.7)" (Adam Clarke, *in loc.*).

22.24,25

A jumenta continuou sendo importunada pelo Anjo, e não pôde seguir na direção de umas vinhas. O animal tentou forçar passagem entre dois muros, que passavam pela vinha; mas uma vez mais ficou assustado. Disso resultou que a jumenta chocou-se contra uma mureta, e o pé de Balaão ficou preso entre o animal e a mureta. Então Balaão espancou sua montaria pela segunda vez. Yahweh estava usando o anjo para arranjar circunstâncias difíceis, que dessem orientação a Balaão. Mas logo houve uma *comunicação direta,* da qual Balaão estava muito necessitado. Ele haveria de prosseguir viagem, mas de acordo com a vontade de Deus, e não de acordo com a sua própria voluntariosidade.

O muro. O mais provável é que esteja em pauta alguma forma de *cerca.* O termo hebraico, *gader,* pode significar uma parede, uma cerca, uma sebe, algo capaz de fechar em volta um ambiente.

Um drama sagrado estava ocorrendo, acerca do qual Balaão permanecia ignorante. O poder de Yahweh não lhe estava permitindo incorrer em grave erro. As circunstâncias e a iluminação divina direta, porém, haveriam de forçá-lo a fazer o que era certo.

22.26

No exíguo espaço não havia como a jumenta voltar-se, outro obstáculo colocado na vereda do profeta, que quanto mais avançava mais errava. O caminho estava *bloqueado.* Naturalmente, para Deus essa é uma boa maneira de guiar-nos, evitando que façamos algo de errado. Quando não dispomos de iluminação, "tentamos as opções", mediante o uso da razão e de circunstâncias adversas. Um caminho bloqueado serve de orientação tão boa quanto um caminho aberto.

Progressão. O ano primeiramente se pôs no caminho, mas não tomou nenhuma ação drástica; então fez a jumenta e o profeta desviar-se para um lado; e, finalmente, fechou absolutamente a passagem. Nesse ponto, Balaão ficou impossibilidade de prosseguir, e teve de fazer o que Yahweh queria que ele fizesse.

22.27

A jumenta, impossibilitada de avançar, de retroceder ou de desviar-se para algum lado, simplesmente deitou-se no caminho. E novamente Balaão, sem perceber o drama divino que estava ocorrendo, espancou o animal. A *orientação* divina tinha sido dada *claramente* o tempo todo; mas o profeta estava entendendo menos que o animal irracional. Assim também pode acontecer conosco. Precisamos ser *ajudados* para entender qual orientação nos está sendo conferida. Precisamos pedir *sabedoria,* e esta foi posta à nossa disposição, como um suprimento abundante, pelo menos para aquele que pede honestamente (ver Tia. 1.5). Esse versículo acrescenta a linha encorajadora de que, quando assim fazemos, Deus *nada impropera.* Em outras palavras, Deus não nos repreende em razão de nossa estupidez. Ademais, a oração fervorosa mostra-se *eficaz* (Tia. 5.16). E também é adicionada a informação de que tal oração "muito pode". Ver no *Dicionário* o artigo *Vontade de Deus, como Descobri-la.*

22.28

O Senhor fez falar a jumenta. O crédito do prodígio é atribuído a Yahweh. Os críticos vêem aqui apenas uma lenda, ou então um relato autêntico, posto que decorado com material lendário. Os estudiosos conservadores enfatizam o poder de Yahweh, e não vêem nenhum problema no caso da jumenta que falou com voz humana. No debate entre eles, não há como conciliar suas opiniões contrárias; e isso nem mesmo se faz mister. A jumenta falante adiciona um belo toque ao relato. O *animal mudo* instruiu o *sábio profeta,* cuja reputação era a de um homem dotado de sabedoria e poder. Alguns intérpretes vêem a questão de maneira metafórica ou poética, interpretando o relato de forma alegórica ou simbólica. Mas sem importar o *modus operandi* de nossa interpretação, a mensagem é clara.

Adam Clarke referiu-se a muitos relatos fictícios de animais falantes na literatura pagã; mas aceitou o prodígio aqui historiado sem levantar nenhuma dúvida, atribuindo-o ao poder de Deus. E também não desperdiçou o tempo do leitor enchendo sua página com exemplos de tais milagres, ou alegados milagres provenientes de fontes pagãs.

Eugene H. Merrill aceita o milagre sem levantar nenhuma dúvida, mas diz-nos que outros milagres similares são obras de demônios, supondo que esses espíritos malignos possam falar através de seres humanos ou de animais irracionais.

John Gill refere-se a uma história similar acerca de Baco, na literatura grega (*Hyugin. Poet. Astron.* 2, cap. 23), mas dizendo que tal história é uma *fábula.* Assim, também, nos escritos de Homero, o cavalo de Aquiles, chamado Xanto, foi capacitado pelos deuses a falar (*Iliada* prope fiem, 19). E Plínio também relatou uma história similar, acerca de um boi que falou (*Nat. Hist.* 1.8, cap. 45). Lívio (*Hist.* 1.24 cap. 10.1.27, cap. 11.1.28, cap. 11) igualmente referiu-se a um boi falante que fez aos romanos algumas duras advertências. E também relatou casos de cães falantes, de um carneiro, e mesmo de um elefante. Bochart (*Hierozoc.* par. 1.1.2, cap. 14) preparou uma coletânea de casos semelhantes.

... que me espancaste já três vezes? O animal havia sofrido abuso da parte do estúpido profeta (vss. 23, 25 e 27), pelo que estava sendo agora repreendido por sua crueldade.

22.29

Respondeu Balaão. A estupidez do profeta era tanta que ele nem se admirou com que a jumenta tivesse falado, mas meramente respondeu, diante da acusação de crueldade para com um animal. A resposta foi que a jumenta *merecia* aquele tratamento, em vista de sua conduta teimosa e absurda. Balaão era o *proprietário,* e o animal era a *propriedade,* e, assim sendo, era apropriado o castigo, em face da obstinação do animal. Não somente isso, o animal se havia mostrado tão miserável que até merecia ser morto; e, se Balaão tivesse uma espada na mão, ele a teria usado, em vez de meramente ter espancado a jumenta. Balaão tinha sofrido uma humilhação pública da parte do animal, e assim a jumenta realmente merecia ser morta.

Alguns intérpretes explicam a ausência de surpresa da parte de Balaão com base no fato de que era uma comunicação da parte de espíritos, que meramente estariam usando o animal. Lembremo-nos de que Balaão há muito estava acostumado com fenômenos dessa natureza. Josefo tentou corrigir o texto, assegurando que Balaão *se assustou* diante do acontecimento (ver *Antiq.* 1.4 cap. 6, sec. 3).

22.30

Replicou a jumenta. O animal reconheceu ser Balaão o seu proprietário, bem como os *direitos* dele; mas lembrou Balaão que ela nunca havia agido de forma tão teimosa antes. Logo, o que ela havia feito não fora uma explosão de rebeldia, mas existia alguma *razão* por trás de tudo, acerca da qual Balaão não tinha consciência. E Balaão precisou admitir que seu animal sempre tinha agido com fidelidade, como uma montaria bem comportada. Plínio mencionou um jumento que dera a seu senhor trinta anos de serviço (*Nat. Hist.* 1.8, cap. 43), e Algihid, em *Damir,* refere-se a um jumento que prestou quarenta anos de serviço! Este texto dá a entender um *longo período,* durante o qual, nenhuma vez, tinha havido um caso de rebeldia. Sem dúvida haveria alguma *razão* para aquela exceção.

22.31

O Senhor abriu os olhos a Balaão. E assim a razão aflorou na mente de Balaão. O Anjo do Senhor estava por trás de todo aquele drama e, quando pareceu que a jumenta tinha sido vencedora no debate, a revelação foi feita a Balaão. Por conseguinte, além da razão, precisamos da revelação e da inspiração divina; e a Balaão foram outorgadas ambas as coisas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Iluminação.*

Se Balaão ouvira a jumenta falar, sem que isso lhe causasse nenhuma surpresa, ao ver o Anjo no caminho, com espada desembainhada, ele caiu de rosto por terra. O Anjo era o mensageiro de Yahweh, que o estava repreendendo por sua missão precipitada e baseada na cobiça.

Seres Invisíveis. Visto que o olho humano é capaz de ver apenas uma pequena faixa do espectro de luz, não somente é possível, mas também é provável que a *maior parte* da realidade não seja percebida pelo olho humano. Algumas vezes, de maneiras totalmente desconhecidas para nós, pode ser vista dimensão invisível. Naturalmente, tais coisas ultrapassam a percepção humana e simplesmente podem ser outorgadas pelo poder divino. Podemos pensar no caso similar do servo de Eliseu, que não podia ver o que Eliseu via, mas que, de súbito,

recebeu visão sobre as coisas celestes (II Reis 6.15,17). A tradição mística está repleta de incidentes dessa ordem, não havendo razão para duvidarmos dos fatos, ainda que algumas histórias fantásticas sejam por alguns inventadas, de mistura com a verdade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.*

Os animais têm percepções diferentes das dos homens, e pressentem coisas que os homens não conseguem pressentir. Algumas vezes, os animais exibem um comportamento errático, diante de poderes ou seres invisíveis, ao passo que os homens ficam imperturbáveis. Isso faz parte da literatura da *Parapsicologia* (ver o artigo com esse título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).*

22.32

Então o Anjo do Senhor. Ele também trouxe à tona a questão da crueldade de Balaão. Este foi repreendido por ter castigado o animal por três vezes. Mas a força real dessa declaração é: "Por que foste tão embotado ao ponto de não perceberes o que a tua jumenta percebeu?". *Eu* é que estava causando as perturbações. Onde estava a tua percepção, tu, que se consideras um profeta?"

O teu caminho é perverso diante de mim. Yahweh tinha dito a Balaão que fosse (vs. 20). Mas, quando ele partiu, foi severamente repreendido pelo Senhor, e ira do Senhor acendeu-se contra ele (vss. 22 ss.). Nas notas sobre o versículo 22 deste capítulo dou as interpretações sobre essa aparente contradição. Somos aqui informados de que o caminho de Balaão era *perverso;* e as mesmas interpretações dadas ali fornecem alguma explicação acerca disso. Se os vs. 22 ss. não se derivam de uma fonte informativa diferente, então só podemos supor que Balaão, a despeito de suas boas intenções de nada fazer contra a vontade de Yahweh (apesar das grandes somas em dinheiro que porventura ele fossem oferecidas), havia caído no pecado da cobiça e da estupidez, e estava a caminho para ver o que poderia fazer em favor da causa de Balaque e contra Israel. Dessarte, as boas intenções de Balaão se haviam degenerado em perversidade.

Perverso. No hebraico temos o termo *yarat,* que vem de uma raiz que significa "precipitar" ou "cair de cabeça". O seu sentido metafórico é "precipitado", "rebelde", "teimoso". Isso posto, Balaão desviara-se da vontade de Yahweh e acabaria servindo a Balaque a fim de obter as riquezas que lhe tinham sido prometidas pelo rei de Moabe. O Targum de Jonathan diz: "É manifesto, diante de mim, que procuras ir e amaldiçoar o povo, e isso não me agrada".

22.33

Eu agora te haveria matado. Assim sendo, a jumenta de Balaão lhe havia salvado a vida, pois se não se tivesse desviado da espada do Senhor, esta teria acabado com a vida do profeta. Assim é que, algumas vezes, acontecem as coisas. Coisas a que às vezes chamamos de obstáculos ou dificuldades são bênçãos e orientações disfarçadas. Talvez nos sintamos irados ou perplexos diante dessas coisas, mas finalmente torna-se claro que tais coisas eram *ajudas* para nós. É difícil sermos conduzidos por esse caminho, mas isso acontece na experiência de todos os homens que buscam a vereda espiritual. A *disciplina é* algo duro, mas necessário. As *reversões* podem levar-nos a buscar algum caminho novo e melhor. Nem todo triunfo nos ocorre seguindo caminhos positivos.

22.34

Pequei. É freqüente que os homens pequem em sua rebeldia, *sabendo* o que estão fazendo. Algumas vezes, porém, cometemos algum pecado quando pensamos que estamos fazendo o melhor que podemos. Balaão, o profeta, a despeito de toda a sua sabedoria, caiu nesse ardil. Seu pecado estava alicerçado sobre a *ignorância:* ele não sabia que estava resistindo ao Anjo do Senhor! Tendo descoberto isso, agora ansiava por esquecer-se daquela jornada e voltar à sua residência, em Petor. Porém, a vontade do Senhor não era que isso acontecesse. Ele precisava prosseguir, mas em uma atitude diferente e motivado por propósitos diferentes. Diz uma lenda (ou seria um fato histórico?) que Pedro, em meio a perseguições, abandonou a cidade de Roma. Mas o Senhor Jesus encontrou-se com ele no caminho e perguntou-lhe, em latim: "Quo vadis?" (Onde estás indo?). A pergunta foi suficiente. Pedro voltou a Roma a fim de cumprir a Sua missão, que ele poderia ter anulado em um momento de fraqueza e ignorância. Qualquer homem espiritual experimenta, em sua vida, ouvir o seu *quo vadis?* da parte do Senhor Jesus. Em tais momentos, é-nos conferida orientação, para que não cheguemos a anular nossas respectivas missões. O quanto precisamos dessa direção da parte do Senhor!

22.35

Vai-te com estes homens. A Balaão foi ordenado que continuasse sua jornada, embora com uma atitude diferente no coração, fazendo e dizendo *somente* aquilo que lhe fosse determinado. Assim, o versículo 20 é repetido aqui em sua substância. As notas dadas ali aplicam-se aqui, igualmente. Vários intérpretes pensam que não temos nessas palavras uma "ordem", mas uma "permissão" ou "concessão", e que, se Balaão fosse homem sábio, teria retornado a Petor. Todavia, o texto sagrado não parece estar dizendo isso. De fato, talvez a mensagem principal da história seja esta: "O povo abençoado por Yahweh será abençoado a despeito de qualquer coisa que venha a acontecer, mesmo contra a maldição proposta de um profeta pagão". Por conseguinte, o drama precisava *continuar,* e não ser interrompido naquele ponto. Ellicott chegou a dizer que o profeta foi "constrangido" a ir, a fim de que, finalmente, fosse *forçado* a colher o mal que tinha semeado. Mas o texto sagrado não parece dizer isso também.

Encontro entre Balaão e Balaque (22.36-40)

22.36

Esse Encontro Era Inevitável. A lição principal do episódio é que o povo a quem Yahweh tinha abençoado seria abençoado deveras, e nenhum poder na terra seria capaz de anular essa bênção: nem o rei de Moabe, nem Balaão, nem qualquer assembléia. De fato, Balaão terminou abençoando a Israel, o que deixou Balaque muito indignado. E essa circunstância ilustra graficamente a principal lição da história: a bênção inevitável para Israel, quando eles estavam prestes a entrar na Terra Prometida; e a bênção inevitável para Israel, quando estivessem conquistando e tomando conta da Terra Prometida.

Até à cidade de Moabe. Algumas traduções dizem aqui "até uma cidade de Moabe". Na verdade, devemos entender aqui a principal cidade do país, a saber, aquela que ficava às margens do ribeiro do Arnom. Ver Núm. 21.15. É provável que a cidade ali chamada de *Ar* seja a mesma que está em pauta aqui. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ar.* O fato de que o rei saiu ao encontro de Balaão em um lugar distante, a fim de abreviar a jornada deste, deveu-se tanto ao *respeito* que tinha por ele, como à sua própria *ansiedade* de concluir as negociações acerca da maldição.

22.37

Perguntou Balaque. O rei moabita chegou com muitas queixas. Afinal, ele, *o rei,* tinha-o mandado chamar já fazia agora algum tempo. E *ele,* o rei, tinha muito dinheiro para dar aos profetas pelos seu serviços. Poderia Balaão duvidar da palavra de um rei? Balaque tinha dinheiro e honrarias, e Balaão deveria ter vindo prontamente. Amiúde o *dinheiro grosso* encontra-se onde o negócio a ser efetuado é *ilegal.* Balaque não conseguia entender a aparente indiferença de Balaão diante de ofertas tão polpudas.

22.38

A Viagem Tinha Sido Inútil. Balaão estava presente, a convite do rei. Mas de que adiantaria isso? Ele já sabia que Balaque pediria uma maldição contra Israel. E também sabia que não poderia fazer isso, porquanto diria somente o que Yahweh lhe mandasse dizer; e a última coisa que Yahweh haveria de fazer seria aprovar uma maldição contra o Seu povo, Israel. Isso posto, a jornada de Balaão tinha sido inútil, e o profeta sabia disso o tempo todo.

"Ali estava uma nobre resolução, e por certo ele seria fiel a ela; embora quisesse agradar ao rei e obter riquezas e honrarias, não haveria de querer desagradar a Deus, mesmo que fosse para obter tantos favores do rei. Muitos daqueles que caluniam esse pobre profeta semi-antinomiano não têm metade de sua piedade" (Adam Clarke, *in loc.*).

22.39

Os dois continuaram a jornada juntos até *Quiriate-Huzote.* Esse nome, no hebraico, quer dizer "cidade dos lugares exteriores", ou seja, uma cidade situada nas fronteiras. Essa cidade é mencionada somente aqui, em toda a Bíblia. Neste trecho, aprendemos que Balaque e Balaão foram ali com o propósito de oferecer sacrifícios. Era uma cidade moabita. O lugar ficava perto de Bamote-Baal (vs. 41), embora não saibamos dizer a sua localização exata. Provavelmente ficava perto do rio Arnom. Foi conquistada por Seom, rei dos amorreus, e, posteriormente, pelos israelitas. Jarchi diz-nos que esse lugar era uma cidade significativa, com muitas ruas e uma população numerosa, pois, ao que parece, era uma cidade real de Balaque, onde ele tinha um palácio, embora não saibamos com que autoridade Jarchi assim escreveu.

22.40

Balaque sacrificou bois e ovelhas. O rei era um homem religioso e ofereceu os sacrifícios costumeiros a Baal (vs. 41). É de presumir que esses sacrifícios fossem efetuados de maneira similar ao que os hebreus faziam. Os sacrifícios eram uma maneira de invocar a Baal, pedindo-lhe ajuda. E essa *ajuda,* conforme podemos imaginar, reforçaria a maldição lançada por Balaão. Assim sendo, Balaque

estava usando de todas as armas ao seu alcance para provocar a queda de Israel. Ao que tudo indica, ele não dispunha do aparato *militar* necessário para isso, pelo que apelou para outros meios, sobretudo para os recursos espirituais.

Os intérpretes enxergam nesses sacrifícios de Balaque várias formas de adivinhação, o que incluiria o exame das vísceras dos animais, em busca de sinais e presságios. As adivinhações por meio do fígado dos animais chamava-se *hepatoscopia*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Adivinhação*.

Príncipes que estavam com ele. Balaque havia feito da ocasião um momento festivo, tendo convidado pessoas importantes do reino. Era uma ocasião tanto solene quanto feliz. Todos tinham grandes esperanças no poder da maldição que Balaão iria proferir, segundo todos aguardavam.

22.41

Pela manhã. No dia seguinte, Balaque levou Balaão até os lugares altos sagrados de *Baal*. Ver no *Dicionário* os artigos *Baal (Baalismo)* e *Lugares Altos*, quanto a completas informações. Balaão, devido ao seu sistema religioso eclético, não sentiu dificuldade em efetuar sacrifícios e adivinhações, naqueles lugares dedicados a Baal, para então, pouco mais tarde, buscar orientação da parte de Yahweh! Como é óbvio, o próprio povo de Israel com freqüência envolveu-se nesse ecletismo, incluindo o baalismo e a adoração em lugares altos, conforme os artigos sugeridos acima o demonstram.

Bamote-Baal. Essa palavra significa "lugares altos de Baal". Ver Núm. 21.19, onde há notas expositivas sobre essa localidade. Josefo diz-nos que esse lugares altos ficavam a cerca de treze quilômetros do acampamento de Israel (*Antiq.* 1.4, cap. 6, sec. 4). Daquele elevado lugar, podia ser avistada *parte* do arraial de Israel. Não há que duvidar de que essa circunstância foi considerada vantajosa para a *maldição* que eles esperavam dentro de instantes seria proferida contra os israelitas. Balaão podia daí avistá-los e amaldiçoá-los! Balaque imaginava que a maldição lançada seria especialmente eficaz, se dita naquelas circunstâncias. Cf. Núm. 23.13.

Capítulo Vinte e Três

Primeiro Oráculo de Balaão (23.1-12)

Prossegue neste capítulo 23 a história de Balaão. A maldição que supostamente ele pronunciaria acabou tornando-se uma bênção poética, uma excelente peça de literatura religiosa, para consternação do rei Balaque. Balaque, mediante seus sacrifícios elaborados (determinados por Balaão), tinha armado a cena para uma surpresa. Israel estava obtendo todas as vitórias.

Há *quatro oráculos* de Balaão, registrados no trecho de Núm. 23.1-24.25. Os sacrifícios elaborados, embora talvez oferecidos mais ou menos da mesma maneira que os sacrifícios oferecidos por Israel, não têm precedente nas leis levíticas. Portanto, muitos opinam que temos aqui algo característico do paganismo daquela região, sobretudo o paganismo conforme era observado na adoração a Baal.

23.1

Sete altares... sete novilhos e sete carneiros. Quanto aos *cinco* animais que podiam ser oferecidos em sacrifício, entre os hebreus, ver Lev. 1.14-16 e suas notas expositivas. Quanto ao número *sete*, ver o artigo *Número (Numeral, Numerologia)*, onde são discutidos esse e outros números importantes. Visto que não temos aqui nenhum padrão do livro de Levítico para as coisas, é possível que devamos pensar em sacrifícios moabitas ou de outro povo pagão; ou então Balaão fez o que fez sem nenhum precedente. Os *sete altares* de sacrifícios evidentemente não correspondiam a um costume hebreu, pois entre o povo de Israel fora determinado somente um altar no tabernáculo, e os antigos patriarcas hebreus só erigiam *um* altar de cada vez.

Talvez o número *sete* sagrado se derivasse dos cinco planetas então conhecidos, além do sol e da lua, representando o número sagrado do céu. Desde os tempos antigos, sete sempre foi o número sagrado de várias culturas. Os nomes pessoais hebreus Eliseba (Deus é sete) e Jeboseba (Yahweh é sete) ilustram também esse número.

23.2

Fez, pois, Balaque, como Balaão dissera. De acordo com o texto hebraico, *ambos* ofereceram os sacrifícios. Mas a Septuaginta dá a entender que somente Balaque ofereceu os sacrifícios; e vários eruditos pensam que isso reflete a realidade que houve no caso. Balaque ofereceu os sacrifícios, enquanto Balaão buscava Yahweh quanto à resposta acerca da maldição.

Na antiguidade, por muitas vezes os reis também realizavam funções sacerdotais, conforme foi o caso de Melquisedeque. Os sacrifícios foram oferecidos a Yahweh, e não a Baal, conforme vemos no quarto versículo. Balaque esperava fazer Yahweh passar-se para o lado dele.

23.3

Enquanto Balaque oferecia os sacrifícios sobre os altares, Balaão se pôs a buscar Yahweh. Portanto, temos aqui a *terceira* busca por Yahweh, no tocante ao mesmo problema. Por *duas* vezes, antes desta, Balaão tinha recebido comunicações divinas por parte de sonhos ou visões (Núm. 22.7-12,19,20). Mas Balaque continuava insistindo, razão pela qual Balaão continuava buscando a Yahweh, embora já tivesse recebido sua resposta. Esse terceira vez teve lugar nos *lugares altos* (22.41), o que significa que Balaão continuava praticando sua religião eclética. Nos lugares altos de Baal, ele buscou a Yahweh! É patente que ele não via nenhum erro nisso, e nem o texto ataca esse aspecto da questão, embora qualquer escritor hebreu (como o autor-compilador do Pentateuco) naturalmente condenasse práticas semelhantes.

Subiu a um morro desnudo. "Os áugures estavam acostumados a escolher lugares elevados para obterem os seus prognósticos... especialmente nos cumes desnudos das montanhas" (Ellicott, *in loc.*). "Os antigos adivinhos babilônios apelavam para esse tipo de cerimônia sacrificial a fim de obterem algum presságio" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o primeiro versículo deste capítulo). Ali Balaão buscou e recebeu experiência mística de alguma espécie, provavelmente uma visão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo*.

23.4,5

Deus. Ou seja, Elohim, veio ao encontro de Balaão. No versículo quinto, o nome divino é *Yahweh*. Ambos esses nomes divinos são anotados no *Dicionário*. Ver também ali o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*. Portanto, a busca de Balaão obteve sucesso, e mesmo de forma gloriosa, pois daí resultou grande bênção para Israel, e não a maldição que Balaque buscava.

Balaão explicou a Yahweh a *razão* que tinha quando O buscou tão intensamente, a tríplice cerimônia de *setes* em que ele se lançara. Devemos entender que ele indagou a questão da maldição, embora isso não seja mencionado especificamente. Assim, Balaão obteve mais do que tinha pedido, e isso de maneira gloriosa. Ele se sentiu inspirado a irromper em poesia, a fim de transmitir, bela e eficazmente, a revelação que lhe havia sido dada. Sonhos e visões lhe vieram através de um fundo poético, com suas manifestações estéticas e suas imagens *simbólicas*, que precisaram ser interpretadas. Por muitas vezes, essas manifestações são acompanhadas por linda música e cenas impressionantes.

Balaão obteve *mais* do que aquilo que havia pedido. Oh, Senhor, concede-nos graça semelhança!

"Yahweh pôs palavras nos lábios de Balaão — a característica essencial da profecia válida" (John Marsh, *in loc.*).

"Deus, que tinha aberto a boca da jumenta, de maneira contrária à natureza, abriu então a boca de Balaão, de modo contrário à vontade do profeta" (Bispo Wordsworth, *in loc.*).

Ele estava sob uma *necessidade divina*, que é a experiência daqueles que passam por alguma intervenção divina em sua vida.

23.6

Ele e todos os príncipes. Esse "ele" era o rei Balaque. Uma audiência apropriada havia sido preparada para o evento. Mas os que desejavam o mal para Israel em breve ficariam consternados diante da mensagem daquele profeta que eles consideravam grande. É que eles estavam lutando contra a vontade divina. Eles não faziam a menor idéia de como o pacto abraâmico precisava ter cumprimento, e como esse pacto incluía a posse da Terra Prometida. Ver as notas em Gên. 15.18 quanto ao *Pacto Abraâmico*. Vontades humanas contrárias seriam frustradas; e a vontade de Deus haveria de ser satisfeita.

23.7

A sua palavra. Temos aí uma palavra profética sob forma poética. Era um *oráculo divino*, o primeiro dentre quatro que Balaão estava destinado a transmitir acerca daquela ocasião (ver Núm. 21.1 - 24.25).

Ele tinha sido trazido de Arã com outro propósito, um propósito maligno. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Arã, Terra dos Arameus*. Esse locativo significa "elevado" ou "exaltado". Essa palavra pode apontar para um povo ou para um lugar, ou para vários lugares combinados, conforme aquele artigo esclarece. Ficava perto do rio Eufrates. Ver também no *Dicionário* o artigo sobre *Petor*, a cidade de Balaão. A referência ao fato de que o lugar era montanhoso — "dos montes do Oriente" — confunde um pouco o leitor, visto que a região não era montanhosa. Por isso mesmo, alguns estudiosos pensam que a área onde tudo isso ocorreu

era território moabita. Os críticos, por sua vez, vêem certa confusão nas fontes originárias. John Gill, reportando-se à questão sobre os "montes", diz que isso se refere à Mesopotâmia ou Caldéia. Ver sobre a Arã dos Dois Rios, ou Mesopotâmia (Gên. 24.10).

"Neste ponto, a *mashal* (declaração profética) consiste em uma composição poética em duas partes paralelas, em que cada qual representa uma maneira diferente de dizer a mesma coisa" (John Marsh, *in loc.*).

23.8

Balaão tinha avisado a Balaque o tempo todo que ele só poderia falar conforme Yahweh orientasse. E já havia dito que não poderia amaldiçoar o povo de Israel. Por *duas vezes* antes ele já tinha recebido comunicações em sonhos e visões (Num. 22.7-12,19,20). Agora, por uma *terceira vez* era dada a mesma mensagem, mas agora sob a forma de uma *declaração profética*, dada diretamente por Yahweh, por meio de Balaão. Foi feita a *pergunta retórica* que continha sua própria resposta: "Como posso amaldiçoar, se Yahweh disse que abençoaria Israel?". Pode um homem lutar contra Deus? Balaão queria agradar a Balaque. Ele gostaria de receber todo aquele dinheiro e honrarias que lhe tinham sido prometidos, mas estava impotente diante da vontade divina. Seu espírito também não concordava com toda aquela transação, conforme o texto demonstra o tempo todo. Ele precisou fazer um esforço heróico para transmitir uma mensagem clara, que não deixasse dúvidas. Ele já tinha mandado erigir sete altares e já havia oferecido catorze animais sobre eles. E assim, obteve uma resposta clara, mas esta concordava com as mensagens preliminares. Era inútil continuar insistindo sobre a questão. Cf. este versículo com Gên. 12.1-3, a promessa de *bênção* feita a Abraão e à sua posteridade, por muitas vezes confirmada em várias revelações do *Pacto Abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18). Essa mesma bênção havia sido *confirmada* a Isaque, Jacó e os patriarcas em geral, conforme fica demonstrado nas referências dadas nas notas expositivas. Nada havia que Balaque pudesse fazer que viesse a reverter ou anular a vontade divina operando no destino de Israel. O Messias haveria de vir da nação de Israel, e aí teríamos o cumprimento mais cabal daquele pacto. Assim, a mensagem espiritual havia sido *universalizada* além de qualquer coisa que Abraão jamais poderia ter imaginado.

23.9

Do cume das penhas. Balaque havia conduzido Balaão a um local elevado, de onde este podia enxergar parte do acampamento de Israel (ver Núm. 22.41). Enquanto Balaão proferia a sua bênção, ele observava Israel com profunda admiração. *Aquele* era o povo que Deus já havia abençoado e continuaria a abençoar de forma toda especial. De acordo com Balaque, o fato de Israel estar sendo contemplado ajudaria no poder da maldição. Em vez disso, porém, isso ajudou no poder da bênção. Balaão viu Israel como o "povo que habita só", povo esse que, por enquanto, nem ao menos era ainda um povo formado, nem ao menos era ainda contado entre as demais nações, mas em breve deslocaria várias nações e se apossaria da Terra Prometida.

Sem embargo, embora habitasse "só", o povo e Israel não estava sozinho, pois contava com a proteção de Yahweh. Assim, em um sentido metafórico, Israel estava *só com Deus*. É provável que essa declaração também seja *profética*, como se Balaão já pudesse contemplar Israel "na Terra Prometida; um povo separado para Yahweh; sozinho por estar em posição privilegiada quanto ao favor divino especial". "... um povo distinguido por seu idioma, língua, religião, leis, costumes, maneira de viver, diferente tanto em sua maneira de vestir quanto em seu regime alimentar, em tudo diferindo de outros povos; só, mas por não entrar em alianças nem estar na companhia daquelas outras ações; ver Est. 3.8; João 4.9; Atos 10.28" (John Gill, *in loc.*).

Assim sendo, em um sentido imediato, Israel estava isolado e parecia humilde. E, no entanto, estava sob o pálio protetor de Deus. Em um sentido profético, contudo, era distinto de outras nações, a fim de ser um veículo especial, o veículo do Messias. Israel tem sido conservada como nação separada por toda a sua história, apesar das perseguições, das matanças e das dispersões, formando isso tudo um notável fato da história. O *propósito divino* assim tem determinado. Cf. Deu. 32.8-10.

23.10

O pó de Jacó. Essa expressão indica um povo numerosíssimo, que não pode ser contado. Chegou a ser uma expressão comum para indicar a vasta posteridade de Abraão, como parte das promessas do Pacto Abraâmico. Ver Gên. 13.16 e 28.14 e suas notas expositivas, onde há explicações dessa expressão.

A quarta parte de Israel. Visto que Israel estava dividido em quatro acampamentos distintos, o que é ilustrado no gráfico antes das notas sobre Núm. 1.1. Até mesmo enumerar uma dessas quatro partes não seria tarefa fácil. É possível que Balaão, estando em um lugar elevado, de onde sua visão se espraiava por um espaçoso território (Núm. 22.41), ainda assim só pudesse divisar uma quarta parte do arraial completo de Israel; e, mesmo assim, essa porção fosse impressionante para quem a contemplasse.

Que eu morra a morte dos justos. Talvez essas palavras signifiquem apenas viver por muitos anos, e morrer em paz, entre o povo de Deus. No Pentateuco não há indicação clara da crença em uma alma imortal do homem, capaz de sobreviver à morte biológica. A lei mosaica não prometia vida de bem-aventurança para além da sepultura, no caso dos justos; nem ameaçava com juízo, para além da sepultura, no caso dos ímpios. Todavia, aqui e acolá, espalhado pelo Pentateuco, encontramos algum vislumbre dessa doutrina, como no caso da doutrina da criação do homem segundo a imagem de Deus (Gên. 1.26,27); ou como em Números 16.22 e 27.16, onde Deus é chamado de o *Deus dos espíritos*. Nos Salmos e nos Profetas é que entra mais decisivamente a doutrina da alma imaterial do homem. E essa doutrina foi mais desenvolvida ainda durante o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento, e assim entra e ainda é mais expandida no Novo Testamento. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Alma* e *Imortalidade*. Por igual modo, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* são apresentados vários artigos a esse respeito, incluindo dois que foram redigidos do ponto de vista científico. Ver também ali o verbete *Experiências Perto da Morte*.

Balaão cobiçou a vida de Israel, e também exprimiu seu desejo de morrer como se morria e Israel; e talvez estivesse contemplando a vida bem-aventurada, para além-túmulo, que era uma esperança dos patriarcas. Seja como for, essa esperança já era uma realidade para os patriarcas de Israel, sem importar se nosso texto contempla isso ou não. Todavia, alguns estudiosos pensam que a palavra *fim*, que aparece neste versículo, seja uma alusão à última porção da vida de uma pessoa, a idade avançada, e não à morte. Mas a verdade é que a maioria dos estudiosos prefere ver aqui uma alusão à morte dos bem-aventurados. Uma boa morte resulta de uma vida reta aos olhos de Deus.

23.11

Que me fizeste? Balaque estava revoltado com o que estava acontecendo. Ele fizera um tremendo esforço para que Balaão chegasse até ali. Tinha-lhe oferecido generoso suborno. Havia cooperado com as elaboradas *tríplices ofertas recomendadas por* ele (23.1 ss.). Mas agora, na hora de proferir a maldição, tudo se voltava contra ele; pois Balaão tinha acabado de proferir uma notável *bênção* em favor do povo de Israel, embora o rei estivesse disposto a pagar qualquer preço por uma maldição.

Balaão, por sua vez, tinha obtido mais do que havia buscado. Ele recebeu o primeiro de seus quatro oráculos revestido em bela forma poética. Tivera uma experiência mística estética de primeira magnitude, que falava em uma bênção enfática para Israel. E Balaque também recebeu algo diferente do que estava esperando, algo que ajudava tremendamente os seus adversários. O texto hebraico aqui é enfático: "Abençoaste a fim de abençoar". Nas palavras de Balaão nada tinha sido dito senão bênçãos para Israel. *Eventos inesperados* nos divertem, pois parecem tão ridículos, tendo aparecido assim do nada.

23.12

Mas Yahweh tinha precedência acima do rei, para Balaão, e a pergunta retórica deste último confirma isso. Ademais, Balaão tinha proferido uma profecia autêntica, pois o oráculo divino tinha vindo espontaneamente, daquela *origem superior*. Nenhum profeta verdadeiro de qualquer envergadura poderia ter agido de outra maneira. Balaque havia subestimado o poder divino que estava enfrentando. Ele tinha "apostado alto demais", ou seja, tinha crido em uma causa má, e até mesmo improvável. E Balaão desempenhou perfeitamente o seu papel: transmitiu a Balaque o recado de Yahweh. Ver também Núm. 22.38.

23.13

Então Balaque. O rei dos moabitas simplesmente não desistia. Mas também havia muita coisa em jogo para ele. Balaque entretinha esperanças tolas, e continuava crendo que Balaão poderia ser-lhe útil. Ele cria que se Balaão pudesse ver Israel de um lugar diferente, contemplando um segmento diferente do arraial dos israelitas, então Yahweh lhe permitiria proferir uma maldição, e não uma bênção. Por assim dizer, Balaque estava agarrando-se a "meras palhas". Por que ver uma parte diferente do povo, pequena ou grande, faria Balaão receber mensagem diferente da que já havia recebido por três vezes? Era uma suposição estúpida. No momento, porém, Balaque não dispunha de melhor idéia do que isso!

"Não desejando desafiar Deus, Balaque imaginou que o oráculo poderia ser diferente se Balaão visse o povo de outra perspectiva" (*Oxford Annotated Bible*, sobre este versículo).

23.14

Campo de Zofim. No hebraico, *sadem sophim,* "campo dos vigilantes", uma localidade no alto do monte Pisga (ver a respeito no *Dicionário*). Foi até ali que Balaque conduziu Balaão, para que este amaldiçoasse o povo de Israel. Isso aconteceu por volta de 1450 A. C. Temos neste versículo a única referência a esse lugar na Bíblia. Ver também acerca de Ramataim-Zofim, também chamada *Ramá,* local do nascimento do profeta Samuel (I Sam. 1.1). Modernamente, Zofim tem sido identificada como *Tell 'At es-Safa.* Alguns eruditos, no entanto, pensam que não se deveria traduzir aquela expressão hebraica como um nome próprio locativo, mas deixá-la como "campo dos vigilantes".

É possível que esse nome se refira a adivinhação por meio de ave, no qual caso os "vigilantes" seriam os pássaros a esvoaçar em todas as direções. Mas se esse é o verdadeiro sentido da frase, então a passagem fica bastante obscura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação.*

Alguns têm identificado esse local como o lugar de onde Moisés, algum tempo mais tarde, contemplou a Terra Prometida antes de morrer (ver Deu. 3.27). Ver a descrição em Deu. 34.1 e suas notas. Jarchi diz que aquele era um bom local de onde uma pessoa podia vigiar os movimentos de tropas inimigas, que talvez quisessem atacar, incluindo tropas de Israel.

Pisga. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário.*

Sobre cada um ofereceu um novilho e um carneiro. Foi repetida a rotina dos três setes, segundo já se vira em Núm. 23.1,2, onde aparecem as notas expositivas a esse respeito. Balaque e Balaão envidaram um esforço máximo em seus holocaustos. Yahweh veria tal esforço e o recompensaria, visitando novamente a Balaão. Talvez o Senhor mudasse de atitude nessa quarta tentativa.

23.15

Este versículo é igual ao terceiro versículo deste capítulo, onde são dadas as notas expositivas, que também se aplicam. O ritual dos sete altares é repetido tal e qual, embora em um lugar diferente, que Balaque, tolamente, imaginou faria alguma diferença, produzindo uma maldição, e não uma bênção.

23.16

Este versículo é igual ao quinto versículo deste capítulo, onde são dadas as notas. Com base nessa segunda visita de Yahweh, Balaão foi inspirado a dar ainda outro *oráculo.* Houve quatro desses oráculos, conforme se vê em Núm. 23.1-24.25.

23.17

Este versículo é igual ao sexto versículo deste capítulo, onde aparecem as notas expositivas. Neste ponto, Balaque fala sobre *Yahweh* (em nossa versão, "Senhor"), indagando o que Ele diria dessa vez, esperando ouvir que Deus tivesse mudado de idéia, permitindo que Balaão proferisse uma maldição contra Israel. Algumas pessoas persistem no erro contra todas as possibilidades.

23.18

Os versículos 18-24 fornecem-nos um *segundo oráculo* com forma poética. Mas esta foi a *quarta comunicação* da parte de Yahweh sobre o assunto. Já tinha havido dois sonhos ou visões noturnas (Núm. 22.7-12; 22.19,20); então houve uma declaração profética (como poesia) (23.7-10); e agora havia oura declaração profética, conforme está registrado em sete versículos, a partir do atual versículo. Novamente, Balaão falou sob impulso profético, inspirado por aquela *sabedoria superior.* Ver os vss. 4 e 5 deste capítulo, quanto ao fato que Balaão obteve mais do que havia solicitado. Essas respostas ele obteve sob forma estética, oráculos expressos em poesia do tipo oriental.

O segundo oráculo foi dirigido diretamente a Balaque, o qual continuava esperando que Yahweh mudasse de atitude.

"O segundo poema que Balaão recitou não somente se recusava a amaldiçoar Israel, mas também era uma declaração positiva de apoio a Israel. Nesse poema há onze pares, embora as formas não estejam claramente definidas" (John Marsh, *in loc.*).

23.19

Deus não é homem. Balaque esperava alguma *mentira* da parte de Yahweh, porque a verdade da questão era que Israel precisava ser abençoado, e não amaldiçoado, pelo que amaldiçoar a Israel seria uma mentira. O homem mente, mas Deus sempre diz a verdade. Balaque estava vivendo uma ilusão em suas expectações, que se fossem cumpridas apenas degradariam o caráter divino. Um dos atributos de Deus é a veracidade. Ver no *Dicionário* o artigo *Atributos de Deus.*

Os gregos falavam acerca de Jove como segue: "A boca de Jove sabe como formular uma mentira; mas toda palavra acha seu pleno cumprimento" (Ésquilo, em *Promet. Vinct.* 1068).

"Seja Deus verdadeiro, e mentiroso todo homem..." (Rom. 3.4). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mentir (Mentiroso).*

> Sabemos que a verdade tem sido
> *dita para o mundo, por mil vezes;*
> *mas não temos ouvidos*
> *para ouvir...*
>
> (Edwin Arlington Robinson)

Para que se arrependa. O oráculo negava que Deus muda de parecer. "O propósito de Deus é consistente; Ele não se caracteriza pelo engano e capricho dos homens" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

No entanto, acerca de Deus, é dito que Ele se arrepende (ver Êxo 32.14 e suas notas expositivas). Ofereço oito explicações que têm sido dadas para o problema. É um truísmo dizer que Deus muda de idéia quando é "certo" fazer assim, mas não o faz quando é "errado" fazê-lo, ou seja, quando algum princípio moral está envolvido. Isso é apenas uma peça do quebra-cabeça. Em alguns casos, isso é apenas um aspecto da interação entre a vontade divina e a humana. Deus se utiliza do livre-arbítrio humano, sem anulá-lo, embora não saibamos dizer como o faz. Mas o problema envolve outros aspectos, os quais são ventilados nas notas sobre Êxo. 32.14.

O caso presente (Núm. 23) é claro. Um Deus que se arrependa, no sentido em que o homem se arrepende, seria um Deus que anularia o pacto abraâmico, e isso seria moralmente errado e espiritualmente desastroso.

Tendo ele prometido, não o fará? Deus sempre cumpre aquilo que promete. Em outras palavras, Suas declarações proféticas e Suas promessas infalivelmente terão cumprimento. A bênção divina a Israel atravessa os milênios, e tem envolvido muitas predições que tinham e terão de ser cumpridas. Assim sendo, a veracidade de Deus haveria de levar Seu propósito a uma cabal fruição.

Deus *comprometeu-se de modo inquebrantável* de que abençoaria o povo de Deus, de acordo com Sua inexorável vontade. Nenhum poder, como o de Balaque, ou o de Balaão, poderia afetar essa decisão divina no mínimo que fosse. Cf. Sal 89.34 e Isa. 14.24,27. Ademais, esse compromisso inquebrantável visava o bem de *todos os povos,* e não somente do povo de Israel, visto que Israel seria usado como instrumento que traria ao mundo Messias e Sua universal missão salvatícia. Isso fazia parte do pacto abraâmico, e foi reforçado no Novo Pacto, tendo recebido ainda uma nova expressão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos.* Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Novo Testamento (Pacto).*

23.20

Para abençoar recebi ordem. Assim disse Balaão, que aludia à ordem que recebera repetidamente de abençoar, e não de amaldiçoar a Israel. Balaque precisava ouvir isso de novo, e Balaão não hesitou em dizê-lo. Ver as outras ordens nesse sentido em Núm. 22.12,18 e 23.8. O segundo oráculo concordou de modo absoluto com os dois sonhos (ou visões) e com o primeiro oráculo. Yahweh não mudou de atitude, contrariamente ao que Balaque havia esperado.

Ele abençoou. Yahweh tinha abençoado, e nada havia que Balaão poderia fazer para reverter isso, e ele nem mesmo queria essa reversão. Yahweh firmara uma aliança inquebrantável com Israel, conforme vimos nas notas sobre o versículo anterior.

23.21

Não viu iniqüidade em Jacó. Israel transbordava de pecado e murmurações, conforme temos acompanhado no registro sagrado. Ver a introdução ao capítulo 11 de Números, bem como a lista de murmurações, em Núm. 14.22. Todas essas iniqüidades, todavia, não tinham o menor peso diante de Yahweh, pelos seguintes motivos: 1. O Senhor havia provido um sistema expiatório, através dos sacrifícios efetuados no tabernáculo. 2. O Senhor havia encoberto os pecados deles devido ao Seu grande amor e misericórdia. Isso posto, Israel estava diante do Senhor como um povo *sem culpa,* apesar de seus muitos pecados e erros. Assim manifesta-se a *graça* de Deus (ver no *Dicionário* a esse respeito). Deus tinha resolvido abençoar o povo de Israel, e coisa alguma podia militar contra essa decisão divina (ver Rom. 8.32).

Desventura. No hebraico, de acordo com a índole da poesia dos hebreus, temos aqui uma reiteração da mesma idéia, mediante o uso de outras palavras. O termo hebraico correspondente, *amal,* significa "perversidade", "miséria". Nossa

versão portuguesa prefere refletir esse segundo sentido do termo. Israel mostra-se um povo perverso, mas não de modo fatal, não tendo sido levado por isso à desventura, porquanto a provisão de Deus anulava toda iniqüidade dos filhos de Israel. Tudo isso resultava do grande amor de Deus pelo povo de Israel.

Algumas versões antigas e modernas (como o siríaco e a *Revised Standard Version*, em inglês) dizem aqui *infortúnio, desventura*. É evidente que nossa versão portuguesa reflete isso. Todavia, essa tradução suaviza o texto sagrado e se desvia um tanto da verdade. O fato é que Israel era um povo *iníquo* que estava sendo *transformado para melhor* pelo poder e raça de Deus. Cf. Hab. 1.3, onde são usadas as mesmas palavras, no original hebraico. Os Targuns dizem que essa *iniquidade* alude à "idolatria", dizendo que Israel estava livre desse tipo de pecado. Mas a verdade é que por muitas vezes o povo de Israel apelou para a idolatria.

Iniqüidade em Jacó. Esse substantivo, no hebraico, é *'aven*, "vaidade", "inutilidade", "iniqüidade". Essa palavra também pode apontar para algum deus falso ou *ídolo*.

Os dois substantivos, "desventura" e "iniqüidade" por si mesmos dão margem a traduções abrandadas; mas o registro bíblico deixa claro que Israel era mesmo culpado de muitos pecados e perversões morais.

Aclamações ao seu Rei. Está em foco o Rei Yahweh, e não apenas algum monarca terreno, o que seria uma idéia totalmente fora de lugar aqui, além do que na época Israel nem pensava em ter um rei humano. Essas aclamações são paralelas às palavras "Deus está com ele", porquanto Yahweh é o Deus que devia ser aclamado devido às vitórias e às forças de Israel.

A palavra *aclamações* (no hebraico, *teruah*) é tradução do mesmo vocábulo usado para indicar o sonido das trombetas, em Lev. 23.24. Ver também Jos. 6.4,20, onde essa palavra também aponta para o sonido das trombetas.

Algumas versões, contudo, dão mais a entender que Yahweh é que soltaria um brado, em vez de ser "aclamado" pelo povo, conforme temos em nossa versão. Por isso mesmo, comentou Eugene H. Merrill, *in loc.*, sobre este versículo: "O brado do Rei deve ser compreendido como uma ameaça militar, dando a entender que o Senhor é um Guerreiro que conduz o Seu exército à vitória (cf. Jos. 6.5,20; Sal. 47.5; Jer. 4.19; 49.2)".

Alguns Targuns e alguns antigos intérpretes cristãos pensavam que este versículo deve ser entendido em um sentido messiânico. O Rei-Messias foi Quem deu o grande brado de triunfo!

23.22

As forças deles. Essas forças, na realidade, eram de Yahweh. Elas foram ilustradas no livramento de Israel da servidão egípcia, o que é um tema freqüente no Pentateuco.

> *Quando Israel se livrou da escravidão,*
> *Diante deles estava o mar.*
> *O Senhor lhes estendeu a poderosa mão,*
> *E a pé enxuto fê-los passar.*
>
> (H. J. Zelley)

Ver Êxo. 11.1 ss.; 12.42; 17.3; 18.1; 19.1; 29.46; 32.1; 33.1; Lev. 11.45; 22.33; 23.43; 25.38; 26.13; Núm. 1.1; 9.1; 15.41; Deu. 1.27; 4.37; 8.14; 13.5; 26.8; 29.25; Jos. 2.10; Juí. 2.1.

Boi selvagem. Há um artigo detalhado sobre esse animal no *Dicionário*. O boi selvagem era maior que o gado doméstico, cientificamente conhecido como *Bos pimigenius*. É provável que esse animal fosse um símbolo de força. O *poder* de Yahweh talvez fosse representado por esse animal, neste versículo.

Nossa versão portuguesa, refletindo algumas outras traduções (como a *Revised Standard Version*, em inglês), dá a entender que a força é "deles", dos israelitas. Mas mesmo que tivéssemos aqui o singular, "ele", poderia estar em pauta o povo de Israel. Essa é a opinião da maioria dos intérpretes, seguida por nossa versão portuguesa.

Todavia, os intérpretes não têm chegado a um acordo sobre a identidade do animal. Alguns pensam no unicórnio mitológico, outros pensam no rinoceronte. Alguns dizem que o termo acádico correspondente, *rimu*, indicava um bisonte. No hebraico temos a palavra *reem* e, embora não haja consenso de opinião sobre o animal assim chamado, o "boi selvagem" representa a maior das opiniões eruditas.

23.23

Contra Jacó não vale encantamento. Ver no *Dicionário* sobre a palavra *Encantamento*. Esse é um artigo detalhado, que não repito aqui. Os encantamentos eram e são aquelas práticas, comuns entre os povos primitivos, que consistiam em usar fórmulas verbais ou ritos mágicos que encorajariam os poderes sobrenaturais a entrar em ação, praticando o bem ou o mal, abençoando ou amaldiçoando as pessoas, exorcizando os demônios, provocando experiências místicas ou curando enfermidades. Essas fórmulas verbais são faladas ou entoadas, e geralmente fazem parte de rituais para todos os tipos de ocasião. Ver também o verbete intitulado *Encantador*. Os hebreus envolveram-se em atos dessa natureza, apesar de os profetas do Antigo Testamento proibirem tais práticas. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Adivinhação; Magia* e *Feitiçaria*. Ver Lev. 19.26; Deu. 18.9-14; II Reis 17.17 e 21.6.

Os povos antigos tinha uma crença firme na eficiência dos encantamentos, os quais eram temidos quando postos a serviço de causas malignas. Balaão assegurou a Balaque, por meio dessas palavras de seu oráculo, que nenhuma dessas coisas poderia exercer efeito algum sobre Israel. A adivinhação e a feitiçaria eram instrumentos inúteis contra Israel, sem importar quão poderoso fosse o seu efeito no caso de outros povos.

Que cousas tem feito Deus! O poder por trás de Israel, que operava milagres, e para o qual eles ainda haveriam de apelar no futuro, era o poder de Yahweh. A posse desse *poder* significava que Israel não precisava depender dos poderes dos encantadores, nem das informações dos adivinhos e buena-dichas. Naturalmente os profetas de Deus tinham esses poderes, e faziam maravilhas através da oração, além de serem dotados de vários poderes do Espírito, como o da previsão do futuro, para exemplificar. Mas isso ocorria dentro do "acampamento" de Israel e era aprovado pelo Senhor. Ver no *Dicionário* os verbetes *Urim e Tumim* e *Adivinhação*. Este último mostra como Israel praticava certas formas de adivinhação. Os próprios apóstolos de Jesus lançaram sorte para determinar a escolha de um novo apóstolo, que tomasse o lugar que fora deixado vago por Judas Iscariotes! (Atos 1.26; ver esse versículo explicado no *Novo Testamento Interpretado*).

23.24

Como leoa... como leão. Devido ao poder de Yahweh, Israel era como um leão devorador. O leão jovem, muito feroz, tomou-se símbolo do faminto povo de Israel, sedento de terras, disposto a devorar as nações pagãs que as ocupavam. Está em foco um ataque incansável, com muita matança e derramamento de sangue. Yahweh estaria à testa desse ataque, enviando o Seu leão para a caça. As nações seriam vítimas impotentes, e em breve a Terra Prometida estaria nas mãos de Israel. Isso sucederia quando a taça da iniqüidade dos pagãos do lugar estivesse cheia de pecados, e eles merecessem o que estavam por receber (ver Gên. 15.16). Estremecemos diante da descrição. Isso nos parece tão distante do gentil Jesus. Mas devemos aceitar o Antigo Testamento como ele é, e não conforme desejamos que ele fosse. "Longe de ser vencido, Israel, qual leão, erguer-se-ia e destruiria completamente os seus inimigos (cf. Núm. 24.9)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Os débeis animais da floresta não têm defesa contra o leão. A única defesa deles consistia em se ocultarem. Mas os inimigos de Israel não seriam capazes de esconder-se, e suas defesas seriam inúteis diante do poder de Yahweh. De certa vez vi um filme de um leão que matou um babuíno. Quão facilmente o leão apanhou o babuíno, que fugia! E quão facilmente o matou! Quase não podemos entender esses terrores da natureza. Algo está errado quando a matança é exaltada!

Cf. este versículo com Gên. 49.9, onde *Judá* é chamado de leão, sempre pronto a devorar a sua presa.

Os midianitas em breve seriam derrotados e destruídos, e Balaão seria morto juntamente com eles (ver Núm. 31.7,8). Josué trataria de igual maneira a todos os cananeus.

23.25

Nem o amaldiçoarás, nem o abençoarás. As mensagens dos sonhos e oráculos de Balaão se estavam tornando demais para Balaque. Assim, ele agora baixava suas expectações, desejando que Balaão se mostrasse neutro, um profeta que ao menos não ajudasse a Israel. Balaque estava pronto a enfrentar Israel segundo os próprios méritos deste, sem a ajuda do profeta. A *neutralidade* tornara-se uma atitude desejável. Diante dessa nota de neutralidade, Balaque agora já queria despedir Balaão. Ele se tornara um aliado do adversário, inútil para os seus propósitos. Nesse ponto, a narrativa parece que deveria terminar; mas foi então que um *esforço desesperado* levou Balaque, uma vez mais, a tentar o drama do tríplice sete, somente para ver os seus desejos novamente frustrados.

23.26

Não te disse eu...? Balaque havia apostado alto demais. Desde o começo da empreitada, Balaão havia advertido que só poderia proferir aquilo que Yahweh lhe ordenasse dizer. Essa informação havia sido dada com certa freqüência por Balaão. Ver Núm. 22.38 e 23.3,12; cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Essa *sabedoria superior*, pois, foi a que prevaleceu.

23.27

Encontramos aqui a duplicação da mensagem do versículo 13 deste capítulo. As notas ali existentes também aplicam-se aqui. Não tendo podido arrancar uma maldição em dois lugares diferentes, nas colinas, desesperado, Balaque pensou que uma *terceira localização* talvez se mostrasse eficaz. Balaque agora tinha virado uma criança tola. Deus é Elohim, o Deus dos hebreus, e era claro que outra tentativa também seria baldada. Os críticos, como é claro, vêem nisso apenas um meio literário de apresentar o *terceiro oráculo* de Balaão (ver Núm. 24.3 ss.). Um homem levado ao desespero, entretanto, pode sentir-se impelido a apelar para atos insensatos.

23.28

Cume de Peor. No hebraico, esse nome significa "abertura", "fenda". No Antigo Testamento, esse é o nome de um monte e de uma divindade pagã. Temos aqui um dos montes do território de Moabe, o lugar para onde Balaque conduziu o profeta falso, Balaão, a fim de que este amaldiçoasse o povo de Israel. Lemos aqui que esse monte "olha para a banda do deserto", ou seja, a região árida que havia em ambas as margens do mar Morto, perto do pico da parte norte das montanhas de Abarim, próximo cidade de Bete-Peor, onde Israel acampou-se, nas planícies de Moabe, segundo se lê em Deu. 2.29 e 4.46. Esse cume ficava na região de Nebo, embora não se tenha podido ainda fazer uma identificação segura. Esse foi o *terceiro* lugar alto de onde Balaão contemplou o acampamento de Israel, e de onde Balaque esperava que aquele profeta amaldiçoasse o povo de Deus. Peor era um centro cultural dos moabitas (ver Núm. 25.3). Baal era a divindade adorada ali.

A banda do deserto. No hebraico temos *Jeshimon*, que alguns estudiosos pensam tratar-se de um nome próprio; mas a Revised Standard Version, seguida de perto por nossa versão portuguesa, provavelmente traduz corretamente como "olha para a banda do deserto". O hebraico indica um lugar "desolado", "estéril". Algumas vezes o deserto da Judéia era assim chamado, como se faria com qualquer outra região desértica.

23.29,30

Repete-se aqui *a rotina do tríplice sete*, conforme já víramos nos vss. 1, 2 e 14 deste capítulo. Agora, pela terceira vez, sete altares foram erigidos, e sete carneiros e sete bois foram imolados. Foi um esforço *extremo*. Foi um ato de desespero da parte de Balaque, que jamais conseguiu aprender e teimava em montar em seu cavalo morto.

O terceiro relato dos mesmos preparativos de sempre prepara o leitor para o *terceiro oráculo* de Balaão, que figura no capítulo 24 de Números.

Capítulo Vinte e Quatro

Prossegue aqui a mesma seção histórica iniciada em Números 22.1. Topamos agora com o *terceiro oráculo* que Balaão foi inspirado a proferir, impelido por Yahweh. Balaão havia buscado uma simples orientação divina, mas acabou recebendo quatro belos oráculos sob forma poética, exaltando as virtudes do povo de Israel e o seu bem-aventurado destino. Isso garantiu, de modo absoluto, que nenhuma maldição seria eficaz contra o povo que Deus tinha abençoado. Ver a introdução ao capítulo 22 de Números, quanto aos ensinos principais desta seção. Por duas vezes, Yahweh tinha comunicado Sua mensagem por meio de sonhos ou visões noturnas (Núm. 22.7-12,19,20). E também houve mensagens sob a forma de *quatro oráculos* (ver Núm. 21.1-24.25). Por conseguinte, temos em todo este segmento histórico uma manifestação ampla e indiscutível da glória do povo de Israel e da vontade de Deus quanto ao Seu antigo povo terreno.

24.1

Agouros. Ver Núm. 23.23 quanto a notas completas sobre essa questão, bem como as referências aos vários artigos, existentes no *Dicionário*, que iluminam tais questões. E visto que os detalhes já foram dados algures, evitamos repetições neste ponto.

"Tendo entendido, por essa altura dos acontecimentos, quão inúteis eram os *agouros* contra o povo de Deus, que era um povo abençoado, Balaão deixou para trás suas técnicas usuais e contemplou as hostes de Israel, organizadas em sua ordem tribal determinada... E então, investido do Espírito de Deus, proferiu o seu terceiro oráculo" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Quanto ao arranjo de Israel por tribos, ver o gráfico antes das notas sobre Números 1.1.

Tendo abandonado os seus encantamentos, Balaão se tornou melhor instrumento do poder e da inspiração do Espírito de Deus. Dessa vez, a mensagem de Yahweh foi dada sob forma poética.

24.2

Acampado segundo as suas tribos. O povo de Israel estava organizado por tribos, segundo foi ilustrado pelo gráfico apresentado imediatamente antes de Núm. 1.1. O versículo subentende uma visão divinamente projetada, visto que de nenhum dos pontos dos montes de Moabe seria possível a um homem divisar o arraial inteiro do povo de Israel. O povo *inteiro* seria abençoado, e não somente alguma *porção*. Essa situação deve ser contrastada com as ocasiões anteriores, que Balaão via somente alguma *porção*, e ele queria amaldiçoar e não abençoar o povo de Israel (ver Núm. 22.41 e 23.13).

Devemos contrastar a visitação do Espírito de Deus com os encantamentos que Balaão havia usado antes. Agora, ele haveria de proferir uma bênção sobre o povo inteiro de Israel, e para tanto Deus conferiu Sua divina inspiração. Antes, Deus se havia manifestado por meio de sonhos e visões, ou então por meio de alguma palavra posta na boca de Balaão. Agora, porém, o Espírito de Deus viera para impulsioná-lo *diretamente*. Isso parece dar a entender que o profeta estava crescendo em sua utilidade, e que estava agindo comum coração correto, embora vários intérpretes continuam insistindo sobre sua maligna natureza, pois o tempo todo ele era mero instrumento indócil.

Cf. este versículo com Núm. 23.5,15 e I Sam. 19.20. Ver também a profecia de Caifás, em João 11.51. O texto destaca a soberania de Deus ao dar as Suas mensagens. Nem sempre o Senhor usa "profetas aprovados".

24.3

Proferiu a sua palavra. Foi um oráculo sob forma poética. Ver sobre isso em Núm. 23.7. Esse oráculo não foi "dirigido a Balaque, como sucedeu nas vezes anteriores. Mas brotou dos lábios de Balaão como uma autêntica palavra profética. Balaão referiu-se a si mesmo como 'homem de olhos abertos'. Todavia, o sentido o original hebraico, nesse particular, é obscuro. Uma tradução mais satisfatória seria 'homem cujo olho vê a verdade'" (John Marsh, *in loc.*).

Parece que Balaão caiu em estado de êxtase, como também sucedeu a Saul e a muitos dos profetas antigos. E, se os olhos do sentido ordinário da visão se fecharam, ou foram postos fora de funcionamento, os olhos interiores da alma foram abertos plenamente para as maravilhas do Espírito de Deus. Balaão, pois, experimentou uma impulsão sobrenatural. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Inspiração*.

Homem de olhos abertos. Temos aí um toque de beleza no texto. De quanto carecemos dos movimentos do Espírito de Deus! Não nos basta "ler a Bíblia e orar", por mais importantes que sejam esses exercícios. Também precisamos do toque místico em nossa vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. Contrastemos essa iluminação direta do Espírito com os sonhos e encantamos que Balaão havia recebido previamente. Ver Núm. 22.8,19; 23.23; 24.1.

24.4

Palavra daquele. Balaão falou o oráculo "daquele que ouve os ditos de Deus", o que reflete a apta tradução da Revised Standard Version. E ele era igualmente o homem que tivera os "ouvidos abertos". Aquilo que ele vira, disso tinha falado; aquilo que ouvira, disso falou. Grandes tesouros haviam sido subitamente entesourados em seu coração, e ele trouxe à tona esses itens preciosos, exibindo-os diante de todos os ouvintes, um por um. Ele era o homem que havia sido tocado pelo Espírito de Deus. Não era mais o antigo Balaão, mas o Balaão de depois da visitação divina. De quanto precisamos desses toques do Senhor, que nos conferem poder e inspiração! E quão significativo foi que tais experiências tivessem sido outorgadas a um alegado profeta "pagão". O Logos havia implantado em Balaão uma de Suas sementes, ali, fora de Israel; posto que em um tempo e em um lugar em que isso se fazia tão necessário.

E **prostra-se.** É provável que o sentido dessas palavras seja que, enquanto Balaão estava dormindo, em seu leito, recebera sonhos ou visões noturnas; mas essas coisas, por assim dizer, *derrubaram-no por terra*, profundamente admirado diante de tudo. Isso é um fenômeno comum nas experiências místicas, pois elas deixam os que as recebem profundamente atônitos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Seus olhos foram abertos por meio daquelas experiências, pois seus olhos e ouvidos tinham sido abertos de maneira sobrenatural.

Assim, Balaão reivindicava *autoridade divina* para suas declarações. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Transe*, uma experiência comum entre os místicos e profetas, embora pessoas de menor envergadura temam tais coisas. Cf. este versículo com os trechos de Deu. 8.17; Eze. 1.28 e Apo. 1.17.

24.5

Tuas tendas... tuas moradas. Notemos o paralelismo. As "moradias" dos filhos de Israel eram "boas" por serem abençoadas por Deus, embora fossem

tendas armadas no deserto estéril. No entanto, eram moradias espiritualmente abençoadas. Agora a Terra Prometida seria conquistada, e o ambiente físico seria melhorado. Pois onde Yahweh se encontra, ali há boas condições espirituais, a despeito das condições físicas. O deserto estéril não inspirava a ninguém; mas as bênçãos divinas sempre inspirarão a mente dos homens. Os filhos de Israel eram peregrinos e forasteiros na Terra Prometida, mas tinham chegado ali devido ao propósito divino. "... bons, piedosos e agradáveis a Deus, por causa da presença do Senhor com eles e por causa das provisões divinas em favor deles... Ver o Salmo 84.1,4,10" (John Gill, *in loc.*).

24.6

Como vales... jardins... árvores de sândalo... cedros. Israel assemelhava-se a um vale verdejante que se espalhava pelo deserto, tornando-o um lugar belo e produtivo. Israel fazia rios transmissores de vida através do vale verdejante, onde floresciam árvores perfumadas.

Sândalo. Ver também sobre *alões,* abaixo. O sândalo era uma árvore que dava excelente madeira de construção, que Hirão trazia e Ofir, para ser usada na construção do templo de Jerusalém (I Reis 10.11; II Crô. 2.8; 9.10,11). Alguns pensam estar em vista a *Peterocarpus santalinus,* uma madeira da Índia que pode ser intensamente polida. Trata-se de um madeira avermelhada, macia e cara, própria para marcenaria. Contudo, esse tipo de árvore não se tem podido localizar entre os cedros e ciprestes do Líbano. Por essa razão, alguns estudiosos têm conjecturado estar em vista algum tipo de pinheiro, ou o cipreste. Outros conjecturam tratar-se de alguma madeira da variedade cítrica, conforme diz a Vulgata Latina, *thyinum,* que os antigo muito estimavam por sua beleza e por seu odor agradável.

Cedros. Ver o artigo detalhado sobre essa árvore, no *Dicionário.* Essa árvore não cresce à beira de rios; mas o profeta não era obrigado a manter a exatidão botânica em suas declarações extáticas.

A presença de Israel transformou a região desértica em um jardim, do qual Yahweh cuidava, mantendo sua vitalidade e verdura.

Algumas traduções dão aqui *alões,* em lugar de *sândalo.* Ver sobre essa variedade de madeira no *Dicionário.*

24.7

A chuva abundante é característica de terras frutíferas, porque a água é a origem de toda vida. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água.* A água era ali tão abundante que todos os *baldes* ou outros recipientes que um homem pudesse usar para transportar água estavam sempre cheios. Os baldes era úteis para transportar água tirada dos poços, um importante aspecto da vida dos lugares estéreis do Oriente Próximo e Médio. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Poço.* De acordo com a visão de Balaão, porém, a água era tão abundante que os baldes estavam sempre cheios, mesmo sem a utilização de poços.

Suas sementeiras terão águas abundantes. Toda árvore e todo tipo de vegetação plantada dispunha de um abundante suprimento de água. Todavia, essa frase é um tanto obscura no original hebraico, de tal modo que alguns a traduzem aqui por "seu braço estará sobre muitos povos", cujo significado é que muitas nações sentiriam o poder de Israel.

Agague. Esse foi o nome de um rei amalequita, que fez parte da história de Saul, cerca de trezentos anos depois da época de Balaão. Se a referência realmente é a ele, temos então aqui um anacronismo, que indica que essa porção do Pentateuco foi escrita muito depois da época de Moisés. Alguns eruditos conservadores, no entanto, pensam que "Agague" seria um título real, da mesma maneira que os monarcas egípcios recebiam todos o título do Faraó. Alguns estudiosos, contudo, pensam que temos aqui uma *profecia* sobre a futura glória do rei Agague. Ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário.*

Agague, o monarca amalequita, foi um homem dotado de poder, cuja autoridade chegou a tornar-se proverbial. Contudo, Israel teria um poder ainda maior que o de Agague. Vários Targuns dos judeus dão a este texto uma interpretação messiânica. A grandeza aqui divisada seria atingida pelo *Messias.*

O seu rei. Uma profecia de que Israel, finalmente, seria governada por um rei, o que não demoraria muito a ter cumprimento. E o Rei Messias seria a figura final e coroadora dessa linhagem real. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Rei, Realeza.*

24.8

Tirou do Egito a Israel. Um acontecimento histórico usado amiúde para ilustrar, no Antigo Testamento, o poder de Yahweh. Há notas sobre isso, com referências ilustrativas, em Núm. 23.22.

Boi selvagem. Ver as notas expositivas sobre esse animal em Núm. 23.22.

Uma destruição total e brutal foi prevista nesse *terceiro oráculo* de Balaão. Esse aspecto também fora frisado no *segundo oráculo,* embora sob a figura de um leão devorador. Ver Núm. 23.24, em como as suas notas expositivas, que também se aplicam aqui. Não somente os midianitas seriam quase aniquilados, mas também *todos* os habitantes da Terra Prometida compartilhariam desse mesmo triste fim.

24.9

Deitou-se como leão. É reiterada aqui a metáfora de Núm. 23.24. Diante dessa fera, todos os animais se acovardam e se escondem. O leão rasga as carnes e esmaga os ossos de suas presas. O terror segue em seu caminho, e o leão não tem piedade. No capítulo anterior, o leão persegue sua presa; e aqui ele já a apanhou e mutilou. Já terminou de devorá-la e agora está sentado para descansar e fazer a digestão. Ninguém ousaria aproximar-se do leão, a despeito do fato que ele já terminou sua refeição sanguinária. Portanto, deita-se sem ninguém para perturbá-lo. Assim também o povo de Israel, depois de ter terminado sua conquista, haveria de descansar como o leão, que todos temem. Ver Gênesis 49.9, onde algo parecido é dito acerca de Judá.

Quem abençoasse a Israel seria abençoado por Yahweh; mas aquele que o amaldiçoasse seria amaldiçoado por Yahweh. Essa porção do oráculo repete uma promessa especial que faz parte do *Pacto Abraâmico.* Ver Gên. 12.3 e suas notas expositivas. Ver também Gên. 27.29, onde a mesma coisa foi afirmada a Jacó. Ver as notas sobre o *Pacto Abraâmico,* em Gên. 15.18.

24.10

A ira de Balaque se acendeu. Mas a verdade é que ele mesmo havia provocado a situação. Ele não havia desistido; antes, tinha forçado a continuação do drama com aquela cerimônia dos *triplos setes* (Núm. 23.1,3,14,29,30). Ele repetiu o rito por três vezes, e somente obteve a reafirmação da impossibilidade de amaldiçoar a Israel. Em adição, os oráculos poéticos falavam mais sobre *bênçãos* a Israel do que Balaque estava disposto a ouvir.

Bateu ele as suas palmas. Até hoje, naquelas regiões, esse continua sendo um gesto de consternação ou indignação; e ocasionalmente é mencionado na literatura antiga. Provavelmente é um gesto geneticamente controlado, porque o homem que assim faz age espontaneamente, sem pensar primeiro no que vai fazer. Cf. Jó 27.23. O gesto, em Lamentações 2.15, indica *escárnio.*

Porém agora já três vezes. Ver Núm. 23.1 ss., 13 ss. e 27. Há um antigo adágio que diz que "a persistência acaba dando certo". Mas isso não sucedeu no caso de Balaque.

24.11

Vai-te embora. Balaão foi convidado a fugir para escapar com vida. Balaque estivera pronto a dar-lhe muitas riquezas e uma posição honrosa; mas, para tanto, ele teria de fazer o profeta ser uma pessoa diferente do que era. Balaão tinha a estranha fixação de obedecer a Yahweh, e isso estragara todo o plano de Balaque. Poucas pessoas passam no teste do *suborno,* mas isso acontecera com Balaão. E poucas pessoas passam no teste da *fama,* mas Balaão fora aprovado o teste. Ver Núm. 22.17 quanto à promessa de que Balaque faria *qualquer coisa* em favor de Balaão, se este proferisse a maldição contra Israel.

Eis que o Senhor te privou delas [das riquezas e honrarias]. Assim vociferou Balaque, provavelmente em tom de zombaria, provocada pela ira. Balaão tinha-se mostrado "por demais religioso" para receber presentes da parte de Balaque, e assim havia perdido as recompensas que homens de menor envergadura teriam feito tudo para obter. Mas pelo menos Balaque pagou um tributo não-desejado à integridade de Balaão. A espiritualidade de Balaão lhe custou muita coisa. Uma atitude comum de indivíduos profanos é que eles não dão valor às realidades da fé religiosa.

24.12,13

Balaão disse a Balaque. Balaão apelou para sua defesa usual, que tinha dito desde o começo de suas negociações com os embaixadores de Balaque. Ver Núm. 22.18 e a essencial repetição do argumento, em Núm. 23.3,12,26.

Balaque como que disse, em atitude zombaria: "Visto que rejeitaste meu dinheiro e minhas honrarias, vai e obtém da parte de Yahweh o que puderes!". E a resposta de Balaão correspondeu a ter ele dito: "Para o bem ou para o mal, para o muito ou para o pouco, minha sorte depende de Yahweh!".

24.14

O *quarto oráculo* resultou da discussão que Balaão e Balaque, agora inimigos, tiveram. No furor do momento, o Espírito de Deus uma vez mais se utilizou da mente do profeta, e ele foi capaz de perceber os futuros relacionamentos entre Israel e Moabe.

Antes de os dois se separarem, cada qual para o seu respectivo lugar (vs. 25), ocorreu outro oráculo, sem dúvida o mais consternador de todos para Balaque. Esse oráculo, todavia, não foi solicitado nem por Balaque nem por Balaão.

Nos últimos dias. *Em algum ponto,* dentro do tempo, em algum tempo impossível de determinar, "no futuro mais longínquo previsível" (John Marsh, *in loc.*). Cf. Gên. 49.1, onde se acha expressão idêntica.

"... não somente nos dias de Davi, o qual subjugou os moabitas (II Sam. 8); mas em tempos muito posteriores, como nos dias de Alexandre ou do rei Janeu, que os venceu, conforme relatou Josefo (*Antiq.* 1.13 cap. 13, sec. 5)" (John Gill, *in loc.*). A visão profética dada a Balaão estendeu-se por várias centenas de anos. Não seriam envolvidos nem Balaque nem aquela geração de seu povo, quando chegassem os dias maus. Sem dúvida, isso lhe serviu de conforto, se é que ele tinha alguma noção do tempo envolvido.

24.15

Proferiu a sua palavra. Ou seja, o seu oráculo poético, o quarto. Ver as notas sobre Núm. 23.7.

Homem de olhos abertos. Uma notável expressão poética, que fala da inspiração profética conferida pelo Espírito de Deus. Ver as notas sobre essa questão em Núm. 24.3. Esse recebimento de visões e profecias, diretamente do Espírito, com "olhos abertos", deve ser comparado com os sonhos e encantamentos anteriores de Balaão (ver Núm. 23.23; 24.1).

Balaão estava proferindo uma profecia que não o afetou pessoalmente, mas que teve uma tremenda importância para Israel. Quando fazemos algo por outrem, geralmente há maior poder espiritual, visto que o amor sempre será mais forte do que os interesses egoísticos.

"A quarta profecia de Balaão começou conforme sucedera com a terceira — com o reconhecimento de que o verdadeiro entendimento vem somente de Deus" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

24.16

Palavra. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oráculos.* Oráculo é a palavra inspirada de um profeta ou vidente, algo que lhe é dado e que ultrapassa seus próprios poderes. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo.*

Há uma *quádrupla descrição* acerca de como Balaão foi capaz de ver tão longe futuro adentro:

1. Balaão foi capaz de *ouvir* a palavra Deus, porque seus ouvidos espirituais lhe foram abertos. Algumas vezes um oráculo é dado *audivelmente.* De outras vezes, uma visão é acompanhada por sons que podem ser ouvidos como se os estivéssemos ouvindo com nossa audição normal; ou então por meio de uma audição interior, sem que haja palavras ou sons audíveis. Ouvir, nesse caso, é equivalente a *compreender.*
2. Um profeta *reconhece* a veracidade de uma questão. O seu espírito salta até a mensagem recebida e de imediato a aprova. É-lhe conferido conhecimento e certa iluminação. Ele *sabe* que a visão que lhe foi mostrada corresponde à realidade dos fatos espirituais. Esse *conhecimento* é uma das categorias das experiências místicas. Eis a razão pela qual Paulo, tendo recebido a sua visão, ficou tão certo do *valor de verdade* dessa visão que de pronto abandonou seu modo de viver e de pensar. Chegou mesmo a repelir princípios doutrinários do judaísmo, substituindo-os pelos princípios doutrinários do cristianismo, embora estes últimos, em sua maneira de pensar anterior, fossem "heresias".
3. Um profeta *vê* a visão, ou mediante o uso de seus olhos normais ou através da visão interior, de acordo com a qual *vê* imagens, mas não mediante a percepção de seus sentido normais. *Visões* podem ser vistas com os olhos físicos absolutamente fechados. Ver no *Dicionário* o artigo *Visão (Visões).* Esse ato de "ver" também equivale a *compreender,* tal como o ato de "ouvir". Estamos abordando aqui a questão da *iluminação espiritual,* à qual nos referimos como se fossem coisas vistas e ouvidas. A mera percepção não é a única coisa que devemos apreciar em tudo isso.
4. Um profeta tem seus olhos *abertos.* E devemos entender, nesse caso, os olhos do entendimento espiritual. Esse sentimento deve ser comparado com o trecho de Efésios 1.18, onde lemos: "... iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes...". Isso equivale aos olhos abertos do profeta, em Núm. 24.3.

Nomes Divinos Neste Versículo. Deus é *El,* "o Poderoso"; é *'Elyon,* "o exaltado" ou Altíssimo"; o *El Sadday,* "o Abundante", que nossa versão portuguesa traduz por "Todo-poderoso". Todos esses nomes divinos eram comuns entre os povos que ocupavam aquelas regiões, naqueles dias. Mas neste contexto é óbvio que está em foco o Deus de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

E **prostra-se.** Isso porque as experiências místicas são chocantes, e algumas vezes chegam a anular o movimentos musculares, causando uma queda literal. O trecho de Núm. 22.31 mostra-nos que Balaão caiu de rosto em terra ao contemplar o Anjo que o fez parar no caminho, quando ele vinha montado em sua jumenta.

24.17

Uma estrela procederá de Jacó. A *Estrela* originar-se-ia do povo de Israel, mas ainda não era visível para Balaão; ainda estava distante. Isso aponta para o *elemento tempo,* dentro do cumprimento do oráculo. Ainda era um acontecimento distante no tempo.

Essa Estrela, em seu cumprimento preliminar, era Davi, o qual haveria de derrotar militarmente os moabitas (ver II Samuel 8). Mas Davi era um tipo ou símbolo do Messias. Este oráculo é geralmente aceito como messiânico, mesmo pelos antigos intérpretes judeus. Cristo é a *Estrela da Manhã* referida m Apocalipse 22.16.

Ele foi assim intitulado "por motivo de Sua glória, brilho e esplendor" (John Gill, *in loc.*). Cristo é a Luz que ilumina a todo ser humano que vem a este mundo (João 1.9). Cf. Gên. 49.10. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Luz, Metáfora da* e *Luz, Deus como.* E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* examinar o verbete *Luz do Mundo, Cristo como.*

> *Uma luz, para a qual o sol é noite escura;*
> *Luz dos olhos, amor do coração;*
> *Luz, olhos, tudo é dele.*
> *Ele é olhos, luz, coração, amor da alma;*
> *Ele é toda a minha alegria e*
> *bem-aventurança.*
>
> (*Purple Island,* Cântico I.5,7)

Um cetro. A Estrela seria um *rei,* como Davi foi e como é o Messias. O Targum de Onkelos fala sobre o Rei que surgiria de Jacó, a saber, o *Messias,* que corrigiria todas as coisas e engrandeceria o poder de Israel. Portanto, temos aqui uma alusão à "estrela do Oriente" (ver Mat. 2.2), que anunciou a primeira vinda de Cristo. Ver no *Dicionário* o artigo *Cetro.* Cf. Sal. 62.8; Eze. 32.7; Dan. 8.10; Joel 2.10, trechos esses que também empregam o mesmo tipo de simbolismo para referirem-se ao Messias. Ver também Zac. 9.10 e Oba. 21.

E **destruirá.** O poder que se ergueria dentre Israel traduziria derrota para os inimigos de Israel, e isso em termos os mais violentos, a começar por Moabe. Essa questão já havia sido ressaltada nos oráculos de Balaão. Ver o símbolo do *leão,* que persegue e destrói a sua presa (Núm. 23.24; 24.9). O fato de que o Messias seria o grande Salvador não é previsto aqui, porquanto o oráculo abordava a sorte lamentável dos moabitas, servindo isso de fator limitador da vida. Davi cumpriu essa predição ao subjugar os moabitas (II Samuel 8). Cristo é o destruidor do pecado e seus efeitos, a fim de salvar os Seus escolhidos da perdição espiritual (ver Colossenses 2.14,15).

Destruirá todos os filhos de Sete. Esse nome próprio, conforme é usado aqui, indica uma cidade ou um rei de Moabe. No panteão egípcio havia uma divindade chamada *Sete,* mas não parece que seja isso que está em destaque aqui. Albright referiu-se a Sete (*Swtw*) como um povo mencionado no textos de execração dos egípcios. Sete, filho de Adão, pode ser considerado um antepassado distante dos moabitas (além de outros povos). A verdade é que a referência é obscura. Contudo, alguns estudiosos traduzem "filhos de Sete" como "filhos do orgulho" (cf. Isa. 16.6).

As têmporas. Algumas versões dizem aqui "as esquinas". A cabeça é a parte mais vulnerável de um organismo humano. As "esquinas", por sua vez, poderiam referir-se até as fronteiras mais distantes do território de Moabe. Nesse caso, coisa alguma seria poupada.

24.18

O *oráculo* foi ampliado para aplicar-se a *Edom,* o que alguns críticos pensam que originalmente pertencia a um oráculo distinto, mas que o editor do Pentateuco resolveu incluir neste ponto. No entanto, por ser um povo vizinho dos moabitas, naturalmente poderia ser envolvido no escopo deste *quarto oráculo.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Edom, Idumeus.* Edom era o nome do povo, e Seir era o nome do país. "Balaão profetizou que os idumeus tornar-se-iam súditos de um vitorioso Israel, prevendo algo que, finalmente, teve realização nos tempos de

Davi. A noção de que os inimigos de Deus, no fim, tornam-se Seus *súditos,* contém uma profunda verdade espiritual" (John Marsh, *in loc.*). Mas Deus subjuga somente para terminar abençoando, tal como castiga a fim de remediar, e não meramente para esmagar.

Seir era outro nome dado a Edom, conforme indica a construção paralela do poema. Cf. Gên. 32.3; Deu. 2.4). Ver no *Dicionário* o verbete *Seir,* que contém descrições completas. Edom, igualmente um território desértico, ficava a cerca de cinqüenta quilômetros ao sul de Moabe, pelo que está em mira a mesma região geral, embora politicamente separada. Estão em foco povos aliados ou mesmo racialmente vinculados (por meio de casamentos mistos).

Israel fará proezas. Em vez de ser amaldiçoado e ficar claudicante, o povo de Israel estava destinado, com a ajuda da Estrela, a conquistar todo aquele território e subjugar a todos os adversários, que viviam dentro e fora da área. Ver Sal. 60.9,12. Alguns intérpretes estendem essa profecia até os tempos messiânicos, e mesmo até a futura era do Reino de Cristo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Milênio.*

24.19

De Jacó sairá o dominador. O "dominador" sairia de Jacó, provavelmente indicando Davi, novamente; e em seguida o Messias, na qualidade de "a Estrela", conforme é interpretado o vs. 17 deste capítulo. Várias antigas autoridades judaicas viam este versículo em um sentido messiânico; mas Davi também foi mencionado por eles. Ver Sal. 72.8, que declara que ele terá domínio "de mar a mar". Ver também Gên. 49.10.

Os que restam das cidades. É provável que estejam em pauta cidades como Sela, capital dos idumeus, posteriormente chamada Petra. Quanto ao cumprimento dessas predições, ver I Reis 11.15-18. Cf. Isa. 15 e 16; 21.11,12; Jer. 48; 49.7-11; Oba. 15-18,21.

24.20

Nesta altura o *oráculo* amplia-se para incluir os descendentes de Amaleque, aqui chamado de "o primeiro das nações". Essa referência é obscura, visto que não há tradição bíblica que nos esclareça essa informação. Os amalequitas foram os primeiros a atacar o povo de Israel (ver Êxo. 17.8), e isso pode ter sido a origem do ditado: Amaleque seria o primeiro dentre as nações a atacar a Israel. Amaleque ficou sujeito a uma maldição divina, e durante os dias de dias de Saul e Davi foi essencialmente aniquilado (I Sam. 15.7,8; 30.1-17). Ver sobre *Amaleque* em Gên. 36.12 e suas notas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amalequitas,* que nos fornece informações geográficas e arqueológicas.

Os amalequitas surgiram primeiro, talvez do ponto de vista do tempo, ou talvez em termos de força e domínio; no *fim,* entretanto, seriam exterminados, tal como os habitantes de Moabe e de Edom. Isso descreve a *vitória absoluta* dos filhos de Israel.

24.21

Aqui o oráculo amplia-se para incluir os *queneus,* os quais pareciam seguros e inexpugnáveis em seus lugares fortificados. Esses também teriam um mau fim. Os queneus estavam associados tanto aos amalequitas quanto aos judaitas (Juí. 1.16; I Sam. 15.6). Por nome, estavam vinculados a Caim. Acabaram identificados como uma porção dos midianitas. O cunhado de Moisés, *Hobabe,* foi descrito como um midianita (Núm. 10.29), mas o pai dele é chamado de queneu (Juí. 1.16). Os territórios ocupados por eles eram, primariamente, as áreas desérticas da península Arábica e do Sinai. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Queneus.* Eles chegariam ao fim por ocasião das conquistas encetadas pelos assírios (vs. 22). Alguns intérpretes não identificam o povo aqui mencionado com os queneus-midianitas, e, sim, com um povo que residia na área montanhosa e mais selvagem do sul da Palestina, juntamente com o lado ocidental da Arábia, e em ambas as margens do golfo de Ácaba. Seriam uma antiga tribo cananéia.

"O significado dos vss. 21-24 é obscuro, devido à incerteza que cerca os nomes próprios" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

24.22

Não há nenhum registro histórico do *definhamento* dos queneus; mas devemos lembrar que o exército assírio atacou grandes faixas da Palestina, e que os israelitas não foram o único povo a ser levado em cativeiro.

Assur. No hebraico, esse nome significa *degrau* ou *planície plana.* Esse era o nome de um dos filhos de Sem, como também de uma cidade erigida às margens do rio Tigre. Neste ponto, refere-se aos seus descendentes, os assírios. Ver no *Dicionário* os verbetes *Assur* e *Assíria,* quanto a plenas informações a respeito. A conquista do ocidente, incluindo a Palestina, foi encetada por Tiglate-Pileser III e por Salmaneser V. O período foi 745-722 A. C. A menção à Assíria, nos dias de Balaão, não é um anacronismo, visto que em cerca de 1400 A. C. já medrava o Reino Assírio Médio. Seja como for, estamos tratando com uma *profecia,* e não com a história, embora os críticos vejam as profecias como se fossem fatos históricos referidos desde um passado remoto.

Embora os queneus ocupassem um "ninho na penha", ou seja, lugares inacessíveis da região montanhosa, o poder assírio seria suficiente para espantar dali os pássaros queneus, embora estes se julgassem seguros.

"Os assírios e os babilônios, que levaram cativas as dez tribos de Israel (II Reis 17.6) e depois os judaitas (desta vez para a Babilônia; II Reis 25), provavelmente também levaram em cativeiro os queneus. De fato, isso parece perfeitamente patenteado, visto que achamos *alguns* queneus mencionados entre os judeus, após seu retorno do cativeiro babilônico (I Crô. 2.55)" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros).*

24.23

Ai, quem viverá...? Seria melhor que eles nem tivesse nascido, ou não vivessem o bastante para ver o terror causado pelos assírios Embora homens viesse a efetuar a matança, seria Yahweh (Elohim), o Deus dos judeus, que era o poder por trás de tais acontecimentos. Mas também seria Yahweh que cuidaria para que os assírios chegassem a um mau fim. Dessa maneira, o juízo divino passaria de um povo para outro, ferindo todos os adversários de Israel. Como é óbvio, o versículo 23 refere-se tanto ao que já tinha acontecido quanto ao que aconteceria no futuro. Houve uma pausa no *oráculo,* para então Balaão reiniciá-lo, passando daí a novas considerações.

24.24

"Nenhuma nação seria capaz de resistir ao poder da Assíria (vs. 23); contudo, cairá diante de *Quitim.* Quitim significa Chipre, que esteve sob o governo assírio no século VII A. C. Mas o trecho de Jer. 2.10 usa a palavra para indicar os países das margens do mar Mediterrâneo *em gerai,* enquanto Daniel 11.20 dá a entender que eles seriam os *romanos.* E em I Macabeus 1.1 e 8.5 entendemos que estão em foco os *gregos.* Não se conhece nenhuma derrota dos assírios por parte dos povos mediterrâneos, razão pela qual tem sido sugerido por alguns que esse poema se refere à derrubada da Pérsia por Alexandre o Grande. Nesse caso, *Assur* seria a Pérsia.

Héber. A Septuaginta traduz esse nome por 'hebreus'. Mas na verdade trata-se de um termo desconhecido. Significa povo do 'outro lado', ou seja, 'do outro lado do rio Eufrates'" (John Marsh, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Chipre* e *Éber.* E também *Quitim,* nas notas sobre Gên. 10.4.

Os romanos, finalmente, incorporaram os vestígios do império assírio, como também Israel, em seu domínio quase universal dos tempos antigos.

Desnecessário é dizer que os críticos vêem neste versículo um violento anacronismo, pensando que temos aqui história, e não profecia, na hipótese de que o autor sagrado escreveu em uma época quando todas essas coisas já tinham acontecido. No entanto, todos esses informes são apresentados como profecias. Os conservadores, por sua parte, consideram este versículo uma profecia típica; ou, no máximo, supõem que um editor posterior tenha adicionado alguns elementos ao poema original.

24.25

Balaão... Balaque. Os dois, antes amigos, separaram-se como inimigos, cada qual voltando à sua própria terra. Mas isso ainda não foi o fim da história, porquanto Balaão, embora não pudesse amaldiçoar a Israel, acabou ajudando Balaque, corrompendo-os moralmente. Isso foi feito através de atos imorais com mulheres moabitas, um dos assuntos abordados no capítulo 25. Essa corrupção moral produziu grande juízo contra o povo de Israel, embora não o suficiente para impedir a invasão da Terra Prometida, conforme Balaque tentara impedir. Se Balaão chegou à sua terra, então *mais tarde voltou, porquanto foi morto em uma* batalha havida entre Israel e os moabitas (ver Núm. 31.8). Se Balaão permaneceu por algum tempo entre os moabitas, depois de ter ido para sua terra e voltado, somente para perecer entre eles, então a história é deveras entristecedora. Se tivesse ficado na terra dele, teria preservado a sua vida! E se tivesse voltado definitivamente para casa, talvez também Israel não tivesse sido corrompido por meio de mulheres moabitas.

Capítulo Vinte e Cinco

Apostasia em Peor (25.1-18)

O trecho de Núm. 22.2-24.25 pinta uma quadro essencialmente positivo a respeito de Balaão. Ele era um profeta pagão, que apelava para agouros (Núm.

23.23), mas demonstrou uma lealdade inquebrantável a Yahweh, o Deus dos judeus. A passagem de Núm. 25.1 não fornece nenhum indício de que ele teria sugerido a Balaque que Israel, embora não pudesse ser amaldiçoado, poderia ser corrompido. Esse informe surge de repente, em Núm. 31.16. Os críticos, pois, sugerem que esse comentário deriva-se de uma fonte informativa diferente daquela que achamos aqui, o que explicaria a omissão crassa do fato, aqui em Núm. 25.1.

Seja como for, este capítulo introduz dois relatos: Em Núm. 25.1-5, imoralidade com as mulheres moabitas; e em Núm. 25.6-18, imoralidade com uma mulher midianita. Ambos os relatos ilustram como Israel precisava separar-se dos povos pagãos em redor, se o propósito de Yahweh acerca de Israel devesse ter cumprimento.

A imoralidade foi uma corrupção espiritual que levou à idolatria, a qual algumas vezes é retratada como adultério espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* Mediante a sedução sexual, muitos israelitas foram atraídos a participar do culto a Baal.

25.1

Sitim. Ver sobre esse lugar no *Dicionário.* O nome é uma transliteração do termo hebraico que significa *acácia.* Esse era o nome geográfico de uma região dentro das planícies de Moabe, imediatamente a nordeste do mar Morto. Provavelmente é a mesma *Abel-Sitim,* referida em Núm. 33.49. Ver detalhes completos a respeito naquele artigo.

A prostituir-se. Essa corrupção moral, ao que tudo indica, fazia parte de um plano para debilitar o povo de Israel, levando Yahweh a julgar esse povo que Ele queria abençoar. Ver a introdução a este capítulo, quanto às circunstâncias. Este versículo não diz que Balaão fez parte do conluio, embora isso seja dito em Núm. 31.16 e Apo. 2.14. Esse erro chegou a ser conhecido como "doutrina de Balaão". Assim, foi possível corromper um povo que não podia ser amaldiçoado (Núm. 31.15,16; cf. Núm. 22.5 e 23.8). Dessarte, Israel contaminou seu estado de povo separado (santificado), e isso trouxe a ira de Yahweh contra eles. Todavia, isso não foi suficiente para impedir a invasão da Terra Prometida, que era o que Balaque esperava poder evitar.

Ver sobre *o caminho de Balaão,* em II Ped. 2.15 e sobre o seu *erro,* em Jud. 11. No artigo sobre *Balaão,* em seu quarto ponto, discuti sobre as três expressões.

O objetivo da corrupção moral era levar Israel a ocupar-se do culto a Baal, o que, caso se tivesse tornado universal, provavelmente teria causado a queda completa dessa nação, devido ao juízo de Yahweh.

As *imoralidades* provavelmente faziam parte das práticas culturais de fertilidade dos cananeus, pelo que eram parte integrante da idolatria associada a Baal. Ver Deu. 23.17,18; I Reis 14.22-24; Núm. 25.2.

25.2

O povo comeu, inclinou-se aos deuses deles. Sem dúvida, temos aqui alusão aos ritos de fertilidade, que promoviam orgias sexuais, típicas dos cultos cananeus. Ao participarem de tais festas, os israelitas já se tinham envolvido na idolatria, pois as duas coisas eram inseparáveis.

Não devemos pensar aqui em matrimônios, ou seja, no jugo desigual (ver II Cor. 6.14), mas em fornicação e adultério francos, sob a capa de um culto religioso. As mulheres moabitas convidaram os homens israelitas para as celebrações em honra a Baal e Camos (Deu. 3.29), e o convite indecoroso foi aceito.

Comeu. Temos aí menção à refeição sagrada dos povos pagãos. As religiões pagãs vinculavam a glutonaria às orgias, pois supunha-se que isso honrasse às divindades. De mistura com isso, havia uma idolatria franca, em que as pessoas se prostravam diante dos ídolos que representavam os deuses. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria.*

"... mulheres... sensualidade... paixões... idolatria... bebedeiras..." (John Gill, *in loc.*).

25.3

Baal-Peor. Há um detalhado artigo sobre essa divindade pagã no *Dicionário,* pelo que não ofereço detalhes neste ponto. Esse título significa *Senhor da Palma.* Encontramos aqui um rompimento sério como pacto mosaico e com a fé de Israel. Israel misturou-se com essas atividades bem às vésperas da entrada deles na Terra Prometida.

A ira do Senhor. A ira do Senhor acendeu-se contra Israel, uma tradução que reflete de perto o original hebraico. Quando isso sucedia, logo seguia-se algum grande juízo divino, com o resultado de que muita gente morria. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Devido à debilidade da linguagem humana, somos forçados a apelar para termos que são aplicáveis aos homens, quando falamos sobre Deus, embora isso seja, sem dúvida, uma maneira muito inexata de falar sobre a deidade. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Via Negationis* e *Via Eminentiae,* ambos os quais mostram maneiras de os homens falarem sobre Deus.

25.4

Enforca-os ao Senhor ao ar livre. O juízo divino não demorou. Yahweh instruiu o mediador, Moisés, para tratar primeiramente com os chefes do povo. Todos eles deveriam ser executados por enforcamento. Alguns estudiosos pensam que a execução foi por impalação ou por algum tipo de crucificação, o que entre os hebreus usualmente ocorria depois de a pessoa já ter morrido.

Ao ar livre. As execuções deviam ser públicas, da maneira mais conspícua possível, em pleno dia. Os Targuns informam-nos que isso ocorreu "perto do tabernáculo", apontando para a natureza religiosa do crime deles. Parece ficar entendido que todos aqueles "chefes" eram culpados, mas é possível que, de acordo com a antiga idéia da solidariedade tribal, tenham sido escolhidos apenas alguns dos chefes, incluindo culpados e inocentes. Eles deviam morrer "pelo povo". Todavia, a questão permanece em dúvida. A morte deles aplacaria a ira de Yahweh, e assim, o povo em geral não sofreria. *Todos* os culpados tiveram de morrer, entretanto (ver o próximo versículo).

25.5

Moisés disse aos juízes de Israel. Aos juízes foi ordenado que procurassem todos quantos se tinham envolvido na idolatria orgiástica, e cada um dos culpados foi executado, talvez por enforcamento, como os cabeças do povo, porém mais provavelmente por apedrejamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Apedrejamento.*

O termo "juízes", aqui utilizado, pode referir-se aos que tinham responsabilidade sobre grupos de mil, cem, cinqüenta e dez pessoas, ou seja, os *subchefes* que trabalhavam sob a supervisão dos príncipes. Assim, muitos executores executaram a muitos ofensores.

Devassidão com os Midianitas (25.6-18)

Um segundo relato foi introduzido, semelhante ao primeiro, ambos os quais ilustram a necessidade de os israelitas separarem-se do paganismo, sobretudo da variedade que opera mediante a atração sexual, as orgias, os relacionamentos ilícitos, e mesmo o casamento. O texto à nossa frente dá a entender concubinato ou casamento, embora isso não seja dito especificamente. Talvez o homem envolvido apenas quisesse viver com a mulher midianita que ele trouxera ao arraial dos israelitas de modo tão aberto e desavergonhado. A narrativa indica que um episódio ocorreu imediatamente depois do outro, porquanto o povo ainda estava lamentando pelos mortos que tinham acabado de ser executados, por causa da orgia com as mulheres moabitas e da adoração a Baal (vss. 1-5). Ou as lamentações podem ter envolvido alguma tragédia distinta, como uma praga (vs. 8).

25.6

Uma midianita. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Midiã, Midianitas.* Uma praga estava em curso (vs. 8), que era causa das lamentações, e estas podiam ter sido associadas ou não ao relato que se segue.

Enquanto eles choravam. As lamentações estavam acontecendo diante da porta do tabernáculo, diante da *primeira cortina,* que separava o átrio do tabernáculo do espaço exterior. Ver as notas sobre as *três cortinas* do tabernáculo, em Êxo. 26.36. O lugar escolhido para as lamentações mostra que Israel estava suplicando a Yahweh que Ele fizesse cessar a praga. Bem em meio à solene cena, certo homem israelita apareceu no acampamento, exibindo uma mulher estrangeira, vedada aos israelitas quer em casamento, quer em concubinato. Foi outra brecha feita na condição de povo separado para Yahweh.

As tradições judaicas adornam o relato, visto que o homem era um dos príncipes de Israel, ao passo que a mulher midianita era também uma princesa. Essa informação é extraída dos vss. 14 e 15 deste capítulo. Essa condição agravava ainda mais a questão, visto que, uma vez mais, estava envolvida a "liderança", dando um mau exemplo ao povo comum, ao revoltar-se contra os mandamentos de Yahweh.

A alta posição do homem israelita e da mulher midianita fala em favor de alguma espécie de aliança matrimonial com implicações políticas, uma tentativa de unir os israelitas e os midianitas; ou, pelo menos, sugere que tal união era algo desejável.

25.7,8

Finéias. Esse nome significa *oráculo,* sendo um apelativo de origem egípcia, conforme tem sido confirmado por várias descobertas arqueológicas. Três pesso-

as, que figuram no Antigo Testamento, tinham esse nome. A primeira a ser alistada no *Dicionário* é a personagem deste versículo. Ele era filho de Eleazar e neto de Arão. Ver Êxo. 6.25; I Crô. 6.4,50; Esd. 7.5. Seu ato demonstrou profundo zelo e piedade, de acordo com a mentalidade dos hebreus da época. Com uma única estocada de sua lança, ele eliminou o homem e a mulher, quando estavam ambos ocupados no ato sexual; e assim terminou aquela aliança profana. Isso ofereceu a Israel uma lição objetiva sobre como "não agir", no tocante ao casamento.

Casamentos com pagãos não eram considerados legítimos pela legislação levítica, a despeito do fato de que o próprio Moisés se casara com uma mulher etíope (ver Núm. 12.1). Ver o trecho de Êxodo 34.11-16 quanto a essa proibição. Abraão havia dado o exemplo, mandando buscar uma esposa, dentre seus próprios parentes, para Isaque. Ver Gên. 24. O cristianismo, porém, reconhece os casamentos mistos como legítimos, posto que não desejáveis (I Cor. 7.14). O cônjuge incrédulo é *santificado* devido o seu convício com o cônjuge crente. A passagem de Esdras 10.10 *requer* que os varões israelitas se divorciem de suas mulheres não-israelitas. Ver o comentário sobre essa questão em I Cor. 7.14, no *Novo Testamento Interpretado.*

A praga cessou. O oitavo versículo diz "por que" o povo de Israel chorava diante da primeira cortina do tabernáculo: uma grande praga estava devastando Israel. A lança de Finéias fez parar essa praga, visto que Yahweh ficou satisfeito diante da execução imediata. Alguns comentadores misturam a história anterior da idolatria e da orgia sexual (vss. 1-5) com o relato sobre a homem israelitas e a mulher midianita, e supõem que a praga teve origem no primeiro dos dois incidentes. Mas outros separam os dois relatos, e fazem a praga ser um juízo em geral, por causa dos pecados do povo de Israel, especialmente a ausência de separação deles.

25.9

Vinte e quatro mil. Esse foi o número de pessoas que morreram da praga, antes de cessar devido ao ato piedoso de Finéias. O trecho de I Coríntios 10.8, porém, fala em *vinte e três mil.* E os intérpretes, buscando uma harmonia a qualquer preço, lutam inutilmente em torno dessa pequena discrepância. Alguns dizem que vinte e três mil morreram em *um dia,* e que mil outros morreram antes ou depois. Mas sem dúvida isso é um truque, e não uma explanação. Nos comentários sobre I Coríntios 10.8, no *Novo Testamento Interpretado,* ofereço amplas explicações, chegando mesmo a abusar do tempo do leitor com reconciliações improváveis. O mais certo é que Paulo tenha feito uma citação de memória, tendo assim provocado um pequeno equívoco. Mas nada há de importante em torno dessa questão; e somente os críticos e aqueles que exigem harmonia a qualquer preço se dão ao trabalho de tentarem uma harmonização.

25.10

Então disse o Senhor. Uma expressão de uso freqüente no Pentateuco, para introduzir novos materiais e também para lembrar a doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

Moisés aparece sempre como o mediador. Uma vez recebida uma mensagem do Senhor, ele a transmitia a Arão, ou a Arão e seus filhos, ou ao povo em geral. Neste caso, a mensagem divina foi dirigida ao próprio Moisés. Ver Lev. 17.2 (notas introdutórias), quanto às *oito* fórmulas de comunicação.

25.11

Finéias... desviou a minha ira. Temos aqui um enfático elogio a Finéias, o qual, com um golpe de lança, pôs fim a um início de apostasia. John Gill (*in loc.*) lembra-nos do fato de que o homem agiu como uma autoridade civil, o que servia de tremendo estímulo para que o ato fosse imitado pelos demais israelitas. Muito menos devem tais maus exemplos ser imitados por nós, que estamos no Novo Pacto, dias de maior iluminação, onde a influência do Novo Testamento chega mesmo a afetar nossos sistemas legais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tolerância.* Mesmo em nossos dias do Novo Testamento, alguns têm tomado nas mãos o direito de vingança pessoal, executando outras pessoas, alicerçados nos princípios do Novo Testamento. Jesus, porém, nunca aprovou tais atos (ver Luc. 9.54,55).

Foi preciso aquele *bravo ato* de Finéias, para que a praga estancasse. De outra sorte, Yahweh a teria deixado continuar rolando. Yahweh mostrou que Finéias agira animado pelo "zelo" de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo *Zelo (Zeloso).* O zelo de um único homem salvou a vida de muitos milhares de pessoas. Mesmo assim, pereceram vinte e quatro mil. Quanto a atitudes zelosas pela causa do Senhor, como a de Finéias, ver Êxo. 34.14, onde lemos que o próprio Yahweh aparece como dotado de tais atitudes (mediante o *antropopatismo;* ver a respeito no *Dicionário*). Yahweh não tolerava rivais (Êxo. 20.5; Deu. 4.24).

25.12,13

Por motivo desse ato singular, que preservou a pureza de Israel, o sacerdócio deveria seguir a linhagem de Finéias. Foi-lhe dada a condição perpétua de sacerdote. No entanto, foi somente muito mais tarde que os zadoquitas, da linhagem de Finéias, aos quais o profeta Ezequiel confinou o sacerdócio, vieram a ocupar de forma permanente o sacerdócio em Israel. Cf. Esd. 7.1-6; I Crô. 6.4-8,50-53.

Com o tempo, Finéias substituiu a seu pai, Eleazar, como sumo sacerdote (Jui. 20.28). Salomão restaurou o sacerdócio à linhagem de Zadoque, que descendia de Finéias. Esse homem tornou-se símbolo do sacerdócio *imutável* Cristo (Heb. 7.24).

A família de Itamar manteve o sumo sacerdócio por cerca de cento e cinqüenta anos, antes que ele fosse restaurado à linhagem de Finéias, na pessoa de Zadoque (I Crô. 6.50). Assim, apesar de não ter havido exclusividade por um longo tempo, ainda assim a promessa foi adequadamente cumprida, em honra ao zelo por Deus demonstrado por Finéias.

Aliança do sacerdócio perpétuo. Cf. Eze. 34.25 e 37.26. Está em foco um acordo que continha a promessa divina de que os participantes gozariam de bem-estar e de uma correta relação com Yahweh. Um dos resultados seria a harmonia dentro do acampamento de Israel, em vez de pragas, juízos divinos e violência contínuos.

25.14

Zimri. No hebraico, *célebre.* Esse é o nome de quatro personagens do Antigo Testamento. O Zimri deste texto era um ancião simeonita, morto por Finéias, em face de seu adultério ou casamento misto com uma princesa midianita (ver Núm. 25.6,7). O trecho de I Macabeus 2.26 narra também a história. Coisa alguma se sabe sobre Zimri, exceto o que o texto nos faz saber. "Havia cinco famílias simeonitas, e esse homem (o pai de Zimri), era cabeça de uma delas (Núm. 26.12,13). Ademais, Josefo (*Antiq.* 1.4, cap. 6, sec. 10) e a Crônica Samaritana fazem-no aparecer como um príncipe da tribo de Simeão" (John Gill, *in loc.*).

25.15

Cosbi. Algumas versões portuguesas grafam seu nome como Cozbi. O termo hebraico por trás do nome está alicerçado sobre o acádico, *kusbu,* "volúpia", ou talvez "enganadora". Esse era o nome de uma mulher midianita, filha de Zur, que Finéias executou juntamente com seu amante (ou marido) israelita. Os midianitas, uma tribo nômade que usava o camelo como montaria, invadiram a Palestina na época dos Juízes de Israel. E introduziram ali maus costumes como a idolatria e a imoralidade, além de outros danos de ordem material. O nome dessa mulher figura somente neste versículo do livro de Números. Nada se sabe sobre essa mulher além do que este versículo nos informa; como também nada se sabe sobre o pai dela, Zur. O trecho de Gênesis 25.4 lista cinco filhos de Midiã, razão pela qual os estudiosos pensam em cinco clãs principais desse povo. Talvez Zur fosse cabeça de um desses clãs. Ver Núm. 31.8. Esse trecho diz-nos que Zur pereceu quando da matança geral dos midianitas.

25.16

Os vss. 16 a 18 deste capítulo constituem uma espécie de adição editorial, que combina os dois relatos, aquele concernente à corrupção ligada à adoração a Baal (vss. 1-5), e aquele concernente à execução de Zimri e Costi (vss. 7-15), por parte de Finéias.

Disse mais o Senhor. Essa é uma expressão de uso freqüente no Pentateuco, para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina da Escrituras. Ver as notas expositivas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

25.17

Afligireis os midianitas. A reação de Yahweh contra os midianitas e moabitas, que tinham procurado corromper o povo de Israel com a idolatria e a imoralidade (assuntos tratados neste capítulo), foi violenta, resultando na ordem para eles serem exterminados. Moabe, todavia, não foi incluído nesta ordem, provavelmente devido à ordem divina mencionada em Deu. 2.9, porquanto eram descendentes de Ló. Ver a descrição da matança, em Núm. 31.7 ss. Balaão também pereceu durante essa matança, e vários intérpretes pensam que também pereceram na ocasião muitos moabitas, apesar do reparo feito em Deu. 2.9. Ver também Deu. 23.3,4.

25.18

Este versículo inclui em seu bojo os dois relatos contidos neste capítulo, o incidente em *Peor* (no qual estiveram envolvidos os moabitas; ver o vs. 5), e o incidente que envolveu Cosbi, a mulher midianita (vss. 7 ss.).

Irmã deles. Essas palavras podem indicar que a mulher era irmã de seu povo, os midianitas, ou a referência pode ter um sentido geral. Ela era irmã tanto

dos moabitas quanto dos midianitas, os quais eram considerados um único povo, por motivo de casamentos mistos entre eles e também por motivo de associação geográfica.

"Doze mil israelitas atacaram os midianitas, destruíram todas as suas cidades, mataram os seus cinco reis e todo varão, e também todas as mulheres adultas, e levaram todos os seus despojos" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Núm. 31.1-20. Por conseguinte, houve uma matança generalizada, quando tribos selvagens entrechocaram-se no deserto, o que serve de triste comentário sobre a natureza do homem, um animal predador, posto que dotado de razão.

Capítulo Vinte e Seis

Recenseamento (26.1-51)

Temos aqui o *segundo recenseamento.* O primeiro aparece nos capítulos primeiro e terceiro de Números. Ambos refletem algo do capítulo 46 de Gênesis. A principal razão do recenseamento foi o de aquilatar a força militar de Israel. Quantos homens capazes de guerrear haveria, de vinte anos de idade para cima? Com essa informação, a invasão poderia ser planejada com maior precisão. Cada tribo foi calculada formando subdivisões, e todos os homens de vinte anos para cima foram distribuídos por essas subdivisões. O total geral alcançou mil, oitocentos e trinta homens menos do que no primeiro recenseamento, pois sete das tribos contavam com mais gente, e cinco tribos, com menos gente. As várias pragas e os juízos registrados ao longo do relato tinham feito a sua cobrança, e um número menor de homens foi o resultado. Esse segundo recenseamento teve lugar nas planícies de Moabe, quando Israel se estava preparando para invadir a Terra Prometida. O segundo recenseamento ocorreu trinta e oito anos depois do primeiro. É provável que a praga mencionada em Núm. 25.8 e 26.1 tenha aniquilado com o resto da geração antiga, de modo que somente seus filhos, agora adultos, tiveram permissão de entrar. Somente Calebe e Josué, os dois espias que haviam dado um relatório favorável, depois de terem espiado a Terra Prometida, dentre a antiga geração que havia perambulado pelo deserto durante quarenta anos, tiveram permissão de entrar. Ver os 64 e 65 deste capítulo. *Todos* os homens da geração mais velha tinham perecido, exceto aqueles dois.

O tempo, como um riacho constante,
Levou embora todos os
seus filhos.

(Isaac Watts)

26.1

Passada a praga. Essas palavras referem-se à praga referida em Núm. 25.8,9, na qual morreram vinte e quatro mil pessoas. Várias pragas e juízos divinos tinham diminuído o número do povo. Ver Núm. 16.49 e 21.6.

Falou o Senhor a Moisés. Essa é uma expressão comum no Pentateuco, que o autor usava para introduzir novos materiais, como também para relembrar a doutrina da divina inspiração das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Esse recado foi dado a Moisés, o mediador de Yahweh, e foi transmitido a **Eleazar.** Ver as notas de introdução a Lev. 17.2, quanto às *oito* fórmulas de comunicação. Eleazar havia substituído seu pai, Arão, como sumo sacerdote, depois da morte deste; pelo que agora a mensagem foi transmitida por Moisés a Eleazar. Ver Núm. 20.28. A mensagem recebida por Eleazar dizia respeito ao segundo censo, conforme o vemos nos vss. 2 ss.

26.2

Levantai o censo. Idêntica ordem havia sido dada a Arão, praticamente nos mesmos termos. Ver Núm. 1.2,3. Ver as notas ali, que têm aplicação aqui. No primeiro caso, cada chefe de cada tribo recebeu a tarefa de ajudar no censo; e é provável que isso tenha sido feito de novo, embora não seja mencionado aqui, No primeiro caso, *depois,* os levitas também foram numerados (capítulo terceiro), mas isso não é repetido nesta segunda menção. A casta sacerdotal dos levitas (agora não mais uma tribo que seria dotada de um território, ver Núm. 1.47 ss.) não iria à guerra como resto, pelo que eles não foram numerados nesse *recenseamento militar.*

Capaz de sair à guerra. Em primeiro lugar, para aniquilar os midianitas (juntamente com muitos moabitas); e também para libertar a Terra Prometida de seus habitantes, a fim de que os filhos de Israel pudessem tomar posse. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Guerra.*

26.3

Nas campinas de Moabe. Este versículo fornece-nos o *lugar* onde foi efetuado o recenseamento, a saber, nas campinas de Moabe, onde o povo de Israel estava acampado e de onde seria lançada a invasão militar. O primeiro censo foi efetuado no deserto contíguo ao Sinai, onde também havia sido dada a lei (Núm. 1.1), cerca de trinta e oito anos antes. E o lugar do atual segundo censo não ficava longe de *Jericó,* que em breve seria atacada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Jericó.* O povo de Israel continuava no lado oriental do rio Jordão, mas em breve cruzaria o rio para sua margem ocidental.

26.4

Contai o povo. A contagem seria dos filhos daqueles que tinham saído do Egito, visto que a antiga geração (excetuando Calebe e Josué) já havia morrido no deserto (ver Núm. 26.64,65). Os varões de vinte anos para cima seriam contados, tal como se vê em Núm. 1.2,3 e 26.2, visto que este foi um censo essencialmente militar, a fim de aquilatar a força militar de Israel, que haveria de marchar contra uma multidão de inimigos que estariam esperando por eles, ansiosos por exterminá-los.

Dois Grandes Eventos Históricos Foram Fundamentais. Israel foi libertado da servidão no Egito; Israel preparava-se agora para conquistar o território que Deus havia prometido a Abraão. Isso fazia parte do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

26.5

A lista que se segue duplica, em seus dados essenciais, a relação que aparece em Gên. 46.8-27, não sendo mencionados netos adicionais, embora os filhos de Jacó, que emigraram do Egito, fossem homens no vergel da vida, os quais, naturalmente, teriam gerado filhos depois de terem saído da terra de Gósen, onde estavam estabelecidos no Egito. Por conseguinte, esta lista poderia ser, pelo menos em parte, uma relação representativa, e não uma lista completa. Ademais, nem todos os filhos de Jacó fundaram alguma nova família ou tribo. "Com base neste catálogo, parece que cada as cabeças das famílias estabelecidas de Israel atingiam um total de cinqüenta e nova, as quais, juntamente com os doze príncipes das tribos, formavam o grande concílio dos setenta e um" (Jamieson, *in loc.*).

"Esta seção contém uma lista dos descendentes de Jacó, com base no número tradicional de *setenta* (vs. 27; ver Êxo. 1.5 e Lev. 10.22). A maior parte dos nomes dos líderes dos clãs ancestrais encontram-se na linhagem sacerdotal do capítulo 26 de Números... o número *setenta* incluía José e seus dois filhos, nascidos no Egito, além do próprio Jacó" (*The Oxford Annotated Bible,* comentando sobre Gên. 46.8).

Rúben. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre ele.

Enoque... Palu. Ver as notas sobre esses dois homens, em Gên. 46.9. "O clã de Palu foi separado para ser mencionado de forma especial porque Datã e Abirão, os rebeldes que morreram juntamente com Coré (Núm. 16.1), pertenciam a esse clã (Núm. 26.8-11)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Cf. Êxo. 6.14 e I Crô. 5.3.

26.6

Hezrom... Carmi. Há notas expositivas sobre esses dois homens em Gên. 46.9.

26.7

São estas as famílias dos rubenitas. Temos aqui um sumário. O leitor deveria consultar o gráfico em Núm. 1.2, que lista todas as tribos, e seus respectivos números, no primeiro e no segundo recenseamento. Os ganhos e as perdas ficam assim evidentes.

Rúben. Essa era a sétima mais populosa das tribos de Israel, por ocasião do primeiro recenseamento. Contava com quarenta e seis mil e quinhentos varões adultos, de vinte anos de idade ou mais, preparados para ser soldados, quando do primeiro censo. Esse número caiu para quarenta e três mil, setecentos e trinta no segundo censo, uma perda de dois mil, setecentos e setenta homens. A tribo estava dividida em quatro clãs. Datã e Abirão e seus familiares tinham sido cortados, e isso explica parte das perdas. Ver Núm. 16.1 quanto à rebelião na qual estiveram ocupados, o que lhes custou a vida.

26.8

Eliabe. Era filho de Palu e pai dos três homens mencionados no vs. 9, dois dos quais estiveram envolvidos na rebelião contra Moisés. Nas páginas do Antigo

Testamento há seis homens chamados Eliabe. Ver sobre eles no *Dicionário*. Aquele que aparece neste texto é o segundo da lista. Nada se sabe sobre o homem, exceto o fato de que ele era o pai dos três filhos mencionados, e ele, por sua vez, filho de Palu, um dos filhos de Rúben.

26.9

Nemuel. No hebraico, esse nome significa *dia de Deus,* nome do primeiro filho de Eliabe a ser nomeado, irmão de Datã e Abirão. Ao que parece, ele não se envolveu na revolta contra Moisés, tendo sido poupado da morte dolorosa deles. Coisa alguma sabe-se sobre eles, exceto o que poderia ser inferido deste texto.

Datã... Abirão. Quanto a notas expositivas sobre eles, e sobre a revolta que encabeçaram, ver Núm. 16.1 ss. Ver os artigos sobre eles no *Dicionário*. Tornaram-se figuras *famosas,* bem conhecidas, que usaram sua influência de maneira errada e sofreram um merecido castigo por tais atos. Nem tudo quanto é promovido com zelo é bom.

26.10

Este versículo faz-nos lembrar do que nos fora narrado em Núm. 16.32,33, onde as notas expositivas são dadas. Este versículo faz parecer que Corá e seus associados foram engolidos pela terra, tal como foram Datã e Abirão. Mas a verdade é que eles morreram envolvidos pelas chamas. Ver Núm. 16.16-19,32,35,40. As narrativas deixam-nos em dúvida sobre como exatamente morreram todos eles, ao serem engolidos pelas chamas; e o autor não se importou com exatidão de detalhes. O fogo envolveu os duzentos e cinqüenta anos conforme este versículo diz, concordando com Núm. 16.35. O Pentateuco Samaritano muda a ordem de palavras deste versículo a fim de fazer Coré também ter perecido nas chamas. Questões assim não se revestem de importância, nem precisam do trabalho dos harmonizadores para que nos sintamos bem no tocante ao texto. A mensagem é perfeitamente claro. A revolta terminou em tragédia para todos os rebeldes, mediante um juízo divino direto.

26.11

Nem todos os filhos de Coré morreram, em razão do erro do pai deles. Assim sendo, houve uma posteridade que restou e pôde ser contada no segundo recenseamento. Nos dias de Davi, alguns descendentes de Coré são mencionados, e diversos dos Salmos são atribuídos a eles. Ver I Crô. 6.22-38. Samuel, o profeta, e Hemã, o cantor, pertenciam a essa família (I Crô. 6.22,23).

26.12

Simeão. Os vss. 12-14 deste capítulo falam sobre a tribo de *Simeão*. Ver sobre ele no *Dicionário*. Ver o gráfico em Núm. 1.2 quanto aos números comparativos relativos ao primeiro e ao segundo recenseamento. Ali evidenciam-se os ganhos e as perdas populacionais.

Simeão era a terceira mais numerosa tribo de Israel, quando do primeiro recenseamento. Então havia vinte e nove mil e trezentos homens de vinte anos para cima, capazes de entrar na guerra. Esse número foi drasticamente reduzido para vinte e dois mil e duzentos, um decréscimo de trinta e sete mil e cem homens. Algo dessa redução pode ser explicado pela praga que arrebatou a muitos, conforme o registro de Núm. 25.8 e 26.1. Jarchi menciona o grande número de pessoas da tribo de Simeão que pereceu na praga, um número desproporcional quando comparado às demais tribos. Excetuando esse fato, não há explicação lógica para perdas tão pesadas. Seja como for, Zimri, o principal culpado das imoralidades descritas no capítulo 25, pertencia à tribo de Rúben.

Nemuel. Trata-se do mesmo Jemuel de Gên. 46.10.

Jamim... Jaquim. Esses também são mencionados naquele trecho, onde há notas sobre os três homens. Cada um deles aparece com seus respectivos descendentes tribais.

26.13

Zerá... Saul. Eles eram cabeças da tribo de Simeão. O primeiro deles é chamado *Zoar*, em Gên. 46.11, onde o outro nome é retido com a mesma forma. Ver as notas sobre Gên. 46.11, acerca do pouco que se sabe sobre esses homens.

26.14

São estas as famílias dos simeonitas. Temos aqui um sumário sobre os cabeças dos simeonitas. Ver as notas sobre o vs. 12.

26.15

Os filhos de Gade. Os vss. 15 a 18 deste capítulo falam sobre a tribo de *Gade*. Ver sobre esse nome no *Dicionário*. Ver o gráfico em Núm. 1.2 quanto aos números comparativos relativos ao primeiro e ao segundo censo, o que deixa evidentes os ganhos e as perdas.

Gade era a oitava tribo mais populosa, por ocasião do primeiro recenseamento. Então havia quarenta e seis mil seiscentos e cinqüenta homens de vinte anos para cima, capazes de entrar em guerra. No segundo censo, esse número havia diminuído para quarenta mil e quinhentos homens, uma queda de cinco mil, cento e cinqüenta homens. Essa diminuição foi causada por várias pragas e juízos, que foram minando o povo de Israel durante os trinta e oito anos desde que fora efetuado o primeiro recenseamento. Quanto a isso, ver as notas de introdução a este capítulo e no primeiro versículo deste capítulo.

Zefom. O nome dele foi grafado como *Zifiom,* em Gên. 46.16. Os nomes *Hagi* e *Suni* aparecem idênticos em ambos os textos. As notas sobre essas três pessoas aparecem naquela *referência do* livro de Gênesis. Todos eles tornaram-se cabeças de tribos.

Notemos que, por toda essa lista, os nomes tribais são apresentados de acordo com seus respectivos acampamentos, em grupos de *três* nomes, sendo *quatro* esses grupos. Ver o gráfico que ilustra isso antes de Núm. 1.1. Rúben acampava-se perto de Simeão e Gade. O acampamento deles ficava no lado *sul* do tabemáculo.

26.16

Ozni é o mesmo *Esbom* de Gên. 46.16.

Eri. Tem a mesma forma em ambas as listas. Ver as notas naquela referência do livro de Gênesis.

26.17

Arodi... Areli. Também são chamados assim em Gênesis, onde as notas expositivas são dadas. Sete clãs *derivaram-se* de Gade.

26.18

São estas as famílias dos filhos de Gade. Ver as notas sobre o vs. 15, quanto aos cálculos. Ver também o gráfico em Núm. 1.2.

Gade era uma tribo guerreira, sendo possível que suas perdas populacionais se devessem, em parte, a atividades militares, como a descrita em Núm. 14.40-45.

26.19

Os vss. 19-22 deste capítulo falam sobre a tribo de *Judá*. Ver sobre esse nome no *Dicionário*. Ver o gráfico em Núm. 1.2 que compara as populações das tribos no primeiro e no segundo censo. Algumas tribos aumentaram em número e outras diminuíram, nos trinta e oito anos que se escoaram entre os dois recenseamentos.

Judá. Essa era a tribo mais populosa, por ocasião do primeiro recenseamento, com setenta e quatro mil e seiscentos homens; e com setenta e seis mil e quinhentos homens por ocasião do segundo recenseamento. Portanto, essa tribo desfrutou crescimento numérico. As tribos que gozaram de crescimento populacional foram Judá, Issacar, Zebulom, Manassés, Benjamim, Dã e Aser, ou seja, sete das doze tribos. Os juízos divinos e as pragas tiveram menores efeitos sobre essas sete tribos do que sobre as outras cinco. Ver as notas em Núm. 26.1 quanto a isso. Ver também a introdução a este capítulo.

Judá, Issacar e Zebulom acampavam-se formando uma unidade de três tribos, no lado *oriental* do tabernáculo. Ver o gráfico como as tribos estavam dispostas no acampamento, antes de exposição sobre Núm. 1.1. Assim, três nomes aparecem conjugados no presente texto.

Os filhos de Judá. *Er* e *Onã* aparecem na lista de Gên. 46.12, onde são dadas as notas. Ver também sobre Er em Gên. 38.3,7 e sobre Onã em Gên. 38.4. Esses dois homens morreram na terra de Canaã, pelas razões que aparecem nas notas sobre eles. Portanto eles não estavam entre os que *migraram* para o Egito. A morte de Onã aparece em Gên. 38.8 ss. A morte deles evitou que tivessem posteridade.

26.20

Selá... Perez... Zera eram filhos de Judá que encabeçaram famílias de Judá. Er e Onã morreram por castigo de Yahweh. Ver as notas sobre esses homens em Gên. 46.12. Ver notas adicionais sobre Zera, em Gên. 38.27-29.

26.21

Os filhos de Perez. Seus nomes eram *Hezrom* e *Hamul*, que se tornaram cabeças de famílias. Há notas sobre esses nomes em Gên. 4612. Por meio de Hezrom veio Davi, e, finalmente, Jesus (ver Gên. 46.12; Rute 4.18). Portanto, temos a linhagem formada por Abraão-Isaque-Jacó-Judá-Perez-Davi-Jesus.

26.22

São estas as famílias de Judá. O cálculo dos dois recenseamentos aparece no vs. 19. Encontramos aqui a linhagem real, que levou ao Messias. Jesus é o *Leão* da tribo de Judá (Apo. **5.5**). Ver o gráfico em Núm. 1.2.

26.23

Os vss. 23-25 falam sobre a tribo de *Issacar*. Ver sobre esse nome no *Dicionário*. Ver o gráfico em Núm. 1.2 quanto aos números comparativos sobre o primeiro e o segundo recenseamento. No primeiro censo, essa tribo totalizou cinqüenta e quatro mil e quatrocentos homens; e sessenta e quatro mil e trezentos homens, no segundo censo. Portanto, houve um aumento de nove mil e novecentos homens. Judá, Issacar e Zebulom formavam o grupo que se acampava no lado oriental do tabernáculo. Ver o gráfico antes das notas sobre Núm. 1.1, que ilustra a localização do acampamentos de Israel em volta do tabernáculo.

Os filhos de Issacar. *Tola* e *Puva* foram os ancestrais de duas famílias de Issacar. Ver Gên. 46.13 quanto a notas expositivas sobre esses nomes. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Puva*.

26.24

Jasube... Sinrom. O primeiro aparece como *Jó*, em Gên. 46.13, ao passo que o segundo não sofre nenhuma modificação na forma de seu nome. Ver as notas sobre ambos no texto referido em Gênesis.

26.25

São estas as famílias de Issacar. A tribo de Issacar tinha quatro famílias. Ver as notas sobre o vs. 23 quanto aos números do primeiro e do segundo censo.

26.26

Os vss. 26 e 27 deste capítulo nos falam sobre a tribo de *Zebulom*, a qual se acampava, junto com Judá e Issacar, no lado ocidental do tabernáculo.

Zebulom era a quarta mais populosa tribo de Israel, quando do primeiro recenseamento. Contava com cinqüenta e sete mil e quatrocentos homens de vinte anos de idade ou mais, capazes de ir à guerra. No segundo censo, havia sessenta mil e quinhentos homens, o que demonstra um aumento numérico de três mil e cem homens.

Os filhos de Zebulom. *Serede, Elom* e *Jaleel* eram chefes de famílias ou clãs em Zebulom. Esses mesmos nomes figuram em Gên. 46.14, onde também aparecem as notas expositivas sobre eles.

26.27

São estas as famílias dos zebulonitas. Ver os cálculos dos dois recenseamentos, que demonstraram crescimento numérico, nas notas sobre o versículo anterior. Ver também o gráfico em Núm. 1.2.

26.28

Os filhos de José. Ver sobre ele no *Dicionário*. Não havia uma tribo que tivesse o nome dele. Mas seus dois filhos, Manassés e Efraim, deram início, cada qual, a uma tribo. Assim, José se dividiu em duas tribos, visto que seus dois filhos foram adotados por Jacó como seus próprios filhos. Ver Gên. 48.5. Isso resultava em treze tribos. Mas Levi, que realmente havia sido uma tribo, veio a tomar-se a casta sacerdotal de Israel (ver Núm. 1.47 ss.). Portanto, tudo voltou às tradicionais doze tribos.

Manassés era o filho primogênito de José, e, no entanto, na bênção patriarcal, foi *Efraim* que recebeu a *mão direita* de Jacó, indicando que ele estava recebendo a bênção maior. Ver Gên. 48.14 ss. Este texto segue a ordem cronológica, pelo que Manassés foi mencionado em primeiro lugar. Em Núm. 1.10 a ordem da bênção patriarcal é seguida. Ver os dois nomes anotados no *Dicionário*.

26.29

Os vss. 29-33 fornecem detalhes sobre a tribo e as famílias de *Manassés*. Essa tribo era a décima segunda mais populosa de Israel. Por ocasião do primeiro censo, a tribo contava com trinta e dois mil e duzentos homens de vinte anos ou mais, capazes de ir à guerra. E, no segundo, contava com cinqüenta e dois mil e setecentos, do que resultava um aumento de vinte mil e quinhentos homens, no período de trinta e oito anos que se escoaram entre os dois recenseamentos. Isso cumpriu a profecia de Jacó, que se acha em Gên. 48.19, no tocante ao crescimento da tribo de Manassés. Todavia, a tribo de Efraim prosperaria numericamente ainda mais, posto que Manassés tivesse sua própria bênção significativa. As tribos de Manassés, Efraim e Benjamim acampavam-se do lado *ocidental* do tabernáculo. Ver o gráfico que é dado imediatamente antes de Núm. 1.1.

Os filhos de Manassés. Maquir e Gileade estavam destinados a tornar-se chefes de famílias ou clãs de Manassés. Ver sobre *Maquir* nas notas em Gên. 50.23. Ver sobre *Gileade* no *Dicionário* (item 4.a). Gileade era filho de Maquir, o qual, por sua vez, teve seis filhos, que se tornaram chefes de clãs, conforme aprendemos nos versículos que se seguem.

26.30

Jezer. No hebraico, esse nome quer dizer "incapaz". Ele era filho ou descendente de Gileade, cabeça de um clã de Manassés. Nada mais se sabe acerca dele.

Heleque. No hebraico, "porção". Ele era o segundo filho de Gileade, cabeça de um dos clãs da tribo de Manassés. Nada mais se sabe acerca dele.

26.31

Asriel. No hebraico, "direito de Deus", um filho ou descendente de Manassés. Ver também Jos. 17.2 e I Crô. 7.14. Ele se tornou o chefe de um clã ou família de Manassés. Nada mais se sabe sobre ele, exceto o que podemos inferir com base nos versículos mencionados.

Siquém. Ver sobre ele no *Dicionário* quanto a várias personagens do Antigo Testamento que tinham esse nome, que significa *ombro*. O homem deste versículo era filho ou descendente de Manassés, cabeça de um clã. Ver também Jos. 17.2. Nada se sabe sobre ele, exceto o que é mencionado nestes versículos.

26.32

Semida. No hebraico, "fama do conhecimento". Era um gileadita, descendentes de Manassés. Ver Jos. 17.2; 7.19. Era pai de **Aiã**, Siquém, Liqui e Anião, e cabeça de um **clã**. Nada mais se sabe a respeito dele.

Hefer. Nome de quatro pessoas que figuram nas páginas do Antigo Testamento. O homem deste texto era o filho caçula de Gileade, e cabeça de um clã que ficou conhecido pelo seu nome. Ver também Jos. 17.2,3. Esse nome significa *poço* ou *fonte*.

26.33

Zelofeade. Quanto a notas completas sobre esse homem e suas filhas (pois ele não teve filhos homens), ver o *Dicionário*. Por causa dele foi que se levantou a questão da herança de filhas, no caso de não haver herdeiros masculinos. O artigo explica essa questão. Ver Núm. 27.1-11 quanto ao relato. Ver no *Dicionário acerca das filhas desse homem*.

26.34

São estas as famílias de Manassés. Quanto aos resultados do primeiro e do segundo recenseamento, e também quanto ao grande aumento numérico conseguido pela tribo de Manassés, ver o vs. 28. Ver também o gráfico em Núm. 1.2.

26.35

Os vss. 35-37 falam sobre a tribo de *Efraim*. Essa era a tribo mais populosa por ocasião do primeiro censo. Havia quarenta mil e quinhentos homens de vinte anos ou mais, capazes de ir à guerra. Por ocasião do segundo censo (trinta e oito anos mais tarde), havia somente trinta e dois mil e quinhentos homens, um decréscimo de oito mil homens. Isso parece contradizer a bênção patriarcal de Gên. 48.19, que punha Efraim à frente de Manassés. Contudo, o capítulo 33 de Deuteronômio (vs. 17), que contém a bênção de Moisés ao povo de Israel, põe Efraim à frente de Manassés, confirmando a predição de Jacó, apesar de sua população menor. Nem tudo pode ser calculado com base em superioridades numéricas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Efraim*.

A tribo de Efraim acampava-se lado a lado com as tribos de Manassés e Benjamim, no lado ocidental do tabernáculo. Ver o gráfico imediatamente antes de Núm. 1.1, quanto ao arranjo das tribos no acampamento de Israel.

Sutela. No hebraico, "estabelecimento de Tela". Esse era o nome de um dos filhos de Efraim, pai da família dos sutelaítas (Núm. 26.35,36; I Crô. 7.20). Ver outras informações no *Dicionário,* acerca desse nome.

Bequer. No hebraico, *primogênito, jovem.* Ele era um dos filhos de Efraim, filho de José. Era fundador da família dos bequeritas. Em I Crônicas 7.20, seu nome aparece com a forma de *Berede.*

Taã. No hebraico, *graciosidade.* Ele era filho de Efraim e fundador do clã ou família dos taanitas.

26.36

Erã. No hebraico, *vigilante.* Ele era filho e Sutela, que era o filho primogênito de Efraim (ver o vs. anterior). Tornou-se cabeça de um clã efraimita.

26.37

São estas as famílias dos filhos de Efraim. Quanto aos números relativos ao primeiro e ao segundo recenseamento, e o decréscimo ocorrido nos trinta e oito anos que separaram um do outro, ver as notas sobre o vs. 35 deste capítulo. Este versículo enfatiza novamente o fato de que essas tribos (Efraim e Manassés) descendiam de José, embora não houvesse uma tribo de José. Ver quanto a essa informação nas notas sobre o vs. 28 deste capítulo.

26.38

Os vs. 38-41 falam sobre a tribo de *Benjamim.* Por ocasião do primeiro censo, essa tribo era a décima primeira mais populosa. Na ocasião, tinha trinta e cinco mil e quatrocentos homens de vinte anos ou mais, capazes de ir à guerra. Por ocasião do segundo recenseamento, havia quarenta e cinco mil e seiscentos homens, um acréscimo de dez mil e duzentos homens. Acampava-se juntamente com as tribos de Efraim e Manassés, no lado ocidental do tabernáculo. Ver o gráfico que ilustra a ordem dos acampamentos, imediatamente antes das notas sobre Núm. 1.1. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Benjamim.*

Bela. Ver as notas sobre esse homem, em Gên. 46.21.

Asbei. Ver as notas sobre ele, em Gên. 46.21.

Airã. Esse homem é chamado *Ei,* em Gên. 46.21. Os trechos bíblicos que falam sobre ele apresentam certo número de variantes (comentado em Gên. 46.21), o que sugere erros cometidos por copistas, ou, quem sabe, pelo autor original, ou que já existiam nas fontes informativas que ele utilizou.

26.39

Sufã. Esse homem é chamado *Mupim,* em Gên. 46.21, e *Supim,* em I Crô. 7.12,15. Ver a referência de Gênesis quanto a alguns detalhes sobre ele.

Hufã. Trata-se do mesmo *Hupim* de Gên. 46.21.

26.40

Arde. Ver sobre ele em Gên. 46.21.

Naamã. Ver as notas detalhadas sobre ele, em Gên. 46.21. Há certa confusão quanto aos filhos e netos, na lista de nomes atinentes aos *filhos* de Benjamim, o que é abordado nas notas sobre a referência no livro de Gênesis.

26.41

São estes os filhos de Benjamim. Ver os resultados dos dois recenseamentos nas notas sobre o vs. 38 deste capítulo. *Ver também* o gráfico em Núm. 1.2.

26.42

São estes os filhos de Dã. Os vss. 42 e 43 falam sobre a tribo de *Dã.* Essa tribo, por ocasião do primeiro censo, era a segunda mais numerosa. Naquela ocasião, ela tinha sessenta e dois mil e setecentos homens. Por ocasião do segundo censo, tinha sessenta e quatro mil e quatrocentos homens, o que foi um aumento de mil e setecentos homens aptos a ir à guerra. Ver o gráfico que compara os dois censos, em Núm. 1.2. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dã.*

Suã. Esse foi o único filho de Dã. Ele é chamado *Husim,* em Gên. 46.23. Os livros de Crônicas não apresentam nenhuma genealogia quanto a essa linhagem. Pode ter havido mais filhos e descendentes, que não foram nomeados e, portanto, ficaram desconhecidos para nós.

26.43

Todas as famílias dos suamitas. Ver os resultados dos dois censos comparados, no versículo anterior. A descendência de Dã ocorreu por meio de um único filho; mas mesmo assim foi considerável.

26.44

Os vss. 44-47 falam sobre a tribo de *Aser.* Essa tribo, por ocasião do primeiro recenseamento, era a nona mais numerosa. Na ocasião, havia quarenta e um mil e quinhentos homens de vinte anos para cima, capazes de ir à guerra. Trinta e oito anos mais tarde, por ocasião do segundo censo, havia cinqüenta e três mil e quatrocentos homens, o que significou um aumento de onze mil e novecentos homens. Ficava agrupada com as tribos de Dã e Naftali, no lado norte do tabernáculo. Ver o gráfico na introdução a Núm. 1.1 quanto às posições das tribos de Israel no arraial. Ver o gráfico em Núm. 1.2 quanto aos números comparativos entre os dois recenseamentos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Aser.*

Imna. Ver sobre esse homem em Gên. 46.17 e suas notas expositivas.

Isvi. Ver nessa mesma referência as notas expositivas sobre esse homem.

Berias. As notas sobre esse homem figuram nessa mesma referência.

26.45

Héber... Malquiel. As notas expositivas sobre esses dois homens, filhos de Berias, aparecem em Gên. 46.17.

26.46

Sera. Ela era filha de Aser, e as notas sobre ela figuram em Gên. 46.17. Seus descendentes tornaram-se um dos clãs de Aser, razão pela qual ela é mencionada na genealogia.

26.47

São estas as famílias dos filhos de Aser. Quanto aos resultados do primeiro e do segundo censos, ver as notas sobre o vs. 44 deste capítulo.

26.48

Os filhos de Naftali. Os vss. 48-50 falam sobre a tribo de *Naftali.* Por ocasião do primeiro censo, essa era a sexta tribo mais numerosa de Israel, com cinqüenta e três mil e quatrocentos homens de vinte anos ou mais, capazes de ir à guerra. Trinta e oito anos mais tarde, por ocasião do segundo recenseamento, o número havia diminuído para quarenta e cinco mil e quatrocentos homens, um decréscimo de oito mil homens. Ver o gráfico em Núm. 1.2 quanto a uma comparação de resultados. Naftali, Dã e Aser acampavam-se formando uma unidade, no lado norte do Tabernáculo. Ver o gráfico ilustrativo sobre o acampamento de Israel, antes do começo da exposição sobre Núm. 1.1.

Jazeel... Guni. Há notas expositivas sobre ambos em Gên. 46.24.

26.49

Jezer... Silém. As nota expositivas sobre eles aparecem em Gên. 46.24.

26.50

São estas as famílias de Naftali. Ver os resultados do primeiro e do segundo censo, comparados, no vs. 48 deste capítulo.

26.51

Grande Total. O segundo recenseamento descobriu o fato de que, após trinta e oito anos de vagueações pelo deserto, Israel dispunha de um total de seiscentos e um mil, setecentos e trinta homens de vinte homens para cima, aptos para ir à guerra. O total do primeiro censo fora de seiscentos e três mil, quinhentos e cinqüenta, o que significa que tinha havido um decréscimo populacional de mil, oitocentos e vinte homens dessa faixa de idade. Este não era um número muito grande, considerando os vários julgamentos divinos que tinham punido o povo, sem falar nos rigores da vida no deserto. Ver o gráfico em Núm. 1.2, que confronta os dois recenseamentos.

"Quando os israelitas estavam sofrendo perseguições no Egito eles 'aumentaram muito e se multiplicaram' (Êxo. 1.7,20). Mas depois de terem sido libertados do Egito, eles rebelaram-se contra Deus, e por isso Ele fez que 'os seus dias se dissipassem num sopro, e os seus anos em súbito terror' (Sal. 78.33)... Isso reflete o consolo e os avisos da Igreja a cada alma que a ela pertence — consolo em tempo de aflição, e aviso em tempo de prosperidade" (Bispo Wordsworth).

Lei acerca da Divisão da Terra (26.52-65)

Encontramos aqui os *princípios* que governaram a divisão do território. Essa divisão deveria ser feita de acordo com a taxa populacional. O recenseamento que fora feito ultimamente serviria de diretriz. As tribos teriam uma herança coletiva, um *território,* e cada família dentro de uma tribo teria sua própria herança, que deveria passar de geração em geração.

Também havia o lançamento de sortes (vs. 55). Esse jogo de chance seria apenas isso, chance. Determinaria *onde* cada tribo teria suas terras, mas não as suas dimensões. Alguns estudiosos têm sugerido que as sortes eram o Urim e o Tumim do sumo sacerdote (ver Êxo. 28.30). Nesse caso, devemos entender que não havia nenhuma questão de sorte envolvida. Antes, Yahweh tomaria as decisões e as comunicaria por meio do sumo sacerdote.

26.52

Disse o Senhor. Essa expressão é de uso freqüente no Pentateuco, a fim de apresentar novos materiais, além de lembrar-nos da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

O recado foi dado a Moisés, o mediador entre Yahweh e os israelitas. Ao receber uma mensagem, ele a transmitia a Arão (ou Eleazar, filho deste, após a morte de Arão), ao sacerdócio ou ao povo. Ver as *oito* fórmulas de comunicação nas notas sobre Lev. 17.2.

26.53

Segundo o censo. Em outras palavras, as terras seriam distribuídas de acordo com a população, mediante o uso do censo como um guia. Essas terras eram dadas a cada família, e o nome da família tornar-se-ia patriarcal. As terras seriam preservadas de geração em geração. Alguns eruditos pensam que estão em pauta os doze chefes das tribos, pelo que estaria aqui em vista a herança geral de cada tribo. Mas isso é improvável. Esses nomes seriam os pais, ou chefes de cada família. Outros intérpretes dizem que os nomes seriam dos seiscentos e um mil setecentos e trinta homens com mais de vinte anos de idade. Assim, se um desses homens (ou nomes) tivesse seis filhos, os filhos participariam da terra recebida por seu pai. Em outras palavras, o loteamento seria feito por *famílias,* e cada família seria representada por um *nome.* Parece que essa é a verdade que cerca a questão, conforme afirmou Jarchi, ao comentar sobre este texto.

O leitor de nossa versão portuguesa terá alguma dificuldade em acompanhar essa argumentação, pois ela troca a idéia de "distribuição por nomes" pela idéia de "distribuição segundo o censo". Mas a dificuldade é pequena.

26.54

À tribo mais numerosa... à pequena. As terras seriam distribuídas de acordo com a taxa populacional. As tribos maiores receberiam mais terras. Ainda assim, as terras seriam divididas de acordo com os chefes de famílias (os "nomes" do vs. 53, de acordo com o original hebraico). Alguns pensam que as terras seriam divididas entre os seiscentos e um mil, setecentos e trinta homens, os quais, é de presumir, seriam os chefes das famílias. E as terras que cada um deles recebesse tornar-se-iam heranças perpétuas que passariam de uma geração para outra.

26.55

A terra se repartirá por sortes. Ao que parece, isso significa que a *localização* das terras dadas a cada tribo dependeria do lançamento de sortes (mediante um jogo puro; ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sortes*), ou então pela vontade de Yahweh, se o Urim e o Tumim estão em pauta (ver sobre esses objetos no *Dicionário*).

Jarchi sugeriu um sistema que pode ter sido usado: os nomes das doze tribos foram escritos sobre pergaminho; e a localização das terras a serem distribuídas era anotada em outros pedaços de pergaminho. Esses pedaços de pergaminho eram misturados em uma urna. E então o sumo sacerdote tirava da urna tanto o nome da tribo quanto a localização de suas terras. E ficava entendido que, embora isso fosse feito por meio de "sortes", a vontade divina estaria por trás da questão. Mas outros afirmam que haveria duas urnas — uma com os nomes das tribos, e outra com a localização geográfica. Ninguém realmente sabe como a questão foi levada a efeito.

Cf. Atos 1.26, onde um apóstolo — Matias — foi escolhido mediante o lançamento de sortes, a fim de substituir a Judas Iscariotes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação.*

26.56

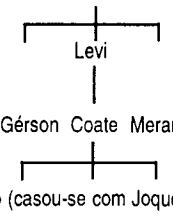
Entre as tribos maiores e menores. Tudo foi feito segundo a taxa populacional, e pelo método tentativamente descrito no versículo anterior. O fato é que Yahweh determinou que fosse seguido o princípio da igualdade. Não haveria israelitas sem terras (a não ser no caso dos levitas, que Deus tinha escolhido para ser a classe sacerdotal, e que ficariam distribuídos entre as outras tribos, mas não receberiam um território tribal).

O Censo dos Levitas (26.57-62)

"Esta seção não é homogênea, pois reflete duas tradições diferentes quanto às famílias dos levitas. É possível que a seção original consistisse nos vss. 57-62. Os levitas, uma vez mais, foram contados desde a idade de um mês para cima. O número deles tinha aumentado em mil pessoas. Os nomes das famílias levíticas, mencionados na inserção, são derivados do trecho de Êxo. 6.16-25. Os descendentes de Coré continuavam existindo" (John Marsh, *in loc.*). Cf. Núm. 3.15 com o primeiro recenseamento dos levitas. Os levitas eram uma tribo destituída de terras, que se tornara a casta sacerdotal de Israel, pelo que seu caso exigia um tratamento diferenciado. Não foram contados aqueles de vinte anos para cima, pois os levitas não iam à guerra. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Levitas.*

Os levitas incluíam três clãs: os gersonitas, os coatitas e os meraritas. E também havia cinco subclãs: libinitas (de Gérson); hebronitas e coraítas (de Coate); malitas e musitas (de Merari). Quanto a maiores informações a respeito, ver as notas sobre Núm. 3.18-20 e 16.1.

Moisés e Levi (Núm. 26.58-60)



Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Moisés.*

26.57

Este versículo fornece-nos as famílias ou clãs dos levitas, cada qual derivada de um dos três filhos de Levi. Ver Êxo. 6.16-25, que é a fonte original de informações. Todos os nomes próprios tornam-se verbetes no *Dicionário,* tanto quanto os nomes tribais, como os *gersonitas,* os *coatitas* e os *meraritas.* Quanto a estes últimos, ver o artigo chamado *Merari (Meraritas).* Desses três clãs principais derivaram-se *cinco* subclãs.

"Os levitas não receberam herança sob a forma de terras, juntamente com as outras tribos (vs. 62), por causa da natureza de sua consagração e serviço ao Senhor (cf. Núm. 3.11-13 e 18.23,24). Portanto, não foram numerados no recenseamento, junto com as demais tribos" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

26.58

Havia *três* clãs levíticos (vs. 57) e *cinco* subclãs. Os *libinitas* derivaram-se de Gérson (3.18); os *malitas* e os *musitas,* de Merari (3.20); e os *hebronitas* e *coreítas,* de Coate (16.1). No *Dicionário,* há notas sobre todos esses subclãs. Quanto aos *malitas,* ver *Merari (Meraritas).* Os *musitas* também são comentados dentro desse artigo. Quanto aos *hebronitas,* ver Hebrom, segundo item. Quanto aos *coreítas,* ver o artigo intitulado *Coate, Coatitas.*

Coate gerou Anrão, e este foi o pai de Moisés, Arão e Miriã (vs. 59).

Anrão. Ver no *Dicionário* sobre esse nome, primeiro ponto.

26.59

A mulher de Anrão. A mãe de Moisés, de Arão e de Miriã era *Joquebede* (ver sobre ela no *Dicionário*), a qual, por sua vez, era filha de Levi. Isso

significa que o pai de Moisés se casara com uma tia. De acordo com a legislação mosaica, que foi editada posteriormente, isso estava dentro dos graus de parentesco proibidos. Ver Lev. 18 e 20. Ver comentários sobre Núm. 18 quanto aos vários tipos de *incesto* que foram proibidos. Ver também no *Dicionário* o verbete chamado *Incesto*. Essas leis foram baixadas tarde demais para impedir que Anrão se casasse com Joquebede. Para evitar isso, alguns intérpretes pensam que essa mulher seria apenas uma *descendente* de Levi, distante o bastante para permitir tal matrimônio. Outros também dizem que Anrão, pai de Moisés, não era o mesmo homem que aquele Anrão que era filho de Coate. Mas essas explicações forçadas apenas tentam *evitar* um problema, em lugar de explicá-lo. "Em Êxo. 6.20 é expressamente declarado que ela era irmã do pai de Anrão, e, em conseqüência, tia de seu próprio marido" (*Unger's Bible Dictionary*, no verbete *Jochebed*).

Ver o gráfico no v. 57 deste capítulo, que ilustra a linhagem de Moisés e Arão, bem como o fato de que eles pertenciam ao ramo coatita da família dos levitas.

26.60

Temos aqui a descendência de Arão. Todos os nomes que aparecem neste versículo são comentados no *Dicionário*. Cf. Êxo. 6.23.

26.61

Nadabe e Abiú morreram. O autor lembra-nos aqui do trágico incidente das mortes infames dos filhos de Arão que ofereceram *fogo estranho* sobre o altar. A história figura em Núm. 3.2-4. Ver também Lev. 10.1.

26.62

O segundo censo da casta sacerdotal revelou que eles eram vinte e três mil varões, de um mês de idade para cima. O primeiro recenseamento (Núm. 3.39) resultara em vinte e dois mil varões. Assim sendo, houve um acréscimo de mil homens, naqueles trinta e oito anos de perambulações pelo deserto, entre o primeiro e o segundo censo.

O autor sacro lembra-nos de que essa *casta* havia deixado de ser uma tribo, em seu sentido estrito. Eles não participaram na divisão de terras tribais (Núm. 1.47 ss.). A herança deles consistia em servir a Yahweh no tabernáculo (Núm. 3.5 ss.). O território deles era o acampamento em redor do tabernáculo, a alguma distância do qual se acamparam as outras tribos, nos quatro lados ou pontos cardeais, ficando o tabernáculo no centro. Ver o gráfico imediatamente antes das notas sobre Núm. 1.1, quanto ao arranjo que havia no arraial. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Levitas*.

Comentários sobre o Censo (26.63-65)

26.63

O resultado do segundo censo dos levitas não é repetido aqui. Ver o versículo anterior quanto a isso. Com esta observação, contudo, o autor sagrado diz-nos que ele tinha terminado suas considerações acerca da questão. O segundo censo foi efetuado nas planícies de Moabe, no lado oriental do rio Jordão, defronte da cidade de Jericó, que ficava no lado ocidental daquele rio. E o primeiro recenseamento tinha sido levado a efeito perto do Sinai (ver Núm. 1.1).

26.64,65

A declaração aqui é absoluta. Toda pessoa da geração mais antiga que tinha saído do Egito, antes da invasão, já havia morrido. O vs.. 65 adiciona as únicas exceções: Calebe e Josué, os dois espias (dentre doze) que tinham trazido de volta um bom relatório sobre a Terra Prometida e *também* tinham exortado que os israelitas a invadissem. Os rebeldes tinha morrido no deserto, pelo que não puderam entrar na Terra Prometida. Quanto ao relato sobre os espias, ver o capítulo 13 de Números. Quanto à predição de que a geração mais velha inteira morreria no deserto, ver Núm. 14.32. O trabalho de espionagem precisou de quarenta dias, pelo que aqueles que rejeitaram a vontade de Yahweh (ao aceitarem o relatório negativo) tiveram de vaguear pelo deserto por quarenta anos (Ver Núm. 14.33).

Calebe e Josué foram excepcionais no bom sentido. Eles não faziam parte da maioria rebelde. Tinham um espírito diferente. "Mostraram-se exceções devido à sua devoção a Deus e no cumprimento da vontade de Deus" (Albert George Butzer, *in loc.*).

Os demais foram deixados para trás com o triste comentário: "Poderia ter sido".

Dentre todas as palavras tristes, ditas ou escritas,
As mais tristes são: "Poderia ter sido".

(John Greenleaf Whittier)

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Josué* e *Calebe.*

Capítulo Vinte e Sete

Leis Acerca das Heranças (27.1-11)

O capítulo à nossa frente contém uma boa variedade de assuntos que não podem ser postos sob um único título. Cada item da lista tem sua própria importância, merecendo o espaço que o autor sacro lhe concedeu. As regras levíticas sofreram algumas adições. O que já era complexo tornou-se mais complexo ainda. Os levitas receberam a incumbência de saber todos os detalhes da lei, a fim de ensiná-la ao povo.

Via de regra, as mulheres não tinham papel a desempenhar (como indivíduos) nas heranças. Esses deveres passavam de pai para filho. Assim sucedia tanto em Israel como no antigo Oriente Próximo e Médio. Ver Deu. 25.5-10, quanto a regras dirigidas somente aos "filhos" homens. Sob certas circunstâncias, contudo, as *mulheres* também podiam tornar-se herdeiras, conforme fica demonstrado nos versículos que se seguem.

27.1,2

Então vieram as filhas de Zelofeade. Todos os nomes que aparecem neste versículo, dentro da genealogia de *Zelofeade*, aparecem no *Dicionário*. A genealogia cuidadosa foi dada porque o homem se tornou um *precedente* de uma nova lei, a saber, *filhas* podiam ser herdeiras, se não houvesse filhos que herdassem as terras da família. Isso aconteceu no caso das filhas de Zelofeade (listadas neste versículo), que *expuseram* o seu caso diante da congregação. A questão foi apresentada diante da corte suprema, Moisés e Eleazar (o sumo sacerdote), e também dos príncipes das doze tribos. A reunião teve lugar diante da primeira cortina do tabernáculo, que separava o átrio do tabernáculo do espaço externo. Esse era um *Sinédrio* primitivo (ver a respeito no *Dicionário*), antes da formação desse corpo legislativo de Israel. Ver as notas sobre as *três cortinas* do tabernáculo, em Êxo. 26.36.

As *filhas de Zelofeade* não queriam que o nome de seu pai fosse extinto, pelo que estavam defendendo os direitos dele, e não somente os direitos delas. O caso era bastante difícil, pois Moisés teve de apelar para Yahweh, em busca de iluminação (vs. 5). Mas, uma vez recebidas instruções divinas, Moisés sabia como agir. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Algumas vezes, a *razão* não é suficiente para solucionar problemas difíceis. Nesses casos, devemos olhar para a Sabedoria Superior.

27.3

Argumentos das Filhas de Zelofeade. O pai delas tinha falecido e não deixara filhos homens. Talvez ele tivesse cometido algum pecado. Morrer sem herdeiros masculinos era uma calamidade em Israel, e só podia ser explicado à base de algum pecado. Os hebreus não aceitavam argumentos puramente biológicos. Diz o Targum de Jonathan que: "Ele não foi causa para outros pecarem". Jardim diz que ele deveria ter quebrado o sábado. Naturalmente, se isso tivesse mesmo acontecido, então ele teria sido executado. E há outras especulações a respeito. Mas sem importar qual tivesse sido o suposto pecado, não foi participação na rebelião de Coré. Ele era um pecador comum, tal como se dava com o resto do povo de Israel, pela que nada deveria ser feito contra as suas herdeiras.

No deserto. Ele morrera juntamente com a geração mais antiga, que não tivera permissão de entrar na Terra Prometida. Mas tinha herdeiras (filhas), as quais poderiam perpetuar seu nome e sua linhagem na Terra Prometida.

27.4

Havia Duas Pendências. A primeira era a perpetuação do nome de Zelofeade. E a segunda era a preservação das terras que deveriam passar de pai para filho. Por que a herança não podia passar de pai para filha? As mulheres, pois, apresentaram a Moisés um problema que não havia sido coberto pela legislação levítica, razão pela qual era mister abrir um novo parágrafo nessa legislação. Talvez a viúva de Zelofeade pudesse casar-se com outro homem, preservando assim a linhagem masculina dele mediante a lei do casamento levirato. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Matrimônio Levirato*. Mas talvez a viúva já fosse mulher idosa, e não mais pudesse casar-se.

A petição delas antecipou, até certo ponto, a lei de Cristo de que, Nele, não há macho nem fêmea (ver Gál. 3.28,29).

27.5

Moisés não tinha nenhuma resposta engatilhada para o caso. Não havia para nenhum precedente na legislação levítica. Por isso mesmo, ele consultou o Senhor, pedindo solução, porque sabia que a decisão tornar-se-ia uma *lei.*

Houve quatro incidentes de difícil solução, a saber:

1. O blasfemo referido em Lev. 24.11.
2. Aqueles que se contaminassem tocando em um cadáver (Núm. 9.8).
3. Aquele que não guardassem o sábado (Núm. 15.34).
4. O caso das filhas e Zelofeade, neste texto.

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la.* Algumas vezes, a razão humana e as circunstâncias não bastam para tanto. Também precisamos de *iluminação* especial para solucionar alguns problemas difíceis. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

27.6

Disse o Senhor. Talvez por meio de um sonho, uma visão ou por uma voz direta, ou mesmo através do Urim e do Tumim. Talvez por meio da voz suave e ciciante, no coração, mas de modo *claro,* sem importar qual o seu *modus operandi.* Ver Êxo. 25.22, quanto à orientação *direta* que Moisés recebia da parte de Yahweh, quando ele consultava a vontade de Deus no tabernáculo.

27.7-11

A mensagem de Yahweh incluiu estes elementos. Aparecem maiores detalhes na exposição dos versículos que se seguem:

1. As filhas de Zelofeade estavam moral e legalmente certas em suas asserções. Elas deviam receber a herança de seu pai. Na ausência de filhos, as filhas deveriam ficar com a herança paterna, preservando assim o nome da família. A herança e o nome da família não devem ser anulados (vs. 7).
2. Moisés recebeu ordens para transmitir essa mensagem: logo, a questão era agora um estatuto, acrescido à legislação levítica. Ver as notas sobre o quinto versículo, quanto às quatro questões em que Moisés precisou criar uma lei para casos ainda sem precedentes (ver o vs. 8 deste capítulo). A lei tinha sanção e autoridade divina. Após os filhos, as filhas eram as *primeiras herdeiras.*
3. Se um homem não tivesse deixado nem filhos nem filhas, então sua herança deveria ficar com os "irmãos" dele. É provável que esse seja o sentido limitado das palavras "irmãos dele", ou seja, filhos do mesmo pai e da mesma mãe (vs. 9).
4. Na ausência de filhos, filhas e irmãos, a herança deveria ficar com os "irmãos de seu pai", ou seja, tios, ou com os filhos destes (vs. 10).
5. Na ausência de filhos, filhas, irmãos e tios, então a herança deveria passar para algum parente mais próximo, como, por exemplo, *primos* (vs. 11).

Outras Idéias:

Quanto ao vs. 9. De acordo com a Mishnah (ver a respeito no *Dicionário*), filhos ou seus descendentes tinham precedência sobre as filhas. Se tivesse havido um filho que gerara filhos, para depois morrer, a herança passaria para esses netos do homem (falecido). Se não houvesse filhos, mas as filhas tivessem filhos, e então elas viessem a morrer, a herança passaria para os filhos delas, a menos que o testador tivesse irmãos.

Quanto ao vs. 10. Na ausência de filhos ou filhas, então irmãos (não irmãs) do morto tinham o direito de ser os herdeiros. As irmãs de um homem não podiam ser herdeiras deles, exceto no caso em que não houvesse outros candidatos. Mas talvez elas fossem incluídas sob o número cinco, listado acima.

Quanto ao vs. 11. A lei do parentesco aplicava-se ao grau mais remoto de relacionamento. A lei não incluía casos *raros,* quando não houvesse, em absoluto, nenhum parente. Supomos que, em tais casos, a terra revertia à possessão da tribo, a fim de ser distribuída conforme os anciãos da tribo determinassem.

Nessa preceituação temos uma legislação *ad hoc* (para casos específicos que fossem levantados), mas que se tornara parte legítima da legislação levítica e deveria vigorar por todas as gerações.

Tipologia. Em Cristo não há homem nem mulher, mas são todos (potencialmente) iguais quanto à herança espiritual (ver Gál. 3.28,29; Rom. 8.16,17). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Herdeiro.* Naturalmente, quanto a funções eclesiásticas, no próprio Novo Testamento há distinções. Pois se este testifica a existência de profetizas e diaconisas (e talvez devêssemos incluir evangelizadoras), não se lê de nenhum caso de apóstolas, pastoras e mestras. Ver I Tim. 2.11 ss.

Nomeação de Josué como Sucessor de Moisés (27.12-23)

Pouco tempo restava a Moisés; ele recebeu ordens de preparar-se para partir em breve deste mundo. Sua missão havia terminado, e ele não poderia entrar na Terra Prometida. Assim, um novo líder precisava ser oficializado a fim de liderar os israelitas até ali. Portanto, temos em Moisés um *tipo* da lei, que pode levar os homens a contemplar as promessas, mas não tem o poder de dar-lhes o que ela mesma exibe. A partir daí, vigoram a graça e a fé, administradas por meio de Cristo; estas, sim, conduzem os homens à Terra Prometida, à vida eterna. O vigésimo capítulo registrara a desobediência de Moisés, o que impediu que ele entrasse na Terra Prometida (ver Núm. 20.11 ss.). Isso posto, a lei que Moisés havia escrito por inspiração divina chegou a condenador o próprio legislador. Isso demonstra claramente a necessidade da graça divina e da missão de Cristo.

27.12

Vê a terra que dei. Moisés teve permissão de contemplar o território prometido, mas não de entrar nele. Ao ver a Terra Prometida, haveria de morrer. A lei foi nosso aio para conduzir-nos a Cristo, Aquele em cujas mãos está a nossa salvação. Ver Gál. 3.24,25. Porém, uma vez efetuada a tarefa de "apresentação" do aio, sua utilidade cessa. Os pais gregos da Igreja concebiam a obra do Logos como uma tarefa que incluía até mesmo as influências dos melhores aspectos da filosofia grega. A obra do Logos é muito ampla, envolvendo conhecimento e iluminação que dão origem às ciências, à filosofia e a todas as demais disciplinas do conhecimento humano. Mas a substância da fé encontra-se exclusivamente em Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Logos.*

Monte Abarim. Ver o artigo detalhado sobre essa região montanhosa no *Dicionário.* Essa palavra significa "além", fazendo-nos entender o "além-Palestina". Era uma região montanhosa da qual o monte Nebo fazia parte. Foi ali que Moisés morreu. Ver o capítulo 34 de Deuteronômio.

Oportunidade Perdida. Moisés obteve a permissão de ver aquilo que não chegaria a possuir. Sua posição como tipo da lei, no mínimo, não teria mesmo permitido que ele entrasse na Terra Prometida. Ver sobre *Monte Nebo* em Deu. 32.49 e sobre *Pisga,* no *Dicionário* e em Deu. 3.27.

Dentre todas as palavras tristes ditas ou escritas,
as mais tristes são: Poderia ter sido.

(John Greenleaf Whittier)

Sobre as Oportunidades:

Um homem sábio faz mais oportunidades do que é capaz de encontrar.

(Francis Bacon)

Quanto uma porta fecha-se, outra abre-se.

(Cervantes)

Há quatro coisas que não voltam:
A palavra dita; a flecha atirada;
O tempo passado; a oportunidade perdida.

(Omar Ibn)

27.13

Tendo-a visto, serás recolhido. Uma vez contemplada, a Terra Prometida retrocederia da visão de Moisés, e ele a perderia para sempre. Ver essa idéia também expressa em Núm. 25.17; 35.29 e 49.29. O trecho de Núm. 20.24,26 (o caso de Arão, onde dei notas úteis, que também podem ser usadas para ilustrar este texto). Em Deuteronômio 32.50, a expressão pode significar "recolhido à companhia espiritual, das almas remidas, no outro lado da existência". Todavia, esse sentido é duvidoso no contexto do Pentateuco, onde não é apresentada nenhuma doutrina clara da alma. Tal exposição teve que esperar pelo tempo dos Salmos e dos Profetas. Ver no *Dicionário* o artigo *Alma,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade.*

Como o foi teu irmão Arão. A mesma coisa dita a Moisés havia sido dita sobre Arão, em Núm. 20.24,26.

Moisés pediu permissão para cruzar o rio Jordão e entrar na Terra Prometida; mas esse pedido foi-lhe negado. Ver Deu. 3.25,26. Algumas oportunidades jamais voltam; mas a verdade é que a vida é o *grande contínuo,* e novas oportunidades surgem para benefício do homem espiritual.

27.14

Aqui Deus oferece a Moisés a razão pela qual ele não poderia entrar na *Terra Prometida.* Em um momento de cólera, ele se *rebelara* contra Yahweh, tendo batido na rocha por duas vezes, quando deveria apenas ter falado. Ao assim fazer, deixou de santificar Yahweh de maneira singular, diante do povo, porquanto Yahweh seria glorificado de maneira espetacular, ao prover água. Moisés, porém, havia estragado a demonstração. Ver Núm. 20.11,12. Nas notas sobre Núm. 20.12 dei várias interpretações acerca da natureza do *pecado* de Moisés.

Águas de Meribá. Ver Núm. 20.13 e o artigo do *Dicionário* intitulado *Meribá.* Parece que esse lugar deve ser distinguido de Refidim. Ver também Deu. 32.51.

27.15

Então disse Moisés. O mediador entre Yahweh e o povo de Israel queria consultar o Senhor acerca de quem deveria ser nomeado como seu substituto, para liderar o povo até a Terra Prometida. Esse homem era Josué, um tipo de Cristo, embora pudesse ser Calebe ou algum outro. Novamente, Moisés precisou mais do que de meras circunstâncias e da razão para que pudesse fazer a coisa certa. Ele também precisava de *iluminação* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

27.16

O Senhor, autor e conservador de toda vida. No hebraico, *Yahweh,* "o Deus dos espíritos de toda carne". Essa expressão incomum já tinha ocorrido no Pentateuco. Ver as notas a respeito em Núm. 16.22. Poderia haver aqui uma referência à alma imortal, pois o original hebraico diz "autor e conservador de todo espírito". Essa questão é mas detalhada nas notas sobre Núm. 16.22. Embora a doutrina da alma humana imortal não tenha sido desenvolvida no Pentateuco, é possível que tenhamos aqui um indício do tema.

Os críticos, como lhes parece natural, pensam que temos aqui um anacronismo, que revelaria a origem posterior a Moisés quanto ao Pentateuco. Mas parece melhor ver aqui um lampejo acerca da realidade do espírito humano. As notas referidas abordam o problema com detalhes. O Deus que é o autor e conservador de toda vida é o Senhor de toda vida e existência. Ele está profundamente interessado nos homens. Temos aí um reflexo do *teísmo,* o qual preceitua que Deus não somente criou o homem mas também continua interessado pela vida humana, guiando, castigando com vistas à correção e abençoando. Essa noção deve ser contrastada com a do *deísmo,* que ensina que pode ter havido uma força criadora (pessoal ou impessoal), mas que esta em seguida abandonou a criação, deixando-a ao encargo das leis naturais. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Teísmo* e *Deísmo.*

Em face da morte de Moisés, Yahweh nem por isso abandonaria o Seu povo de Israel. Mas levantaria um novo mediador, Josué, que cuidasse de todas as responsabilidades e guiasse o povo até a sua herança, a Terra Prometida.

Esta congregação. Está em pauta o povo inteiro de Israel. Naqueles dias prevalecia o governo teocrático sobre Israel. O Senhor era o Rei, e Deus escolhia homens para serem Seus embaixadores e mediadores. Nos dias do Novo Testamento, Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens (I Tim. 2.5). E o governo teocrático de Deus sobre a terra atingirá seu ponto de perfeição quando do milênio, em que Cristo governará como Rei, e Seus embaixadores serão governadores sobre todos os povos. "E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos" (Apo. 20.4b).

27.17

Que saia adiante deles. Israel receberia um novo pastor, entrando ou saindo, e o povo seguindo-o, conforme as ovelhas fazem com seu pastor. Essa liderança, pois, receberia uma *direção,* imprimida pelo Senhor. O fato da morte de Moisés não indicaria que o povo de Israel ficaria acéfalo. Deus sempre tem Seu homem para o momento. Isso faz parte do conceito do *teísmo,* conforme as notas do versículo anterior. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pastor,* quanto a seus usos literal e metafórico.

"As expressões *que saia* e *que entre* significam que o sucessor de Moisés, tal como ele, tomaria a iniciativa de todas as atividades principais do povo, do começo ao fim, especialmente no tocante a operações militares. *Josué,* um nome que significa *Nosso Senhor,* talvez aluda à frase 'compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor', quando Marcos descreveu as multidões que se reuniam em torno de Jesus na Galiléia (Marcos 6.34)" (John Marsh, *in loc.*). Cf. essa passagem com João 10.3-9.

27.18

Toma a Josué. A escolha foi divina. O sucessor selecionado por Ele era Josué. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário.* Josué era um homem cheio do Espírito. Ele era homem de características carismáticas. "À semelhança de Moisés, Josué era tido como líder carismático, 'homem em quem há o Espírito' (Núm. 11.17 e 24.2)" (*Oxford Annotated Bible, comentando sobre este versículo*). Como é sabido, Josué já havia demonstrado as suas habilidades espirituais. As circunstâncias mostraram-se harmônicas com a iluminação. Ver Êxo. 17.8-10; 24.13; 33.11; Núm. 11.28,29; 14.30,38). Josué (e Calebe) trouxera um relatório favorável, depois de terem espionado a Terra Prometida. Ele tinha sido fiel sobre o pouco, pelo que agora seria dirigente sobre muito (ver Mat. 25.21).

Os Targuns de Onkelos e de Jonathan falam sobre os dons espirituais de Josué, que o qualificavam para o seu ofício, incluindo as qualidades de sabedoria para governar, coragem, prudência e grandeza mental.

Impõe-lhe a mão. O que foi aqui ordenado foi efetuado no vs. 23 deste capítulo, onde apresento as notas expositivas. Josué possuía as qualificações próprias da liderança, mas isso precisava ser publicamente *reconhecido* por Moisés, transferindo a ele o seu ofício e a sua autoridade.

27.19

Eleazar. Ele era filho de Arão e se tornara sumo sacerdote, por ocasião da morte de seu pai. Ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário.* Na qualidade de sumo sacerdote, naturalmente ele tomou parte na cerimônia de ordenação de Josué. A presença de Eleazar fazia Josué lembrar-se de que estava prestes a entrar em uma missão sagrada, e não meramente em uma campanha militar. Estava sujeito às leis de Yahweh, à legislação levítica, e tinha como missão cumprir as expectações do povo de Israel. Cf. Deu. 32.23. As ordens dadas a ele foram específicas: "Sê forte e corajoso". E juntamente com essas ordens recebeu a promessa divina de sucesso: "Tu farás a este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais" (Jos. 1.6). Ver também Deu. 31.7,8.

27.20

Põe sobre ele da tua autoridade. Essa autoridade, dada por Yahweh a Moisés, seria transferida agora a Josué. Isso talvez reflita a antiga crença no poder da imposição de mãos (vss. 18 e 23), que dizia que esse ato realmente transfere virtudes e poderes de uma pessoa para outra, de tal modo que o ato não foi visto como mero ritual. Há evidências, na tradição mística, que parecem confirmar esse ponto de vista. Contudo, Josué não possuiria todas as virtudes de Moisés. Yahweh não se comunicaria diretamente com ele, conforme se dava no caso de Moisés, mas somente através do sumo sacerdote (vs. 21).

Moisés transferiu sua *autoridade civil* a Josué, pelo que o povo precisava *obedecer* ao novo líder. Josué também era homem dotado de poderes espirituais, mas não haveria de atingir a estatura espiritual de Moisés.

27.21

Moisés desfrutava acesso direto à presença e ao conselho de Yahweh. Ver Êxo. 25.22. Josué, porém, não teria essa vantagem. Entretanto, teria acesso livre aos *meios* de iluminação. Ele deveria consultar a Eleazar, o sumo sacerdote, o qual, por sua vez, se utilizaria do Urim e do Tumim, a fim de obter iluminação. Ver a esse respeito no *Dicionário.* O método poderia ser tão simples quanto o uso das *sortes* sagradas. Ver Núm. 26.55 e Atos 1.26. Porém, há outras opiniões quanto à natureza do Urim e do Tumim, que aquele artigo cobre com detalhes. "O Urim e o Tumim eram alguma forma de lançamento de sortes sagrado" (John Marsh, *in loc.*). Era uma forma de adivinhação, mas o fato de que Deus estava por trás a livrava da condenação que caía sobre as adivinhações pagãs, que apelavam para o lado negro do sobrenatural. Ver no *Dicionário* o artigo *Adivinhação.*

Segundo a sua palavra. Todo o povo de Israel seria motivado ou desmotivado por Josué. A palavra "sua", que aqui aparece, refere-se a Josué, o sucessor de Moisés.

27.22

Fez Moisés como lhe ordenara o Senhor. As determinações de Deus foram atendidas. Josué foi levado à presença do sumo sacerdote, conforme fora ordenado (vs. 19). Estavam presentes representantes das doze tribos. Foi uma ordenação pública. Josué recebeu autoridade absoluta, e assim ninguém podia pleitear ignorância quanto à autoridade dele.

27.23

E lhe impôs as mãos. Provi um detalhado artigo sobre a imposição de mãos no artigo do *Dicionário* intitulado *Mãos, Imposição de.* Na mente dos antigos, havia mais nessa cerimônia do que mero ritual de reconhecimento de algo. O homem que impunha as mãos sobre outrem tinha de possuir poderes que eram transmitidos. Cf. o caso da capa de Elias que caiu sobre Eliseu (II

Reis 2.14). Moisés não transmitiu a Josué uma capa poderosa, mas seu toque, mediante a bênção de Yahweh, transmitiu-lhe virtudes. A tradição mística tem mostrado que a imposição de mãos é capaz de transmitir o poder de curar e de realizar outros prodígios espirituais. Naturalmente, a maior parte daquilo que é feito nas igrejas e em outros lugares nada tem que ver com o que *algumas vezes* acontece. Ver no *Dicionário* o artigo *Ordenar (Ordenação),* que inclui o ato da imposição de mãos, que não indica mero reconhecimento ou comissionamento. O dom do Espírito era dado por meio da imposição de mãos (ver Atos 8.18,19; 19.6).

O *governo civil* passava agora da tribo (ou casta sacerdotal) de Levi para um membro da tribo de Efraim. Mas o *ministério sacerdotal* permanecia sob encargo dos levitas.

Capítulo Vinte e Oito

Regulamentações sobre Festivais, Votos e Oferendas (28.1—30.17)

Os capítulos 28 e 29 de Números contêm, principalmente, repetições de matérias sobre sacrifícios e adoração que já tinham sido ventiladas nos livros de Levítico e Números. Incidentalmente, esta seção nos dá uma lista das festas religiosas celebradas que, naturalmente, requeriam sacrifícios. Os críticos supõem que essas regras já estivessem sendo praticadas na Terra Prometida quando esse material foi escrito, conferindo assim ao Pentateuco uma data posterior à de Moisés. Outros supõem que passagens dessa natureza tenham sido adicionadas ao Pentateuco original, depois de o povo de Israel ter entrado na Terra Prometida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. "Os requisitos elaborados desses dois capítulos indicam o período posterior desses regulamentos, devido à impossibilidade de serem efetuados no deserto" (John Marsh, *in loc.*). Alguns intérpretes pensam que a seção diante de nós é mais tardia que o material do livro de Levítico, refletindo um tempo em que foram *marcados tempos,* ou seja, as chamadas *estações* que se harmonizavam com as situações agrícolas em qualquer dado ano (ver Deu. 16.9; Êxo. 23.16). As regras "mais antigas" falavam sobre as refeições comunais nas quais os adoradores participavam com os sacerdotes. Mas essa questão está completamente ausente na seção diante de nós. Ademais, certas quantidades de material parecem refletir a época de Ezequiel, e não o tempo das perambulações pelo deserto. Os eruditos conservadores, por sua vez, supõem que essas observações reflitam apenas certas variações sobre como os sacrifícios e as festas religiosas eram levados a efeito, e não diferentes fontes informativas ou épocas.

"Às vésperas da conquista e ocupação da terra de Canaã, foi mister que a geração mais jovem fosse instruída acerca das ofertas apropriadas para as condições em que Israel estaria vivendo em uma sociedade agrícola fixa à terra. A primeira dessas ofertas eram os holocaustos diários. Quanto a isso, já se tinha legislado no monte Sinai (vs. 6; cf. Lev. 1 e Êxo. 29.38-46)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Ver o gráfico imediatamente antes de Levítico 1.1, quanto a informações gerais sobre os vários tipos de ofertas e sacrifícios, bem como os rituais envolvidos. Ver também o artigo detalhado no *Dicionário* intitulado *Sacrifícios e Ofertas.*

28.1

Disse mais o Senhor. Essa expressão é usada com freqüência no Pentateuco, para introduzir novas seções ou materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1.

28.2

Da minha oferta, do meu manjar. Essas palavras são justificadas porque Yahweh participaria da refeição comunal. O termo hebraico *lehem* (aqui traduzido por "manjar") pode denotar alimentos em geral, pois as oferendas sacrificiais eram simbolicamente consideradas o alimento do Senhor, segundo se vê em Lev. 3.11,16. Cf. também Mal. 3.7. Partes das oferendas cabiam a Yahweh, como a gordura e o sangue; e, além disso, Ele estava com o Seu povo por ocasião de seus sacrifícios, da mesma maneira que se dá com a Ceia do Senhor, dentro da tradição cristã, com ou sem a noção da transubstanciação. Se os termos são antropomórficos, há uma realidade espiritual aqui. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.*

A nova geração, que estava entrando na Terra Prometida, precisava dessa reiteração no que toca aos sacrifícios. Ver a introdução a este capítulo.

Aroma agradável. Ver as notas a respeito, em Lev. 1.9 e Êxo. 29.18.

As Ofertas Diárias (28.3-8)

Estão aqui em pauta as oferendas diárias (pela manhã e à tarde), um aspecto muito importante do culto dos hebreus.

28.3

A oferta queimada. Ver a respeito em Lev. 6.9-13; e, quanto a notas adicionais, ver Lev. 1.3-17.

Sem defeito. Ver as notas a respeito em Lev. 22.20. Ver também Lev. 1 e Êxo. 29.38-46, onde aparecem as preparações para essas oferendas e as razões que as justificam.

Tipologia. Ver Heb. 7.3 e 10.12,14 quanto à aplicação dessa noção no Novo Testamento.

28.4

Quanto aos *cinco* animais que podiam ser oferecidos em sacrifícios, os "sacerdotes" do reino animal, ver Lev. 1.14-16. Ver Êxo. 29.39 quanto a informações sobre o sacrifício do cordeiro, um pela manhã e outro à tarde. Quanto à aplicação neotestamentária, ver João 1.29. Ver também Êxo. 12.5,6.

28.5

Um efa. Se um efa equivalia a 18,9 litros, então uma décima parte correspondia a 1,89 litro.

Um him. Era equivalente a 3,15 l. Assim, uma quarta parte de um him era cerca de 0,79 litro. Quase todos os sacrifícios eram acompanhados por uma oferta de manjares, ou seja, de cereais. Quanto a isso, ver Lev. 6.14-18, com notas adicionais em Lev. 1.1-16. Ver o gráfico antes de Lev. 1.1, que ilustra os vários tipos de sacrifícios e oferendas, bem como os materiais neles usados. Quanto às medidas acerca das ofertas de manjares, ver Êxo. 29.40.

28.6

Holocausto contínuo. Um sacrifício que tinha de ser oferecido *todos os dias,* sem nenhuma falha, como um importante aspecto do culto no tabernáculo. Isso havia sido ordenado quando Israel ainda estava no Sinai (ver Êxo. 29.39), e vinha sendo observado durante toda a jornada pelo deserto, devendo continuar enquanto perdurasse a nação de Israel.

Aroma agradável. Ver Lev. 1.9 e Êxo. 29.18. Mediante uma expressão antropomórfica, Yahweh aspiraria o aroma do sacrifício e ficaria satisfeito. Uma vez satisfeito, Ele aceitaria o sacrifício como expiação ou cobertura dos pecados cometidos.

Oferta queimada. Esse era um tipo antiquíssimo de sacrifício, que já existia antes de Moisés, mas que foi incorporado à legislação levítica. Ver Lev. 23.13. Os trechos de Lev. 2.4 ss. e 7.9,10 também devem ser consultados. Líquidos como azeite, leite, vinho, mel e sangue eram comumente usados como rituais de libação. As libações não podiam ser derramadas sobre o altar de incenso (altar de ouro); e, assim sendo, pelo que sabemos, eram derramados sobre o altar das ofertas queimadas. Ver as notas sobre o *Altar de Bronze* em Êxo. 27.1; e, no *Dicionário,* ver o verbete chamado *Altar do Incenso.* Os líquidos oferecidos eram considerados preciosos, e parte dessa preciosidade era oferecida a Yahweh. Simbolicamente, pois, Yahweh "bebia" a Sua parte, tal como aspirava o odor das ofertas queimadas. Yahweh ficava satisfeito com os holocaustos e as libações, e assim aceitava as oferendas do povo.

O trecho de Eclesiástico 50.15 informa-nos que as libações eram vertidas à base do altar dos holocaustos.

28.7

Sua libação... um him. Há certa ambigüidade quanto ao sistema de pesos e medidas em Israel, devido às variações sofridas ao longo dos séculos. As opiniões acerca do *him* variam desde meio litro até 3,15 litros. Neste comentário, temos optado por essa última medida.

Tipologia. Ver a aplicação no Novo Testamento, das libações, em Efé. 5.2 e II Tim. 4.6.

28.8

O mesmo processo havido no oferecimento matinal do cordeiro deveria ser repetido à tarde. Assim, as notas dadas nos vss. 4-7 deste capítulo são aplicáveis aqui. A repetição visava ênfase e eficácia. Um sacrifício por dia era bom, e dois era melhor ainda.

As Oferendas do Sábado (28.9-10)

28.9

"A cada sábado as oferendas diárias (contínuas) deviam ser *dobradas*. Tal prática não foi conhecida antes de Ezequiel (46.4,5), embora aparentemente tenha sido seguida após o exílio babilônico (ver Nee. 10.33)" (John Marsh, *in loc.*). A ordem da duplicação, "dois cordeiros", "duas décimas de um efa de flor de farinha", aparece pela primeira vez neste ponto do livro de Números. Essa regra atinente às libações deveria ser acompanhada no caso dos holocaustos, conforme já vimos (ver Núm. 15.5). A lei do sábado figura em Êxo. 20.8-11 e Lev. 23.3. Ver no *Dicionário* o artigo *Sábado*, quanto a informações completas.

Sem defeito. Ver sobre essa questão as notas em Lev. 22.20.

28.10

Além do holocausto contínuo. Isso quer dizer que as oferendas diárias regulares deviam ser oferecidas em dia de sábado também. Mas em adição, havia aquele duplo sacrifício, aos sábados.

Na verdade, as ofertas do sábado vinham *após* a oferta diária daquele dia, como um procedimento distinto, e isso tanto pela manhã quanto à tarde.

Oferendas da Lua Nova (28.11-15)

28.11

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*, quanto a um exame geral do complexo sistema de sacrifícios do povo hebreu. E ver também ali o artigo *Festas (Festividades) Judaicas*, um exame geral do complexo sistema sacrificial dos hebreus, no tocante a dias especiais.

Ao todo, onze animais (se incluirmos o bode referido no vs. 15 deste capítulo) eram oferecidos por ocasião da lua nova. Ver os animais oferecidos em sacrifício, nas notas sobre Lev. 1.14-16. Muitos animais eram sacrificados. Havia então uma oferta de manjares e uma libação em maiores quantidades. Assim, o mesmo procedimento era usado, mas os materiais eram oferecidos em maiores proporções. O Pentateuco não tem muito que dizer sobre as oferendas da lua nova (ver Núm. 10.10), mas há evidências de que essa festividade era bastante popular em Israel. Essas práticas parecem ter antedatado a legislação mosaica, pois parecem ter sido antigas tradições populares, que a legislação mosaica engolfou.

"Um crescente respeito foi sendo observado ao começo de cada mês. Todo comércio era levantado (Amós 8.5), e parece que eram dadas instruções religiosas na ocasião (II Reis 4.23)" (Ellicott, *in loc.*). A luz era o luzeiro menor que Deus tinha criado no firmamento, e se os hebreus não adoravam a lua, conforme faziam outros povos, ela servia de importante indicador dos ciclos de tempo determinados por Deus. O tempo pertence a Deus, embora nos seja *concedido*. Temos motivos para nos mostrarmos agradecidos diante de cada novo ciclo, rogando do Senhor que continue estendendo o tempo que nos resta, para que possamos continuar a viver e a servi-Lo.

Sem defeito. Ver sobre essa exigência quando aos holocaustos nas nota sobre Lev. 22.20. Conforme já vimos, essas ofertas eram feitas *em adição* aos sacrifícios diários.

28.12

As quantidades eram consideravelmente aumentadas por ocasião da festa da lua nova. Em lugar de uma décima parte de flor de farinha para a oferta de cereais (vs. 5), a oferta de manjares da lua nova requeria três décimas partes para cada *novilho*, e duas décimas partes para cada *carneiro*. E também havia uma décima de flor de farinha para cada *cordeiro* (vs. 13).

28.13

Uma décima parte de um efa de farinha de trigo e azeite (cuja quantidade não foi especificada) era usada na oferta de manjares para cada cordeiro. Ver as medidas dadas em Núm. 15.5-8, que provavelmente também se aplicam aqui. Os cordeiros (ver Lev. 6.9-13) serviam de holocaustos nesse tipo de oferenda. Tinham de ser *sem defeito*, conforme se dava no caso de todos os animais sacrificados (ver Êxo. 12.5; 29.1; Lev. 1.3; 3.1 etc.). Ver esse princípio aplicado no Novo Testamento, em I Ped. 1.19; Efé. 5.27. Ver Lev. 22.20 quanto a notas expositivas completas.

Aroma agradável. Ver as notas a respeito, em Lev. 1.9 e 4.1.

28.14

As *libações* que acompanhavam as oferendas da lua nova, no caso do novilho, também eram duplicadas. Ver o vs. 7 deste capítulo quanto à libação dos dias regulares. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Libação*. Yahweh, por ocasião da refeição comunal, "bebia" a Sua parte quando o líquido era vertido à base do altar dos holocaustos, e ficava satisfeito; assim, aceitava as oferendas de modo geral. Ver o vs. 7 quanto a detalhes. Quanto ao cordeiro, a quantidade era a mesma.

28.15

O *bode* era o décimo primeiro animal a ser oferecido, mas não como parte da oferta diária. Antes, servia de oferta pelo pecado (ver Lev. 6.25,30), com notas adicionais em Lev. 4.1-35). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação*.

Também. Os elaborados sacrifícios da lua nova eram oferecidos em adição às oferendas diárias, sendo oferecidos como ritos distintos.

O toque das trombetas fazia parte desse ritual (ver Núm. 10.10), embora esse item tenha sido omitido no texto.

O Tempo. O tempo é um fator que está nas mãos de Deus. Entre os hebreus, o ano tinha por base o calendário lunar. Portanto, o mês fazia parte do ciclo anual. Os ciclos de tempo são presentes que Deus nos dá, visando o nosso bem.

> *Amas a vida? Então não desperdices teu tempo,*
> *Pois disso é feito o estofo da vida.*
>
> (Benjamin Franklin)

> *Usa teu tempo, não o deixes escapar;*
> *A beleza interior não deve*
> *ser desperdiçada;*
> *As flores não colhidas quando estão mais belas,*
> *Definham e estragam-se em*
> *pouco tempo.*
>
> (William Shakespeare)

Oferendas da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos (28.16-25)

Oferendas especiais eram feitas diariamente, em cada sábado, nos dias de lua nova e em todas as grandes festividades e jejuns. As regras levíticas eram complexas e extensas, afetando cada dia e cada atividade importante, pessoal ou coletiva. Tal como se vê por todo o capítulo 28 e 29, temos aqui repetições de normas anteriores, algumas vezes com alguma leve modificação nos pormenores. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Festas (Festividades) Judaicas*, em II.4.a, e *Sacrifícios e Ofertas*.

A *páscoa* assinalava o começo do ano religioso (mês de abibe ou nisã), correspondente aos nossos meses de março/abril, da mesma maneira que o mês de tisri (ver Núm. 29.1) marcava o começo do ano civil.

Coisa alguma de específico é dita a respeito dos sacrifícios da páscoa, nesta seção. Ao leitor cabe lembrar o que foi ordenado para aquele dia. As regras que se seguem diziam respeito à festa dos Pães Asmos.

28.16

Primeiro mês... catorze dias do mês. Esse era o dia da inauguração da páscoa, conforme vemos em Êxo. 12.6,18. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Páscoa*, com notas adicionais na introdução ao capítulo doze de Êxodo. A páscoa, os pães asmos e a festa dos primogênitos eram três festividades que estavam historicamente vinculadas entre si. Ver a consagração dos primogênitos em Êxo. 13.1-16, bem como o verbete referente a cada uma dessas festas no *Dicionário*. Ver Êxo. 12.43 quanto à *páscoa* como símbolo de Cristo.

28.17

Se comerão pães asmos. No *Dicionário* ofereci um detalhado artigo sobre esse assunto. Ver também a introdução o capítulo 12 de Êxodo, bem como Êxo. 12.15-20 e 13.1-16. Essa festividade provavelmente teve origem nas atividades agrícolas, comemorando a colheita da cevada. Foi então transformada em uma festa anual, associada à páscoa. Começava no dia quinze do mês de nisã, que veio a ser o *quinto mês* do ano religioso, porque fora então que tinham ocorrido o êxodo do Egito e a celebração da páscoa. O mês de nisã era o sétimo mês do ano civil. Essa festa durava sete dias, e era uma continuação natural da páscoa. Ver também Lev. 23.23 ss.

28.18

No primeiro dia. Era um dia de sábado e assinalava o começo das celebrações. Nenhum trabalho servil podia ser feito naquele dia, exceto a preparação de alimentos (ver Êxo. 12.16). Ver o artigo chamado *Sábado*, no *Dicionário*. Esse primeiro dia, e também todos os demais, subseqüentemente, requeriam os mesmos sacrifícios que aqueles da festa da lua nova, conforme vemos nos vss. 19 ss. deste capítulo. Cf. Núm. 28.11 quanto aos sacrifícios oferecidos.

TEMPO

Gráfico das Divisões e Nomes

Os hebreus antigos marcavam o tempo com a ajuda da Lua, dos fenômenos naturais e das observâncias religiosas:

Hora Moderna	Tempo Judaico	Talmude
18 h 00	Pôr-do-sol (Gên. 28.1; Êxo. 17.12; Jos. 8.29)	Crepúsculo (no árabe, *ahra*)
18 h 20	Estrelas aparecem	Noitinha, *shema* ou oração
22 h 00	Fim da primeira vigília (Lam. 2.19)	O jumento orneja
24 h 00	Meia-noite (Êxo. 11.4; Rute 3.8; Sal. 119.62; Mat. 25.6; Luc. 11.5)	
2 h 00	Fim da segunda vigília (Juí. 7.19)	O cão ladra
3 h 00	Canto do galo (Mar. 13.35; Mat. 26.75)	
4 h 30	Segundo canto do galo (Mat. 26.75; Mar. 14.30)	
5 h 40	Início do alvorecer	
6 h 00	Nascer do sol (fim da terceira vigília) (Êxo. 14.24; Núm. 21.11; Deu. 4.41; Jos. 1.15; I Sam. 11.11)	Alvorada (no árabe, *subah*) Três toques de trombeta (no árabe, *doher*)
9 h 00	Primeira hora da oração (Atos 2.15)	Sacrifício matinal
12 h 00	Meio-dia (Gên. 43.16; I Reis 18.26; Jó 5.14)	
13 h 00	Grande vesperal	Primeira mincha (oração); (no árabe, *aser*)
15 h 30	Pequeno vesperal	Primeira mincha (oração); (no árabe, *aser*)
17 h 40		Sacrifício da tarde no altar noroeste; nove toques de trombeta
18 h 00	Pôr-do-sol (Gên. 15.12; Êxo. 17.12; Luc. 4.40)	Seis toques de trombeta na véspera do sábado

*** *** ***

Você ama a vida? Então não desperdice tempo, pois é disso que a vida é feita.

Ben Franklin

Nas tuas mãos estão os meus dias; livra-me das mãos dos meus inimigos e dos meus perseguidores. Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo: salva-me por tua misericórdia.

Salmo 31.15,16

Lembra-te de como é breve a minha existência! Pois criarias em vão todos os filhos dos homens!

Salmo 89.47

28.19

Este versículo é igual ao vs. 11 deste capítulo, visto que os sacrifícios da festa dos Pães Asmos eram idênticos aos sacrifícios da festa da Lua Nova.

28.20,21

A sua oferta de manjares. Essas oferendas eram as mesmas das da festa da Lua Nova, conforme já vimos e comentamos nos vss. 12 e 13 deste capítulo.

28.22

Os sacrifícios dessa festa também incluíam o bode como oferta pelo pecado, tal como se fazia na festa da Lua Nova. Ver comentários sobre isso no vs. 15 deste capítulo.

28.23

Estas cousas oferecereis. Todo esse maciço ritual era efetuado em *adição* às oferendas diárias regulares (ver as notas em Núm. 28.3 ss.), sendo efetuado separadamente e *depois* daquelas. As oferendas diárias jamais cessavam, nem eram substituídas por quaisquer oferendas extras para os sábados e as festividades. A *oferenda da tarde* não é mencionada, mas deve ser entendida, pois as oferendas diárias tinham de incluir a oferenda matutina e a vespertina.

28.24

Assim oferecereis. Ou seja, *diariamente* todos aqueles animais precisavam ser sacrificados, tal como haviam sido abatidos no *primeiro* dia. Assim, o que é dito no vs. 19 aplicava-se a cada dia, e não meramente ao sábado (primeiro dia), que dava início à comemoração dos sete dias.

Aroma agradável. Ver Lev. 1.9; Êxo 29.18. Yahweh *aspirava* a oferenda, ficava satisfeito e a aceitava. *Libações* acompanhavam as oferendas da *Lua Nova*, e também tinham de fazer parte das oferendas da festa dos *Pães Asmos*. Ver as notas sobre o sétimo versículo deste capítulo. Assim, Yahweh "bebia" a libação e ficava satisfeito, aceitando as oferendas.

28.25

No sétimo dia. O sétimo dia da festa dos Pães Asmos também era um sábado, tal como o primeiro dia era um sábado (vs. 18), e as mesmas regras eram aplicáveis.

O Tríplice Sacrifício. Alguns intérpretes supõem que no primeiro e no sétimo dia houvesse sacrifícios *tríplices:* os sacrifícios das oferendas diárias; os sacrifícios dos sábados (vss. 9,10); e os sacrifícios típicos da festa da Lua Nova. Nesse caso, nada menos de *quinze* animais eram abatidos e oferecidos naqueles dias!

Oferendas da Festa das Semanas (28.26-31)

Essa festa também era chamada de festa da *Colheita* (ver Êxo. 23.16). Ou então festa das *Semanas* (ver Êxo. 34.22). Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Festas (Festividades) Judaicas,* seção II, 4.b. Ver as notas adicionais dadas em Êxo. 23.16. Essa festa era uma celebração própria da época da colheita, sendo um período de alegria e ação de graças, uma espécie de semana nacional de ação de graças. Ver Êxo. 34.22; Deu. 16.10,16. Tinha lugar durante a primavera (junho), no começo da colheita do trigo (Êxo. 34.22). No Novo Testamento, essa festa é chamada de *Pentecoste* (ver Atos 2.1; I Cor. 16.8, bem como o artigo com esse nome, no *Dicionário*).

Os sacrifícios e demais ritos eram os mesmos que aqueles que havia na festa da Lua Nova, conforme vimos e anotamos em Núm. 28.11 s. Ver Lev. 23.15-21.

28.26

No dia das primícias. Em outras palavras, naquele dia em que deveriam ser trazidas oferendas apropriadas de ação de graças. Aquele dia tornava-se um *sábado* ou descanso, pelo que nenhum trabalho servil podia ser feito durante o período. Ver Lev. 23.21.

Festa de semanas. Assim chamada porquanto tinha lugar *sete semanas* depois da páscoa (ver Lev. 23.15).

28.27

Ver o vs. 11 deste capítulo quanto a completas explanações sobre as oferendas aqui referidas. Essa festa das semanas requeria os mesmos sacrifícios que aqueles da festa da Lua Nova.

28.28,29

As ofertas de manjares eram as mesmas que aquelas da festa da Lua Nova. Ver os vss. 12 e 13 deste capítulo quanto a maiores informações.

28.30

O bode também era uma das ofertas que tinham de ser feitas, tal como no caso da festa da Lua Nova. Ver as notas sobre o vs. 15 deste capítulo.

28.31

As oferendas dessa festa não podiam substituir as ofertas *diárias regulares*. Antes, deveria haver tanto as ofertas regulares quanto as especiais. Ver os vss. 2, 3 e 15 deste capítulo. Todas as oferendas deveriam ser "sem defeito". Ver notas detalhadas sobre isso em Lev. 22.20.

"Em adição, havia as primícias dos *grãos,* a razão que estava por trás dessa festividade (Lev. 23.15-21)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Nove

Oferendas da Festa das Trombetas (29.1-6)

29.1

Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Festas (Festividades) Judaicas,* seção II. f., *Dia das Trombetas.* É possível que, no começo, essa fosse uma festividade celebrada no Ano Novo, embora o ponto seja motivo de debates. Ver Núm. 19.1 e Lev. 23.24. Esse dia sempre caía em um sábado. Eram oferecidos sacrifícios, e todo labor cessava. Era também tempo de arrependimento e de exercícios religiosos. A festa era efetuada no primeiro dia do sétimo mês judaico. Alguns pensam que as *trombetas* se referem à convocação do povo e que poderia ser um ato profético acerca do recolhimento e restauração do povo de Israel. A tradição não se mostra clara sobre o que o toque das trombetas indicava. Ver Lev. 23.23-25.

"A celebração especial, do começo do sétimo mês, leva-nos de novo à questão da adoção e adaptação de uma antiga tradição popular. A sétima *lua nova,* com suas oferendas especiais, quase duplicava o que se oferecia nas outras *luas novas*, podendo-se comparar a relação entre essa festa e as outra celebrações mensais, tal como as celebrações do sábado estavam relacionadas às dos dias comuns" (John Marsh, *in loc.*).

Do sétimo mês. Ou seja, o mês e tisri (setembro/outubro).

A festa das trombetas chegou a assinalar o novo ano *civil* (distinto do ano religioso). O trecho de Esdras 23.16 conta que a festa da colheita caía "no fim do ano". O início do novo ano religioso era assinalado pela *páscoa*, que emprestava a Israel uma nova vida espiritual. Coincidia com o mês de abibe (ou nisã): nosso março/abril.

29.2

Então por holocausto. Os sacrifícios dessa festa eram virtualmente iguais aos da festa da Lua Nova (ver Núm. 28.11), visto que ela era uma espécie de lua nova (7ª) sabática. Ver a exposição na referência dada. Mas por razões desconhecidas, era oferecido um novilho a menos. As mesmas oferendas da festa da Lua Nova eram oferecidas durante os sete dias dos Pães Asmos, e no dia das primícias. Ver Núm. 28.11,19,27. Esses sacrifícios eram oferecidos *em adição* aos sacrifícios diários, e àqueles da Lua Nova (vs. 6). E visto que era um dia de sábado, podemos presumir que também eram sacrifícios adicionados aos do dia de sábado (ver Núm. 28.9,10). Os sacrifícios praticamente eram o *dobro* dos da Lua Nova, ou seja, cerca de vinte e cinco animais ao todo eram sacrificados. Ver o vs. 6 deste capítulo.

29.3,4

Sua oferta de manjares. Essa oferenda, que sempre acompanhava o sacrifícios de animais, era *a mesma* que aquela da Lua Nova, dos Pães Asmos e das Primícias, conforme vemos em Núm. 28.12,13,20,21,28,29, onde são dadas as notas.

29.5

Essa festa também requeria o sacrifício de um *bode,* como *expiação* (vide a respeito no *Dicionário*), em consonância com as práticas seguidas na festa da Lua Nova (ver Núm. 28.15).

29.6

Além do holocausto. As oferendas dessa festa eram *adicionadas* àquelas requeridas pela festa regular da Lua Nova. Era, por assim dizer, uma Lua Nova sabática, sendo comemorada por meio de um maior abate de animais. Talvez devamos entender que havia um *quádruplo* sacrifício, a saber: 1. o sacrifício diário (Núm. 28.2,3); 2. o sacrifício sabático (28.9,10); 3. os sacrifícios da festa da Lua Nova (28.11-15); 4. os sacrifícios da festa das Trombetas, uma espécie de Lua Nova sabática, o dia da celebração do Ano Novo. Dessarte, cerca de vinte e cinco animais eram sacrificados em um único dia.

Oferendas do Dia da Expiação (29.7-11)

29.7

Ver no *Dicionário* o bem detalhado artigo *Dia da Expiação.* Há um estudo mais abreviado no artigo chamado *Festa (Festividades) Judaicas,* seção II.4.d. Ver Lev. 16.29-34 e 23.26-32, quanto a outras notas expositivas.

"No *décimo* dia do mês sétimo, a oferenda especial era igual à do primeiro dia. As pessoas deviam *afligir* suas almas, ou seja, deviam jejuar e refrear-se totalmente de qualquer trabalho, como em um dia de sábado qualquer. A *oferta pelo pecado* de expiação, que dava seu nome à festa, consistia em um novilho (Lev. 16.11; Êxo. 29.36; 30.10)" (John Marsh, *in loc.*). Ver Núm. 29.1 ss. quanto às oferendas do Ano novo (festa da *Colheita* ou das *Trombetas*). Essas oferendas eram repetidas no décimo dia. Além daqueles sacrifícios, também deviam ser oferecidas as ofertas regulares pelo pecado, descritas em Lev. 16.27. E, naturalmente, as oferendas diárias não podiam ser negligenciadas. Tinham de acompanhar quaisquer oferendas extras relativas a dias especiais. Ver Núm. 28.3-8. É provável que as oferendas sabáticas regulares também fossem efetuadas, visto que o *Dia da Expiação* caía em um dia de sábado.

Afligireis as vossas almas. Quanto a esse aspecto da festa, ver as notas em Lev. 16.29. Isso incluía a prática o jejum (Atos 27.9).

29.8

Os sacrifícios eram os mesmos que aqueles oferecidos no primeiro dia do mês de tisri (ver Núm. 29.1,2). Aben Ezra pensava que o "carneiro" referido neste versículo é diferente daquele aludido em Lev. 16.3,5,24. Ver a exposição nessas referências.

29.9,10

Sua oferta de manjares. As oferendas que acompanhavam esse rito eram idênticas às do primeiro dia do mês, da festa da colheita ou das trombetas. Ver as notas sobre os vss. 3 e 4 deste capítulo.

29.11

Um bode. Esse animal era sacrificado (tal como na festa do Ano Novo; vs. 5), e isso além das oferendas regulares do dia da Expiação; e também havia as oferendas regulares diárias, que não eram anuladas por outras oferendas de ocasiões especiais; e também é provável que houvesse as oferendas próprias do dia de sábado. Ver a exposição no vs. 7 deste capítulo, quanto a detalhes. Parece que havia na ocasião oferendas *quádruplas:* as diárias; as do sábado; as do dia da Expiação; e a repetição das do Ano Novo (vss. 1 ss. deste capítulo).

Oferendas da Festa dos Tabernáculos (29.12-40)

29.12

Ver no *Dicionário* o artigo *Festas (Festividades) Judaicas* em II. 4.c., *Festa dos Tabernáculos.* Ver também o verbete *Sacrifícios e Ofertas.* Essa festa religiosa tinha lugar no sétimo mês do calendário judaico, cinco dias após o dia da Expiação, e prosseguia por sete dias (ver Êxo. 23.16,17; 34.22; Lev. 23.33-43; Núm. 29.12-40). O primeiro e o oitavo dia desse período eram dias de descanso, ou sábados. Eram levantadas tendas toscas, com ramos de palmeiras, folhas e raminhos. Essa experiência comemorava como o povo de Israel fora forçado a viver quando Deus os tirou do Egito (ver Lev. 23.33-43).

Essa festa requeria um grande número de sacrifícios, porquanto celebrava o fim das colheitas do ano, servindo de expressão de agradecimento a Deus, pela Sua provisão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* No *primeiro* dia, que era um sábado, eram oferecidos treze novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros, juntamente com a oferta de manjares apropriada. Os sacrifícios diários, contudo, não podiam ser omitidos, e presumivelmente também eram oferecidos os sacrifícios pertinentes ao dia de sábado. Ver Núm. 28.3-6, 9 ss. Portanto, mais de trinta animais eram oferecidos em um único dia. O mundo espiritual inteiro suspirou de alívio quando o sacrifício único de Cristo substituiu todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento.

"A cada novo dia, o número de novilhos sacrificado diminuía em um animal (vs. 20-31), de tal modo que no sétimo dia eram sacrificados sete novilhos, talvez uma expressão de perfeição" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

O número *sete* é conspícuo: sete meses; sete dias; sete novilhos sacrificados no sétimo dia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Número (Numeral, Numerologia),* onde é comentado o significado do número *sete.*

"Setenta novilhos ao todo eram oferecidos nos sete dias... Em adição aos novilhos, eram oferecidos *diariamente,* como holocaustos, dois carneiros, catorze cordeiros e um bode, este como oferta pelo pecado, *em adição* às ofertas queimadas diárias" (Ellicott, *in loc.*).

29.13

Por holocausto. Ver sobre Lev. 6.9-13 quanto a notas expositivas sobre esse tipo de oferenda. Ver também Lev. 1.3-17.

Aroma agradável. Ver sobre isso em Lev. 1.9 e Êxo 29.18.

Sem defeito. Ver sobre essa expressão em Lev. 22.20.

Quanto aos *cinco* animais que se podia sacrificar (os "sacerdotes" do reino animal), ver Lev. 1.14-16. Quanto ao sentido da festa dos Tabernáculos e ao grande número de animais sacrificados, naqueles sete dias de festividade, ver as notas no sétimo versículo deste capítulo.

29.14,15

Pela oferta de manjares. Esse tipo de ofertas sempre acompanhava os sacrifícios de animais. Cada novilho era acompanhado por três quartas partes de um efa de farinha; cada carneiro, por duas quartas partes; e cada cordeiro, por uma quarta parte de um efa de farinha, tudo misturado com as devidas quantidades de azeite.

29.16

Um bode. Esse animal era sacrificado como *oferta pelo pecado.* Quanto a esse símbolo, ver Lev. 6.25,30 e 4.1-35. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação.* Isso era oferecido em adição ao holocausto *contínuo* dos *sacrifícios diários* (ver Núm. 28.3-6). Ademais, visto que o dia caía em um sábado, provavelmente também era feito em adição às oferendas próprias de um sábado (Núm. 28.9,10).

A sua oferta de manjares. Essa oferta também acompanhava as oferendas diárias e as oferendas de dia de sábado; e também havia as *libações* normais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Libação.* Ficava entendido que Yahweh aspirava o aroma agradável (vs. 13), e bebia do vinho vertido à base do altar de bronze, ou dos holocaustos, deleitando-se e aceitando as oferendas.

29.17

As *oferendas* dos seis dias que se sucediam à festa eram as mesmas que eram oferecidas no primeiro dia (ver a nota sobre o vs. 12 deste capítulo), exceto pelo fato de quem a cada dia, o número de novilhos ia diminuindo, um por dia. Isso significa que no *sétimo* dia da festa eram oferecidos *sete* novilhos. Ver as notas sobre o vs. 12 quanto ao sentido do número *sete.* Talvez essa redução gradual do número de novilhos oferecidos simbolizasse a lua, em quarto minguante; ou talvez fosse um artifício para indicar o número "sete", o número da perfeição, no último dia. Por isso, no primeiro dia, treze novilhos fossem oferecidos propositadamente. Alguns estudiosos vêem nisso outro simbolismo: a redução gradual do pecado diante de Deus, à medida que o povo de Deus põe em prática a sua fé. Atingir simbolicamente o número "sete" é algo que fala do sistema sacrificial que, finalmente, atingiu perfeição no *único* e perfeito sacrifício de Cristo. Ver Heb. 9.13,14 e 10.4 ss.

29.18

Nos dias sucessivos, sempre havia o acompanhamento de ofertas de manjares e de libações, tal como tinha havido no primeiro dia da festa. Ver as notas sobre o vs. 16 deste capítulo.

29.19

Este versículo é idêntico ao vs. 16, exceto pelo fato de que aqui está em pauta o segundo dia da festa. Todos os sacrifícios e ofertas de manjares eram os mesmos nos dois dias, mas um novilho a menos era sacrificado. As

oferendas diárias continuavam; as oferendas do sábado também continuavam, tal como também as libações. Ver as notas expositivas sobre o vs. 12 deste capítulo.

29.20-34

Esses quinze versículos não nos provêem nenhuma informação nova além daquelas que já nos tinham sido dadas até o vs. 18. A única diferença é que, nos dias sucessivos, do "terceiro" ao "sétimo", um novilho a menos era oferecido a cada dia, de tal modo que, tendo começado com treze, no primeiro dia, *sete* novilhos eram oferecidos no sétimo dia. Isso já foi comentado nas notas sobre o vs. 12.

29.35

No oitavo dia. Terminado o ciclo de sete dias da festa dos tabernáculos, havia uma celebração especial, uma espécie de apêndice da festa. Estritamente falando, porém, não fazia parte da festa, mas era uma espécie de confirmação do ciclo que acabara de ser devidamente observado. Era um dia de sábado. Ver Lev. 23.36 e suas notas expositivas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sábado*; e em Núm. 28.9, as oferendas que deviam ser feitas todos os sábados.

Reunião solene. No hebraico, *azareth*. Ver as notas expositivas a respeito em Lev. 23.36; cf. Nee. 8.18; II Crô. 7.9; Deu. 16.8.

Nesse *oitavo* dia de confirmação, todos os sacrifícios e oferendas do outros sete dias eram repetidos, conforme somos informados no versículo seguinte, embora um número menor de animais fosse sacrificado.

29.36-38

Os mesmos tipos de animais eram sacrificados, mas em número *menor*. Apenas um novilho (em lugar de sete), apenas um carneiro (em lugar de dois), apenas sete cordeiros (em lugar de catorze), mas igualmente um bode, e tudo acompanhado pelas devidas ofertas de manjares e libações, tal como se fizera nos outros sete dias.

Além das *ofertas do sábado*, havia aquelas outras descritas nestes três versículos, associadas à festa dos tabernáculos, além dos *sacrifícios diários*, que jamais eram descontinuados, sem importar a grande matança que havia em ocasiões especiais.

29.39

Temos aqui um *sumário* e uma exortação à obediência. Este versículo atuava como incentivo ao povo de Israel para que *efetuasse* todas as oferendas e sacrifícios que tinham sido ordenadas como oferendas diárias, oferendas sabáticas, para as várias festividades especiais que aparecem nos capítulos 28 e 29 de Números.

E então o autor sagrado acrescentou, a fim de que coisa alguma fosse omitida, uma menção a outros tipos de ofertas que poderiam ser oferecidas, como as ofertas pacíficas, as ofertas voluntárias etc. Em outras palavras, ele forneceu uma espécie de sumário do sistema sacrificial inteiro, além de ordens tendentes a uma estrita obediência. Ver Lev. 22.18-21 e Núm. 15.11-13 quanto às oferendas e sacrifícios que não foram especificamente mencionados nos capítulos 28 e 29. Quanto a um sumário do sistema inteiro, ver o gráfico que ilustra o sistema sacrificial, seus tipos e seus materiais, imediatamente antes da exposição a Lev. 1.1. Ver também Lev. 7.11-16 (ofertas pacíficas).

29.40

Em Núm. 1.54, há um destaque dado à *obediência*, uma maneira típica de o autor terminar uma seção do Pentateuco. Ver Núm. 1.54 e suas notas expositivas quanto a isso. A Bíblia hebraica inicia o capítulo 30 com este versículo 40; mas esse tipo de declaração geralmente assinalava o fim de uma seção, e não o começo. Moisés recebia mensagens da parte de Yahweh, como mediador entre Ele e o povo de Israel; e então Moisés comunicava essas mensagens a quem de direito. A obediência era uma questão envolvida no processo, do começo ao fim.

Capítulo Trinta

Lei dos Votos Femininos (30.1-16)

Os *votos* eram de dois tipos: o voto *nedher*, um termo genérico que indicava qualquer tipo de voto; e o voto *'issar*, um voto de abstinência (vs. 13). Este capítulo contém ambos esses termos, o primeiro referindo-se a uma promessa feita, e o segundo referindo-se a qualquer tipo de abstinência durante certo período de tempo, como era o caso do voto do nazireado.

Esta é a única seção do Pentateuco que inclui votos tomados especificamente por mulheres. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Voto*.

O propósito do capítulo 30 de Números não foi o de especificar os tipos de votos que podiam ser feitos, ou como deviam ser tomados o ab-rogados, mas tão-somente ensinar quão importante era que esses votos fossem guardados" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver Gên. 28.20-22; Lev. 27 e Deu. 23.21-23.

30.1

Falou Moisés. Moisés era o mediador de Yahweh. Ele transmitia as mensagens divinas a Arão (depois Eleazar, após a morte de Arão), ao sacerdócio ou ao povo. Ver os *oito* modos de comunicação em Lev. 17.2. Neste versículo, a mensagem foi transmitida aos chefes (príncipes) das tribos, os quais, sem dúvida, deviam transmiti-la à população em geral. A mensagem específica dizia respeito aos *votos* (vss. 2 e ss.). Ver a introdução ao capítulo quanto aos tipos de votos aqui referidos. Estão incluídos votos feitos por mulheres. Esta é a única porção do Pentateuco a ter esse caráter.

30.2

Quando um homem fizer voto. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Votos* e *Juramentos*.

A alma ficava presa em face de algum voto. A fé dos hebreus levava muito a sério essa questão dos votos. O texto ensina que os votos tinham de ser guardados sem *violação* de sua palavra. Era considerado um pecado sério não cumprir um voto (ver Deu. 23.22; ver também Ecl. 5.4). Portanto, ninguém podia fazer um voto apressado ou tolo (Ecl. 5.5,6; Pro. 20.25). Jesus avisou acerca de votos perversos (Mat. 15.3-9; Mar. 7.9-13). O voto que fazemos de seguir a Cristo é eterno, um voto em torno do qual devem gerar todos os nossos planos e desejos.

Um voto podia ser feito de abstinência ou de humilhação (Núm. 30.13); podia ser um voto de nazireado (Núm. 6.3); ou podia envolver dar certas coisas para ganhar alguma outra coisa (Lev. 7.16); ou de dar esmolas aos pobres (Deu. 23.21). Um voto precipitado devia ser eliminado, devido ao fato de que os votos eram compromissos obrigatórios e demonstração de boa vontade e de honra pessoal.

O Targum de Jonathan mostra-nos que somente pessoas de treze anos de idade para cima podiam tomar votos. Mas se um homem não podia desembaraçar-se de um voto que fizesse, o Sinédrio (ver a respeito no *Dicionário*) tinha tal autoridade. Mas um homem podia desobrigar outro homem que tivesse feito algum voto a ele.

30.3,4

Quando, porém, uma mulher fizer voto. Se uma mulher jovem quisesse fazer um voto, tendo ela mais de treze anos de idade (mas sendo solteira), esse voto tinha de ser conhecido e aprovado por seu pai. Seu pai poderia anular o voto de uma filha menor. Uma donzela ficava assim protegida, se assumisse algum compromisso precipitado, envolvendo-se em questões duvidosas. Mas se uma jovem fizesse um voto e seu pai o soubesse, mas não fizesse nenhuma objeção, então ela teria de cumprir o voto que fizera. Os rabinos sugeriam diferentes idades nas quais uma donzela podia fazer um voto, e alguns baixavam a idade da responsabilidade quanto à questão para os onze anos (*Niddah*, cap. 5, sec. 6).

Casos de Votos Femininos:

1. Uma filha solteira, ainda sob a autoridade de seu pai (vss. 3-5).
2. Uma mulher que fizera voto quando ainda era solteira, mas então se casa antes de seu voto ser cumprido (vss. 6-8).
3. Uma mulher viúva ou divorciada (s. 9).
4. Uma mulher casada, e, assim, sob a autoridade de seu marido (vs. 10-15).

Primeiro Caso (vss. 3-5)

30.5

Uma mulher solteira não tinha nenhuma autoridade própria. Ela podia fazer um voto, mas tudo dependia da aprovação de seu pai. Se ele nada dissesse em contrário, então o voto dela tornava-se obrigatório. Mas bastava que ele fizesse uma objeção para que a idéia toda fosse anulada.

"Esses casos refletem uma sociedade na qual a mulher vivia subordinada ao homem da família. Ele podia anular o voto dela se sentisse que fora precipitado ou impensado" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o terceiro versículo deste capítulo). Em contraste com isso, votos feitos por homens eram absolutamente obrigatórios (ver Gên. 28.20-22; Juí. 11.30,31). Ver também Lev. 27; Deu. 23.21-23.

A Força das Palavras. A Palavra de Deus é absolutamente firme. Aquilo que Deus resolve fazer, Ele cumpre, pois tem o poder de cumprir a Sua Palavra. O *homem*, criado à imagem de Deus, é responsabilizado pelos votos que faz, e isso de modo absoluto. A *mulher,* feita a partir do homem, dependia do homem no tocante a seus votos, segundo a legislação mosaica. Assim, as palavras proferidas têm diferentes pesos, dependendo de quem as diz.

Disse Jesus: "De modo algum jureis..." (Mat. 5.34-37), visto que as palavras são enganosas e podem ser distorcidas. Mas os votos tomados diante do Senhor, em que a pessoa se compromete a corrigir seus passos, são obrigatórios (ver Sal. 116.14). Um voto feito diante do Senhor é muito diferente de uma palavra dita diante de outro ser humano. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Voto* e *Juramentos.*

O Senhor lhe perdoará. Seria um pecado votar e não cumprir. No caso da mulher solteira, entretanto, ela seria perdoada se seu pai lhe anulasse o voto, pois ele exercia autoridade sobre a filha, e ela não seria moralmente responsável por votos não-cumpridos. Mas se um homem fizesse um voto e não o cumprisse, então se tornaria culpado diante de Yahweh, sendo responsabilizado por sua frivolidade.

Segundo Caso (vss. 6-8)

30.6

Uma mulher fizera um voto quando ainda era solteira, e seu pai tinha aprovado o voto (vs. 5); mas em seguida ela se casara. Por isso, agora seu marido tinha autoridade para anular quaisquer votos anteriores que ela tivesse feito. É de presumir que certos votos *impensados* possam ter sido feitos, embora aprovados pelo pai da mulher. O marido dela, porém, podia corrigir tais questões. Ver notas sobre os quatro casos possíveis no vs. 4 deste capítulo.

30.7

Os votos feitos por uma mulher, quando ainda era solteira, uma vez levados ao conhecimento do marido dela, podiam ser anulados (vs. 6); ou então ele poderia aprovar os votos razoáveis. Nesse caso, os votos feitos pela mulher, antes de ela casar-se, podiam ser transferidos para seu novo estado de casada. Esses votos, pois, tinham a aprovação tanto do pai quanto do marido, e a mulher estava obrigada a cumprir o que ela havia prometido.

30.8

Este versículo é igual ao quinto versículo, exceto pelo fato de que aqui é o marido quem exerce sua autoridade para anular um voto feito por sua mulher. Isso liberava a mulher de qualquer responsabilidade moral, e Yahweh assim a perdoava e anulava seu voto do ponto de vista moral. Isso podia acontecer no caso de uma mulher, mas não no caso de um homem, o qual estava na obrigação de cumprir seus votos, pois, de outra sorte, seria considerado um pecador diante de Yahweh, por haver proferido palavras frívolas e fraudulentas.

Terceiro Caso (vs. 9)

30.9

Uma mulher viúva ou divorciada era forçada a cumprir seus votos, porquanto não dispunha de um homem (pai ou marido) que os anulasse. Ela se tornava sua própria autoridade, sob Yahweh. Portanto, qualquer voto que ela tivesse feito como mulher solteira, ou já estando casada, e que ela ainda não houvesse cumprido, era de cumprimento obrigatório. Nesse aspecto, pois, a mulher que não estivesse sob autoridade masculina tornava-se um homem: responsável diretamente diante de Yahweh.

Um caso que não é tratado aqui é a de uma mulher que estivesse noiva, cujo noivo tivesse morrido antes d eles se casarem. Nesse caso, ela voltava à situação de mulher sob a autoridade de seu pai (*Mish. Nedarim,* cap. 10, sec. 2).

Quarto Caso (vss. 10-15)

30.10,11

Os comentadores assumem diferentes posturas quanto a este versículo. Alguns supõem que continue o caso da mulher viúva ou divorciada, cujo voto fora aprovado por seu marido. Mas outros pensam que o caso é de uma mulher noiva, mas que acabou não se casando. Assim interpreta o Targum de Jonathan. Mas o mais provável é que temos aqui um *quarto caso,* ou seja, de uma mulher casada que vivesse sob a autoridade de seu marido.

Os vss. 10 e 11 são virtualmente iguais aos vss. 3 e 4, exceto pelo fato de que agora se aplicam à mulher casada sob à autoridade de seu marido, e não à mulher solteira, sob a autoridade de seu pai. Os votos da mulher tinham de ser aprovados por seu marido. Uma vez aprovados, tornavam-se absolutamente obrigatórios. Ver os *quatro casos* dos votos de uma mulher, nas notas sobre o vs. 4 deste capitulo, e as notas sob o título *A Força das Palavras* (vs. 5). As palavras de Deus nunca caem por terra, e assim têm cumprimento. O homem, criado à imagem de Deus, diz uma palavra sempre válida. A mulher, mediante a aprovação de seu pai ou de seu marido, também professa uma palavra válida, mediante a autoridade de um deles. A mulher não tem autoridade independente, a menos que se torne mulher viúva ou divorciada (vs. 9).

30.12

Este versículo é virtualmente igual aos vss. 5 e 8. A autoridade do homem, nesse caso um marido, poderia anular totalmente o voto da mulher. Nesse caso, ela não tinha nenhuma responsabilidade moral. Yahweh "perdoava" assim a mulher. Ela tinha pecado, porquanto não havia cumprido o seu voto. Mas como isso estivera fora do seu controle, ela era considerada sem culpa. Portanto, temos aqui o princípio original de que o pecado deve ter por trás a responsabilidade moral, sob pena de não ser imputado. Essa é uma das razões pela qual o *livre-arbítrio* precisa ser uma realidade: para emprestar responsabilidade moral aos atos humanos. Ver no *Dicionário* os artigos *Livre-arbítrio* e *Predestinação e Livre-arbítrio.*

Da abstinência que a si mesma se obrigou. Uma expressão muito forte, que indica que fazer um voto é uma questão muito importante na vida de uma pessoa, vida essa que chega a depender do cumprimento devido desse voto. Mesmo assim, por não ter responsabilidade moral (pois o marido havia anulado o voto dela), a mulher ficava isenta de culpa, pelo que era "perdoada" por Yahweh.

30.13

Este versículo repete a referência aos *dois tipos* de votos: os votos que envolviam a promessa de fazer alguma coisa; e os votos que envolviam alguma forma de abstinência ou sacrifício, ou seja, alguma forma de auto-aflição. Ver a introdução ao capítulo quanto a essa questão. Aben Ezra salientou que o *jejum* era uma forma comum de auto-aflição; mas também podia haver o envolvimento da abstinência de certos alimentos, ou então algum outra forma de autodisciplina. A abstinência de vinho alinhava-se entre os "sacrifícios" em que uma mulher podia envolver-se. Ou talvez a mulher poderia sacrificar seu dinheiro ou seus animais, fazendo contribuições para o sustento do culto do tabernáculo.

30.14

O *estilo literário* do autor sagrado, por todo o Pentateuco, envolvia a *repetição.* Isso permeia tudo. Logo, este versículo é essencialmente igual aos vss. 4, 7 e 11. Quando o *homem* da vida de uma mulher — pai ou marido _ não objetasse ao voto, ela estava na obrigação de cumpri-los. A mulher só ficava isenta da autoridade de seu homem se, tendo-se casado, agora ficara viúva ou se divorciara. Nesse caso, era diretamente responsável a Yahweh, como se ela fosse um homem.

30.15

Se uma mulher fizesse um voto e seu marido aprovasse, mas então *ela* deixasse de cumprir o voto, como é óbvio, ela era moralmente responsável por seu fracasso. Ela teria cometido um pecado, e este precisaria ser expiado (ver Lev. 5.3-13). Não seria um pecado imperdoável. Se ocorresse um erro que prejudicasse a outrem, então ela ou seu marido teriam de fazer restituição. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reparação (Restituição).*

Para que haja pecado, é mister que haja responsabilidade moral. A mulher seria moralmente responsável se um voto *aprovado por seu homem* não fosse cumprido por motivo de negligência por parte *dela.* Mas se a má vontade ou negligência fosse culpa do homem, então esse homem é que seria responsabilizado moralmente pela falha. o ensino bíblico é que, se um homem aprovasse um voto de sua mulher ou filha, *depois* de havê-lo aprovado, para mais tarde anulá-lo, então tal homem passava a ser considerado culpado de *pecado.* Nesses casos, a mulher ficava isenta de toda responsabilidade moral, porquanto havia feito o voto em boa-fé, mas a autoridade maior de seu marido a tinha forçado a não cumprir seu voto (antes aprovado). O Targum de Jonathan faz a regra aplicar-se ao marido ou pai (depois ou mesmo antes do casamento), e sem dúvida essa é uma interpretação correta. Aben Ezra diz "porque ela estava sob a autoridade dele".

30.16

Esta nota de *sumário* encerra a seção que trata sobre os *quatro casos* de votos femininos (ver as notas sobre o vs. 4 deste capítulo). As instruções baixadas foram determinadas por Yahweh, pelo que não havia como fugir delas. Deus transmitiu sua palavra a Moisés, o mediador entre Deus e os israelitas (ver o vs.

1). Uma vez transmitido o recado divino, cada indivíduo deveria exercer o máximo empenho em cumprir seus votos, pois *a palavra era obrigatória*. Ver sobre a obrigatoriedade da *palavra dada*, nas notas sobre o vs. 5 deste capítulo.

"Fazer votos, em quase todos os casos, é um negócio perigoso; raramente resulta em algum bem, e com freqüência resultam em grande mal... Se a palavra de Deus não tem peso aos olhos de um homem, suas próprias palavras serão consideradas mais leves que a inutilidade" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Voto* e *Juramentos*.

Capítulo Trinta e Um

Vitória sobre os Midianitas (31.1-54)

Vimos no final do capítulo 25 como a Moisés foi ordenado que fizesse os israelitas atacar os midianitas, visto que estes tinham atacado traiçoeiramente os filhos de Israel, em Peor. Israel sofreu uma prega horrenda, em vista de seu envolvimento com os midianitas. Em algum ponto seria mister equilibrar as contas. Tinha chegado o momento de os midianitas serem julgados. A colheita sempre se segue à semeadura. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Portanto, por trás da guerra santa refletida neste capítulo, há os pecados anteriores dos midianitas, os quais tomaram sobre si mesmos a incumbência de corromper Israel, visto que era impossível amaldiçoar ao povo de Deus. *Teve então lugar uma imensa matança, onde "todos os varões" midianitas* pereceram, o que deve ser entendido em um sentido relativo, e não absoluto; pois o sexto capítulo do livro de Juízes mostra-nos que, por aquela altura, novamente se tinham tornado uma potência militar. As circunstâncias da guerra também nos conferem as leis referentes à purificação dos guerreiros (vss. 19-24 deste capítulo), bem como referentes à distribuição dos despojos (vss. 25-54). Guerra santa significa que *tudo* pertencia a Yahweh, e que *Ele* é que distribuiria os despojos.

"A *derradeira incumbência* dada a Moisés foi a execução da vingança do Senhor contra os midianitas. A razão obvia da ação militar foi o papel dos midianitas no comportamento apóstata de Israel, em Baal-Pedor (Núm. 25.16-18). Foi uma guerra santa... que diferia de outras batalhas pelo fato de que o próprio Senhor conduziu o exército de Israel (o que explica a presença do sacerdotes, bem como os objetos trazidos do santuário" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

31.1

Disse o Senhor. Temos aqui uma expressão usada amiúde no Pentateuco, que era um artifício literário utilizado para dar inicio a alguma nova seção. E também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Os recados eram dados a Moisés, que os transmitia a Arão (mais tarde ao filho deste, Eleazar), ao sacerdócio ou ao povo em geral. Ver sobre as *oito* fórmulas de comunicação, nas notas sobre Lev. 17.2. Assim, no caso presente, Moisés ordenou ao *povo* que se preparasse para a guerra.

31.2

Vinga os filhos de Israel dos midianitas. Ver a introdução a este capítulo quanto à razão pela qual Yahweh ordenou que Moisés tirasse vingança dos midianitas. Essa foi a última tarefa que Moisés recebeu para cumprir, havendo algo de triste e solene no fato de que foi uma *matança*. Assim, a letra mata, mas o espírito emite luz; e a lei que Moisés transmitiu, embora tivesse o intuito de *conferir* vida, precisou ser substituída pela mensagem da graça e da fé em Cristo, a qual realmente transmite vida. Ver Deu. 5.33; Gál. 3.21.

"Visto que Moisés era o líder quando Israel foi desviado por meio dos midianitas, agora ele deveria atacar a fim de expurgar a ofensa aos olhos de Yahweh. E Moisés convocou mil guerreiros de cada uma das tribos, para iniciar a guerra da vingança de Yahweh contra Midiã. E esse exército ficou sob as ordens de Finéias, filho de Eleazar" (John Marsh, *in loc.*).

Serás recolhido ao teu povo. Embora Moisés tivesse algumas queixas, elas eram poucas demais para serem mencionadas. Ele fizera bem o seu trabalho e tinha terminado a tarefa, e isso com isenção de espírito. Havia chegado o tempo de ele partir deste mundo. Quanto à expressão "ser recolhido ao seu povo", ver Gên. 25.8,17; 35.29; 49.29,33;. Talvez haja aqui algum indício da existência da alma imortal. Há poucos indícios disso no Pentateuco, embora não haja ali referências claras e não-disputadas a essa doutrina, no Pentateuco. Essa doutrina só se tornou clara nos Salmos e nos Profetas, e, mais clara ainda, no Novo Testamento.

31.3,4

A *força-tarefa* para vingar-se dos midianitas era numerosa de acordo com os exércitos antigos, mas pequena de acordo com os padrões modernos. Cada uma das doze tribos forneceu mil homens, sem dúvida os mais aptos na arte de matar. Cada tribo havia sido corrompida pelas mulheres midianitas, pelo que também cada tribo precisava lutar. Cada tribo fazia parte integrante de Israel, pelo que cada uma delas deveria estar representada. Além de ser tirada vingança, devido ao incidente em Baal-Peor (ver o final do capítulo 26 deste livro), também teria cumprimento parcial a profecia dada a Abraão. Ver Gên. 15.16 quanto ao fato de que os povos cananeus teriam de ser expelidos da Terra Prometida, uma vez que estivesse cheia a taça de iniqüidade deles. Isso significa que eles mereciam o que estavam recebendo, em face da lei da colheita segundo a semeadura. Ver no *Diclonário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Israel dispunha de um total demais de seiscentos mil homens capazes de ir à guerra (ver Núm. 1.46), pelo que os doze mil provavelmente formavam uma força tarefa altamente treinada. Os antigos autores hebreus enfatizaram o caráter espiritual daqueles homens. Visto que se estavam vingando contra idólatras, eles precisavam ser absolutamente livres desse tipo de polução moral. Muitos israelitas tinham sido conduzidos à idolatria espiritual, por meio da imoralidade, pelo que os homens da força-tarefa tinham de estar livres desses tipos de pecado.

31.5

Os representante de Moisés saíram no cumprimento de sua tarefa, selecionando os mil homens de cada tribo. É provável que tenha havido muitos voluntários, mas todos os homens precisavam ser *escolhidos*. Uma grande vitória era necessária para encorajar os israelitas a invadir a terra, e não meramente para que fosse tirada uma vingança. Havia chegado a hora da verdade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Guerra*.

31.6

Finéias. Ele foi o escolhido para liderar a força-tarefa. Finéias era filho de Eleazar, e era sacerdote. Usualmente, os sacerdotes eram isentos da guerra, como de resto todos os levitas. Mas houve agora uma exceção, porque estava sendo efetuada uma *guerra santa*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Finéias*.

Finéias, e não seu pai, Eleazar, foi enviado, porque o sumo sacerdote tinha de evitar todo contato com os mortos, ou seus serviços teriam de ser suspensos temporariamente (ver Lev. 21.10-15). Nenhuma menção é feita à arca da aliança, acompanhando Israel à batalha, embora muitos estudiosos pensem que foi isso o que ocorreu. Visto que o sacerdócio tomou a liderança na batalha, isso significa que o próprio Yahweh estava envolvido na ação. *A guerra era Dele; a vingança Lhe pertencia.*

Os utensílios sagrados. Estão em foco itens tirados o tabernáculo, os símbolos sagrados, provavelmente incluindo a arca da aliança, embora isso não seja aqui especificado. A presença desses objetos acompanhava o sacerdote, e juntos eles levavam Yahweh à batalha, garantindo sucesso. Alguns intérpretes supõem que, visto que Finéias não era o sumo sacerdote, ele não poderia levar em sua companhia objetos pertencentes ao culto, pelo que talvez somente as trombetas de prata, que soavam o alarma, estejam em pauta (ver Núm. 10.9). Cf. Efé. 6.13 quanto à aplicação neotestamentária desse princípio.

Ver Jos. 6.4 e I Sam. 4.3,4 quanto ao fato de que, posteriormente, a arca acompanhava as batalhas para garantir o sucesso. O Targum de Jonathan supõe que também tenham sido levados o Urim e o Tumim, sendo esses instrumentos de adivinhação, na busca pela orientação divina. Cf. I Sam. 3.6-12.

31.7

Como o Senhor ordenara a Moisés. Isso restaura a obediência de Moisés a Yahweh. Ele havia desobedecido e desonrado a Deus no caso da rocha, na qual bateu com o cajado, em vez de apenas falar com ela (ver Núm. 20.2 ss. e suas notas expositivas). Por esse ato de rebeldia, Moisés fora proibido de entrar na Terra Prometida, posto que tivesse rogado do Senhor que a disciplina fosse afrouxada e ele pudesse liderar o povo até o interior do território prometido. Mas o Senhor não o atendeu por dois motivos: primeiro, era mister mostrar que a desobediência é uma questão séria aos olhos de Deus; não se pode desafiar a Deus impunemente ("De Deus não se zomba"). Segundo, como representante típico da lei, Moisés tinha de mostrar a falência desta como meio de justificação e, por outra parte, o seu sucesso como ministério da condenação (II Coríntios 3.9). Mas agora, obedecendo ao Senhor, Moisés terminava sua carreira terrena recuperado, como servo obediente de Yahweh.

31.8

Mataram a todo homem feito. Mas Isso deve ser entendido em um sentido relativo, e não absoluto. Pois o trecho do sexto capítulo de Juízes mostra que os midianitas se recuperaram do golpe. A explicação dada por Ellicott é que "todo homem feito" se refere aos soldados que os midianitas lançaram na guerra. Houve total aniquilamento do *exército*, e não da população masculina em geral. O vs. 17 deste capítulo talvez subentenda essa limitação da matança. Mas a verdade é que esta não parou diante da destruição do exército midianita.

Os reis dos midianitas. São fornecidos os nomes de vários reis vassalos dos midianitas, a saber:

Evi. No hebraico, *desejoso.* Ele foi um dos cinco "reis" dos midianitas que foram mortos quando Israel se vingou dos midianitas, por terem estes tentado corromper os filhos de Israel (ver Núm. 25). Suas terras foram posteriormente entregues à tribo de Rúben como herança (Jos. 13.3). Nada mais se sabe sobre esse homem, além disso.

Requém. No hebraico, *amizade.* Esse é nome de duas personagens que figuram no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* sob o primeiro item, no verbete correspondente a esse nome. Ele foi um dos cinco "reis" vassalos que os israelitas mataram, ao se vingarem dos midianitas.

Zur. No hebraico, *rocha.* Esse homem já havia sido mencionado em Núm. 25.15, onde há notas sobre ele. *Cosbi,* a princesa midianita que corrompeu a Zimri (filho de um dos príncipes de Israel), era filha desse homem.

Hur. No hebraico, *prisão, buraco.* Esse é o apelativo de cinco homens, nas páginas do Antigo Testamento. Aquele do texto presente figura neste texto como o quarto dos "reis" vassalos na lista dos chefes midianitas mortos. Ver também Jos. 13.21 e as notas sobre ele no *Dicionário.*

Reba. No hebraico, *descendência* ou *rebento.* Um dos cinco "reis" vassalos dos midianitas, mortos pelos filhos de Israel, em batalha, nas planícies de Moabe. Moisés havia recebido ordens divinas para aniquilar Midiã, devido à sua traiçoeira corrupção moral de Israel (ver Núm. 25). Em Jos. 13.21, esse homem é mencionado como um dos reis de Midiã. O mais provável é que esses homens fossem reis vassalos de Seom, rei dos amorreus. Ao que parece, Seom tinha-se apossado da área de Moabe, sujeitando as tribos midianitas que residiam naquele território.

Também a Balaão. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário.* A história dele é narrada nos capítulos 22 a 24 de Números. Apesar de ele não ter podido amaldiçoar o povo de Israel, ainda assim foi o mau conselheiro que instou com Balaque para que corrompesse os homens israelitas com mulheres midianitas. É entristecedor que ele não tenha desistido da má associação com Balaque e seu povo idólatra e imoral. Por isso, morreu junto com os cinco reis midianitas vassalos de Seom, rei dos amorreus. Balaão deveria ter voltado definitivamente para a sua terra, em vez de permanecer com Balaque e sua gente (ver Núm. 24.25). Não somos informados sobre como e por qual razão ele voltou a associar-se a Balaque. Mas é evidente que assim ele fez, no que errou gravemente. No vs. 16 deste capítulo, Balaão é declarado responsável pela corrupção moral de Israel, em contraste com sua anterior brilhante dedicação a Yahweh. Os escritores hebreus diziam que ele tinha apenas trinta e quatro anos de idade ao morrer (*Shalshalet Hakabala,* foi. 7.2), embora não possamos ter certeza quanto à exatidão dessa antiga tradição. Aben Ezra afirmou que ele retornou de sua residência, em Petor (ver Deu. 23.4), a fim de receber dinheiro de Balaque, ao ouvir que os homens de Israel se tinham corrompido com as mulheres midianitas, e que o povo de Deus fora castigado com uma tremenda praga por essa razão. Porém, é provável que esse declaração de Aben Ezra apenas seja reflexo de uma lenda antiga.

31.9

Levaram presas. Mulheres e crianças foram levados cativas. As guerras antigas sempre eram usadas como meios para aumentar o número de mulheres, para efeitos de relacionamentos polígamos ou mesmo adúlteros. As meninas também eram cativas, esperando-se que crescessem, para serem incorporadas à nação conquistadora, aumentando assim a sua população. Além disso, sempre havia os *despojos,* sob a forma de animais, jóias e outras objetos valiosos, que eram a "recompensa" ou "salário" dos vitoriosos. No caso em pauta, as mulheres que estiveram envolvidas na corrupção moral de Israel, foram todas mortas, tal como os meninos (vs. 17). Podemos estar certos de que, apesar de toda a matança, sobraram muitas mulheres para uso de Israel. Meus amigos, isso talvez nos deixe revoltados, mas foi o que aconteceu.

O capítulo 6 de Juizes mostra-nos que os midianitas foram capazes de recuperar-se, com o tempo, do duro golpe, e continuaram sendo uma força que ainda fez muita oposição a Israel.

31.10

Queimaram-lhes a fogo todas. Temos aqui a tática da "terra arrasada", tão comum para a brutalidade humana. Neste caso, o método foi empregado ao máximo de sua virulência. Pessoas foram passadas ao fio da espada; itens físicos (que não faziam parte do despojo) foram destruídos a fogo. Os fortins midianitas foram arrasados. Os midianitas eram um povo essencialmente nômade; mas o rei dos amorreus, que conquistaram o território deles, tinha construído cidades. Ver Jos. 13.21. Os Targuns dos judeus informam-nos que a destruição foi geral: cidades, edificações, templos, palácios — tudo foi arrasado e incendiado.

31.11

Tomaram todo o despojo e toda presa. É difícil ver como alguém poderia usar e desfrutar coisas adquiridas dessa maneira; mas esse tipo de abuso sempre fez parte da história da humanidade. Os exércitos de ocupação abusam de tudo e de todos que caem sob o seu domínio. Esses despojos eram formados por coisas e por pessoas, tudo parte de uma história arrepiante. Logo virgens midianitas (vss. 17 e 18) estariam nas casas dos israelitas, e as ovelhas dos rebanhos midianitas tornar-se-iam pratos nas mesas dos israelitas.

31.12

Trouxeram. Esse foi o próximo passo do arrepiante drama. Os israelitas tangeram a companhia de miseráveis prisioneiros, em meio às zombarias e aos gritos da multidão dos israelitas, como que dizendo a Eleazar: "Eis o que fizemos!". E Moisés, que sem dúvida também estaria presente, deveria proporcionar-lhes um sinal sorridente de sua aprovação.

Nas campinas de Moabe. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Moabe* e *Jericó.* Esses dados geográficos dizem-nos em qual localidade ocorreu a vingança de Israel. A capacidade militar de Israel estava-se desenvolvendo rapidamente, e logo lhes aplicariam essa força na conquista geral da terra de Canaã.

31.13

Saíram a recebê-los até fora do arraial. Temos aí a inspeção feita pelas autoridades de Israel. A multidão vitoriosa exibiu seus despojos, formados por pessoas, animais e material tomado, diante de Eleazar, o sumo sacerdote, e de Moisés, esperando palavra elogiosas. No entanto, ouviram que eles tinham executado os midianitas de uma maneira por demais *seletiva.* A reunião deveria ter sido ocasião de uma grande alegria, um momento triunfal, uma ocasião para receber "altos louvores" da parte dos grandes líderes da nação. No entanto, tudo azedou. A obediência fora apenas *parcial.* Moisés jamais elogiaria uma obediência parcial, mesmo que tivesse havido grande vitória na guerra. Ganhar a guerra não fora o único objetivo do ataque. A principal razão era *moral.* Era mister vingar-se dos midianitas da maneira mais violenta possível. Uma santa vingança não seria uma realidade enquanto não tivessem sido destruídas todas as não-virgens de Midiã, bem como todos os meninos (vss. 17 e 18 deste capítulo).

"De acordo com a ideologia da *guerra santa,* o inimigo devia ser oferecido como um *sacrifício* ao Senhor (I Samuel 15)" (*Oxford Annotated Bible,* em comentário sobre o vs. 9 deste capítulo).

Fora do arraial. Isso porque os guerreiros não teriam permissão de adentrar o acampamento de Israel enquanto não fossem cerimonialmente purificados, devido ao fato de se terem poluído com cadáveres. Ver Lev. 21.1,11; Núm. 5.2; 6.6,11; 9.6,7,10.

31.14

Indignou-se Moisés. Isso a despeito do golpe devastador aplicado por Israel aos midianitas. Isso porque os líderes (capitães) do exército de Israel tinham seguido o modo de proceder normal das guerras antigas, poupando as mulheres e as crianças, mas matando todos os homens. Moisés queria uma execução generalizada, porque a guerra tinha o propósito *moral* de tirar vingança dos midianitas. Para tanto, teria sido necessário não poupar a vida de ninguém, incluindo mulheres e crianças. Moisés não elogiou a uma obediência parcial, embora tivesse reconhecido a vitória das armas israelitas.

Aben Ezra informa-nos que havia cento e trinta e dois capitães do exército em Israel. Doze deles comandavam, cada qual, mil homens de cada tribo, ao passo que cento e vinte dirigiam grupos de *cem* homens, em que o exército tinha sido subdividido. Não sabemos, contudo, quão exata é essa informação.

31.15

Todas as mulheres? Pareciam agradáveis à vista; mas tinham sido instrumentos da prevaricação moral de Israel, conforme se vê descrito em Núm. 26.25. Como instrumentos que tinham sido de Balaão e de Balaque, a fim de debilitar moralmente os israelitas (embora estes não pudessem ser amaldiçoados), não podiam ser deixadas em vida. Todavia, certas mulheres poderiam permanecer

vivas, a saber, as virgens (vs. 18). Os vss. 17 e 18 dão a entender que não havia mulheres adultas virgens, pelo que somente às meninas foi possível poupar em vida. As não-virgens tinham servido de "instrumentos de prevaricação", no dizer de John Gill (*in loc.*), pelo que tiveram de ser eliminadas.

31.16

Quando lemos a história de Balaão, dada nos capítulos 22 a 24 de Números, não podemos concluir que ele esteve por trás da corrupção moral do povo de Israel, como cabeça pensante. No caso de suas profecias, ele havia demonstrado admirável fidelidade a Yahweh. Naturalmente, ele havia incluído Yahweh em seu eclético sistema religioso, o que já havia sido um grande erro. Em outras palavras, Balaão não servia e adorava somente a Yahweh. Mas seu propósito de não amaldiçoar a Israel tinha sido elogiável. Eis que, de súbito, ele aparece como alguém que se desviou, neste capítulo 31, como instigador da corrupção moral dos israelitas.

Em face disso, os críticos supõem que houvesse duas *fontes informativas* por trás desses relatos, uma delas bastante positiva no tocante a Balaão, mas a outra negativa. Os eruditos conservadores, contudo, preferem pensar que o relato envolve um aspecto suplementar, de tal modo que, se Balaão aparece sob uma luz melhor nos capítulos 22 a 24 de Números, agora, neste capítulo, ele demonstrou seu aspecto errado. Alguns estudiosos supõem que Balaão, tendo visto o sucesso de seu programa de corrupção (pois Israel foi sujeitado a uma grande praga, enviada por Deus; cap. 25 de Números), voltou a Balaque a fim de cobrar pelos seus serviços, e nessa conjuntura ele foi apanhado de surpresa na companhia dos midianitas, e acabou morto juntamente com os cinco reis vassalos (ver o vs. 8 deste capítulo e suas notas). O trecho de Números 25.9 mostra que vinte e quatro mil israelitas morreram, devido à praga enviada pelo Senhor, como castigo.

31.17

Matai... todas as do sexo masculino. Os meninos midianitas foram mortos na tentativa de exterminar-lhes a raça, ou, pelo menos, o poderio militar dos midianitas. Embora a matança sem dúvida tenha sido devastadora, Midiã recuperou-se com o tempo e voltou a fazer oposição a Israel, conforme vemos no capítulo 6 do livro de Juizes. Por causa disso, alguns intérpretes supõem que muitos meninos tenham fugido, ou que os mortos tenham sido essencialmente os soldados (alguns deles meninos ainda), e não a população masculina em geral dos midianitas. E outros acusam o autor sagrado de ter exagerado ao narrar o sucesso da guerra.

Toda mulher. O restante do versículo envolve as mulheres que não eram mais virgens. Alguns intérpretes têm limitado isso às mulheres que haviam adulterado com homens israelitas, envolvendo-se diretamente na corrupção moral que fora a causa da praga. Mas este versículo mostra, realmente, que foram executadas todas as mulheres midianitas que não eram mais virgens. Moisés não queria que houvesse mulheres entre os israelitas que tivessem sido usadas para corromper os homens israelitas. Assim, somente as "meninas" e as "jovens" (*virgens*) midianitas foram poupadas (vs. 18).

John Gill (*in loc.*) especulou sobre *como* teriam sido detectadas as não-virgens. Sob aquelas circunstâncias, nenhuma mulher midianita haveria de confessar que não era mais virgem. Portanto, ele supõe que as mulheres de Israel tenham recebido a tarefa de examinar as mulheres midianitas, ou que alguma revelação divina as tenha separado das virgens. Oh, os terrores da guerra! Oh, a desumanidade dos homens contra os seus semelhantes!

31.18

Todas as meninas, e as jovens. Essas foram poupadas, porquanto eram virgens que podiam ser incorporadas à população de Israel. Dessarte, casamentos mistos em Israel foram não somente permitidos, mas até encorajados; e isso contra o exemplo deixado por Abraão e contra a prática geral em Israel. Isso reflete uma data antiga do relato, antes que a separação entre Israel e os demais povos se tornasse uma prática fixa. O próprio Moisés não havia observado as leis de separação que, finalmente, vieram a surgir no restante da legislação levítico. Ver Números 12.1 quanto ao caso, bem como as notas que versam sobre o casamento misto de israelitas com povos pagãos.

"Uma estrita aplicação das regras da guerra santa teria exigido que até mesmo as jovens midianitas fossem mortas (ver Deu. 20.16), pelo que temos aqui somente uma *concessão* de Moisés, que lhes permitiu que sobrevivessem" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

A Purificação dos Guerreiros (31.19-24)

31.19

Essa purificação deveria abranger todos os que: 1. tivessem matado a alguém; 2. tivessem tocado em algum cadáver; 3. os cativos que se tivessem envolvido na matança, bem como todos quantos fossem estrangeiros, pois isso os deixava impuros. O capítulo 19 de Números fornece-nos as várias cerimônias de purificação que deveriam ser usadas. "Uma das grandes preocupações do relato consiste em remover toda impureza cerimonial adquirida por meio de contato com os mortos" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Os cativos que tiveram permissão de viver primeiro deveriam passar pelos ritos de purificação; e então seriam recebidos como se fossem israelitas em formação, sujeitos a todas as leis e costumes de Israel, e, finalmente, seriam tratados como qualquer hebreu, porquanto tornar-se-iam israelitas quanto à religião, posto que não quanto à raça.

31.20

Também purificareis. A purificação envolveria até mesmo artigos de uso pessoal, como vestes, coisas que os guerreiros tivessem tocado e usado, muitas das quais teriam sido contaminadas pelo sangue da carnificina. A purificação era feita mediante lavagem em água anta. Ver Núm. 19.19 e 21. E também havia os calçados, as tendas e os receptáculos de água, feitos de pele de cabra. Jarchi e outros antigos escritores judeus (*Maimon.* e *Bartenora,* na *Mishnah Celim,* cap. 2, sec. 1) referem-se também à lavagem dos chifres, cascos e ossos de animais, bem como de objetos de *madeira,* como leitos, copos e pratos, ou seja, qualquer objeto que tivesse sido usado pelos guerreiros. Ver as notas sobre Lev. 15.12. Tais objetos, feitos de peles de animais, tecido ou pelos, poderiam ter *absorvido* alguma imundícia (ver Lev. 11.24-28), razão pela qual tiveram que ser *lavados.*

31.21

Este é o estatuto da lei. Eleazar, o sumo sacerdote, precisava cumprir toda a legislação levítica. Assim, ele relembrou aos guerreiros que aquelas leis tinham sido baixadas por Yahweh, e precisavam ser respeitadas.

31.22,23

Os objetos de metal não absorviam a imundícia (como os materiais que a absorviam; vs. 20); mas mesmo assim ficavam imundos e tinham de ser purificados pelo fogo e pela água. Coisas que não ofereciam resistência ao fogo tinham de ser somente lavadas. Isso enfatiza uma lavagem *completa.* Ver Núm. 19.9 quanto à "água da impureza", ou seja, a água usada para *purificar* coisas de suas impurezas. Ver Heb. 9.13,14 quanto à aplicação neotestamentária, mediante o sangue de Cristo.

É provável que os metais tivessem de ser fundidos e refeitos, embora o texto sagrado não diga isso especificamente.

Simbolismo e Tipologia. Este versículo faz-nos lembrar I Cor. 3.13, que diz que a obra de cada homem será testada a fogo. Deus testa as nações com o fogo do ourives (Mal. 3.2). As obras do crentes precisam ser provadas como obras que têm valor. O fogo, pois, *revela o valor.* Aquelas que, segundo a mente divina, não têm valor, serão queimadas, mesmo que tenham tido valor para nós.

31.24

As vítimas da *sara'at* (infecções cutâneas, incluindo a lepra) precisavam lavar suas vestes. Pensava-se que essa infecção atingia vestes e a lavagem podia purificá-las. Mas a questão também envolvia um aspecto *ritual,* que simbolizava a purificação. Aqueles que tivessem matado algum ser vivo (incluindo seres humanos) e tivessem tocado cadáveres, deveriam submeter-se aos mesmos ritos a que se submetiam as vítimas da *sara'at.* Ver Lev. 14.9 quanto a essa cerimônia. Era requerido um período de espera, ou seja, um período de separação e obediência às leis da purificação, a saber, *sete* dias. Sete era o número da perfeição divina, que indicava algo completo, terminado. Ver as notas do artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia),* no *Dicionário.*

A Distribuição dos Despojos (31.25-54)

31.25

Os *despojos de guerra* eram distribuídos de acordo com detalhes intrincados, muito em consonância com a mente dos hebreus, que amavam os detalhes. O modo de distribuição desses despojos foi atribuído à inspiração divina.

Disse mais o Senhor. Temos aqui uma expressão de uso freqüente no Pentateuco, utilizada para introduzir novas seções de material, além de fazer-nos lembrar da doutrina da divina inspiração das Escrituras. Ver as notas em Lev. 1.1 e 4.1, que comentam o assunto de modo exaustivo. As ordens foram dadas por Yahweh a Moisés, o mediador entre Deus e o povo de Israel; e então foram transmitidas aos líderes do povo, nomeados para cuidar do processo. Eleazar, os sacerdotes, e os principais líderes do povo cuidariam para que a questão fosse devidamente executada. Ver os *oito* modos de comunicação mediante quais Moisés transmitia mensagens divinas a outras pessoas, em Lev. 17.2.

A DOUTRINA DE BALAÃO E SEUS RESULTADOS

Tenho, todavia, contra ti algumas cousas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem cousas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição.

Apocalipse 2.14

Eis que estas, por conselho de Balaão, fizeram prevaricar os filhos de Israel contra o Senhor, no caso de Peor... Pelejaram contra os midianitas, como o Senhor ordenara a Moisés: e mataram a todo homem... também Balaão, filho de Beor, mataram à espada.

Números 31.16,7,8

*** *** ***

PÉSSIMAS BARGANHAS

Na loja do diabo todas as coisas se vendem,
Cada grama de escória custa um quilo de ouro;
Por uma capa e sinetes pagamos com a vida,
Adquirimos bolhas com a tarefa inteira da alma.

James Russell Lowell

As incertezas do presente estado mortal.
Pausa agora, ó minha alma, para contemplares
Confessando, pelo fato inexorável que é mostrado.
Que para viver para o "eu" não há tempo;
Que fazer de Deus ao próprio "eu" não há rima.

Vivendo distante do desejo autêntico da alma
Será removido de ti o fogo central do universo.
O ar vivificado pela sua imensa graça
Trouxe esperança até este miserável lugar.
Não busques aqui, pois, lucro míope,
Para que não desprezes aos mundos eternos.

Russell Champlim, meditando sobre I Pedro 1.24

Os *versículos que se seguem* alistam laboriosamente todos os despojos, sob a forma de vida humana e animal (o que restara da execução em massa), e sob a forma de bens materiais. Os beneficiários dos despojos foram: 1. os soldados; 2. o sacerdócio (os serviçais de Yahweh, que se ocupavam do culto ao Senhor); 3. o povo de Israel em geral.

Distribuição dos Despojos (em Animais) (Núm. 31.25-47):

	Ovelhas	*Bois*	*Jumentos*	*Totais*
Guerreiros (metade do total)	337.50	36.000	30.500	404.000
Yahweh e o sacerdócio	- 675	- 72	- 61	- 808
Guerreiros retiveram	336.825	35.928	30.439	403.192
O povo (metade do total)	337.500	36.000	30.500	404.000
Yahweh e o sacerdócio	- 6.750	- 720	- 610	- 8.080
O povo reteve	330.750	35.280	29.890	395.920

Os dados essenciais deste gráfico devem-se a Eugene H. Merril, *in loc.*

A porção que coube ao sacerdócio foi usada para sustentar o culto no tabernáculo.

Pessoas como Despojos. Os soldados ficaram com dezesseis mil virgens midianitas. Trinta e duas delas foram dadas ao sacerdócio, provavelmente como escravas para ajudarem em tarefas variadas no culto. Ver I Sam. 2.22. As demais mulheres foram distribuídas entre os homens de Israel que não se encontravam entre os doze mil soldados.

31.26

Os despojos foram *classificados* de acordo com as seguintes categorias: 1. Animais. 2. Seres humanos. 3. Bens materiais. Os despojos humanos limitaram-se a meninas e jovens, todas elas virgens (vss. 17 e 18). Visto que tinha havido uma *guerra santa,* Eleazar, o sumo sacerdote, foi a principal autoridade nessa distribuição. Os *beneficiários* dos despojos foram: 1. Os guerreiros. 2. Os sacerdotes (Yahweh e o culto do tabernáculo). 3. Os israelitas (varões) que não tinham seguido para o campo de batalha juntamente com o grupo seleto de doze mil homens (ver Núm. 31.4). (Ver o gráfico no versículo anterior.) Eleazar foi ajudado na distribuição pelos *líderes* das doze tribos, e estes foram ajudados por muitos subordinados, visto que a tarefa foi imensa.

Tipologia. Aqueles que cumprem bem o seu dever não deixarão de receber o seu galardão da parte do Senhor. Deus mostra-se extremamente generoso na distribuição de galardões ou recompensas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Galardão* e *Coroas.* A vida cristã assemelha-se a uma guerra (ver Efé. 6.11 ss. e I Cor. 3.14).

"Não é um tolo aquele que dá aquilo que não pode reter, a fim de ganhar aquilo que não pode perder" (James Elliott, missionário evangélico martirizado por índios do Equador).

31.27

Divide a presa. Os despojos deviam ser divididos em partes iguais entre os guerreiros (os doze mil; vs. 4) e os demais varões de Israel. Essa última metade provavelmente devia ser distribuída por meio dos chefes de clãs ou famílias. Ver o gráfico sobre o vs. 25 deste capítulo, que ilustra a divisão dos despojos humanos, animais ou bens materiais. Ver Jos. 22.8 quanto a uma regra similar. Uma divisão formal de despojos de guerra foi feita nos dias de Davi (ver I Sam. 30.24,25). Cf. também Sal. 68.12.

31.28

Yahweh também compartilharia dos despojos mediante a porção que coubesse ao sacerdócio e para sustento do culto no tabernáculo. O *tributo* seria de um quinhentos avos; e isso aplicava-se a todos os três tipos de despojos: animal, humano e material. Ver o gráfico no vs. 25 deste capítulo, quanto aos números envolvidos. Por exemplo, 1/500 foi extraído do número total de ovelhas, que foi de 337.500, ou seja, o tributo foi de 675 ovelhas. Os *sacerdotes* foram os beneficiários desse tributo.

31.29

Da metade que lhes toca. Ou seja, da metade do total que cabia aos guerreiros, as 337.500 ovelhas, os 36.000 bois e os 30.500 jumentos, ou então, o grande total de 404.000 animais. E outro tanto no tocante a pessoas e bens materiais, dos quais 1/500 foi entregue a Eleazar, o sumo sacerdote, como *oferenda* a Yahweh. Uma *guerra santa* tivera lugar, da qual resultaram aqueles despojos; e era apenas justo que o sacerdócio recebesse uma parte. *Yahweh* tinha dado a vitória; e, em senso de gratidão, um tributo devia ser pago ao Senhor, pela vitória concedida.

31.30

O povo em geral recebeu metade dos despojos. Dessa metade, 1/50 devia ser dado a Yahweh, como tributo. Por exemplo, o povo havia recebido 337.500 ovelhas, e assim, foram dadas para o culto no tabernáculo 6.750 ovelhas. Ver o gráfico no vs. 25 quanto a todas as quantidades. Os beneficiários desses despojos foram os *levitas,* muito mais numerosos que os sacerdotes (os beneficiários referidos no vs. 28), e assim, mui naturalmente, teriam de receber despojos mais abundantes.

Este versículo deixa claro que essa porcentagem (dois por cento) aplicava-se a todas as formas de despojo: as pessoas (jovens virgens), os animais e os bens materiais. O Targum de Jonathan informa-nos que as virgens se tornaram escravas ou foram dadas aos levitas e seus filhos, como esposas ou concubinas.

Observemos que, da porção que coube ao povo, foi extraído um tributo de 1/50; mas, da porção que coube aos guerreiros, o tributo foi de apenas 1/500. Isso significa que os soldados de Israel ficaram com uma proporção maior de animais, virgens e bens materiais do que a população em geral. Os guerreiros enfrentaram os perigos da guerra e eram merecedores dessa maior proporção. Diz um antigo hino: "Como pensaríamos em ganhar um grande galardão, se agora evitarmos a luta?". Ver as notas sobre o vs. 26 deste capítulo, quanto à *tipologia* dos galardões conferidos pelos serviço espiritual que prestamos.

31.31

Fizeram como o Senhor ordenara. Este versículo uma vez mais enfatiza a obediência a Yahweh, por parte do povo de Israel. Essas observações sobre a obediência também eram um recurso literário que o autor sagrado usou para indicar fim de seções de sua obra escrita. Ver acerca disso as notas expositivas sobe Núm. 1.54. *A vontade de Yahweh* é sempre apresentada como o grande motivo de todos os atos dos líderes da teocracia de Israel.

De coração verdadeiro e por inteiro,
Fiel e também leal;
Rei das nossas vidas,
Ele sempre haverá de ser.

(Frances R. Havergal)

31.32-46

Os vss. 32 a 46 deste capítulo nos dão os números de cada item dos despojos, sob a forma de seres humanos ou de animais; mas os vss. 50 ss. abordam os despojos materiais, como metais preciosos. Nesses versículos, nada aparece que já não tenha figurado no gráfico que há nas notas sobre o vs. 25 deste capítulo. Os guerreiros também receberam bens materiais como despojos, mas uma porção desses bens foi entregue como oferta voluntária a Yahweh.

31.47

Este versículo repete a informação que nos foi dada no vs. 30 deste capítulo, pelo que compreenderemos que sobre tudo incidiu certo tributo divino. Devemos dar daquilo que o Senhor nos tiver feito prosperar. Dando ao Senhor uma parte, teremos *toda a abundância,* e assim poderemos abundar em toda boa obra (ver II Cor. 9.8 e seu contexto geral). O ato de receber qualquer coisa da parte de Deus sempre nos impõe a responsabilidade de mostrar-nos *generosos* com nossos semelhantes. Isso faz parte da lei do amor. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor.* Mohammad Ali declarou com muita razão que todo o dinheiro que damos a outras pessoas é o *aluguel* que pagamos por estarmos neste mundo. Ninguém pode esperar viver de graça. Todos temos uma dívida de gratidão por aquilo que a Vontade Divina nos tiver dado.

As mãos que ajudam são mais santas do que os lábios que oram.

(Robert Green Ingersoll)

Era forasteiro e me hospedastes.

(Mateus 25.35)

31.48,49

Nenhum falta dentre eles e nós. Yahweh havia realizado um estupendo milagre. Embora a batalha tivesse sido longa e dura, e embora os midianitas tivessem sido quase inteiramente obliterados, Israel não perdera um único homem! Isso, como *tipo simbólico*, ensina-nos o poder da *obediência*. Aqueles que se mantêm dentro da vontade de Deus são protegidos pelo Senhor. Esses são capazes de terminar triunfalmente a missão que Deus lhes tiver dado. Com base nessa demonstração da graça de Deus, os guerreiros de Israel ansiavam por dar parte dos bens materiais, adquiridos na guerra, a Yahweh.

Quão belo é andar nos passos do Salvador,
Andando na Luz, andando na Luz.
Quão belo é andar nos passos do Salvador,
Guiado por veredas de luz.

(E. E. Hewitt)

Nenhum soldado israelita se perdeu. "Um feito notável e jamais ouvido... sem paralelo na história" (John Gill, *in loc.*). Durante a Segunda Guerra Mundial, houve um regimento do exército britânico no qual todos os homens liam o Salmo 91 todos os dias; e nenhum de seus componentes se perdeu.

31.50

Trouxemos uma oferta ao Senhor. Agradecidos, os guerreiros israelitas, que tinham recebido parte dos despojos materiais, trouxeram uma oferta voluntária a Yahweh. E essa oferenda serviria para sustentar o sacerdócio e o culto no tabernáculo.

Para fazer expiação. Os itens preciosos foram divididos com os sacerdotes, e um sacrifício expiatório foi feito por sua vez. Eles tinham muitos bens materiais, mas também estavam interessados no bem-estar de suas almas. Expiação também incluía o rito da purificação, por haverem os soldados tocado em cadáveres. Ver Lev. 1.4; Núm. 19.18 ss. e 31.19-24.

31.51

Moisés e o sacerdote Eleazar. Eles receberam as oferendas voluntárias sob a forma de bens materiais (os itens listados no versículo anterior), porquanto eles eram os responsáveis pela distribuição de bens entre os sacerdotes.

Ouro. É possível que esse vocábulo represente todos os itens valiosos, e não apenas aqueles especificamente feitos desse metal precioso. Mas também é possível que todos aqueles itens fossem feitos de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jóias e Pedras Preciosas*.

31.52

Todo o ouro. O valor total das oferendas voluntárias consistiu em dezesseis mil, setecentos e cinqüenta *siclos*. Ver notas informativas adicionais em Êxo. 30.13 e Lev. 27.25. Não há como fazer a comparação entre esse peso, o siclo, e o valor corrente do dinheiro, em dólares ou reais. Dizer "vários milhões de dólares", conforme li em uma de minhas fontes informativas, é falar em um sentido totalmente vago. Ao que parece, um *siclo* era o que um homem comum poderia esperar ganhar em um mês de trabalho nos campos. E isso talvez nos forneça alguma idéia da imensidade das ofertas voluntárias que foram trazidas ao serviço do Senhor.

Capitães de mil... capitães de cem. Os representantes dos guerreiros foram os que apresentaram ao Senhor a oferta voluntária dada pelo exército ao culto ao Senhor. Esses homens eram diretamente responsáveis diante dos generais, Josué e Eleazar.

31.53

O texto bíblico não deixa a questão absolutamente clara, embora este versículo permita-nos entender que os guerreiros tinham conquistado em batalha todos aqueles bens materiais, pelo que os despojos lhes pertenciam por direito. No entanto, contribuíram voluntariamente com *parte* desses bens (vss. 50-52). Não somos informados quanto à *porcentagem* que foi dada a Yahweh; mas a soma referida no versículo anterior mostra que as dádivas foram dadas com liberalidade. Tendo recebido gratuita e liberalmente, eles também contribuíram de forma gratuita e liberal (ver Mat. 10.8).

31.54

Moisés e o sacerdote Eleazar. Segundo já tínhamos sido informados no vs. 50, foram eles que receberam os bens materiais. E a tarefa deles era averiguar que esses bens fossem devidamente usados para sustento do sacerdócio e do culto no tabernáculo.

Como memorial. Não somos informados sobre como foi estabelecido um memorial. Talvez tudo quanto esteja em foco seja que "o povo sempre se lembraria do que tinha acontecido", pelo que a oferenda dos guerreiros nunca seria esquecida. E o texto sagrado continua fazendo-nos saber, *até hoje*, o prodígio que aconteceu naquele dia entre os guerreiros de Israel, embora já se tenham passado nada menos de três mil e quatrocentos anos! "... pois as suas obras os acompanham" (Apo. 14.13). Lembrando-nos dos triunfos passados, somos encorajados a continuar lutando. Pergunta um antigo hino: "Como pensaríamos em ganhar um grande galardão, se agora evitarmos a luta?".

"Isso serviu de tributo à fidelidade e à bênção de Deus. Cf. I Crô. 18.11; II Crô. 15.18" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*. Essa narrativa provê uma ilustração significativa da providência divina.

Capítulo Trinta e Dois

Rúben e Gade Pedem Gileade (32.1-42)

A *alocação das terras* na Transjordânia coube às tribos de Rúben, Gade e Manassés, embora condicionada à disposição deles de ajudar outras tribos na luta pela conquista da terra de Canaã. Cf. Deu. 3.12-22 e Jos. 13.8-33. As tribos de Rúben e de Gade possuíam muito gado e rebanho de ovelhas, e precisavam de terras de pastagem. Essas terras estavam disponíveis em Jazer e Gileade (vs. 1). Permanece inexplicado *como* essas tribos prosperaram tanto criando rebanhos de gado vacum e ovino em uma terra desértica, onde a água era problema até mesmo para ser bebida. Alguns estudiosos supõem que a prosperidade mencionada tenha resultado da invasão da Terra Prometida, e não de algo posterior a essa invasão. Seja como for, as escolhas feitas por essas duas tribos e meia dependeram de boas terras de pastagem. Eles queriam estabelecer-se ali imediatamente, sem terem de atravessar o rio Jordão para o lado ocidental. Moisés deu-lhes tal permissão, e foi assim que teve início a invasão da Terra Prometida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Transjordânia*.

32.1

Quanto a detalhes das tribos mencionadas neste versículo, ver o *Dicionário*. Ver também a introdução a esse capítulo quanto ao conjunto de informações dadas neste capítulo 32.

"Essas tribos (Rúben e Gade) tinham ocupado um posição contígua em seus acampamentos, pelo espaço de trinta e oito anos (ver Núm. 2.10,14), e era apenas natural que tivessem desejado ficar permanentemente localizadas próximo uma da outra" (Ellicott, *in loc.*). Quanto à localização dos acampamentos das doze tribos de Israel, em volta do tabernáculo, ver o gráfico imediatamente antes da exposição sobre Núm. 1.1.

Terra de Jazer. Quanto a notas expositivas sobre esse lugar, ver Núm. 21.22. O nome dado aqui provavelmente assinala a fronteira mais oriental do território proposto. Jazer era uma cidade fronteiriça, entre os amorreus e os filhos de Amom (ver Núm. 21.24). Essa área consistia em ricas pastagens, motivo pelo qual foi escolhida pelas duas tribos.

Terra de Gileade. Há um detalhado artigo sobre esse lugar no *Dicionário*, pelo que não repito aqui as informações dadas ali. Esse território ficado ao sul do ribeiro do Jaboque. Era lugar muito fértil nos tempos de Moisés, embora hoje em dia seja um lugar desolado.

"Os lugares que podem ser identificados, mencionados em Núm. 32.3, jazem todos entre o rio Arnom ao sul, e o ribeiro do Jaboque, ao norte" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transjordânia*.

32.2

Moisés era o representante de Yahweh, e *Eleazar* era o sumo sacerdote diante de Yahweh. A distribuição as terras tinha de ser feita de acordo com a vontade divina. Isso posto, os representantes das tribos de Rúben, Gade e Manassés tiveram de pedir permissão para invadir as terras que pensavam que lhes eram apropriadas, especialmente em face do grande número de seus animais domesticados. Mas a permissão pedida só seria concedida às duas tribos e meia se elas ajudassem as demais na conquista da Terra Prometida (vs. 7). Ser-lhes-ia fácil estabelecer-se e gozar a vida, deixando que seus compatriotas se

ocupassem da conquista da Terra Prometida. Rúben, Gade e Simeão costumavam acampar-se no lado sul do Tabernáculo. Ver o gráfico imediatamente antes de Núm. 1.1. Era natural que as tribos de Rúben e Gade quisessem agora ficar contíguas uma à outra, como condição permanente.

32.3

Atarote... e Beom. Quanto à localização geral das nove cidades mencionadas aqui, ver as notas sobre o primeiro versículo deste capítulo. Ver também no *Dicionário* verbetes sobre cada uma dessas cidades. A cidade de Atarote é mencionada somente neste versículo em toda a Bíblia. No entanto, esse também é o nome de outras localidades do Antigo Testamento. O nome moderno da Atarote deste versículo é Khirbet Attarus. Ver o segundo ponto daquele artigo.

Dibom. No hebraico, "curso de rio".

Jazer. No hebraico, "fortificada". Ver Núm. 21.22 e comentários adicionais no vs. 1 deste capítulo.

Ninra. No hebraico, "límpida". Essa localidade só é mencionada, com esse nome, neste versículo, juntamente com aquelas cidades que formavam o distrito de Jazer, na terra de Gileade. Trata-se da mesma cidade chamada Bete-Ninra, no vs. 36 deste capítulo e em Jos. 13.27. Parece que ficou com a tribo de Gade. Ficava localizada perto do moderno *wadi Sha'ib*.

Hesbom. No hebraico, "fortim".

Eleale. No hebraico, "Deus (El) é exaltado".

Sebã. No hebraico, "juramento". Não deve ser confundida com Seba. Algumas versões portuguesas dizem aqui "Sebá". No vs. 38 deste capítulo é chamada também de *Sibma*.

Nebo. No hebraico, "altura". Várias outras localidades são assim chamadas no Antigo Testamento. Foi do *monte Nebo* (ver no *Dicionário*) que Moisés contemplou a Terra Prometida, embora proibido de nela entrar.

Beom. No hebraico, "senhor ou casa de On". Talvez se trate da mesma *Meom* (por meio de uma variante escribal), um dos lugares próprios para pastagem, perto dos lugares anteriormente mencionados. Também é chamada de Bete-Baal-Meom, em Jos. 13.17; de Baal-Meom, em Núm. 32.38 e Bete-Meom em Jer. 48.23.

32.4

É terra de gado. Assim argumentaram os homens das duas tribos e meia que ficaram no lado oriental do rio Jordão. Mas a distribuição das terras só podia ser feita de acordo com orientações explícitas da parte do Senhor. Moisés estava sendo guiado por Deus para saber quais regiões deviam ficar com quais tribos.

O fato é que as terras anteriormente mencionadas já estavam nas mãos dos filhos de Israel, mediante a vitória que eles já haviam obtido sobre os moabitas e os midianitas (capítulo 31). Portanto, Moisés não viu dificuldades em conceder permissão para que as tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés, se estabelecessem ali pacificamente. Mas Moisés também exigiu que os homens dessas duas tribos e meia ajudassem os demais israelitas a conquistar as terras a ocidente do rio Jordão, que continuavam em mãos de povos poderosos.

32.5

Não nos faças passar o Jordão. As tribos de Gade, Rúben e metade de Manassés queriam ficar na Transjordânia, pois ali havia terras de pastagens próprias para quem era possuidor de gado. "Dirigindo sua argumentação a Moisés, o governante da congregação, fizeram-no de maneira modesta, decente e respeitável" (John Gill, *in loc.*), procurando convencê-lo a satisfazer-lhes o pedido. Rúben e Gade tinham-se acampado juntas (com Simeão), por trinta e oito anos, no lado sul do tabernáculo, e agora queriam continuar juntas, de maneira permanente. Ver o gráfico imediatamente antes de Núm. 1.1, que demonstra como se dispunham os quatro acampamentos de Israel.

32.6

Irão vossos irmãos à guerra, e ficareis vós aqui? As duas tribos e meia não ficariam isentas da guerra, enquanto os demais israelitas tivessem de continuar lutando. Assim, a Transjordânia só ficaria com elas se se comprometessem a ajudar as outras tribos na conquista do resto da Terra Prometida.

Na civilização não há lugar para o ocioso.
Nenhum de nós tem direito ao lazer.

(Henry Ford)

Não tenho inimigos a enfrentar?
Não preciso estancar o dilúvio?
...
Devo ser transportado aos céus
Em leitos floridos de lazer,
Enquanto outros lutam para ganhar o prêmio,
Velejando por mares sangrentos?

(Isaac Watts)

A conquista da Terra Prometida precisava ser um esforço coletivo. Ajudar-nos a *nós mesmos* não basta. Devemos ajudar outras pessoas. Essa é a lei do amor, o aspecto mais importante de toda a lei. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*.

Pacifismo? Alguns intérpretes usam este texto como argumento contra o pacifismo. Ver sobre esse assunto na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

32.7

Por que, pois, desanimais...? Moisés vislumbrou a distante possibilidade de que as *demais* tribos de Israel sentir-se-iam desencorajadas a lutar, matar e debater-se diante da morte, enquanto as tribos de Rúben e Gade, e a meia tribo de Manassés, desfrutassem uma vida folgada com seu gado, seus rebanhos e sua prosperidade material.

Esse verbo, "desanimar", deriva-se de um termo hebraico que também pode significar "alienar", "desviar". Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés poderiam alienar Israel do propósito de invadir a Terra Prometida. O vs. 9 deste capítulo emprega essa mesma palavra hebraico, ao dizer como os espias que tinham trazido um relatório negativo, haviam *alienado* Israel do propósito de invadir a terra de Canaã. Embora fosse legítimo que as duas tribos e meia tomassem conta das terras que desejavam, na Transjordânia, a *maneira* como isso estava sendo pleiteado podia fazer dissipar a vontade e a disposição de os demais israelitas enfrentarem o perigo.

32.8

Assim fizeram vossos pais. Moisés apelou para um exemplo histórico e bem conhecido de desencorajamento. A geração anterior dos israelitas tinha incorrido em erro similar, àquele que agora queriam perpetrar as duas tribos e meia, e isso em um instante extremamente crítico. A geração anterior de israelitas havia incorrido em erro similar em Cades-Barnéia (ver a respeito desse lugar e daquele incidente no *Dicionário*). Dez dos doze espias que tinham sido enviados trouxeram de volta um relatório negativo e covarde, e assim conseguiram desviar a mente dos israelitas do propósito de invadir a Terra Prometida. E aquela geração perdeu sua oportunidade para sempre. O capítulo 13 deste livro de Números conta essa triste história. Ver Núm. 13.26 quanto à menção de Cades-Barnéia em conexão com o incidente.

Os vss. 8-13 deste capítulo fornecem uma espécie de sumário dos capítulos 13-(?) de Números. E isso foi usado como advertência às duas tribos e meia potencialmente "separatistas", a fim de que não incorressem no mesmo grave erro em que tinham caído os seus "pais", cerca de quarenta anos antes.

32.9

Chegando eles até ao vale de Escol. Ver Núm. 13.17,23,24 quando a esse incidente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escol*. Essa palavra significa "cacho de uvas". Era também o nome próprio de um chefe dos filhos de Amom. Ver o segundo ponto daquele verbete.

A guerra santa obrigava *todos* os membros da confederação de Israel (ver Deu. 33.21) a empenhar-se pela libertação da Terra Prometida. O mau exemplo dado em Escol seria fatal, se fosse seguido. Os espias tinham visto "gigantes" na Terra Prometida, e acovardaram-se diante do que pensaram ser uma tarefa impossível (ver Núm. 13.32,33). Quão humano foi tudo isso! As tarefas que às vezes temos de enfrentar são como gigantes; pois olvidamos que dispomos dos recursos do poder de Deus. Eventualmente, Israel lutou e derrotou os gigantes, mas havia perdido uma oportunidade anterior que lhe custara quarenta anos de perambulações pelo deserto. Os gigantes podem ser derrotados se usarmos os recursos de que já dispomos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

32.10

A ira do Senhor se acendeu. Deus se havia indignado contra os ofensores. Naturalmente, essa idéia de Deus irar-se é uma expressão antropomórfica e

antropopatética. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Atribuímos a Deus nossos próprios atributos e sentimentos. Essa é uma maneira fraca e perigosa de tentar falar sobre Deus, mas essa limitação nos é imposta pela nossa condição humana.

A ira de Yahweh levou-O a retaliar contra os rebeldes, conforme somos informados no versículo que se segue. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus.* Moisés estava dizendo: "Se vocês, tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés, forem adiante com esses planos e não ajudarem o resto do povo de Israel a derrotar os inimigos, alguma espécie de praga divina haverá de atingir vocês, tal como aconteceu com os seus pais".

32.11

Este versículo reitera a essência do trecho de Núm. 14.28,29, pelo que o leitor deve examinar as notas expositivas sobre esses dois versículos. Temos adicionado aqui a promessa do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito, em Gên. 15.18). Essa promessa incluía a possessão da Terra Prometida. Quando a taça da iniqüidade dos povos cananeus estivesse cheia, então os povos pagãos seriam expulsos da Terra Prometida, por causa de seus muitos pecados, que eles vinham acumulando fazia muitos séculos. Ver Gên. 15.16. Era questão séria tentar impedir Israel de tomar posse da Terra Prometida, que a vontade de Deus havia dado a Abraão e ao povo que dele descendia. Notemos que o autor usa os três grandes nomes associados ao pacto abraâmico como *patriarcas* (com os quais o pacto fora dado ou confirmado): Abraão, Isaque e Jacó. O uso desses nomes emprestava grande solenidade ao mandamento de ajudar na invasão da Terra Prometida.

Há um antigo dito popular que reza que a oportunidade bate na porta da nossa vida apenas uma vez, mas, pela graça de Deus, bateu uma segunda vez em favor do povo de Israel.

Quatro coisas não voltam:
A palavra dita; a flecha atirada;
O tempo passado; a oportunidade perdida.

(Omar Ibn)

32.12

Exceto Calebe... e Josué. Eles formavam as *duas únicas exceções.* Devido à sua sábia decisão, eles deviam ter sido emulados pelos homens de Israel quarenta anos antes. Ver Núm. 14.30, onde essa informação é dada e comentada. Ver também Núm. 14.24, onde *Calebe* é destacado para ser elogiado, antes mesmo de sermos informados de que houve outro homem, Josué, que também trouxera um relatório positivo. Esses dois homens "perseveraram em seguir" a Yahweh (ver Núm. 14.24). Os outros dez espias mostraram-se deficientes quanto à visão espiritual e quanto à fé, quanto à capacidade de decidir e agir certo.

Jefoné. Ver as notas sobre ele em Núm. 13.6.

Quenezeu. Ver Gên. 15.19 sobre esse termo, e ver no *Dicionário* sobre o termo *Queneus.* Todas essas pessoas estavam relacionadas umas com as outras. Comentei especificamente sobre o relacionamento entre Calebe e o *quenezeu,* na referência em Gênesis.

32.13

Fê-los andar errantes. Esse foi o *horrendo resultado* da desobediência — perda de oportunidade, perda de tempo e a morte da geração mais antiga. Nenhum dos incrédulos entrou na Terra Prometida, naquela geração, com a exceção exclusiva de Calebe e Josué. Ver o vs. 11 deste capítulo e Núm. 14.28-30 quanto ao relato e à ameaça que foi cumprida à risca. O deserto os "consumiu", conforme também vemos em Núm. 14.35, e onde a questão é comentada. Visto que os espias estiveram examinando a Terra Prometida por *quarenta* dias, mas não prestaram um bom relatório, por isso mesmo o povo de Israel precisou ficar vagueando por *quarenta* anos, por se terem deixado desencorajar a agir de acordo com o relatório positivo de Josué e Calebe. Ver as notas sobre Núm. 14.34 a respeito disso.

Quanto Moisés proferiu essa palavra, relembrando os israelitas (em termos que soavam claramente como uma ameaça), toda a antiga geração incrédula já havia morrido. Naturalmente, Moisés também continuava vivo, mas sua morte era iminente. Somente Calebe e Josué escapariam da maldição contida naquela profecia.

32.14

Vos levantastes em lugar de vossos pais. Há um ditado popular que diz: "Tal pai, tal filho". Esse era o perigo que Moisés estava percebendo com clareza. E, em sua ansiedade, tinha acusado as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés de quererem seguir o mau exemplo de seus pais. Aqueles com quem agora Moisés estava falando tinham substituído seus pais desobedientes, e agora eram cabeças das suas respectivas tribos. O antigo retrocesso podia tornar-se agora um retrocesso presente. Dessa forma, eles apenas *aumentariam* os pecados de seus pais, incorrendo, necessariamente, na ira de Yahweh. Como eles poderiam pensar que escapariam da ira divina se fizessem as mesmas coisa que seus pais tinham feito? A lei da colheita segundo a semeadura não falharia. Platão chegou a afirmar que a pior coisa que um homem pode fazer é agir errado mas não ser punido por causa disso. Quando isso acontece, a alma do tal homem é corrompida, e isso constitui uma calamidade espiritual. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e *Ira de Deus.*

32.15

Se não quiserdes segui-lo. Se as duas tribos e meia *abandonassem* agora Israel, então todo o Israel acabaria no deserto novamente. Um povo desobediente sofreria de novo destruído, e as duas tribos e meia seriam acusadas pela calamidade. Ver Núm. 14.43 quanto a algo similar ao que lemos neste versículo. Yahweh não haveria de acompanhar um povo rebelde; e, uma vez abandonado, tal povo por certo seria destruído. Talvez haja uma referência à *arca,* onde se manifestava a presença de Yahweh. Se a arca da aliança não fosse seguida à batalha, a presença de Deus afastar-se-ia. Por conseguinte, Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés precisava seguir juntamente com o resto do povo de Israel, seguindo a arca da aliança até onde houvesse alguma batalha.

Promessas Feitas pelas Duas Tribos e Meia (32.16-19)

32.16

Se essas duas tribos e meia tinham a intenção de abandonar os demais israelitas, naquele momento crucial, então os apelos e as ameaças de Moisés mudaram a atitude deles. "As duas tribos expressaram a sua disposição de participar *plenamente* da invasão e conquista da terra de Canaã, até que o povo de Israel tivesse conquistado a sua herança. Foi proposto que eles construiriam currais para o gado e cidades para as suas mulheres e crianças; e então brandiriam armas e se apressariam diante do povo de Israel" (John Marsh, *in loc.*).

Naturalmente, conquistariam as cidades dos amorreus, as quais passaram de mãos. É provável que as *cidades* referidas aqui sejam essas cidades. Os israelitas repararam e fortificariam o que já existia. Construir e fortificar novas cidades teria tomado tempo demais. Ver o vs. 26 deste capítulo, que parece dar a entender isso. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Transjordânia.*

32.17

Uma vez que tivessem reconstruído e fortificado as cidades destruídas, pertencentes aos povos que antes haviam ocupado o território, não somente iriam à batalha, mas também iriam *adiante de todos* os demais israelitas, como a vanguarda do exército invasor. Provavelmente, também, certo número de homens ficaria para trás, a fim de defenderem, se necessário fosse, as cidades fortificadas, para que as mulheres e as crianças estivessem em segurança.

Em Números 1.2 forneci os números dos dois censos. Rúben e Gade dispunham de uma força de homens de vinte anos para cima, capazes de ir à guerra, totalizando mais de oitenta mil homens. Isso era suficiente para deixar para trás a muitos homens, ao mesmo tempo em que muitos mais poderiam acompanhar as demais tribos para a conquista da Terra Prometida. O trecho de Josué 4.13 informa-nos que, das tribos de Rúben, Gade e da meia tribo de Manassés, somente quarenta mil homens armados cruzaram o rio Jordão, a fim de ajudar a seus irmãos na invasão. Isso significa que praticamente a metade dos homens das duas tribos e meia ficaram para trás, e que a outra metade atravessou o rio para ajudar na invasão. Isso deve ter sido feito com a aprovação (e direção) de Josué, como proporções adequadas para a tarefa.

Até que os levemos ao seu lugar. Eles enviariam um numeroso contingente de soldados, os quais continuariam guerreando até que o propósito global de Israel, naquela invasão, tivesse cumprimento. Assim declara o versículo 18, em outras palavras.

32.18

De posse, cada um da sua herança. O povo de Israel precisava herdar a totalidade da Terra Prometida, e não somente porções. Apesar de ser verdade que a conquista plena teria de esperar pelos dias de Davi, ainda assim a invasão original foi bastante extensa. A Terra Prometida é aqui chamada de *herança* porque pertencia, por direito, aos descendentes de Abraão. O doador era Yahweh, o Pai Espiritual. Ver Gên. 15.18 e suas notas expositivas quanto ao Pacto Abraâmico, onde a herança da Terra Prometida figura com proeminência.

Assim sendo, a *guerra santa* foi considerada uma obrigação sagrada para toda a federação, incluindo Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés. Ver Deu. 33.21. Essas duas tribos e meia tinham escolhido a "melhor" porção do território; mas, à semelhança de um leão, também ajudariam as demais tribos a obter suas respectivas porções. O trecho de Josué 22.1-4 mostra que as duas tribos e meia mantiveram de pé a sua promessa. Josué enviou-as em paz para suas terras, e com a sua bênção, somente relembrando-lhes que deviam observar todos os mandamentos de Yahweh.

32.19

Já temos a nossa herança. "Herança" continuava sendo a palavra-chave, porquanto falava do território que lhes vinha do patriarca Abraão e do Pai espiritual deles, Yahweh. A terra *pertencia* a Israel por decreto divino, e passaria de pai para filho, como herança perpétua. O trecho de Deuteronômio 33.20 ss. mostra que as terras herdadas por Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés eram as *melhores,* e o relato da invasão mostra-nos que eles terminaram merecendo o pedido que tinham feito.

Deste lado do Jordão ao oriente. Ou seja, a Transjordânia, ao passo que "doutro lado do Jordão" aponta para a terras a ocidente desse rio.

A distribuição das terras, conforme pensavam os filhos de Israel, dependia da providência divina. E isso, como é claro, foi precisamente o que aconteceu. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.*

Moisés Concede a Petição (32.20-33)

32.20

Se isto fizerdes assim. Os argumentos das duas tribos e meia tinham sido convincentes; e Moisés percebeu que elas haviam falado com sinceridade. O trecho de Josué 22.1-4 mostra-nos que todas as promessas foram cumpridas, e que a aceitação dos argumentos das duas tribos e meia, por parte de Moisés, era plenamente justificada. A *guerra santa* exigia que a nação inteira entrasse em ação, a fim de que todo o povo de Israel pudesse ser abençoado e obtivesse a vitória. Yahweh é retratado como quem *participava* da guerra. A arca da aliança seria levada à batalha, e a presença do Senhor far-se-ia presente. A *palavra falada* era tida como de suprema importância, além de ser obrigatória, mesmo que não fosse proferida em meio a um juramento. Mas a promessa dada foi igual a um voto. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Voto* e *Juramentos.*

"Se a ordem de marcha, prescrita no segundo capítulo do livro de Números, ainda estivesse em vigor, pode haver uma referência ao fato que as duas tribos e meia — Gade, Rúben e a meia tribo de Manassés — (as duas primeiras tinham-se acampado no lado sul do tabernáculo) seguiram à frente da arca (ver Núm. 10.18-22), tal como as tribos de Efraim, Benjamim e Manassés vinham logo depois da arca (Sal. 80.2)" (Ellicott, *in loc.*). Lemos em Josué 4.5,11 como a arca era transportada. Na batalha de Jericó, parece que a arca foi transportada em meio às hostes, e não sua na vanguarda (ver Jos. 6.9).

"O pendão de Rúben marchava diretamente defronte do santuário, transportado pelos coatitas (Núm. 10.18,21), pelo que poder-se-ia dizer com razão que seguia *perante o Senhor*" (John Gill, *in loc.*).

32.21

E cada um de vós armado. As tropas de Rúben, Gade e da meia tribo de Manassés *prosseguiriam* até que a tarefa da conquista terminasse. Essa era a condição para elas ficarem com as terras a oriente do rio Jordão. E foi isso que elas prometeram fazer (vs. 18). E, de acordo com Josué 22.1-4, assim elas fizeram. Ver Jos. 3.11,17 e 14.12,13 quanto a aspectos dessa marcha.

32.22

Sereis desobrigados perante o Senhor. As duas tribos e meia só seriam consideradas *inocentes* se cumprissem cada promessa feita, até que a invasão tivesse obtido sucesso. Cf.-o vs. 14, onde Moisés salientou que aquelas duas tribos e meia *agravariam* os pecados de seus pais se não fossem fiéis. Lembremos que os pais deles, cerca de trinta e oito anos antes, tinham-se negado, devido à incredulidade, a entrar na Terra Prometida. Esse agravamento do pecado dar-se-ia porque estariam desobedecendo a uma ordem direta, da parte de Yahweh, para se apossarem da Terra Prometida. Uma tremenda calamidade seria o resultado natural da desobediência. Assim sendo, a guerra santa envolvia o *princípio moral* da obediência a Yahweh. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dever.*

O correto cumprimento do dever garantiria a bênção de ficarem exatamente com as terras que haviam requerido. Ver Deu. 3.12-20; Jos. 13.15-33, onde vemos o cumprimento da promessa feita por Moisés.

32.23

Este versículo repete as informações dadas nos vss. 14 e 22. Pecado e culpa estavam envolvidos na desobediência.

Vosso pecado vos há de achar. Talvez esse final deste versículo seja o mais bem conhecido de todos os versículos do livro de Números. Praticamente toda criança de Escola Dominical conhece de cor essas palavras, mesmo que não saiba dizer de onde elas derivam. Trata-se de uma *declaração enfática* que versa sobre a lei da colheita segundo a semeadura, conforme a vemos claramente expressa em Gálatas 6.7,8. Ver comentários sobre esses dos versículos no *Novo Testamento Interpretado.* Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

"Este é um dos grandes textos do livro de Números, ou mesmo da Bíblia toda. Precisamos ouvir mais sobre isso, e não menos, em nossas igrejas... O pecado não é aqui concebido como uma abstração, mas quase como um poder pessoal, ativo e inteligente. Porventura a *nossa* própria experiência pessoal não dá testemunho da verdade dessa afirmação? As pessoas normais tentam, invariavelmente, esconder seus pecados; mas o pecado parece possuir uma diabólica determinação de não permanecer escondido" (Albert George Butzer, *in loc.*).

"O pecado haveria de estampar-se na fisionomia deles acusando-os em suas consciências, carregando e sobrecarregando-os com o senso de culpa e impondo a eles um merecido castigo... O pecado, mais cedo ou mais tarde, encontrará o pecador impenitente e não-perdoado" (John Gill, *in loc.*).

O temor de algum poder divino e supremo mantém os homens na obediência.

(Robert Burton)

O cumprimento do dever espiritual,
em nossa vida diária, é vital à nossa sobrevivência.

(Winston Churchill)

32.24

A aceitação da proposta, por parte de Moisés, incluía a reconstrução das cidades que as duas tribos e meia (Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés) tomassem dos habitantes originais do território. Isso já foi comentado nas notas sobre o vs. 16. Não haveria tempo para *iniciar* e terminar a edificação de cidades fortificadas. Ver o vs. 17 deste capítulo sobre como parte dessas duas tribos e meia permaneceriam na Transjordânia a fim de defender seu novo território, ao passo que a outra metade dos homens de guerra cruzaria para o lado ocidental do rio Jordão, a fim de ajudar as demais tribos na conquista da Terra Prometida.

32.25

Assim farão teus servos. Todos os envolvidos tinham atingido um acordo quanto a todos os pontos; assim, os representantes das duas tribos e meia aceitaram todas as condições. Moisés era a autoridade que cumpria a vontade de Yahweh. Assim, em última análise, eles estavam obedecendo ao *Senhor.*

32.26

Em consonância com seu estilo literário de repetição, o autor sacro reitera aqui o que já tinha dito no vs. 16 deste capítulo. Agora temos a repetição da área geral que seria ocupada, a saber, a região de Gileade, juntamente com Jazer, conforme já tínhamos visto no terceiro versículo deste capítulo. Essas localizações geográficas também foram descritas, em artigos separados, no *Dicionário,* onde o leitor também deve examinar o verbete chamado *Transjordânia.*

32.27

O autor sagrado prosseguia em suas reiterações. Encontramos aqui a mensagem dos vss. 6,7,17,18,20,21. Ver as notas sobre o vs. 17 quanto ao potencial numérico deles — quantos foram enviados ao lado ocidental do rio Jordão, e quantos permaneceram para defender seus territórios recém-adquiridos. Ver Jos. 4.13 e suas notas expositivas quanto ao número dos que foram para a guerra.

32.28

Então Moisés deu ordem. Moisés, sendo o comandante-em-chefe, agora orientou a Eleazar, o sumo sacerdote, que brandia a autoridade religiosa mais alta. A *guerra santa* requeria a aprovação de Eleazar. Josué, o general de todas as forças de Israel, aceitou a petição das duas tribos e meia, de acordo com as *condições* estabelecidas por Moisés. Os vss. 28-32 repetem o que já tinha sido

dito antes, de acordo com o estilo literário repetitivo do autor sagrado. Moisés informou a seus dois principais subordinados sobre o plano com o qual eles deveriam cooperar. O próprio Moisés em breve haveria de morrer, e tomar-se-ia responsabilidade daqueles dois homens cumprir todos os desejos dele, executando os planos da batalha e da invasão, além da tomada de posse da terra e a distribuição da mesma.

32.29

Este versículo repete a mensagem dos vss. 2 a 4 deste capítulo (o pedido da possessão de áreas da Transjordânia, a leste do rio Jordão); como também dos vss. 16-18, 21-24, que mostram as condições mediante as quais a solicitação foi concedida.

32.30

A *Transjordânia* não deveria ser dada às duas tribos e meia enquanto não ajudassem seus compatriotas na batalha pelas terras a oeste do rio Jordão. Mas, se as condições não fossem cumpridas, então as duas tribos e meia também teriam de combater para possuir terras no lado ocidental do rio Jordão, obtendo herança na terra de Canaã (ver a respeito no *Dicionário*). "Canaã", neste ponto, refere-se às terras a ocidente do rio Jordão, em contraste com as terras a oriente desse rio, a Transjordânia.

32.31

Moisés informou Eleazar e Josué sobre o acordo a que se havia chegado. Rúben, Gade e a metade da tribo de Manassés tinham feito uma promessa solene de que cooperariam com as demais tribos, como condições da possessão de áreas da Transjordânia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Transjordânia*. No original hebraico, as duas tribos e meia responderam usando os verbos no singular, como se fossem um único homem. Eles atenderiam à vontade de Yahweh, porquanto Ele era o invisível Comandante-em-chefe, o Cabeça dos exércitos que estavam executando o Seu plano de possessão do território que havia sido prometido a Abraão (ver sobre o vs. 11).

32.32

Este versículo repete a promessa das duas tribos e meia — Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés — de que cruzariam para a parte oeste do rio Jordão, a fim de ajudarem na conquista do território. Ver as notas sobre os vss. 17 e 27 deste capítulo. "E isso foi reiterado por várias vezes, como *confirmação*, para garantir que tudo seria feito de acordo com o verdadeiro intuito da invasão" (John Gill, *in ioc.*). "Uma vez mais, os rubenitas e gaditas comprometeram-se a fazer tudo quanto haviam prometido (vss. 31 e 32; vss. 16-19; vss. 25-27)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

32.33

À meia tribo de Manassés. Ao mencionar aqui a meia tribo de Manassés, o autor projeta para nós o que *finalmente* sucedeu ao território da Transjordânia: ficou com Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés. Embora tenhamos falado na meia tribo de Manassés o tempo todo, esta foi a primeira vez em que o autor sagrado a mencionou. Assim, parte da tribo de Manassés localizou-se no lado oriental (a Transjordânia); mas outra parte estabeleceu-se na região ao redor de Siquém (ver Jos. 17.1-3). Siquém ficava a cerca de cinqüenta e seis quilômetros ao norte do mar Morto.

A área que aquelas duas tribos e meia vieram a possuir tinha sido antes habitada por Seom, rei dos amorreus, e por Ogue, rei de Basã. Muitas cidades foram simplesmente conquistadas, reconstruídas e refortificadas. O segundo versículo deste capítulo fornece-nos os nomes de algumas das cidades da área; e o vs. 34 repete duas delas e adiciona outra.

Seom. Ver Núm. 21.21 e um verbete detalhado no *Dicionário*.

Amorreus. Ver sobre essa palavra no *Dicionário*.

Ogue. Ver Número 21.33 e o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*.

Basã. Ver Núm. 21.33 e o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*.

Ver Deu. 3.13-15. Fica entendido (ver o vs. 30) que uma parcela da tribo de Manassés ajudou na conquista da Transjordânia, pelo que veio a possuir parte da terra. Ignora-se, contudo, as circunstâncias que levaram essa tribo a ficar com uma porção da Transjordânia, e podemos apenas especular a respeito. Mas o vs. 39 sugere a conquista por meio de forças militares.

Cidades Restauradas ou Edificadas por Gade e Rúben (32.34-38)

32.34

A tribo de *Gade* restaurou ou fortificou *nove* cidades, alistadas nos vss. 34-36. *Rúben*, por sua vez, construiu (reconstruiu) *seis* cidades (vss. 37,38). Pelo menos, essas foram as principais. Mas pode ter havido outras cidades. Essas cidades tornaram-se o núcleo de sua habitação e de seu poder como tribos.

"Os gaditas reconstruíram cidades na parte sul de Gileade, desde Aroer até o rio Arnom, ao sul de Jogbeá, cerca de dezesseis quilômetros a noroeste de Rabate-Amom, para o norte. As cidades rubenitas geralmente iam desde Hesbom, a oeste e sudoeste, até o rio Jordão e o mar Morto. Assim sendo, o território de Rúben tornou-se, por assim dizer, um território encravado na parte centro-oeste do território de Gade" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"Não é provável que, durante esse período, *novas* cidades tenham sido construídas, nem as circunstâncias enfrentadas pelos israelitas admitiam a *demora* que tal empreendimento causaria" (Ellicott, *In loc.*). Portanto, compreendemos que eles reconstruíram e fortificaram cidades previamente existentes, que tinham pertencido aos anteriores ocupantes daquelas terras.

Dibom... Atrote. Essas duas cidades já haviam sido mencionadas no vs. 3 deste capítulo, onde as notas devem ser consultadas. É interessante que em nossa versão portuguesa, o nome da segunda dessas duas cidades é grafado no vs. 3 como "Atarote", e aqui como Atrote. A razão disso deve ser a proximidade com Atrote-Sofã, que figura no versículo seguinte. No hebraico, parece que as duas formas eram igualmente usadas. Essa palavra, em qualquer de suas formas, significa "coroa". Talvez ocupasse o local da moderna cidade de *Arair*, ao sul de Dibã, quase às margens do rio Arnom.

32.35

Atrote-Sofã. No hebraico, *coroas*. Uma cidade pertencente à tribo de Gade, mencionada juntamente com Aroer e Jazer. Provavelmente, esse nome deve ser entendido como uma composição com o nome que se segue (Sofã), a fim de distingui-la melhor de outra cidade da mesma região, chamada "Atarote" (ver as notas no parágrafo anterior). Ficava em uma região fértil de pastagens. Se devemos entender Atrote-Sofã como uma só localidade, e não como duas, então temos *oito* cidades dos gaditas que foram referidas, e não nove, conforme foi dito antes (ver o começo das notas sobre o versículo anterior). As traduções dão a forma combinada (como se fosse uma só cidade), ou separadamente, como se fossem duas cidades. Mas a maioria dos eruditos opina que Sofã deve ser entendida como um sufixo de Atrote, conforme faz a nossa versão portuguesa.

Jazer. Já foi mencionada e comentada no primeiro versículo deste capítulo.

Jogbeá. No hebraico, *outeiro*. Era uma cidade de Gileade. Foi fortificada pelos descendentes de Gade. Quando Gideão perseguia os midianitas, fez um circuito em torno dessa cidade, a fim de atacá-la pela retaguarda (ver Juí. 8.11). O lugar tem sido identificado com a moderna Khirbet el-Ajbeihat, a cerca de onze quilômetros a noroeste de Aman.

32.36

Bete-Nimra. Ver sobre *Ninra*, no versículo terceiro deste capítulo. Note o leitor como essa palavra também foi grafada de dois modos: "Nimra", aqui, e "Ninra" no terceiro versículo.

Bete-Harã. No hebraico, *casa da altura*. Uma cidade que figura apenas neste versículo, em toda a Bíblia, embora talvez seja a mesma Bete-Arã de Josué 13.27. Ficou com a tribo de Gade, na *Transjordânia* (ver o artigo a respeito no *Dicionário*). Posteriormente recebeu o nome de Livias ou Júlias. Ficava defronte de Jericó. Por ocasião da conquista da Terra Santa, pelos israelitas, foi tomada pelos amorreus e mais tarde ainda transformada em uma fortaleza, sob a possessão de Gade. Alguns estudiosos crêem que se trata da cidade síria de Bete-Aramftá, mencionada por Josefo, general e historiador judeu de uma geração depois de Jesus. Seu local moderno tem sido identificado com o *Tel Iktanus*, a quase treze quilômetros a nordeste da desembocadura do Jordão, ao sul do *wadi Heshban*.

Cidades fortificadas. Talvez já fossem cidades-fortaleza dos habitantes originais da região, e que, depois de conquistadas, foram refortificadas pela tribo de Gade. Havia boas terras de pastagens e currais (ver o vs. 16 deste capítulo). Os currais foram levantados para proteção e cuidado dos animais. Ver os vs. 24 e 26 deste capítulo.

32.37

"O território de Rúben estendia-se desde Hesbom, ao sul, até o ribeiro do Arnon, na fronteira de Moabe (Jos. 13.15-23)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Ver meus comentários a respeito do vs. 3 deste capítulo.

Hesbom. Ver as notas expositivas sobre esse lugar no vs. 3 deste capítulo.

Eleal. Essa cidade já havia sido mencionada em Núm. 32.3, onde seu nome é grafado com a forma de "Eleale" em nossa versão portuguesa. Talvez a forma com que aparece neste versículo seja um erro de revisão, pois todas as vezes em que aparece (incluindo Isa. 15.4 e 16.9; e Jer. 48.34), a forma é "Eleale". Ficava perto de Hebom, nunca sendo mencionada separada desta.

Quiriataim. No hebraico, "cidade dupla". Esse era o nome de duas cidades mencionadas no Antigo Testamento. Ver o artigo detalhado a respeito no *Dicionário.* A cidade desse nome, que aparece aqui, é a primeira da lista, naquele verbete.

32.38

Nebo. Ver as notas sobre o vs. 3 deste capítulo, como também o verbete com esse nome, no *Dicionário,* segundo ponto.

Baal-Meom. Ver sobre *Beom,* no terceiro versículo. O Antigo Testamento estampa vários nomes para essa localidade.

Sibma. No hebraico, "bálsamo". Essa cidade é chamada *Sebã,* no vs. 3 deste capítulo. Ver o verbete detalhado no *Dicionário,* intitulado *Sibma.* Também forneci um artigo sobre *Sebá,* no *Dicionário.* De fato, as traduções não se mostram uniformes quanto à forma do nome dessa cidade.

Mudanças de Nomes. Os nomes locativos e pessoais, na antiguidade, estavam associados à *idolatria.* A fim de remover o estigma, ou a fim de ajustar-se ao gosto dos novos habitantes, vários nomes locativos antigos foram mudados, embora o autor sagrado não nos forneça os novos nomes. Os nomes antigos persistiram no Antigo Testamento. "Dar novo nome a uma cidade, seguindo os nomes próprios da religião dos novos habitantes, servia de reconhecimento público da dependência do povo a seu Deus, pela vitória obtida em batalha" (John Marsh, *in loc.*).

Por Que a Meia Tribo de Manassés Estabeleceu-se na Transjordânia (32.39-42)

32.39

Quase certamente John Marsh estava com a razão ao dizer, sobre esta breve seção, que ela consiste em um "fragmento isolado". Essa informação explica por que parte da tribo de Manassés acabou ficando na Transjordânia, em vez de ficar no lado ocidental do rio Jordão. A resposta a isso é: "conquista militar". Cf. também Jos. 13.15-23, que confirma a herança da tribo de Manassés. O autor sagrado inseriu aqui o material, visto que estava falando acerca da ocupação do lado oriental do rio Jordão. Os críticos supõem que a mudança para a parte oriental desse rio, de parte da tribo de Manassés, tenha ocorrido em um período posterior, pós-mosaico, e que o aspecto da "conquista militar" é um toque anacrônico. Mas eles estão apenas especulando. Jair (Juí. 10.3) pertencia a outra época, e constitui problema por que o texto presente apresenta-o a emprestar o seu nome como parte do território conquistado tanto tempo antes. Por isso mesmo, alguns estudiosos supõem que o Jair deste texto não seja o mesmo Jair referido no livro de Juízes.

Maquir. Ver no *Dicionário* o verbete com esse nome. No Antigo Testamento, duas pessoas aparecem com esse nome. Este Maquir era o filho mais velho de Manassés, fundador do clã dos maquiritas. Maquir participou da conquista de Gileade, e recebeu parte desse território como sua "herança". Ver naquele artigo outros detalhes.

Amorreus. Ver no *Dicionário* sobre esse povo. O território conquistado tinha pertencido aos amorreus; mas, devido à conquista, tornou-se parte permanente de Israel, tendo recebido, afinal, o nome de *Transjordânia* (*ver a respeito no Dicionário*). Cf. este texto com Deu. 3.12,13, que confirma que os territórios da Transjordânia ficaram com Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés.

32.40

Deu, pois, Moisés. Este versículo informa-nos que Moisés foi quem entregou parte da Transjordânia à meia tribo de Manassés. Contudo, os manassitas não tinham feito nenhum pedido de terras ali, ou pelo menos essa petição não é mencionada, como se deu no caso das tribos de Rúben e Gade. Mas não somos informados quanto às circunstâncias que conduziram a esse resultado. O próprio Maquir deve ter morrido no deserto, visto que somente Josué e Calebe sobreviveram para poderem entrar na Terra Prometida. Portanto, devemos entender aqui que estão em pauta os "filhos de Maquir" (ver o vs. 39), e não o próprio Maquir. Ver também Núm. 32.11,12.

32.41

Jair. Ver no *Dicionário* o artigo assim chamado. Quatro pessoas com esse nome figuram nas páginas do Antigo Testamento. O Jair deste texto é o primeiro da lista. Os críticos supõem que tenhamos aqui um anacronismo, e que Jair não teria idade suficiente para estar envolvido na conquista da Transjordânia, pelo que é difícil ver por que ele teria emprestado o seu nome a uma cidade conquistada. Mas o *Jair* para o qual apontam foi um dos juízes de Israel (ver Juí. 10.3,5), ao passo que o homem assim chamado, neste texto, era filho de Segube, que era filho de Hezrom, que se casou com a filha de Maquir, filho de Manassés (I Crô. 2.21,22). Assim sendo, Jair era bisneto de Manassés, e bem pode ter estado entre os que conquistaram a Transjordânia. De acordo com aquela maneira frouxa de identificar os parentes próximos de um homem, Jair foi chamado de "filho de Manassés", ainda que, na realidade, fosse seu bisneto. Alguns estudiosos supõem que outro Jair esteja em foco aqui; mas isso não passa de especulação.

Havote-Jair. Cf. Deu. 3.14, onde o nome aparece como Basã-Havote-Jair. Esse nome significa "estabelecimento de Jair", que envolvia certo número de povoados. Alguns eruditos preferem traduzir esse nome por "cabanas de Jair". Nesse último caso, tudo quanto devemos pensar aqui é em uma cidade que se desenvolveu a partir de certo número de cabanas ali levantadas. Portanto, no início haveria apenas uma vila. Entretanto, em Deu. 3.14 já lemos sobre "aldeias"; e isso significa que com o tempo as cabanas já eram alguns povoados, tendo retido o nome de Jair. O trecho de Jos. 13.29,30 menciona sessenta localidades que eram ocupadas em Basã, cada uma das quais, sem dúvida, dotada de uma pequena população. Algumas delas ainda retinham o nome de Jair. Ver aquele versículo, quanto a maiores detalhes.

32.42

Noba. No hebraico, "latido". Esse era o nome de uma pessoa e de uma cidade, nas páginas do Antigo Testamento. Noba foi um guerreiro, provavelmente pertencente à tribo de Manassés. Entre suas diversas vitórias militares, houve aquele sobre a cidade de Quenate, com suas aldeias circunvizinhas. Em seguida, ele deu a Quenate o seu próprio nome. Ver Juízes 8.11 quanto à cidade de Noba, uma localidade situada em uma rota de caravanas, a leste de Sucote, perto de Jogbeá.

Quenate. No hebraico, "possessão". Esse era o nome de uma das cidades do território de Manassés, do outro lado do rio Jordão. Foi conquistada dos amorreus por Noba, e posteriormente recebeu o nome desse homem. Mais tarde ainda, foi recapturada por Gesur e Arã (ver I Crô. 2.23). Tornou-se uma das cidades da Decápolis, quando então recebeu o nome de Canata. Foi nesse lugar que Herodes, o Grande, foi derrotado pelos árabes (Josefo, *Guerras dos Judeus* 1.19.2). Tem sido identificada com a moderna *Qanawat,* a pouco menos de vinte e sete quilômetros a nordeste de Bostra. Os arqueólogos têm feito ali várias escavações, com muitos resultados positivos, especialmente nas camadas referentes ao período greco-romano. O número de edifícios em ruínas, ali encontrados, é considerável.

Capítulo Trinta e Três

Apêndice (33.1—36.13)

Itinerário (33.1-56)

No artigo intitulado *Êxodo (o Evento),* provi um mapa que dá a rota sugerida que Israel tomou do Egito à Terra Prometida; os muitos lugares onde eles se acamparam e as jornadas que fizeram pelo deserto. A rota exata e os lugares de acampamentos não podem ser perfeita e totalmente delineados hoje em dia. Muitos lugares não existem mais, e as localizações por muitas vezes são duvidosas.

As fontes originárias do Pentateuco incluíam um itinerário completo da jornada de Israel, do Egito às planícies de Moabe. Talvez a lista não seja absolutamente compreensível; mas, pelo menos, temos uma boa idéia da jornada e seus acampamentos. A maioria dos nomes que restaram não é ilustrada pela arqueologia, e os intérpretes por muitas vezes têm de apelar para meras especulações.

Moisés aparece como quem compilou as informações (vs. 2) de acordo com as ordens de Yahweh. Mas os críticos notam que ele figura na terceira pessoa do singular, o que também acontece em todo o Pentateuco. Assim, a questão de

autoria é sempre questionada. Ver sobre o *Pentateuco* e cada um dos cinco livros dessa coletânea, no tocante a uma discussão sobre a autoria.

Se excluirmos os acampamentos nas planícies de Moabe, então houve *quarenta* estágios, a saber: onze a caminho do Sinai; vinte e um a caminho de Cades-Barnéia; e oito a caminho de Moabe. Alguns nomes bem conhecidos, que podem ser achados em outras fontes, relacionados aos quarenta anos de perambulação, não aparecem na lista, entre os quais se destaca o nome *Meribá*. Alguns estudiosos têm sugerido que tais lugares foram chamados por outros nomes. O número *quarenta* pode ter servido de artifício literário, uma *lista representativa* dos quarenta anos de vagueações pelo deserto.

Minha exposição desta seção foi abreviada pelo fato de que a maioria dos nomes dados aparecem no *Dicionário*, que o leitor deve examinar.

33.1

São estas as caminhadas. Cada parada era um acampamento, de onde se iniciava uma etapa da jornada.

O autor sacro primeiramente nos faz lembrar do milagre divino mediante o qual o povo de Israel foi livrado da escravidão no Egito. Eles partiram de lá formando divisões tribais, o que lhes conferiu uma espécie de exército, com várias divisões. "... exércitos... em grandes números, postos em boa ordem, formando fileiras e companhias, como tantos esquadrões. Ver Êxo. 7.4" (John Gill, *in loc.*). Ver Êxo. 12.40 ss.

33.2

Escreveu Moisés. O itinerário. Isso não serve de prova de que ele escreveu a totalidade do Pentateuco. Quanto a esse problema, ver o artigo chamado *Pentateuco*, bem como cada livro da coletânea, no tocante à *autoria*, quanto a completas discussões. Ver o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Para Yahweh era importante que a rota e suas paradas fossem registradas para que as gerações vindouras meditassem a respeito. E então teriam provas plenas da *realidade* do evento e do *poder* que conduziu Israel através do deserto, a caminho para a terra que fora prometida a Abraão, no *pacto* (ver Gên. 15.18 quanto a esse pacto). O versículo deixa entendido que cada estágio da viagem foi determinado por Yahweh. Isso era feito por meio dos movimentos da nuvem, de dia, e pelos movimentos da coluna de fogo, à noite. Ver no *Dicionário* o artigo *Colunas de Fogo e de Nuvem* quanto ao *modus operandi* da questão.

33.3

Ramessés. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Ver Êxo. 12.37 e notas adicionais ali. A primeira parada deu-se em Sucote (vs. 5), e esse foi o primeiro dos quarenta acampamentos que eles tiveram, até chegarem às planícies de Moabe. E então houve mais duas paradas, totalizando quarenta e dois acampamentos, sempre sob a orientação de Yahweh. Ver a introdução a este capítulo.

No dia seguinte ao da páscoa. A saída do Egito marcou o começo do calendário religioso dos israelitas. Esse evento, pois, teve lugar no décimo quinto dia do recém-inaugurado Ano Novo, que começou no mês de nisã. O nome mais antigo desse mês era abibe, correspondente ao nosso março-abril.

Corajosamente. O hebraico diz aqui "de mão erguida", isto é, publicamente, de modo conspícuo e com poder. O termo hebraico é *ruwm*, "alto," "exaltado", "levantado" e *yawd*, "mão", ou seja, com a mão erguida. A metáfora fala sobre a maneira pública e poderosa como Yahweh conduziu Israel para fora do Egito. Eles não saíram arrastando-se às ocultas. Ver Êxo. 11.7 e 12.33.

33.4

Enquanto estes sepultavam a todos os seus primogênitos. Este versículo refere-se à última e mais terrível das pragas, aquela que forçou Faraó a deixar Israel ir, ou melhor, a expulsar os filhos de Israel do Egito, a saber, a morte dos *primogênitos*. Quanto a esse relato, ver os capítulos 11 e 12 de Êxodo. Ver o gráfico que ilustra todas as pragas sofridas pelo Egito, sob o poder de Yahweh, em Êxo. 7.14. Ver também o artigo no *Dicionário* chamado *Pragas do Egito*. Os *deuses* do Egito foram humilhados mediante essas práticas, e aquele gráfico mostra como cada praga humilhou deuses específicos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos*. O autor nos está dizendo que Yahweh usou seu poder, e que a providência divina atuou sobre tudo quanto aconteceu com Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

O Targum de Jonathan diz que a *Palavra* de Deus fez isso, ou seja, foi uma operação do Logos. Os ídolos do Egito "amoleceram; ídolos foram mutilados; seus ídolos de barro foram demolidos; os ídolos de madeira tornaram-se cinzas; e as feras morreram" (aquelas que eram objetos de adoração). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.

33.5

Sucote. Esse foi o primeiro estágio. Ver o artigo detalhado no *Dicionário* sobre esse lugar, e as notas sobre Êxo. 12.37. Os vss. 5-15 deste capítulo correspondem ao trecho de Êxo. 12.37-19.2, e todos os lugares ali mencionados acham-se naquela parte do Êxodo, exceto Dofca e Alus (vs. 13). Sucote ficava a cerca de sessenta e quatro quilômetros a sudeste de Ramessés.

33.6

Etã. O segundo estágio, um lugar à beira do deserto. Ver as notas a respeito desse lugar no *Dicionário* e em Êxo. 13.20. Ver o quarto ponto daquele artigo. Esse nome também foi dado a outros locais que figuram no Antigo Testamento. O deserto em questão é o de Etã ou *Sur* (Êxo. 15.22), a cerca de cento e sessenta quilômetros ao sul do mar Mediterrâneo, como quem vai para o mar Vermelho, e chegando ao golfo de Suez. Etã parece ter ficado bem próximo daquele braço do mar Vermelho, ou perto de um dos lagos, Timsah ou Balah.

33.7

Pi-Hairote. Ver Êxo. 14.2 e suas notas expositivas sobre esse lugar, bem como o detalhado artigo a respeito no *Dicionário*. Esse foi o terceiro estágio da jornada.

Baal-Zefom. Ver Êxo. 14.2 e o *Dicionário*.

Migdol. Há um artigo detalhado a respeito no *Dicionário*. Os nomes sugerem a alguns intérpretes que a rota seguida por Israel seguiu primeiramente na direção do mar Grande, mas depois virou para o sudoeste. Mas devemos lembrar que está em foco o mar dos *Juncos*, por ocasião da travessia, e não o mar Vermelho. Talvez um dos dois lagos, Timsah ou Balah, esteja em pauta. Esses lagos ficavam a poucos quilômetros diretamente ao norte do golfo de Suez.

33.8

Passaram pelo meio do mar. Provavelmente está em pauta um dos dois lagos, Timsah ou Balah, o *mar dos Juncos*, e não o mar Vermelho, conforme comentei em Êxo. 13.18. Ver também as notas sobre o versículo anterior. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mar Vermelho*. Foi a Septuaginta que fez o mar Vermelho entrar no texto, provavelmente por meio de um erro. Ver o artigo *Êxodo (o Evento)* quanto a possíveis pontos de travessia, ilustrados no mapa provido naquele artigo.

Mara. Ver Êxo. 15.23. Esse local ficava a cerca de sessenta e quatro quilômetros de Pi-Hairote (vs. 7), um espaço que foi coberto em três dias de andanças. Ver detalhes na referência dada.

33.9

Elim. Ver Êxo. 15.27. Ficava esse lugar a quase cento e trinta quilômetros de Mara, um lugar de água abundantes, e, portanto, necessariamente no deserto. Ver os detalhes na referência dada.

33.10

Junto ao mar Vermelho. Na verdade, os israelitas atravessaram (vs. 8) o mar de Juncos, e não o mar Vermelho. Ver as notas sobre Êxo. 13.18. Mas Israel viajou ao longo do mar Vermelho e se acampou às suas margens. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Vermelho*. Esse acampamento não é mencionado na informação dada no capítulo 16 de Êxodo. Sem dúvida, ficava a poucos quilômetros ao sul de Elim (vs. 9).

33.11

Deserto de Sim. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse lugar, e ver Êxo. 16.1. O Antigo Testamento menciona dezenove desertos diferentes, um dos quais é o de Sim. Não se sabe qual a sua localização exata, mas parece ter ocupado a área entre o golfo de Ácaba e o golfo de Suez, embora haja dúvidas sobre o quanto essa área seria o deserto de Sim.

33.12,13

Dofca. No livro de Êxodo não há registro sobre nenhum acampamento de Israel nesse lugar. No hebraico, esse nome quer dizer *batida* ou *tanger o gado*. Essa localidade aparece somente neste versículo e no seguinte. Foi um dos locais onde o povo de Israel acampou-se, a caminho do Sinai. Ficava entre o mar Vermelho e Refidim. Tem sido tentativamente identificada com Serabit el-Khadim, onde os egípcios tinham minas e onde foram achadas as famosas *Inscrições do*

autoria é sempre questionada. Ver sobre o *Pentateuco* e cada um dos cinco livros dessa coletânea, no tocante a uma discussão sobre a autoria.

Se excluirmos os acampamentos nas planícies de Moabe, então houve *quarenta* estágios, a saber: onze a caminho do Sinai; vinte e um a caminho de Cades-Barnéia; e oito a caminho de Moabe. Alguns nomes bem conhecidos, que podem ser achados em outras fontes, relacionados aos quarenta anos de perambulação, não aparecem na lista, entre os quais se destaca o nome *Meribá*. Alguns estudiosos têm sugerido que tais lugares foram chamados por outros nomes. O número *quarenta* pode ter servido de artifício literário, uma *lista representativa* dos quarenta anos de vagueações pelo deserto.

Minha exposição desta seção foi abreviada pelo fato de que a maioria dos nomes dados aparecem no *Dicionário*, que o leitor deve examinar.

33.1

São estas as caminhadas. Cada parada era um acampamento, de onde se iniciava uma etapa da jornada.

O autor sacro primeiramente nos faz lembrar do milagre divino mediante o qual o povo de Israel foi livrado da escravidão no Egito. Eles partiram de lá formando divisões tribais, o que lhes conferiu uma espécie de exército, com várias divisões. "... exércitos... em grandes números, postos em boa ordem, formando fileiras e companhias, como tantos esquadrões. Ver Êxo. 7.4" (John Gill, *in loc.*). Ver Êxo. 12.40 ss.

33.2

Escreveu Moisés. O itinerário. Isso não serve de prova de que ele escreveu a totalidade do Pentateuco. Quanto a esse problema, ver o artigo chamado *Pentateuco,* bem como cada livro da coletânea, no tocante à *autoria,* quanto a completas discussões. Ver o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Para Yahweh era importante que a rota e suas paradas fossem registradas para que as gerações vindouras meditassem a respeito. E então teriam provas plenas da *realidade* do evento e do *poder* que conduziu Israel através do deserto, a caminho para a terra que fora prometida a Abraão, no *pacto* (ver Gên. 15.18 quanto a esse pacto). O versículo deixa entendido que cada estágio da viagem foi determinado por Yahweh. Isso era feito por meio dos movimentos da nuvem, de dia, e pelos movimentos da coluna de fogo, à noite. Ver no *Dicionário* o artigo *Colunas de Fogo e de Nuvem* quanto ao *modus operandi* da questão.

33.3

Ramessés. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Ver Êxo. 12.37 e notas adicionais ali. A primeira parada deu-se em Sucote (vs. 5), e esse foi o primeiro dos quarenta acampamentos que eles tiveram, até chegarem às planícies de Moabe. E então houve mais duas paradas, totalizando quarenta e dois acampamentos, sempre sob a orientação de Yahweh. Ver a introdução a este capítulo.

No dia seguinte ao da páscoa. A saída do Egito marcou o começo do calendário religioso dos israelitas. Esse evento, pois, teve lugar no décimo quinto dia do recém-inaugurado Ano Novo, que começou no mês de nisã. O nome mais antigo desse mês era abibe, correspondente ao nosso março-abril.

Corajosamente. O hebraico diz aqui "de mão erguida", isto é, publicamente, de modo conspícuo e com poder. O termo hebraico é *ruwm,* "alto," "exaltado", "levantado" e *yawd,* "mão", ou seja, com a mão erguida. A metáfora fala sobre a maneira pública e poderosa como Yahweh conduziu Israel para fora do Egito. Eles não saíram arrastando-se às ocultas. Ver Êxo. 11.7 e 12.33.

33.4

Enquanto estes sepultavam a todos os seus primogênitos. Este versículo refere-se à última e mais terrível das pragas, aquela que forçou Faraó a deixar Israel ir, ou melhor, a expulsar os filhos de Israel do Egito, a saber, a morte dos *primogênitos*. Quanto a esse relato, ver os capítulos 11 e 12 de Êxodo. Ver o gráfico que ilustra todas as pragas sofridas pelo Egito, sob o poder de Yahweh, em Êxo. 7.14. Ver também o artigo no *Dicionário* chamado *Pragas do Egito*. Os *deuses* do Egito foram humilhados mediante essas práticas, e aquele gráfico mostra como cada praga humilhou deuses específicos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos*. O autor nos está dizendo que Yahweh usou seu poder, e que a providência divina atuou sobre tudo quanto aconteceu com Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

O Targum de Jonathan diz que a *Palavra* de Deus fez isso, ou seja, foi uma operação do Logos. Os ídolos do Egito "amoleceram; ídolos foram mutilados; seus ídolos de barro foram demolidos; os ídolos de madeira tornaram-se cinzas; e as feras morreram" (aquelas que eram objetos de adoração). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.

33.5

Sucote. Esse foi o primeiro estágio. Ver o artigo detalhado no *Dicionário* sobre esse lugar, e as notas sobre Êxo. 12.37. Os vss. 5-15 deste capítulo correspondem ao trecho de Êxo. 12.37-19.2, e todos os lugares ali mencionados acham-se naquela parte do Êxodo, exceto Dofca e Alus (vs. 13). Sucote ficava a cerca de sessenta e quatro quilômetros a sudeste de Ramessés.

33.6

Etã. O segundo estágio, um lugar à beira do deserto. Ver as notas a respeito desse lugar no *Dicionário* e em Êxo. 13.20. Ver o quarto ponto daquele artigo. Esse nome também foi dado a outros locais que figuram no Antigo Testamento. O deserto em questão é o de Etã ou *Sur* (Êxo. 15.22), a cerca de cento e sessenta quilômetros ao sul do mar Mediterrâneo, como quem vai para o mar Vermelho, e chegando ao golfo de Suez. Etã parece ter ficado bem próximo daquele braço do mar Vermelho, ou perto de um dos lagos, Timsah ou Balah.

33.7

Pi-Hairote. Ver Êxo. 14.2 e suas notas expositivas sobre esse lugar, bem como o detalhado artigo a respeito no *Dicionário*. Esse foi o terceiro estágio da jornada.

Baal-Zefom. Ver Êxo. 14.2 e o *Dicionário*.

Migdol. Há um artigo detalhado a respeito no *Dicionário*. Os nomes sugerem a alguns intérpretes que a rota seguida por Israel seguiu primeiramente na direção do mar Grande, mas depois virou para o sudoeste. Mas devemos lembrar que está em foco o mar dos *Juncos,* por ocasião da travessia, e não o mar Vermelho. Talvez um dos dois lagos, Timsah ou Balah, esteja em pauta. Esses lagos ficavam a poucos quilômetros diretamente ao norte do golfo de Suez.

33.8

Passaram pelo meio do mar. Provavelmente está em pauta um dos dois lagos, Timsah ou Balah, o *mar dos Juncos*, e não o mar Vermelho, conforme comentei em Êxo. 13.18. Ver também as notas sobre o versículo anterior. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mar Vermelho*. Foi a Septuaginta que fez o mar Vermelho entrar no texto, provavelmente por meio de um erro. Ver o artigo *Êxodo (o Evento)* quanto a possíveis pontos de travessia, ilustrados no mapa provido naquele artigo.

Mara. Ver Êxo. 15.23. Esse local ficava a cerca de sessenta e quatro quilômetros de Pi-Hairote (vs. 7), um espaço que foi coberto em três dias de andanças. Ver detalhes na referência dada.

33.9

Elim. Ver Êxo. 15.27. Ficava esse lugar a quase cento e trinta quilômetros de Mara, um lugar de água abundantes, e, portanto, necessariamente no deserto. Ver os detalhes na referência dada.

33.10

Junto ao mar Vermelho. Na verdade, os israelitas atravessaram (vs. 8) o mar de Juncos, e não o mar Vermelho. Ver as notas sobre Êxo. 13.18. Mas Israel viajou ao longo do mar Vermelho e se acampou às suas margens. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Vermelho*. Esse acampamento não é mencionado na informação dada no capítulo 16 de Êxodo. Sem dúvida, ficava a poucos quilômetros ao sul de Elim (vs. 9).

33.11

Deserto de Sim. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse lugar, e ver Êxo. 16.1. O Antigo Testamento menciona dezenove desertos diferentes, um dos quais é o de Sim. Não se sabe qual a sua localização exata, mas parece ter ocupado a área entre o golfo de Ácaba e o golfo de Suez, embora haja dúvidas sobre o quanto essa área seria o deserto de Sim.

33.12,13

Dofca. No livro de Êxodo não há registro sobre nenhum acampamento de Israel nesse lugar. No hebraico, esse nome quer dizer *batida* ou *tanger o gado*. Essa localidade aparece somente neste versículo e no seguinte. Foi um dos locais onde o povo de Israel acampou-se, a caminho do Sinai. Ficava entre o mar Vermelho e Refidim. Tem sido tentativamente identificada com Serabit el-Khadim, onde os egípcios tinham minas e onde foram achadas as famosas *Inscrições do*

Sinai, que datam de cerca de 1525 A. C. Essas inscrições foram escritas em um alfabeto semítico hieroglífico. Alguns estudiosos ligam o termo *Maphqah* a esse lugar. O termo refere-se à turquesa, pedra preciosa que dali era extraída. Também era esse o nome do distrito em volta.

Alus. Não há menção a esse acampamento no livro de Êxodo. No hebraico significa *desolação.* Foi um dos lugares onde os filhos de Israel descansaram, a caminho do monte Sinai (ver Núm. 13.13,14).Ficava entre Dofca e Refidim. A cronologia judaica Seder Olam Rabba, cap. 5, par. 27, afirma que ficava a dezenove quilômetros da primeira dessas estações, e a treze quilômetros da segunda. Como interpretação de Êxo. 16.1,30, alguns supõem que o sábado tenha sido pela primeira vez instituído e observado ali. Desconhece-se o local moderno. O Targum de Jonathan chama-o de *forte poderoso.*

33.14

Refidim. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse lugar, além de notas adicionais em Êxo. 17.1. Ali não havia água, pelo que Moisés feriu a rocha, e a água esguichou (ver Êxo. 17.2 ss.). Essa foi a segunda das três crises acerca de água que Israel enfrentou no deserto. Ver as notas de introdução ao capítulo 17 de Êxodo quanto a esse item. Ver também comentários sobre Êxo. 15.22.

33.15

Deserto de Sinai. Ficava a cerca de treze quilômetros de Refidim, tendo recebido seu nome por causa do monte onde Moisés recebeu a lei. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Sinai.* Ver também Êxo. 17.6. O deserto do Sinai ficava entre os golfos de Suez e de Ácaba, diretamente ao norte do corpo principal do mar Vermelho. Ver o artigo do *Dicionário, Êxodo (o Evento),* onde aparece um mapa ilustrativo. Eles permaneceram ali por cerca de onze meses (ver Êxo. 19.1 e Núm. 10.11).

33.16

Quibrote-Taavá. Temos aí uma forma variante de Quibrote-Hataavá, cujas notas aparecem em Núm. 11.34. Ficava a cerca de treze quilômetros do Sinai. Foi ali que Israel desejou ardentemente comer carne.

33.17

Hazerote. Ver as notas sobre esse lugar, em Núm. 11.35. Ficava a cerca de treze quilômetros de Quibrote-Taavá. Foi ali que Miriã foi ferida com lepra, segundo se vê no capítulo 12 deste livro de Números.

33.18

Ritmá. No hebraico, *vassoura.* Uma das paradas dos filhos de Israel, em suas jornadas pelo deserto, entre Hazerote e Rimom-Perez (ver este versículo e o seguinte). A sua localização é desconhecida. Ficava a cerca de treze quilômetros de Hazerote. Alguns eruditos identificam-na com o lugar onde havia junipeiros, segundo se vê em I Reis 19.4,5. Essa informação nos é dada no Targum de Jonathan. Pode ter sido o vale também chamado de Retheme, ou então a mesma Cades-Baméia (ver Núm. 12.16), de onde foram enviados os doze espias. E também pode ser a *Dathema* de Josefo (*Antiq.* 1.12, cap. 8, sec. 4). Ver I Macabeus 5.9.

33.19

Rimom-Perez. No hebraico, *irrompimento da romã.* Foi uma das estações na jornada dos israelitas pelo deserto. Ficava entre Ritmá e Libna (ver este versículo e o seguinte). Modernamente, pode ser a mesma Nasb el-Biyar, a oeste do golfo de Ácaba. Parece que ficava a cerca de dez quilômetros de Ritmá. É mencionada somente neste versículo.

33.20

Libna. No *Dicionário* vê-se que há dois lugares chamados por esse nome no Antigo Testamento. Esse nome significa "brancura". A Libna deste texto só é mencionada aqui. Foi a vigésima primeira parada dos israelitas em suas jornadas pelo deserto, a caminho da Terra Prometida. Nada se sabe sobre o lugar e sua localização não é conhecida atualmente. Alguns, todavia, têm-no identificado com a *Labã* de Deu. 1.1.

33.21

Rissa. No hebraico, "orvalho", uma das paradas nas jornadas dos israelitas (ver este versículo e o seguinte), entre Libna e Queelata. Talvez possa ser identificada com a moderna *Kuntiiet el-Jerafi.* É lugar mencionado somente neste texto.

33.22

Queelata. No hebraico, "convocação". Foi um dos acampamentos de Israel no deserto, a respeito do qual nada mais se sabe. Ver este versículo e o seguinte. É lugar mencionado somente neste texto.

33.23

Séfer. No hebraico, "beleza". Um monte diante do qual os israelitas acamparam-se, durante o período de suas vagueações pelo deserto (ver este versículo e o seguinte). Fica entre Queelata e Harada, embora sua localização exata seja desconhecida hoje em dia. É mencionado somente neste texto.

33.24

Harada. No hebraico, "lugar de terror". Nome da vigésima quinta estação dos israelitas, quando vagueavam pelo deserto do Sinai. O local só é mencionado neste versículo. Ficava em algum ponto entre o monte Sinai, Sefer e Maquelote, embora se desconheça o local preciso. Poderia ser a *Berede* de Gên. 16.14.

33.25

Maquelote. No hebraico, "assembléias". Israel estacionou nesse lugar, que ficava entre Harada e Taate. Ver este versículo e o seguinte. Foi a vigésima sexta parada de Israel, em suas vagueações pelo deserto. O lugar ainda não foi precisamente identificado, nem é mencionado algures.

33.26

Taate. Ver a respeito no *Dicionário.* Quatro lugares são assim chamados, nas páginas do Antigo Testamento. No hebraico, o nome quer dizer "depressão" ou "humildade". O local ainda não foi identificado. Ficava entre Maquelote e Tara. É mencionado somente neste versículo e no seguinte. Foi a vigésima sétima parada, desde que o povo de Israel saiu do Egito.

33.27

Tara. Algumas versões portuguesas também grafam o nome como Tera. Foi um dos lugares de acampamento de Israel. O nome significa "íbex", uma espécie de cabra selvagem. É mencionada somente neste versículo e no seguinte. Sua localização é desconhecida.

33.28

Mitca. No hebraico, "doçura". Nome da vigésima nona parada onde os israelitas fizeram alto, durante suas vagueações pelo deserto. Ficava entre Tara e Hasmona. Ver este versículo e o seguinte. Tem sido tentativamente identificada como o wadi *Abu Takiyeh,* embora alguns estudiosos considerem isso duvidoso. O lugar só é mencionado neste texto.

33.29

Hasmona. No hebraico, "gordura". Nome de um dos locais de descanso onde os israelitas acamparam-se durante suas perambulações pelo deserto, após terem saído do Egito. A próxima parada deles foi Moserote (Núm. 33.30), que ficava nas proximidades do monte Hor (ver Deu. 10.6 e Núm. 33.30). Em Deu. 10.6, esse lugar é chamado *Moserá.* Hasmona é mencionada somente aqui, em todo o Antigo Testamento.

33.30

Moserote. Ver o artigo detalhado no *Dicionário,* chamado *Moserote (Moserá).* No hebraico esse nome significa "correção", "castigo". O local exato é desconhecido, embora ficasse perto do monte Hor (Deu. 10.6).

33.31

Bene-Jaacã. No hebraico, "filhos de Jaacã" ou "filhos da inteligência". O nome aparece aqui e em Deu. 10.6 (Beerote Bene-Jaacã), que significa "poços dos filhos de Jaacã". Aparentemente o nome originou-se em I Crô. 1.42. Os filhos de Jaacã eram os mesmos nomeados entre os filhos de Seir, o horeu, em Gên. 36.20-30, o que parece indicar que os poços de Jaacã estavam localizados nos montes que circundam a Arabá. O povo em questão foi finalmente expulso dali pelos idumeus (Deu. 2.12).

33.32

Hor-Gidgade. No hebraico, "buraco no monte". Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Gudgodá*. Foi o trigésimo terceiro lugar onde Israel se acampou, durante suas marchas pelo deserto (ver este versículo e o seguinte). Em Deu. 10.7, o nome tem a forma de *Gudgodá*. É claro que esse é um nome alternativo. Alguns têm identificado esse lugar com o wadi *Ghagahed*. Esse nome só é mencionado aqui em todo o Antigo Testamento.

33.33

Jotbata. No hebraico, "deleite", "coisa agradável". Nome do vigésimo nono acampamento de Israel no deserto, entre Hor-Gidgade e Abrona. É lugar mencionado somente aqui e Deu. 10.7. Ali havia abundantes águas potáveis, "terra de ribeiros de águas", diz-nos a passagem em Deuteronômio. Interessante é que, em nossa versão portuguesa, Jotbata aparece como Jotbatá, e Hor-Gidgade como Gudgodá, no livro de Deuteronômio. Alguns estudiosos têm identificado Jotbata com a moderna *'Ain Tabah*, ao norte do golfo de Ácaba.

33.34

Abrona. Também chamada *Ebrona*. No hebraico, "passagem", a trigésima estação de Israel no deserto, depois de sua saída do Egito. Ficava perto de Ezion-Geber, a ocidente, não longe de Jotbata. Provavelmente ficava na planície de *Ka'a-en-Nakb*, bem defronte do passo do mesmo nome, no início do ramo elamítico do mar Vermelho. O local é mencionado somente neste texto.

33.35

Eziom-Geber. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Ver também acerca de *Elate*, um lugar das proximidades, e talvez até o mesmo ponto geográfico. Esta é a primeira referência ao lugar, no Antigo Testamento. Mas depois há outras menções. A arqueologia tem iluminado o lugar.

33.36

Deserto de Zim. Há um detalhado artigo sobre essa área, no *Dicionário*. Tratava-se de uma depressão, e o hebraico significa precisamente isso. Foi palco de certo número de importantes eventos na história de Israel. "O deserto de Zim é identificado com Cades, a qual, por sua vez, é identificada na Septuaginta com o deserto de Parã... Quão frouxamente são usados os termos geográficos pode ser visto com base no trecho de Núm. 13.21, que sugere, juntamente com Núm. 13.26, que Zim ficava a norte de Cades" (John Marsh, *in loc.*). A área exata em questão, pois, é disputada. Mas não se trata da mesma coisa que o deserto e *Sim* (vs. 12).

Que é Cades. Ver no *Dicionário* sobre *Cades-Barnéia*. Esse lugar assinalava as paradas de números dezenove e trinta e sete de Israel. Ver Núm. 20.1. Foi ali que Miriã morreu. Foi dali que os espias foram enviados a fim de trazerem um relatório sobre a Terra Prometida. Ver o vs. 18 quanto a *Ritmá*, em Parã, que também tem sido identificada com o lugar e com o décimo ponto de parada. O nome original parece ter sido *Ritmá*. Cades, o *santuário*, aparentemente recebeu esse nome porque foi ali que o tabernáculo foi armado.

33.37-39

Monte de Hor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hor, Monte*. Foi ali que Arão morreu. O relato é contado em Núm. 20.22-29. Ele morreu no quinto mês do quadragésimo ano depois que Israel saiu do Egito. Corria o mês de abe. Arão viveu quatro meses mais do que Miriã. Moisés morreu naquele mesmo ano, aos cento e vinte anos de idade. Ver Deu. 1.3; 34.5-7. A história da morte de Arão não diz com que idade ele morreu. Mas isso é suprido aqui.

33.40

Arade. No hebraico, "fuga". Esse foi o nome de dois homens e de uma cidade, nas páginas do Antigo Testamento. *Arade* foi um rei que fez guerra contra Israel, perto de Hormá, mas foi derrotado (Núm. 21.3; 33.40). Algumas traduções, no entanto, não apresentam esse nome associado ao rei, mas somente o lugar de onde era esse rei. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cananeus, Canaã*. Israel retaliou e destruiu várias cidades cananéias (ver Núm. 21.3).

33.41

Zalmona. No hebraico, "escura", "melancólica". Conforme outros, "terraço", "subida". Deixando Hor, o povo de Israel chegou a esse lugar. Provavelmente, essa localidade ficava a leste de Jebel Hurã, em Vir Madhkur, nomes topográficos modernos da região. Alguns a têm identificado com a moderna es-Salmaneh, a cerca de quarenta quilômetros ao sul do mar Morto.

33.42

Punom. Apresentei um detalhado artigo sobre esse lugar, no *Dicionário*. No hebraico, o nome quer dizer "trevas". Era uma das cidades de Edom. A arqueologia tem iluminado o lugar. A moderna *Feinam* assinala o local antigo. Deixo que o leitor busque outras informações naquele artigo. Nos tempos antigos, havia ali minas de cobre que usavam criminosos como mineiros, pois era um centro de mineração.

33.43

Obote. Ver notas expositivas sobre esse luar em Núm. 21.10. Seu local exato é desconhecido. "Embora isso não seja dito no livro de Números, ao que parece os israelitas foram para o sul, tendo partido de Punom, na direção de Eziom-Geber, e dali viraram para o leste e para o norte, *rodeando* Edom, 'ao longo da estrada do deserto para Moabe' (cf. 21.4 e Deu. 2.8)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

33.44

Ijé-Abarim. Ver Núm. 21.11 notas completas sobre esse lugar. O itinerário de Cades às planícies de Moabe tem paralelos na narrativa de Núm. 20.22 - 22.1. É provável que o lugar ficasse próximo das cabeceiras do wadi Zered. *Iim* é uma forma abreviada para esse lugar, de acordo com algumas traduções, mas não com outras.

Moabe. Ver no *Dicionário* o verbete detalhado com esse nome. Quarenta acampamentos levaram Israel do Egito à fronteira de Moabe, correspondentes aos quarenta anos de vagueações, embora fossem paradas de duração desigual. Os montes de Abarim (vs. 47) marcavam as planícies de Moabe.

33.45

Dibom-Gade. Ver no *Dicionário* o verbete detalhado com esse nome. Esse lugar ficava logo ao norte do ribeiro do Arnom. Cf. Núm. 21.11-13.

Diferenças. Esta passagem nos dá apenas três passos intermediários entre Iim (Ijé-Abarim) e as planícies de Moabe, ao passo que a passagem de Núm. 21.11-20 fala em sete, mostrando que o itinerário referido neste capítulo 33 é um tanto abreviado. Os três do presente texto são Dibom-Gade, Almom-Diblataim (vs. 46) e os montes de Abarim (vs. 47).

33.46

Almom-Diblataim. No hebraico, "Almom do duplo bolo de figos". Os israelitas estacionaram nesse lugar a caminho entre o monte Hor e as planícies de Moabe (ver este versículo e o seguinte). A moderna Bete-Diblataim (ver Jer. 48.22), embora alguns digam tratar-se antes de Deleilat el-Gharbihey, uma aldeia que domina três estradas, a seis quilômetros de Libna. Esse lugar ficava a cerca de dezesseis quilômetros de Dibom.

33.47

Montes de Abarim. Tendo chegado nesses montes, Israel havia completado quarenta estações no deserto, o que pode ter sido um número representativo dos quarenta anos de perambulações, e não o número exato de acampamentos. Ver nas notas sobre o vs. 45 as omissões, em contraste com o trecho de Núm. 21.11-20. Esse lugar ficava "na altura de Jericó" (vs. 50), pelo que a invasão da Terra Prometida agora estava pronta para começar. Há no *Dicionário* um artigo detalhado sobre *Abarim*. A parte mais alta dessa serra era o monte *Nebo* (ver a respeito no *Dicionário*). E Pisga era o pico mais alto do monte Nebo, o lugar de onde Moisés contemplou a Terra Prometida, embora lhe tivesse sido negada a permissão de entrar nela.

33.48

Este versículo é uma virtual duplicação de Números 22.1, onde as notas expositivas são dadas.

Campinas de Moabe. Foi nessas planícies que houve as transações entre Balaão e Balaque (ver Núm. 23-25).

33.49

Jordão. Ver sobre esse rio no *Dicionário*. Os filhos de Israel continuavam no lado *oriental*, embora não estivessem longe de Jericó, que ficava na margem *ocidental* daquele rio.

Bete-Jesimote. Há um artigo detalhado sobre essa localidade no *Dicionário.* De acordo com Eusébio, Bete-Jesimote ficava a cerca de dezesseis quilômetros de Jericó. Esse nome significa, no hebraico, "lugar de desolações".

Até. O acampamento de Israel estendia-se desde Bete-Jesimote até Abel-Sitim, o que significa que ocupava um espaço de cerca de dezenove quilômetros, conforme dizem os comentários judaicos. O segundo desses dois lugares chamava-se Sitim por causa dos bosques dessa árvore (em português, *acácia*), que havia nesse local. Ver Núm. 25.1,6,9. Foi ali que Israel sofreu uma praga que aniquilou com vinte e quatro mil pessoas. Uma de minhas fontes informativas diz que a distância entre os dois locais mencionados era apenas de cerca de dez quilômetros, o que significa que a distância real entre eles permanece em dúvida.

Abel-Sitim. Ver no *Dicionário* o verbete sobre essa localidade.

Deveres de Israel Quando Chegasse à Terra Prometida (33.50-56)

33.50

Agora Israel estava bem perto de Jericó, preparado para iniciar a invasão formal do lado ocidental do rio Jordão. Assim sendo, Yahweh baixou instruções sobre quais seriam os deveres dos israelitas, uma vez que conquistassem a Terra Prometida, que o Senhor previa como coisa *certa,* embora o coração de muitos israelitas talvez continuasse sendo perturbado por algumas *dúvidas.* As grandes tarefas criam ansiedades próprias, mas a mente divina sabe que todas as coisas foram previstas e estão sob o Seu controle. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Cf. Deu. 12.2,3 quanto a um texto similar a este.

A invasão por parte de Israel não seria apenas a conquista de um território para servir de pátria. Também era mister que houvesse total purificação da idolatria e do paganismo, a fim de que o território conquistado fosse um lugar apropriado para a promoção do Novo Israel, sob Yahweh, ou seja, a teocracia. Foi Yahweh que deu a aos filhos de Israel a Terra Prometida, pelo que também foi Ele que ditou as condições que deveriam prevalecer ali. Seria agora finalmente cumprida a antiga profecia dada a Abraão, ou seja, que a taça da iniqüidade dos povos cananeus estaria cheia; e então a destruição haveria de atingi-los. Ver Gên. 15.16. Tudo isso fazia parte do *Pacto Abraâmico,* que estipulava que Israel teria uma pátria especial. Ver as notas sobre esse pacto em Gên. 15.18.

Temos Aqui o Último Discurso de Moisés a Israel. O grande homem estava prestes a quase entrar na Terra Prometida, mas não poderia fazê-lo. Moisés era um símbolo da lei, a qual aponta para Jesus, Aquele que nos justifica e salva.

Disse o Senhor. Uma expressão muitas vezes usada no Pentateuco, como um artifício literário que mostra que novo material começa a ser apresentado, além de fazer-nos lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver sobre isso as notas em Lev. 1.1 e 4.1.

Formas de Comunicação. Sempre que Yahweh falava, Moisés transmitia a mensagem a outros: a Arão (depois ao filho deste, Eleazar), ao sacerdócio ou ao povo em geral. Ver Lev. 17.2 quanto às *oito* fórmulas de comunicação. A última mensagem que Moisés transmitiu ao povo ocorreu a poucos quilômetros de Jericó, por onde a invasão da Terra Prometida deveria começar. A passagem que se segue fornece instruções sobre como Israel deveria agir, uma vez que entrasse na Terra Prometida. Ver a introdução a esta seção, acima. Cf. os vss. 50-56 com Êxo. 23.23-33 e o capítulo 26 de Levítico.

33.51

Fala. Moisés transmitiu as instruções ao povo. Ver as oito fórmulas de comunicação nas notas sobre Lev. 17.2.

Quando houverdes passado o Jordão. Os críticos pensam ver aqui um anacronismo, supondo que essa informação teria vindo de um tempo em que Israel já havia desfechado seu ataque invasor e tinha estabelecido uma política de terra arrasada. Alguns supõem que as instruções dadas aqui realmente sejam um reflexo do que Israel *fez,* e não do que Israel teve ordens de fazer, usando isso como apologia de seus atos brutais. Mas os estudiosos conservadores preferem entender literalmente o texto, supondo que os atos de Israel tenham sido ordenados por inspiração divina, o que constituiu a última mensagem de Moisés ao povo de Israel. A Terra Prometida não teria somente de ser invadida e possuída; mas também teria de ser purificada de todas as formas de idolatria e paganismo. Somente então o yahwismo poderia florescer ali, e Israel fortalecer-se na Terra Prometida.

33.52

Desapossareis. A Terra Prometida deveria ser conquistada da forma mais radical, com o aniquilamento completo dos habitantes, para evitar dificuldades futuras (vs. 55). Os *espinhos* potenciais que poderiam estar ferindo continuamente os lados de Israel tinham de ser obliterados com antecedência.

Pedras com figuras... imagens fundidas... todos os seus ídolos. Seria mister acabar com a idolatria, sob qualquer de suas formas, não deixando nenhum vestígio. Ver no *Dicionário* os artigos *Idolatria, Lugares Altos* e *Deuses Falsos,* que nos dão uma boa idéia da fantástica extensão da idolatria pagã. A idolatria saturava tudo.

Deus estava cumprindo um plano através do Pacto Abraâmico. Esse pacto incluía a Terra de Israel, embora também incluísse a redenção de um povo, e teria seu cumprimento maior na redenção provida em Cristo, o Filho maior de Abraão. Isso posto, era necessário derrotar todas as formas de idolatria, a fim de que o *propósito espiritual* do pacto (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) pudesse ter cumprimento cabal.

Essas diversas expressões incluem pinturas, estatuetas, imagens e qualquer tipo de representação de uma divindade, real ou imaginária. Os símbolos pagãos também veneravam as forças da natureza. A tradução em inglês, Revised Standard Version, diz aqui "pedras figuradas", indicando mosaicos e outras representações. Obras esculpidas provavelmente estavam incluídas nessas expressões, sobretudo pedras esculpidas sob formas de seres, reais ou imaginários. Ver Lev. 26.1.

As "imagens fundidas" eram feitas de vários metais, em contraste com as imagens esculpidas. Imagens feitas de metais fundidos são aqui contrastadas com pedras esculpidas (as quais parecem ter sido incluídas na expressão "pedras com figura").

33.53

Este versículo adiciona a razão, acerca da qual já comentamos, no versículo anterior, pela qual os habitantes da Terra Prometida precisavam ser expulsos. Aquele território havia sido dado a Abraão e sua descendência como parte do *Pacto Abraâmico* (ver Gên. 15.18). Os cananeus tinham perdido o direito de continuar ocupando o território devido ao fato de que a sua taça de iniqüidade estava cheia (Gên. 15.16). Enquanto isso não sucedeu, os cananeus habitaram ali em segurança. O versículo anterior mostra-nos que o principal pecado que causou tal expulsão foi a idolatria. Ver as notas ali. Ver a promessa divina acerca do território, em Gên. 13.17; 15.7 e Êxo. 6.2-5.

33.54

Este versículo reitera as informações que já haviam sido dadas em Núm. 26.53-56, onde as notas devem ser consultadas. Números 26.54 mostra que os números de cada tribo tiveram sua influência sobre as *dimensões* das terras distribuídas entre as tribos, bem como as heranças de família dentro das terras designadas para cada tribo. Fica entendido que a vontade de Yahweh determinaria como essa distribuição seria feita. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sortes.* Dessarte, Israel não tinha qualquer grupo de "sem-terras".

33.55

Como espinho nos vossos olhos, e como aguilhões nas vossas ilhargas. Os cananeus que fossem deixados na Terra Prometida lutariam continuamente contra Israel. Haveria mortes, ferimentos, perdas de terras e molestamento contínuo. Porém, além desses atritos, haveria uma tentação constante ao pecado, para que os israelitas participassem de várias formas de idolatria pagã, promovidas pelos cananeus (vs. 52). E assim, as perdas materiais seriam agravadas pela corrupção espiritual. Como é claro, foi exatamente isso que sucedeu. A corrupção *interior* provocou a ação de invasores vindos de *fora,* até que Israel foi removido da Terra Prometida (vs. 56). O autor sagrado talvez estivesse antecipando os futuros exílios.

"Mediante o uso dessas metáforas, o malefício contínuo que aqueles idólatras poderiam fazer, contra o *corpo* e a *alma,* é destacado de forma muito expressiva" (Adam Clarke, *in loc.*).

33.56

Farei a vós outros. O que o Senhor faria aos pagãos, faria também a Israel, ou seja, expulsaria os filhos de Israel do território. O autor sacro, mediante visão profética, já podia ver os *cativeiros* (ver a respeito no *Dicionário*). Naturalmente, os críticos vêem aqui um anacronismo: um autor que fosse testemunha dos exílios apresentou-os como se fossem uma *profecia.* Ver no *Dicionário* os verbetes bem detalhados intitulados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico.* Cf. Jos. 23.13 e II Reis 17.7-20.

Tipologia. Os cananeus que foram deixados na Terra Prometida simbolizaram o pecado restante no coração do povo de Deus, no meio da comunidade de Deus. Ver o sétimo capítulo de Romanos quanto a uma vívida descrição do conflito daí resultante. É mister que haja uma luta constante contra as nossas tendências pecaminosas, para que seja dominada a nossa corrupção interior. Os exílios representam o julgamento divino contra o pecado. "Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito..." (Rom. 15.4).

Capítulo Trinta e Quatro

Instruções Antes de Entrar na Terra (34.1—36.13)

Quanto às dimensões do território dado a Abraão, que veio a ser a Terra Prometida de Israel, cf. Jos. 15.1-14 e Eze. 47.13-20. "A extensão da terra, *de sul a norte,* é essencialmente do ribeiro do Egito (vs. 5) à entrada de Hamae (vs. 8), perto de Bibla. O território de Israel não se estendia tão para o norte senão já nos dias de Davi (II Sam. 8.3-13; I Reis 8.65). É possível que a tradição tenha visualizado o passado à luz dos feitos de Davi, a *estrela* de Jacó (ver Núm. 24.7-19), a fim de conquistar as últimas forças opositoras, firmando assim a posse da terra de Canaã, pelos filhos de Israel, em toda a sua extensão (vs. 2)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o primeiro versículo deste capítulo).

Isso posto, o texto à nossa frente dá as dimensões *ideais* do território que devia ser conquistado. E isso, por sua vez, simboliza o fato de que nunca obtemos a vitória espiritual ideal, mas estamos sempre em busca dessa meta.

"Israel nunca ocupou nenhum lugar à margem do mar Mediterrâneo senão quando os macabeus capturaram Jopa, na segunda metade do século II A. C. Fronteiras similares são mencionadas em Jos. 15-19 e Eze. 47.13-20 e 48.25. O profeta do exílio continuava aguardando o futuro, quando essas fronteiras ideais tornar-se-iam reais" (John Marsh, *in loc.*).

O *Reino de Deus,* em contraste com o reino de Israel, não tem fronteiras fixas, mas, antes, tem espaço para todos os povos, em dimensões crescentes. O Novo Testamento eliminou as dimensões impostas no Antigo Testamento. Os homens levantam fronteiras artificiais em suas denominações, mas os limites que eles estabelecem são produto de sua própria mente, e não limites espirituais autênticos.

34.1

Disse mais o Senhor. Essa expressão, freqüente no Pentateuco, é usada para introduzir novos materiais, além de fazer-nos lembrar da doutrina da divina inspiração das Escrituras. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. Quando à essência do que Deus falou, ver a introdução a este capítulo, acima.

34.2

Vos cairá em herança. A *herança* em breve entraria na posse dos filhos de Israel. Essa herança vinha diretamente do patriarca Abraão e do pacto que Yahweh firmou com ele. Portanto, a posse da Terra Prometida era um *direito* conferido ao povo de Israel por decreto divino. Ver as notas introdutórios a Núm. 33.50. Ver as notas em Gên. 15.18 quanto ao Pacto Abraâmico; ver Núm. 33.55 quanto à necessidade de expulsar, de modo absoluto os antigos habitantes cananeus da Terra Prometida; ver Gên. 15.16 quanto ao fato de que isso não sucederia enquanto os habitantes originais não tivessem enchido a sua taça de iniqüidade, pois somente então mereceriam ser expulsos da Terra Prometida; ver Núm. 33.56 quanto ao fato que o povo de Israel seria expulso da Terra prometida, se viessem a praticar os mesmos pecados que tinham praticado os cananeus; e ver Gên. 22.54 (26.54) quando à maneira como seria distribuído o território da Terra Prometida. Moisés recebeu a sua mensagem da parte de Yahweh, a sua derradeira comissão; e isso ele transmitiu ao povo de Israel em geral. Ver as notas sobre Lev. 17.3 quanto às *oito* fórmulas de comunicação das mensagens divinas.

A terra de Canaã, segundo os seus limites. O autor sagrado mostra aqui os limites ideais da Terra Prometida, limites esses que até hoje nunca foram atingidos. Ver acerca disso na introdução a este capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cananeus, Canaã.*

34.3

A banda do sul. "A fronteira sul, aqui descrita, é a mesma que a da tribo de Judá, descrita em Jos. 15.1,2. O território de Israel deveria estender-se para o sul até o deserto de **Zim**, o qual seria a fronteira entre o território deles e o dos idumeus" (Ellicott, *in loc.*).

Zim. Quanto a notas completas sobre essa área, ver o *Dicionário.*

Edom. Ver a respeito no *Dicionário.*

Mar Salgado. Ver o artigo chamado *Mar Morto,* no *Dicionário.*

34.4

Subida de Acrabim. No hebraico, "subida dos escorpiões" (ver Núm. 34.3; Jos. 15.3 e aqui). Era um *passo* entre as montanhas, ao lado sul do mar Morto, identificado com o moderno Nqb es-safa, a cerca de trinta e dois quilômetros a sudoeste do mar Morto; alguns identificam-no com o Umm el-'Aqarab, no lado ocidental. Foi nesse lugar que Judas Macabeu derrotou os idumeus (ver I Macabeus 35.3). O lugar ficava na fronteira entre a Judéia e a Iduméia. Parece que Josefo se referiu a esse lugar, situando-o a sudeste de Siquém (*Guerras,* II.xii.4; IV.ix.9). Mas talvez ele tenha aludido a um lugar diferente. A cadeia montanhosa veio a ser conhecida como as montanhas de Edom.

Zim. Ver a respeito no *Dicionário.*

Cades-Barnéia. Ver a respeito no *Dicionário.*

Hazar-Adar. No hebraico, "vila de Adar", "eira" ou "lugar aberto". Esse era o nome de uma localidade situada no deserto, ao sul da Palestina, entre Cades-Barnéia e Amom um, mencionada somente aqui. Alguns estudiosos identificam-na com Hezrom, mencionada em Jos. 15.4. Também pode ser a Adar mencionada nesse mesmo versículo do livro de Josué, embora alguns estudiosos duvidem dessa identificação. Seja como for, ficava na fronteira sul de Judá. Talvez a moderna Khirbet el-Qudeirat corresponda ao local antigo.

34.5

Azmom. No hebraico, "parecido com um osso" ou "fortaleza". Era uma cidade no deserto de Amom, ao sul de Judá. Pertencia a tribo de Simeão (Núm. 34.4; Jos. 15.4). Tem sido identificada por alguns com 'Ain el-Qaseimeh, a sudoeste de Cades-Barnéia.

Ribeiro do Egito. Talvez o rio Nilo (ver a respeito no *Dicionário*). Assim dizem os Targuns; mas Aben Ezra pensa que se trata do rio Rincorura, que flui para o mar Mediterrâneo. John Marsh pensa que é o wadi el-Arism. "O grande wadi, no hebraico, *mahai,* que algumas versões chamam de ribeiro do Egito, um riacho que fluía torrencialmente no inverno, ou na estação chuvosa. Mas agora é um leito seco, chamado wadi el-Arish (Núm. 3.5; Jos. 15.4,47; I Reis 24.7 e Eze. 47.19)" (*Unger's Bible Dictionary*). Sem dúvida esse é o parecer correto. Mas o trecho de Gên. 15.18 mostra que o Nilo deveria ser a fronteira sul da Terra Prometida. Talvez esteja em pauta o canal mais oriental do Nilo, chamado Peleusíaco. Os rios Nilo e Eufrates deveriam ser as fronteiras da Terra Prometida. Mas permanecem em dúvida se os trechos de Gên. 15.18 e Núm. 34.5 se referem ao mesmo riacho. Um dos trechos fala no *nahar* (rio), ao passo que o outro fala em um *nahal* (wadi). O wadi el-'Arish flui para o norte, desde bem dentro da península do Sinai, desaguando no mar Mediterrâneo, a cerca de meio caminho entre o canal de Suez e Gaza. Quase certamente, essa é a referência no capítulo 24 do livro de Números. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ribeiro do Egito.* O ribeiro do Egito deságua no mar Mediterrâneo na altura de Azra, antigo Rinocorura, cerca de trezentos e vinte quilômetros a leste do lugar onde deságua o rio Nilo, e a cerca de cento e vinte quilômetros a oeste do mar Morto, quase diretamente do outro lado (para oeste) de sua extremidade sul.

34.6

A fronteira do ocidente. Temos aí a extremidade ocidental do território de Israel, ou seja, as margens do mar Mediterrâneo, também chamado de "mar Grande". Ver sobre esse título o verbete no *Dicionário.* Cf. Jos. 15.47.

34.7

O termo do norte. A fronteira norte seria uma linha traçada desde o mar Mediterrâneo até o monte Hor, além de outras dimensões que figuram nos vss. 8 e 9. Não se trata do mesmo monte Hor onde Arão morreu (Núm. 33.38), mas talvez o Raw Shakkah, um pico mais ao norte, ou seja, a cerca de dezesseis quilômetros ao norte da cidade fenícia de Biblos. "O ponto inicial da fronteira norte não é mencionado. É claro que o monte Hor não é o mesmo monte mencionado em Núm. 20.22, na fronteira com Edom. Seu local exato é desconhecido. Alguns garantem que seria a cadeia do Líbano, mas outros pensam em algum local bem mais para o sul. Mas onde quer que fosse a fronteira norte ideal, a fronteira real nunca chegou ao Líbano" (John Marsh, *in loc.*). Talvez esteja em pauta o monte Hermom (ver Jos. 13.5). Os autores antigos apresentavam várias possibilidades, tal como fazem os autores modernos. Alguns deles pensam que o monte Hermom fique por demais para o oriente para atender às demandas das descrições deste texto.

34.8

Desde o monte Hor. A fronteira norte estendia-se até *Hamate.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Entrada de Hamate,* quanto a detalhes. A cidade de Hamate controlava toda aquela área. Ver no *Dicionário* o verbete *Hamate.* Davi ampliou a fronteira de Israel até ali (I Reis 8.65; II Reis 14.25). Hamate ficava a cerca de oitenta quilômetros ao norte de Damasco.

Zedade. No hebraico, "ladeira", "inclinação." Era uma localidade que havia na fronteira norte da Palestina (aqui e em Eze. 47.15). Provavelmente idêntica à moderna Sadade, a sudeste de Homs, no caminha que vai a Ribla e Palmira. Ficava a nordeste de Lebo Hamate, a cerca de quarenta e oito quilômetros de distância.

34.9

Zifrom. No hebraico, "topo bonito". Uma localidade na fronteira norte, entre a Palestina e a Síria, mencionada somente aqui em toda a Bíblia. Não se sabe a sua localização exata.

Hazar-Enã. No hebraico, "vila das fontes". Nome de uma aldeia que assinalava a fronteira de Israel (aqui; Eze. 47.1 e 48.1). É provável que a sua posição fosse a nordeste de Damasco. Tem sido identificada com a *Kiryatein* que fica na estrada para Palmira. Localizava-se na fronteira entre a Palestina e Hamate. Alguns eruditos identificam-na com a moderna Hadr, que fica ao pé do monte Hermom. John Marsh, *in loc.*, chama-a de *Banias*, onde está o início do rio Jordão, visto que o nome desse lugar indica uma região de fontes.

34.10

Por limite da banda do oriente. A fronteira leste começava em Hazar-Enã (vs. 9) e descia até Sefã.

Sefã. No hebraico, "frutífera". Um lugarejo, provavelmente erigido em alguma colina, na fronteira oriental ideal de Israel (Núm. 34.10 e 11). Mas de acordo com outros estudiosos, esse lugar tinha um nome que significa "lugar desnudo", pelo que eles têm pensado em alguma localidade nas serras do Antilíbano. Provavelmente foi o lugar do nascimento de Zabdi, o sifmita, que cuidava das videiras usadas no fabrico do vinho guardado nas adegas reais de Davi (I Crô. 27.27).

34.11

Ribla. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Ribla (Dibla).* Mas o leitor que a Ribla (Dibla) bem conhecida não é a mesma deste texto, que nunca foi identificada. O trecho de Núm. 34.11 menciona Ribla como um ponto na fronteira leste da Terra Prometida (embora Eze. 47.15-18 não a mencione). Nessa instância isolada, o nome é acompanhado pelo artigo definido hebraico. Trata-se de uma cidade em algum lugar a nordeste do mar da Galiléia. A Septuaginta diz aqui *Arbela,* mas desconhece-se qualquer local com esse nome, na área do Golã.

Aim. No hebraico, "fonte", nome de dois lugares nas páginas do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. Esta Aim é a primeira das duas cidades desse artigo. A mesma palavra é o nome da décima sexta letra do alfabeto hebraico.

Mar de Quinerete. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Galiléia, Mar de.* Nos tempos antigos, *Quinerete* parece ter sido o nome tanto de um distrito quanto do lago próximo. Parece que a palavra deriva do termo hebraico *kinnor,* "harpa". Mas não sabemos dizer a conexão entre a palavra e o distrito do lago. O próprio mar tem a forma de uma pêra, e é possível que alguma pessoa antiga, responsável pelo nome dado, imaginou uma harpa como seu formato.

34.12

Jordão. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. A fronteira oriental seguiria o Jordão até ele desembocar no mar Morto. O autor se mostrou inexato em suas descrições, não tendo falado sobre o lado oriental ou ocidental do rio Jordão. Ele deixou de mencionar a Transjordânia (ver o vs. 13).

Mar Salgado. Um dos mais salgados corpos de água do mundo, com mais de vinte por cento de sal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto.* O grande Lago Salgado, perto de Salt Lake City, estado de Utah, nos Estados Unidos da América, cobre uma área seis vezes maior, mas é muito mais raso. Até recentemente, o conteúdo de sal nos dois lagos era quase idêntico, mas nevascas pesadas no estado de Utah baixaram a porcentagem de sal no Lago Salgado. Forma-se um lago salgado quando não há saída para as águas, acumulando-se assim o sal que vai sendo trazido pelos rios e riachos que ali despejam suas águas. No processo de muitos milhares de anos, a porcentagem de sal pode tornar-se muito grande.

34.13

Esta é a terra que herdareis. Suas dimensões tinham sido dadas nos versículos anteriores. O território tinha de ser dividido por meio de sortes, entre nove tribos e meia. Duas tribos e meia (metade da tribo de Manassés) tinham recebido sua herança no lado leste do rio Jordão, na Transjordânia, pelo que as fronteiras do lado oriental do Jordão não foram repetidas nos vss. 3-12 deste capítulo.

Por sortes. Ver Núm. 26.53-56 quanto ao método exato de distribuição da terra, e como foram usadas (presumivelmente) as sortes. Ver também Núm. 33.54. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sortes.*

34.14

Rubenitas... gaditas. Juntamente com a meia tribo de Manassés, eles haviam recebido sua herança no lado oriental do rio Jordão, na Transjordânia. Ver Núm. 32.33-42 quanto a como isso ocorreu. Eles receberam a terra, mas sob a condição de que também ajudassem na conquista do lado ocidental, com o que concordaram e que cumpriram. A maior parte do capítulo 32 ocupa-se em contar essa história.

Sua herança. Isso porque a terra tinha sido dada por Yahweh a Abraão, tendo agora entrado na posse de seus descendentes como uma herança derivada daquele patriarca. Ver Gên. 15.18 quando a notas sobre o *Pacto Abraâmico,* que inclui a questão da terra. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Transjordânia.*

34.15

Receberam. Assim foi dito porque eles tinham recebido *primeiro* a sua herança, para depois ajudarem na conquista da parte ocidental do rio Jordão.

Na altura de Jericó. Pois a terra deles ficava a poucos quilômetros diretamente defronte de Jericó, para o oriente. Foi dali que foi lançado o ataque invasor. As planícies de Moabe estavam envolvidas nessa herança. Cf. Núm. 22.1; 26.3,63; 31.12; 33.48,50, onde está em mira a área geral.

Oficiais que Repartiriam a Terra (34.16-29)

A tarefa de dividir a terra prometia ser complicada e difícil. Por essa razão, foi mister nomear certo número de homens que se ocupassem da empreitada. Os líderes das tribos eram as escolhas lógicas. Eleazar e Josué agora tomaram os lugares de Moisés e Arão, encabeçando a tarefa, visto que Arão já havia morrido, e se aproximava a hora da partida de Moisés. Os que entrassem na terra estariam sob a autoridade de Eleazar e Josué; e a tarefa deles era cuidar da questão da divisão do território. Dez líderes das tribos os ajudariam. Um deles era Calebe (cf. Núm. 14.30). Foram nomeados na ordem da posição geográfica das tribos, começando pelo sul e avançando para o norte. "Uma vez mais, tal como no início das perambulações, os nomes são dados para deixar claro que, desde o começo da nova vida deles na terra de Canaã, Deus estaria com eles" (John Marsh, *in loc.*). Os rubenitas e os gaditas já tinham recebido suas terras, pelo que nenhum líder dessas duas tribos foi nomeado para a tarefa.

Todos os nomes que figuram nesta lista aparecem pela primeira vez neste texto, não tendo sido mencionados antes, exceto o primeiro, a saber, Calebe.

34.16

Disse mais o Senhor. Essa é uma expressão freqüente no Pentateuco, empregada para introduzir novos materiais e também fazer-nos lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras. Ver as notas em Lev. 1.1 e 4.1. Moisés recebeu a mensagem, mas os responsáveis pela implementação da mensagem foram Eleazar, filho de Arão, e Josué. Ver as *oito* fórmulas de comunicação (as pessoas, isoladas ou em grupos, para as quais Moisés transmitia as mensagens divinas recebidas), nas notas sobre Lev. 17.2.

34.17

Os nomes dos homens. As autoridades que representavam as dez tribos (deixando de fora Rúben e Gade, que já tinham recebido sua herança na Transjordânia) eram Eleazar, filho de Arão, que substituíra seu pai como sumo sacerdote, e Josué, que em breve substituiria Moisés. Esses dois encabeçariam toda a operação da invasão da parte ocidental do rio Jordão. Ver os artigos detalhados sobre eles no *Dicionário.* Eleazar tinha-se tornado o supremo líder eclesiástico, e Josué em breve seria o supremo líder civil. "Ambos eram tipos de Cristo, o Sumo Sacerdote, sobre o Seu trono, ao mesmo tempo Sacerdote e Rei. Como sacerdote, Ele dá-nos o direito à herança; e como Rei, nos introduz na herança" (John Gill, *in loc.*).

34.18

Mais de cada tribo um príncipe. Eleazar e Arão precisavam de assistentes, pelo que um representante de cada uma das dez tribos foi escolhido para a tarefa. Eram homens honrados e diligentes, que cuidariam para que a tarefa fosse corretamente efetuada. Cada tribo recebeu o seu *território,* e cada família recebeu parte desse território. Daí por diante, as terras de uma família eram passadas de pai para filho, continuamente, de tal maneira que não havia israelitas sem terras. O método de divisão aparece em Núm. 26.53-56, onde notas detalhadas descrevem a questão.

34.19

Da **tribo de Judá.** Essa tribo era representada por *Calebe.* Ver os artigos detalhados sobre ambos esses nomes, no *Dicionário.* Ver Núm. 13.6 e 14.30 quanto a menções anteriores a Calebe, um dos dois espias (juntamente com Josué) que trouxeram um relatório positivo sobre a terra de Canaã, e que tinham animado o povo a invadi-la, quarenta anos antes.

Jefoné. Ver as notas expositivas sobre ele em Núm. 13.6.

34.20

Simeão. Essa tribo foi representada por *Samuel,* filho de Amiúde. Coisa alguma se sabe sobre esse homem, nem sobre seu pai, *Amiúde,* exceto o que pode ser inferido do presente texto. Ele é mencionado somente aqui no Antigo Testamento, embora dois outros homens sejam assim chamados, em I Crô. 7.2 e 6.33; mas esta última referência fala em Samuel, em algumas traduções. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amiúde.*

34.21

Benjamim. Essa tribo foi representada por *Elidade,* filho de *Quislom.* No hebraico, Elidade significa "Deus amou". Ele era um dos filhos de Quislom, um benjamita, oficial nomeado para ajudar a distribuir as terras em Canaã, quando Israel conquistou aquele território. A região que ele ajudou a dividir ficava no lado ocidental do rio Jordão. Talvez se trate do mesmo indivíduo chamado Eldade, em Núm. 11.26 ss. Ver no *Dicionário* sobre *Eldade* e *Medade.*

Quisiom. No hebraico, "forte esperança", "confiança". Só o conhecemos mediante este texto, que nos mostra ser ele pai de Elidade.

34.22

Dã. Essa tribo foi representada por *Buqui,* filho de *Jogli.* No hebraico, Buqui significa "dilapidador". Esse foi o nome de duas pessoas que figuram nas páginas do Antigo Testamento. Nada se sabe sobre o homem desse nome que figura neste texto. Ele é mencionado somente aqui no livro de Números. O nome de seu pai, Jogli, significa, no hebraico, "exilado". Ele também é uma figura desconhecida, mencionado somente aqui.

34.23

Manassés. Essa tribo foi representada por *Haniel,* filho de *Éfode.* Haniel significa "graça de Deus". Coisa alguma se sabe sobre ele ou seu pai, Éfode, exceto o que nos é sugerido neste versículo. Éfode significa "cobertura". Ambos viveram em cerca de 1500 A. C. Não havia nenhuma tribo de *José,* mas seus dois filhos, Manassés e Efraim, foram adotados por Jacó e tornaram-se patriarcas de *duas* tribos. Ver Gên. 48.13 ss.

Levi, que deixara de ser uma tribo, veio a tornar-se a casta sacerdotal, pelo que os levitas não eram considerados uma tribo. Se o tivessem sido, então haveria treze tribos. Ver as notas sobre Núm. 1.47 ss.

34.24

Efraim. Essa tribo foi representada por *Quemuel,* filho de *Siftã.* Quemuel significa "assembléia de Deus" e foi nome de três homens, nas páginas do Antigo Testamento. Nada se sabe sobre o Quemuel deste versículo, exceto o que é sugerido por este texto. Também nada se sabe sobre seu pai, Siftã, nome que significa "como um juiz".

34.25

Zebulom. Essa tribo foi representada por *Elizafã,* filho de *Parnaque.* Elizafã significa "Deus é protetor". Há dois homens chamados por esse nome no Antigo Testamento. O homem deste texto só aparece neste versículo. Nas traduções diversas, seu nome aparece com as formas de Elizafá, Elizafá e Eliafá. Coisa alguma é sabido sobre ele ou seu pai, Parnaque (no hebraico, "dotado"), exceto o que o texto sugere.

34.26

Issacar. Essa tribo foi representada por *Paltiel,* filho de *Azã.* Paltiel significa "livramento de El (Deus)", ou "Deus liberta". Esse nome é uma forma variante de *Paiti.* Nada se sabe sobre esse homem ou seu pai, Azã (no hebraico, "espinho"), exceto o que é sugerido neste texto. Eles viveram em cerca de 1500 A. C.

34.27

Aser. Essa tribo foi representada por *Aiúde,* filho de *Selomi.* Aiúde significa "irmão é majestade" ou "irmão de um famoso". Selomi significa "Yahweh é paz". Nada se sabe sobre ambos, exceto o que é sugerido neste texto.

34.28

Naftali. Essa tribo foi representada por *Pedael,* filho de *Amiúde.* Pedael significa "Deus libertou". Amiúde quer dizer "meu parente é glorioso". No Antigo Testamento, aparecem cinco homens com esse nome. Os dois homens referidos neste versículo não aparecem em nenhuma outra passagem do Antigo Testamento, e só se sabe sobre eles o que é dito neste texto.

34.29

Este versículo repete a essência dos vss. 1-18 deste capítulo. Yahweh dera ordens acerca da divisão da terra mediante o lançamento de sortes (vs. 13), e então Eleazar e Josué trabalharam com a cooperação dos dez representantes das tribos que deveriam herdar territórios no lado ocidental do rio Jordão. A Transjordânia (parte a leste do rio Jordão) já tinha entrado na posse das tribos de Rúben e Gade. E assim a vontade de Yahweh tinha sido conhecida e executada. Cf. Jos. 9.51. Esse versículo mostra que as sortes foram lançadas na entrada do tabernáculo, para garantir que a vontade de Yahweh seria feita quanto à questão toda.

Capítulo Trinta e Cinco

As Cidades dos Levitas (35.1-8)

Levi tinha deixado de ser uma tribo e havia-se tornado uma casta sacerdotal. Os levitas não dispunham de herança sob a forma de terras (ver Núm. 1.47 ss.). Mas receberam várias cidades para nelas habitarem, incluindo as cidades de refúgio. "Cidades especiais lhes foram alocadas, porque os levitas não tinham o direito de receber herança tribal (ver Lev. 25.32-34; Jos. 21; I Crô. 6.54-81)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o primeiro versículo deste capítulo). A herança dos levitas era Yahweh e o serviço a Ele prestado. Assim, ganhavam em herança espiritual o que tinham perdido como herança física. Entre as cidades ganhas, estavam as chamadas cidades de refúgio, para aqueles que tivessem cometido homicídio não intencional. Os vss. 9-15 tratam desse caso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cidades de Refúgio.* Ver Núm. 18.20, que enfatiza que Yahweh era o refúgio dos levitas. Como é óbvio, os levitas precisavam de alguma terra e de certos bens materiais, pois de outra sorte não teriam sobrevivido. Viviam do ministério, mediante dízimos e ofertas, um princípio que foi transferido para o ministério do Novo Testamento. Ver I Cor. 10.0. Naturalmente, as cidades que lhes couberam contavam com pastagens incorporadas. Os levitas tinham seus próprios animais domesticados e suas plantações. Suas propriedades podiam estender-se até 250 metros para além das muralhas de uma cidade, e a propriedade total media mil metros de cada lado. Ver o gráfico, que mostra como isso funcionava. No lado de trás do gráfico, ver a localização das cidades de refúgio. Provavelmente esses números eram diretrizes gerais, pois as cidades variavam um tanto em suas dimensões. Assim, a área de cada cidade formava um quadrado de mil metros de lado, e a própria cidade ficava no meio, com muralhas que a cercavam. E estendendo-se por duzentos e cinqüenta metros para fora das muralhas havia terras de pastagem e agricultura. *Dois* conceitos, todavia, são usados para explicar os números.

35.1

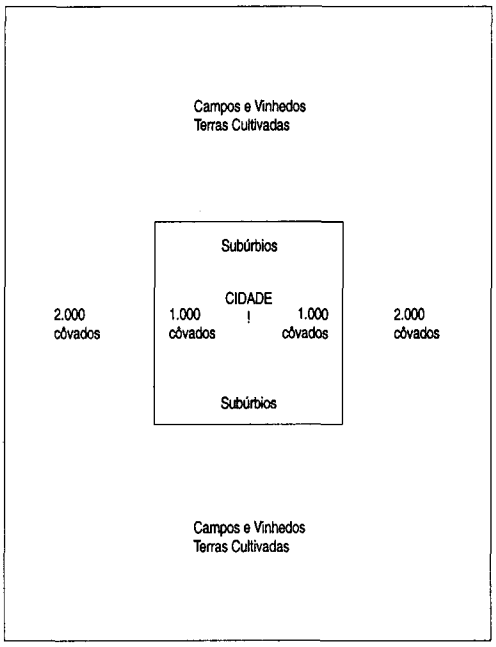
Disse mais o Senhor. Essa é uma expressão muito repetida no Pentateuco, utilizada para introduzir novos materiais. E também nos faz lembrar da doutrina da divina inspiração da Bíblia. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. A palavra de Yahweh, que tinha garantido o necessário para os levitas, foi dada nas planícies de Moabe, não longe da parte leste de Jericó, antes de a invasão ser lançada contra a outra margem do rio Jordão. Cf. Núm. 22.1; 26.3,63; 31.12; 33.48,50. A provisão de Yahweh já tinha dado a herança às tribos de Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés, na Transjordânia, a leste do rio Jordão. E a invasão daria herança às outras dez tribos. Era mister conseguir cidades para Levi, que tinha deixado de ser uma tribo para tornar-se uma casta sacerdotal (ver Núm. 1.47 ss.). Ver a introdução a este capítulo, quanto a detalhes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.*

35.2

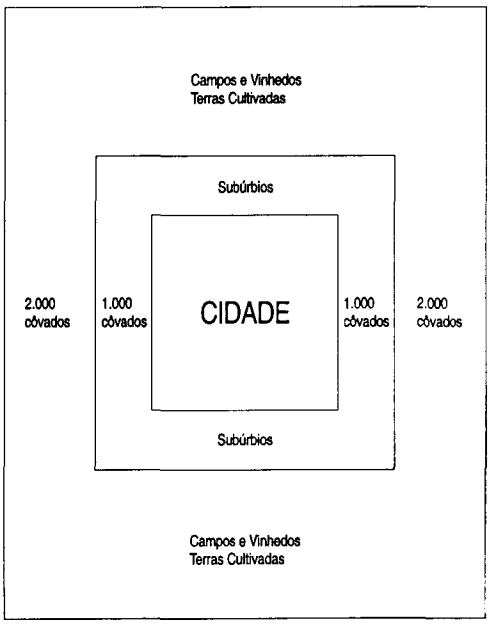
Minúsculas Cidades-estados. Meu gráfico, no começo deste capítulo, ilustra a questão dessas cidades, e como elas eram edificadas, com uma espécie de infra-

UM CONCEITO
CIDADES LEVÍTICAS
ARRANJO

Segundo este conceito, um ponto imaginário representava a cidade. Desse ponto as medidas começavam.



Outro Conceito
CIDADES LEVÍTICAS
Arranjo



Segundo este conceito, à cidade era dada certa dimensão não especificada no texto. Das extremidades dessa dimensão, as medidas começavam.

estrutura autônoma. Os levitas foram protegidos por uma provisão física adequada, mas a verdadeira herança deles era Yahweh e o serviço do tabernáculo, a saber, prioridade espiritual e abundância. Ver as notas em Núm. 18.20 quanto a isso.

Arredores. As muralhas ficavam a quinhentos metros do centro da cidade. E então, por duzentos e cinqüenta metros em volta, a extensão da cidade permitia uma boa área para a criação de gado e para a agricultura. Ver a introdução a este capítulo. No hebraico, arredores é *migrash,* termo por muitas vezes usado para indicar terras de pastagem.

35.3

Terão... para habitá-las. As cidade dos levitas formavam uma área autocontida, com espaço suficiente para suas casas, para seus animais e para atividades agrícolas. Era área era pequena, em comparação com o que as outras tribos possuíam; mas era adequada. Os levitas estavam mais voltados para o ministério espiritual. O Targum de Jonathan diz: "para a vida inteira", "para todas as suas necessidades" (John Gill, *in loc.*). Eles criavam animais para serem abatidos em sacrifício (ver Lev. 1.14-16 quanto a notas sobre os *cinco* tipos de animais próprios para o sacrifício), e esses animais lhes forneciam alimentação, pois havia porções dos animais sacrificados que eles podiam consumir.

35.4

Desde o muro da cidade e para fora. A partir do centro da cidade, eram medidos setecentos e cinqüenta côvados (250 m), em todas as direções, onde eram construídas muralhas. As muralhas, pois, teriam mil e quinhentos côvados (cerca de 500 metros) para cada lado, formando um *quadrado.* Alguns estudiosos pensam que essa medida de duzentos e cinqüenta metros seria tomada a partir do centro da cidade; mas outros supõem que os arrabaldes da cidade seriam o ponto de partida dessa área. Nesse caso, as muralhas seriam construídas a uma distância não-determinada, a partir do centro da cidade. Meu gráfico apresenta esse último conceito.

35.5

Fora da cidade. Dois conceitos também tentam explicar essas medidas. Ambos os conceitos são ilustrados por desenhos que foram dados no começo do capítulo. Uma das idéias é que, para além das muralhas, outro espaço de dois mil côvados adicionais era marcado. E então, no centro, a cidade ocupava certo espaço, e das beiradas desse espaço começavam os mil côvados. O outro conceito é que a *área total* era de três mil côvados (cerca de mil e quinhentos metros).

35.6

Seis... quarenta e duas cidades. Um total de quarenta e oito cidades (ver o versículo seguinte) seria destinado aos levitas, embora eles não ficassem confinados de modo absoluto nessas cidades. Alguns deles viviam em outros lugares. Alguns supõem que as quarenta e oito cidades fossem mais uma questão ideal do que uma realidade, porquanto tal número de cidades nunca foi realmente implementado. Fosse como fosse, eles tinham suas cidades, entre as quais seis eram cidades de refúgio, para acolher pessoas que tivessem matado alguém sem intenção de fazê-lo. Os vss. 9-15 nos dão plenas explicações sobre a questão. É presumível que todas as cidades dos levitas seriam construídas da mesma maneira, de acordo com as normas dadas nos vss. 4 e 5 deste capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Cidades de Refúgio.* Ver Êxo. 21.12,13.

As quarenta e oito cidades estariam espalhadas por todo o território das outras tribos, pelo que os levitas ficaram espalhados por toda a terra de Israel. Isso garantiria que o elemento espiritual de Israel permearia todas as áreas geográficas.

As cidades de refúgio segredavam que "o Senhor é misericordioso". Um homem podia matar a outro em defesa própria, ou sem a intenção de fazê-lo. Um homem assim sem dúvida não podia ser classificado juntamente com os assassinos. Essas cidades eram consagradas ao Senhor (Jos. 20.7), e aos levitas cabia administrá-las. Essas cidades representavam a justiça em um mundo brutal.

35.7

Todas as cidades. Todas as quarenta e oito cidades teriam suas áreas externas e úteis, sua *migrash* (ver o segundo versículo deste capítulo), e, presumivelmente, seriam construídas da mesma maneira, de acordo com os vs. 4 e 5 deste capítulo. O trecho de Jos. 21.10-37 fornece-nos os nomes das cidades e os territórios onde estavam localizadas.

35.8

Cada um dará das suas cidades aos levitas. Cada tribo entrava com sua contribuição para os levitas, de acordo com sua capacidade. As tribos maiores entrariam com maior número de cidades, e, presumivelmente, até a qualidade das cidades variava de acordo com a prosperidade de cada tribo em questão. então essas cidades teriam suas áreas circundantes garantidas, de acordo com as informações dos vss. 4 e 5. As instruções dadas foram calculadas para evitar o empobrecimento das tribos com responsabilidades demais.

"O princípio da entrega de terras aos levitas é o mesmo que quanto à distribuição das terras (Núm. 33.54), as tribos maiores cedendo mais que as menores" (John Marsh, *in loc.*). O trecho de Lev. 25.32-34 indica claramente a *possessão* dos lugares doados, embora isso não seja dito no presente texto.

As Cidades de Refúgio (35.9-15)

No *Dicionário* o artigo chamado *Cidades de Refúgio* fornece detalhes, bem como todas as informações pertinentes, pelo que meus comentários serão breves. A questão toca em uma importante condição humana. Algumas vezes, as tragédias apanham os homens de surpresa, sem que estes tenham más intenções. Se um homem matasse a outro por acidente ou em defesa própria, ele não seria um assassino qualquer. Alguma provisão de misericórdia precisaria haver. A família do morto sairia para tirar vingança, de acordo com a lei e a prática do vingador de sangue. Ver Lev. 25.25 e o artigo no *Dicionário* chamado *Vingador de Sangue.* Essas leis não eram exatas, a bem da verdade. Por uma parte, o vingador de sangue estava atrás do homem, e eles tinham o *direito* de procurá-lo, e até mesmo o *dever* de fazer isso. Ver Êxo. 21.12-14. Por outro lado, o coitado estava fugindo para escapar com vida, procurando chegar a uma cidade de refúgio antes de perder a vida. Portanto, aqueles que fossem *mais rápidos* eram os vencedores nesse jogo cruento. A justiça, porém, dificilmente depende da velocidade. Naturalmente, qualquer provisão de misericórdia é melhor do que não haver provisão alguma.

Tipologia. Essas cidades de refúgio, como é claro, retratavam Cristo em Sua missão salvatícia, pois, conforme diz um antigo hino, "há misericórdia com o Senhor".

> *Que venha cada alma pelo pecado oprimida,*
> *Pois há misericórdia com o Senhor.*
> *Ele dará descanso a toda alma exaurida,*
> *Que chegue a confiar em Seu amor.*
>
> (J. H. Stockton)

Contrapartidas Históricas. Em várias ocasiões, diversas medidas especiais têm procurado socorrer os desesperados, incluindo os homicidas não-intencionais. Igrejas, templos, santuários, altares etc., têm servido como lugares de misericórdia para os desesperados. Essa questão é abordada no artigo do *Dicionário* chamado *Cidades de Refúgio.*

35.9

Disse mais o Senhor. Essa é uma expressão de uso freqüente no Pentateuco. É usada para introduzir novos materiais. Ver as notas a respeito em Lev. 1.1 e 4.1. E também nos lembra da doutrina da divina revelação da Bíblia. Moisés era o mediador de Moisés; mais tarde essa posição foi assumida por Eleazar e Josué, quando Israel já ocupava a Terra Prometida.

35.10

Fala aos filhos de Israel. Moisés recebia mensagens que transmita a outros. Neste caso, presume-se que as ordens foram passadas a Eleazar, o sumo sacerdote, bem como a Josué, sendo eles dois as maiores autoridades religiosa e civil, respectivamente, depois que Israel se instalou na Terra Prometida. Ver as *oito* formas de comunicação, em Lev. 17.2.

Quando passardes o Jordão. Israel em breve "atravessaria" o rio Jordão e invadiria a sua margem ocidental. O lado oriental já tinha entrado na posse das tribos de Rúben, Gade e da meia tribo de Manassés. Mas antes dessa invasão, houve provisão em favor do levitas, que não receberiam nenhuma herança sob a forma de terras. Ver Núm. 1.47 ss.

35.11

Das quarenta e oito cidades (vs. 7), seis serviriam como cidades de refúgio. Ver os comentários sobre o vs. 6 deste capítulo, bem como as notas de introdução ao vs. 9. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Cidades de Refúgio.* Os assassinos intencionais deveriam ser executados, de acordo com a ordem dos Dez Mandamentos. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* Ver Êxo 20.13 e suas notas expositivas. O trecho de Gên. 9.6 mostra que um assassino intencional tinha de ser executado. As notas sobre Êxo. 20.13 mostram quais tipos de homicídio não eram punidos por meio de execução.

35.12

Antes de ser apresentado. Um homem rápido, que viajasse sem bagagem, poderia chegar a uma cidade de refúgio antes que o vingador de sangue o apanhasse. Ali chegando, ele estaria seguro. Mas mesmo assim teria de enfrentar julgamento. Esse julgamento determinaria a natureza de seu crime: Seria ele um assassino intencional? Ele matara a outrem por puro acidente? Teria ele agido em defesa própria? Se ficasse provado ser ele um assassino intencional, então seria executado, provavelmente por meio de apedrejamento. Ou então o vingador de sangue o executaria. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Punição Capital.* Ver os vss. 16 ss. deste capítulo.

A congregação. Ou seja, os representantes do povo que fossem considerados dignos de julgar casos dessa natureza. "Isso ocorria diante do tribunal de justiça da cidade de refúgio que tomasse conhecimento direto do caso, para que soubessem quem poderiam ou não proteger. Ou então diante do tribunal no lugar onde o fato havia ocorrido. Os intérpretes estão divididos quanto a esse particular" (John Gill, *in loc.*). Alguns eruditos supõem que houvesse julgamentos em ambos os lugares, quanto à mesma pessoa, para que nenhum erro fosse cometido.

35.13

As cidades que derdes. Ou seja, as quarenta e oito cidades para os levitas (vss. 6 e 7). Seis delas serviriam como cidades de refúgio (vs. 6). Três estavam localizadas em um dos lados do Jordão, e três do outro lado, para efeito de conveniência (vs. 14). Nem todas as cidades dos levitas serviam como cidades de refúgio, o que é claramente explicado.

35.14

Deste lado do Jordão. Ou seja, no lado oriental do rio Jordão. Cf. Jos. 20.8. E as outras cidades ficavam no lado ocidental, na terra de Canaã. Assim, havia cidades de refúgio de ambos os lados do território da nação, o que era muito conveniente para aqueles que tivessem de fugir para escapar com vida. A questão da distância era importante. O vingador de sangue vinha perseguindo de perto o coitado. Quanto menor fosse a distância que o acusado tivesse de viajar, mais chance havia de ele salvar a vida. O trecho de Josué 21.10-37 nos dá os nomes e a localização dessas cidades. No artigo do *Dicionário,* chamado *Cidades de Refúgio,* em seu segundo parágrafo, apresento seus nomes e localizações aproximadas. Essas cidades estavam localizadas em lugares estratégicos, dando aos habitantes de cada tribo um lugar de refúgio, não muito distante. Nessas cidades sem dúvida havia muita atividade, servindo aos homicidas não-intencionais. Mas, *mui curiosamente,* não há um único exemplo do uso delas, nos dias do Antigo Testamento.

35.15

A Provisão Era Universal. Ao que tudo indica, três classes eram protegidas nas cidades de refúgio: hebreus, estrangeiros residentes, e um homem que estivesse passando no país em negócios ou em viagem de prazer. "Qualquer indivíduo acusado de homicídio encontraria santuário protetor entre os levitas" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). No hebraico, *um estrangeiro* que estivesse apenas de passagem no país era um *ger,* o estrangeiro residente no país era um *toshab.* Todavia, nem sempre esses vocábulos mantiveram seus sentidos distintos.

Tipologia. Em Cristo há uma provisão universal para o perdão dos pecados e a salvação. Cristo aceita todos os pecadores, incluindo os assassinos intencionais que se arrependam. Ademais, Cristo tem missões na terra, no hades e nos céus, pois trata-se de uma missão *tridimensional,* o que Lhe empresta uma verdadeira natureza universal. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Missão Universal do Logos (Cristo) e Mistérios da Vontade de Deus.*

Definições de Homicida e Homicida Involuntário (35.16-21)

Era mister que houvesse alguma norma para julgar casos de alegado homicídio involuntário. Um assassino intencional não podia escapar ao castigo somente porque tivera a boa sorte de atingir uma cidade de refúgio antes que o vingador de sangue o alcançasse. Isso posto, a legislação acerca dessas cidades tinha de incluir certas diretrizes sobre como julgar os casos. E é sobre isso que falam estes dez versículos. A questão de instrumentos de morte era importante porque o seu uso podia mostrar malignidade e premeditação. Também havia a *desafeição* anterior, que poderia levar os homens a planejar matar deus desafetos, ou, pelo menos, facilitar o assassinato quando a ira se acendesse. Isso tornava-se parte da evidência. Mas também existe alguma coisa como um acidente (vss. 22 ss.), mesmo quando fossem usados instrumentos na execução do crime. Um homem podia matar a alguém que não era seu inimigo, e sem nenhuma intenção. O teste levantaria os fatos e os juizes julgariam de acordo com os fatos. O homem culpado morreria às mãos do vingador de sangue (vs. 21), ou talvez mediante uma execução formal, se o outro método viesse a falhar por algum motivo.

35.16

Homicídio Voluntário. Um homem não tomaria uma vara de ferro e mataria a outrem, a menos que tivesse ódio e um intuito homicida. E quem tivesse intuitos assassinos e agisse covardemente, merecia a punição capital. Cf. Gên. 9.6. Ver no *Dicionário* o verbete *Punição Capital.* Ver também Êxo. 20.13: "Não matarás". O homem seria julgado pelos representantes da congregação (vs. 12). E, se fosse achado culpado, seria entregue às mãos do vingador de sangue (vs. 21). Mas se conseguisse escapar do vingador de sangue, então sem dúvida seria executado a mando do tribunal, provavelmente por apedrejamento. Ninguém podia quebrar voluntariamente o *sexto mandamento,* sem pagar por isso.

35.17

Com pedra na mão. Lançar contra outrem uma pedra grande o bastante para matá-lo resultaria no mesmo tremendo resultado da punição capital. Sem dúvida, o crime tinha sido *premeditado* (vss. 19 e 21), o que apenas complicava a culpa do homem. No hebraico temos, literalmente, "pedra da mão", ou seja, pequena bastante para que alguém a jogasse contra alguém, mas grande o bastante para infligir um ferimento mortal. O Targum de Jonathan diz: "uma pedra que enchesse a mão", ou seja, uma pedra que ocupasse toda a mão, uma pedra de tamanho médio.

35.18

Ferir a outrem com instrumento. A arma do crime poderia ser uma vara, um cacete, um instrumento de madeira qualquer. O autor escolheu vários possíveis instrumentos, sem ter tentado apresentar uma lista completa. O que não muda é o intuito de matar, e, provavelmente, a premeditação. Em todos esses casos, não teria havido homicídio involuntário, mas assassinato puro e simples. A quebra do *sexto mandamento* (ver Êxo. 20.13) não podia ser negligenciada nem ficar sem o devido castigo. O homem culpado poderia fugir para uma das cidades de refúgio, mas seria julgado e entregue às mãos do vingador de sangue, o qual o executaria, conforme achasse melhor (vs. 21). Ou então o tribunal realizaria a sua execução.

35.19

O vingador do sangue. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. A ele era dada a tarefa de executar o assassino, depois de este ter sido julgado e declarado culpado. A cidade de refúgio não podia mais asilá-lo. Chegara a hora de pagar pelo seu crime. O vingador do sangue não somente tinha o poder de matar o homem, mas também estava na *obrigação* de fazê-lo, visto que, de acordo com a legislação mosaica, ele era o legítimo executor. Mas os Targuns deixam claro que isso só podia ser feito após o um julgamento que declarasse a culpa do acusado. Assim, o Targum de Jonathan diz: "por julgamento". E o Targum de Onkelos: "Quando for condenado em julgamento".

35.20

Se alguém empurrar a outrem. Alguns intérpretes pensam que devemos entender aqui a palavra hebraica correspondente como "golpear", com uma espada, uma faca etc. Mas outros defendem (como Aben Ezra) que devemos pensar mesmo em "empurrar", como do alto de um precipício ou de um lugar elevado. Em outras palavras, empurrar outro para levar uma queda fatal. O termo hebraico em foco, *hadaph,* tem ambos os sentidos.

35.21

Ferir com a mão. A arma de ataque podia ser o próprio punho. Talvez tivesse sido aplicado um único golpe, ou muitos golpes. Naturalmente, o "boxe" tem demonstrado que isso é perfeitamente possível. O versículo diz-nos que um homem seria considerado responsável por assassínio, mesmo que não usasse outra arma além das mãos. Novamente os Targuns insistem em que a execução só podia ter lugar após um julgamento justo. E o versículo repete a lei de que o vingador do sangue seria o executor, com a sanção da lei. Podemos pensar que se alguma coisa impedisse isso, então o culpado deveria ser executado de outro modo, provavelmente por apedrejamento. A sentença precisava ser efetuada. Nenhum assassino podia andar livre na sociedade sem o cumprimento da legislação mosaica, que requeria a pena de morte para os assassinos. Nas ruas da antiga nação de Israel não viviam criminosos à solta. Ver os comentários sobre o vs. 19, acima. Cf. Gên. 9.5,6 e Deu. 19.6.

Senhor, disse eu, Jamais eu poderia
matar um meu semelhante;
Crime de tal grandeza cabe a um selvagem somente,
É o crescimento venenoso de mente maligna,
Ato alienado do mais indigno.

Senhor, disse eu, Jamais eu poderia matar
um meu semelhante;
Um ato horrível de raiva sem misericórdia,
Punhalada irreversível de inclinações perversas,
Ato não imaginável de plano ímpio.

Disse o Senhor a mim, Uma palavra sem afeto,
lançada contra vítima que odeias,
É um dardo abrindo feridas de dores cruéis.
Bisbilhotice corta o homem pelas costas,
Um ato covarde que não podes retirar.
Ódio no teu coração, ou inveja levantando
sua horrível cabeça, É um desejo secreto
de ver alguém morto.

(Russell Champlin)

Homicídio Involuntário (35.22,23)

35.22,23

De maneira inexata e incompleta, o autor sagrado faz a *revisão* das possíveis maneiras pelas quais um homem poderia matar a outro (vss. 16-18,21). Mas agora supõe que isso poderia ser feito sem intuito, sem ódio, sem premeditação, por mero acidente. Nesses casos, o acusado era inocente de assassinato, e não seria entregue ao vingador do sangue (vs. 25). Portanto, voltamos aqui às considerações feitas no vs. 16, onde dei notas que também se aplicam aqui. Cf. Deu. 19.4,5, onde é ilustrada essa lei. O texto de Deuteronômio assegura que, se o vingador do sangue viesse a matar o homem culpado de homicídio involuntário, tal homem "não merecia morrer". Era contra a moral correta matar um homem que tivesse morto a outro por mero acidente. Presumivelmente, a autodefesa era outra razão para não se permitir que o vingador do sangue caçasse e matasse quem assim fizesse, embora os textos em questão não abordem essa possibilidade.

35.24

Julgará entre o matador e o vingador do sangue. O vingador do sangue estaria presente para fazer a sua acusação, e provavelmente tentaria mostrar que fora cometido assassinato, e não homicídio involuntário. Haveria testemunhos prestados (vs. 30) tanto pelo vingador do sangue quanto pelo homem que tivesse matado a outrem. Os representantes da congregação, os *juízes,* ouviriam as evidências e tomariam uma decisão. A decisão dos juízes seria sem apelação.

35.25

Livrará o homicida. Se o acusado fosse julgado inocente, seria dada uma ordem ao vingador do sangue para deixar o réu em paz. Se ele desobedecesse a essa ordem e matasse o homem, então seria declarado culpado de assassinato, por ter tomado uma vingança ilegítima, sem base. Portanto, diante da declaração de inocência, o acusado ficaria livre da morte. Mas teria de ir para uma cidade de refúgio, para ali ficar até a morte do *sumo sacerdote.* Somente depois dessa morte poderia circular livremente. Portanto, temos aí uma espécie de castigo secundário. Nem mesmo o homicídio involuntário ficaria inteiramente sem punição. Essa punição equivalia ao *exílio.* Um homem que matasse involuntariamente, ou por acidente, era exilado. Presumivelmente, seu exílio seria tão agradável como fosse possível para um residente regular de uma cidade de refúgio, o que significa que não era uma vida de todo ruim. Mas não gozava o privilégio de transitar livremente pelo território de Israel. Uma idéia talvez fosse mantê-lo distante do vingador do sangue, que resolveria matar o acusado inocente, na esperança de não descoberto em seu crime.

Voltar à sua cidade de refúgio. Isso dá a entender que o homem que havia cometido homicídio involuntário tinha sido removido da cidade de refúgio, e tivera de ser julgado no lugar onde o homicídio ocorrera. Alguns intérpretes supõem que fossem efetuados dois julgamentos, um na cidade de refúgio e outro no lugar onde ocorrera o acidente, embora o texto não sugira claramente um duplo julgamento. O vs. 12 deste capítulo talvez subentenda um julgamento *na* cidade de refúgio; nesse caso, pois, temos no texto uma indicação de duplo julgamento. Contudo, a questão não está inteiramente clara. Ver as notas sobre o vs. 12 deste capítulo.

Sumo sacerdote. Os críticos percebem um anacronismo nessa expressão, porque o *sacerdote,* quer Arão, quer Eleazar, não foi chamado por esse título até este ponto, e a expressão parece ser estranha para o período descrito no Pentateuco. Somente mais tarde o principal sacerdote passou a ser chamado "sumo sacerdote". Alguns dizem que isso sucedeu durante o período persa. Mas alguns estudiosos conservadores pensam que o termo "sumo", aqui usado, foi uma glosa feita por algum revisor posterior.

O problema da *data* do Pentateuco, e de cada um dos cinco livros que o formam, é abordado nos artigos sobre cada um deles. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco, que supõe várias datas para várias fontes informativas.

Mesmo um homicídio involuntário era evidentemente considerado um pecado, que precisava de expiação. É possível que a morte do sumo sacerdote fosse vista como expiação. Ver a seguir sobre *Tipologia.*

Que foi ungido. Cada sumo sacerdote precisava ser ungido pessoalmente. A unção geral, da consagração original dos sacerdotes, era suficiente para todos os sacerdotes comuns, contanto que fossem descendentes diretos de Arão. Porém, cada "sumo sacerdote" recebia a sua própria unção. Por essa razão, ele era chamado de "sacerdote ungido", conforme se vê neste texto. Ver Lev. 4.3 quanto a notas sobre essa questão.

A "demora" pode ter tido por intuito permitir que os ânimos esfriassem, a fim de que o homem que tivesse cometido homicídio involuntário deixasse de atormentar a mente dos parentes do homem que fora acidentalmente morto. Esse esfriamento salvaria a vida do homem, uma vez que lhe fosse permitido circular livremente por Israel. Ademais, os principais envolvidos do caso também poderiam já ter morrido, e isso seria o fim da questão.

Tipologia. Nosso Sumo Sacerdote fez expiação de uma vez por todas pelos pecados de todo o povo, deixando-os assim livres da culpa e da punição. Ver Heb. 10.5 ss.

35.26,27

Se... sair do termos da sua cidade de refúgio. Um homicida involuntário tinha por responsabilidade obedecer à lei. Embora não fosse um assassino, mesmo assim era considerado uma questão séria que ele tivesse matado um homem. Assim sendo, deveria "permanecer" em seu exílio. Se ele viesse a fazer uma viagem não-autorizada e deixasse o seu lugar de refúgio, e, sim, enquanto estivesse de viagem, o vingador do sangue o achasse e matasse, então teria o *direito* de assim fazer. Essa lei tinha por intuito evitar a circulação de homicidas involuntários pelo território de Israel, o que serviria de constante espinho na ilharga das famílias das pessoas mortas. A maior parte dos homicídios não-intencionais é cometida por *descuido,* e sem dúvida acusamos as pessoas de negligência, quando isso resulta em alguma tragédia. Portanto, casos assim envolviam certa dose de culpa, embora não de assassinato.

35.28

Pois deve ficar. O acusado havia desobedecido a lei. Cabia-lhe permanecer na cidade de refúgio até que o sumo sacerdote em vigência morresse, o que era visto como uma expiação pelo seu pecado. Ver as notas sobre o vs. 25 deste capítulo. Saindo dali, ele se expusera a um perigo insensato. Mas, uma vez que o sumo sacerdote morresse, ele estava livre para voltar à herança de sua família, a fim de reiniciar uma vida normal. Haviam terminado o seu castigo e o seu exílio. Suas terras agora esperavam pela sua volta. De fato, não tinham sido entregues a outrem. Continuava possuidor de sua "herança", porquanto, na qualidade de filho de Abraão, participava do Pacto Abraâmico, que incluía a terra. A legislação mosaica requeria a devida distribuição de terras entre as tribos, e, secundariamente, entre as famílias. As terras de herança passavam de pai para filho. Ver Núm. 26.53-56 quanto à distribuição de terras. Ver Gên. 15.18 quanto ao *Pacto Abraâmico.*

35.29

Estas cousas vos serão por estatuto. O que tinha sido dito acerca de casos de homicídio involuntário e de assassinato (vss. 16 ss.), que dependia do estabelecimento de cidades de refúgio, tornou-se uma provisão permanente da legislação mosaica. Essa lei tinha aplicação à *nação inteira de Israel,* como uma legislação universal. E também tinha aplicação *perpétua,* não estando sujeita a anulação ou mudanças.

Tipologia. Cristo é o grande refúgio de Seu povo (ver Sal. 9.9; 46.1,7; 62.7,8; Heb. 6.18).

Quanto à expressão *vossas gerações,* ver Êxo. 29.42 e 31.16. Os hebreus não antecipavam o fim de suas leis e de seus costumes. No entanto, tudo foi absorvido por Cristo, e eles não antecipavam uma mudança tão radical. O Novo Testamento não suplementou meramente o Antigo Testamento. Antes, anulou muitas partes e absorveu outras. É um vício dos sistemas, sejam eles religiosos ou políticos, supor que perdurarão por toda a "eternidade". Mas a verdade é que todas as coisas chegam ao fim. Por outra parte, os *fins* são apenas *meios* para novos começos. Ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29, quanto a "estatutos perpétuos". Tudo isso acabou cedendo lugar ao que era novo. É como alguém já disse: "A única coisa eterna são as mudanças".

Diziam os gregos: *"Panta rei"*, ou seja, "tudo flui". Efetivamente, essa é uma das leis da existência. Não se pode pisar por duas vezes no mesmo rio. As águas chegam e se vão: tudo está submetido a mudanças, com a única exceção de Deus. Porém, até mesmo as *Suas obras estão em permanente* estado de fluxo.

35.30

O autor já havia apresentado o seu sumário (vs. 29), mas agora volta a fim de tratar de uma importante questão. Todos os julgamentos de assassinatos ou de homicídios involuntários tinham de incluir "testemunhas". Nenhum julgamento podia ser efetuado sem uma testemunha. Este texto, diferente de outros, não diz "dois ou três" (ver Deu. 17.6; 19.15; Mat. 18.16). Porém, isso fica subentendido, porque "mais" do que uma deve começar com duas. Quanto mais testemunhas, tanto melhor, mas deveria haver um mínimo de duas delas. Uma testemunha poderia ser um inimigo do homem que era agora acusado de homicídio, pelo que poderia dar um testemunho distorcido. Ou poderia prestar um testemunho equivocado. Um caso que envolvesse punição capital, ou exílio em uma cidade de refúgio, tinha de contar com a "colaboração" de testemunhas. Haveria palavras conflitantes entre o vingador do sangue e o acusado. As testemunhas teriam de resolver o conflito. A multiplicidade de testemunhas impediria que falsas testemunhas prevalecessem, bem como distorções no julgamento. Muitos júris de nossos dias consistem em doze pessoas.

35.31

Não aceitareis resgate. Um assassino condenado não podia subornar a família de sua vítima. Era mister que ele pagasse com a sua vida, e não com os seus bens materiais. O crime de assassinato é por demais hediondo para permitir ajustes secundários. Aquele que mata deve ser morto, e não apenas ficar um pouco mais pobre. A *pena de morte* não podia ser aplicada somente ao homem "pobre", que não podia oferecer um resgate aceitável pela sua vida. Devia ser aplicada a todos os que a merecessem, porque o assassinato requer um ajuste direito, e esse ajuste só pode ser mediante a morte do assassino. Somente assim a verdadeira justiça é servida. Os crimes de sangue requerem *vingança*, e não mera compensação.

Por outro lado, há "misericórdia no Senhor", e a alma de um assassino pode ser salva. Os juízos divinos requerem vingança, embora também sirvam de meios de restauração. Ver no *Dicionário* o verbete *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, quanto ao fato de que os julgamentos divinos tanto são medidas de vingança quanto medidas remediais.

35.32

Também não aceitareis resgate. Em casos de homicídio involuntário, não se podia aceitar resgate. O indivíduo envolvido ficava no exílio (em uma das cidades de refúgio) até a morte do sumo sacerdote (vs. 28). Um homem rico não podia escapar do exílio, oferecendo dinheiro. Assassinato e homicídio involuntário não admitiam nenhuma *barganha*. A lei, em sua plena severidade, precisava ser cumprida.

35.33

Assim não profanareis. O sangue derramado *poluía* a terra, razão pela qual tanto o assassinato quanto o homicídio involuntário requeriam que a lei fosse seguida de forma exata: era mister aplicar o *castigo:* a morte do assassino, o exílio do homicida involuntário. Somente então seria purificada a terra poluída. E *sangue* também purificava. O sangue do assassino seria derramado; e, por meio desse ato, a terra era purificada da poluição do sangue criminosamente derramado. Cf. Gên. 9.6. O assassinato é um crime *hediondo*, só podendo ser expiado mediante meios radicais, ou seja, mais derramamento de sangue. Quão diferentes eram essas atitudes quando comparadas com as leis modernas, onde o assassinato, *por lei*, não pode ser castigado mediante a punição capital, e as pessoas se julgam justas por serem contrárias à pena de morte. E assim, nossa terra permanece poluída com sangue! "Deixar o assassínio sem a devida punição é deixar a terra poluída; e a terra pertence a Yahweh. Portanto, isso nunca deve acontecer. Pois ele habita em Sua terra, no meio de Seu povo" (John Marsh, *in loc.*).

35.34

Não contaminareis... a terra. "A vingança do sangue não era uma opção, mas uma necessidade teológica" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Yahweh habitava na terra; e a terra era Dele; e o Seu povo devia evitar que a terra fosse poluída. Os cananeus tinham poluído a terra com toda espécie de crimes de violência. Mas uma nova ordem de coisas estava prestes a instalar-se. Yahweh queria que a terra fosse *purificada*. Somente o sangue de um assassino podia expiar o seu crime e purificar a terra (ver Deu. 19.10,13). Yahweh é o autor da vida e assim determinou as condições favoráveis à vida. A vida é um tempo de preparação para a vida eterna, e os crimes não resolvidos somente servem para corromper a alma. Platão asseverou que a pior coisa que poderia acontecer a um homem era ele cometer um crime mas não pagar por isso. Desse modo, a alma só aprende a corromper-se se continuar corrupta.

Capítulo Trinta e Seis

Herança e Casamento das Herdeiras (36.1-13)

Esta seção suplementa a de Números 27.1-11, onde as notas devem ser lidas para que haja maior compreensão. A questão das heranças revestia-se de suprema importância, pois não deveria haver famílias sem terras em Israel. A terra era a fonte de todas as bênçãos materiais e de toda segurança. Mas surgiram casos excepcionais, como o referido neste texto. Que dizer sobre as filhas, quando não havia herdeiros masculinos? E se houve filhas herdeiras, teriam elas o direito de tomar terras pertencentes a heranças de pessoas de outras tribos, no caso de virem a casar-se com homens de outras tribos? As respostas a essas perguntas era que filhas podiam herdar terras, na ausência de herdeiros do sexo masculino, mas tinham de casar-se dentro da tribo a que pertenciam, de modo a não haver transferência de terras de uma tribo para outra. Todos os territórios das tribos tinham de permanecer intactos; e todas as terras de famílias também tinham de permanecer intactas. O trecho de Núm. 27.1-11 nos fornece a primeira resposta: as filhas podem herdar terras. E este texto (Núm. 36.1-13) nos fornece a segunda resposta: as filhas tinham de casar-se com homens que pertencessem à sua própria tribo.

"Essa última disposição legal do livro de Números serve para sublinhar quão próximas, na mente primitiva, estavam as pessoas de suas possessões. Roupas e ornamentos, bem como terras e propriedades, eram considerados, em certo sentido, participantes da personalidade de seu proprietário. Quando Jônatas presenteou a Davi roupas e armas, ele estava dando algo de si mesmo. Uma tribo, pois, não podia permitir que suas propriedades passassem para outra tribo, pois isso seria dar parte de si mesma, fazendo esvair-se a sua própria vida" (John Marsh, *in loc.*).

Cf. Tia. 2.2,9, onde as riquezas de um homem rico são identificadas com o seu próprio ser, enquanto as vestes etc. de um homem pobre, em certo sentido, refletiam o seu próprio valor pessoal. O homem rico, que poderia ter seguido a Jesus, afastou-se triste, porquanto teria de desistir de suas riquezas se quisesse seguir a Jesus como discípulo. Era como uma "pequena morte" para o seu próprio "eu". Ver Mar. 10.22. Mas a vida de um homem não pode ser aquilatada pela abundância das *coisas* que ele possui (ver Luc. 12.15).

36.1

Chegaram os cabeças das casas paternas. *Zelofeade* era descendente de Manassés, filho de José. Ele não tivera filhos, mas tivera cinco filhas. A regra tinha sido que, em tais casos, as filhas podiam receber herança (ver Núm. 27.1-11). Mas foi então que surgiu uma pergunta sobre as terras tribais e da família. Se as filhas se casassem com homens fora da tribo de Manassés, a tribo perderia as terras pertencentes àquela família? Ver a introdução a este capítulo quanto a detalhes pertinentes ao problema. E foi assim que representantes da tribo de Manassés vieram indagar Moisés acerca desse problema, buscando alguma forma de solução que favorecesse a sua tribo.

Gileade. Ver o artigo no *Dicionário*, sobre esse homem. Ver sob 3.a. Gileade era um filho de Maquir e neto de Manassés (Núm. 26.29,30). Os mequiritas, pois, eram gileaditas. Ver Núm. 26.29,30; 27.1; 32.40; 36.1; Jos. 17.1; I Crô. 2.21 e 7.14.

Maquir. Ver acerca dele no *Dicionário*.

José. José não era o nome de nenhuma tribo. Antes, seus descendentes dividiram-se em duas tribos, a de Efraim e a de Manassés. Portanto, duas tribos descendiam de José. Seus dois filhos foram adotados por Jacó, e isso lhes dera o direito legal de tornar-se cabeças de tribos. Ver Gên. 48.12 ss. e 49.22 ss. Visto que Levi veio a tornar-se uma casta sacerdotal, deixando assim de ser uma tribo (Núm. 1.47), houve as tradicionais doze tribos, e não treze tribos.

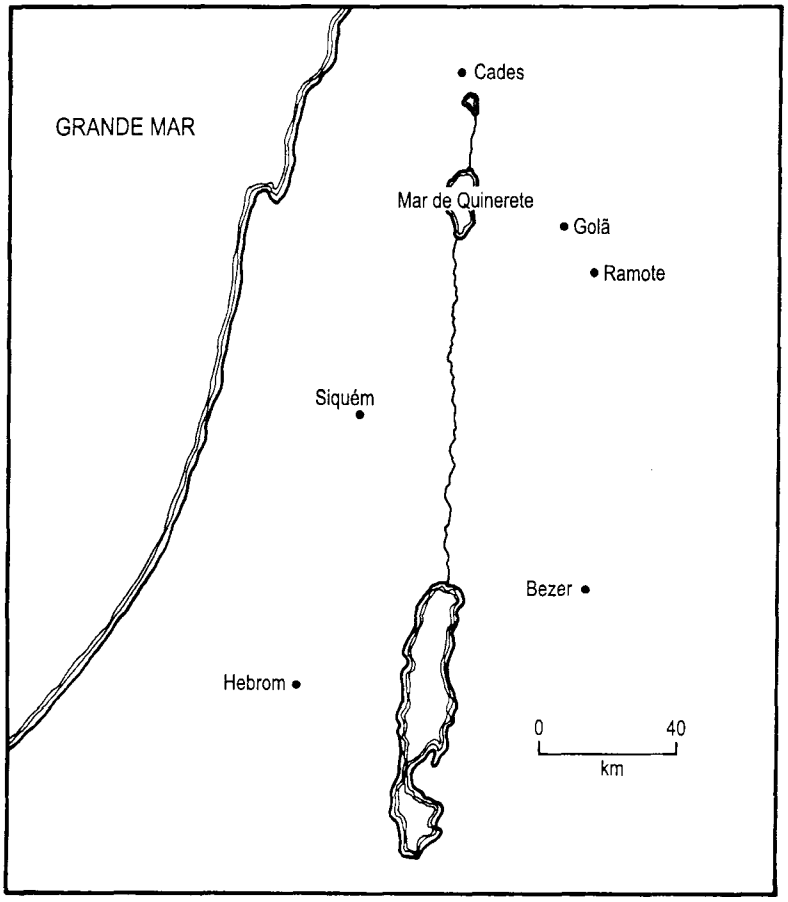
O *painel de juízes* era formado por Moisés e pelos chefes das tribos. Uma decisão universal qualquer tinha de ser tomada, com a qual concordassem todas as tribos. Daí a composição do grupo que passaria julgamento. Os *príncipes*, nesse caso, eram um de cada tribo, ou mesmo os setenta anciãos (ver Êxo. 24.1,9; Núm. 11.16,24,25). Era preciso que houvesse um precedente que se tornasse lei para todas as gerações sucessivas, aplicáveis a todas as tribos.

36.2

O Senhor ordenou. Duas grandes decisões tinham sido tomadas por Yahweh: 1. A terra deveria ser distribuída entre as tribos e então subdividida entre as

LOCALIZAÇÃO DAS SEIS CIDADES DE REFÚGIO

(Êxo. 21.12-14; Lev. 24.17; Núm. 35; Ez. 18.20; Jos. 20.7.8)



Era feita uma diferenciação entre homicídio intencional e culposo.

As cidades de refúgio representavam, essencialmente, sentenças de prisão perpétua em um regime aberto em outro estado; em outras palavras, exílio.

Apenas com a morte do sumo sacerdote, o homem que havia fugido para uma dessas cidades podia retornar ao seu local de origem.

Ao retornar, ele encontrava sua herança, preservada com segurança na divisão de sua família.

As cidades de refúgio representavam um avanço moral e legal quando comparadas ao conceito do vingador de sangue, lei pela qual o parente de um homem morto tinha a obrigação *de matar o assassino.*

Assassinos não eram protegidos nas cidades de refúgio. Julgamentos formais distinguiam assassinos daqueles que haviam cometido homicídio culposo (involuntário).

famílias de cada tribo (Núm. 33.54). 2. Se não houvesse filhos, filhas poderiam herdar as terras de uma família (Núm. 27.1-11). De acordo com essa legislação, Zelofeade tinha recebido as suas terras, e então suas filhas as herdaram (Núm. 27.1 ss.). E assim as terras estavam agora na possessão das filhas dele, por enquanto, ainda sob a jurisdição da tribo de Manassés. Os representantes daquela tribo queriam manter as coisas nesse pé. E assim o caso de Zelofeade tornou-se exemplar, servindo de precedente para a legislação adicional. Há um detalhado artigo no *Dicionário* sobre *Zelofeade,* que conta toda a história com suas implicações. E o paralelo de Núm. 27.1 ss. tem informações adicionais.

Nosso irmão Zelofeade. Ou seja, era ele membro da mesma tribo, posto que não da mesma família.

36.3

Porém, casando-se elas. Essa era a questão crítica. A terra estava sob a possessão das *cinco* filhas (Núm. 27.1). Se elas se casassem com homens pertencentes a outras tribos, a terra passaria para essas *outras* tribos, diminuindo a herança de Manassés? Os homens eram predominantes, e poder-se-ia supor que as esposas (filhas de Zelofeade) cederiam suas terras a seus maridos, em um sentido legal. E eles, pertencentes a outras tribos, aumentariam assim as terras de suas respectivas tribos.

36.4

O ano do jubileu. Esse ano ocorria a cada cinqüenta anos, e requeria a devolução de todas as propriedades compradas ou hipotecadas aos seus proprietários *originais* (Lev. 25.8-17). É de presumir que isso não poderia ocorrer se um clã qualquer, *mediante casamento,* viesse a perder uma porção de seu território para outro clã. Os maridos não teriam precedência sobre suas mulheres? O casamento poderia *fixar* uma herança como pertencente a outra tribo. Além disso, os maridos, tendo obtido direitos sobre as terras, poderiam vendê-las a uma terceira pessoa. Mas, no ano do jubileu, todas as terras assim voltariam aos seus proprietários originais. Isso evitava toda espécie de confusão quanto a questões de terra. (Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jubileu, Ano de.*)

36.5

Moisés deu ordem. O trecho de Núm. 27.5 ss. mostra que Moisés precisou receber uma revelação especial da parte de Yahweh, para que soubesse manusear o caso de filhas sem irmãos, se elas deveriam receber ou não as terras de seus pais. Embora afirmado de maneira menos dramática, devemos entender, *novamente,* alguma espécie de inspiração divina quanto às decisões que foram tomadas. Yahweh aprovou a preocupação dos representantes da tribo de Manassés, juntando em favor deles (vss. 6 ss.). Outrossim, o que foi bom para a tribo de Manassés, naquela ocasião, também seria aplicável a todas as demais tribos, em ocasiões posteriores.

36.6

Esta é a palavra. A decisão foi simples, mas eficaz. Um problema complexo foi resolvido pela simples determinação divina de que *se* filhas fossem as herdeiras, só podiam casar-se com homens de suas próprias tribos. Naturalmente, se filhas não fossem herdeiras, então poderiam casar-se livremente com homens de qualquer das outras tribos, pois não haveria pendência relativa a propriedades. Visto que a tribo de Manassés tinha 52.700 homens jovens, de mais de vinte anos de idade, capazes de ir à guerra, em conformidade com o segundo censo (ver Núm. 26.34), então as jovens manassitas não teriam dificuldade em conseguir marido. Nenhuma herdeira poderia dizer: "A vontade do Senhor para mim é que eu me case com um homem da tribo de Judá". Ela precisava ficar dentro da tribo de Manassés. Visto que a tribo de Manassés estava dividida em dois grupos, é provável que as jovens tivessem de limitar-se ao ramo de Hefer, antepassado direto dos manassitas (ver Núm. 26.32,33). É provável que metade daqueles 52.700 homens estivesse de um dos lados do rio Jordão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Meia Tribo de Manassés.*

36.7

A herança... não passará de tribo em tribo. A transferência de terras de uma tribo para outra anularia os mandamentos que Yahweh tinha baixado em relação à distribuição de terras; e isso não poderia ficar sujeito à escolha frívola de uma mulher que tivesse preferido casar-se com homem de outra tribo que não fosse a dela, quando ela era a herdeira. Talvez ela precisasse sacrificar algo de seus sentimentos, a fim de manter a integridade da distribuição de terras. As lealdades tribais eram mais importantes que os sentimentos pessoais.

36.8

Qualquer filha que possuir alguma herança. Uma das características literárias do autor do Pentateuco era a repetição. Aqui o autor reitera o que já havia dito. A integridade das tribos precisava ser preservada nos casos de filhas que poderiam transferir terras por elas herdadas, se se casassem com homens de alguma outra tribo. O *aprazimento* da herança que Yahweh havia dado a cada tribo seria diminuído mediante a transferência de terras. A lei baixada acerca das filhas de Zelofeade aplicava-se a *todas as filhas* de Israel que se tornassem herdeiras de terras.

36.9

Novamente, o autor sagrado repete o ponto, mediante palavras levemente diferentes. Coisa alguma podia ser "removida" por meio de algum casamento pouco sábio. Os direitos à terra eram mais fortes que os laços de casamento; eram mais fortes que os sentimentos femininos. A *herança* era uma questão de suma importância, tanto por ter sido instituída por Deus como porque fazia parte do Pacto Abraâmico. Era uma lei que não podia ser violada sem incorrer em culpa.

36.10

Como o Senhor ordenara... assim fizeram. O autor sagrado destaca aqui a atitude de "obediência" das filhas de Zelofeade. Notas de obediência encerram várias seções do livro; e assim ocorre de novo. Cf. Núm. 1.54. "Israel fez conforme o Senhor tinha mandado". As filhas de Zelofeade não se rebelaram contra a instrução dada pelo Senhor.

Confia no Senhor de todo o coração
Isso é ordem graciosa do Senhor;
Como crente essa é tua função.
Tua herança é teu próprio
Salvador.

(T. O. Chisholm)

As filhas de Zelofeade reconheceram a sabedoria do Senhor e se dispuseram ao sacrifício pessoal que delas foi requerido, casando-se com primos, conforme vemos nos versículos que se seguem.

36.11

Este versículo lista os nomes das *cinco* filhas de Zelofeade, o que quer dizer que repete Núm. 26.33. No *Dicionário* ofereço artigos sobre cada um desses nomes. A única diferença é que aqui o autor sacro variou a ordem dos nomes. Esses nomes também aparecem em Núm. 27.1.

36.12

Casaram-se nas famílias dos filhos de Manassés. As filhas de Zelofeade casaram com primos, embora o grau de parentesco não seja determinado. Assim foi preservada integralmente a herança da tribo de Manassés. Esse veio a ser o precedente para todos os casos semelhantes, sem importar a tribo de Israel. As herdeiras não podiam casar-se com homens que não fossem de sua tribo também. Mas o casamento de pessoas de tribos diferentes era comum, no caso de mulheres que não fossem herdeiras. Aprendemos aqui o princípio de que aquilo que é bom para outra pessoa pode não ser bom para nós. As vidas diferem; os princípios diferem; os deveres diferem; as missões diferem. Cada indivíduo deve buscar a vontade do Senhor para a sua vida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la.*

O autor sagro, mui provavelmente, queria que entendêssemos que, para aquelas cinco mulheres, o casamento estava circunscrito aos *heferitas,* que era a linhagem à qual elas pertenciam, dentro da tribo de Manassés. Ver Núm. 26.32,33. Assim, os casamentos delas confirmaram, em vez de perturbarem, as heranças tribais; e o ato de obediência delas tornou-se exemplo histórico a ser seguido. determinado pela legislação mosaica.

36.13

Os mandamentos e os juízos. É provável que a referência aqui seja geral: os *mandamentos* envolvem os princípios exarados no livro inteiro, não envolvendo somente as ordens referentes às filhas herdeiras. Inspiração divina é reivindicada para essas determinações. Yahweh dera as palavras; Moisés, o mediador entre Yahweh e os israelitas, transmitiu essas palavras. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Revelação (Inspiração)* e *Inspiração.*

"Sem a menor dúvida, essa declaração afirma que o livro de Números é a própria Palavra de Deus, por meio de Seu servo, Moisés" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Cf. Lev. 27.34, onde temos algo que é virtualmente igual ao que lemos aqui. Ver também Núm. 22.1 quanto à referência às planícies de Moabe, onde foram baixadas essas ordens divinas. Estritamente falando, estão em pauta as ordens que figuram em Núm. 22.1-36.12, embora a maior parte dos intérpretes amplie a referência ao livro inteiro de Números. O autor por muitas vezes usou a expressão "disse o Senhor", a fim de introduzir novos materiais, pelo que sem dúvida ele concordaria com a generalização feita por esses últimos intérpretes. Ver a explicação sobre essa expressão, que também nos faz lembrar da doutrina da inspiração divina das Escrituras, em Lev. 1.1 e 4.1.